Helio Herbst

pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais:
expressões da arquitetura moderna brasileira expostas nas bienais paulistanas (1951-1959)

São Paulo, 2007

Helio Herbst

**Pelos salões das bienais,
a arquitetura ausente dos manuais:
expressões da arquitetura moderna brasileira
expostas nas bienais paulistanas (1951-1959)**

*Tese de doutorado para o Programa de Pós-Graduação da
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo*

Orientadora:

Professora Doutora Maria Cecília França Lourenço

Área de concentração:

História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo

São Paulo, 2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ASSINATURA:

E-MAIL:

Herbst, Helio

H538p

Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: expressões da arquitetura brasileira expostas nas bienais paulistanas (1951-1959) / Helio Herbst. — São Paulo, 2007.
500 p. : il.

Tese (Doutorado – Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) – FAUUSP
Orientadora: Maria Cecília França Lourenço.

1. Arquitetura moderna – Brasil 2. Museus de arte – São Paulo (SP) 3. Bienais de arquitetura – São Paulo (SP)
I. Título

CDU 72.036(81)

agradecimentos e dedicatória

Agradeço a minha orientadora, Maria Cecília França Lourenço, pela dedicação, seriedade e serenidade na condução de todo o trabalho.

A todos os parceiros do grupo de estudos, base para o necessário intercâmbio de idéias desde o aperfeiçoamento da atividade científica – Adrienne Firmo, Ana Paula Nascimento, Anna Maria Abrão Khoury Rahme, Heloísa Dallari, Joana Tuttoilmondo, Marcelo Mattos Araújo, Márcia Sandoval Gregori, Maria Cristina André Campos, Mauro Claro, Miriam Escobar, Pierina Camargo e Renata Vieira da Motta.

Aos funcionários das instituições de pesquisa e centros de documentação consultados, em especial aos do Arquivo Histórico Wanda Svevo e aos da FAU/USP, pelo empenho e presteza para a localização de dados e fontes.

Minha gratidão para todos os colegas de quadro-negro e alunos, interlocutores de todas as alegrias e sonhos.

Aos meus familiares e amigos, pela paciência e estímulo.

Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: expressões da arquitetura moderna brasileira expostas nas bienais paulistas (1951-1959)

resumo

A pesquisa objetiva confrontar as soluções dos projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos apresentados nas cinco primeiras Exposições Internacionais de Arquitetura (EIA), entre 1951 e 1959. No recorte temporal analisado, as EIA são organizadas em parceria entre o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), e realizadas como parte integrante das bienais paulistas, com regulamentos independentes em relação à seção de artes visuais. A investigação discorre sobre a tese de que a historiografia consolidada na década de 1950, ao demarcar a produção arquitetônica com base na produção de expoentes cariocas e paulistas, já consagrados internacionalmente, deixa de incorporar temas de fundamental relevância à compreensão do viver brasileiro na década de inauguração da nova capital, Brasília. O esquecimento de determinados arquitetos, como pretendo comprovar, inscreve-se num contexto de afirmação da produção artística brasileira no plano internacional, e pode ser examinado com base no extenso material disponibilizado para o público nos salões das bienais paulistas, mas inexplicavelmente ocultado das revistas especializadas e dos manuais editados no período.

Through the halls of biennials, the architecture excluded from the specialized manuals: expressions of the Brazilian modern architecture exhibited on the five first São Paulo International Biennials (1951-1959)

abstract

This research aims to confront the architectural, town planning and landscape architectural projects exhibited on the five first Exposições Internacionais de Arquitetura (EIA), between 1951 and 1959. In this period, EIA exhibitions were organized by the Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) in share with the Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP). EIA also took part, at that time, of the São Paulo International Biennials, with independent criteria apart from the fine arts section. The investigation proposes to prove that the historical reviews from the 1950's do not incorporate fundamental themes to understand the Brazilian everyday life in the remarkable decade of Brasília inauguration, living apart some remarkable production carried out by architects, town planners and architecture landscape architects from Rio de Janeiro and São Paulo and also from other cities throughout the country. The forgetfulness of certain professionals, as I want to demonstrate, can be analyzed in a context of the international assertion of the Brazilian artistic production and can also be investigated through the material shown in the halls of the São Paulo Biennials but not printed on the specialized magazines and nor on the manuals launched at that time, with no plausible reasons.

sumário

introdução.....	9
primeiro capítulo	
a afirmação cultural da metrópole	19
segundo capítulo	
arquitetura nas bienais de arte	65
terceiro capítulo	
arquitetura brasileira	
nas bienais paulistanas.....	103
quarto capítulo	
dez projetos de cinco bienais.....	157
análise das obras	217
considerações finais	475
referências bibliográficas.....	487
fontes das imagens	495

introdução

primeiras linhas

O processo de afirmação da arquitetura moderna brasileira constitui o tema de investigação de diversos pesquisadores, com expressiva variedade de abordagens. Minha contribuição problematiza a inserção das Exposições Internacionais de Arquitetura (EIA) nas cinco primeiras bienais paulistanas, ajustando o foco de análise para os projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos expostos ou recusados pelos membros julgadores.

O presente estudo volta-se para a discussão do papel desempenhado pelas mostras para a difusão de uma dada concepção sobre o moderno. Discorre-se sobre a tese de que a historiografia consolidada, ao demarcar a produção nacional com base em marcos referenciais da arquitetura paulista e carioca, oblitera a contribuição de expoentes de fundamental importância para a compreensão do viver brasileiro da década de 1950.

Tal lapso, como pretendo comprovar, inscreve-se entre as estratégias utilizadas para consolidar, de maneira inequívoca, um lugar de destaque para a arquitetura brasileira no cenário internacional, exaltando suas realizações de maior visibilidade para sedimentar o ingresso do país entre os principais centros internacionais de influência.

A proposta de investigação centrada no levantamento e análise dos 255 trabalhos expostos ou recusados nas cinco primeiras bienais objetiva exaltar sintonias e dissonâncias entre as soluções de projeto, aqui consideradas como indicativas da consciência artística e cultural de um momento decisivo para a constituição de novos modos de sociabilidade.

Em etapa anterior de estudos, na dissertação intitulada *Promessas e conquistas: arquitetura e modernidade nas bienais*, foram analisados os 17 projetos destacados com prêmios e menções nas cinco primeiras

edições das EIA, realizadas entre 1951 e 1959 sob os auspícios do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP).

Na tese que ora se apresenta, conserva-se o mesmo recorte do estudo anterior. Em contrapartida, a investigação incorpora a totalidade dos projetos inscritos na intenção de examinar não apenas as peculiaridades de cada proposição, mas, principalmente, a repercussão dos projetos na historiografia brasileira, tendo como base a leitura crítica das resenhas e dos artigos publicados na década de 1950.

Além disso, a pesquisa ressalta a existência ou a falta de critérios coerentes e veiculados para a seleção, premiação e apresentação dos projetos, cotejando os regulamentos das mostras com a documentação existente, mas não processada, do Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo. O estudo, deliberadamente voltado ao exame de fontes primárias, procura redefinir as diferentes acepções de modernidade expostas nas bienais, ainda que o foco possa recair sobre os projetos de maior visibilidade, freqüentemente vistos como emblemas das questões do período.

Em outras palavras, a análise dos projetos procura entrever, nas entrelinhas da historiografia tornada hegemônica, a construção de uma narrativa (no sentido proposto por Paul Ricoeur) que, acima de qualquer esforço, coloca-se a serviço de uma identidade renovada para o país e para a cidade de São Paulo, considerada, no jargão da época, *a locomotiva do Brasil*.

Levando-se em conta a análise dos projetos premiados nas bienais paulistanas, observa-se que as EIA reafirmam a produção brasileira com base em expoentes já consagrados internacionalmente, em sua maior parte atrelados à equipe responsável pelo emblemático projeto do Ministério da Educação e Saúde (MES), no Rio de Janeiro. Por outro lado, constata-se a menor acolhida para as proposições regionais, ainda que tenham sido expostos nas bienais projetos de grande repercussão no panorama arquitetônico de Belo Horizonte, Salvador, Recife e diversas cidades de pequeno e médio portes do interior brasileiro.

Observando-se a questão sob o ponto de vista da construção historiográfica, parece evidente que as escolhas por determinados projetos não é espontânea. Ao contrário, pode ser interpretada como uma manobra consciente para ocultar diferenças, impondo um raciocínio falsamente uníssono que não tarda a ser reconhecido como a principal (se não a única) fonte de referência para arquitetos e estudiosos da arquitetura brasileira, especialmente para os estrangeiros.

A tese se propõe a evidenciar um legado arquitetônico ocultado pela historiografia. Parte da hipótese de que as EIA, vistas como um instrumento privilegiado de difusão de conceitos, não demonstram interesse em desvendar abordagens dissonantes do discurso dominante, empenhando-se em tornar visíveis e louváveis apenas as soluções identificadas, em variados níveis, com o ideário projetual plasmado em São Paulo e, sobretudo, no Rio de Janeiro.

O rápido exame dos projetos premiados comprova a afirmação anterior: 11 entre 17 projetos em destaque com prêmios e menções nas cinco primeiras edições das EIA são implantados nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo; apenas dois entre esses 17 projetos situam-se em outros estados da Federação – Bahia e Minas Gerais –, muito embora seus autores não estivessem radicados nem sequer fossem formados nessas localidades.

Se por um lado a pesquisa objetiva restituir fatos colocados à margem dos relatos, por outro pretende sublinhar as práticas (no sentido proposto por Roger Chartier) adotadas pelos organizadores das mostras no intuito de facilitar a interação do público leigo com os projetos arquitetônicos. Para tanto, torna-se imperativo analisar as soluções adotadas para a exibição dos trabalhos, ainda que a atribuição de prêmios e salas especiais confira de antemão uma indução programada que não reserva ao espectador uma leitura isenta de sectarismos.

Cabe lembrar que poucos são os estudos dedicados a investigar a contribuição das bienais para os debates sobre a modernidade brasileira. Entre os trabalhos consultados inserem-se o catálogo da I Bienal de São Paulo, organizado por Dante Paglia, em 1952, e os trabalhos acadêmicos de Paulo de Tarso Amendola Lins e Stella Regina Miguez, elaborados respectivamente em 2000 e 2004.

No catálogo *Arquitetura na Bienal de São Paulo*, organizado por Dante Paglia, são descritos os projetos premiados e algumas realizações elaboradas por arquitetos de renome internacional, especialmente convidados para a primeira bienal paulistana. Na resenha de apresentação, Paglia exalta o caráter patriótico de seus organizadores e a importância da realização para a exibição de centenas de projetos para mais de 100.000 pessoas.

Com o surpreendente intervalo de quase meio século, inscreve-se a dissertação de mestrado de Paulo Lins, orientada pelo professor doutor Carlos Martins no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC/USP. Com o título *Arquitetura e as primeiras bienais 1951 e 1953*, Lins analisa a contribuição das mostras para o debate da época, valendo-se da análise dos projetos premiados, da composição e atuação dos júris, da repercussão nas revistas especializadas e das polêmicas que se estabelecem sobre a produção arquitetônica daquele período.

A tese de doutorado de Stella Miguez, orientada pelo professor doutor Rafael Perrone na área de Estruturas Ambientais Urbanas da FAU/USP, intitula-se *Arquitetura em exposição: uma prática interdisciplinar; caracterização das bienais de arquitetura de São Paulo*. No estudo, são abordadas algumas especificidades das mostras de arquitetura, vistas como tema e objeto de exposição. Valendo-se do estudo das EIA e das recentes Bienais Internacionais de Arquitetura (BIA), a autora investiga o papel das mostras como veículos de difusão da cultura arquitetônica, funcionando como vetores na formação e repercussão do público leigo e iniciado.

Com o intuito de complementar os temas da discussão lançados por esses autores, pretendo discorrer sobre a idéia de que as Exposições Internacionais de Arquitetura colaboram para reificar nomes já consagrados no panorama local e internacional, sem assegurar as mesmas condições de difusão para os demais participantes. Vale notar a ausência daqueles provenientes de centros regionais brasileiros, cuja contribuição merece encontrar oportunidade de reparação na historiografia brasileira.

bases conceituais

Conforme menção anterior, a análise dos projetos arquitetônicos expostos ou recusados pelos júris das Exposições Internacionais de Arquitetura, cotejados com as proposições destacadas com prêmios e láureas nas cinco primeiras edições das bienais paulistanas, constitui o objeto central da minha pesquisa. O recorte adotado, cumpre salientar, deve-se não somente ao pioneirismo das mostras como também ao fato de que o desfecho da década culmina com a inauguração da nova capital, relação esta que não pode ser minimizada.

A análise comparativa entre as proposições pretende retomar aspectos do debate arquitetônico da década de 1950, ressaltado pela participação de profissionais e críticos exponenciais, brasileiros e internacionais, nas comissões de seleção e premiação dos trabalhos. A participação de Affonso Eduardo Reidy, Alvar Aalto, Ernesto Rogers, Kenzo Tange, Lourival Gomes Machado, Luis Saia, Philip Johnson, Sérgio Milliet, Siegfried Giedion e Walter Gropius exemplifica, com propriedade, o interesse despertado pela mostras entre alguns dos mais influentes arquitetos e críticos do século XX.

É também digna de nota a articulação estabelecida entre o IAB e o MAM/SP, organizadores das mostras, com mais de uma centena de instituições de ensino para a realização dos Concursos Internacionais de Escola de Arquitetura (Ciea), vigentes desde a segunda EIA, em 1953. Some-se ainda a colaboração de entidades de classe, nacionais estrangeiras, para a formulação dos critérios de seleção e premiação dos trabalhos, entre as quais se destaca o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (Ciam), por meio de seus conceitos e da participação direta de seus quadros diretivos.

Levando-se em conta a repercussão alcançada na imprensa de grande circulação, nos periódicos especializados e nos manuais de arquitetura publicados no período, a exemplo do compêndio *Modern architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin (1956), é possível afirmar que as Exposições Internacionais de Arquitetura contribuem de modo inequívoco para a construção da historiografia arquitetônica brasileira com um dado viés.

Tal fato se mostra evidente pela constatação de que são efetivados vínculos entre membros das comissões julgadoras e editores responsáveis pela cobertura das mostras nos periódicos especializados, conforme atesta a documentação disponibilizada pelos arquivos da

Fundação Bienal de São Paulo. No mesmo sentido pode ser interpretada a solicitação de material para divulgação, no país e no exterior, proveniente de organismos oficiais, entre os quais se inclui o Ministério das Relações Exteriores.

Mas, por trás das contribuições prestadas, não se pode negar que as EIA deslocam a atenção do público e da crítica, sobretudo a internacional, para realizações já assimiladas pelo meio local. Tal atitude, reforçada pela atribuição de prêmios, acaba por conferir uma falsa percepção acerca da produção brasileira, que restringe as oportunidades de difusão para proposições estéticas dissonantes das do modelo dominante, como se pretende comprovar.

Se por um lado a investigação pretende vincular as bienais à historiografia da arquitetura brasileira, apontando lacunas, por outro solicita, na base de suas formulações, que sejam explicitadas as suas bases conceituais. É nesse sentido que a pesquisa investiga uma seleção de conceitos propostos por Hans Robert Jauss, Henri Lefebvre, Paul Ricoeur e Roger Chartier.

A obra de Henri Lefebvre constitui fonte de referência para estudiosos e pesquisadores do movimento moderno internacional, sobretudo os interessados nos fenômenos urbanos. Na publicação *Introdução à modernidade: prelúdios* (1961), Lefebvre tece considerações sobre os conceitos de moderno, modernismo e modernidade, centrais às hipóteses formuladas no presente estudo, tendo em vista a convergência de enfoques.

Conforme proposição do autor, *moderno* é um termo há muito usado na linguagem corrente para designar oposição ao antigo ou ultrapassado. No século XIX, passa a indicar aspectos do cotidiano das cidades industriais. Em Karl Marx, aponta para a ascensão da burguesia e do capitalismo, com suas implicações políticas e históricas. Para Charles Baudelaire, moderno expressa o efêmero e o mundano, como o inverso do eterno na dualidade humana.

A análise sobre Marx e Baudelaire recupera aspectos dos debates artísticos do século XIX, nos quais se evidenciam os paradigmas e algumas motivações da produção artística, muitas vezes relacionada a contradições, dramas, crises e incertezas daquele período. Tal constatação constitui, para Lefebvre, uma oportunidade para diferenciar dialeticamente dois aspectos antagônicos e complementares: de um lado, a atitude de protesto e de insatisfação diante dos fatos, e, de outro, a reflexão crítica diante dos acontecimentos. É justamente sobre essa chave que Lefebvre propõe os conceitos de *modernismo* e *modernidade*.

Modernismo, para o autor, carrega exaltações feitas de muitas ilusões e de certa dose de arrogância contra o passado. Vincula-se ao gosto pela novidade e pela ruptura. *Modernidade*, por sua vez, configura-se a partir do momento em que os pensadores articulam uma avaliação de seu tempo e de si mesmos, numa tentativa de crítica e autocrítica. Não descarta o passado, mas dele retira lições para compreender o presente e delinear o futuro.

Sobre esse aspecto podem ser estabelecidas conexões com a conceitualização e as hipóteses aqui adotadas, na medida em que as Exposições Internacionais de Arquitetura, ao reivindicar para si um papel na interlocução com as expressões do período, apostam numa mudança de paradigmas do público e da crítica. Mas, por outro lado, os idealizadores das EIA procuram assumir uma postura de conciliação com o passado, que incorpora uma atitude de reflexão e de reconhecimento ante avanços e impasses.

Paradoxalmente, porém, a investigação constata que o tratamento jornalístico concedido às mostras, especialmente pela imprensa de grande circulação, ressalta o caráter inovador e o rompimento das tradições em nome de um suposto ineditismo, bem caro ao moderno. Vale lembrar, porém, que tal estratégia visa despertar o interesse do público leigo, desacostumado a frequentar exposições dessa natureza. O apelo mercadológico é prontamente correspondido: desde a sua primeira edição, em 1951, as EIA são um sucesso de público e ocupam um generoso espaço nos principais periódicos do país.

Assegurado o interesse da crítica, os promotores das mostras parecem se esforçar para facilitar a compreensão dos projetos para uma significativa parcela do público, que antes não dispunha de muitas oportunidades de contato com um repertório já assimilado em outros quadrantes. Para tanto, a forma de apresentação dos trabalhos constitui um tema de fundamental importância para a construção de significados, já que permite difundir a arquitetura moderna para além de uma minoria de iniciados.

A relação que se estabelece entre a obra e seu fruidor desdobra um segundo núcleo de fundamentação teórica, pautado na análise dos processos de interação, tal como propõe a teoria estético-recepcional de Hans Robert Jauss. Para o autor, a assimilação de uma obra de arte solicita a análise de sua *recepção*, na qual são considerados aspectos individuais e históricos.

Individuais porque a assimilação de uma obra de arte é fundamentalmente dependente do sistema de referências adquirido por meio do saber prévio sobre o gênero, a forma e a temática de obras já conhecidas. A fruição de um trabalho artístico torna-se, assim, um acontecimento capaz de ampliar o repertório, cunhado como *horizonte de expectativas*, assim fornecendo parâmetros para a avaliação de obras futuras.

Históricos porque, ao se considerar o efeito de uma determinada obra e a ampliação de significados no decorrer do tempo, avalia-se a importância e os interesses assumidos para fruidores de diferentes épocas. Além disso, permite-se observar divergentes reações do público e juízo da crítica, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia, sucesso espontâneo, rejeição ou choque.

A análise aqui consignada dos projetos expostos nas bienais paulistas não pode desconsiderar os receptores para os quais as mostras constituem uma mudança de paradigmas. Mas, para que isso

aconteça, se faz necessário adotar estratégias capazes de modificar a *recepção* de certos projetos arquitetônicos, freqüentemente rejeitados por mero desconhecimento.

Uma das hipóteses a que se propõe a tese é que, na tentativa de facilitar a interação das obras com o público, são concedidos prêmios em diversas categorias (habitacional e industrial, entre outras). Tal estratégia visa fornecer parâmetros para o público que desconhece os códigos com os quais se atribui valor aos projetos arquitetônicos, além de garantir melhores oportunidades de difusão dessas proposições nos meios de comunicação.

Outro aspecto é que a criação de salas especiais fomenta uma desejável historicidade, criando condições para direcionar entendimentos. Tal estratégia compreende desde o processo de valorização de certas vertentes e obras até a produção selecionada de dados países, que na verdade justificam as láureas concedidas pelo Júri de Premiação.

Além disso, a inserção das bienais paulistanas nos periódicos de grande circulação pode ser vista como uma oportunidade para integrar a arquitetura aos debates do período, em termos sociais e estéticos. Do ponto de vista social, são articulados discursos que postulam para a arquitetura moderna a capacidade de atenuar as desigualdades sociais. Do ponto de vista estético, defende-se a idéia de que nossas soluções arquitetônicas, por sua originalidade formal e técnica, denotam maturidade e identidade próprias.

A abordagem crítica volta-se para entender de que maneira o Brasil conquista uma imagem afirmativa no panorama internacional das artes. Tal fato implica a repercussão do país não apenas como centro consumidor de cultura, mas principalmente como pólo irradiador de tendências, conforme atesta o texto introdutório de Lourival Gomes Machado no catálogo da I Bienal do MAM/SP

O engendramento desses diferentes fatores leva aos debates formulados por Roger Chartier sobre a construção da história como estratégia atrelada aos interesses de indivíduos e grupos sociais. Ou ainda, na acepção proposta em *A história cultural*: entre práticas e representações, como uma articulação de *práticas* que tendem a impor uma interpretação dos fatos e dos fenômenos em termos de sua *representação*, pensada com base nas classificações e delimitações do mundo social.

Uma questão a ser analisada será se o tratamento concedido aos projetos expostos nas bienais exalta a capacidade de inserir o Brasil em pé de igualdade com as nações detentoras de influência, ao menos em termos culturais. Nesse contexto será importante averiguar as alianças formalizadas entre os responsáveis pelas mostras e as principais forças econômicas e políticas daquele período, igualmente interessadas em desfrutar dos benefícios proporcionados pela repercussão das EIA em diversos meios de comunicação, com destaque para os jornais e revistas especializadas.

Mas, em contraposição ao ambiente de entusiasmo emanado pelas mostras, a investigação buscará entender se foram negligenciadas contribuições em vista de não serem coadunadas com o repertório já assimilado pela crítica. Tal questão, como pretendo comprovar, vincula-se ao desejo de conferir uma ilusão de homogeneidade à produção brasileira, articulada com base nas soluções técnicas e formais plasmadas por arquitetos cariocas, detentores da maioria absoluta dos prêmios nas bienais paulistanas da década de 1950.

Levando-se em consideração a contribuição de Paul Ricoeur no que diz respeito à análise dos discursos, é fundamental relativizar os consensos de uma narrativa que apenas reitera a versão oficial dos fatos. Contra a primazia do acontecimento como base da reconstrução histórica, Ricoeur propõe que se considerem os diferentes tempos contidos numa determinada cronologia, o que desencadeia, nesta tese, uma análise pautada na verificação dos diferentes contextos nos quais são formuladas as soluções dos diferentes projetos arquitetônicos, especialmente aqueles colocados à margem da história.

estrutura da tese

No intuito de fornecer maiores esclarecimentos sobre o encaminhamento da investigação, faz-se necessário apresentar, ainda que de forma abreviada, os capítulos da tese. A organização do trabalho em quatro capítulos de relativa autonomia visa proporcionar ao leitor oportunidade para efetuar aproximações conforme interesses diferenciados, sem que seja necessário efetuar um encaminhamento linear, de caráter obrigatório.

O primeiro capítulo – *a afirmação da metrópole* – apresenta um panorama acerca dos processos de afirmação da modernidade em São Paulo e no Rio de Janeiro, levando em consideração os percalços e dificuldades para a aceitação de repertórios não assimilados por amplos segmentos de público em ambas as localidades. A análise comparativa entre realizações no campo cultural, muito além de aferir melhores oportunidades para arquitetos e artistas atuantes no Rio de Janeiro, possibilita identificar as lideranças de ambas as localidades e a capacidade de interlocução com expoentes tidos como referências para o meio externo, prenunciando a consolidação de futuras lideranças.

O segundo capítulo – *arquitetura nas bienais de arte* – enfoca de que maneira são instituídas as mostras desse segmento dentro das bienais paulistanas. Para tanto, são abordadas as principais instituições com as quais os promotores das bienais travam contato, não apenas para sedimentar parcerias, mas, principalmente, para articular diretrizes operacionais. As Bienais de Veneza, o Museu de Arte Moderna de Nova York e os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna constituem as principais referências para a instituição dos critérios de apresentação dos trabalhos, sendo o MoMA nova-iorquino o provável responsável pelo caráter multidisciplinar da mostra.

O terceiro capítulo – *arquitetura brasileira nas bienais paulistanas* – aborda em pormenores as cinco primeiras Exposições Internacionais de Arquitetura. Analisam-se a constituição dos júris, a participação dos arquitetos e os desdobramentos das decisões dos júris, tendo como base de confronto as diretrizes dos projetos descartados e as soluções de projeto colocadas à margem dos discursos.

O quarto capítulo – *dez projetos de cinco bienais* – examina as soluções arquitetônicas de projetos selecionados entre os 255 trabalhos submetidos às comissões julgadoras. Para tanto, são utilizados como critério o caráter público e a recepção das proposições. A escolha de duplas para confronto analítico visa estabelecer comparação entre soluções de concepção similar cuja recepção aponta para diferentes avaliações da crítica, que, assim, revela valores.

O encerramento do capítulo é feito com a apresentação de todas as obras expostas ou recusadas nas primeiras EIA, tendo como bases investigativas a pesquisa *in loco*, o levantamento de dados em prefeituras e arquivos e a veiculação dos projetos nos periódicos e nos manuais de arquitetura lançados no período. O conjunto das análises objetiva entender e interpretar as balizas utilizadas para avaliar os projetos, tendo como base os discursos pronunciados e os consensos cuidadosamente reafirmados em grande parcela dos estudos dedicados à arquitetura brasileira.

a afirmação cultural da metrópole
primeiro capítulo

Montagem da I Bienal do MAM/SP, 1951

1

Manchete do jornal
Última Hora (Rio de Janeiro, DF)
em 21 de outubro de 1951

2

Manchete do jornal *Hoje*
(São Paulo, SP) em
21 de outubro de 1951

preâmbulo

Na tarde úmida e fria de um sábado, em 20 de outubro de 1951, a I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo abre suas portas para uma multidão de intelectuais e curiosos. Arquitetos e artistas de diversas latitudes integram a mostra sediada no Belvedere do Trianon, na Avenida Paulista. Quase não se reconhece o antigo Salão de Baile, totalmente reformulado para abrigar o certame, considerado uma manobra imperialista norte-americana por militantes de esquerda e sindicalistas. A inauguração conta com a presença do vice-presidente da República, João Café Filho; do governador do estado, senhor Lucas Nogueira Garcez; do prefeito da capital, senhor Armando de Arruda Pereira; e de diversos ministros e representantes diplomáticos. A imprensa exalta a repercussão do evento no cenário artístico internacional.

Poucos poderiam acreditar, no instante da fundação do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1947, que a instituição seria capaz de promover um certame de alcance internacional com menos de uma década de existência. O êxito da mostra não deve ser creditado apenas ao empenho do casal Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Guedes Penteado e aos colaboradores do MAM/SP. Há que se considerar outros agentes, provenientes de meios políticos, profissionais e econômicos, certamente interessados na consagração da iniciativa nos planos interno e externo.

O capítulo de abertura deste estudo pretende investigar a afirmação da modernidade no país, tendo como parâmetro de análise a contribuição das mostras de arquitetura a esse processo. Num segundo momento, serão investigados os referenciais utilizados para a criação dos museus de arte no pós-guerra, no Rio de Janeiro e em São Paulo, observando-se, no discurso de seus promotores e na própria arquitetura de seus espaços inaugurais, as concepções renovadas de vida que pretendem disseminar.

a construção de uma narrativa

A inserção da arquitetura moderna no Brasil é, certamente, um dos temas mais abordados pelos especialistas de nossas universidades. A contribuição das exposições artísticas para esse processo, entretanto, não tem recebido a merecida atenção dos pesquisadores. Poucos são os trabalhos que analisam mostras de arte e arquitetura realizadas nas décadas de 1930 e 1940, exce-tuando-se considerações sobre o Salão Revolucionário (1931) e sobre a lendá-ria exposição Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942, apresentada em 1943 pelo Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), com itinerância por diversas cidades do continente americano¹.

Entre os trabalhos precursores, realizados no âmbito da crítica cotidiana, inscrevem-se os dez volumes do *Diário crítico de Sérgio Milliet*, publicados entre 1944 e 1959², e artigos de Mário Pedrosa e Paulo Mendes de Almeida reunidos em *Mundo, homem, arte em crise* e *De Anita ao museu*, lançados em 1975 e 1976, respectivamente. Nos anos subseqüentes são elabora-das investigações centradas nas interlocuções entre a modernidade e as instituições artísticas. São exemplares desse processo as pesquisas de Aracy Amaral, *Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira 1930-1970* (1983); a tese de doutoramento de Maria Cecília França Lourenço, *Maioridade do moderno em São Paulo: anos 30/40* (1990) – posteriormen-te publicada com o título *Operários da modernidade* (1995) – e a tese de livre-docência da mesma autora, *Museus acolhem moderno* (1999).

Nos últimos anos, em que se multiplicam trabalhos revisionais de nossa his-toriografia arquitetônica, observa-se a diversificação de enfoques, muitos dos quais atentos aos acontecimentos culturais paulistanos. Podem assim ser consideradas diversas comunicações científicas, a exemplo de *Os museus de Lina Bo Bardi* – museografia e curadoria como estratégia de formação cultural moderna, de Renato Luiz Sobral Anelli, apresentada no Seminário Internacio-nal Museografia e Arquitetura de Museus (ProArq/FAU-UFRJ, 2005).

Vale também destacar, em ordem cronológica, os trabalhos *Através do es-paço do acervo: o Masp na 7 de Abril*, de Zuleica Schincariol (2000); *Revi-são de uma história: a criação do Museu de Arte de São Paulo 1946-1949*, de Regina Teixeira de Barros (2002); *MAM: museu para a metrópole*, de Ana Paula Nascimento (2003); *O Masp em exposição: mostras periódicas na 7 de Abril*, de Renata Vieira da Motta (2003); e *Arquitetura para museus*, de Adriano Tomitão Canas (2004), apenas para citar algumas dissertações defendidas na Universidade de São Paulo que abordam museus paulista-nos surgidos na década de 1940.

a modernidade no ambiente doméstico

Postas de lado as ênfases concedidas nos estudos, é consensual a idéia de que a difusão da arte moderna pela via institucional conta com pouca colaboração do poder constituído durante os anos 1920, possivelmente em função de múltiplas divergências nos campos estético, social e político. Diante do restrito apoio governamental paulista, a realização de eventos sintonizados com a estética moderna depende da ação direta dos próprios artistas e arquitetos, apoiados por um seletto grupo de intelectuais.

3

E. McKnight Kauffer.
Brazil Builds (catálogo da
exposição). MoMA, NY

4

Exposição de uma Casa Modernista (convite da exposição). São Paulo, SP

5

Gregori Warchavchik.
Casa Modernista. São Paulo. SP

6

Gregori Warchavchik.
Interior da Casa Modernista.
São Paulo, SP

Nas principais capitais do país, poucas são as exposições de arte que contemplam realizações no campo da arquitetura; inexistem registros sobre mostras exclusivamente dedicadas a apresentações de projetos modernos realizadas antes de 1930, ano em que se inaugura a Casa Modernista, situada na Rua Itápolis, bairro do Pacaembu, São Paulo. A casa-manifesto de Gregori Warchavchik, primeiro representante do Ciam na América Latina³, pode ser vista como um acontecimento ímpar na agenda cultural da cidade, posto que aproxima a arte e a arquitetura do ambiente doméstico, tornando-as parte de um fenômeno cotidiano, aberto ao debate e à troca de experiências.

Organizada por Gregori Warchavchik, a mostra também inova ao articular, em torno da racionalidade do projeto arquitetônico, o mobiliário de linhas funcionais desenvolvido pelo próprio autor. Segundo Agnaldo Farias (1990),

a Casa Modernista encontra similaridades com o pensamento compositivo desenvolvido por Walter Gropius na Bauhaus, pautando-se em princípios da mecânica elementar para articular planos e volumes. Mas, em contrapartida, o projeto de Warchavchik estabelece uma interpenetração entre os espaços construídos e o ambiente natural externo por meio da oposição entre a assepsia geométrica da obra arquitetônica e a exuberância dos jardins tropicais de Mina Klabin Warchavchik.

Na avaliação de Oswald de Andrade (1930)⁴, a mostra “encerra o ciclo de combate à velharia” iniciado na Semana de Arte Moderna, ainda que se possa relativizar o caráter autopromocional da afirmativa. De qualquer forma, o comparecimento de cerca de 20.000 pessoas, em menos de duas semanas, denota o sucesso da Casa Modernista, onde são apresentadas pinturas, esculturas, tapeçarias e obras literárias de 14 artistas, entre os quais se inscrevem os nomes de Anita Malfatti, Regina Gomide, John Graz e Victor Brecheret, presentes nas folias do Teatro Municipal⁵.

Os números podem impressionar, mas não são reveladores de uma mudança repentina de valores. A se considerar o tom dos debates do período, ampliado nos periódicos de grande circulação, prevalece entre amplos setores sociais, provenientes dos mais diversos estratos, o respeito pelas manifestações

historicistas, vinculadas à tradição consolidada. Tal constatação, entretanto, não desencoraja os artistas identificados com a modernidade, que pouco a pouco conquistam espaços na política e no cotidiano das nossas cidades.

a conquista de espaços na capital federal

A participação de intelectuais simpatizantes ao Partido Democrático (1926-1934)⁶ na primeira gestão do presidente Getúlio Vargas, iniciada com a deposição de Washington Luís, em outubro de 1930, deflagra novas oportunidades para os defensores da modernidade. Mas é necessário relembrar que essa aproximação é circunstancial e geograficamente limitada, motivada pela procura de uma imagem renovada para o Estado, liberta das referências rurais e oligárquicas associadas à República Velha.

Outro aspecto proporcionado pelo contexto político daquele momento aponta para a atuação de expoentes antagônicos na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), palco de calorosos debates entre acadêmicos, liderados por Archimedes Memória e José Marianno Filho, e Lúcio Costa, recém-adepto dos preceitos modernos quando de sua nomeação para ocupar a direção da escola, em dezembro de 1930. Ressalte-se, no processo de renovação pedagógica, a procura de uma sistematização de conhecimentos capaz de solicitar uma atitude de reflexão não identificada com a radicalidade dos discursos proferidos pelos modernistas em 1922.

Ainda assim, não são poucas as dificuldades enfrentadas para modificar a metodologia de ensino vigente desde o início de funcionamento da Academia Imperial de Belas Artes, na primeira metade do século XIX⁷. Diante do impasse, são mantidos os cursos proferidos pelos professores catedráticos e acrescentadas novas disciplinas ministradas por professores recém-contratados, cabendo aos alunos optar por módulos de orientação acadêmica ou moderna, com grande preferência pelos novos cursos⁸.

A polarização entre os grupos também comparece na XXXVIII Exposição Geral de Belas Artes (1931), considerada por Lúcio Costa, co-responsável pela curadoria e montagem ao lado de Anita Malfatti, Candido Portinari, Celso Antonio e Manuel Bandeira, o “canto de cisne” ao processo de reforma e atualização da Enba. Organizado “à revelia” do Conselho Nacional de Belas Artes, o Salão Revolucionário, como passa a ser

7
Lucio Costa.
Sugestão de arranjo
espacial feita a
Di Cavalcanti, solicitando
a participação do artista
com diversas obras
no Salão Revolucionário,
Rio de Janeiro, DF

8 e 9

Obras expostas no Salão Revolucionário: Marcelo Roberto, Edifício Santo Antonio, Rio de Janeiro, DF; Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pinheiro, Albergue da Boa Vontade, Rio de Janeiro, DF

denominado, diferencia-se por incluir artistas modernos e por modificar os critérios de montagem recorrentes. Para Lúcio Costa (1995: 71), tal renovação é perceptível nos

(...) vários setores da parte moderna da exposição, definidos por painéis com aniação, os quadros apresentados individualmente, em vez de amontoados uns sobre os outros como nos Salões anteriores, disposição essa mantida na arrumação da parte dita “acadêmica”, tal como se vê nas fotos da inauguração.

10

Flávio de Carvalho. Perspectiva do projeto elaborado para o concurso do Farol de Colombo, 1928 (1ª etapa), exposta no Salão Revolucionário, Rio de Janeiro, DF

A seção de arquitetura do Salão exibe trabalhos de expoentes da primeira geração moderna carioca, entre os quais o Albergue Boa Vontade (1931), de Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pinheiro, e o Edifício Santo Antonio (1928-1929), de Marcelo Roberto, pautados por certa aproximação aos preceitos do racionalismo alemão. Alessandro Baldassini e Moura Brasil também figuram entre os expositores locais, apresentando, muito possivelmente, obras identificadas com o protomodernismo⁹ arquitetônico, a exemplo do Edifício OK (1928), de Baldassini.

Entre os paulistas, Flávio de Carvalho comparece com o Farol de Colombo (1928), elaborado no âmbito de um concurso público internacional realizado em duas etapas, em 1928 e 1931. Na avaliação de Luiz Carlos Daher (1982: 39), o projeto de Carvalho se caracteriza, ao menos pela elevação frontal e pela perspectiva, por “certa ambigüidade futurista”, assemelhando-se “ora a um transatlântico, ora a um brinquedo de armar”. Não se menciona, na publicação de Daher e no catálogo comemorativo do Salão Revolucionário, editado em 1984, a inclusão de outros projetos do arquiteto na exposição.

Gregori Warchavchik expõe ampliações fotográficas da Casa Modernista (1930), das residências Cândido da Silva (1929) e Luiz Prado (1930), além de registros de sua própria casa na Rua Santa Cruz (1927-1928). Segundo Geraldo Ferraz (1965), também são apresentadas a residência da Rua Avanhandava (1929), a sede da Sociedade Paulista de Tênis (1931), o bar-restaurant em Copacabana (1931) e uma casa de campo não identificada. A participação de Warchavchik no Salão Revolucionário coincide cronologicamente com o início de suas atividades profissionais no Rio de Janeiro, onde leciona na Enba e desenvolve projetos em parceria com Lúcio Costa, a exemplo do Conjunto Residencial da Gamboa, situado na zona portuária carioca¹⁰.

Sob clima de forte tensão o Salão Revolucionário abre suas portas em 1º de setembro de 1931. As polêmicas geradas pela inexistência de uma comissão de seleção nos moldes dos salões precedentes aumenta o tom dos ataques deflagrados por José Marianno Filho, com o intuito de desprestigiar a arquitetura moderna e seu defensor mais influente. Enquanto isso, no âmbito burocrático, a incorporação da Enba ao sistema universitário em implantação gera entraves à permanência de Lúcio Costa na direção da escola, em decorrência de sua titulação não corresponder às exigências previstas nos estatutos da universidade.

Postas de lado as divergentes versões sobre o fato, a (breve) presença do arquiteto na direção da Enba constitui um marco referencial à afirmação da modernidade nos manuais dedicados à arquitetura brasileira. O Salão Revolucionário também ocupa um lugar privilegiado na historiografia, sendo considerado por Carlos Martins (1987: 150)

“(...) a primeira tentativa organizada, do modernismo, de ocupar o espaço institucional do Estado na área cultural, buscando, através da repercussão nacional, abrir espaço para o seu reconhecimento enquanto projeto de articulação entre a modernidade dos procedimentos estéticos e a busca de uma expressão nacional.”

Lúcio Costa afasta-se (in)voluntariamente da Enba antes do término do Salão Revolucionário. Em que se pesem as perdas, a arquitetura moderna não é sumariamente excluída da instituição nem tampouco da administração

11 e 12

Gregori Warchavchik
e Lucio Costa.
Vista frontal, isométrica,
elevação e planta da
Vila Operária da Gamboa,
Rio de Janeiro, DF, 1931

Getúlio Vargas. No meio estudantil, os protestos favoráveis à manutenção das reformas são mais enfáticos. Liderados por Jorge Machado Moreira e Luiz Nunes, os alunos paralisam as aulas da Enba e reclamam o apoio de personalidades, a exemplo de Frank Lloyd Wright, de passagem pelo Rio de Janeiro para o julgamento do Concurso Internacional do Farol de Colombo, em 1931. Wright, em sinal de adesão à causa estudantil, escreve artigos na imprensa carioca e profere palestras na recém-inaugurada residência Nordschild, assinada por Gregori Warchavchik.

É possível afirmar que os acontecimentos de 1930-1931 ainda repercutem no I Salão de Arquitetura Tropical, realizado nas dependências do Palace Hotel, no Rio de Janeiro, em 1933. Na ocasião, são concedidas homenagens a Costa e Warchavchik e o título de Presidente de Honra a Frank Lloyd Wright. Apesar do seu pioneirismo, a mostra não é sequer mencionada nos manuais de Henrique Mindlin, *Modern architecture in Brazil* (1956), Yves Bruand, *L'architecture contemporaine au Brésil* (1977) e Carlos Lemos, *Arquitetura brasileira* (1979). Não são conhecidas as razões para tal esquecimento.

13

Alexandre Altberg.
Capa do Salão Tropical,
Rio de Janeiro, DF

1º salão de arquitetura tropical inaugurado á 17 de abril de 1933 pelo exmo. sr. ministro washington pires

presidente de honra

frank lloyd wright

precursores

lucio costa
gregorio warchavchik
emilio baumgart

comissão organizadora

joão lourenço da silva
alcides da rocha miranda
ademar portugal

organizador e compositor do catalogo

alexandre altberg

12.10.27.5.84 *Alcides Rocha Miranda*

Entre os primeiros manuais dedicados à história da arquitetura brasileira, a exceção é feita por Paulo Ferreira Santos em *Quatro séculos de arquitetura* (1977). Com base no catálogo da mostra, Santos (1977: 122) menciona a colaboração do presidente da Associação dos Artistas Brasileiros, Celso Kelly, e dos escritores Anna Amélia Carneiro de Mendonça e Santiago Dantas, que dissertam sobre o tema “casa ideal”. Na seqüência, enumera a participação dos arquitetos Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pinheiro, com o Albergue da Boa Vontade; de Marcelo Roberto, com uma “casinha em Laranjeiras”; de Lúcio Costa, com “duas graciosas casinhas” que conjugam “arquitetura moderna (...) e móveis antigos”.

Em recentes estudos, o salão é apontado como uma das primeiras manifestações dedicadas ao conhecimento de nossas especificidades climáticas, sendo concebido em encontros informais no escritório de Lúcio Costa e Gregori Warchavchik (Moreira, 2005), ou ainda idealizado pela

14

Alexandre Altberg.
Folha de rosto do Salão
Tropical, Rio de Janeiro, DF

Associação de Artistas Brasileiros, conforme indicação de Geraldo Ferraz (1965), posteriormente reiterada por Paulo Santos (1977) e por Adriana Irigoyen de Touceda na dissertação *Frank Lloyd Wright e o Brasil* (2000).

A problematização de Touceda (2000: 41-45) contextualiza o alcance do I Salão de Arquitetura Tropical, estabelecendo confrontos entre seus agentes promotores. Para a autora, a reunião de textos de Frank Lloyd Wright e do Ciam, de incompatibilidade “pública e notória”, denota uma certa “desorientação” que caracteriza o meio local naqueles anos. Mas, ainda assim, Touceda considera a mostra importante porquanto expõe “uma síntese das preocupações da época e assenta as bases para a discussão de certos aspectos específicos da arquitetura moderna que começa a se desenvolver no Brasil.”

15

Gregori Warchavchik.
Residência William
Nordschild, exposta
no Salão Tropical

A relação dos participantes, segundo listagem elaborada por Celso Kelly, inclui: Abelardo de Souza, Ademar Marinho, Ademar Portugal, Affonso Eduardo Reidy, Alexander Buddeus, Alexandre Altberg, Alcides Rocha Miranda, Aníbal de Mello Pinto, Anton Floderer, Ary Paes Leme, Benedito de Barros, Daniel Valentim Garcia, Emílio Baumgart, Fernando Valentim, George Bandeira de Mello, Gerson Pinheiro, Gregori Warchavchik, Jacy Rosa, João Lourenço da Silva, José Afonso Soares, José Theodulo da Silva, Jorge Mesiano, Jorge Machado Moreira, Lauro Lessa, Lúcio Costa, Luiz Nunes, Marcelo Roberto, Nelson Tinoco, Nestor de Figueiredo, Raul Penafirme, Robert Prentice, Ruy Costa, Tomas de Souza e Vicente Batista.

Destes, são publicadas no catálogo obras de Warchavchik (Casa Nordschild e Apartamento Manoel Dias), de Reidy e Pinheiro (Albergue da Boa Vontade), de Floderer e Buddeus (Sede do Rio Cricket Club), de Roberto (Casa em Laranjeiras), de Altberg (Casa em Ipanema) e de Baumgart (Ponte sobre o Rio Peixe). Não foram localizados registros sobre os critérios de seleção e apresentação dos trabalhos, cuja organização é feita por Ademar Portugal e João Lourenço da Silva, estagiários no escritório de Lúcio Costa, e por Alcides Rocha Miranda, colaborador do calculista Emílio Baumgart. A inauguração solene do evento conta com a presença do ministro da Educação Washington Pires, titular da pasta entre 1932 e 1934.

O dado é relevante na medida em que indica a manutenção nas interlocuções dos arquitetos modernos com o governo federal depois da deposição de Lúcio Costa da Enba, ainda que tal apoio estivesse restrito a alguns setores da administração. É exemplar nesse contexto a construção de agências dos Correios e Telégrafos e edifícios escolares, caracterizados, na avaliação de Hugo Segawa (1998: 66-71), por certa aproximação ao racionalismo arquitetônico, na medida em que são buscadas soluções técnicas e construtivas pautadas pela eficiência e pela economia. Entre os arquitetos contratados pelos novos programas escolares, incluem-se os nomes de Enéas Silva, Paulo Camargo de Almeida e Wladimir Alves de Souza, atuantes na então capital federal¹¹. Paulo Candiota e Rafael Galvão, também do Rio de Janeiro, inscrevem-se entre os autores de mais de uma centena de agências dos Correios e Telégrafos em diversas capitais e cidades do interior do país¹².

16

Enéas Silva.
Escola Municipal
República Argentina.
Rio de Janeiro, DF,
década de 1930

a alternativa paulistana

Em contrapartida, as oportunidades oferecidas aos arquitetos e artistas de outros estados não são comparáveis, em termos qualitativos e quantitativos, às encomendas oficiais endereçadas aos profissionais cariocas. Para além da concentração do poder, saliente-se o instável quadro político do período, especialmente a partir da eclosão da Revolução Constitucionalista em 1932, aprofundando o descontentamento de setores da oligarquia paulista com a administração federal. Diante de tantos entraves, a realização de mostras identificadas com a modernidade artística tem poucas chances de encontrar suporte oficial em São Paulo.

17, 18 e 19

Antonio Garcia Moya. Projetos expostos na segunda, terceira e quinta edições do Salão Paulista de Belas Artes, realizados em São Paulo, SP, respectivamente, em 1935, 1936 e 1938.

Ainda assim, segundo Maria Cecília França Lourenço (1995: 109-110), o meio artístico paulistano movimenta-se em grupos organizados, na tentativa de ampliar o espectro das realizações por meio da atuação pública, considerando-se o desgaste das “atuações isoladas (...) de 1922”. O Conselho de Orientação Artística, criado em abril de 1931 para substituir o Patronato Artístico Estadual, responsável pela concessão de bolsas de estudo a artistas paulistas, é, na avaliação de Lourenço, “um desses pretensos suportes”, apesar das substantivas perdas motivadas pela modificação de seus estatutos em janeiro de 1932, beneficiando diretamente os artistas conservadores.

Entre as atribuições do Conselho de Orientação Artística, é particularmente relevante a promoção do Salão Paulista de Belas Artes, evidenciando a disputa entre modernos e acadêmicos nas edições realizadas entre 1934 e 1938. A querela expõe as manobras entre os diferentes grupos na seleção e premiação das obras, com nítida vantagem para os artistas e arquitetos acadêmicos ligados à Escola de Belas Artes, entre os quais se incluem os ex-alunos Benedito Calixto de Jesus Netto, formado em 1931 e posteriormente reconhecido pelo projeto da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no interior de São Paulo, e Antonio Garcia Moya, formado em 1933 e já notório por sua participação nas folias de 1922 no Teatro Municipal.

A participação de Moya no II, III e V Salão Paulista de Belas Artes, em 1935, 1936 e 1938, confirma, inclusive, seu relativo descompromisso com os movimentos de renovação no campo arquitetônico, na me-

dida em que são apresentadas proposições acadêmicas e modernas, revelando dissonâncias estéticas. Além disso, cumpre salientar a ausência de Moya nas principais discussões encampadas pela Sociedade Pró-Arte Moderna (Spam)¹³, e pelo Clube de Artistas Modernos (CAM)¹⁴, apenas para citar duas agremiações empenhadas na promoção de mostras, cursos, palestras e debates, com significativo alcance e repercussão no meio artístico.

Nos âmbitos estadual e municipal também são observadas articulações com o intuito de ampliar a produção e a difusão de conhecimentos. Assim podem ser vistas a criação da Universidade de São Paulo, atendendo às diretrizes educacionais traçadas pela União durante a interventoria de Armando de Salles Oliveira (1933-1935) no governo paulista, e a criação do Departamento de Cultura na administração do prefeito Fábio Prado (1934-1938), satisfazendo um antigo desejo de se organizar um centro municipal de pesquisas¹⁵.

Em que se pesem as concordâncias, faz-se necessário esboçar as principais diferenças entre a Universidade de São Paulo e o Departamento de Cultura no que diz respeito ao alcance de suas iniciativas. No primeiro caso, como reza o estatuto, visa formar as classes dirigentes, condicionando a organização de uma instituição cultural “(...) que ofereça oportunidade a todos e processe a seleção dos mais capazes”. O papel civilizador também caracteriza as atribuições da Universidade de São Paulo, a quem cabe “realizar a obra social de vulgarização das ciências, das letras e das artes, por meio de cursos sintéticos, conferências, palestras, difusão pelo rádio, filmes científicos e congêneres”¹⁶.

O Departamento de Cultura, por sua vez, é fundado com a premissa de atender a amplos segmentos da população, resgatando, conservando e difundindo manifestações culturais eruditas e populares. Idealizado por um grupo de intelectuais capitaneado por Paulo Duarte, do qual fazem parte Mário de Andrade, Rubens Borba de Moraes e Sérgio Milliet, o Departamento de Cultura nasce como o embrião de um Instituto Brasileiro de Cultura, nos moldes de organizações existentes no exterior¹⁷. Mário de Andrade é o seu primeiro diretor. Quando de sua implantação, o Departamento de Cultura é formado pelas divisões de Expansão Cultural, também dirigida por Mário, Documentação Histórica e Social, sob a tutela de Sérgio Milliet, Bibliotecas, dirigida por Rubens Borba de Moraes, e Educação e Recreio, gerenciada por Nicanor Miranda.

Na avaliação de Mário de Andrade em carta endereçada a Paulo Duarte em 1937, o Departamento de Cultura deveria promover um nivelamento da cultura capaz de satisfazer aos interesses da elite e, ao mesmo tempo, contemplar as classes menos favorecidas, proporcionando, por meio de atividades esportivas, teatrais, musicais, radiofônicas e cinematográficas, “(...) o erguimento das partes que estão na sombra, pondo-as em condição de receber mais luz”¹⁸.

A concretização dos ideais de Mário materializa-se na instalação da Discoteca Pública, na requalificação da *Revista do Arquivo Municipal*, na promoção de um concurso de mobiliário moderno e na realização

20

Missão de Pesquisas
Folclóricas, 1938. Detalhe
coreográfico da toada
“Que campos tão verdes”,
João Pessoa, PB

de concertos musicais e ateliês de arte em espaços comumente não empregados para tais finalidades. Também são elaboradas pesquisas de campo, a exemplo da Missão de Pesquisas Folclóricas, realizada sob o comando de Luis Saia em 28 cidades do Norte e Nordeste brasileiros com o intuito de recolher informações sobre manifestações populares nos campos da música, poesia e arquitetura¹⁹.

É possível acreditar que o êxito do Departamento de Cultura seria ainda maior caso fossem desenvolvidos outros programas, a exemplo do Museu da Cidade, cuja implementação anteciparia práticas aplicadas nas instituições surgidas no segundo pós-guerra. Nas palavras de Mário de Andrade, seriam “museus vivos” visitados por operários, estudantes e crianças “em dia de trabalho”; neles seriam feitas visitas “acompanhadas de explicador inteligente”. Caso não fossem observadas tais condições, seriam criados “cemitérios” no lugar de museus.

Apesar da inquestionável relevância do Departamento de Cultura em diversos campos da produção cultural, poucos são os estudos que documentam a contribuição de Mário de Andrade para a arquitetura brasileira, com exceção dos já mencionados autores elencados no princípio deste tópico (Amaral e Lourenço, entre outros). Faz-se necessário retomar as idéias do poeta para melhor compreender sua conceituação de cultura e povo, essenciais a qualquer pesquisa dedicada ao debate crítico da arquitetura brasileira²⁰.

arquitetura no poder

O advento do Estado Novo, em 1937, de-
marca um instante político caracterizado
pela interrupção dos direitos democráticos
e pela supressão da atividade parlamentar
que perdura até 1945. O golpe de Estado,
deflagrado com o intuito de suprimir uma
suposta tomada do poder pelos comunistas
– conhecida como Plano Cohen²¹ –, repercu-
te em todas as esferas de poder. Em São
Paulo, é diretamente responsável pelo afas-
tamento de Mário de Andrade da prefeitura paulistana, com sensíveis
perdas à manutenção das atividades do Departamento de Cultura.

Em paralelo, a construção do edifício-sede do Ministério da Educação e
Saúde (1936-1945) e a do Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova
York (1938-1939) podem ser vistas como um novo salto ao processo de
afirmação da arquitetura moderna brasileira. O primeiro projeto se de-
senvolve em trama exaustivamente descrita pela historiografia e conta
com a participação de Le Corbusier na equipe inicialmente liderada por
Lúcio Costa. O segundo, realizado em parceria entre este último e Os-
car Niemeyer, indica a consagração da modernidade como a expressão
oficial do Estado Novo no cenário internacional.

Mas tal celebração não garante o apaziguamento das divergências inter-
nas à administração federal, como prenunciam as narrativas sobre o perí-
odo. Henrique Mindlin, em *Modern architecture in Brazil* (1956), reconhece,
no rastro da construção do Ministério da Educação, a inexistência de uma
diretriz governamental favorável a qualquer tendência arquitetônica em
particular, dando margem a manobras de grupos ou indivíduos isolados.
Nesse raciocínio, Mindlin atribui ao ministro Gustavo Capanema a decisão
de instituir um concurso público (vencido por Archimedes Memória, com
referências marajoaras) e, depois de pagos os prêmios, convocar Lúcio
Costa para apresentar um projeto alternativo, moderno.

Ainda longe da “unanimidade modernista” de Brasília, como assinala
Lauro Cavalcanti (1995: 20), são construídos, durante a vigência do Es-
tado Novo, edifícios de feições neocoloniais e acadêmicas, capazes de demover “uma
sólida crença no monolitismo do Estado”. O Ministério da Fazenda é exemplar nesse
quadro, pois sua realização é também de-
pendente de um juízo pessoal de valores,
nesse caso desfavorável ao projeto da du-
pla Wladimir Alves de Souza e Enéas Silva,
de expressão arquitetônica indiscutivelmen-
te mais próxima ao vocabulário moderno se
comparada à versão final do edifício desen-
volvido por Luiz Moura, dotado de colunatas
pretensamente dóricas e escadaria monu-
mental inspirada no Partenon de Atenas.

21

Affonso Eduardo Reidy.
Proposta apresentada para
o concurso do Ministério da
Educação e Saúde, Rio de
Janeiro, DF, 1935

22 e 23

Lucio Costa e equipe.
Ministério da Educação e Saúde,
Rio de Janeiro, DF 1936-1945;
Luiz Moura.
Ministério da Fazenda, Rio de
Janeiro, DF 1939

24

Candido Portinari.
Painel de azulejos no
Ministério da Educação e
Saúde, Rio de Janeiro, DF

É recorrente a idéia de que o Ministério da Educação e Saúde (MES) consolida uma importante etapa para a maturação da linguagem projetual da equipe, sendo considerado por Carlos Lemos (1979: 141) o “divisor de águas, que separa duas eras e propicia o renome internacional de nossos arquitetos do Rio de Janeiro”. Assim se inscrevem em nossa historiografia os arquitetos Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Ernani Vasconcellos, Jorge Machado Moreira e, com maior destaque, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, cuja contribuição singular confere leveza e riqueza plástica ao conjunto²².

A participação de Roberto Burle Marx e Candido Portinari, entre outros expoentes das artes visuais, reveste-se de fundamental importância para o êxito do empreendimento. De um lado, Burle Marx sedimenta pesquisas com espécies tropicais para a configuração de manchas cromáticas uniformes. De outro lado, a inserção de pinturas murais e painéis de azulejos assinados por Portinari, muito além de remeter à idéia de integração das artes defendida por Le Corbusier²³, vincula-se ao ideário nacionalista sustentado pela administração varguista, ressaltando as virtudes do homem brasileiro e as promessas de transformação creditadas à iniciativa.

Igual consenso na escolha dos nomes parece caracterizar a representação brasileira na Feira Mundial de Nova York, realizada às vésperas da Segunda Grande Guerra com a participação de 1.300 empresas norte-americanas e mais de 50 países²⁴. O Pavilhão do Brasil é assinado por Lucio Costa, vencedor de concurso instituído em 1938, e Oscar Niemeyer, vice-colocado, por sugestão de Costa, que considera o projeto de Niemeyer superior ao seu. O gesto, muito além de generoso, contribui para aprimorar a solução definitiva do plano, desenvolvido pela dupla em Nova York por cerca de um ano, com evidentes vantagens para os resultados alcançados.

É exemplar, nesse sentido, a abordagem do Pavilhão do Brasil no artigo publicado em junho de 1939 da revista *Architectural forum*. Trata-se, possivelmente, da primeira oportunidade de divulgação do trabalho de Costa e Niemeyer em uma revista especializada internacional, na qual concedidas duas páginas para a apresentação da obra, regalia pro-

porcionada apenas aos pavilhões da Finlândia, assinado por Alvar Aalto, e da Suécia, desenhado por Sven Markelius. Na matéria, o projeto dos “discípulos de Le Corbusier” merece destaque pela organização do programa de necessidades, eficiente na acomodação do numeroso público, e pelos conteúdos expostos, apontados entre os melhores da feira em termos de “interesse, técnica de montagem e qualidade de execução”²⁵.

25

Architectural forum,
jun. 1939. Pavilhão
do Brasil na Feira
Mundial de Nova York,
1939

Na avaliação de Lúcio Costa, em texto redigido em 1939 por solicitação do comissário Armando Vidal, a opção pela simplicidade constitui o elemento definidor do pavilhão brasileiro. A procura pelo contraste com o edifício vizinho (Pavilhão da França), de massa mais compacta e pesada, é apontada como elemento de definição do partido arquitetônico, caracterizado por jogos de cheios e vazios e pela sinuosidade de rampas e marquises, capazes de conferir “feição original inconfundível e extremamente agradável”²⁶.

O pavilhão também se notabiliza pelo esmero na disposição e apresentação de seus painéis e mostruários, a cargo do norte-americano Paul Lester Wiener, e pelo exotismo das espécies da fauna e da flora tropicais empregadas nos jardins de Roberto Burle Marx. Candido Portinari remete painéis dedicados aos costumes regionais do homem brasileiro, exaltando nossas tradições sem recair em um passado nostálgico. O mesmo pode ser dito em relação à interpretação das bachianas de Heitor Villa-Lobos, na voz da cantora lírica Bidu Sayão, e de diversos temas do cancionário popular embalados por Carmen Miranda, cuja presença contribui para a retumbante visitação ao pavilhão brasileiro.

construindo o Brasil

A realização da Feira Mundial de Nova York às vésperas da Segunda Grande Guerra (1939-1945) prenuncia modificações nas relações entre os Estados Unidos e a América Latina. Com a eclosão do confronto, desenvolve-se, por iniciativa do empresário Nelson Rockefeller e com o apoio do presidente Franklin Delano Roosevelt, um conjunto de medidas para estimular a cooperação econômica entre os Estados Unidos e seus vizinhos latino-americanos, tendo em vista a perda de mercados europeus e a temerosa aproximação da Argentina e do Brasil com as ditaduras de Francisco Franco, Benito Mussolini e Adolf Hitler.

26

Cena do filme
Você já foi à Bahia?

27 a 29

Projetos expostos em Brazil Builds, MoMA NY, 1943: Carlos Frederico Ferreira, Conjunto Residencial do Realengo, Rio de Janeiro, DF; Marcelo e Milton Roberto, Edifício ABI, Rio de Janeiro, DF; Luiz Nunes, Caixa d' água, Olinda, PE

A Política da Boa Vizinhança, como passam a ser conhecidas as ações desenvolvidas pelo Escritório do Coordenador de Negócios Interamericanos (Ciaa, em inglês), também compreende iniciativas no campo da promoção cultural. Entre elas destacam-se os desenhos animados *Alô amigos* (1943), de Walt Disney, no qual Pato Donald percorre diversos países latino-americanos e conhece o papagaio Zé Carioca no Rio de Janeiro, e *Você já foi à Bahia?* (1945), célebre por apresentar um número musical de Ary Barroso interpretado por Aurora Miranda contracenando com o pato e o papagaio²⁷.

A consolidação de alianças entre norte-americanos e brasileiros, no plano cultural, conta ainda com a emblemática mostra Brazil Builds (1943), organizada por Philip Goodwin, vice-presidente executivo do MoMA, e pelo fotógrafo George Everard Kidder-Smith, com apoio do American Institute of Architects. No prefácio do catálogo da exposição, Goodwin (1943: 7-9) menciona a subvenção recebida de ambas as instituições e incorpora o tom dos discursos oficiais, tratando o Brasil como “nosso futuro aliado” e expressando um “desejo agudo” pelo reconhecimento da arquitetura brasileira e suas soluções para a adequação térmica dos edifícios.

Galanteios à parte, a apresentação de mais de uma centena de projetos impressiona o público que comparece aos salões do museu nova-iorquino. E, de quebra, faz com que a mostra seja freqüentemente apontada como peça fundamental à consagração da arquitetura moderna brasileira e, mais particularmente, da vertente carioca, conforme indicação do catálogo da exposição, indiscutivelmente um dos primeiros inventários de nossa produção arquitetônica moderna. Além dos autores do Ministério da Educação e Saúde, integram a mostra diversos expoentes formados pela Enba, como os irmãos Marcelo e Milton Roberto, Ademar Marinho, Aldary Henriques Toledo, Álvaro Vital Brazil, Atílio Correa Lima, Carlos Frederico Ferreira, Carlos Henrique Porto, Fernando Saturnino de Brito, Luiz Nunes e Paulo Camargo de Almeida.

Na avaliação de Carlos Lemos (1979: 143), Brazil Builds caracteriza a capital do país como o pólo irradiador de um estilo ou corrente e de “toda uma tecnologia e de novo modo brasileiro de encarar a arquitetura moderna”. Por outro lado, não se pode dizer que a mostra tenha pura e simplesmente negligenciado a produção de arquitetos radicados em outras praças,

ainda que essa participação estivesse limitada a poucos nomes, entre os quais se incluem Bernard Rudofsky, Gregori Warchavchik, Henrique Mindlin, Jacques Pilon, José Norberto e Rino Levi.

Mário de Andrade, em artigo escrito em 1943, acredita que a exposição regenera a autoconfiança dos brasileiros, diminuindo “o desastroso complexo de inferioridade de mestiços que nos prejudica tanto”²⁸. Henrique Mindlin (1956: 27) reitera a opinião do poeta, considerando ser a mostra um salto decisivo na afirmação da arquitetura moderna brasileira para os próprios brasileiros. Hugo Segawa (1998: 100-101) compartilha do raciocínio proposto por ambos, acrescentando que, para o arquiteto paulista Léo Ribeiro de Moraes, o sucesso de Brazil Builds encoraja cobranças endereçadas ao poder público local, clamando por melhores oportunidades de trabalho.

Brazil Builds sugere a construção de um imaginário sobre a arquitetura brasileira calcada em exemplos da produção colonial e moderna visitados durante a estada da dupla no país, monitorada por Rodrigo Mello Franco de Andrade, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) e por outros intelectuais²⁹. Parece evidente, em função da assessoria prestada, que a escolha de obras para a exposição tenha recaído sobre aquelas de pedra e cal, no jargão do Patrimônio, e de concreto e vidro, sendo as primeiras consideradas representativas das nossas raízes e as últimas, indicativas de um caminho a percorrer.

30 a 33

Projetos expostos em Brazil Builds, MoMA NY, 1943: Jacques Pilon, Biblioteca Pública Municipal, São Paulo, SP; Rino Levi, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, SP; Alexander Buddeus, Escola Normal, Salvador, BA; Bernard Rudofsky, Residência Frontini, São Paulo, SP

São Paulo quer ser internacional

Mais uma vez, apesar de não dispor das mesmas oportunidades concedidas pela oficialidade, o meio artístico paulistano procura encontrar, desde o fim da década de 1930, canais de interlocução com seus pares no exterior. A procura de alternativas para a hegemonia acadêmica do Salão Paulista de Belas Artes motiva a proposição de mostras independentes, entre as quais se inscreve o Salão de Maio. Trata-se de um salão independente, organizado em 1937 por Geraldo Ferraz e Quirino da Silva (com o auxílio de Paulo Ribeiro de Magalhães e Madeleine Roux), e por Flávio de Carvalho nas duas últimas edições da mostra, em 1938 e 1939, ainda que na primeira edição Carvalho tenha colaborado indiretamente, segundo avaliação de Paulo Mendes de Almeida (1976: 88).

34

Flávio de Carvalho.
Residência da Fazenda Capuava,
Valinhos SP, exposta no II Salão
de Maio, São Paulo, SP, 1938

35 a 40

Projetos expostos no III Salão de
Maio, São Paulo, SP, 1939: Arne
Hosek, Casa de Cultura (local
não indicado); Bernard Rudofsky,
Casa Rústica (idem); Jacob Ruchti,
espaços (idem); Bernard Rudofsky,
estudo para vitrine (idem); Rino
Levi, Edifício Guarani, São Paulo,
SP; Leopoldo Pettini, Igreja Nossa
Senhora da Paz, São Paulo, SP

Não são formalizados os critérios de seleção dos trabalhos, nem tampouco as razões que possam justificar o relativo descaso para a produção arquitetônica moderna no primeiro Salão de Maio, no qual Anton Giulio Bragaglia profere a conferência *As Tendências Modernas da Cenografia*. Nas edições organizadas por Flávio de Carvalho a arquitetura conquista um papel mais relevante, apesar de estar limitada, segundo o catálogo da edição de 1938, à inclusão de um único projeto arquitetônico, desenvolvido pelo próprio organizador da mostra: a Residência da Fazenda Capuava. A seção destinada à arquitetura expande-se consideravelmente na terceira edição do evento, contando com a exibição de projetos de Arne Hosek, Bernard Rudofsky, Jacob Ruchti, Leopoldo Pettini e Rino Levi.

São desconhecidas as razões pelas quais Jacob Ruchti, responsável pela seção de arquitetura do III Salão de Maio, não inclui nenhum projeto do concurso para a construção do Paço Municipal de São Paulo, objeto de fecundos debates no mês anterior à realização da mostra, conforme atestam as considerações de Geraldo Ferraz publicadas na imprensa local³¹. A ausência de Flávio de Carvalho e de outros expoentes formados na Escola Politécnica e na Escola de Engenharia Mackenzie no III Salão de Maio constitui fato relevante, enfraquecendo a amostragem da produção moderna no campo arquitetônico.

Por outro lado, é significativa a presença de diversos arquitetos formados no exterior, fato a denotar a desenvoltura desses profissionais na cena cultural da capital paulista, nesse instante ávida por superar sua feição provinciana, equiparando-se à agitação das metrópoles

41 e 42

Propostas para o concurso de projetos para o Paço Municipal de São Paulo, 1939: Flávio de Carvalho (à esquerda) e Gregori Warchavchik e João Baptista Vilanova Artigas (à direita)

internacionais. Tal renovação é perceptível na progressiva aceitação de novas tipologias habitacionais, a exemplo dos edifícios Columbus (1928), de Rino Levi, e Esther (1935), de Álvaro Vital Brazil e Ademar Marinho. Entre os conjuntos residenciais horizontais, cumpre mencionar a criação

de espaços mais fluidos e afeitos ao “descontraído modo de viver moderno”, conforme observa Carlos Lemos (1983: 5) ao analisar o conjunto de residências assinado por Flávio de Carvalho na Alameda Lorena (1933).

Os mesmos atributos aparecem nos programas comerciais e industriais, notadamente em galerias comerciais, teatros e cinemas, sendo estes últimos considerados por Renato Anelli (1990) essenciais ao processo de modernização de São Paulo, na medida em que a linguagem cinematográfica contribui para rotinizar novos modelos de urbanidade, apresentando os fatos da vida cotidiana de modo veloz e fragmentado. Apesar dos notáveis avanços, São Paulo ainda permanece na retaguarda cultural perante a capital do país, conquistando na década seguinte o título de cidade que mais rápido cresce no mundo. Talvez por coincidência, o cinema passe a ser a principal forma de entretenimento do paulistano.

Encontram-se em funcionamento no centro da capital, em princípios dos anos 1940, diversos cinemas com grande capacidade de público, sendo dois deles assinados por Rino Levi: o Cine Ufa-Palácio (1938), na Avenida São João, e o Cine Ipiranga (1941), integrado ao imponente Hotel Excelsior, na Avenida Ipiranga. A cidade também conta com alguns espaços adaptados para a realização de exposições artísticas. A Galeria Casa e Jardim (1938) é apontada por Ana Paula Nascimento (2003) como a primeira a

43

Flávio de Carvalho.
Grupo de residências de aluguel na Alameda Lorena, São Paulo, SP. Desenho de Luiz Carlos Daher

44
Rino Levi,
Hotel Excelsior,
São Paulo, SP

exibir com alguma regularidade a produção de artistas modernos em São Paulo, funcionando em uma sobreloja comercial do Edifício São Manuel, projeto de Jacques Pilon, cabendo a Bernard Rudofsky a adaptação dos espaços comerciais e o projeto expográfico da galeria³².

A Galeria Prestes Maia e a Biblioteca Pública Municipal complementam o leque de opções da cena cultural paulistana do período: a primeira, inaugurada em 1940 após a completa remodelação do Viaduto do Chá, concebida por Elisiário da Cunha Bahiana, é rapidamente transformada em local de encontro de artistas e intelectuais, constituindo importante alternativa para a realização de exposições de grande demanda espacial, a exemplo do Salão Paulista de Belas Artes.

A Biblioteca Municipal, parcialmente aberta em 1942, expõe reproduções de obras, mapas, gravuras, documentos e livros nas vitrines instaladas no vestibulo do edifício assinado por Jacques Pilon em 1935. A criação de uma Seção de Artes, dirigida por Maria Eugênia Franco, antiga colaboradora de Sérgio Milliet, possibilita a organização de diversas mostras educativas com obras do acervo e reproduções. Tal ato incrementa as ações efetuadas pela biblioteca, transformando-a em importante referência para a criação dos museus paulistanos do pós-guerra, em termos administrativos, técnicos e conceituais.

45
Rino Levi.
Planta e perspectivas do
Edifício Columbus, São
Paulo, SP

46
Bernard Rudofsky
Galeria Casa e Jardim,
São Paulo, SP,

novos impulsos para a jovem nação

O despertar dos anos 1940 prenuncia profundas alterações no viver brasileiro, sobretudo nas grandes cidades. A ameaça de um conflito em escala mundial, em fins da década precedente, acelera o incremento da atividade industrial no Brasil, em decorrência dos entraves à importação de produtos manufaturados. Ciente do delicado cenário político internacional e possivelmente antevendo novas perspectivas econômicas, o governo estadonovista preocupa-se em ampliar a oferta de recursos energéticos, criando o Conselho Nacional do Petróleo, em 1938³³, e o Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica, em 1939³⁴. Com apoio norte-americano, já durante a Segunda Grande Guerra se torna responsável pela produção de insumos básicos, gerados pela Companhia Siderúrgica Nacional (1941)³⁵ e pela Companhia Vale do Rio Doce (1942)³⁶.

47

Josep Luis Sert e
Paul Lester Wiener.
Cidade dos Motores,
Duque de Caxias, RJ

A implantação da Cidade dos Motores na Baixada Fluminense, iniciada em 1943 e destinada à fabricação de motores para aviões, constitui outro importante marco ao estímulo industrial varguista. A concepção do plano arquitetônico é desenvolvida em parceria de Josep Luis Sert, ex-colaborador de Le Corbusier e membro da diretoria executiva do Ciam, com Paul Lester Wiener, co-autor do Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York. A participação da dupla no empreendimento é paradigmática, indicando o reconhecimento, no mesmo ano da realização da mostra Brazil Builds, das vantagens inerentes à planificação moderna para o sucesso da iniciativa.

O cruzamento de dados parece indicar a consagração, pela via oficial, dos princípios postulados pelos defensores da modernidade, identificando na arquitetura a capacidade de forjar uma imagem renovada de Estado mais atenta aos clamores de transformação social. O clima de euforia emanado pelas conquistas no campo econômico não tarda a ser assimilado pelos setores sociais médios, com substantivo incremento no consumo de produtos e serviços, entre os quais se inscreve a cultura, até então reservada a uma minoria de iniciados, quase sempre pertencente às elites.

Rio de Janeiro, capital da República, e São Paulo, detentora de considerável capital financeiro, afirmam-se como *loci* preferenciais das transformações em curso. O processo de verticalização ultrapassa os limites dos centros históricos, imprimindo um ar cosmopolita à ambiência de bairros antes ocupados por chácaras e palacetes (Copacabana e Higienópolis, exemplarmente). O sistema viário é remodelado com base no transporte rodoviário,

48 e 49
Verticalização
do Rio de Janeiro
e de São Paulo,
anos 1940

sendo construídas vias expressas, túneis e elevados, na intenção de promover a rápida movimentação de passageiros e cargas, aproximando as cidades do modelo urbanístico norte-americano³⁷.

Cursos profissionalizantes multiplicam-se com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), em 1942; quatro anos depois, são fundados, com apoio do governo federal, o Serviço Social do Comércio (Sesc) e o Serviço Social da Indústria (Sesi), entidades civis mantidas pelas classes patronais e dedicadas à promoção social de seus associados, por meio de atividades educativas, culturais e recreacionais³⁸. No âmbito universitário da capital federal, o curso de arquitetura desprende-se da Enba, passando a ser gerido pela Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA) a partir de 1945. Na capital paulista, a formação do arquiteto torna-se independente do curso de engenharia, sendo criadas, em 1947, a Faculdade de Arquitetura Mackenzie e, no ano seguinte, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP).

o posicionamento das entidades laborais

Os interesses dos arquitetos são assegurados pela ação do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB). Em sua formulação inicial, datada de 1921, o Instituto Brasileiro de Arquitetura, presidido por Gastão da Cunha Bahiana, e a dissidente Associação [Sociedade] Central de Arquitetos, gerenciada por Adolfo Morales de los Rios, não direcionam esforços para promover a arquitetura moderna. Tal situação é mantida após a fusão das duas entidades sob nova denominação: Instituto Central de Arquitetos, vigente entre 1924 e 1934. Apenas em 1931, durante a segunda gestão de Nestor Egydio de Figueiredo, a entidade posiciona-se na defesa da renovação arquitetônica, ecoando as tratativas aplicadas nas mudanças do ensino empreendidas na Enba por Lúcio Costa.

No período compreendido entre 1932 e 1934, data da alteração definitiva do nome da entidade, o Instituto Central de Arquitetos é presidido por Angelo Bruhns (1932-1933) e por Roberto Magno de Carvalho

(1933-1934). Na denominação atual, presidem a entidade, entre 1934 e 1960, Augusto Vasconcellos Junior (1934-1936), Nestor Egydio de Figueiredo (1936-1943), Paulo Camargo de Almeida (1943-1946), Firmino Fernandes Saldanha (1946-1949), Milton Roberto (1949-1953), Paulo Antunes Ribeiro (1953-1956) e Ary Garcia Rosa (1956-1960), todos radicados no Rio de Janeiro³⁹.

Na capital paulista, a fundação do Departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil é conduzida na Biblioteca Municipal por Luiz Anhaia Mello e Eduardo Kneese de Mello, presidente da seção estadual durante três períodos consecutivos, entre 1943 e 1950. Os sucedâneos de Kneese de Mello até o fim da década são Oswaldo Arthur Bratke (1950-1951), Armando Ciampolini (1952-1953), Rino Levi (1954 e 1955) e Ícaro de Castro Mello (1956, 1957-1958 e 1959, 1960 e 1961)⁴⁰. Ressalte-se que Castro Mello torna-se, em 1960, o primeiro presidente da representação nacional do IAB radicado em São Paulo.

A relação dos nomes não é acidental. Muitos deles serão retomados mais adiante, em função de sua atuação combativa à frente da entidade, em decorrência de sua participação na criação de instituições culturais surgidas no pós-guerra (Masp, MAM/RJ e MAM/SP), ou ainda em função de sua participação nas Exposições Internacionais de Arquitetura promovidas em parceria entre o MAM/SP e a seção paulista do IAB no recorte temporal analisado neste estudo.

masp – o “museu vivo”

Por iniciativa do paraibano Francisco Assis Chateaubriand, empresário do setor de comunicações, o Masp abre suas portas em outubro de 1947 no então inconcluso Edifício Guilherme Guinle – posteriormente conhecido como o prédio dos Diários Associados, no centro da Paulicéia. Ao contrário das coleções do MAM/SP e do MAM/RJ, fundados em 1948, a do Masp amalha obras de diferentes movimentos artísticos, não necessariamente atrelados à modernidade; mas se relaciona com tais instituições na medida em que empreende um conjunto de atividades de pesquisa, difusão e catalogação que ultrapassa a mera apresentação de obras artísticas.

A adaptação do espaço inaugural do Masp e a curadoria do museu, implantado no segundo andar dos Diários Associados, são desenvolvidos por Lina Bo e Pietro Maria Bardi. O contato dos Bardi com Chateaubriand é efetivado no ano anterior, durante a realização de duas mostras de pintura italiana (antiga e moderna) organizadas por Pietro no Ministério da Educação, no Rio de Janeiro. Uma vez fixados os termos para a implantação de um museu no Brasil, os italianos se transferem para a capital paulista, trazendo na bagagem o repertório adquirido na galeria Studio de Arte Palma⁴¹ e nos periódicos de arte e arquitetura *Quadrante* e *Domus*, editados por Pietro e Lina, respectivamente⁴².

50

Abelardo de Souza, Galiano Ciampaglia, Helio Duarte, Jacob Ruchti, Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar e Zenon Lotufo.
Vista do Edifício-sede do IAB,
São Paulo, SP, 2007

51

Jacques Pilon.
Vista do Edifício
Guilherme Guinle,
São Paulo, SP, 2007

52

Vista da exposição
Pintura Italiana Antiga,
MES, 1946

O instável quadro socioeconômico europeu favorece a formação de um acervo exponencial a custos relativamente baixos. Na avaliação de Lina (1950: 17), independentemente da qualidade das obras expostas, o Masp não deveria compartilhar o pragmatismo das instituições museais tradicionais, assumindo importante função pedagógica em um país de “cultura emergente”:

O Museu de Arte é dedicado ao público de massa, não se dedicando a colecionar somente “obras primas”, não obstante conte em suas coleções obras de importância; não é um Museu de Arte Antiga nem um Museu de Arte Moderna – é um Museu de Arte, e busca formar uma mentalidade para a compreensão de arte.

As instalações inaugurais do Masp ocupam uma área de aproximadamente 1.000 metros quadrados, distribuídos entre uma sala para exposições periódicas, outra para exposições didáticas e um auditório para 100 pessoas. A concepção do projeto é norteada pela flexibilidade na utilização dos ambientes, valendo-se de fechamentos reversíveis para conferir sensação de continuidade e certa liberdade de percurso aos visitantes. A apresentação dos trabalhos recorre a um inusitado sistema de fixação por meio de estruturas de alumínio estabilizadas por pressão entre o piso e o teto, traçando linhas verticais que propõem, na avaliação de Zuleica Schincariol (2000: 57) uma compreensão do vazio capaz de “demonstrar que o espaço não é somente um conjunto de superfícies”.

53

Lina Bo Bardi.
Planta do Masp na
7 de abril (1ª versão, 1947)

Em julho de 1950, após a conclusão da sede dos Diários Associados, o Masp é reinaugurado na presença do presidente Eurico Gaspar Dutra e de Nelson Rockefeller. O discurso do representante do MoMA, reproduzido na edição inaugural da revista *Habitat* (1950: 19), sugere a manutenção das alianças formalizadas durante o confronto mundial. Além disso, vincula o museu à promoção da democracia, exaltando na arte abstrata a busca de liberdade e ordem. O acontecimento desperta a atenção da imprensa local, sendo frequentemente confundido com a própria abertura do museu, ocorrida anteriormente sem merecer igual tratamento.

54

Lina Bo Bardi e
Giancarlo Palanti.
Planta do Masp na
Rua Sete de Abril
(2ª versão, 1950)

A ampliação do museu é assinada por Lina com a colaboração de Giancarlo Palanti. A concepção do projeto original é mantida, muito embora a ocupação de quatro pavimentos não-integrados prejudique a apreciação das soluções em conjunto. O segundo andar, totalmente remodelado, passa a abrigar dois auditórios, laboratório fotográfico, duas salas para exposições temporárias, biblioteca e secretaria. O terceiro andar é adaptado para receber a coleção permanente, e outros dois pavimentos, para sediar cursos do Instituto de Arte Contemporânea (IAC)⁴³.

A apresentação das obras também não se diferencia, em linhas gerais, do tratamento proposto no projeto original, sendo colocadas lado a lado peças novas e antigas. Para garantir certa uniformidade ao conjunto e possibilitar novos arranjos na distribuição das obras, as faixas de luminárias embutidas no forro são substituídas, na nova versão do projeto, por uma iluminação mais homogênea, obtida pela combinação de lâmpadas de diferentes espectros embutidas em forro celular metálico esmaltado na cor branca, garantindo maior facilidade em termos de manutenção e limpeza (Bardi: 1950).

No artigo “Esculturas”, inserido na mesma edição de *Habitat*, Lina descreve com pormenores duas soluções mantidas na segunda versão do projeto do Masp: a vitrina das formas e as mostras didáticas. A vitrina das formas é a denominação adotada para a estrutura tridimensional que abriga um conjunto de objetos criados em diferentes períodos. As mostras didáticas, por sua vez, são constituídas por reproduções de obras acompanhadas de comentários diagramados em pranchas montadas em painéis de vidro suportados por tubos metálicos, associados por junções de cobre. Em ambos os recursos, intenciona-se ampliar os conhecimentos do leigo em determinados assuntos por meio da comparação direta entre as obras.

55

Vistas internas
do Masp na
Rua Sete de Abril
(2ª versão)

56 e 57

Lina Bo Bardi.
Estudo para ocupação
do Belvedere com uma
exposição-brinquedo
para as crianças,
São Paulo, SP, 1968.
Affonso Eduardo Reidy.
Projeto para a sede
do MAM/SP na
Avenida Paulista,
São Paulo, SP, 1952.

Apesar da melhoria nas instalações, a exigüidade dos espaços não corresponde à visibilidade desejada pela instituição. Na avaliação de Pietro Maria Bardi (1992), o crescimento da demanda por cursos na área das artes visuais justifica a busca de espaços alternativos. Com base em tais pretextos, o acervo do Masp e os cursos ministrados pelo IAC são transferidos para o edifício da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), no bairro paulistano do Pacaembu. Após desentendimentos não esclarecidos pelo crítico, a coleção do museu retorna ao seu abrigo na Rua Sete de Abril⁴⁴.

Pouco tempo depois surge nova oportunidade prontamente acatada pela diretoria do Masp: a construção de uma sede definitiva na Avenida Paulista, no mesmo local onde fora implantada a I Bienal do MAM/SP em 1951. Tal processo prenuncia o deslocamento do eixo cultural da cidade para a Avenida Paulista, em detrimento da região central. Além disso, evidencia embates pela concessão pública do terreno entre as instituições, na medida em que era prevista para o local a construção de um projeto assinado por Affonso Eduardo Reidy para a sede definitiva do MAM/SP⁴⁵.

Após controvertida disputa, o direito de uso do belvedere do Trianon é concedido ao grupo de Chateaubriand. Lina desenvolve o projeto do museu preservando o espírito do antigo mirante e a distribuição dos espaços adotada na I Bienal. Sua proposta concentra no subsolo as atividades de serviço e três grandes áreas para múltiplos usos, além de auditório, biblioteca e restaurante. Mas, ao contrário do Pavilhão da Bienal, desprende o núcleo expositivo principal da cota topográfica da Avenida Paulista por meio de um sistema de pórticos em concreto protendido, vencendo um vão livre de 74 metros com apenas quatro pontos de apoio.

58

Detalhe do vão livre
do Masp, em 2007

O primeiro andar do bloco suspenso é ocupado por uma sala de exposições temporárias ladeada por faixas contínuas reservadas à administração. O segundo andar abriga, em sua totalidade, a coleção permanente do museu. A apresentação das pinturas obedece a um inusitado sistema expositivo, constituído de painéis-caveleto de cristal que conferem fluidez e visão perspectiva do espaço, certamente presentes na concepção do projeto adotado na Rua Sete de Abril. Não há nenhuma identificação à frente da pintura, sendo o visitante convidado a observar, no verso dos painéis, a ficha técnica das obras.

O espaço coberto disponibilizado no piso térreo sedia múltiplas atividades, recriando o ambiente do Trianon sem recorrer ao esnobismo das soluções que caracterizavam o salão de baile anteriormente existente. O belvedere de Lina é uma praça cívica desprovida de sofisticação – como, aliás, todo o conjunto, no sentido corrente da palavra. Mas nem por isso deixa de ser plenamente assimilado pela população, carinhosamente referendado como um dos símbolos da capital paulista: o vazio mais visível da cidade⁴⁶.

mam/sp

A idéia da criação de um museu paulistano de arte moderna pode ser atribuída a diversas realizações que remontam à década de 1930, merecendo menção as iniciativas do Clube de Artistas Modernos e da Sociedade Pró-Arte Moderna e o cosmopolitismo dos Salões de Maio, na avaliação de Paulo Mendes de Almeida (1976). As ações do Departamento de Cultura da prefeitura paulistana, esboçadas anteriormente, constituem outra possível referência ao estabelecimento do MAM/SP, na avaliação de Aracy Amaral (1983) e de Maria Cecília França Lourenço (1990).

A criação do MAM/SP também conta com a adesão do MoMA à causa defendida por intelectuais paulistas, como sinaliza a vasta correspondência entre Nelson Rockefeller, Francisco Matarazzo Sobrinho, Carlos Pinto Alves e Sérgio Milliet, em levantamento continuamente ampliado pelos historiadores. Os contatos são iniciados em 1946, quando da visita do norte-americano ao Brasil, efetuada sob o pretexto de doar 13 obras para futuros museus em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre⁴⁷.

59

Francisco Matarazzo Sobrinho e Nelson Rockefeller assinam acordo, c. 1948

Na inexistência de uma sede para o futuro museu paulistano, as obras são guardadas na seção local do IAB, por sugestão do diplomata Carleton Sprague Smith⁴⁸. Visto isoladamente, o fato indica confiança e denota solidez nas relações travadas com a diretoria do MoMA, ainda que o exame dos intercâmbios posteriores frustre as expectativas iniciais. Num campo mais amplo, sinaliza a aproximação bilateral e o crescente amparo das agências norte-americanas para a concessão de bolsas de estudos a jovens promissores. O auxílio financeiro prestado pela Fundação Guggenheim à permanência de João Batista Vilanova Artigas nos Estados Unidos, em 1947, é exemplar desse processo.

O filantropismo dos organismos internacionais, apesar de colaborar para a instituição das normativas e diretrizes a serem seguidas pelo nascente museu paulistano, não supre as necessidades materiais necessárias ao empreendimento. Cientes dessa limitação, os intelectuais sedimentam vínculos com o empresariado local, desistindo de acreditar na pronta condução do poder público. As tratativas avançam rapidamente, sendo obliteradas da historiografia, conforme indicação de Ana Paula Nascimento (2003), experiências institucionais anteriores ao surgimento do MAM/SP: a Galeria de Arte Moderna e a Fundação de Arte Moderna, criadas, respectivamente, em maio de 1947 e janeiro de 1948.

As experiências são emblemáticas porquanto evidenciam os esforços pela maturação dos regulamentos e objetivos propostos para o futuro museu, tendo o MoMA papel crucial na definição dos termos a serem respeitados para a manutenção do “generoso” apoio concedido. Sem meias palavras, o intercâmbio é condicionado à existência de um corpo técnico qualificado e à participação de um quadro diretivo representativo, capaz de apresentar “um equilíbrio entre as atitudes da crítica estética”, na avaliação de Sprague Smith motivada pela notícia da criação da Galeria de Arte Moderna⁴⁹.

Entendido o recado do adido cultural norte-americano, o meio local esforça-se para atender às solicitações do missivista, incluindo no Conselho de Administração da Fundação de Arte Moderna expoentes da *intelligentsia* paulistana, entre os quais os arquitetos Eduardo Kneese de Mello, Luiz Saia e Rino Levi. A promoção de uma mostra de arte abstrata é anunciada como a primeira atividade programada da entidade, sendo bem acolhida por Sprague Smith e Rockefeller. Também acenam positivamente críticos e galeristas com os quais Cícero Dias, interlocutor de Ciccillo Matarazzo, trava contato em Paris⁵⁰.

O lançamento do Museu de Arte Moderna é meticulosamente preparado antes mesmo da definição de uma sede definitiva. São cogitadas a construção de um edifício, a instalação no segundo andar do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), na Rua Major Diogo, ou no edifício-sede do IAB, na Rua General Jardim⁵¹. Enquanto o assunto não chega a um termo conclusivo, Ciccillo aprimora a coleção da futura instituição, talvez para aproveitar as ofertas disponibilizadas pelo fragilizado mercado artístico europeu, ou quem sabe para estimular a rivalidade com as aquisições de Chateaubriand para o Masp.

A escritura de fundação do Museu de Arte Moderna é assinada em 15 de julho de 1948. Seu estatuto inaugural confirma a desenvoltura dos Matarazzo no meio local e, ao mesmo tempo, revela acuidade na composição dos quadros diretivos da entidade. Fazem parte do Conselho de Administração, entre outros, o crítico Sérgio Milliet e os arquitetos Eduardo Kneese de Mello, Jacob Maurício Ruchti, João Batista Vilanova Artigas, Luiz Saia e Miguel Forte⁵². Também assinam o documento os arquitetos Aldo Calvo, Carlos Cascaldi, Galiano Ciampaglia, Gilberto Junqueira Caldas, Giuseppe Severo Giacomini, Gregori Warchavchik, Léo Ribeiro de Moraes, Manilo Cosenza, Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar, Roger Henri Weiler, Salvador Candia e Virgílio Isola, muitos dos quais pertencentes aos quadros da seção paulista do IAB, sedimentando vínculos entre as entidades.

A realização de eventos artísticos fechados para convidados na Metalúrgica Matarazzo, no bairro paulistano do Brás, antecede a abertura da primeira sede do MAM/SP no espaço concedido por Assis Chateaubriand no edifício dos Diários Associados. Tais iniciativas, porém, não ampliam o público fruidor de arte nem tampouco sedimentam alianças entre Ciccillo e Chateaubriand. De um lado, pretendem tão-somente manter o MAM/SP em evidência no panorama

60

João Baptista
Vilanova Artigas.
Planta do MAM/SP
na Rua Sete de
Abril, 1949

artístico antes da inauguração da primeira sede; por outro lado, sua instalação no mesmo edifício ocupado pelo Masp sedimenta vínculos de proximidade entre as instituições, sob o falso emblema da comunhão artística.

Para desenvolver o projeto de adaptação espacial da primeira sede do MAM/SP, Vilanova Artigas é convocado, possivelmente em decorrência de sua atuação no conselho da entidade. Não são conhecidos os fatores a motivar o descarte de Warchavchik e Rino Levi, certamente mais reconhecidos no plano internacional se comparados ao jovem arquiteto. Suposições à parte, a adaptação de Artigas reitera o caráter dinâmico pretendido pelos defensores de uma instituição mais voltada para a promoção social, por meio de

cursos, conferências, debates, mesas redondas e outras iniciativas de difusão cultural, como por exemplo, a exibição de filmes de divulgação científica, exposição de arte aplicada ao mobiliário, às técnicas em geral, à indústria, iniciativas (...) que se enquadram perfeitamente nas suas finalidades.⁵³

61
João Baptista
Vilanova Artigas.
Croquis do MAM/SP
na Rua Sete de
Abril, 1949

62
MAM/SP.
Vista da Exposição
de Máquinas de
Leonardo da Vinci

As instalações do MAM/SP correspondem a aproximadamente metade da área disponibilizada para a implantação do Masp em sua fase inaugural, não ultrapassando um total de 500 metros quadrados, distribuídos entre uma sala para exposições coletivas, outra para mostras individuais, ambas com pé-direito duplo, e um longo corredor para exposições didáticas. As instalações do museu são complementadas com recepção, chapelaria, bar, administração e auditório; no mezanino, com sala de leitura, biblioteca, secretaria, diretoria e reserva técnica de obras. Para sediar os cursos promovidos pela Escola de Artesanato⁵⁴, são alugados imóveis nas proximidades, evidenciando a escassez de espaços da sede inaugural do MAM/SP.

O projeto de Artigas, em linhas gerais, não se diferencia do partido adotado no Masp, enfrentando dificuldades similares para adequar espaços originalmente concebidos para uso comercial. A existência de pilares soltos das paredes e a presença de grandes aberturas constituem problemas para a apresentação e

a conservação das obras. Em ambos os projetos a modulação estrutural induz à ocupação do espaço, sendo propostos elementos metálicos para o suporte das obras, proporcionando múltiplas possibilidades de arranjo nas áreas centrais das salas. A incidência de luz natural é atenuada com a utilização de persianas e, em alguns casos, é parcialmente vedada por meio de painéis contíguos às alvenarias, ampliando a superfície linear disponível para a apresentação dos trabalhos.

A importância dos núcleos de convivência constitui o maior diferencial entre os projetos, sinalizando distinções nos objetivos propostos. As narrativas existentes parecem atribuir ao Masp maiores cuidados no tratamento e na apresentação das exposições, possivelmente motivados pela experiente condução dos Bardi. Em contrapartida, a ênfase concedida aos espaços de encontro pode ser vista como o diferencial do MAM/SP, porquanto evidencia a atuação mais participativa de seus associados. Por esse raciocínio, o Bar do Museu, como passa a ser conhecido o pequeno bar assinado por Artigas, pode ser considerado o elemento catalisador de polêmicos debates, deflagrados antes mesmo da inauguração da mostra *Do Figurativismo ao Abstracionismo*, em 8 março de 1949.

Organizada pelo crítico belga Léon Degand, a exposição suscita críticas ao sugerir um percurso cronológico no desenvolvimento das artes visuais, indicando antecedência à abstração e contemporaneidade à figuração. Além disso, é acusada de difundir conteúdos não comprometidos com a realidade brasileira, na avaliação de Di Cavalcanti e de outros expoentes que acreditam no alcance político da atividade artística. Por outro lado, é exaltada como oportunidade ímpar, capaz de apresentar um conjunto significativo de trabalhos de diferentes tendências, incluindo a participação de Samson Flexor e de Waldemar Cordeiro entre os artistas de vertente não-figurativa⁵⁵. Os noticiários locais aproveitam-se dos fatos e ampliam seus ecos para muito além do espaço expositivo, exaltando ou execrando a iniciativa de Francisco Matarazzo Sobrinho.

A consagração definitiva do empresário no plano internacional dependeria de um ato ousado, duramente criticado mas certamente bem-sucedido: a montagem de uma bienal de artes em São Paulo. Segundo depoimento do próprio Ciccillo, a idealização do evento remonta ao período de fundação do MAM/SP, muito embora tenha sido lançado oficialmente em 30 de novembro de 1950, quando são apresentados o Regulamento e as Normas Gerais da I Bienal do MAM/SP, que inclui, além da mostra de arte, o Festival Internacional de Cinema e a Exposição Internacional de Arquitetura⁵⁶.

Mesmo antes da concretização da idéia, a I Bienal já desperta a apreensão de alguns setores do meio artístico brasileiro. O clima de expectativa – em parte gerado pela grandiosidade pretendida – incorpora aos discursos, além da discussão de cunho estético, a defesa de atitudes políticas, tendo como ponto central a ligação do MAM/SP com agências de cooperação norte-americanas empenhadas em sedimentar laços com o Brasil e com outros países latino-americanos.

Outros ataques contra o certame são deflagrados por setores conservadores ligados à Associação Paulista de Belas Artes, como a acusação de incutir um “esnobismo borboleteante e frívolo”, altamente prejudicial “à formação artística de nossa mocidade”⁵⁷. No outro extremo, Vilanova Artigas, já afastado da Comissão Artística do MAM/SP, identifica o evento como o “canto da sereia” que procura formar entre nós “uma classe compradora da arte abstrata, que já aparece entre os ‘tubarões’ que ligaram seus nomes aos prêmios”⁵⁸.

63

Luis Saia.
Croqui do Pavilhão
do Trianon, sede da
I Bienal do MAM/SP

*data projeto
I Bienal do MAM/SP, sede da mostra no Pavilhão
do Trianon*

Pietro Maria Bardi, preocupado com o desprestígio do Masp em face do êxito da iniciativa lançada pela instituição rival, mostra-se prudente ao não desqualificar publicamente as bienais nos periódicos daquele período. Assumindo uma postura cordial, chega inclusive a transportar, misturadas à sua bagagem, obras remetidas pelo Royal Institute of British Architects para a I Exposição Internacional de Arquitetura (EIA)⁵⁹. Anos depois, sem posicionar-se ideologicamente, avalia as primeiras bienais como “o carro adiante dos bois”⁶⁰.

Os periódicos de grande circulação, mais favoráveis do que contrários à idéia, creditam manifestações de apoio para sensibilizar a opinião popular e fortalecer a participação governamental. Diariamente são noticiadas movimentações em torno da mostra, indicando com euforia a adesão de cada nova representação nacional. Apesar dos percalços decorrentes da organização de uma mostra de grandes proporções, a I Bienal do MAM/SP não arranha a imagem da nação, nem tampouco a reputação dos autores do Pavilhão do Trianon, Eduardo Kneese de Mello e Luis Saia, entre seus pares.

Mas, possivelmente em decorrência de expectativas não alcançadas pelo pavilhão da Avenida Paulista, formalizadas por Lourival Gomes Machado no catálogo da mostra, Mello e Saia não são convocados para assinar as instalações da segunda bienal paulistana, assunto a ser abordado mais adiante. Tal atribuição acaba sendo designada a Oscar Niemeyer e equipe composta de arquitetos cariocas e paulistas, arrefecendo possíveis embates entre a diretoria do MAM/SP e expoentes do meio local, conforme depoimento de Francisco Matarazzo Sobrinho à Radio e Televisão Cultura, em 1977⁶¹.

A consagração do Parque Ibirapuera como *locus* privilegiado para a promoção de exposições incita a manutenção de acordos com a prefeitura para a realização da III Bienal no Palácio dos Estados e no Palácio das Nações, sendo o Palácio das Indústrias utilizado como abrigo das bienais a partir da sua quarta edição. Talvez para facilitar o gerenciamento das bienais, a sede do MAM/SP é transferida em 1958 para o Museu da Aeronáutica e, no mesmo ano, para o último andar do Palácio das Indústrias.

O MAM/SP ali permanece até a sua extinção jurídica, em 1963. No mesmo ano, as bienais passam a ser organizadas pela Fundação Bienal de São Paulo e o acervo do museu é incorporado pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP)⁶². Apesar dos esforços para garantir espaço para múltiplos enfoques, sem estabelecer hierarquia de tratamento entre diferentes manifestações artísticas, não se constitui, no MAC/USP, uma seção especificamente dedicada à arquitetura, fato a demandar, em outro estudo, maiores esclarecimentos.

mam/rj

A fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – uma sociedade civil sem fins lucrativos – acompanha, em linhas gerais, a mesma sistemática aplicada nos museus renovados paulistas, tendo à frente a ação combativa da intelectualidade local. Em 12 de agosto de 1947 é anunciada a formação de uma diretoria provisória, presidida pelo empresário Raymundo Ottoni de Castro Maya⁶³. No ano seguinte, o MAM/RJ é constituído juridicamente, sendo previstos cursos, conferências, exposições e debates nos campos das artes visuais, música, teatro, cinema e folclore⁶⁴.

Em 20 de janeiro de 1949, o museu é aberto ao público no último andar do Banco Boa Vista, assinado por Oscar Niemeyer. Não foram localizados registros sobre a adaptação das salas concedidas pelo Barão de Saavedra, inauguradas com a exposição *Pintura Européia Contemporânea*, organizada pelo crítico Mário Barata. A mostra reúne um pequeno mas significativo conjunto de trabalhos abstratos, predominantemente francês e norte-americano, no qual estão presentes três obras ofertadas por Nelson Rockefeller quando de sua visita ao país, em 1946⁶⁵.

A adesão de Niomar Moniz Sodré e Paulo Bittencourt, ligados ao diário *Correio da Manhã*, fomenta novas perspectivas à instituição. Como diretora executiva, Niomar empreende campanha para reorganizar os estatutos e dinamizar as atividades do museu. Em 15 de janeiro de 1952, a sede do museu é transferida para o Mi-

64

Oscar Niemeyer.
Banco Boa Vista,
primeira sede do
MAM/RJ, em 2006

65

Vista da Exposição
Férrand Léger,
MAM/RJ, 1955

nistério da Educação e Saúde, com adaptação espacial assinada por Oscar Niemeyer. Na ocasião, são expostas peças da coleção e 41 trabalhos premiados na I Bienal do MAM/SP, sinalizando interlocuções entre as instituições, mantidas ao longo da década.

Em 1953, os estatutos do MAM/RJ são novamente formulados, sem modificar a dinâmica anteriormente proposta, claramente inspirada nas diretrizes do MoMA nova-iorquino. Apesar dos avanços na promoção de atividades, a precariedade das instalações do MAM/RJ mobiliza ações para a construção de uma sede definitiva, possibilitada a partir da concessão, mui generosa, de um espaço público municipal de 40.000 metros quadrados no Parque do Aterro do Flamengo, na época em fase de estudos.

Na avaliação da diretora executiva adjunta do MAM/RJ Carmen Portinho, publicada em Bonduki (1999: 171), o nome de Oscar Niemeyer chega a ser aventado para desenvolver a proposta, por indicação de Rodrigo Mello Franco de Andrade, membro do Conselho Consultivo do museu e diretor do Sphan. Mas, por intermédio do prefeito João Carlos Vidal (1951-1952), a encomenda passa às mãos de Affonso Eduardo Reidy, sob a alegação de que caberia ao município escolher o nome do responsável pelo projeto⁶⁶.

66

Affonso Eduardo Reidy.
Fotomontagem do maquete
do projeto da sede do MAM/RJ
no Parque do Aterro do
Flamengo, Rio de Janeiro, DF

O início dos trabalhos remonta a 1953, com a definição das linhas mestras do plano, caracterizado pela horizontalidade dos volumes, em diálogo com a exuberante paisagem natural, com a separação de usos em três blocos semi-independentes, identificados como Bloco Escola, Teatro-Auditório e Galeria de Exposições. Tal estratégia, além de facilitar a organização das atividades, permite a construção dos edifícios em etapas.

O primeiro a ser concluído, em 1958, é o Bloco Escola, com 10.000 metros quadrados de área em três pavimentos. O térreo abriga salas de aula, ateliês e oficinas de gravura, encadernação e fotografia, além de cantina e depósitos. O mesmo piso também concentra setores de

apoio ao espaço expositivo, sendo alocados no subsolo serviços de catalogação, montagem, reserva técnica e carpintaria. Sobre a laje dos ateliês e depósitos, são previstos bar, restaurante e terraço-passarela que atravessa a Galeria de Exposições, de modo a configurar uma interligação entre o Bloco Escola e o Teatro-Auditório.

A Galeria de Exposições, aberta ao público em 1968, constitui o principal elemento de articulação do conjunto. Sua marcante volumetria resulta da associação de 14 pórticos estruturais espaçados a cada 10 metros, vencendo um vão de 26 metros entre os apoios. A utilização desses pórticos permite sustentar os pisos sem qualquer interferência de pilares nas áreas expositivas e nos espaços reservados a administração, biblioteca e auditório. O pavimento térreo é ocupado apenas parcialmente, sendo visualmente dominado pela escada escultural que conduz os visitantes às salas de exposição. Os demais espaços integram-se às áreas externas, públicas por excelência e por apropriação cotidiana.

O Teatro-Auditório, inaugurado após quase cinco décadas de paralisação das obras, em 2006, preserva a volumetria original do projeto, atendendo às exigências impostas pelo tombamento do conjunto em nível federal. Na parte interna, em contraponto, são introduzidas alterações motivadas por mudanças nas normas de segurança vigentes e pela ampliação da capacidade de público, passando de 1.000 para 2.600 pessoas sentadas, de acordo com os descritivos de ambos os projetos⁶⁷.

A solução luminotécnica é minuciosamente descrita por Affonso Eduardo Reidy. Combina a iluminação natural, parcialmente atenuada pelo sombreamento dos pórticos de concreto, com fontes artificiais geradas pela mistura de fontes incandescentes e fluorescentes, obtendo-se uma temperatura de luz similar à da luz solar. Apesar dos cuidados dispensados ao assunto, o contato visual com as áreas externas interfere na apreciação das obras, porquanto sugere uma polêmica associação entre a obra de arte e a exuberante paisagem natural.

O exame das soluções projetuais do edifício-sede do MAM/RJ, em confronto com o partido arquitetônico do Masp, in-

67

Affonso Eduardo Reidy.
Projeto da sede do MAM/RJ:
estudo de implantação
no Parque do Aterro do
Flamengo, Rio de Janeiro, DF

68 e 69

Affonso Eduardo Reidy.
Corte do projeto da sede do
MAM/RJ e vista da escada de
acesso principal durante a etapa
de construção do Bloco de
Exposições, década de 1950

70 e 71
Affonso Eduardo Reidy.
Vistas do Bloco de
Exposições do MAM/RJ
durante a construção e
em 2006

dica questões de consenso, muito embora sejam observadas diferenças substantivas entre as condicionantes básicas dos programas de necessidades. Entre os pontos em comum, o desejo de implantar conjuntos referenciais ao meio urbano, de modo a torná-los emblemáticos à produção arquitetônica brasileira. Nos exemplos mencionados, a planta livre é vista como o elemento indutor de flexibilidade na ordenação das salas de exposição, mas nem sempre o “espaço fluente” garante as melhores condições de apresentação aos objetos artísticos, caso sejam considerados aspectos relacionados à conservação e à segurança do acervo.

arquitetura nos museus de arte

No período que se estende entre a fundação dos museus de arte renovados – Masp (1947), MAM/SP e MAM/RJ (1948) – e a inauguração da I Bienal do MAM/SP (1951), são significativos os esforços para inserir a arquitetura moderna na agenda cultural metropolitana. Entre as realizações empreendidas pelas nascentes instituições, o Masp sobressai em termos quantitativos e qualitativos, promovendo cursos, conferências, exposições temáticas e mostras individuais.

De acordo com o livro *História do Masp*, de Pietro Maria Bardi (1992), a relação de atividades propostas pelo museu inclui cursos de Pier Luigi Nervi (1950 e 1951), na área de cálculo estrutural, e conferências de Henrique Mindlin (1948), Oscar Niemeyer (1948 e 1949) e Rino Levi (1949), sendo a última organizada no âmbito da mostra *Arquitetura Hospitalar* (1949), e as demais dedicadas ao debate da produção arquitetônica moderna⁶⁸.

Em 1948 são arroladas as mostras Planos de Londres, I Exposição de Arquitetura Brasileira e I Exposição Internacional de Arquitetura Contemporânea, e, em 1951, a exposição Arquitetura Naval. Destas, não se tem notícias da realização da primeira e da última, sendo a segunda cogitada mas não concretizada, e a terceira transferida para o saguão da Biblioteca Pública Municipal, de acordo com a investigação de Renata Vieira da Motta (2003: 118-122) nos arquivos do Masp⁶⁹.

Bardi (1992: 162) também indica a montagem das exposições Lúcio Costa (1947), Le Corbusier (1950), Max Bill (1950) e Richard Neutra (1950). Em etapa anterior de estudos, questionou-se a imprecisão dos dados, em função da inexistência de qualquer documento sobre as mostras de Costa e Neutra⁷⁰. Sabe-se da colaboração do Masp para a publicação de dois livros de Neutra⁷¹, mas não se confirma a realização de nenhuma individual do arquiteto naquela instituição⁷².

A coleta de dados da presente pesquisa indica a realização de outra mostra “esquecida” por Bardi mas problematizada na quarta edição da revista *Habitat*: trata-se de Arquitetura Escolar (1951), organizada para celebrar a ação da Comissão Executiva do Convênio Escolar (1948-1952), gerenciada pelo arquiteto Helio Queiroz Duarte e responsável pela construção de mais de uma centena de projetos, entre bibliotecas, escolas, parques infantis e teatros populares na cidade de São Paulo⁷³.

A seleção de nomes e temas, apesar das lacunas apontadas, não privilegia tendências formais ou vertentes ideológicas específicas, isentando a instituição de sectarismos justamente em um período reconhecido pela sedimentação de antagonismos no ambiente artístico brasileiro. Vale dizer, em outras palavras, que o Masp procura aproximar-se dos arquitetos sem alimentar polêmicas ou discussões de cunho social, cotidianamente travadas nos salões do IAB, do MAM/SP ou nos bares das imediações⁷⁴.

Por outro lado, de que maneira se pode interpretar a não-inclusão de atividades voltadas à arquitetura moderna no calendário de eventos do MAM/SP e do MAM/RJ nos anos que antecedem a primeira bienal paulistana? Muitas hipóteses podem justificar o lapso. A precariedade das instalações inaugurais do MAM/SP e do MAM/RJ pode ser vista como um indicativo relevante, pois determina um parâmetro básico para o planejamento das atividades museais. Os prejuízos são ainda mais evidentes para o MAM/RJ, que não dispõe de meios para abrigar cursos nas suas primeiras sedes provisórias, na cobertura do Banco Boa Vista e no Ministério da Educação e Saúde.

Se o problema é de ordem física, como explicar a não-inclusão de palestras no MAM/SP e no MAM/RJ, levando-se em conta a participação de expoentes de renome internacional em seus quadros diretivos?⁷⁵ Possivelmente, em função da atuação combativa do IAB no Rio de Janeiro, sede nacional da entidade, e nos diretórios de São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre, em pleno funcionamento⁷⁶. Também não se pode excluir a contribuição do ambiente estudantil de Salvador e Recife, compensando em parte a falta de uma representação regional do IAB no início da década de 1950⁷⁷.

72 e 73
Capas dos livros de
Le Corbusier e Neutra,
lançados pelo Masp
em 1950

Com o advento das Exposições Internacionais de Arquitetura, em 1951, as instituições culturais surgidas no pós-guerra empreendem um conjunto maior de iniciativas voltadas à difusão da arquitetura moderna. Em 1952, o MAM/SP promove duas conferências de Giovanni Ponti, intituladas *Arquitetura Brasileira* e *50 Perguntas e 50 Respostas*, e outra do italiano Ernesto Rogers, com o tema *Arquitetura Contemporânea*. Dois anos depois, no rastro da II Bienal e do Congresso Brasileiros de Arquitetos, Walter Gropius apresenta as conferências *O Arquiteto* e *O Nosso Ambiente Visual* e *A Arquitetura de Hoje*. Também em 1954, o MAM/SP organiza a mostra *Projetos Arquitetônicos*, *Cartazes*, *Selos* e *Medalhas Premiadas* nos Concursos do IV Centenário de São Paulo, e anuncia a sua primeira exposição individual de arquitetura, dedicada aos projetos residenciais de Richard Neutra, cuja realização não se confirma em depoimento de Júlio Roberto Katinsky⁷⁸.

Em paralelo, o MAM/RJ amplia o espectro de suas realizações e, a partir de 1952, oferece cursos aos seus associados. Dada a exigüidade de seus espaços inaugurais, as aulas são ministradas em diversos locais, até mesmo em barracões provisórios erguidos no Aterro do Flamengo, ao lado da futura sede do museu. No campo da arquitetura, os cursos abordam temas ligados ao desenho industrial e à decoração de interiores, e conta com profissionais atuantes no meio local, a exemplo de Wladimir Alves de Souza⁷⁹. Some-se ainda a promoção de debates abertos ao público, entre os quais as ruidosas conferências de Max Bill em 1953⁸⁰, desdobradas em calorosas manchetes nos principais veículos de comunicação de massa.

De forma notável, praticamente todas as atividades do MAM/SP e do MAM/RJ voltadas à arquitetura evidenciam nomes consagrados pela crítica internacional, nem sempre conhecidos no meio local, mas quase sempre envolvidos em polêmicos debates. O fato chama atenção na medida em que denota a preocupação dos organizadores em selecionar temas de maior repercussão de público e de crítica, capazes de inscrever definitivamente as instituições no cotidiano das metrópoles.

74

Capa de *Habitat*,
São Paulo, 1950

A afirmativa também pode ser aplicada ao Masp, não apenas pelo mérito das realizações, como também pela divulgação das mostras nos veículos que compõem os Diários Associados. Ressalte-se, no mesmo sentido, a contribuição prestada pela revista *Habitat* para difundir o ideário de especialistas vinculados ao Masp, entre os quais se inserem os críticos Flávio Motta, Geraldo Ferraz, José Geraldo Vieira e Pietro Maria Bardi, e os arquitetos Abelardo de Souza e Lina Bo Bardi.

Fundada em outubro de 1950, pela iniciativa de Pietro e Lina, a revista *Habitat* desempenha relevante papel na análise crítica dos principais temas do debate artístico do período. Entre os artigos dedicados às mostras de arquitetura anteriores ao advento das bienais paulistanas, a revista dá especial destaque às exposições de Le Corbusier e Max Bill, realizadas pelo Masp, respectivamente, em 1950 e 1951, além de documentar, em seus editoriais, a realização de cursos e conferências.

75

Vista da Exposição
de Le Corbusier
no Masp, 1950

A mostra de Le Corbusier, organizada pelo Instituto de Arte Contemporânea de Boston e originalmente intitulada *New World of Space*, compõe-se de anotações de viagens, desenhos de detalhes de edifícios da Antiguidade, pinturas, aquarelas e reproduções fotográficas de afrescos, esculturas e decorações murais. Os projetos arquitetônicos e urbanísticos, expostos em painéis dimensionados de acordo com o *modulor* – nova unidade de medida proposta pelo expositor –, são acompanhados de legendas minuciosas, oferecendo aos visitantes um panorama abrangente da trajetória profissional do arquiteto, com significativa repercussão entre os estudantes.

O relato da mostra, inserido na edição inaugural da revista, centraliza a discussão em torno do sistema métrico formulado por Le Corbusier, acreditando que, se por um lado “a escala humana é uma dura conquista da arquitetura contemporânea”, o *modulor* pode ser considerado perigoso, na medida em que “a escala humana é variável, adaptável e flexível”. Outro perigo, apontado no mesmo artigo, seria a fixação de regras derivadas da matemática para resolver os problemas da forma arquitetônica, fator de reprodução de um “academismo típico das expressões ditatoriais e imperialistas”⁸¹, opinião compartilhada por João Baptista Vilanova Artigas no artigo “Le Corbusier e o imperialismo”, inserido na revista *Fundamentos*⁸².

Max Bill, em contraponto às idéias defendidas por Le Corbusier, muda o tom das discussões no artigo “Beleza provinda da função e beleza como função”, inserido no segundo número da publicação, meses antes da inauguração da primeira bienal paulistana. No artigo, Bill defende os critérios pedagógicos adotados pela Bauhaus, acreditando ser urgente rever o processo de integração entre as artes visuais e a arquitetura, de modo que garantisse o comprometimento social da produção arquitetônica, sem que, para tanto, fossem descartadas pesquisas no campo das artes visuais.

Como pano de fundo, o artigo apresenta farta documentação fotográfica da mostra, composta de desenhos, pinturas, esculturas, projetos arquitetônicos e de design. Entre os objetos reproduzidos individualmente, merecem especial destaque as esculturas *Construção* (1939), *Construção de Dois Círculos* (1947-1948) e *Unidade Tripartida* (1947-1948), premiada na I Bienal do MAM/SP. Lamentavelmente, os documentos localizados não fazem qualquer menção aos projetos arquitetônicos apresentados nos salões do Masp.

76 e 77
Vistas da exposição de
Max Bill no Masp, em 1951

Nas poucas linhas dedicadas à análise do conjunto exposto, o artigo ressalta a importância da mostra para sedimentar uma crítica nacional conseqüente, capaz de compreender e difundir amplamente os resultados das pesquisas artísticas recentes, o que certamente demandaria “um preparo histórico e de cultura geral”⁸³. Pode-se assim dizer que o artigo prenuncia os mal-entendidos desencadeados com as declarações de Max Bill em 1953, quando solicitado a tecer considerações sobre a arquitetura moderna brasileira.

78
Max Bill diante do
Ministério da Educação, 1953

Coincidência ou não, as exposições de Max Bill e Le Corbusier sinalizam questões relevantes ao cotidiano arquitetônico dos anos 1950, muito além de apresentar pontos de vista divergentes no que se refere aos debates entre forma e função. Le Corbusier, colocado à margem

dos principais acontecimentos brasileiros, findos os trabalhos do Ministério da Educação, retoma o diálogo e o prestígio de outrora, ainda que tenham sido registradas acusações entre o arquiteto franco-suíço e a equipe brasileira responsável pelo projeto, em decorrência da atribuição da autoria e dos honorários devidos⁸⁴. Max Bill, em contraponto, tem sua reputação colocada em xeque ao questionar o caráter excessivamente formal da produção arquitetônica brasileira, mesmo tendo sido premiado na primeira bienal paulistana e convidado a integrar o júri da II EIA, conforme será visto mais adiante.

notas do primeiro capítulo

- 1** A versão completa de Brazil Builds (pacote com 12 caixas, peso total aproximado de 1,3 tonelada) é exposta em Boston, Poughkeepsie, Pittsburgh, Cidade do México, Filadélfia, Rochester, Andover, Saint Louis, Toledo, Toronto, Minneapolis, Kansas City, Colorado Springs, San Francisco, Seattle, Cleveland e Winnipeg. A versão reduzida da mostra (pacote com duas caixas, peso total aproximado de 160 quilos) circulou por 13 cidades do hemisfério norte. O MoMA também comercializou para 18 localidades uma versão em diapositivos. A versão brasileira (pacote com seis caixas, peso total aproximado de 600 quilos) é apresentada no Rio de Janeiro, no MES; em Belo Horizonte, no Edifício Mariana; em São Paulo, na Galeria Prestes Maia, e depois segue para Santos, Campinas, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Jundiaí e Franca. Para maiores informações, consultar DECKKER, Zilah Quezado. *Brazil Built: the Architecture of the Modern Movement in Brazil*. London: Spon Press, 2001.
- 2** Em 1944, Sérgio Milliet publica o primeiro volume de seus diários. Em 1945, publica o segundo e o terceiro volumes. Em 1946, o quarto. Em 1947, o quinto. Em 1949, o sexto. Em 1953, o sétimo e o oitavo volumes. Em 1957, o nono. Em 1959, o décimo volume. Em 1981, os dez volumes do *Diário Crítico de Sérgio Milliet* são relançados pelas paulistanas Editora da Universidade de São Paulo e Martins Fontes. In: GONÇALVES, Lisbeth Rebol. *Sérgio Milliet, crítico de arte*. São Paulo: Edusp: Editora Perspectiva, 1992. p. 165-181.
- 3** A indicação de Warchavchik para ocupar o cargo de representante Ciam na América Latina é feita por Le Corbusier quando de sua primeira visita ao Brasil, em carta endereçada a Siegfried Giedion (1888-1968) em 27 de novembro de 1929.
- 4** A crítica de Oswald de Andrade é originalmente publicada no jornal paulistano *Diário da Noite* em julho de 1930, sendo posteriormente republicada na também paulistana *Arte em revista* n° 4, em agosto de 1980.
- 5** Segundo o catálogo da Semana de Arte Moderna, participam da exposição os arquitetos Antonio Garcia Moya e Georg Przyrembel, os escultores Victor Brecheret e Wilhelm Haarberg e os pintores Alberto Martins Ribeiro, Anita Malfatti, Emiliano Di Cavalcanti, Ferrignac (pseudônimo de Ignácio da Costa Ferreira), John Graz, Vicente do Rego Monteiro, Yan de Almeida Prado (pseudônimo de João Fernando de Almeida Prado) e Zina Aita. Fonte: AMARAL, Aracy Abreu. *Artes plásticas na Semana de 22*. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- 6** Fundado na capital paulista em oposição ao Partido Republicano Paulista (PRP), o Partido Democrático (PD) defende a restauração de princípios republicanos (eleições livres, governo constitucional e liberdades civis) não respeitados pelos governistas. Na sucessão de Washington Luís, o PD participa da Aliança Liberal, apoiando Getúlio Vargas contra o candidato situacionista, Júlio Prestes, que vence as eleições sob suspeita de fraude. Para maiores informações, ver PRADO, Maria Lígia Coelho. *A democracia ilustrada* (o Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934). São Paulo, Ática, 1986; e SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo, 1930 a 1964*. 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.
- 7** Segundo o historiador Adolfo Morales de los Rios Filho, Augusto Henrique Vitor Grandjean de Montigny (1776) é o arquiteto responsável pela organização do ensino de arquitetura na Academia Imperial de Belas Artes, formando 50 discípulos entre 1926, ano de abertura da escola, até 1950, quando falece. Entre os alunos de Montigny, destacam-se José Maria Jacinto Rebelo (1821-1871) e Manuel José de Araújo Porto Alegre (1806-1879). In: *Sobre a história do ensino de arquitetura no Brasil*. São Paulo: Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura, 1977. p. 48-52.
- 8** Os professores catedráticos são mantidos em suas funções. Affonso Eduardo Reidy, Alexander Buddeus e Gregori Warchavchik, identificados com a plataforma de ensino proposta por Lucio Costa, são recrutados por contrato. Sobre o assunto, ver BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 71-74.
- 9** Protomodernismo: “Tendência arquitetônica surgida na Europa na década de 1910. Situa-se entre o ecletismo e o modernismo. Caracteriza-se pela adoção simultânea da vertente classicista e de uma atitude moderna coincidente com a difusão do concreto armado e maior racionalização da construção”. In: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de arquitetura*. São Paulo: ProEditores, 2000. p. 521.
- 10** Entre 1931 e 1933, Lucio Costa e Gregori Warchavchik desenvolvem diversas obras residenciais no Rio de Janeiro, a exemplo da residência Schwartz, criada com a participação de Roberto Burle Marx, e do Conjunto Residencial da Gamboa, possivelmente a primeira realização modernista no campo da habitação de interesse social no Brasil.
- 11** Entre 1931 e 1935 são projetadas no Rio de Janeiro 28 escolas de cinco diferentes tipologias, satisfazendo aos novos conceitos pedagógicos elaborados pelo diretor do Departamento de Educação do Distrito Federal, Anísio Teixeira. Ver também SISSON, Rachel. *Escolas públicas do primeiro grau. Inventário, tipologia e história*. Rio de Janeiro 1870/1945. *Arquitetura revista*, Rio de Janeiro (8): 63-78.
- 12** Segundo Hugo Segawa (2002: 69), o Departamento de Correios e Telégrafos elaborou o mais ambicioso programa de normalização arquitetônica da década de 1930, mediante o projeto de sedes regionais nas capitais e agências nas principais cidades brasileiras: Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, Recife, Maceió, Aracaju,

Salvador, Belo Horizonte, Vitória, Curitiba e Florianópolis, entre as capitais, e Juazeiro, Alagoinhas, Feira de Santana, Ilhéus, Colatina, Cachoeiro de Itapemirim, Friburgo, Teresópolis, Poços de Caldas, Cambuquira, Lambari, Caxambu, Juiz de Fora, Uruguaiana, Alegrete, São Borja e Caxias do Sul, entre as cidades contempladas com agências construídas nos anos 1930.

13 A Sociedade Pró-Arte Moderna (Spam) é fundada em 23 de novembro de 1932 na casa de Gregori Warchavchik, capitaneada por Lasar Segall. Colaboram na Spam Anita Malfatti, Mário de Andrade e diversos expoentes da elite local, entre os quais Olívia Guedes Penteado e Paulo Prado. Em agosto de 1933, após promover a I Exposição de Arte Moderna da Spam e o baile Carnaval na Cidade de Spam, entre outras realizações, a agremiação se instala no quinto andar do palacete Campinas, na Praça da República. Ali são agenciados salão para exposições, concertos e conferências, sala de leitura e ateliê de artes. Na avaliação de Paulo Mendes de Almeida (1976: 42), o conjunto de ações desenvolvidas pela Spam constitui “um teste de resultados positivos sobre as possibilidades do ambiente artístico da cidade, sendo assim uma instituição pioneira do Museu de Arte Moderna de São Paulo.” Na lista dos sócios-fundadores da Spam e do MAM/SP estão presentes: Carlos Pinto Alves, Gregori Warchavchik, Mina Klabin Warchavchik, Moussia Pinto Alves, Paulo Prado e Tarsila do Amaral.

14 O Clube dos Artistas Modernos é fundado em 24 de novembro de 1932 no primeiro andar de um edifício situado nos baixos do Viaduto Santa Efigênia. Liderado por Flávio de Carvalho, o clube se afirma pelo tom descontraído e irreverente de suas atividades, contrapondo-se ao suposto elitismo da Spam. Em sua curta existência, o CAM promove amplo e significativo conjunto de realizações: exposições (por exemplo, Käthe Kollwitz, cartazes russos), conferências (por exemplo, Mário Pedrosa – Teoria Marxista sobre Arte, Jorge Amado – Cacau, Tarsila do Amaral – Arte Proletária), palestras (por exemplo, David Siqueiros), concertos (por exemplo, Camargo Guarnieri, Marcelo Tupinambá) e concorridas festas. Nas dependências de um antigo armazém situado no piso térreo do edifício, Flávio de Carvalho instala o “Teatro da Experiência”, sendo encenado três vezes apenas o *Bailado do deus morto*, em decorrência do fechamento do local pela polícia, após controversos embates entre setores conservadores da imprensa e intelectuais progressistas, entre os quais Caio Prado Junior, Geraldo Ferraz e Rubem Braga.

15 Sobre o processo de criação do Departamento de Cultura, ver SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (coord.). *São Paulo 1934-1938: os anos da administração Fábio Prado*. São Paulo: FAU/USP, 1999.

16 EXTRATO do decreto de fundação da USP. In: *Estudos avançados* vol. 8, n. 22, São Paulo, set./dez. 1994.

17 As atividades do Departamento de Cultura podem ser vistas como preparatórias à criação do Instituto Brasileiro de Cultura, semelhante aos existentes em Paris e Praga. Cf. NASCIMENTO, Ana Paula. *MAM: museu para a metrópole*. São Paulo: FAU/USP 2003.

18 CARTA de Mário de Andrade a Paulo Duarte, 1937. In: *Revista do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional* (30): 141, Rio de Janeiro, 2002.

19 Maiores informações sobre a Missão de Pesquisas Folclóricas podem ser obtidas em CARLINI, Álvaro. *Cachimbo e maracá: o catimbó da Missão* (1938). São Paulo: CCSP, 1993.

20 Entre os mais recentes estudos, ressalte-se a contribuição de José Tavares Correia de Lira, autor de diversos ensaios sobre Mário de Andrade, a exemplo de *Naufrágio e galanteio: viagem, cultura e cidades em Mário de Andrade e Gilberto Freyre*, publicado na *Revista brasileira de ciências sociais* em 2005.

21 De acordo com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), o Plano Cohen, divulgado em setembro de 1937 e atribuído à Internacional Comunista, teria sido formulado por comunistas com a intenção de tomar o poder. Anos depois, seria comprovada a falsidade do documento, forjado para justificar a instauração da ditadura do Estado Novo. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos30-37/ev_plano_cohen.htm>. Acesso em 25 abr. 2007.

22 O reconhecimento de Oscar Niemeyer como líder da equipe responsável pelo Ministério da Educação e Saúde pode ser constatado pela sua indicação para chefiar o projeto depois de iniciada a construção do conjunto, por indicação dos próprios arquitetos, com o consentimento de Lucio Costa.

23 No texto “A arquitetura e as belas-artes” (1936), escrito durante sua segunda estada no Brasil, Le Corbusier encoraja a idéia de integração das artes por meio da utilização de esculturas, painéis e composições murais nos edifícios, desde que implantados em locais adequados, em “raras ocasiões, muito particulares, muito exatas, bem explicáveis”. A idéia de *síntese das artes* é retomada em 1952, quando de sua participação na Conferência Internacional dos Artistas, realizada em Veneza. Na ocasião, afirma a necessidade de se exporem obras “realizadas dentro de condições arquitetônicas”, formando um “canteiro de síntese”, em que pintores e escultores, tomados por uma “consciência arquitetural: estética, plástica e ética”, passam a fazer parte das obras “arquitetadas”, aumentando, assim, sua visibilidade junto ao público. Para maiores esclarecimentos sobre

o assunto, ver CAMPOS, Maria Cristina André. *Memória urbana: mural moderno em São Paulo*. São Paulo: FAU/USP, 2001 [Dissertação de mestrado].

24 A Feira Mundial de Nova York, realizada em Flushing Meadow Corona Park, situado no Queens, é considerada uma das maiores feiras internacionais de todos os tempos, atraindo mais 44 milhões de visitantes entre 1939 e 1940.

25 NEW YORK World Fair. *Architectural forum*, New York, jun. 1939, p. 448-449. Além dos pavilhões de Brasil, Suécia e Finlândia, o artigo aborda os de Argentina, Austrália, Bélgica, Chile, Dinamarca, França, Holanda, Irlanda, Itália, Japão, Noruega, Polônia, Reino Unido, Suíça, União Soviética e Venezuela.

26 COSTA, Lucio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 192.

27 O número musical interpretado por Aurora Miranda no filme *Você já foi à Bahia?* (1945) é *Os quindins de Iaiá*, composta por Ary Barroso em 1940.

28 ANDRADE, Mário de. Brazil Builds. In: *Arte em revista* (4): 25-26, São Paulo, ago. 1980.

29 Entre os nomes apontados por Philip Goodwin no catálogo da mostra, estão incluídos Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde, Assis Figueiredo, diretor de Turismo do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e Nestor Egydio de Figueiredo, presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil.

30 Alexander Calder desenvolve estreitos laços de amizade com Henrique Mindlin e Maria Carlota Macedo Soares, entre outras personalidades do meio artístico brasileiro. Para maiores informações, ver SARAIVA, Roberta (org.). *Calder e o Brasil*. São Paulo: Cosac Naify: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006.

31 O artigo “O Paço Municipal”, de Geraldo Ferraz, publicado no jornal *Diário de São Paulo* em 12 de abril de 1939, fornece um interessante painel acerca dos projetos apresentados no concurso público instituído pela administração municipal.

32 Para maiores informações sobre o leque de opções culturais (galerias, teatros e cinemas) na São Paulo dos anos 1940, consultar NASCIMENTO, Ana Paula. *MAM: museu para a metrópole*. São Paulo: FAU/USP, 2003. [Dissertação de mestrado]

33 A criação do Conselho Nacional do Petróleo, pelo Decreto-lei nº 395, de 29 de abril de 1938, representa a primeira iniciativa consistente do Estado brasileiro para regular o setor petrolífero. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_estecon_cnp.htm>. Acesso em 25 abr. 2007.

34 O Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica é criado em março de 1939 para estudar e explorar o potencial energético do país, em especial o de origem hidráulica. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_

historia/htm/anos37-45/ev_estecon_cnaee.htm>. Acesso em 25 abr. 2007.

35 A Companhia Siderúrgica Nacional, fundada em 9 de abril de 1941, inicia suas operações em 1º de outubro de 1946 e é a primeira produtora integrada de aço plano no Brasil. Disponível em: http://www.csn.com.br/portal/page?_pageid=456,170479&_dad=portal&_schema=PORTAL&i=5&j=undefined. Acesso em 25 abr. 2007

36 A Companhia Vale do Rio Doce é criada em 1º de junho, em decorrência dos Acordos de Washington, por meio do Decreto-lei nº 4.352, tornando-se, em menos de uma década, responsável por 80% das exportações brasileiras de minério de ferro. Disponível em: <http://www.cvr.com.br/>. Acesso em 25 abr. 2007.

37 Sobre o processo de metropolização de São Paulo, ver MEYER, Regina Prosperi. *Metropole e urbanismo*: São Paulo anos 50. São Paulo: FAU/USP, 1991 [Tese de doutorado]; e SALVI, Ana Elena. *Cidades da civilização*: políticas norte-americanas no processo de urbanização brasileira com ênfase na metropolização paulistana dos anos 1950 a 1969. São Paulo: FAU/USP, 2005 [Tese de doutorado]. Sobre o processo de metropolização do Rio de Janeiro, ver: ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: IplanRio; 1997; e PIQUET, Rosélia (org.). *Rio de Janeiro*: perfis de uma metrópole em mutação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

38 A criação de entidades educativas e recreacionais mantidas por entidades patronais pode também ser verificada em países de regime totalitário, a exemplo do *dopo lavoro* vigente durante a ditadura fascista na Itália.

39 Para maiores esclarecimentos sobre o assunto, ver PINHEIRO, Cláudia (coord.). *IAB 80 anos no Rio de Janeiro*: catálogo. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 2001.

40 De acordo com a listagem completa dos presidentes do Instituto de Arquitetos do Brasil disponível em <http://www.iabsp.org.br/diretorias_anteriores.asp>. Acesso em 26 abr. 2007.

41 Refiro-me ao Studio de Arte Palma, galeria de arte criada e administrada por Pietro Maria Bardi em Roma, cujo nome será retomado quando da inauguração do estúdio homônimo fundado em parceria com Lina Bo e Giancarlo Piretti na capital paulista, em 1948. Sobre o assunto, consultar o artigo de Aline Coelho Sanches “O Studio de Arte Palma e a fábrica de móveis Pau-Brasil: povo, clima, materiais nacionais e o desenho de mobiliário moderno no Brasil”, publicado na revista *Risco*, São Carlos, n. 1, 2003.

42 Pietro Maria Bardi e Massimo Bontempelli fundam e dirigem, entre 1933 e 1936, a revista *Quadrante*, dedicada às artes e à arquitetura. Durante o período em que trabalha no escritório de Giò Ponti, Lina Bo colabora para

a revista *Domus*, tornando-se editora-chefe da publicação entre 1943 e a suspensão temporária da revista, motivada pelo contexto político da Segunda Grande Guerra.

43 O Instituto de Arte Contemporânea, idealizado e dirigido por Lina Bo e Pietro Maria Bardi, destina-se a formar profissionais das áreas de desenho industrial e comunicação visual. Além de Pietro e Lina, lecionam no IAC Flávio Motta, Jacob Ruchti e Oswaldo Bratke, entre outros. Sobre o assunto, consultar LEON, Ethel. *IAC Instituto de Arte Contemporânea Escola de Desenho Industrial do Masp (1951-1953) primeiros estudos*. São Paulo: FAU/USP, 2006 [Dissertação de mestrado].

44 Parte dos cursos ministrados pelo Masp são mantidos na Faap, fazendo parte do acordo celebrado entre as partes.

45 Na versão de Bardi, o projeto de Reidy é preterido por não cumprir a cláusula pétrea de doação do terreno, impondo a manutenção das visuais direcionadas ao centro da cidade. Mas parece ser mais provável que a escolha do Masp tenha sido efetivada em decorrência de acordos travados entre o chefe de finanças do museu, Edmundo Monteiro, e o prefeito da capital, Ademar de Barros, em troca do apoio dos Diários Associados à reeleição do prefeito. Vencido o pleito, Barros garante a concessão do terreno ao Masp. In: BARDI, Pietro Maria. *História do Masp*. São Paulo: Instituto Quadrante, 1992.

46 Parafraseando o título da dissertação *Vitória*: cidade e presépio; os vazios visíveis da capital capixaba, de Peter Ribon Monteiro, defendida na FAU/USP em 2002.

47 Das treze obras doadas, selecionadas pelo ex-diretor do MoMA Alfred Hamilton Barr, sete são encaminhadas ao MAM/SP: um óleo de Byron Browne (*Mulher de circo*, 1946), uma têmpera de Morris Graves (*Na noite*, 1943), um guache de Fernand Léger (*Composição*, 1938) e outro de André Masson (*Germinação*, 1942), uma aquarela de Georges Grosz (*A bestialidade avança*, 1933) e outra de Marc Chagall (*Primavera*, 1938-1939) e um móvel de metal de Alexander Calder (*Móvel amarelo, preto, vermelho e branco*, s.d.). Para maiores detalhes, consultar: AMARAL, Aracy Abreu. *Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*: perfil de um acervo. São Paulo: Technit, 1988.

48 A escolha do IAB/SP para a guarda das obras é justificada por “preencher os requisitos de neutralidade e responsabilidade”, nas palavras de Smith endereçadas a Sérgio Milliet. In: AMARAL, Aracy Abreu. *MAC. Uma seleção do acervo na Cidade Universitária*. São Paulo: MAC/USP, 1983. p. 9.

49 Carta de Carleton Sprague Smith para Carlos Pinto Alves datada de 23 de junho de 1947. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.

50 No período que antecede a criação do MAM/SP, os pintores Cícero Dias e Alberto

Magnelli, do círculo de amigos de Cicillo, preparam a exposição de arte abstrata concebida para inaugurar a Fundação de Arte Moderna. Para tanto, contam com a colaboração do galerista francês René Drouin, radicado em Nova York, e do crítico belga Léon Dégand, residente em Paris. Tal exposição seria, com efeito, a mostra inaugural do MAM/SP In: NASCIMENTO, Ana Paula. *Op. cit.* p. 109-111.

51 LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 107.

52 De acordo com a escritura pública de constituição de sociedade civil, fazem parte do Conselho de Administração do MAM/SP, além dos nomes citados, Aldo Magnelli, André Dreyfus, Antônio Candido Mello e Souza, Clóvis Graciano, Francisco Luis de Almeida Salles, Maria Penteado Camargo, Mario Gracioti, Oswald de Andrade Filho e Roberto Piva Meira, cabendo a Lourival Gomes Machado a direção artística.

53 FERNANDES, José Eduardo. *Museu de Arte Moderna de São Paulo. Fundamentos* (9/10): 194-197, São Paulo, mar./abr. 1949.

54 A Escola de Artesanato, dirigida por Nelson Nóbrega, funciona entre 1952 e 1959 na Praça Roosevelt, 227. Mantida com apoio da prefeitura, propõe capacitar técnicos para atuar em indústrias cerâmicas e gráficas. Os cursos são ministrados por Antônio Gomide, Giandomenico De Marchis, Lívio Abramo, Mário Gruber, Wolfgang Pfeiffer e Yllen Kerr. Para maiores informações, consultar LOURENÇO, Maria Cecília França. *Operários da modernidade*. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1995. p. 217-219.

55 Saliente-se que, além de Cordeiro e Flexor, recém-chegados ao país naquele momento, participa da mostra um único brasileiro: Cícero Dias, acirrando descontentamentos no meio artístico local.

56 LANÇADA ontem a primeira Bienal do Museu de Arte Moderna. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 1º dez. 1950.

57 Em abaixo-assinado publicado em 9 de novembro de 1951, a Associação Paulista de Belas Artes questiona a falta de apoio à Pinacoteca do Estado e à Escola de Belas Artes, contando com a adesão de Christiano Stockler das Neves, então diretor da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, entre os assinantes. In: PROTESTAM os artistas plásticos contra a cessão do Trianon à I Bienal de Arte. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 9 nov. 1951.

58 Apud AMARANTE, Leonor. *As bienais*. São Paulo: Projeto, 1989. p. 16-17 e 390.

59 CARTA de J.J. Moniz de Aragão, embaixador do Brasil no Reino Unido, datada de 29 de setembro de 1951 para a Diretoria Artística do MAM/SP Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.

60 BARDI, Pietro Maria. *Sodalício com Assis Chateaubriand*. São Paulo: Masp, 1982. p. 55.

- 61** DEPOIMENTO de Francisco Matarazzo Sobrinho à Radio e Televisão Cultura, em 1977. Acervo Museu da Imagem do Som, São Paulo.
- 62** Para maiores detalhes sobre a extinção jurídica do MAM/SP e sobre o processo de transferência do acervo para a Universidade de São Paulo, consultar a pesquisa de Vera d'Horta em MAM: Museu de Arte Moderna de São Paulo. São Paulo: DBA, 1995. p. 15-47.
- 63** Gustavo Capanema e Josias Carneiro Leão também integram a diretoria provisória do MAM/RJ. Os demais membros são Antônio Bento, Barão de Saavedra, Manuel Bandeira, Marcelo Roberto, Maria Barreto, Quirino Campofiorito e Rodrigo Melo Franco de Andrade.
- 64** De acordo com o primeiro estatuto do MAM/RJ, são instituídos os seguintes departamentos: pintura, gerenciado por Candido Portinari; escultura, por Bruno Giorgi; arquitetura, por Alcides Rocha Miranda; música, por Luís Heitor Corrêa de Azevedo; teatro, por Santa Rosa; e cinema, por Roberto Luís Assumpção de Araújo. In: LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 134.
- 65** As obras identificadas no catálogo da exposição inaugural do MAM/RJ são um óleo de Yves Tanguy (*Oceano para pássaros*, 1946), um guache de Fernand Léger (*Composição*, 1938) e um trabalho de Marc Chagall (possivelmente *Primavera*, 1938-1939), sendo as duas últimas constantes da listagem de obras que teriam sido doadas ao MAM/SP, evidenciando dúvidas ainda não esclarecidas, de acordo com avaliação de Lourenço (1999: 134).
- 66** A repercussão do Conjunto Residencial do Pedregulho, na avaliação de Carmen Portinho, contribuiu para que a indicação de Affonso Eduardo Reidy não fosse contestada entre os membros dirigentes do MAM/RJ. In: BONDUKI, Nabil Georges. *Affonso Eduardo Reidy*. Lisboa: Editorial Blau, 1999; São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi. p. 171.
- 67** A construção do Teatro-Auditório, sob o nome da empresa de telefonia patrocinadora, é autorizada por todas as instâncias de tombamento que salvaguardam a integridade do MAM/RJ, apesar de mobilizar um controvertido debate nos periódicos de grande circulação. Para maiores informações, consultar <http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc029/mc029.asp>. Acesso em 27 abr. 2007.
- 68** A palestra "Verdade e Mentira em Arquitetura", de Henrique Mindlin, se insere em uma série de debates ensejada pela I Exposição Internacional de Arquitetura Contemporânea. Marcelo Roberto e Eduardo Kneese de Mello proferem as conferências "Arquitetura, urbanismo e o muro das lamentações" e "Arquitetura, urbanismo e democracia", posteriormente publicadas na revista *Acrópole* entre maio e setembro de 1948.
- 69** MOTTA, Renata Vieira da. *O Masp em exposição: mostras periódicas na 7 de abril*. São Paulo: FAU/USP, 2003 [Dissertação de mestrado].
- 70** Na etapa anterior de estudos, foram pesquisados os arquivos dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, além dos manuais de Mindlin (1956), Bruand (1977) e Lemos (1979). *Registro de uma vivência*, organizado por Lucio Costa (1995), também não faz menção a nenhuma individual de Costa no Masp. In: HERBST, Helio. *Promessas e conquistas: arquitetura e modernidade nas bienais*. São Paulo: FAU/USP, 2002. [Dissertação de mestrado].
- 71** As duas publicações são, respectivamente, NEUTRA, Richard Joseph. *Architecture of social concern in regions of mild climate*. São Paulo: Gert Todtmann Editor, 1948; e *Richard Neutra: residências*. São Paulo: Gert Todtmann Editor, 1950.
- 72** O levantamento de Motta (2003: 120) indica a possível realização da exposição de Richard Neutra no piso térreo do IAB, noticiada em pequena nota dos Diários Associados em 1º de setembro de 1950. É mais provável, porém, que a nota seja imprecisa, em face da repercussão que uma tal mostra alcançaria no meio local.
- 73** A Comissão Executiva do Convênio Escolar (1948-1952) notabiliza-se pela excelência de suas realizações, construindo mais de uma centena de projetos em diferentes pontos da capital paulista, assinados por Eduardo Corona, Ernest Robert de Carvalho Mange, José Roberto Goulart Tibau e Oswaldo Correia Gonçalves, entre outros jovens arquitetos.
- 74** Para maiores esclarecimentos acerca do cotidiano artístico paulistano, ver o capítulo Templos, lugares, sociabilidade. In: ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX*. Bauru: Edusc, 2001. p. 51-133.
- 75** A participação de Gregori Warchavchik e de Rino Levi nos quadros diretivos do MAM/SP e de Affonso Eduardo Reidy e dos irmãos Roberto no MAM/RJ parece sustentar a hipótese de que a não-realização de atividades no campo da arquitetura não se deve unicamente à precariedade dos espaços inaugurais dessas instituições.
- 76** O IAB é fundado em 1921 por um pequeno grupo de arquitetos, no Rio de Janeiro. Em 1943 são abertos os dois primeiros diretórios regionais da entidade, em Belo Horizonte e em São Paulo. Em 1948, inaugura-se o diretório de Porto Alegre; em 1951, o de Recife; e, em 1954, o de Salvador.
- 77** . Nos primeiros anos da década de 1950 o curso de arquitetura é ministrado na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Minas Gerais (1930), em Belo Horizonte; na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (1945, Rio de Janeiro, sucedânea da Enba); na Faculdade de Arquitetura Mackenzie (1947, São Paulo, desmembrada da Escola de Engenharia Mackenzie); na FAU/USP (1948, São Paulo, desmembrada da Escola Politécnica); no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, incorporado à Universidade do Rio Grande do Sul em 1952); na Faculdade de Belas Artes da Bahia (Salvador, incorporada à Universidade Federal da Bahia em 1959); e na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife (Recife, incorporada à Universidade Federal de Pernambuco em 1959). Para maiores esclarecimentos, ver DE LOS RIOS, Adolfo Morales. A luta pela autonomia. In: *Sobre a história do ensino de arquitetura no Brasil*. São Paulo: Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura, 1977. p. 52-54.
- 78** Depoimento de Júlio Roberto Katinsky ao autor em 2 de maio de 2007.
- 79** ACERVO do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. *Habitat* (36): 54-55, São Paulo, nov. 1956.
- 80** AMARAL, Aracy Abreu (Org.). *Projeto construtivo na arte: 1950-1962*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna; São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1977. p. 23.
- 81** NOVO mundo do espaço: exposição de Le Corbusier no Museu de Arte de São Paulo. *Habitat* (1): 37-41, São Paulo, out./dez. 1950.
- 82** ARTIGAS, João Baptista Vilanova. *Le Corbusier e o imperialismo. Fundamentos* (18), São Paulo, 27 mai. 1951.
- 83** De acordo com a avaliação dos editores de *Habitat*, a exposição de Max Bill pode ter sido prematura para o público brasileiro, "pois os problemas da arte atual não foram expostos e debatidos. Foi todavia importante para o Brasil organizar essa exposição, depois daquela completa de Le Corbusier; exposições estas que antecederam as de Steinberg, Chagall, Burle Marx e Paul Klee". In: BILL, Max. *Beleza provinda da função e beleza como função*. *Habitat* (2): 65, São Paulo, jan./mar. 1951.
- 84** Os contatos de Le Corbusier com a equipe responsável pela elaboração do Ministério da Educação e Saúde são retomados em 1945 por intermédio de Carmen Portinho e, num segundo instante, por Pietro Maria Bardi, quando da organização da individual do arquiteto no Masp. Nessa oportunidade, Le Corbusier encontra uma nova chance para "queixar-se das injustiças de que se sentia vítima por parte dos brasileiros, voltando mais uma vez ao assunto dos honorários de 1936. Aparentemente, não considerava satisfatória a retribuição financeira recebida. Ao mesmo tempo pedia que, no contexto da exposição, se divulgassem amplamente suas reclamações". In: SANTOS, Cecília Rodrigues dos [et al.]. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Tessela: Projeto, 1987. p. 122-123.

arquitetura nas bienais de arte

segundo capítulo

primeiras linhas

A proposição de uma mostra de arquitetura nas bienais de arte pode ser vista como uma associação de esforços em prol da consolidação do projeto moderno, entendido como um conjunto de ações que visa modificar a percepção e o alcance dos objetos artísticos, tornando-os acessíveis a amplos segmentos, quiçá todos, sem distinção de classe. Postas de lado as pretensões do projeto moderno, a interação das proposições arquitetônicas com o público das bienais exige dos participantes uma apresentação simples e direta, satisfazendo o desejo de seus idealizadores de consagrar um canal de comunicação capaz de tornar a arquitetura moderna compreensível ao olhar das já então denominadas massas.

O presente capítulo examina a inserção das Exposições Internacionais de Arquitetura nas bienais dos anos 1950. Num primeiro momento, o foco recai sobre a interlocução das EIA com a Bienal de Veneza, com a seção de arquitetura do MoMA e com os congressos Ciam. Depois são abordados o Pavilhão do Trianon e o conjunto arquitetônico do Parque Ibirapuera, observando-se a difusão de novos conceitos de urbanidade. O desfecho do capítulo dedica-se a investigar os critérios de seleção e apresentação dos projetos arquitetônicos, tendo como premissa a interação das obras com o público das bienais.

Esta pesquisa pretende mapear aspectos pouco evidenciados na historiografia da arquitetura moderna brasileira. Não foram localizados estudos centrados no intercâmbio entre as bienais de São Paulo e Veneza, no campo arquitetônico. Tampouco parecem existir trabalhos focados no diálogo travado entre as EIA e o MoMA. Pode-se dizer o mesmo em relação aos congressos Ciam, fato a clamar por novas reflexões em consideração à relevante documentação localizada nos arquivos da Fundação Bienal de São Paulo¹.

Cabe, porém, ressaltar as contribuições existentes. O catálogo da mostra *Brazil Builds* (1943) constitui, *per se*, um marco para a difusão da arquitetura moderna brasileira². Não menos relevantes são os estudos dedicados a Francisco Matarazzo Sobrinho³, Sérgio Milliet⁴ e Mário Pedrosa⁵, entre outros nomes que tornaram possível a realização das bienais paulistanas, estabelecendo um profícuo diálogo com as instituições

mencionadas⁶. Vale ainda destacar a publicação *Le Corbusier e o Brasil*, organizada por Cecília Rodrigues dos Santos⁷, na medida que fornece subsídios para o entendimento das relações entre o arquiteto franco-suíço e as instituições locais – notadamente o Masp e o MAM/SP

A interação do público com os projetos expostos nas bienais de arquitetura é um dos principais temas da tese de doutorado *Arquitetura em exposição*: uma prática interdisciplinar; caracterização das bienais de arquitetura de São Paulo, de Stella Miguez (2004). Com base em exemplos colhidos nas EIA, realizadas entre 1951 e 1971, e nas Bienais Internacionais de Arquitetura (BIA), instituídas a partir de 1973, a autora verifica êxitos e percalços na difusão da cultura arquitetônica tendo como parâmetro as dificuldades de assimilação de conteúdos para o visitante leigo.

No que diz respeito à instalação das bienais em conjuntos especialmente desenhados para tal finalidade, cumpre salientar a monografia *O pavilhão da I Bienal do MAM/SP* (1996), elaborada pelo autor desta tese em âmbito de Aperfeiçoamento da Atividade Científica⁸. Sobre a construção do Parque Ibirapuera, mencione-se a dissertação *Projetos para o parque do Ibirapuera*: de Manequinho Lopes a Niemeyer (1926-1954), de Fabiano Lemes de Oliveira, defendida na Escola de Engenharia de São Carlos (EESC/USP) em 2003, e a tese de doutorado *Inovar e conservar*: a ambigüidade no Monumento Constitucionalista, defendida por Anna Maria Rahme na FAU/USP em 2005.

Em comum entre os trabalhos a preocupação em estabelecer diálogos entre o edifício e a cidade, ponto-chave para a construção de uma identidade nacional em tempos de celebração dos 400 anos de fundação da cidade de São Paulo. Diferencia-se, entre os projetos analisados, o contraste entre a austeridade do Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32, de Galileu Emendabili, e o arrojo do conjunto arquitetônico do Parque Ibirapuera, de Oscar Niemeyer.

referência: bienal de veneza

As exposições dos congressos Ciam, o Museu de Arte Moderna de Nova York e a Bienal de Veneza são freqüentemente apontados como as principais referências para a instituição dos critérios e regulamentos das bienais paulistanas. A historiografia parece conceder maior participação à Bienal de Veneza na organização da congênere paulistana, sendo considerada pelo diretor artístico da I Bienal do MAM/SP, Lourival Gomes Machado, (Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1951: 14-15) “uma lição digna de estudo e também um estímulo encorajador”.

Fundada no último decênio do século XIX, a Bienal de Veneza é idealizada pelo poder público para integrar os eventos comemorativos do cinquentenário das bodas do rei Umberto de Savóia. Sua inauguração acontece em 30 de abril de 1895, com uma exposição de pintura e escultura de artistas selecionados por uma comissão chefiada por Antonio Fradeletto.

1
Exposição Internacional
de Arte da Cidade
de Veneza, 1895

Para a mostra inaugural, intitulada *Esposizione Internazionale d'Arte della città di Venezia*, são formadas três comissões: a primeira, de artistas locais, desenvolve o programa da exposição; a segunda se encarrega da promoção do evento; e a terceira, dos assuntos ligados à imprensa. Mais de 200.000 visitantes garantem o sucesso da iniciativa que, a partir de 1897, institui prêmios aquisitivos para formar uma coleção de arte pública. Em decorrência de sua periodicidade, a mostra passa a ser conhecida como *La Biennale*.

Nas primeiras edições da Bienal de Veneza, os espaços expositivos empregam elementos compositivos acadêmicos, tendo como paradigma a busca de proporção, clareza e equilíbrio emanados pela Antiguidade greco-romana, em prática recorrente entre salões e galerias implantados no século XIX. Historicamente, o neoclassicismo estabelece interlocuções no plano político, sendo exemplar para a afirmação de valores democráticos após a queda do Antigo Regime, em 1789. Os emblemas dessa transformação estão presentes na Revolução Francesa e na proclamação da independência norte-americana, em 1779.

Conforme aponta Kenneth Frampton (1980: 8-10), até mesmo nas monarquias constitucionais européias o neoclassicismo encontra guarida, exercendo na arquitetura cívica uma função simbolicamente atrelada a severidade, ponderação e justiça. Assim podem ser vistos o redesenho do londrino British Museum (1823), em que Robert Smirke estabelece um padrão compositivo para a fachada fortemente inspirado na arquitetura da Grécia Antiga, e o projeto de Karl Schinkel para o berlinense Altes Museum (1830), no qual a vertente neoclássica evoca as aspirações do Estado prussiano. Não é de estranhar, nesse contexto, que a Bienal de Veneza tenha encontrado abrigo em um pavilhão de linhas clássicas, anteriormente utilizado na Exposição Artística Nacional (1887).

2
Karl Schinkel.
Altes Museum, Berlim

3
Robert Smirke.
British Museum, Londres

A adaptação do Pavilhão Central é assinada pelo engenheiro-arquiteto Enrico Trevisanato. No desenho da fachada, de forte acento clássico, colabora o pintor Marius de Maria, que insere, em um tímpano sustentado por quatro colunas dóricas, uma alegoria alada alusiva ao triunfo de Urbano Nono. Em contrapartida, a ambientação

interna dos espaços não absorve o tom equilibrado da composição arquitetônica, exibindo de maneira inadequada pinturas e esculturas no amplo e desordenado Pavilhão Central, na avaliação do primeiro historiador da mostra, Romolo Bazzoni (1950: 9).

Tal fato não significa que os promotores da Bienal de Veneza não tenham se esforçado para solucionar o difícil relacionamento entre decoração, ocupação, mobiliário e iluminação. Tais questões ganham evi-

dência a partir da sua quarta edição, em 1901, com a inclusão de uma exposição dedicada às artes decorativas de sete regiões italianas. Na edição subsequente, a seção reservada às artes aplicadas possui uma autonomia ainda maior, fato a denotar a atualização de conceitos.

Outra contribuição relevante se faz com o ingresso de obras inspiradas no *art nouveau*, em sua vertente secessão, na V Bienal de Veneza. Na ocasião, em cuidadosa montagem das salas da Alemanha e da Áustria, são expostos trabalhos dos designers Bruno Paul, Emanuel Seidl e Joseph Urban. Dois anos mais tarde, o designer italiano Galileo Chini utiliza elementos inspirados na gramática *art nouveau* para compor a ambientação de uma sala dedicada ao simbolismo.

A construção de pavilhões internacionais tem início em 1907, com o apoio do secretário-geral Fradeletto. A despeito das novas tendências estéticas que começam a despontar no período, a expressão arquitetônica dos pavilhões se conserva fiel ao gosto acadêmico, marcando presença nas sucessivas reformas e ampliações do Pavilhão Central, empreendidas em 1914, 1928 e 1932. Nesta última, o elemento escultórico alusivo a Urbano Nono é substituído por um leão dourado, transformado no símbolo da mostra de arte e, posteriormente, do Festival de Cinema, quando este é instituído¹.

Em 1934, o Pavilhão da Áustria rompe com as tradições passadistas, mas ainda assim o faz por meio de uma proposição *art nouveau* assinada pelo veterano Joseph Hoffmann. Somente a partir da década de 1940 a arquitetura moderna encontra oportunidades de realização em Veneza, segundo apontamentos do crítico Bruno Zevi (1958: 46-47). Inserem-se, nesse contexto, a construção dos pavilhões da Venezuela (1954) e da Finlândia (1956), assinados por Carlo Scarpa e Alvar Aalto, e o Pavilhão do Canadá (1958), proposto pelo escritório BBPR, do qual faz parte Ernesto Rogers.

Nas edições inaugurais das bienais venezianas é notável, no campo das artes visuais, certa predileção pelo academismo, lançando hipóteses para o entendimento da exclusão de Pablo Picasso na edição de 1905. Em princípios da década de 1910 são aceitos trabalhos simbolistas; em 1914 são expostas pinturas do expressionista James Ensor, o que não caracteriza, isoladamente, uma reviravolta significativa nos critérios de seleção. Para tanto, muitos caminhos teriam de ser traçados para que as manifestações de vanguarda fossem plenamente aceitas nos salões de Veneza.

4

Marius de Maria.
Pavilhão Central,
Bienal de Veneza

5

Vista interna do
Pavilhão Central,
c.1905

referência: museu de arte moderna de nova york

Mencionado por Lourival Gomes Machado na introdução do catálogo da primeira bienal paulistana em função das parcerias estabelecidas com o MAM/SP, o MoMA nova-iorquino é um dos mais influentes museus de arte do século XX e, possivelmente, uma das primeiras instituições, se não a primeira, exclusivamente dedicada à arte moderna.

Sua interlocução com o Brasil antecede a criação das bienais paulistas. Conforme visto anteriormente, a montagem da mostra *Brazil Builds* (1943) é essencial para difundir a arquitetura brasileira no plano internacional, muito além de consolidar o grupo articulado em torno de Oscar Niemeyer no meio local. Some-se ainda a colaboração direta de Nelson Rockefeller e do adido cultural norte-americano Carleton Sprague Smith para a fundação do Masp, do MAM/SP e do MAM/RJ, logo após o desfecho da Segunda Grande Guerra.

O surgimento das bienais do MAM/SP abre novas possibilidades de intercâmbio entre as entidades, sendo o MoMA responsável pela seleção dos artistas e pela montagem das salas norte-americanas em todas as edições do certame analisadas neste estudo. Na seção de arquitetura, organiza a coletiva *Grupo de Arquitetos do MoMA*, em 1953, e a retrospectiva de Mies van der Rohe, em 1959¹⁴.

Trinta anos antes, o MoMA é fundado por um grupo de empresários e colecionadores¹⁵, que procuram definir um campo de ação capaz de domesticar a arte moderna, transformando-a em um produto isento de conteúdos políticos. Para aprimorar o potencial empresarial da instituição, são colocadas em prática iniciativas pioneiras no que diz respeito a seleção, instalação e exposição das obras. Também são encorajadas ações educativas centradas no estudo da arte moderna, compreendida em suas diversas manifestações, incluindo-se, além de pintura e escultura, desenho, gravura, fotografia e artes gráficas, entre outras.

Desde os primeiros anos de funcionamento, Alfred Barr, primeiro diretor do MoMA, empenha-se em estabelecer departamentos autônomos para cada especialidade, entre os quais se inscrevem os de arquitetura e design (1932), cinema (1935) e fotografia (1940). Para tanto, Barr conta com a colaboração de jovens profissionais, a exemplo de Henry Russell Hitchcock e Philip Johnson, chefes do Departamento de Arquitetura e organizadores da mostra *Modern Architecture: International Exhibition* e do catálogo ora denominado *Modern Architecture*, ora denominado *Modern Architects*, com os mesmos conteúdos¹⁶ (Deckker: 2001, 91).

11

Vista da sede do MoMA na Rua 53, em 1932

12

Vista da exposição *Modern Architecture: International Exhibition*, MoMA, 1932

13

Walter Gropius.
Vista da Bauhaus,
Dessau, 1926

14

Philip Goodwin
e Edward Stone.
Fachada do edifício-sede
do MoMA, 1939

Posteriormente reconhecidos como referência nas discussões sobre o movimento moderno¹⁷ no território norte-americano, mostra e catálogo exibem uma seleção de projetos que sintetizam, na visão de Alfred Barr (Hitchcock, 1995: 27-32), a gramática formal da arquitetura moderna: ênfase na volumetria por meio de planos e superfícies delgadas, em oposição à sugestão de massa e volume; regularidade em contraposição à simetria e outras formas óbvias de equilíbrio; e, por fim, ênfase na expressão plástica dos materiais em contraposição à utilização de ornamentos.

Os projetos, apresentados ao público por meio de fotografias e desenhos técnicos, são remetidos ao MoMA diretamente por seus autores. Dezessete entre quase 80, porém, são documentados por Barr, Hitchcock e Johnson que, entre 1930 e 1931, empreendem viagem pelo continente europeu. Da experiência do trio se efetiva a exposição e o catálogo acima referendados, sendo destacadas obras residenciais de Le Corbusier e a segunda sede da Bauhaus, concebida por Walter Gropius entre 1925 e 1926, entre outros projetos¹⁸. Nenhum arquiteto sul-americano é incluído na mostra¹⁹.

Saliente-se que o interesse pela Bauhaus é anterior ao processo de escolha dos projetos da primeira mostra de arquitetura organizada pelo MoMA: o contato com a instituição alemã, estabelecido por Barr em 1927, teria inspirado a orientação multidisciplinar concedida ao MoMA, de acordo com avaliação feita pelo próprio crítico. Além disso, conforme aponta Christoph Grunenberg (Pointon, 1994: 194), tal orientação pode ser constatada na carta provisional do MoMA, de 1929, na qual são definidos os objetivos do museu: “encorajar e desenvolver o estudo das artes modernas e sua aplicação na manufatura e na vida prática, fornecendo instrução popular”.

Pode-se afirmar que o êxito do MoMA decorre, em grande parte, da estrita obediência das estratégias de ação sacramentadas em seus estatutos. A ênfase concedida à difusão de suas atividades, por meio de publicações elaboradas pelo setor educativo, ou por meio da inserção de peças publicitárias em diversos veículos de comunicação de massa, impulsiona as ações do museu para além do continente norte-americano (Pointon, 1994: 197).

Some-se ainda a adoção de uma peculiar estratégia para a exibição dos trabalhos, inspirada nas técnicas de apresentação comercial. A tônica, nesse raciocínio, reforça o tratamento mercantil conferido aos objetos artísticos, expostos segundo a mesma lógica empregada nas lojas de departamentos, valorizando-se o posicionamento das vitrines, para fácil visualização das “mercadorias”. As divisórias internas também merecem cuidados especiais, adotando-se um tratamento cromático neutro e uma padronagem piso-teto para sugerir solidez e sensação de permanência ao conjunto.

15

Philip Goodwin
e Edward Stone.
Vista interna das
galerias do 2º andar
do MoMA, 1939

Para garantir a máxima extensão de paredes, as áreas expositivas são divididas em pequenas salas interligadas, criando-se um labirinto pelo qual o visitante descortina surpresas. Por fim, visando aproximar as obras de seus fruidores, retirando-lhes o caráter sacralizado das tradicionais instituições museais, adota-se uma relação de escala mais aproximada das medidas humanas, limitando-se a altura das salas de exposição de forma a evocar um ambiente mais cotidiano e aconchegante – o do próprio lar.

Projetada pelos arquitetos Philip Goodwin e Edward Stone em 1936, a sede definitiva do MoMA é inaugurada em 1939. Apresenta-se como uma bem-sucedida adequação entre necessidades espaciais e técnicas de apresentação comercial, num conjunto formal que reúne, conforme afirmação anterior, intimidade e autoridade, flexibilidade de ocupação e sensação de permanência.

A fachada branca, plana e polida postula austeridade e julgamento severo aplicado à arte moderna, sendo concebida sob os seguintes requisitos: ser reconhecível a distância, por distinção formal em relação ao seu entorno; poder receber letreiros legíveis em diversos níveis; refletir em seu desenho o tipo e a qualidade de seus conteúdos internos; ter vitrines adequadas à boa exposição das obras; e, finalmente, ter acesso fácil, direto e atraente.

Funcionando como um filtro entre a rua e o museu, a entrada é um elemento de transição entre a vida cotidiana e a arte, ou, ainda, uma espécie de filtro capaz de neutralizar o caráter impessoal das ruas. Com isso, pretende-se criar uma atmosfera destituída de reminiscências que possam comprometer a apreciação das obras, isolando-se o visitante em um cubo branco, austero e insípido, que aproxima a arte de seu fruidor pela calculada escala dos espaços.

16

Vista do hall de
entrada do MoMA,
1939

17 e 18

Detalhe do jardim de esculturas do MoMA, em 2007 e 1953

19

Detalhe interno do MoMA, 2007

Acredito ser este o ponto de maior divergência em relação às proposições museais elaboradas no Brasil dos anos 1950, especialmente ao se considerar as soluções adotadas por Affonso Eduardo Reidy na sede definitiva do MAM/RJ, no Aterro do Flamengo, e por Oscar Niemeyer no conjunto arquitetônico do Parque Ibirapuera, a ser analisado mais adiante. Vê-se, nesses exemplos, um raciocínio diametralmente oposto à estratégia adotada no MoMA. Na instituição carioca e nas bienais paulistas, a arte se apresenta em diálogo com a paisagem, colocando novas chaves de leitura para a arte moderna e novos problemas para a conservação das obras.

referência: congressos internacionais de arquitetura moderna

A realização do Congresso Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte (Aica) em Brasília, organizado como parte dos eventos da V Bienal do MAM/SP²⁰, no mesmo ano em que os estatutos dos congressos Ciam são dissolvidos em assembléia pública²¹, não constitui uma mera coincidência de datas: prenuncia uma nova etapa nas discussões sobre os rumos da arquitetura moderna, no ambiente local e internacional.

Sob o tema Cidade Nova: Síntese das Artes, por sugestão de Mário Pedrosa, o encontro é realizado no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Brasília, em setembro de 1959. Diversos críticos²², entre os quais Bruno Zevi, Giulio Carlo Argan e o secretário-geral dos Ciam, Siegfried Giedion, integram o certame concebido para examinar de perto a nova capital, construída sob o lema da comunhão artística.

20

Participantes
do I Ciam, em
La Sarraz, 1928

O congresso é marcado por dissonâncias não apenas sobre a validade do trabalho de Costa e Niemeyer, mas principalmente em relação ao temário selecionado para o debate nos campos político e estético. Do outro lado do oceano, em Oterloo, a manutenção ou extinção dos Ciam é colocada em questão em função de divergentes concepções de modernidade, tendo como mote o discurso hegemônico sobre o qual se construiu o mito transformador da arquitetura moderna.

Parece-me pertinente, pois, observar os Ciam tomando como referência o ano de 1959, limiar de inauguração da nova capital e desfecho da organização civil surgida no verão de 1928, em La Sarraz, Suíça. Na ocasião, 28 arquitetos assinam uma carta de intenções previamente redigida por Le Corbusier, na qual a racionalização dos meios de produção é considerada a base necessária para a resolução dos problemas das cidades industriais. Nenhum arquiteto latino-americano participa da fundação dos Ciam²³.

Assumindo uma postura de combate perante a reticente aceitação pública do repertório moderno, e em face do difícil consenso acerca dos objetivos traçados para a organização, os encontros passam a concentrar esforços no mapeamento teórico e na padronização das informações. Tal pragmatismo reflete-se na escolha dos temas das duas edições dos Ciam subseqüentes, nas quais são discutidos a unidade habitacional mínima (Frankfurt, 1929) e o agrupamento de células habitacionais (Bruxelas, 1930).

As divergências entre os participantes não são atenuadas por meio dos critérios de apresentação e sistematização das informações em tabelas-padrão. Dois grupos polarizam as discussões: Walter Gropius e expoentes “nórdicos” integram o primeiro grupo, que defende o estabelecimento de índices e coeficientes numéricos mínimos para a elaboração de projetos de interesse social; o segundo, liderado por Le Corbusier, valoriza o caráter monumental e simbólico da arquitetura, qualquer que seja seu destinatário.

21 e 22
III Ciam: propostas de
Le Corbusier e Walter Gropius

23
IV Ciam: Le Corbusier
e Pietro Maria Bardi
a bordo do navio Patris II

O quarto congresso Ciam, realizado a bordo do navio Patris II, entre Marselha e Atenas, em 1933, gira em torno do estudo de pranchas padronizadas relativas a aglomerações urbanas de quatro continentes. Nem mesmo Gregori War-chavchik, representante Ciam da América do Sul, participa do cruzeiro no qual 33 cidades são dissecadas segundo uma metodologia de análise vinculada às ciências natu-rais, que reconhece, por meio de “diagnósticos”, as “cau-sas” e “soluções” dos problemas urbanos²⁴.

O intercâmbio de experiências entre os arquitetos locais e os primeiros Ciam é unilateral, na medida em que nenhuma experiência brasileira se faz presente nos quatro primeiros encontros. Em contrapartida, os temas do debate Ciam são referendados no I Congresso de Habitação, promovi-do com o apoio da prefeitura de São Paulo em 1931. Na ocasião, as idéias de Ernst May defendidas em Frankfurt são longamente citadas na conferência do arquiteto Bruno Simões Magro. Na Enba, os conteúdos dos encontros Ciam circulam pelos corredores por meio de revistas e publica-ções, entre as quais o relato do segundo Ciam, segundo depoimento de Abelardo de Souza²⁵.

A realização do V Ciam em Paris, um ano após a emble-mática consultoria de Le Corbusier para a construção do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, não constitui oportunidade de inclusão da produção arquite-tônica brasileira naquele fórum de debates. Centrado no

24 a 40

Obras destacadas na publicação de Giedion: Affonso Eduardo Reidy, Conjunto do Pedregulho; Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Ernani Vasconcellos, Jorge Moreira, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, Ministério da Educação e Saúde; Affonso Eduardo Reidy e Jorge Moreira, Edifício da Viação Férrea do Rio Grande do Sul; Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, Edifício Esther; Atílio Correa Lima e equipe, Estação de Hidroaviões; Gregori Warchavchik, Casa de Praia; Henrique Mindlin, Hotel Pan América; Jorge Machado Moreira, Hospital de Clínicas; Lucio Costa, Niemeyer e Paul Lester Wiener, Pavilhão do Brasil; MMM Roberto, Edifício MMM Roberto; Oscar Niemeyer, Hotel de Ouro Preto; Oscar Niemeyer, Teatro; Oscar Niemeyer, Salão de Baile; Oscar Niemeyer, Iate Clube da Pampulha; Rino Levi, Cia. Jardim de Cafés Finos; Rino Levi, F A Pestalozzi e Roberto Cerqueira Cesar, Maternidade Universitária.

tema Moradia e Lazer, o encontro de Paris acentua as diferenças entre os grupos francês e italiano, sendo o último mais preocupado em discutir o impacto das estruturas históricas sobre as cidades, e o primeiro, devoto da premissa de se construir o futuro sem preservar a ambiência e o desenho das cidades do passado.

A inserção da arquitetura brasileira no plano internacional encontra na Feira Mundial de Nova York oportunidade singular de reconhecimento. De quebra, parece reificar o papel exercido por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer na constituição de valores da modernidade local, ainda que, para os críticos da revista *Architectural Forum*, o Pavilhão do Brasil seja visto como a obra dos “discípulos de Le Corbusier”.

Sem entrar no mérito da discussão proposta pela publicação norte-americana, é inegável que o Pavilhão do Brasil despertou o interesse acerca da arquitetura brasileira. A realização da emblemática exposição *Brazil Builds* (1943) em pleno conflito mundial, quatro anos depois da Feira de Nova York, parece comprovar essa hipótese, sendo a produção carioca o principal destaque da mostra, conforme indicado no primeiro capítulo deste estudo.

Não é de estranhar, a partir do exposto, que os arquitetos brasileiros tenham encontrado espaço de divulgação nos Ciam realizados no pós-guerra. Na primeira oportunidade, em 1947, quando os encontros são retomados em Bridgwater (Inglaterra), são discutidos os rumos da arquitetura moderna e, com base nesses debates, o secretário-geral Siegfried Giedion edita em 1951 o catálogo *A decade of new architecture*.

A publicação apresenta um balanço da produção mundial realizada entre 1937 e 1947. Entre os arquitetos brasileiros presentes, somente Henrique Mindlin é graduado em São Paulo, mas, ironicamente, trabalha no Rio de Janeiro. Da capital paulista, participam dois arquitetos formados no exterior – Gregori Warchavchik e Rino Levi. Todos os demais concluíram estudos na Enba; destes, apenas Adhemar Marinho, Álvaro Vital Brasil, Atílio Correia Lima e os irmãos Roberto não estiveram envolvidos no projeto do MES²⁶.

Na introdução do catálogo que sintetiza o sexto congresso, Siegfried Giedion enfatiza o papel da nova geração formada durante a década de 1930, especialmente nos Estados Unidos, no Canadá e na América do Sul. Na avaliação do secretário-geral, tal geração teria uma influência decisiva no futuro desenvolvimento do movimento moderno, que se “espalhara para as franjas de nossa civilização, no norte e no sul”, numa clara alusão ao Brasil e à Finlândia, nações que, nas palavras do crítico, “trabalham sobre inspiração e novas descobertas”²⁷.

Pelo olhar estrangeiro, um novo Brasil é redescoberto, circunscrito aos profissionais graduados no eixo Rio–São Paulo, de alguma forma envolvidos com o poder, seja nas instituições de ensino, seja nas entidades de classe ou em órgãos governamentais. Em fins da década de 1940, ainda não há espaço para manifestações regionais, ainda que existisse um ambiente de discussão em Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e

41
Proposta urbanística
de Le Corbusier para
o Rio de Janeiro, 1929

Salvador, apenas para citar localidades possuidoras de centros de pesquisa em funcionamento²⁸.

Entre as ausências da publicação de Giedion cumpre salientar a não-inclusão de Flávio de Carvalho, lapso injustificável tendo em vista o papel pioneiro exercido para a afirmação da arquitetura moderna no Brasil, seja por meio de seus controvertidos projetos, seja por meio de seu empenho para divulgar as mais variadas tendências da produção artística local e internacional, no Clube de Artistas Modernos e nos Salões de Maio.

Injustiças à parte, o reconhecimento de um grupo de profissionais articulado em torno do Ministério da Educação e Saúde parece consagrar, nos meios local e internacional, uma vertente tributária aos ensinamentos de Le Corbusier. Talvez por coincidência, a obra do arquiteto franco-suíço ganha novo impulso no segundo pós-guerra, com a concretização de experimentações anteriormente testadas em protótipos ou esboçadas em formulações teóricas²⁹.

No sétimo encontro Ciam, realizado na cidade italiana de Bérgamo, em 1949, o tema preestabelecido – O Estabelecimento Humano – é na prática preterido pelo eixo de discussão proposto por Le Corbusier, em torno do uso do *grid* (grelha, retícula). Trata-se de um sistema de codificação de dados que visa estabelecer comparações entre diferentes projetos, tendo como base as categorias funcionais postuladas pela *Carta de Atenas*.

42
Affonso Eduardo Reidy.
Conjunto Residencial
do Pedregulho

O Conjunto Residencial do Pedregulho é o único projeto brasileiro indicado para compor os painéis do sétimo congresso, confirmando hipótese acerca do reconhecimento internacional dos autores do projeto do Ministério da Educação e Saúde. Some-se ainda a contribuição das revistas especializadas, notadamente *Architectural forum*, *Progressive architecture* e *Architecture d'aujourd'hui*, para inscrever a nossa produção arquitetônica em números dedicados ao Brasil, ainda na década de 1940³⁰.

43

Alison e Peter Smithson.
Quadro de apresentação
para o IX Ciam, 1953.
Detalhe

É nesse contexto que as Exposições Internacionais de Arquiteturas são instituídas em 1951, poucos meses após a realização do oitavo congresso Ciam, estabelecido com o tema O Coração das Cidades. Se, por um lado, na mostra paulistana a obra arquitetônica do mestre franco-suíço conquista o Grande Prêmio Internacional, por outro, o urbanismo funcionalista se torna objeto de contestação, sob a alegação de não conferir importância ao papel desempenhado pelas áreas centrais para a construção de um sentido de identidade perceptível a seus habitantes.

A insatisfação com os preceitos corbuserianos torna-se recorrente nos Ciam subsequentes, sendo decisiva para o surgimento, durante as plenárias do nono congresso, de um grupo liderado por Aldo van Eyck e pelo casal Smithson, que rompe com a doutrina imposta pela *Carta de Atenas*. No ambiente local, em contrapartida, as discussões propostas pelo *Team X* não encontram interlocutores influentes³¹, consagrando, ao menos na distribuição de prêmios e na composição das Salas Especiais, os arquitetos brasileiros já reconhecidos internacionalmente.

De qualquer modo, não se pode negar o papel desempenhado pelo Ciam para difundir experiências entre profissionais de diversas latitudes. O mesmo sentido também norteia as Exposições Internacionais de Arquitetura, fórum de indiscutível repercussão internacional, aberto a profissionais de diversas latitudes. Nesse raciocínio, não é de estranhar que a interlocução das EIA com os Ciam tenha sido mais profícua do que o intercâmbio estabelecido com o MoMA e as Bienais de Veneza, sensivelmente mais protocolar.

A correspondência estabelecida entre a cúpula do Ciam – da qual fazem parte Josep Luis Sert, Le Corbusier e Siegfried Giedion – e a diretoria do MAM/SP parece comprovar tal hipótese, sendo inclusive decisiva para articular a participação de arquitetos europeus e a escolha de temas dos concursos instituídos para as escolas de arquitetura em nível mundial. Mais adiante esse assunto será retomado.

arquitetura das bienais paulistanas

Segundo depoimento de Ciccillo Matarazzo à Rádio e Televisão Cultura, em 1977, a idéia de se organizar bienais na Paulicéia remonta ao período de fundação do MAM/SP, muito embora seu lançamento oficial tenha acontecido em novembro de 1950³², com a apresentação do Regulamento e das Normas Gerais da primeira bienal paulistana. Além da mostra de artes visuais, anuncia-se a realização de festival cinematográfico, mostra de arquitetura e outra de arte decorativa (não concretizada).

Em que pese a veracidade do testemunho do pintor Danilo di Prete, que reivindica para si a precedência da iniciativa, em função de sugestão feita ao empresário³³, o lançamento de uma Exposição Internacional de Arquitetura integrada às bienais paulistanas antecede em quase três décadas a organização das Bienais de Arquitetura de Veneza, cuja edição inaugural é feita somente em 1980³⁴, após a realização de mostras esparsas na seção de artes visuais³⁵. O fato merece ser ressaltado porquanto sinaliza diferenças no conjunto de atividades propostas, não apenas pela abrangência, mas principalmente pelo caráter pioneiro das bienais paulistanas em agrupar, sob o lema da comunhão artística, proposições no campo da arquitetura. Tal constatação constitui uma possível contribuição deste estudo para a historiografia existente.

Pavilhão do Trianon

Quando do lançamento da I Bienal do MAM/SP, enumera-se a adesão das primeiras nações interessadas em participar do certame: Chile, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Inglaterra, Itália, México e Suíça. Na ocasião é também mencionada a instituição de prêmios aquisitivos, concedidos por destacados industriais da capital paulista, com

MAM

1: BIENAL DE S. PAULO

L. SAIA ARQ

44

Luis Saia.
Estudo para
o Pavilhão do
Trianon, c.1951

45

Luis Saia.
Planta do Pavilhão
do Trianon, c.1951

vistas a sedimentar qualitativamente a coleção do museu. Dias antes do anúncio oficial, é noticiado o apoio da prefeitura por meio de parecer expedido pelo secretário municipal da Educação e Cultura, sinalizando a proposição de prêmio a ser concedido em nome da cidade e o auxílio para a construção de um edifício-sede para a mostra³⁶.

A definição do local para a exposição, no entanto, é efetivada por volta do mês de março ou abril, data em que se apresenta anteprojeto de remodelação do antigo Belvedere do Trianon, situado na Avenida Paulista. O acordo firmado com a prefeitura prevê a utilização das instalações do antigo Salão de Baile, implantado em cota de nível inferior ao mirante, e a construção de um pavilhão provisório, com acesso principal voltado à Avenida Paulista. O projeto arquitetônico é elaborado por Eduardo Kneese de Mello e Luis Saia, membros do Conselho Administrativo do MAM/SP. O projeto expositivo é desenvolvido por outra dupla, pertencente à diretoria do museu: os arquitetos Jacob Ruchti e Miguel Forte³⁷.

A relação dos nomes merece considerações adicionais, tendo em vista discrepâncias na historiografia existente. O catálogo da I Bienal do MAM/SP menciona a participação de Kneese de Mello e Saia no projeto arquitetônico, mas não inclui o nome de Forte na concepção do espaço expositivo; a publicação *Arquitetura na Bienal de São Paulo* (1952) não faz alusão à participação de Kneese de Mello e nem tampouco às de Ruchti e Forte.

A coletânea de artigos de Paulo Mendes de Almeida (1976) reitera as informações do catálogo oficial da mostra. Marlene Milan Acayaba, em *Branco e preto: uma história de design brasileiro nos anos 50* (1994), atribui a Saia a autoria do Pavilhão e a Ruchti e Forte o projeto de interiores. Guimar Morello, em entrevista ao autor, assinala o envolvimento dos quatro arquitetos na obra. Em função de seu testemunho, considero ser mais provável a hipótese de Morello, ainda que a contribuição de Forte não seja mencionada em certificado expedido por Arturo Profili, em 1954³⁸.

A concepção arquitetônica do Pavilhão do Trianon obedece às seguintes determinações de projeto, de acordo com memorial não assinado e não datado, possivelmente desenvolvido por Luis Saia, localizado nos arquivos da Fundação Bienal de São Paulo quando da realização da mencionada monografia sobre o pavilhão da primeira bienal:

Anteprojeto para a sede da Bienal de Arte Moderna de São Paulo

O partido deste anteprojeto se preocupou com as seguintes circunstâncias, que assumiram o seu comando:

- 1) a exposição se fará em época de chuvas, rápidas mas violentas;
- 2) a duração do edifício deve ser, no mínimo, de seis meses;
- 3) o material deve ser aproveitado posteriormente;
- 4) devem ser evitadas obras que impliquem em demolição;
- 5) os agenciamentos existentes deverão ser aproveitados para os serviços e demais usos permitidos pelos prejuízos da forma.

É evidente que a solução ideal é a do telhado que deve proporcionar os maiores vãos livres. Foi imaginada uma cobertura com “coberite” (telhas de cartão asfaltado e corrugado cuja durabilidade mínima ultrapassa o limite imposto pelo programa) sobre uma armadura de vigas (vierendel), armadas com tubos conduítes dispostas transversalmente apoiadas em quatro pontos, de acordo com a indicação dos gráficos. O tipo de cobertura permite três alternativas que vão indicadas no esquema. Qualquer delas carreará as águas pluviais para os extremos, em condutores que serão também elementos de estrutura.

Afim de possibilitar uma fácil circulação e como este anteprojeto alvitra iluminação artificial, a fachada voltada para a Avenida Paulista contém um longo muro cego, uma parte vazia pela qual se desenvolve a circulação em torno de um agenciamento existente. Esta solução permite que a saída se faça próxima da entrada, passando pelo guardador de chapéus. O auditório tem entrada e saída independentes, além da interna. Próximo da plataforma dele se imaginou uma pequena sala de espera, com o respectivo sanitário. Outros dois sanitários estão distribuídos em pontos e modos indicados no esquema.

No vão livre de 38 metros, com um pé direito de quatro metros, a solução para a colocação dos painéis é fácil. As indicações do esquema constituem, neste sentido, mais uma exemplificação do que propriamente uma proposição. Esta última poderá decorrer diretamente do material a ser exposto. A liberdade, neste sentido, é completa. Como a área é grande e poderá cansar o visitante, foram imaginados dois recantos de descanso, além de uma sala de conversa, esta última com janela voltada para a paisagem da cidade.

No piso do pavimento inferior, parcialmente coberto pela construção podem ser situadas estátuas e mesmo alguns painéis, uma vez que o mesmo ficará inteiramente protegido. O salão existente, assim como a cozinha e demais agenciamentos poderão ser aproveitados como restaurante, secretaria, depósitos etc. O seu maior prejuízo atual (goteiras torrenciais) deixará de existir [graças à] cobertura superior indicada.

croqui de Luis Saia apresenta um esboço para o arranjo dos painéis, mas não assinala a participação de outros arquitetos nos projetos complementares. A colaboração de Jacob Ruchti e de Miguel Forte não estaria sendo prevista?

Outro documento não assinado nem tampouco datado, localizado na presente etapa da pesquisa, apresenta a distribuição dos núcleos expositivos no Pavilhão do Trianon. Nele é possível reconhecer, pela escala indicada nos cortes, o desejo de formar núcleos relativamente autônomos para cada delegação internacional. Mas ainda assim, em função do alinhamento dos painéis, pode-se ter uma apreciação de conjunto, nem sempre desejável para a fruição das obras.

49

Vista interna do Pavilhão do Trianon

Antes mesmo da construção do edifício, os 5.000 metros quadrados de área total do Pavilhão são considerados exíguos, em decorrência do número de delegações confirmadas. A participação de 500 artistas de 21 nacionalidades atinge a significativa marca de 1.800 obras, segundo dados fornecidos pelo catálogo oficial editado pelo jornalista Dante Paglia⁴⁰.

Na impossibilidade de reunir todos os trabalhos sob a “grande cobertura” do pavimento térreo, conforme sugestão do anteprojeto, aloca-se no subsolo grande parte dos trabalhos, em situação menos favorável para as obras ali expostas. Talvez por um certo colonialismo não explicitado, mas perfeitamente previsível, a seção brasileira desce as escadarias do Salão de Baile. A Exposição Internacional de Arquitetura segue o mesmo caminho, denotando certo desprestígio em comparação ao conjunto abrigado no *piano nobile*, reservado às representações internacionais e às salas especiais.

Apesar dos esforços para a construção de um pavilhão condigno para a ocasião, a falta de esmero nos acabamentos interfere na apreciação das obras e prejudica a leitura da expressão arquitetônica do edifício, supostamente vinculada às idéias de neutralidade e austeridade veiculadas pelo MoMA nova-iorquino.

Inaugurada a mostra, o Pavilhão do Trianon torna-se alvo de chacotas, confirmadas pela alcunha de “caixotão”, cunhada por populares, e “muro de Sartre”, na versão dos intelectuais, possivelmente em decorrência da longa empena voltada à Avenida Paulista⁴¹. Mas a má impressão do *barracón*⁴² da I Bienal do MAM/SP não se restringe à aparência de suas instalações – o odor dos porões da bienal também contribui para depreciar o certame, conforme atesta a nota “Cheiro” publicada em *Habitat*:

50

Nota da revista *Habitat* [6]: 1951

51

Planta do terreno
pleiteado pelo MAM/SP
na Avenida Prestes Maia

Palácio das Artes

Os embates pela construção de uma sede definitiva para o MAM/SP antecedem a inauguração da primeira bienal paulistana. As tratativas para a concessão de um terreno têm início em maio de 1950, quando é solicitada a doação de uma área pública entre a Rua Brigadeiro Tobias e a atual Avenida Prestes Maia, próximo à Estação da Luz e à Pinacoteca do Estado, na região central da capital. Em outubro do mesmo ano pleiteia-se o uso de outra área pública na Avenida Paulista – o Belvedere do Trianon.

Em 1951 é encaminhada à administração municipal permissão para a construção de uma sede definitiva para o MAM/SP no Trianon, fato que denota o caráter provisório do contrato firmado com a prefeitura para a implantação da primeira bienal. Sem que se saiba a resposta do pedido, tampouco a data exata da solicitação, Francisco Matarazzo Sobrinho encomenda a Affonso Eduardo Reidy o Palácio das Artes, destinado a abrigar o acervo permanente e as mostras temporárias do MAM/SP – incluindo as bienais – e a Cinemateca Brasileira⁴³.

De acordo com o memorial do projeto, o Palácio das Artes é desenvolvido em 1952, reforçando a tese de um possível descontentamento de Ciccillo com o Pavilhão do Trianon. Muito dificilmente a contratação de Reidy antecede a de Luis Saia e Eduardo Kneese de Mello. Em caso afirmativo, sinalizaria admiração para com a obra do arquiteto carioca, cujo reconhecimento profissional poderia hipoteticamente alçar maior prestígio para o Museu de Arte Moderna e, indiretamente, para o seu presidente, na crítica internacional.

A concepção arquitetônica do projeto segue, em linhas gerais, a mesma estratégia adotada no projeto desenvolvido por Lina Bo Bardi para abrigar o Masp, alocando nos pavimentos superiores áreas expositivas e concentrando no subsolo anfiteatro e espaços técnicos. O pavimento térreo em ambos os projetos conserva generosa permeabilidade com os espaços públicos, sendo inclusive mencionada, no memorial de Reidy, a realização de mostras no hall de acesso e a preservação das visuais direcionadas ao centro da cidade.

De maneira análoga ao que foi feito no partido museográfico da primeira bienal, são propostos painéis móveis para a configuração de núcleos expositivos, sem no entanto haver nenhuma indicação de medidas ou relação de escala entre os painéis e o espaço físico dos ambientes. Para a exibição de esculturas de maior porte, Reidy propõe a inserção de recortes de contornos sinuosos entre os três pisos reservados às exibições, facultando a apreciação do conjunto de diferentes pontos de vista.

52

Affonso Eduardo Reidy.
Palácio das Artes, 1952.
Implantação e vistas

A circulação entre os núcleos expositivos é feita por escadas rolantes, rampas e elevadores, sendo propostos percursos ascendentes para as escadas e descendentes para as rampas, cujo desenho possibilita integrar o núcleo expositivo ao quarto pavimento do bloco elevado, ocupado por auditório, bar e biblioteca, indicando a manutenção de importantes núcleos de convivência existentes na primeira sede do MAM na Rua Sete de Abril.

Reidy configura sob a plataforma do piso térreo as instalações da Cinemateca Brasileira, composta de anfiteatro italiano para 1.000 espectadores, dotado de todos os requisitos necessários à realização de espetáculos de grande porte. O projeto de Lina Bo Bardi, em contrapartida, abriga no subsolo uma praça cívica na qual o anfiteatro não desempenha função equivalente para a articulação dos usos.

Vistas em confronto, as propostas desenvolvidas para o Belvedere do Trianon pautam-se pela busca de volumes puros, derivados de prismas regulares de base retangular, no caso do Pavilhão da I Bienal e do Masp, e de base triangular, no caso do Palácio das Artes. Os projetos de Lina e Reidy guardam entre si afinidades no que concerne à implantação, à transparência e ao uso da tecnologia como expressão de arrojo e contemporaneidade. O projeto de Saia e Kneese de Mello é caracterizado pela descrição, pela opacidade e pela sensação de neutralidade no espaço urbano. Possivelmente em função de tais atributos, o Pavilhão da I Bienal não conquista a simpatia de Ciccillo Matarazzo, certamente mais preocupado em criar um referencial arquitetônico capaz de ultrapassar os limites da Avenida Paulista.

Parque Ibirapuera

A realização da segunda bienal paulistana em instalações não provisórias constitui preocupação relevante para a diretoria do MAM/SP desde antes do desfecho da primeira bienal. Além das tratativas para a concretização do Palácio das Artes, analisadas anteriormente, Ciccillo costura alternativa mais atraente, deflagrada com a conquista da presidência da Comissão Executiva do IV Centenário: a proposição de um conjunto urbanístico monumental e moderno, capaz de abrigar os festejos comemorativos dos 400 anos de fundação da cidade de São Paulo⁴⁴.

O convênio estabelecido entre governador, prefeito e empresários em torno da construção do Parque Ibirapuera denota preocupação em transformar a fisionomia de São Paulo. Mas nem por isso a Comissão oblitera o processo de afirmação cultural da cidade, de vila pacata a metrópole cosmopolita. Para tanto, mitifica alguns de seus personagens, a exemplo do bandeirante, cuja imagem passa a ser associada ao espírito empreendedor do habitante citadino, especialmente o imigrante.

A Exposição da História de São Paulo no Quadro da História do Brasil⁴⁵, composta de vasta documentação e painéis ilustrativos confeccionados por artistas de renome, inscreve-se na busca de referências sobre a construção da metrópole. Com o mesmo intuito, são desenvolvidas pesquisas para recuperar elementos da memória paulista, sendo a edição do *Catálogo de documentos sobre a História de São Paulo existentes no Arquivo Ultramarino de Lisboa*⁴⁶, publicado em 15 volumes pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, exponencial para a divulgação de vasto acervo documental nos campos administrativo, econômico, político, social, religioso e cultural.

Diversos concursos centrados em temas da história de São Paulo são instituídos, entre os quais o de bandas civis e outro de peças sinfônicas, vencido por Camargo Guarnieri. No campo das atividades culturais são organizadas mostras centradas nas tradições locais, a exemplo do Festival Brasileiro do Folclore e da Exposição de Artes e Técnicas Populares. No outro extremo da atividade produtiva, é inaugurada em 21 de agosto de 1954 a Exposição Internacional do IV Centenário, com significativa adesão de delegações nacionais e internacionais, além de expressiva participação de empresas públicas e particulares paulistas.

A construção do Parque Ibirapuera, local de convergência de muitas atividades propostas, encerra uma longa discussão acerca da urbanização da gleba que abrigara, até as vésperas do IV Centenário, a internada de tropas militares e até mesmo uma pequena favela. Im-

53 e 54

Oscar Niemeyer e equipe.

Parque Ibirapuera.

Maquete e vista aérea, 2007

plantado em uma gleba estrategicamente localizada entre o espigão da Avenida Paulista e o Aeroporto de Congonhas, o Parque Ibirapuera ocupa 1.800.000 metros quadrados de área, das quais 5% são destinadas às obras do IV Centenário. Além de áreas de lazer, bosques e lagos, são previstos pavilhões expositivos, auditório e planetário.

Graças à intermediação de Ciccillo, o conjunto urbanístico é desenvolvido por Oscar Niemeyer e equipe; a Roberto Burle Marx compete elaborar o projeto paisagístico, sendo posteriormente concebido por Otávio Augusto Teixeira Mendes⁴⁷. Note-se que a seleção original de nomes não é acidental. Apenas confirma a projeção de Niemeyer e Burle Marx no panorama arquitetônico do período. Sob outro ângulo, revela sintonia entre o ideário da Comissão do IV Centenário e a expressão formal da proposta, indubitavelmente instigante ao olhar da multidão que ocorre para os pavilhões implantados nas extremidades de uma marquise que se estende sinuosamente por mais de 600 metros.

Os edifícios-pavilhões, denominados palácios, são blocos prismáticos regulares que postulam leveza e transparência graças à adoção de um sistema estrutural modular combinado ao emprego do vidro como principal elemento de vedação. Quando da realização da II Bienal do MAM/SP, no Palácio dos Estados e no Palácio das Nações, a concepção expográfica mantém os critérios básicos para apresentação das obras em núcleos espaciais semi-independentes, configurados por painéis-divisórias de madeira.

A montagem da segunda bienal, coordenada por Jacob Ruchti, é facilitada pela flexibilidade na ocupação dos espaços, baseada na planta livre. Mas, ao contrário do Pavilhão do Trianon, a apreciação dos trabalhos compete com a exuberante paisagem externa, em situação indesejável à particularização dos objetos artísticos e à conservação dos mesmos, ainda que tenham sido empregados anteparos fixos e móveis para controlar a incidência dos raios solares.

Tal situação remete a conceitos espaciais desenvolvidos para a sede definitiva do Masp e do MAM/RJ, ainda que nessas proposições seja evitada a presença de pilares nos salões de exposição. Há que se considerar, também, diferenças no tratamento do programa, com especial desatenção, na proposição de Niemeyer, para os espaços de quarentena, montagem e desmontagem das obras. Em comum entre os projetos, conforme dito anteriormente, o desejo de sacramentar um marco simbólico para o viver metropolitano.

Afora o reconhecimento de sua habilidade no tratamento dos volumes, o Ibirapuera notabiliza-se por subverter o conceito usual de parque público, tornando a apreciação da paisagem dependente da articulação

55

Roberto Burle Marx.
Projeto paisagístico
para o Parque
Ibirapuera, c.1953

56

Oscar Niemeyer e equipe.
Parque Ibirapuera.
Marquise c.1954

57

Oscar Niemeyer e equipe.
Parque Ibirapuera.
Palácio das Nações c.1954

das massas construídas, e não o inverso, como observam as paisagistas Rosa Kliass (1989) e Cássia Mariano (1992). O aspecto eminentemente plástico do conjunto arquitetônico do Ibirapuera também suscita comentários adicionais, porquanto impulsiona críticas de Max Bill quanto à validade da obra de Niemeyer, sob a acusação de descompromisso com as verdadeiras premissas da arquitetura moderna.

Apesar dos múltiplos desdobramentos das acusações do arquiteto suíço, a ser analisados posteriormente, a repercussão da obra de Niemeyer no plano internacional certamente não constitui empecilho à utilização do Parque Ibirapuera para a realização de mostras artísticas. A utilização do Palácio das Indústrias para abrigar as bienais paulistas, desde sua quarta edição, em 1957, não apenas atesta respeito pela

obra de Niemeyer como também sinaliza desinteresse pela concessão de uso do Belvedere do Trianon.

Com a desistência da construção do Palácio das Artes na Avenida Paulista, a sede do MAM/SP é transferida para o terceiro andar do Palácio das Indústrias, em agosto de 1958, ali permanecendo até 1963, ano em que seus estatutos civis são dissolvidos e seu acervo incorporado pela Universidade de São Paulo, dando origem ao MAC/USP, conforme visto no capítulo precedente⁴⁸.

58

Oscar Niemeyer e equipe.
Parque Ibirapuera.
Vista interna do Palácio das Indústrias em 2003

normas regulamentares

Pode-se afirmar que a inclusão de uma seção dedicada à arquitetura nas bienais paulistanas confere aos projetos arquitetônicos uma importância equivalente à das obras expostas na seção de artes, ao menos hipoteticamente. Tal consideração, porém, não reivindica para as pranchas de apresentação dos projetos o mesmo valor de mercado atribuído aos trabalhos artísticos, mas torna seus conteúdos dignos de ser apreciados pelo público, desafiando a hierarquia da tradição das belas-artes, que considera apenas a pintura e a escultura como gêneros de primeira grandeza.

Em outras palavras, as representações arquitetônicas podem ser vistas como alegorias cujo valor não é medido apenas pelo encantamento visual, mas sobretudo pela assimilação dos ideários expressos nos projetos. Destituído da aura de um objeto único e irreproduzível, as representações arquitetônicas apresentadas nas bienais são, em sua maior parte, elaboradas com base no sistema de representação sistematizado por Gaspard Monge em fins do século XIX, caracterizado pela fatura impessoal, pelo fracionamento do objeto em partes e pela igual atenção na definição de seus elementos formais constitutivos.

Mas não se pode dizer que as pranchas expostas nos salões das bienais não contenham elementos capazes de sensibilizar os observadores: ao contrário, busca-se, com maior ou menor sucesso, como apontarei adiante, motivar a atenção do público para as questões da arquitetura moderna e suas implicações no campo da estética e nas transformações no modo de vida urbano.

Tomando-se como base as pretensões defendidas pelos promotores das bienais, para quem as mostras objetivam espelhar o ritmo do crescimento da cidade e inseri-la em pé de igualdade entre os grandes centros internacionais, não surpreende constatar, no que concerne às Exposições Internacionais de Arquitetura, a adoção de soluções muito simples para a exibição dos projetos arquitetônicos.

Em termos práticos isso se traduz na primazia de suportes bidimensionais. Tal escolha, menos afeita à interação com o público leigo se comparada a modelos tridimensionais ou a protótipos em escala natural, fundamenta-se na garantia de uma maior participação de arquitetos, que com maior facilidade podem produzir e remeter seus trabalhos.

Tal recurso mostra-se particularmente evidente na I EIA, na qual é determinado um formato padronizado de 24 x 30 centímetros para a exibição de projetos dos arquitetos.

59

Público aguarda
abertura dos
portões da I Bienal

60

Lina Bo Bardi.
Projeto ideal e gratuito
para a instalação da
Exposição do IV Centenário

tos e estudantes. A inclusão de maquetes, no entanto, condiciona-se à aceitação do Júri de Seleção. A polêmica decisão de pronto encontra opositores, entre os quais Lina Bo Bardi, que, se utilizando do pseudônimo Alencastro, deflagra na revista *Habitat* críticas contundentes à mostra, alegando que nela os projetos arquitetônicos são expostos com “fotografias do tamanho de um cartão postal”⁴⁹.

No mesmo artigo, escrito no instante em que a cidade inicia os preparativos para a comemoração de seu IV Centenário, Alencastro propõe a construção de um núcleo residencial nas proximidades do Parque Ibirapuera, como alternativa para a realização da II EIA, em substituição ao modelo expositivo precedente. A idéia pode ser considerada uma retomada de experiências do entreguerras, a exemplo de Weissenhof, em Stuttgart, e poderia trazer, no parecer de Lina, benefícios à cidade de São Paulo, que teria reunidas construções de “Wright, Gropius, Le Corbusier, Mies van der Rohe, Aalto, Neutra etc.”⁵⁰.

As intenções expressas pela arquiteta, contudo, não conquistam a empatia dos realizadores das bienais paulistanas, que mantêm praticamente inalterados na II EIA os critérios de apresentação dos trabalhos, exceto por um fator essencial: a área das pranchas, ampliada para o limite máximo de 3 metros quadrados. Talvez em decorrência do estágio tecnológico do parque gráfico brasileiro, que imputava altos custos às reproduções fotográficas, ou ainda para garantir certa padronização à exibição dos trabalhos, opta-se pela proibição do uso de luminosos e de cores nas pranchas.

Também causa espanto notar, ainda com base nos regulamentos da II EIA, a não-aceitação de maquetes e desenhos originais, o que reforça a hipótese de que seus organizadores não pretendem ressaltar a qualidade plástica da apresentação, nem tampouco sacralizar o gesto

criativo dos arquitetos em seus desenhos. Visto de outro ângulo, pode-se dizer que a exibição de desenhos supostamente poderia desviar a atenção do público para questões alheias ao estado de ordem, disciplina e poder que são mais facilmente transpostos para as representações projetuais elaboradas com base na geometria descritiva.

Tal rigor, porém, não se sustenta quando examinamos os regulamentos da III EIA. Na ocasião, opta-se pela aceitação de desenhos originais sem fazer restrições quanto ao tamanho, número e padrão cromático das pranchas, desde que o espaço ocupado por cada participante, desta vez restrito apenas a escolas de arquitetura, não ultrapassasse 10 metros quadrados. Além disso, solicita-se dos autores uma indicação esquemática para a montagem dos painéis, isentando a instituição de possíveis descontentamentos.

A quarta edição da EIA, realizada em paralelo ao III Ciea, não introduz alterações relevantes em termos normativos. Prevalecem as regras anteriores, mas são indicados novos padrões modulares para a montagem dos painéis, que devem ser remetidos à apreciação do Júri de Seleção montados em papelão, compensado leve ou material similar. O espaço de cada trabalho é definido a partir do agrupamento de seis módulos de 80 centímetros de largura por 60 centímetros de altura, totalizando uma superfície máxima de 240 centímetros de largura por 120 centímetros de altura.

Para o terceiro concurso estudantil, também realizado em 1957, o espaço de cada trabalho é definido pelo agrupamento de 18 painéis de metragem equivalente à dos módulos do núcleo reservado aos arquitetos. Tal fato indica uma diminuição na área das pranchas, se os valores forem comparados aos relatados anteriormente, mas pode ser explicado em função do maior número de participantes na IV EIA em relação à mostra precedente.

A quinta edição da EIA limita-se à exibição de cinco salas especiais, dedicadas a Antonio Gaudí, Henri van de Velde, Mies van der Rohe, Roberto Burle Marx e Victor Horta. A seleção das obras e os critérios de apresentação dos trabalhos, desta vez, são diretamente formulados pelas delegações nacionais às quais pertencem os arquitetos. Nas cinco salas são expostos objetos de design, maquetes, fotografias, desenhos originais e reproduções de conjuntos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos dos homenageados, cuja escolha postula reunir representantes de diferentes etapas de afirmação da arquitetura moderna, conforme abordado no próximo capítulo.

61

Jorge Machado Moreira
e o presidente
Juscelino Kubitschek na
cerimônia de premiação
da II EIA, 1954

a recepção dos projetos

Examinando-se as normas regulamentares das cinco primeiras bienais paulistanas, é notável constatar que o formato das pranchas tenha sido ampliado significativamente, passando dos modestos 24 x 30 centímetros da I EIA para 120 x 240 centímetros da IV EIA, alcançando na mostra subsequente uma área ainda maior, proporcionada pela inclusão de apenas seis salas especiais: Antonio Gaudí, Henri van de Velde, Mies van der Rohe, Roberto Burle Marx e Victor Horta.

Observando-se a questão sob outro ângulo, é surpreendente constatar que o número de projetos expostos na I EIA não tenha sido ultrapassado nas demais mostras do recorte selecionado, ainda que tenha sido disponibilizada, com a conclusão do Parque Ibirapuera, uma área expositiva de aproximadamente 24.000 metros quadrados, sensivelmente superior aos 5.000 metros quadrados do Pavilhão do Trianon, local de realização da I Bienal do MAM/SP

Com base nos dados acima, pode-se dizer que os promotores da mostra se preocupam, num primeiro momento, em firmar o certame no meio local e no calendário internacional, ainda que, para tanto, sejam negligenciadas premissas básicas para a apreciação dos trabalhos, tais como o tamanho das pranchas e as condições físicas dos edifícios que abrigam as obras.

Em avaliação feita por Lourival Gomes Machado no catálogo da primeira bienal paulistana (MAM/SP: 1951, p. 16), a construção do Pavilhão do Trianon pode ser assim sintetizada:

Projetada para abrigar-se em locais já existentes na cidade, antes mesmo que se definissem perfeitamente as representações estrangeiras e quando apenas chegavam as reservas iniciais das salas, a exposição exigiu instalações próprias. Depois, iniciada a construção dum pavilhão de vastas dimensões e que de provisório só possui as condições de ocupação do sítio, novas adesões revelaram outra vez, a imperiosa necessidade de renovarem-se os projetos. Agora, atendidas as solicitações apresentadas, sem os confortos do luxo, mas por certo com a decência da boa vontade, se ainda se mostra demasiado grande, este fato constitui, para o Museu de Arte Moderna, um motivo de satisfação, embora já esboce futuros problemas. Que não se perca a experiência e, de futuro, melhor ainda se agasalhem as exposições internacionais de arte em São Paulo.

Observando-se a questão sob outro aspecto, é no mínimo curioso constatar que os esforços empreendidos para sanar as deficiências da primeira bienal tenham contribuído para a concretização de um conjunto de edifícios de concreto e vidro implantado no Parque Ibirapuera. Entretanto, sob nenhuma hipótese, à exceção da disponibilidade de espaço, esses edifícios solucionam os problemas apontados no Pavilhão do Trianon: as áreas técnicas e de manutenção são insuficientes, não há uma resolução adequada para o problema da iluminação, nem tampouco para o da interferência de reflexos, sem mencionar o aspecto de conservação das obras.

Mas não se pode afirmar que os promotores das bienais tenham sido negligentes. Diante dos fatos, conforme demonstra o texto de Lourival Gomes Machado, reconhecem publicamente os problemas que clamam por soluções prementes. Por outro lado, é inegável que os critérios adotados para a apresentação das obras, ao menos nas EIA, poderiam garantir melhores oportunidades de interação com o público leigo, alcançando, com isso, os objetivos esperados.

Contraditoriamente, porém, os promotores das mostras garantem maiores chances de participação aos arquitetos e estudantes. Tal atitude pode ser interpretada como uma oportunidade de conferir satisfação e valorização à classe e, indiretamente, consagração aos esforços empreendidos pelo IAB para tornar a arquitetura moderna merecedora de um lugar de destaque num certame de projeção internacional.

62

Júri de Premiação
da I EIA reunido em
torno da maquete da
Maternidade Universitária

O equívoco, em minha avaliação, vincula-se à crença de que a assimilação de conceitos possa estar associada à quantidade de projetos expostos, compensando-se as dificuldades no processo de interação do público não familiarizado com as questões postas pela modernidade. Em outras palavras, os organizadores das EIA, em especial em sua primeira edição, apostam numa ampliação do sistema de referências proporcionada pela saturação de informações, o que, convenhamos, não constitui um instrumento eficaz para modificar opiniões.

Na chave de leitura proporcionada pela teoria estético-recepcional formulada por Hans Robert Jauss⁵¹, é possível constatar que as bienais paulistanas pleiteiam alterar a recepção da arquitetura moderna pelo público leigo, tornando compreensíveis seus significados, anteriormente rejeitados por mero desconhecimento. Para suprir tais dificuldades de assimilação são revistos os critérios de apresentação dos projetos em cada uma das edições das EIA que compõem meu objeto de estudos.

Na I EIA, conforme indicação anterior, o diminuto formato das pranchas constitui um obstáculo para a fruição dos projetos arquitetônicos. Reconhecido o equívoco, amplia-se o tamanho das pranchas, mas, paradoxalmente, proíbe-se a exibição de desenhos originais e a utilização de cores. Nas edições subseqüentes – III e IV EIA –, nova revisão nos critérios de apresentação aceita a utilização de cores e a exposição de originais, mas não permite a apresentação de filmes documentais. Por fim, na V EIA, concede-se plena liberdade para a montagem das salas e reduz-se a seis o número de profissionais participantes.

Se por um lado a revisão de critérios indica avanços na interação dos projetos com o público, por outro há que se considerar a escassez de profissionais especializados para a montagem das mostras, sendo relevante a inexistência de centros para formação de museólogos naquele momento.

63

Jacob Ruchti.
Pavilhão na Feira
da Agricultura, 1950

O curso de museologia do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, constitui a única exceção à regra, mas sua existência parece não colaborar para atenuar os problemas arrolados, nem ao menos no plano do debate.

Motivadas pelo isolamento ou pelo desinteresse em relação aos métodos praticados pela instituição carioca acima citada, as bienais paulistas adotam soluções recorrentes no meio local, com especial acento para as montagens realizadas nas primeiras sedes do MAM/SP e do Masp, ambas na Rua Sete de Abril.

Entre os autores dos projetos de diversas mostras realizadas nos nascentes museus paulistanos, inscreve-se o nome de Jacob Ruchti, também responsável pelo Pavilhão dos Recursos Naturais construído no Parque Fernando Costa, em 1950.

Na montagem da I Bienal do MAM/SP também idealizada em parceria entre os arquitetos Forte e Ruchti, são adotados painéis modulares de madeira pintada, implantados segundo necessidades espaciais demandadas pelas delegações nacionais. Note-se que o desenho dos painéis, em função do vão que se configura pelo seu distanciamento em relação ao piso, não configura núcleos temáticos individualizados⁵².

Para a montagem da I Bienal do MAM/SP Francisco Matarazzo Sobrinho solicita a colaboração de jovens artistas, frequentadores do museu. A única exceção a esse grupo é Guimar Morello, funcionário contratado pela instituição nessa especialidade e cuja colaboração na montagem das bienais ultrapassa o recorte temporal de meus estudos, se estendendo por toda sua vida profissional.

Segundo depoimento de Guimar Morello ao autor em 24 de janeiro de 1996, o grupo responsável pela montagem das obras na I Bienal do MAM/SP é formado por Aldemir Martins, Carmelio Cruz, Franz Krajcberg e Marcelo Grassmann. Na avaliação de Morello, o grupo não mede esforços para a tarefa:

Na base do vapt-vupt, quer dizer, martelo, prego, arame, nada de especial, trabalhamos dia e noite com dedicação, chegando a dormir no pavilhão aberto ao lado das obras. Todo mundo que estava naquele time queria ganhar, queria vencer, mesmo sem saber quais eram as regras do jogo.

O curioso em relação às Exposições Internacionais de Arquitetura é que os critérios de apresentação dos trabalhos são estabelecidos sem qualquer outra referência nacional ou internacional equivalente, considerando-se ser o certame paulistano anterior em quase três décadas à seção de arquitetura da Bienal de Veneza, instituída como núcleo independente do setor de artes visuais apenas em sua XXXIX edição, em 1980.

Mas é possível que as exposições de arquitetura realizadas no MoMA e nos encontros Ciam constituam as referências mais aproximadas com o espectro de problemas das bienais paulistanas, ainda assim divergentes dos problemas enfrentados pelas instituições acima mencionadas, por não englobarem, no bojo de suas proposições, trabalhos de artes visuais integrados a projetos arquitetônicos.

Confirme visto anteriormente, a aproximação do MAM/SP com os organismos supramencionados pode ser verificada nos documentos pertencentes aos arquivos da Fundação Bienal de São Paulo. Neles, estão presentes sugestões de temas para os concursos de estudantes, bem como a indicação de nomes para as premiações de maior destaque. Some-se ainda a requisição de material de divulgação dos arquitetos no país e no exterior, tendo como base os prêmios concedidos nas bienais paulistanas.

Para atender à solicitação de diversas entidades e revistas especializadas, são remetidos desenhos arquitetônicos e reproduções fotográficas dos projetos premiados. Levando-se em conta a inserção dessas obras nos periódicos especializados, pode-se dizer que as fotografias ocupam um espaço comparativamente maior do que os desenhos projetivos. Para que se possa interpretar essa predileção, faz-se necessária nova reflexão acerca da interação estabelecida entre o leitor e o material impresso nas publicações.

Em contraposição aos desenhos arquitetônicos, a fotografia oferece melhores oportunidades para evocar as sensações emanadas pelos espaços arquitetônicos, na medida em que sua recepção independe do conhecimento de códigos representacionais. Na avaliação de Susan Sontag⁵³, a fotografia constitui um suporte capaz de exprimir uma sensibilidade emotiva implicitamente mágica.

Tendo como suporte a conceituação de Sontag, torna-se coerente afirmar que as fotografias dos conjuntos expostos nas bienais constituem fontes documentais sobre as quais são construídas simulações freqüentemente mais sedutoras que os objetos representados. Tal afirmação pode ser justificada na medida em que a elaboração de qualquer registro fotográfico é dependente de uma avaliação subjetiva, que seleciona particularidades nem sempre reveladoras da essência dos objetos. Em outras palavras, a fotografia se inscreve no frágil limite entre a comprovação documental e a proposição de novos sentidos. No presente estudo, a fotografia parece não ser suficiente para atestar o valor arquitetônico das obras selecionadas e premiadas nas bienais paulistanas.

Por fim, cabe aqui colocar algumas questões a ser discutidas mais adiante: é possível estabelecer comparações entre os projetos tendo como base desenhos arquitetônicos, croquis e reproduções fotográficas? Projetos concluídos ou em fase de execução podem ser confrontados com estudos em fase de viabilização? De que maneira a exibição de documentários cinematográficos poderia facilitar a assimilação de conceitos para o público leigo, contribuindo para uma melhor compreensão dos elementos de projeto?

notas do segundo capítulo

1 A documentação do Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo encontra-se organizada em caixas relativas a cada uma das bienais realizadas desde 1951. Pela abrangência de seus conteúdos, constitui um imenso manancial de pesquisa a ser explorado por estudiosos dos mais diversos campos de pesquisa. Pelo empenho e dedicação de seus funcionários, agradeço a colaboração recebida.

2 Para maiores informações sobre a mostra Brazil Builds, consultar DECKKER, Zilah Quezado. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. London: Spon Press, 2001.

3 A contribuição de Ciccillo Matarazzo para o estabelecimento das bienais paulistas pode ser vista em ALMEIDA, Fernando Azevedo de. *O franciscano Ciccillo*. São Paulo: Pioneira, 1976.

4 Sobre a colaboração de Sérgio Milliet nas bienais, ver GONÇALVES, Lisbeth Rebolo. *Sérgio Milliet, crítico de arte*. São Paulo: Edusp: Perspectiva, 1992.

5 Sobre a contribuição de Mário Pedrosa nas bienais, ver ARANTES, Otilia B. F. *Mário Pedrosa: itinerário crítico*. São Paulo: Página Aberta, 1991.

6 Yolanda Penteado Matarazzo também colabora para a concretização das bienais paulistas, estabelecendo contatos com diversos organismos internacionais. Para maiores detalhes, ver PENTEADO, Yolanda. *Tudo em cor de rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976 e BIVAR, Antonio. *Yolanda*. São Paulo: A Girafa, 2004.

7 SANTOS, Cecília Rodrigues dos [et al.]. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Tessela: Projeto, 1987.

8 Trata-se de pesquisa de Aperfeiçoamento da Atividade Científica, realizada no âmbito do grupo O Fazer Artístico e os Museus, coordenado pela professora doutora Maria Cecília França Lourenço, com apoio do CNPq. Os resultados individuais podem ser vistos em HERBST, Helio. *O pavilhão da I Bienal do MAM/SP*. São Paulo: FAU/USP, 1996.

9 Ao longo da década de 1930, a Bienal de Veneza torna-se um evento de caráter multidisciplinar, sendo promovidas mostras de música (1930), cinema (1932) e teatro (1934). Em 1937, o Festival de Cinema é transferido para o Palazzo del Cinema, situado na ilha do Lido, consagrando o sucesso de público e crítica alcançado nas edições anteriores. Para maiores informações sobre o histórico das Bienais de Veneza, ver ALLOWAY, Lawrence. *The Venice Biennale, 1895-1968: from salon to goldfish bowl*. New York: Greenwich, Conn.: New York Graphic Society, 1968.

10 A representação brasileira na XXV Bienal de Veneza é constituída pelos seguintes artistas: pintura – Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, José Pancetti, Roberto Burle Marx, Can-

dido Portinari, Alfredo Volpi e Milton Dacosta; escultura – Victor Brecheret e Bruno Giorgi; gravura – Osvaldo Goeldi e Lívio Abramo.

11 A delegação italiana traz para a I Bienal do MAM/SP um significativo conjunto de 250 trabalhos. Segundo o catálogo da mostra paulistana, participam: pintura – Carlo Carrà, Giorgio Morandi, Massimo Campigli, Arturo Tosi, Felice Casorati, Filippo De Pisis, Fausto Pirandello, Renato Birolli, Mino Maccari e Virgílio Guidi; escultura – Marino Marini, Giacomo Manzù, Pericle Fazzini; gravura – Luigi Bartolini e Giuseppe Viviani.

12 Sérgio Milliet colabora na seleção de artistas para a representação brasileira nas Bienais de Veneza realizadas em 1952, 1954, 1956 e 1958. In: GONÇALVES, Lisbeth Rebolo. Op. cit. p. 165-181.

13 Paulo Mendes de Almeida (1976: 226) acredita que a tarefa de lançamento, preparo e organização da primeira bienal constitui experiência absolutamente nova, “não sendo senão em pequena parte previsíveis as possibilidades, já que o modelo de Veneza (...) de muito pouco nos valia, em face das diversidades do meio”.

14 René d’Harnoncourt, diretor artístico do MoMA, é designado comissário dos Estados Unidos nas duas primeiras bienais, além de integrar o júri de premiação da seção de artes na edição inaugural da mostra. Na edição seguinte, o Departamento de Arquitetura do MoMA seleciona as obras para a Sala Especial Grupo de Arquitetos do MoMA, da qual fazem parte projetos de Alvar Aalto, Donald Barthelme, Paul Marvin Rudolph e Philip Johnson, sendo os três últimos premiados na II EIA.

15 A fundação do MoMA deve-se à ação de três colecionadoras: Lillie Plummer Bliss, Mary Quinn Sullivan e Abby Aldrich Rockefeller, que chama Anson Conger Goodyear para se juntar ao grupo. Goodyear, por sua vez, convida Josephine Porter Boardman Crane, Frank Crowninshield e Paul Sachs, ampliando para sete o grupo de sócios-fundadores. Sachs é quem indica Alfred Barr, seu antigo aluno da Universidade de Harvard, para presidir o MoMA. Para maiores detalhes, consultar: HUNTER, Sam. *The museum of Modern Art, New York: the history and the collection*. 8th printing. New York: Harry Abrams Inc.: MoMA, 1993. p. 9-41.

16 Note-se que freqüentemente a exposição é denominada The International Style, possivelmente em decorrência do enorme sucesso editorial alcançado pelo catálogo da mostra, fato a promover o “esquecimento” do nome originalmente atribuído para a mostra.

17 Em alguns estudos, sobretudo norte-americanos, o termo estilo internacional é mais freqüentemente utilizado do que movimento moderno, sinalizando – ainda que indiretamente – o êxito da exposição organizada por Henry-Russel Hitchcock e Philip Johnson no MoMA, em 1932.

- 18** A lista completa dos expositores pode ser vista em HITCHCOCK, Henry Russell; JOHNSON, Philip. *The International Style: architecture since 1922*. 3. ed. New York, London: W.W. Norton & Company, 1995.
- 19** A ausência de projetos latino-americanos na mostra organizada no MoMA em 1932 pode revelar a falta de diálogo com o Ciam, que já possui representantes na Argentina e no Brasil (Gregori Warchavchik).
- 20** Para maiores informações sobre o Congresso Extraordinário da Associação Internacional dos Críticos de Arte, consultar: A CIDADE nova – síntese das artes. *Habitat* (57): 2-19, nov./dez. 1959; (58): 3-7, São Paulo, jan./fev. 1960.
- 21** O encontro realizado em Oterloo, Holanda constitui o desfecho de três décadas de debates promovidos pelo Ciam acerca dos princípios e objetivos do movimento moderno, visto como uma ferramenta de promoção social e equidade entre os povos.
- 22** Além de Argan, Giedion e Zevi, participam do Congresso Extraordinário da AICA os críticos Alberto Sartoris, André Bloc, André Chastel, Françoise Choay, Gillo Dorfles, Meyer Schapiro, Paul Damaz, Stamo Papadaki e Tomas Maldonado, entre outros.
- 23** Participam do primeiro congresso Ciam, em La Sarraz, Suíça, em 1928, os arquitetos Alberto Sartoris, André Lurçat, Ernst May, Florentin, Friedrich Gubler, Gabriel Guevrekian, Garcia Mercadal, Gerrit Rietveld, Hans Schmidt, Hélène de Mandrot, Huib Hoste, Hugo Häring, Josef Frank, Le Corbusier, Maggioni, Mart Stam, Max Haefell, Molly Weber, Paul Artaria, Pierre Charreau, Pierre Jeanneret, Robert von der Mühll, RoCHAT, Rudolf Steiger, Siegfried Giedion, Tadevossian, Victor Burgeois, Werner Moser e Zavala.
- 24** Para maiores informações sobre os relatos do quarto congresso Ciam, consultar o texto introdutório de Rebeca Scherer em: LE CORBUSIER. *Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1993.
- 25** Para maiores informações sobre ambos os episódios, consultar BONDUKI, Nabil Georges. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e divisão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade: Fapesp, 1998. p. 145.
- 26** O Brasil é representado na mostra realizada em paralelo ao VI Ciam pelos brasileiros Adhemar Marinho, Affonso Eduardo Reidy, Álvaro Vital Brazil, Atílio Correa Lima, Gregori Warchavchik, Henrique Mindlin, Jorge Machado Moreira, Lúcio Costa, MMM Roberto, Oscar Niemeyer e Rino Levi.
- 27** “The contributions that come from the soil of Finland and Brazil are not frontier enterprise or provincialism but works of inspiration and of new discovery.” In: GIEDION, Siegfried. *A decade of contemporary architecture*. 2. ed, Zurich: Girsberger, 1954. p. 9.
- 28** A difusão da arquitetura moderna em Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador, entre outras capitais do país, tem sido objeto de contínua reflexão nas universidades e em diversos centros de pesquisa e documentação, a exemplo do Docomomo Brasil, que mantém em atividade núcleos regionais dedicados ao mapeamento da produção de diversas cidades brasileiras.
- 29** A construção da Unidade de Habitação de Marselha, no pós-guerra, pode ser vista como a materialização do ideário urbanístico anteriormente expresso no plano de reconstrução de Saint-Dié. Maiores informações sobre o assunto, ver GARDINER, Stephen. *Le Corbusier*. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1977.
- 30** Somente em 1947 são organizadas três edições especiais dedicadas à arquitetura brasileira. Em abril, a norte-americana *Progressive Architecture* apresenta projetos de Affonso Eduardo Reidy, Álvaro Vital Brazil, Henrique Mindlin, Jorge Machado Moreira, MMM Roberto e Oscar Niemeyer. Em setembro, a francesa *Architecture d’Aujourd’hui* acrescenta, além dos arquitetos listados, exceto Mindlin, os nomes de Aldary Henriques Toledo, Atílio Correa Lima, Eduardo Kneese de Mello, Francisco Bolonha, Jorge Ferreira, Lúcio Costa, Otto Rocha e Silva, Renato Mesquita dos Santos, Renato Soeiro, Rino Levi, Roberto Burle Marx, Sérgio Bernardes e Thomas Estrella. Em novembro do mesmo ano, a também norte-americana *Architectural Forum* inclui, além de todos os brasileiros citados, exceto Bernardes e Rocha e Silva, realizações de Alcides Rocha Miranda, Carlos Frederico Ferreira, Daniele Calabi, Firmino Saldanha, Galiano Ciampaglia, Gregori Warchavchik, Helio Queiroz Duarte, Helio Uchoa Cavalcanti, Herminio de Andrade Silva, Jacob Ruchti, João Baptista Vilanova Artigas, José Theodulo da Silva, Lucjan Korngold, Mário Henrique Glicério Torres, Miguel Forte, Olavo Redig de Campos, Paulo Antunes Ribeiro e Walmir Leal.
- 31** Não existem evidências de que as propostas do *Team X* tenham encontrado interlocutores influentes no meio local, de acordo com os estudos existentes. Para maiores informações sobre o grupo liderado por Aldo van Eyck e pelo casal Alison e Peter Smithson, consultar BARONE, Ana Cláudia Castilho. *Team X: arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- 32** LANÇADA ontem a Primeira Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 1º dez. 1950.
- 33** Outra versão para o fato é dada por Roberto de Paiva Meira, homem de confiança de Cicillio, na entrevista concedida a Ibiapaba Martins para o jornal *Correio Paulistano*, em 1948. Segundo Meira, a idéia de organizar uma bienal de artes nos moldes da Bienal de Veneza remonta ao período de fundação do MAM/SP sendo sua realização prevista para 1951 ou para 1954, ano de comemoração do Quarto Centenário de São Paulo. In: AMARAL, Aracy Abreu. *Arte para quê? a preocupação social na arte brasileira 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1987. p. 236-237.
- 34** A I Bienal Internacional de Arquitetura de Veneza é aberta ao público em 1980, sob a direção de Paolo Portoghesi. Ancorada no tema Presença do Passado, a primeira bienal de arquitetura veneziana é posteriormente considerada um marco nas discussões sobre a pós-modernidade, apresentando a *Strada Novissima* e salas especiais dedicadas a Ignazio Gardella, Mario Ridolfi e Philip Johnson.
- 35** Entre 1975 e 1980, data de instituição de um setor autônomo de arquitetura, são organizadas as mostras Teatro do mundo, por Aldo Rossi, em 1979, e Origens do design, racionalismo e arquitetura na Itália durante o período fascista, por Vittorio Gregotti, em 1976, entre outras. Para maiores informações, consultar <<http://biennale.tiscali.it/it/architettura/crono/index.html>>. Acesso em 16 mai 2007.
- 36** APOIO da prefeitura à Bienal do Museu de Arte Moderna: o certame deverá instalar-se em fins de 1951. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 26 de nov. 1950.
- 37** Para maiores detalhes acerca da experiência profissional de Jacob Ruchti e Miguel Forte, consultar ACAYABA, Marlene Milan. *Branco e preto: uma história de design brasileiro nos anos 50*. São Paulo: Instituto Lina Bo e PM. Bardi, 1994.
- 38** Documento datilografado, não assinado e com data assinalada a lápis, localizado no Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.
- 39** Giulio Carlo Argan acredita que o desenvolvimento da arquitetura moderna, em todo o mundo, segue alguns princípios gerais, entre os quais a busca pela “rigorosa racionalidade das formas arquitetônicas, entendidas como deduções lógicas (efeitos) a partir de exigências objetivas (causas). In: ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 264.
- 40** PAGLIA, Dante. *Arquitetura na Bienal de São Paulo*. São Paulo: Ediam, 1952, não paginado.
- 41** AMARANTE, Leonor. *As bienais de São Paulo, 1951-1987. Projeto*, São Paulo, 1989. p. 12.
- 42** DEPOIMENTO de Francisco Matarazzo Sobrinho à Radio e Televisão Cultura, em 1977. Acervo Museu da Imagem do Som, São Paulo.
- 43** A Cinemateca Brasileira surge como desdobramento do Clube de Cinema de São Paulo, criado em 1940 pela ação de estudantes do curso de filosofia da USP entre os quais Paulo Emilio Salles Gomes, Décio de Almeida

Prado e Antônio Cândido de Mello e Souza. Após a interrupção de suas atividades, motivada pela polícia do Estado Novo, o segundo Clube de Cinema de São Paulo é inaugurado em 1946, e seu acervo cinematográfico constitui a base da filмотeca do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Outros esclarecimentos podem ser vistos em ANDRADE, Rudá. *Cronologia da cultura cinematográfica no Brasil*. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, 1962.

44 Para maiores detalhes sobre os festejos comemorativos do IV Centenário de São Paulo, consultar ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. *Metrópole e cultura*: São Paulo no meio século XX. Bauru: Edusc, 2001.

45 A *Exposição da História de São Paulo no Quadro da História do Brasil* é organizada pelo historiador Jaime Cortesão, com o auxílio de Agostinho da Silva, Ernani da Silva Bruno, Hélio Damante e Mário Neme. In: ARRUDA, op. cit., p. 95.

46 O material reunido nos 15 volumes do *Catálogo de documentos sobre a História de São Paulo existentes no Arquivo Ultramarino de Lisboa* constitui, na avaliação de Arruda (2001: 97), “um manancial inesgotável para a explicação histórica que se daria, no futuro, para o passado de São Paulo. Um convite à reflexão, ao exercício do espírito crítico, bem ao gosto dos modernistas”.

47 Para maiores informações sobre a obra de Teixeira Mendes, consultar MARIANO, Cássia Regina. *Preservação e paisagismo em São Paulo*: Otavio Augusto Teixeira Mendes. São Paulo: Annablume: Fapesp: Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 2005.

48 Mesmo após a dissolução jurídica do MAM/SP, o MAC/USP, depositário das obras doadas por Ciccillo Matarazzo, segue realizando mostras no terceiro andar do pavilhão concebido por Oscar Niemeyer, fato que representa oportunidades e dificuldades adicionais para o funcionamento daquela instituição em diferentes pontos da capital paulista.

49 ALENCASTRO. Carta aberta. *Habitat* (4): 79, São Paulo, 1951.

50 ALENCASTRO, op. cit. p. 78.

51 JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

52 Tampouco o painel-cavelete proposto por Lina Bo Bardi para a sede definitiva do Masp permite conformar núcleos expositivos individualizados. Mas seria imprudente afirmar que a solução adotada pela arquiteta constitui um entrave para a apreciação dos objetos artísticos, na medida em que sua inserção no espaço expositivo do Masp abre novas possibilidades de interpretação das obras de arte, vistas em confronto.

53 SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

arquitetura brasileira nas bienais paulistanas

terceiro capítulo

Público aguarda a abertura dos salões da II Bienal, em 1953

premissa

O presente capítulo investiga temas do debate arquitetônico da década de 1950. Para tanto, são examinados os projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos premiados, selecionados ou recusados nas cinco primeiras bienais paulistanas. A pesquisa também aborda os critérios de escolha dos trabalhos, porquanto sinalizam embates pela consagração de determinados valores ou, ainda, o descarte de temas não identificados com o ideário dos responsáveis pelos certames.

A investigação dos projetos remetidos aos júris das EIA objetiva agrupá-los em torno dos debates do período, cujo desfecho é marcado pela inauguração de Brasília e pelo encerramento dos encontros Ciam, na cidade holandesa de Oterloo, em 1959. A apresentação cronológica dos certames não pretende fornecer uma sucessão linear de acontecimentos, até porque seria impossível analisar os projetos desvinculando-os de correspondências não sucedâneas.

A noção de tempo adotada advém da conceituação formulada por Paul Ricoeur em *Tempo e narrativa* (1994), em que discute o caráter narrativo da história, cujo entendimento ultrapassa a mera sucessão de fatos memoráveis. Em contraposição à história factual e às grandes narrativas, Ricoeur, entre outros expoentes da *École des Annales*⁴, propõe a noção de um tempo social cujas categorias principais – conjuntura, estrutura, ciclo, crise etc. – são inspiradas na economia, na demografia e na sociologia.

A conexão entre as duas contestações – a do primado do indivíduo como alvo da investigação histórica, e a do primado do acontecimento como plataforma de mudanças sociais – se posiciona no combate à história de tradição positivista. Em seu lugar, Ricoeur defende uma história do fenômeno humano total, também incluída na chamada história social, com forte acento nos grupos, categorias e classes sociais, nos quais artesãos, burgueses, camponeses e operários são transformados heróis coletivos da história.

O exame dos projetos expostos ou recusados nas bienais pretende, na sistemática de análise aqui proposta, estabelecer matizes entre as participações individuais não apenas para apontar possíveis injustiças, mas principalmente para motivar uma análise capaz de assinalar vínculos com questões aparentemente desconectadas no tempo e no espaço.

estado da arte

A contribuição das EIA para a arquitetura brasileira, conforme exposto no capítulo anterior, parece não ter recebido a merecida atenção nos estudos. Entre as honrosas exceções, ressaltam-se o catálogo *Arquitetura na Bienal de São Paulo*, de Dante Paglia (1952); a dissertação *Arquitetura e as primeiras bienais 1951 e 1953*, de Paulo de Tarso Amendola Lins (2000); o ensaio *Exposições Internacionais de Arquitetura*, escrito por Fernanda Fernandes para a publicação *Bienal 50 anos*, organizada por Agnaldo Farias (2001); e a dissertação de mestrado *Promessas e conquistas: arquitetura e modernidade nas bienais 1951-1959*, defendida por este autor em 2002.

Lançado mais de um ano após o encerramento da primeira bienal, o catálogo *Arquitetura na Bienal de São Paulo* apresenta apenas os projetos premiados e alguns trabalhos assinados por arquitetos convidados ou homenageados em salas especiais. A publicação não indica a relação completa dos participantes da I EIA, mas exhibe um vasto material iconográfico, sensivelmente superior às reproduções do catálogo da seção de artes visuais, distribuído na abertura do evento.

Lamentavelmente não são produzidos catálogos das outras mostras de arquitetura realizadas nos anos 1950, o que constitui um obstáculo de difícil superação, tendo em vista a escassez de material sobre os certames. Mas tal possibilidade chega a ser aventada em fins de 1955, quando são submetidas à apreciação da diretoria do MAM/SP estimativas de custos para a publicação dos catálogos da II e da III EIA, conforme demonstra a documentação localizada nos arquivos da Fundação Bienal. Os motivos da recusa, em contrapartida, são desconhecidos².

Em 2000, quase cinco décadas após a publicação de Paglia, Paulo Lins recupera as discussões em torno das Exposições Internacionais de Arquitetura na dissertação *Arquitetura e as primeiras bienais 1951 e 1953*, orientada pelo professor Carlos Martins no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC/USP. Lins investiga a presença da arquitetura nas duas primeiras bienais paulistas, exaltando a contribuição dos certames para os debates do período. Para tanto, examina os projetos premiados, a atuação dos júris, a repercussão das mostras nas revistas especializadas e a participação de Alvar Aalto, Le Corbusier e Walter Gropius, entre outros expoentes de incontestável destaque.

No âmbito das comemorações do cinquentenário das bienais, Fernanda Fernandes da Silva publica o ensaio *Exposições Internacionais de Arquitetura*, cuja abrangência percorre as 11 primeiras EIA (1951-1971), organizadas em paralelo às Bienais de São Paulo³, e as quatro edições da Bienal Internacional de Arquitetura (BIA), produzidas de forma independente em 1973, 1993, 1997 e 1999⁴. No ensaio, publicado em 2001, a autora elabora uma retrospectiva das EIA, preocupando-se em alinhar as contribuições das mostras para o entendimento da modernidade brasileira.

1
Detalhe da capa do livro de Dante Paglia, com Edifício-sede da ONU, ao fundo

2
Comunicação Interna do MAM/SP solicitando orçamento para a elaboração dos catálogos da II e III EIA, 1955

3
Convite para o lançamento da publicação *Bienal 50 anos*, 2001

Em 2002, o autor desta tese defende a dissertação *Promessas e conquistas: arquitetura e modernidade nas bienais 1951-1959*, na FAU/USP, sob orientação de Maria Cecília França Lourenço. Em linhas gerais, os objetivos traçados não se diferenciam dos das investigações anteriores, mas seu recorte temporal, limitado ao estudo das bienais dos anos 1950, constitui o principal diferencial, na medida em que interrompe a discussão acerca da modernidade local no exato instante em que seus limites são discutidos em Brasília, quando da realização do Congresso Extraordinário da Associação Internacional dos Críticos de Arte (Aica).

No capítulo que ora se apresenta, pretendo aprofundar os temas antes abordados, incluindo, entre os estudos de caso não apenas os projetos premiados, mas também os recusados pelos júris de seleção. O entendimento da importância das Exposições Internacionais de Arquitetura para a construção de uma identidade arquitetônica brasileira não pode prescindir das personagens menos conhecidas, nem do confronto de seus ideais com o discurso oficializado pelos promotores das bienais.

I Exposição Internacional de Arquitetura

O lançamento da primeira bienal paulistana desencadeia declarações de apoio e repúdio motivadas pelos acordos bilaterais estabelecidos com os Estados Unidos e pelas polêmicas em torno da difusão da arte abstrata, mantidas após a inauguração do museu na Rua Sete de Abril. Os periódicos de grande circulação, mais favoráveis que contrários à bienal de arte, creditam manifestações assinadas por personalidades do meio, na intenção de sensibilizar a opinião popular e fortalecer as parcerias com os poderes públicos federal, estadual e municipal.

A pronta adesão governamental não pode ser atribuída apenas ao reconhecimento da iniciativa no campo artístico, devendo ser consignada à desenvoltura dos membros da Diretoria Artística do MAM/SP nas altas esferas do poder. Além disso, conforme sinaliza Paulo Mendes de Almeida (1976), o eventual fracasso da bienal implicaria danos morais e prejuízos financeiros de toda ordem, arranhando a imagem de seus promotores e a reputação da nação no plano internacional.

A viabilidade da proposta chega a ser questionada por membros do MAM/SP, mas seu êxito é alcançado pela persuasão de seus organizadores. Em dezembro de 1950, Sérgio Milliet é recebido pela diretoria do Serviço de Relações Culturais da França, em Paris. Yolanda Penteado, amparada pela artista Maria Martins e seu esposo, o embaixador Carlos Martins, amigos do presidente Getúlio Vargas, obtém generoso auxílio para confirmar a participação de diversos países europeus, quando percorre o continente em princípios de 1951.

Eduardo Kneese de Mello e Armando Ciampolini, membros do IAB/SP e delegados responsáveis pela divulgação da Exposição Internacional de Arquitetura, visitam capitais européias e americanas durante dois meses, contatando arquitetos, escolas e associações de classe⁵. Nas diversas palestras que ministram sobre arquitetura moderna brasileira,

não raro surpreendem-se com o conhecimento do público acerca da nossa produção arquitetônica, que chega a apontar “em voz alta” a localização e as características principais de determinados projetos⁶.

Os regulamentos da I EIA são assinados por Francisco Matarazzo Sobrinho e Lourival Gomes Machado, respectivamente presidente e diretor artístico da I Bienal do MAM/SP, e pela dupla responsável pelo projeto arquitetônico do Pavilhão do Triângulo, ambos sócios-fundadores e participantes do Conselho Administrativo do MAM/SP: Eduardo Kneese de Mello, autor do Conjunto Residencial do IAPI (1947), na Rua Japurá, e Luis Saia, chefe do 4º Distrito do Sphan naquele momento e antigo colaborador da Missão de Pesquisas Folclóricas, analisada anteriormente.

O Júri de Seleção da I EIA é formado por Machado, Kneese de Mello e Saia. O de Premiação é composto pelo crítico Siegfried Giedion, primeiro secretário-geral do Ciam; Junzo Sakakura, autor do projeto do Museu de Arte Moderna de Kanagawa (1951); e Mario Pani, autor do plano urbanístico da Universidade Nacional Autônoma do México (1947). O Júri de Premiação também conta com a participação de Kneese de Mello, indicado pelo MAM/SP, e Francisco Beck, pela seção estadual do IAB.

Para assegurar a adesão de profissionais de destaque, são remetidas cartas-convite a arquitetos nacionais ou estrangeiros, residentes ou não no país, indicados pela comissão organizadora da mostra⁷. A participação espontânea dos profissionais, por outro lado, é estimulada em função do formato das pranchas (24 x 30 centímetros) e da limitação à exibição de três projetos de cada autor. O grande número de participantes parece comprovar a eficácia de ambas as estratégias.

A presença de arquitetos de renome ressalta a aproximação desejada com os congressos Ciam. Na lista de convidados constam os nomes de Alvar Aalto, Le Corbusier, Max Bill, Mies van der Rohe, Philip Johnson, Sven Markelius, Walter Gropius e de membros pou-

4

Eduardo Kneese de Mello.
Conjunto Residencial
Japurá, São Paulo, SP

5 e 6

Junzo Sakakura.
Museu de Arte Moderna de
Kanagawa, Japão.
Mario Pani.
Escola Nacional de Maestros,
Cidade do México

7
Amancio Williams.
Casa Ponte, Mar del Plata,
Argentina

8
Julio Vilamajó, Le Corbusier,
Oscar Niemeyer e outros.
Edifício-sede da ONU, Nova York

co conhecidos fora do meio, como o argentino Amancio Williams, autor da Casa Ponte em Mar del Plata (1943), o belga Gaston Brunfaut, conhecido pela construção de conjuntos habitacionais em Bruxelas, o japonês Junzo Sakakura, autor do pavilhão japonês na Feira de Nova York (1939), e o polonês Matthew Nowicki, co-responsável pelo projeto da Arena Dorton (c.1950), em Raleigh, Estados Unidos⁸.

A lista de convidados inclui os arquitetos vinculados ao projeto do Edifício-Sede das Nações Unidas em Nova York (1947), entre os quais figuram Ernest Comier, Gyle Soilleux, Nikolai Bassov e Ssu-ch'eng Liang, reunindo países tão díspares quanto Austrália, Canadá, China e União Soviética. Também são remetidos convites aos veteranos Auguste Perret, Eugène Freyssinet, Frank Lloyd Wright, Jean Antoniadis e Pier Luigi Nervi, denotando reconhecimento das contribuições pioneiras – não necessariamente vinculadas ao racionalismo do entreguerras, nem aos congressos Ciam – para a afirmação do movimento moderno na França, nos Estados Unidos, na Grécia e na Itália, respectivamente.

A publicação *Arquitetura na Bienal de São Paulo* não menciona a participação de Aalto, Freyssinet, Gropius, Nowicki, Perret e Wright, o que parece se confirmar com base na leitura de periódicos do período. Em contrapartida, são reproduzidas obras de Percy Johnson-Marshall e dos já mencionados Antoniadis, Bill, Ervi, Johnson, Le Corbusier, Markelius, Nervi, Sakakura, Soilleux, Van der Rohe e Williams. A sede das Nações Unidas é publicada com relativo destaque, apesar de não haver qualquer indicação sobre a data do projeto nem sobre sua autoria⁹.

As salas especiais da I EIA prestam tributo a Atílio Correa Lima, Flávio de Carvalho, Gregori Warchavchik, Julio Vilamajó e Lúcio Costa. A informação merece ressalvas, na medida em que Carvalho se submeteu ao processo seletivo antes de ser indicado para representar, na qualidade de pioneiro, a arquitetura moderna brasileira. A existência de uma sala especial dedicada a Lúcio Costa suscita dúvidas de outra natureza, em função da láurea concedida ao Conjunto Residencial do Parque Guinle (1948) na categoria habitacional. Tal prêmio poderia ser atribuído a um arquiteto homenageado?

De acordo com Paglia (1952), entre as salas especiais são feitas distinções de caráter póstumo a Correa Lima e a Vilamajó. do primeiro, transformado em nome de prêmio e “reverenciado como uma das maiores glórias do urbanismo brasileiro”, não se apresenta qualquer plano urbanístico, mas tão-somente um projeto arquitetônico – a Estação de Hidroaviões (1937)¹⁰. Vilamajó, membro da comissão responsável pelo projeto da sede das Nações Unidas, comparece com três obras referenciais para a afirmação da arquitetura moderna uruguaia, entre as quais a Faculdade de Engenharia de Montevideu (1936).

O Ministério da Educação e Saúde, apontado como o “ponto de partida do impulso vivo que hoje se faz vencedor no panorama da arquitetura no Brasil”¹¹, compõe, ao lado do Park Hotel (1944) e do Parque Guinle, o suposto segmento em homenagem a Lúcio Costa. Flávio de Carvalho, por seu turno, submete ao Júri de Seleção três obras remanejadas para o núcleo de homenagens especiais: a Residência da Fazenda Capuava (1929) e os projetos do Paço Municipal (1927) e do Palácio do Governo (1939), ambos situados na capital paulista e desenvolvidos para concursos públicos. Ressalte-se que a construção do Park Hotel e da Residência da Fazenda Capuava, em Nova Friburgo e Valinhos, respectivamente, espalha as conquistas da modernidade para além dos tradicionais centros produtores de conhecimento.

Gregori Warchavchik exibe obras antigas e recentes, sinalizando a continuidade de um percurso iniciado na década de 1920. A Sala Especial Warchavchik reúne dez trabalhos: o prédio de apartamentos da Rua Barão de Limeira (1939), premiado pela municipalidade paulistana, três residências de veraneio no Guarujá, construídas por volta de 1950, e seis obras precursoras da arquitetura moderna

9 e 10

Atílio Correa Lima.
Estação de Hidroaviões,
Rio de Janeiro, RJ e Julio
Vilamajó, Faculdade
de Engenharia de
Montevideu, Uruguai

11 e 12

Flávio de Carvalho.
Paço Municipal e
Palácio do Governo,
São Paulo, SP

13 a 15

Gregori Warchavchik.
Residências Ricardo Jafet
e Marjory da Silva Prado,
no Guarujá, SP e Edifício
na Rua Barão de Limeira,
em São Paulo, SP

brasileira, entre as quais a residência do arquiteto na Rua Santa Cruz (1928), a Casa Modernista (1930) e as residências Max Graff (1929), Cândido da Silva (1929), Luiz da Silva Prado (1930) e William Nordschild (1932), situadas em São Paulo, com exceção da última, no Rio de Janeiro.

16 a 18

Alcides Rocha Miranda e
José de Souza Reis, Instituto
do Professor Primário,
São Paulo, SP. Marcelo
e Milton Roberto, Instituto
de Resseguros do Brasil,
Rio de Janeiro, DF. Luiz Nunes,
Pavilhão de Óbitos, Recife, PE

A composição das salas especiais denota preferência pela escolha de expoentes da primeira geração de arquitetos modernos brasileiros, apesar das ausências de Luiz Nunes – responsável pela introdução da arquitetura moderna em Pernambuco

– e dos irmãos Marcelo e Milton Roberto, lapsos injustificáveis¹². Alcides Rocha Miranda e José de Souza Reis tampouco são lembrados, muito embora tenham colaborado na organização do Salão Tropical (1933) e no projeto da Cidade Universitária da Quinta da Boa Vista (1936)¹³.

Le Corbusier e Pier Luigi Nervi são os vencedores dos grandes prêmios internacionais. O primeiro expõe o projeto do Museu do Conhecimento Ilimitado (1939) e duas obras em execução – a Unidade de Habitação de Marselha (1947-1954) e a

capela de Notre Dame du Haut Ronchamp (1950-1955). Especialmente com as duas últimas, Corbusier apresenta suas pesquisas mais recentes, de nítida aproximação ao vocabulário brutalista, pouco conhecido deste lado do Atlântico, mas assimilado em poucos anos pelos arquitetos brasileiros, especialmente os paulistas.

Le Corbusier não conquista o Grande Prêmio Attílio Correa Lima apenas em consideração aos últimos resultados de suas investigações estéticas. A premiação deve-se ao reconhecimento de sua contribuição ao desenvolvimento da arquitetura internacional e, particularmente, à sua influência criadora sobre a modernidade brasileira. Com essas palavras, o Júri de Premiação faz parecer que a sua participação seria certamente recompensada, qualquer que fosse a seleção de obras.

O engenheiro italiano Pier Luigi Nervi comparece com o Palácio de Exposições de Turim (1947-1948) e com o projeto de Hangar de Orbetello (c.1938). De acordo com a Ata do Júri, Nervi recebe o prêmio para estrangeiro não residente no Brasil em consideração ao seu legado nos campos da engenharia e do cálculo estrutural. Os mesmos argumentos embasam a láurea de Joaquim Cardozo na categoria Melhor Solução Estrutural, atribuída pelo conjunto de sua obra, de notável contribuição ao tratamento do concreto armado.

Max Bill exhibe o Edifício de Apartamentos Econômicos, mas é premiado na categoria de Melhor Escultor Estrangeiro com a obra Unidade Tripartida, exposta anteriormente no Masp, em 1950. A participação do arquiteto em dois segmentos pode ser vista como a reafirmação

19 e 20

Le Corbusier.
Unidade de Habitação
de Marselha e
Capela de Ronchamp

21 e 22

Pier Luigi Nervi, Pavilhão
de Exposições em Turim.
Max Bill, Edifício de
Apartamentos
Econômicos, s. I.

23 e 24

Affonso Eduardo Reidy.
Conjunto Residencial do
Pedregulho, Rio de Janeiro, DF.
Oscar Niemeyer.
Fábrica Duchên, São Paulo, SP

do caráter multidisciplinar da pedagogia Bauhaus, da qual foi aluno, muito além de sinalizar a sua desenvoltura em ambos os domínios. Talvez não por coincidência Le Corbusier e Pier Luigi Nervi também estiveram presentes nos salões do Masp, em mostra retrospectiva e cursos, respectivamente¹⁴.

Os prêmios da I EIA, por determinação regulamentar, são distribuídos apenas a arquitetos brasileiros ou estrangeiros residentes no país há mais de dois anos. As categorias Edifício de Uso Técnico ou Industrial e Organização de Grandes Áreas são vencidas por arquitetos formados na Enba e radicados no Rio de Janeiro: Oscar Niemeyer, com a Fábrica Duchên (1950), e Affonso Eduardo Reidy, com o Conjunto Residencial do Pedregulho (1948, segundo a ficha de inscrição).

25 e 26

Henrique Mindlin. Residência Hime,
Petrópolis, RJ. Lúcio Costa.
Parque Guinle, Rio de Janeiro, DF

27 e 28

Álvaro Vital Brazil. Ed. Clemente
de Faria, Belo Horizonte, MG.
Rino Levi. Maternidade
Universitária, São Paulo, SP

Em duas outras categorias – Habitação e Edifício de Uso Público – os prêmios são atribuídos *ex aequo* a um arquiteto de formação paulista e outro carioca. A primeira é vencida por Henrique Mindlin e Lúcio Costa, com a Residência George Hime (1949) e com o Conjunto Residencial do Parque Guinle (1948), e a segunda, por Álvaro Vital Brazil e Rino Levi, com o Edifício Clemente de Faria (1946) e com a Maternidade Universitária (1944), respectivamente.

Três entre seis arquitetos premiados participaram do projeto do Ministério: Niemeyer, Costa e Reidy. Dos outros três, Mindlin e Vital Brazil mantêm escritório no Rio de Janeiro e Rino Levi, em São Paulo. Mais quatro nomes – dois cariocas e dois paulistas – recebem menções do júri: Jorge Ferreira, Paulo Antunes Ribeiro, Ícaro de Castro Mello e Oswaldo Arthur Bratke, apresentando, na ordem indicada, o Pavilhão Refeitório (1949), o Edifício Caramuru (1946), o Ginásio de Sorocaba (1950) e a Residência Oswaldo Bratke no Morumbi (1951).

29 a 32

Icaro de Castro Mello. Ginásio de Sorocaba, SP. Oswaldo Arthur Bratke. Casa no Morumbi, SP. Jorge Ferreira. Pavilhão Refeitório, Rio de Janeiro, DF. Paulo Antunes Ribeiro. Edifício Caramuru, Salvador, BA

Entre os prêmios instituídos, o Conjunto Residencial do Pedregulho parece sintetizar da forma mais abrangente o ideário dos promotores da mostra. O Júri de Premiação reverencia o caráter audacioso da realização, cuja solução de conjunto constitui “um simples exemplo de como toda uma cidade deveria ser formada”. Apresentado com pormenores técnicos e modelos tridimensionais, graças ao empenho de Carmen Portinho, responsável pela inscrição do projeto¹⁵, o Conjunto do Pedregulho é freqüentemente considerado o vencedor do Grande Prêmio Nacional da I EIA, inexistente na mostra.

Os prêmios e menções do conclave estabelecem, com maior ou menor aproximação, vínculos com princípios da fase purista de Le Corbusier, sobretudo no que diz respeito à adoção dos cinco pontos da arquitetura moderna – *pilotis*, *planta livre*, *janela corrida*, *fachada livre* e *teto-jardim*. As lãureas consagram expoentes da primeira geração de arquitetos modernos cariocas, mas excluem alguns de seus mais importantes nomes, a exemplo de Alcides Rocha Miranda e José de Souza Reis, merecedores, na avaliação do arquiteto e crítico Mário Barata, de um prêmio para o projeto do Teatro e Escola de Arte Dramática da Bahia (1948), cujo desarte, pelo júri da I EIA, “repercutira mal nos meios especializados”¹⁶. Ressalte-se que, após o episódio, Miranda e Souza Reis não tornam a participar de qualquer bienal analisada neste estudo.

Injustiças à parte, não se pode afirmar que os preceitos corbuserianos constituem os únicos parâmetros para a atribuição dos prêmios. Com base nas formulações de Giulio Carlo Argan¹⁷, é possível reconhecer aspectos do racionalismo metodológico-didático alemão no raciocínio projetual de alguns

33

Alcides Rocha Miranda e José Reis. Teatro Escola de Arte Dramática, Salvador, BA

34 a 36
Paulo Antunes Ribeiro
e Diógenes Rebouças.
Hotel da Bahia, Salvador, BA.
Carlos Frederico Ferreira.
Escola Primária de
Santo André e Fábrica
CLBC, São Paulo, SP

trabalhos premiados na I EIA, sobretudo na Residência Oswaldo Bratke no Morumbi e no Edifício Clemente de Faria, de Álvaro Vital Brazil, caracterizados pela modulação formal e pela repetição de elementos-padrão.

Na chave de leitura proposta por Argan, o racionalismo alemão está presente em diversos outros projetos expostos sem prêmios ou distinções na I EIA. Tais preceitos podem ser vistos, com maior ou menor consonância, na Escola Primária de Santo André (1946) e na Fábrica CLBC (1951), de Carlos Frederico Ferreira, e no Hotel da Bahia (1948), de Diógenes Rebouças e Paulo Antunes Ribeiro, entre outras obras analisadas mais adiante.

37 a 39
Arnaldo Furquim Paoliello.
Residência do Arquiteto.
São Paulo, SP.
Lucjan Korngold.
Edifício CBI, São Paulo, SP.
Giancarlo Palanti e Daniele Calabi.
Orfanato da Liga das Senhoras
Católicas, São Paulo, SP.

A vertente orgânica norte-americana é sentida nas residências assinadas pelos paulistas Arnaldo Furquim Paoliello e Miguel Forte, membro do coletivo Branco & Preto, cuja atividade engloba proposições integradas entre arquitetura e design¹⁸. Também estão presentes conjuntos identificados com a monumentalidade da arquitetura italiana do entreguerras, a exemplo do edifício CBI Esplanada (1946), desenvolvido pelo polonês Lucjan Korngold, e do Orfanato da Liga das Senhoras Católicas (1949), projetado pelos italianos Daniele Calabi e Giancarlo Palanti.

Em sua maior parte, os trabalhos não premiados são expostos sem maquetes, sinalizando condição desfavorável de apresentação se comparados aos projetos premiados, quase sempre acompanhados de modelos tridimensionais. Desigualdades à parte, a procedência das obras revela equilibrado comparecimento de profissionais atuantes no Rio de Janeiro e em São Paulo, contabilizando-se a participação de 28 e 31 profissionais, respectivamente. De um total de 63 inscrições brasileiras, Mário Russo é o único arquiteto radicado na capital pernambucana; Leo Smarcevscki e os irmãos Antonio e Diógenes Rebouças são os representantes da capital baiana¹⁹.

A insignificante participação de arquitetos de outras capitais, em um primeiro olhar, aponta para deficiências na divulgação da mostra para além do eixo Rio–São Paulo. Até mesmo de Porto Alegre, Salvador e Recife, dotadas de diretórios do IAB e de cursos de arquitetura reconhecidos ou em processo de reconhecimento federal, são registradas menos de dez inscrições. Desse total, apenas Russo, Smarcevscki e os irmãos Rebouças são aceitos, e quatro outros profissionais, atuantes em Florianópolis, Juiz de Fora e Porto Alegre, recusados²⁰.

De Belo Horizonte, sede da representação mineira do IAB desde 1943 e palco da fundação do primeiro curso de arquitetura desvinculado das engenharias e das belas-artes, em 1935, não se registra a inscrição de nenhum arquiteto. Entre seus estudantes, apenas David Libeskind submete projetos ao Júri de Seleção. O fato sinaliza o possível desinteresse em relação à mostra no cotidiano mineiro ou talvez comprove o relativo descaso dos organizadores da I EIA para com a arquitetura praticada em Minas e em outros estados da federação²¹.

De acordo com a publicação de Dante Paglia (1952), o número de arquitetos em atividade no exterior supera a representação brasileira em termos quantitativos. O dado é relevante na medida em que traduz numericamente a prioridade concedida para a divulgação da mostra no exterior, sendo assim profícuas as cartas-convite expedidas pela Diretoria Artística do MAM/SP e as visitas de Kneese de Mello e Ciampolini aos continentes americano e europeu.

O não-comparecimento de arquitetos de outros estados brasileiros também pode sinalizar dificuldades de interlocução motivadas por divergências político-ideológicas. Assim deve ser compreendida a não-participação de Demétrio Ribeiro e de Edgar Graeff, radicados em Porto Alegre e colaboradores da revista *Horizonte*. O afastamento de João Baptista Vilanova Artigas do MAM/SP se processa com iguais argumentos, interrompendo uma parceria promissora entre o arquiteto, responsável pelo projeto de adaptação da primeira sede da entidade, na Rua Sete de Abril, e as bienais.

O rompimento de Artigas com o MAM/SP e o boicote de diversos artistas, entre os quais Carlos Scliar, Clóvis Graciano, Mário Gruber e Renina Katz, não constituem fatos isolados. Reiteram, mesmo indiretamente, as posições do *Manifesto de Agosto*, instituído no Brasil pelo Partido Comunista,

40

Mário Russo.
Centro Médico
da Universidade
do Recife

em 1950. Supostamente elaborado por Luís Carlos Prestes, o *Manifesto* defende a luta armada como instrumento de reação contra o imperialismo norte-americano e a carestia imposta por latifundiários e capitalistas.

O repúdio de setores mais radicais do PCB contra as bienais é motivado pelo temor proporcionado pelo caráter “inteiramente cosmopolita e antinacional” da mostra, supostamente capaz de escoar verbas para o “financiamento de campanhas antipopulares” e para a “sustentação do aparelho de repressão policial que defende as suas empresas e latifúndio”, na avaliação do fundador da Editora Brasiliense, Arthur Neves, publicada no jornal *Notícias de Hoje*, em 2 de setembro de 1951²².

Em consonância com as teses do Partido Comunista, os periódicos *Fundamentos*, de São Paulo, *Joaquim*, de Curitiba, e *Horizonte*, de Porto Alegre, empreendem uma sistemática campanha contra a primeira bienal. Entre as acusações, menciona-se a de Fernando Pedreira, colaborador de *Fundamentos*, que considera o certame uma “manobra evidente para colocar [produção artística brasileira] sob domínio dos tubarões da finança”²³.

41 a 45

Salas Especiais da
I Bienal: Victor Brecheret,
Lasar Segall, Di Cavalcanti,
Bruno Giorgi e Candido Portinari

Apesar do tom das afirmações, prevalece, em função do amparo da imprensa hegemônica, a idéia de que as bienais exibem a “face civilizada” do Brasil, superando a percepção de que aqui existem apenas “macumbeiros ou espertos jogadores de futebol”²⁴. Com essas palavras, não isentas de preconceitos, Lygia Fagundes Telles reitera o discurso dos promotores da mostra.

As participações de Candido Portinari e de Oscar Niemeyer alimentam o debate em torno das diferentes posturas assumidas por membros do Partido Comunista, ou ainda, na avaliação de Patrícia (Pagu) Galvão, a existência de contradições do PCB não explicitadas no artigo de Pedreira²⁵. *Notícias de Hoje* justifica as presenças de Niemeyer e Portinari, e as de Francisco Rebolo e Yoshiya Takaoka, como provas da capacidade dos artistas comunistas sensibilizarem o público visitante a “tomar alguma atitude” em benefício das massas²⁶.

Mário Pedrosa, em contraposição aos seguidores do *Manifesto de Agosto*, acredita que a realização da I Bienal do MAM/SP constitui um acontecimento de “repercussões culturais incalculáveis” para o Brasil e até mesmo para a “velha

Europa”. De acordo com o crítico, o sucesso da mostra se deve à polarização entre as diversas tendências abstratas e figurativas, e adverte os setores radicais do PCB para o equívoco motivado pela defesa do realismo socialista, por considerá-lo estranho a

qualquer necessidade interior ou intrínseca de ordem estética e criadora. Sua sorte está vinculada à vitória do partido político que o lançou, do mesmo modo que a arte oficial acadêmica está vinculada aos poderes oficiais, amarrados, por definição e função, à rotina de uma tradição morta e ao conservadorismo.²⁷

Waldemar Cordeiro, por sua vez, acredita que as polêmicas geradas pela primeira bienal mascaram a dificuldade da crítica em dissertar sobre a arte abstrata no campo teórico. No raciocínio de Cordeiro²⁸, publicado dias depois do tumultuado debate promovido nos salões do IAB²⁹, a abstração é tomada como “bode expiatório” de uma discussão que deveria permanecer restrita ao plano da estética, sem motivar qualquer correlação com as tradições culturais brasileiras. O eventual confronto entre abstração e nacionalismo, no parecer do artista, deveria ser acompanhado de um estudo histórico capaz de apontar o caráter universal da arte abstrata e seu potencial de transformação social.

Os debates em torno da abstração e de sua suposta vinculação à política imperialista norte-americana não cessam com o desfecho da I Bienal. Nas edições subsequentes o assunto é freqüentemente retomado nos periódicos locais, tendo como mote a seleção de artistas e a premiação dos trabalhos. Sérgio Milliet, na introdução do catálogo da III Bienal, chega a afirmar que, a exemplo das bienais precedentes, a polêmica entre abstratos e figurativos continua sem solução conciliatória. Mas não se ressentiu do fato, por acreditar que a luta entre contrários proporciona avanços.

No plano político, as deliberações do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, acompanhadas das acusações contra os crimes de Josef Stálin proferidas por seu antigo colaborador Nikita Khrushchov (ou Krushev), em fevereiro de 1956, deflagram profundas alterações no regime, sentidas em diferentes latitudes, inclusive no campo artístico.

De acordo com depoimento de Vilanova Artigas³⁰, a crítica do “culto à personalidade”³¹, defendida no referido congresso, constitui uma esperança de renovação para o comunismo brasileiro: os mais radicais migram para o PCdoB ou para outras esquerdas; os que permanecem no PCB procuram adotar uma postura mais moderada, podendo assim ser interpretada a participação de Artigas na IV EIA, em 1957.

Segundo Artigas, o período de maior tensão política acontece entre 1950 e 1954. Nessa época, ele exerce um importante papel como crítico, mas, paradoxalmente, desenvolve poucos projetos arquitetônicos. A retomada de sua atividade prática é feita com a Residência Olga Baeta (1956), pautada por um raciocínio espacial que evoca a casa popular paranaense. Artigas expõe na IV EIA projetos de sua fase anterior, de caráter público mais acentuado: a Estação Rodoviária (1950) e a Casa da Criança (1951), ambas construídas em Londrina.

I EIA – 1951

obras selecionadas

CATEGORIA RESIDÊNCIA
UNIFAMILIAR OU COLETIVA

Abelardo de Souza

1. Residência Unifamiliar. São Paulo SP
- Antonio Rebouças / Leo Smarcevscki**
2. Residência Unifamiliar. Salvador BA
3. Residência Unifamiliar. Salvador BA

Arnaldo Furquim Paoliello

4. Residência do Arquiteto. São Paulo SP
5. Residência Domingos Pires de Oliveira Dias. São Paulo SP
6. Residência José Pires de Oliveira Dias. São Paulo SP

Carlos Frederico Ferreira

7. Residência Unifamiliar. São Paulo SP
- Eugênio Szilágyi**
8. Residência Unifamiliar. São Paulo SP

Francisco Beck

9. Edifício Pilotis. São Paulo SP
10. Edifício Residencial e Comercial. São Paulo SP

Francisco Bolonha

11. Conjunto Residencial de Paquetá. Rio de Janeiro DF
12. Residência Hildebrando Accioly. Petrópolis RJ

Gilberto Junqueira Caldas

13. Residência Unifamiliar. São Paulo SP

Gilberto Tinoco / Ibsen Pivatelli

14. Residência Unifamiliar. São Paulo SP

Helio Queiroz Duarte / Ernest Robert de Carvalho Mange

15. Edifício Presidente Roosevelt. Santos SP

Helio Uchoa Cavalcanti /

Pedro Clark Leite

16. Sede dos Sindicatos e Habitação Proletária. Rio de Janeiro DF

Henrique Mindlin

17. Edifício Três Leões. São Paulo SP

Lucjan Korngold

18. Residência Fritz Blankenstein. Suzano SP

Luiz Contrucci

19. Edifício Residencial. São Paulo SP

Luiz Maiorana

20. Residência Unifamiliar São Paulo SP

Lygia Fernandes

21. Residência Para Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea. Rio de Janeiro DF

Miguel Forte

22. Residência Unifamiliar. S/I

23. Residência Unifamiliar. S/I

24. Residência Unifamiliar. S/I

Miguel Oliveira Ribeiro

25. Apartamentos Para Solteiros. S/I

Olavo Redig de Campos

26. Residência Walter Moreira Salles. Rio de Janeiro DF

Oscar Niemeyer

27. Condomínio Hoteleiro Quitandinha. Petrópolis RJ

Oswaldo Correa Gonçalves

28. Residência Michel Abu Jamra. São Paulo SP

29. Residência Osmar Gonçalves. Santos SP

Renato Riguetto

30. Residência do Arquiteto. Campinas SP

Rino Levi

31. Edifício Prudencia. São Paulo SP

Rino Levi / Roberto Cerqueira Cesar

32. Residência Olivo Gomes. São Jose dos Campos SP

Thomaz Estrella

33. Residência do Arquiteto. Rio de Janeiro DF

Ulisses Burlamaqui

34. Residência Jerônimo Leal. Rio de Janeiro DF

CATEGORIA EDIFÍCIO DE
USO TÉCNICO OU INDUSTRIAL

Carlos Frederico Ferreira

35. Fábrica CLBC. São Paulo SP

Eduardo Corona / Roberto Tibau

36. Fábrica de Transmissores de Rádio. São Paulo SP

Oswaldo Bratke

37. Serviços Sociais Para Fábrica. Osasco SP

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

Abelardo de Souza

38. Piscina do Esporte Clube Ourinhenese. Ourinhos SP

Affonso Eduardo Reidy / Carlos Leão / Emani Vasconcellos / Jorge Moreira / Lucio Costa / Oscar Niemeyer

39. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro DF

Alcides Rocha Miranda / José de Souza Reis

40. Centro Educativo de Arte Teatral. Salvador BA

Antonio Rebouças / Levy Smarcevscki

41. Mercado Público. Itaberaba BA

Ary Garcia Roza

42. Banco do Brasil (Concurso). Rio de Janeiro DF

43. Edifício Rua da Lapa. Rio de Janeiro DF

44. Hospital na Lagoa. Rio de Janeiro DF

Carlos Frederico Ferreira

45. Conjunto Aquático do Palmeras. São Paulo SP

46. Escola Primária. Santo André Sp

Daniele Calabi / Giancarlo Palanti

47. Orfanato Liga Senhoras Católicas. São Paulo SP

Edgar Guimarães do Vale

48. Edifício de Uso Público. Porto Alegre RS

Ernest Robert de Carvalho Mange / Helio Duarte

49. Stand Tratores no Parque da Água Branca. São Paulo SP

Eugênio Szilágyi

50. Escola Primária. São Paulo SP [?]

51. Jardim da Infância. São Paulo SP [?]

Francisco Beck

52. Edifício Uso Misto. São Paulo SP

Francisco Beck / Lucjan Korngold

53. Edifício Thomaz Edison. São Paulo SP

Francisco Bolonha

54. Maternidade e Hospital Infantil. Cataguases MG

Giancarlo Palanti

55. Prédio Comercial. São Paulo SP

Gilberto Lemos / Miguel Oliveira Ribeiro

56. Centro de Ensino Ministério da Marinha. Rio de Janeiro DF

57. Reforma de Cinema. São Paulo SP

Gilberto Tinoco / Ibsen Pivatelli

58. Restaurante Lagosta. Praia Grande SP

Henrique Mindlin

59. Sede Banco do Brasil (Concurso). Rio de Janeiro DF

Ícaro de Castro Mello

60. Esporte Clube Sírio. São Paulo SP

61. Piscina Coberta. São Paulo SP

Jacob Ruchti / Salvador Candia / Roberto Afalo

62. Estação Ferroviária. Belo Horizonte MG

João Khair

63. Estádio. Rio de Janeiro DF

64. Hospital Av Barão de Petrópolis. Rio de Janeiro DF

65. Sede Tijuca Tênis Clube. Rio de Janeiro DF

Jorge Ferreira

66. Escola Internato Pedro II. Rio de Janeiro DF

Jorge Ferreira / Renato Soeiro / Renato Mesquita / Thomaz Estrella

67. Escola Industrial. Teresina PI

68. Escola Técnica Industrial. Campos RJ

69. Hospital Presídio de Delinquentes. Rio de Janeiro DF

José de Souza Reis

70. Monumento Comemorativo Ao Centenário de Rui Barbosa. Rio de Janeiro DF

Lucio Costa

71. Park Hotel. Nova Friburgo RJ

Lucjan Korngold

72. Edifício CBI Esplanada. São Paulo SP

Mario Russo

73. Faculdade de Medicina. Recife PE

74. Hospital de Clínicas. Recife PE

Oscar Niemeyer

75. Conjunto Turístico e Recreativo da Pampulha. Belo Horizonte MG

76. Estádio Nacional. Rio de Janeiro DF

Paulo Antunes Ribeiro

77. Hotel Amazonas. Manaus AM

Paulo Antunes Ribeiro / Diógenes Rebouças

78. Hotel da Bahia. Salvador BA

Zenon Lotufo

79. Igreja. Presidente Prudente SP

CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

Ernest Robert de Carvalho Mange / Helio Duarte

80. Organização de Grande Area. São Paulo SP

Mario Russo

81. Centro Médico da Universidade do Recife. Recife PE

Oswaldo Bratke

82. Centro Comercial para Bairro com 1.500 Lotes. São Paulo SP

obras recusadas

TODAS AS CATEGORIAS

Abelardo Coimbra Bueno

83. Urbanismo Casas Populares. S.I.

84. Urbanismo. Campos RJ

85. Urbanismo. Curitiba PR

Alfredo Becker

86. Edifício de Uso Público. São Paulo SP [?]

87. Residência Unifamiliar. São Paulo SP [?]

88. Residência Unifamiliar. São Paulo SP [?]

Americo Campelo

89. Clube Náutico. S.I.

90. Fábrica de Fermentos. S.I.

91. Hospital Para Cirurgia. S.I.

Antonio Carlos Ekman Simões

92. Farol Monumental. S.I.

Antonio Jorge Monteiro Filho

93. Residência S.I.

Arthur Arcuri

94. Marco Comemorativo. Juiz de Fora Mg

Carlos Alberto Cerqueira Lemos

95. Edifício Residencial. São Paulo SP [?]

96. Residência Unifamiliar. São Paulo SP [?]

Claudio Teixeira de Freitas

97. Estádio do Jockey Club do Rio Grande do Sul. Porto Alegre RS

Claus Eggert / Mauricio Santos Cruz

98. Industrial. São Paulo SP [?]

Coimbra Bueno & Cia Ltda

99. Urbanismo Araruama RJ

100. Urbanismo Atafona. São João da Barra RJ

101. Urbanismo Cuiabá MT

Francisco Victor Palma

102. Hospital. Rio de Janeiro DF

Jeronymo Coimbra Bueno

103. Urbanismo Cabo Frio RJ

104. Urbanismo Goiânia GO

105. Urbanismo Petrópolis RJ

João Batista Pimont

106. Edifício de Apartamentos. S.I.

Jorge dos Santos Pereira

107. Prefeitura Municipal. Caculé BA [?]

Julio Guerra

108. Igreja. S.I.

Luis Eduardo dos Santos

109. Edifício de Uso Público. S.I.

Oscar Gutierrez

110. Edifício de Apartamentos. S.I.

Otacilio Rodrigues de Lima

111. Casa Mínima. S.I.

112. Residência Unifamiliar. S.I.

Ruben Cassal Pilla

113. Edifício Comercial. S.I.

Ruben de Almeida Serra

114. Banco do Brasil. Joinville Sc

obras premiadas

CATEGORIA RESIDÊNCIA
UNIFAMILIAR OU COLETIVA

Henrique Mindlin

115. Residência George Hime. Petrópolis RJ

Lucio Costa

116. Conjunto Residencial do Parque Guinle. Rio de Janeiro DF

Oswaldo Bratke

117. Residência do Arquiteto. São Paulo SP

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO
TÉCNICO OU INDUSTRIAL

Oscar Niemeyer / Helio Uchoa Cavalcanti

118. Fábrica Duchen. São Paulo SP

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

Alvaro Vital Brazil

119. Edifício Clemente de Faria. Belo Horizonte MG

Ícaro de Castro Mello

120. Ginásio Municipal. Sorocaba SP

Jorge Ferreira

121. Pavilhão Refeitório. Rio de Janeiro DF

Paulo Antunes Ribeiro

122. Edifício Caramuru. Salvador BA

Rino Levi / Roberto Cerqueira Cesar / F A Pestalozzi

123. Maternidade Universitária. São Paulo SP

CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

Affonso Eduardo Reidy

124. Conjunto Residencial do Pedregulho. Rio de Janeiro DF

PRÊMIO ESPECIAL

Joaquim Cardozo

125. Conjunto da Obra

salas especiais

Attilio Correa Lima

126. Estação de Hidroavios. Rio de Janeiro DF

Flávio de Carvalho

127. Palácio da Municipalidade. São Paulo SP

128. Palácio do Governo do Estado. São Paulo SP

129. Residência na Fazenda Capuava. Valinhos SP

Gregori Warchavchik

130. Casa do Arquiteto. São Paulo SP

131. Casa Modernista. São Paulo SP

132. Residência Candido da Silva

133. Residência Luiz da Silva Prado

134. Residência Max Graff. São Paulo SP

135. Residência William Nordschild. Rio de Janeiro DF

136. Prédio de Apartamentos. São Paulo SP

137. Residência Raul Crespi. Guarujá SP

138. Residência Ricardo Jafet. Guarujá SP

139. Pavilhão Marjorie Prado. Guarujá SP

II Exposição Internacional de Arquitetura

A inserção da segunda bienal no calendário de eventos comemorativos do IV Centenário de São Paulo, cuja organização é conduzida por Francisco Matarazzo Sobrinho, parece inscrever, de maneira inequívoca, o MAM/SP na agenda artística internacional. De maneira análoga pode ser interpretada a construção do Parque Ibirapuera, não apenas como local de realização das mostras, mas como oportunidade para a consagração de Oscar Niemeyer no quadro da arquitetura mundial, antes de Brasília.

46 e 47

Diferentes interpretações para a ocupação do Ibirapuera, na versão de Oscar Niemeyer e Christiano Stockler das Neves

A construção do Parque Ibirapuera não deixa dúvidas quanto à desenvoltura de Ciccillo no meio político e cultural paulistano. Sua presença é decisiva para garantir o cumprimento do apertado cronograma e para enfrentar a acirrada oposição de Christiano Stockler das Neves, membro da comissão do IV Centenário e autor de outro plano de massas para a área, cuja inspiração nem de perto estabelece paralelos com a proposta de Oscar Niemeyer³².

A magnitude do Parque Ibirapuera, comparada ao relativo acanhamento das instalações da bienal precedente, permite antever o clima apoteótico pretendido para os festejos dos 400 anos da capital. Em termos quantitativos, o conjunto arquitetônico de Niemeyer garante uma considerável ampliação de espaço; em termos simbólicos, os edifícios do parque, não por acaso denominados palácios, compõem a imagem desejada para o futuro da metrópole, cuja identidade deveria exprimir arrojo e monumentalidade.

O clima emanado pela efeméride corrobora os termos superlativos com os quais se descreve a cidade. O jargão *São Paulo, a locomotiva do Brasil* parece acompanhar o discurso dos promotores da bienal, que

não se cansam de comprovar a grandeza da mostra, considerada a maior manifestação artística das Américas. De acordo com o noticiário da época, são remetidas 4.000 fichas de inscrição para artistas e outras 4.000 para arquitetos; são contatados 500 órgãos de imprensa e “mais de 2.000 elementos do ambiente artístico internacional”³³.

48

Pablo Picasso.
Guernica, 1937

49 a 51

Walter Gropius em três tempos: Fábrica Fagus, Bauhaus e Centro de Graduação de Harvard

O resultado de tanto esforço se verifica em termos quantitativos: os 24.000 metros quadrados de área dos palácios das Nações e dos Estados abrigam cerca de 3.500 obras dispostas em mais de 7 quilômetros de painéis, indicando um considerável aumento nas adesões da seção de artes visuais³⁴. A seleção das peças parece motivar os 200.000 visitantes que acorrem para as salas dedicadas ao cubismo, ao futurismo e ao neoplasticismo e para as retrospectivas de Paul Klee e Pablo Picasso, para citar apenas alguns nomes³⁵.

No campo arquitetônico, o meio local exalta a criação do Prêmio São Paulo, instituído pela Fundação Andrea e Virgínia Matarazzo como reconhecimento da atividade de profissionais de qualquer nacionalidade “cuja obra seja de significação internacional no desenvolvimento da arquitetura contemporânea”³⁶. Walter Gropius é o vencedor da primeira – e única – edição do prêmio. Sua indicação parte de Affonso Eduardo Reidy e Gregori Warchavchik, representando o IAB e o MAM/SP, e de Alvar Aalto, Ernesto Nathan Rogers, Josep Luis Sert e Max Bill. Le Corbusier também integra o júri presidido por Siegfried Giedion, em nova oportunidade de aproximação dos Ciam com o Brasil.

Apesar de ser hipoteticamente independente das bienais, sob o ponto de vista estatutário, o Prêmio São Paulo torna-se, na prática, o principal evento da II EIA. Para tanto, torna-se decisiva a inserção da Sala Especial Walter Gropius. A retrospectiva, preparada pelo Instituto de Arte Contemporânea de Boston, compõe-se de 44 projetos agrupados em quatro conjuntos distintos, percorrendo a trajetória do fundador da Bauhaus desde a Fábrica Fagus (1911) até o Centro de Graduação de Harvard (1949), elaborado em parceria com o grupo The Architects Collaborative, entre outros projetos³⁷.

A inserção de 34 projetos selecionados pelo Departamento de Arquitetura do MoMA também desperta a atenção dos noticiários locais. Seguindo normas diferenciadas em relação aos critérios de apresentação instituídos para a II EIA, a mostra Built in USA, anteriormente exposta no MoMA, em Nova York, é reapresentada com a denominação Estados Unidos: Arquitetura do Após Guerra, reunindo trabalhos de Charles Eames, Frank Lloyd Wright e Philip Johnson e dos emigados Marcel Breuer e Mies van der Rohe, entre outros nomes de destaque³⁸.

Menor repercussão é conferida à Sala Especial Holanda, preparada pelo Sindicato dos Arquitetos Holandeses, na qual são expostos, em 250 metros quadrados de área, painéis alusivos aos trabalhos de contenção das águas sobre o território neerlandês. Também são apresentados projetos de Gerit Rietveld, Hendrik Petrus Berlage, J.J.P. Oud e Theo van Doesburg. Apesar do aparente descaso do catálogo da II EIA, que nem sequer menciona a realização dessa sala, sua organização suscita comentários elogiosos de Geraldo Ferraz, que a considera um modelo para o entendimento do público leigo, por seu didatismo³⁹.

52 a 54

O IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, realizado durante a II Bienal, constitui outro acontecimento de singular importância, com previsão de participação de representantes de repartições públicas, estudantes, professores e profissionais de diversas proveniências. Promovido sob os auspícios do IAB, em sua sede na Rua Bento Freitas, o congresso é preparado por uma comissão integrada, entre outros⁴⁰, pelos arquitetos Léo Ribeiro de Moraes (presidente), Ícaro de Castro Mello e João Baptista Vilanova Artigas, denotando discreta interlocução entre Artigas e os promotores das bienais.

O certame é subdividido em dois eixos de debates. No primeiro bloco, intitulado Arquitetura no Brasil, são abordados os temas Arquitetura e Tradição, Arquitetura e Indústria, Ensino da Arquitetura e A Profissão de Arquiteto. Fazem parte do segundo grupo, denominado Urbanismo no Brasil, os temas O Urbanismo e a Realidade Nacional, O Ensino do Urbanismo e A Profissão de Urbanista⁴¹. É também anunciada a organização de uma exposição retrospectiva da arquitetura brasileira, em parceria com o Sphan, co-responsável pela seleção dos trabalhos, mas sua realização não se concretiza.

Postas de lado as diferenças entre as promessas e os fatos, o IV Congresso assume a feição de um encontro de amigos, na avaliação de Abelardo de Souza, co-responsável pelo certame. Para o arquiteto, o reduzido número de trabalhos apresentados – menos de dez, em contraste com o número de inscrições, superior a 470, demonstra o

Philip Johnson.
Residência do Arquiteto,
New Canaan, Connecticut.
Mies van der Rohe.
Residência Farnsworth,
Plano, Illinois.
Frank Lloyd Wright.
Johnson Wax Company,
Racine, Wisconsin

profundo desinteresse pelo estudo de nossos problemas, ou uma grande desconfiança de que as recomendações ou conclusões apresentadas pelas diversas comissões não sejam mais que desejos e palavras ardentes. Entre as poucas sessões plenárias e as muitas festas, foram discutidas, apresentadas e aprovadas várias resoluções que, de um modo geral, nada mais são que as mesmas apresentadas em outros congressos anteriores.⁴²

Eduardo Kneese de Mello, além de organizar o IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, integra novamente a Comissão Artística da II EIA, ao lado de Francisco Beck, Giuseppina Pirro e Oswaldo Arthur Bratke, sendo os dois últimos indicados pelo diretório paulista e pela seção nacional do IAB. Mário Henrique Glicério Torres, do Rio de Janeiro, e Salvador Candia, de São Paulo, além dos três primeiros nomes mencionados, são os responsáveis pela triagem dos projetos, configurando uma equipe que novamente exclui a participação de profissionais de outros estados brasileiros.

Por determinação regulamentar, a II EIA não formaliza convites especiais a arquitetos individuais, e a aceitação dos projetos se condiciona à comprovação de sua execução, ainda que parcial, por meio de fotografias. Fica proibida a seleção de conjuntos premiados na mostra precedente e limita-se a um máximo de três obras a participação de cada arquiteto. Os critérios de apresentação das pranchas são igualmente revistos, com ampliação da área disponível para a exibição de cada projeto, em painéis de 1,25 x 2,40 metros.

A II EIA é instalada no segundo andar do Palácio dos Estados. Em termos absolutos, o número de selecionados passa de 150 para pouco mais de 200 arquitetos, o que constitui um aumento não condizente com o ganho de espaço proporcionado pela construção do Parque Ibirapuera. Por outro lado, a participação de brasileiros decresce na proporção de 63 para 34 arquitetos. Uma provável explicação para o fato pode ser atribuída à inexistência de convites de participação. Outra possibilidade pode ser aventada pela maior dificuldade de preparação das pranchas, se comparada ao esquema de apresentação dos projetos na I EIA.

55
Detalhe da estrutura do
Palácio dos Estados e
do Palácio das Nações

Também é possível acreditar que os critérios de seleção da primeira biennial tenham despertado a indignação de profissionais do círculo de Arthur Arcuri, Cláudio Teixeira de Freitas, Jorge dos Santos Pereira, Luis Eduardo dos Santos e Ruben Cassal Pilla, apenas para citar nomes de alguns recusados que atuam fora do eixo Rio–São Paulo⁴³. A não-premiação do Centro Médico da Universidade do Recife (1950) também pode ter desencorajado novas remessas de trabalhos assinados por Mário Russo, ou por outros arquitetos pernambucanos.

Do pequeno número de profissionais brasileiros (ou estrangeiros radicados no país) aceitos pelo júri da II EIA, 18 atuam em São Paulo e 16 no Rio de Janeiro. Entre os arquitetos que mantêm escritório na Paulicéia, oito são formados no Mackenzie (cinco dos quais na Escola de Engenharia e três na Faculdade de Arquitetura), quatro na Escola Politécnica da USP, quatro no exterior e dois no Rio de Janeiro, sendo um na Enba e outro na Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA). Entre os radicados na capital federal, nove são formados na Enba, quatro na FNA e um no exterior. Roberto Burle Marx estuda pintura na Enba, mas não conclui o curso de graduação; não foram localizados dados sobre a formação de Bela Torok.

Apenas 19 dos 63 arquitetos selecionados na primeira biennial remetem trabalhos para a segunda edição do evento. Entre eles, a presença de 13 profissionais formados nas décadas de 1920 e 1930 sinaliza a manutenção do apoio de alguns expoentes da “geração heróica”, liderados por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, além da equipe de sócios-fundadores do MAM/SP articulada em torno de Gregori Warchavchik, Ícaro de Castro Mello, Jacob Ruchti e Miguel Forte, cabendo a Ruchti a montagem de todo o conjunto exposto na segunda biennial paulistana.

Cabe ainda ressaltar as ausências de Affonso Eduardo Reidy, Álvaro Vital Brazil, Henrique Mindlin e Jorge Ferreira, entre os premiados na I EIA radicados no Rio de Janeiro, e as de Oswaldo Bratke e Rino Levi, atuantes em São Paulo. O não-comparecimento da dupla Alcides Rocha Miranda e José de Souza Reis também constitui falta significativa, assim como os de Ary Garcia Roza e Carlos Frederico Ferreira. Flávio de Carvalho, outrora homenageado, não submete nenhum projeto de arquitetura, mas integra a seção de artes com cinco retratos.

A II EIA conta com a adesão de 15 arquitetos brasileiros que não remeteram projetos na mostra anterior. Desse total, apenas seis são formados há menos de uma década, o que denota um certo desinteresse dos jovens pelas bienais paulistanas. Tal hipótese parece ser reforçada pela inclusão de uma subcategoria antes inexistente: o Prêmio para Jovem Arquiteto Brasileiro. Nesse quesito concorrem três arquitetos formados pela FNA: a dupla Oscar Valdetaro de Torres e Mello e Roberto Nadalutti, com o Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais (1951), e Sérgio Bernardes, com a Residência Maria Carlota Macedo (1953), vencedora da categoria.

56

Jacob Ruchti.
Igreja da SS Trindade,
São Paulo, SP

57

Oscar Valdetaro de
Torres e Mello e
Roberto Nadalutti.
Centro de Instrução
de Fuzileiros Navais,
Rio de Janeiro, DF

58

Sérgio Bernardes.
Residência Lota Soares,
Petrópolis, RJ

Jorge Machado Moreira e Roberto Burle Marx são contemplados com prêmios nas categorias 9 (Hospitais) e 12 (Problemas Vários), respectivamente, com o Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil (1953) e com os projetos paisagísticos das residências Odette Monteiro (1946) e Walther Moreira Salles (1948)⁴⁵. O Edifício Antonio Ceppas (1953), de Moreira, e o Bloco de Habitações em Lisboa (1952), dos portugueses Ruy de Athoughia e Sebastião Sanchez, recebem menção na categoria 2 (Habitação Coletiva), vencida pelo norte-americano Craig Ellwood com o Edifício de Apartamentos em Hollywood (s/d).

59 a 61

Jorge Machado Moreira.
Instituto de Puericultura,
Rio de Janeiro, DF.
Roberto Burle Marx.
Paisagismo das residências Odette
Monteiro e Walther Moreira Salles,
Petrópolis, RJ, e Rio de Janeiro, DF

Philip Johnson e Donald Barthelme são premiados nas categorias 1 (Habitação Individual) e 10 (Escolas), apresentando a Residência Richard Hodgson (1951) e a Escola Elementar em West Columbia (1952)⁴⁶. Paul Marvin Rudolph recebe o Prêmio para Jovem Arquiteto Estrangeiro com o Clube de Cabanas em Siesta Key (1953), sinalizando uma equilibrada distribuição de láureas entre brasileiros e norte-americanos. *Notícias de Hoje*, em contrapartida, exalta a “demonstração de servilismo” da arquitetura brasileira perante a consagração dos projetos “made in USA”, dando prosseguimento ao debate político e ideológico⁴⁷.

62 a 64

Jorge Machado Moreira.
Edifício Antonio Ceppas,
Rio de Janeiro, DF.
Craig Ellwood. Apartamentos
em Hollywood, EUA.
Ruy de Athoughia. Habitações
em Lisboa, Portugal.

Entre os europeus, os italianos conquistam prêmios nas categorias 6 (Edifício para Fins Comerciais) e 12 (Problemas Vários) com o Mercado de Flores de Pescia (19), desenvolvido por E. Gori e equipe⁴⁸, e com o Pavilhão Penicilina OM na Feira de Milão (1952), assinado por Renzo Zavanella, que compartilha a láurea com Roberto Burle Marx. O dinamarquês Arne Jacobsen vence na categoria 7 (Edifício para Fins Industriais) com a Usina Massey-Harris (1953), e o iugoslavo Zvonimir Pozgay recebe menção na categoria 5 (Edifício para Fins Esportivos) com o Estabelecimento de Banhos de Mar (1948).

O Júri de Premiação da II EIA não atribui prêmios nas categorias 3 (Edifício para Fins Religiosos), 4 (Casa de Espetáculos), 8 (Edifícios Públicos) e 11 (Problemas Urbanísticos). Entre as realizações locais que poderiam ser contempladas nessas categorias, inscrevem-se a Igreja da Santíssima Trindade (1953), de Jacob Ruchti, e os edifícios que compõem o Centro Cívico de Curitiba (1952-1953): a Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, de Olavo Redig de Campos; o Edifício das Secretarias de Estado, de Sérgio Rodrigues; o Conjunto da Justiça, de Flávio Amílcar Régis; e o Palácio do Governo, de David Xavier Azambuja, também coordenador do plano urbanístico.

A Ata Oficial do Júri de Premiação ressalta a impossibilidade de premiar, na categoria 11 (Problemas Urbanísticos) o Parque Ibirapuera (1953), desenvolvido para as comemorações do IV Centenário, e o projeto do Centro de Graduação de Harvard (1949), assinado pelo grupo The Architects Collaborative, exposto na Sala Especial Walter Gropius. Em ambos os casos, os projetos são considerados inelegíveis: o primeiro por estar relacionado à organização à qual o júri pertence; o segundo em consideração à atribuição do Prêmio São Paulo ao conjunto da obra de Walter Gropius.

A alteração dos critérios de premiação coloca a produção arquitetônica brasileira em termos de igualdade com realizações procedentes do estrangeiro. Tal decisão regulamentar coloca em relevo outros enfoques projetuais para além dos dogmas corbuserianos, sensivelmente mais bem acolhidos na I EIA. Para tanto, leva-se em conta a premiação da equipe responsável pelo projeto do Ministério da Educação e Saúde e a atribuição da láurea máxima para o arquiteto franco-suíço.

A consagração de Walter Gropius com uma distinção de “significação equivalente ao Prêmio Nobel”⁴⁹ sinaliza mudanças no quadro de referências dos júris da II EIA, muito além de cons-

65 a 67

Philip Johnson.
Residência Hodgson, New
Canaan. Paul Rudolph.
Cabanas em Siesta Key,
Donald Barthelme.
Escola em West
Columbia, Texas.

68 a 71

E.Gori e equipe.
Mercado de Flores, Pescia.
Renzo Zanavella.
Pavilhão Penicilina OM,
Milão. Arne Jacobsen.
Usina Massey Harris,
Dinamarca.
Zvonimir Pozgay. Banhos
de Mar, Iugoslávia

Os mesmos argumentos são expressos na Ata Oficial do Júri que concede distinções a Renzo Zanavella e a Sérgio Bernardes, sendo ressaltados os “meios técnicos singelos” do Pavilhão de Zanavella e a “abordagem direta” da Residência Maria Carlota Macedo Soares (1953). Apesar dos elogios, o júri adverte Bernardes para que sua obra permaneça pautada por uma suposta “via de simplicidade” ausente no raciocínio dos demais projetos expostos, numa clara alusão ao caráter plástico das residências Jadir de Souza (1951) e Paulo Sampaio (1953).

O confronto entre a abordagem formal e o rigor funcional de determinadas vertentes arquitetônicas constitui o principal tema dos debates da segunda bienal, com nítida desvantagem para os defensores do formalismo, praticamente excluídos da relação de prêmios⁵⁰. A mesma discussão também comparece no afastamento de Max Bill do Júri de Premiação da II EIA, motivado por severas críticas feitas à arquitetura brasileira, tendo como alvo a obra de Oscar Niemeyer.

O episódio tem origem na visita feita ao Brasil em junho de 1953, a convite do Ministério de Relações Exteriores. Durante sua estada no Rio de Janeiro, Max Bill elogia o Conjunto Residencial do Pedregulho, mas causa polêmica ao denunciar o tom socialmente descompromissado de grande parte da produção brasileira, excessivamente dependente de um decorativismo e de um individualismo exacerbados. Nesses termos, desconsidera obras referenciais ao processo de afirmação da modernidade local, a exemplo do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, considerado um exercício de “curvas caprichosas e gratuitas” cujo sentido não é representativo em termos coletivos.

72

David Xavier de
Azambuja e equipe.
Centro Cívico de Curitiba

De acordo com a revista *Habitat*, as críticas de Max Bill ganham estatura com a realização de conferências em museus e escolas de arquitetura, pronunciadas a silenciosas platéias⁵¹. Nessas ocasiões, afirma que a arquitetura brasileira estaria diante de um eminente academismo anti-

social, profundamente desconcertante em um país dotado de membros Ciam e no qual são realizados bienais e congressos de arquitetura moderna. Tal avaliação é rebatida em inflamados artigos, nos quais o conferencista – outrora respeitado em função do prêmio recebido na I Bienal – torna-se alvo de insultos destituídos de qualquer ponderação.

A publicação de artigos referentes ao episódio estende-se para além de nove meses da realização das palestras, evidenciando a não-assimilação das opiniões formuladas por Max Bill. Entre as respostas mais representativas da animosidade da crítica local, inscrevem-se os artigos “O testamento tripartido de Max Bill”, publicado em *Arquitetura e Decoração*, e o manifesto “Oportunidade perdida”, publicado em *Arquitetura e Engenharia*, no qual Lúcio Costa reconhece a pertinência das críticas, mas acredita que as declarações prestadas exprimem um equívoco ao equiparar a pesquisa de Niemeyer ao trabalho inconsequente de seus seguidores.

No mesmo artigo, Costa defende a utilização dos painéis de azulejos na arquitetura moderna brasileira, por acreditar que o recurso evoca nossas tradições culturais. De acordo com o arquiteto, sua aplicação no piso térreo do Ministério da Educação confere fluidez e amortece a densidade das paredes, tirando-lhes “qualquer impressão de suporte, pois o bloco superior não se apóia nelas, mas nas colunas”. Com esses argumentos, desconsidera a validade dos ataques feitos por Max Bill, rejeitando a “crítica viciosa e carregada de velhos recalques pueris contra os princípios básicos da doutrina de Le Corbusier”, a quem se deve a sugestão da volumetria do bloco e a aplicação do painel de azulejos.

Pouco antes da realização da II Bienal, são veiculadas notícias alusivas ao afastamento de Max Bill do Júri de Premiação da II EIA, que utilizam como pretexto a “superficialidade de seus conhecimentos de arquitetura e história da arte”⁵². Profundamente irritado com os boatos lançados, Max Bill visualiza uma alternativa para colocar um ponto final na polêmica, valendo-se da inclusão de seu nome entre os membros do Júri de Premiação da seção de artes visuais. A idéia, prontamente aceita pela Comissão Artística, isenta a bienal de um confronto ainda mais acentuado, tendo em vista o teor das ameaças feitas ao secretário Artur Profili em 8 de outubro de 1953:

Se a bienal me fizer um convite para integrar o júri de artes plásticas, ficará indicado que nossas desavenças foram retificadas a tempo. Se isso não acontecer, serei forçado a dizer uma palavra sobre o assunto e de passar os fatos a limpo.⁵³

73

Oscar Niemeyer.
Conjunto
da Pampulha.
Belo Horizonte, MG

74

Candido Portinari.
Azulejos do
Ministério da Educação,
Rio de Janeiro DF

II EIA – 1953-1954

obras selecionadas

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL
Arnaldo Furquim Paoliello
140. Residência do Arquiteto. São Paulo SP
141. Residência Domingos Pires de Oliveira Dias. São Paulo SP
Miguel Forte / Galiano Ciampaglia
142. Residência Unifamiliar. São Paulo SP
Oscar Niemeyer
143. Residência do Arquiteto. Rio de Janeiro DF
Paulo Antunes Ribeiro
144. Residência Ernesto Waller. Rio de Janeiro DF
Paulo Candido / Lucio Costa / Bela Torok
145. Residência Paulo Candido. Rio de Janeiro DF
Sérgio Bernardes
146. Residência Jadir de Souza. Rio de Janeiro DF
147. Residência Paulo Sampaio. Itaipava RJ

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA
Abelardo de Souza
148. Conjunto Residencial em Perdizes. São Paulo SP
Giancarlo Palanti
149. Edifício Residencial. São Paulo SP
Gregori Warchavchik
150. Edifício Residencial. São Paulo SP
Lucjan Korngold
151. Edifício São Vicente de Paula. São Paulo SP
Plinio Croce / Roberto Aflalo
152. Edifício Biaçá. São Paulo SP

CATEGORIA 3 EDIFÍCIOS RELIGIOSOS
Jacob Mauricio Ruchti
153. Igreja SS Trindade. São Paulo SP

CATEGORIA 4 CASAS DE ESPETÁCULOS
Não são inscritos trabalhos nesta categoria

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PARA FINS ESPORTIVOS
Ícaro de Castro Mello
154. Piscina Coberta. São Paulo SP
Oscar Niemeyer
155. Clube. Diamantina MG

CATEGORIA 6 EDIFÍCIO PARA FINS COMERCIAIS
Jules Ritischauser
156. Edifício Administrativo Ciba. São Paulo SP
Lauro da Costa Lima
157. Edifício Gessy. São Paulo SP

CATEGORIA 7 EDIFÍCIO PARA FINS INDUSTRIAIS
Luiz Contrucci / Carlos Gonzalez Lack
158. Moinho de Trigo. São Paulo SP

CATEGORIA 8 EDIFÍCIO PÚBLICO
David Xavier Azambuja / Flávio Amílcar Regis / Olavo Redig de Campos / Sérgio Rodrigues
159. Centro Cívico. Curitiba PR
David Xavier Azambuja
160. Palácio do Governo. Curitiba PR
Flávio Amílcar Regis
161. Conjunto da Justiça. Curitiba PR
Olavo Redig de Campos
162. Assembleia Legislativa do Estado do Paraná. Curitiba PR
Sérgio Rodrigues
163. Edifício das Secretarias de Estado. Curitiba PR

Oscar Niemeyer / Eduardo Kneese de Mello / Helio Uchoa Cavalcanti / Zenon Lotufo
164. Exposição do IV Centenário. São Paulo SP

CATEGORIA 9 HOSPITAIS
Firmino Saldanha
165. Hospital dos Marítimos. Rio de Janeiro DF

CATEGORIA 10 ESCOLAS
Eduardo Corona
166. Escola Estadual da Penha. São Paulo SP

CATEGORIA 11 PROBLEMAS URBANOS
Nenhum concorrente brasileiro nesta categoria

CATEGORIA 12 PROBLEMAS VÁRIOS
Um concorrente brasileiro premiado nesta categoria

CATEGORIA 12 PROBLEMAS VÁRIOS
Oscar Valdetaro Torres de Mello / Roberto Nadalutti
167. Centro de Estudo da Marinha. Rio de Janeiro DF

obras recusadas

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL
Arnaldo Furquim Paoliello
168. Residência José Pires de Oliveira Dias São Paulo SP
169. Residência Domingos Pires de Oliveira Dias São Paulo SP
Carlos Gonzalez Lack / Luiz Contrucci
170. Residência. São Paulo SP
Eduardo Corona / Roberto Tibau
171. Residência Unifamiliar São Paulo SP
Gregori Warchavchik
172. Residência Unifamiliar. Guarujá SP
173. Residência Unifamiliar. Guarujá SP
Ícaro de Castro Mello
174. Residência do Arquiteto. São Paulo SP
Lucjan Korngold
175. Residência Unifamiliar. São Paulo SP
Olavo Redig de Campos
176. Residência Unifamiliar. Itaipava RJ

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA
Lauro da Costa Lima
177. Edifício Inajá. São Vicente SP
178. Edifício Indaiá. São Paulo SP
Olavo Redig de Campos
179. Edifício de Apartamentos. Rio de Janeiro DF

CATEGORIA 3 EDIFÍCIOS RELIGIOSOS

CATEGORIA 4 CASAS DE ESPETÁCULOS

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PARA FINS ESPORTIVOS

CATEGORIA 8 EDIFÍCIO PÚBLICO

CATEGORIA 9 HOSPITAIS

CATEGORIA 11 PROBLEMAS URBANOS

CATEGORIA 12B PRÊMIO PARA JOVEM ARQUITETO
Não são recusados trabalhos nesta categoria

CATEGORIA 6 EDIFÍCIO PARA FINS COMERCIAIS
Flávio Amílcar Regis
180. Edifício A São Paulo. Salvador BA

Lucjan Korngold
181. Edifício CBI Esplanada. São Paulo SP
Paulo Antunes Ribeiro
182. Banco da Bahia. Salvador BA

CATEGORIA 7 EDIFÍCIO PARA FINS INDUSTRIAIS
Paulo Antunes Ribeiro
183. Oficinas Gastal. Rio de Janeiro DF

CATEGORIA 10 ESCOLAS
Eduardo Corona / Roberto Tibau
184. Parque Infantil. São Paulo SP

CATEGORIA 12 PROBLEMAS VÁRIOS
Daniele Calabi / Giancarlo Palanti
185. Orfanato da Liga das Senhoras Católicas. São Paulo SP
Roberto Burle Marx
186. Jardim do Aeroporto Santos Dumont. Rio de Janeiro DF (Aceito mas não exposto)

obras premiadas

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

CATEGORIA 3 EDIFÍCIOS RELIGIOSOS

CATEGORIA 4 CASAS DE ESPETÁCULOS

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PARA FINS ESPORTIVOS

CATEGORIA 6 EDIFÍCIO PARA FINS COMERCIAIS

CATEGORIA 7 EDIFÍCIO PARA FINS INDUSTRIAIS

CATEGORIA 8 EDIFÍCIO PÚBLICO

CATEGORIA 10 ESCOLAS

CATEGORIA 11 PROBLEMAS URBANOS
Nenhum projeto brasileiro premiado nestas categorias

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA
Jorge Machado Moreira
187. Edifício Antonio Ceppas. Rio de Janeiro DF

CATEGORIA 9 HOSPITAIS
Jorge Machado Moreira
188. Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil. Rio de Janeiro DF

CATEGORIA 12 PROBLEMAS VÁRIOS
Roberto Burle Marx
189. Jardim da Residência Odette Monteiro. Petrópolis RJ
190. Jardim da Residência Walther Moreira Salles. Rio de Janeiro DF

PRÊMIO PARA JOVEM ARQUITETO
Sérgio Bernardes
191. Residência Maria Carlota Macedo Soares. Petrópolis RJ

III Exposição Internacional de Arquitetura

A III Bienal do MAM/SP é organizada em apenas 18 meses, em função de ajustes de cronograma motivados pelos festejos do IV Centenário de São Paulo. Inaugurada no refluxo da efeméride, a terceira bienal não desperta a mesma euforia do certame anterior, possivelmente em função da redução do número de trabalhos, na ordem de 3.500 para 2.000 obras, das quais 1.600 provêm do exterior e 400, de diferentes localidades brasileiras.

Um conjunto de trabalhos de Lasar Segall e os estudos dos painéis *Guerra e Paz* encomendados pela ONU a Candido Portinari constituem as homenagens nacionais. Gravuras dos muralistas mexicanos e a retrospectiva de Sophie Tauber Arp compõem segmentos de significativa repercussão no meio local. Também apresentado em sala especial, Fernand Léger conquista o Grande Prêmio Internacional, gerando protestos em decorrência do caráter passadista e *hors-concours* de seus trabalhos.

A III EIA acompanha a mesma tendência observada na seção de artes, deixando de incluir a competição de arquitetos e a exibição de conjuntos temáticos. A segunda edição do Prêmio São Paulo chega a ser noticiada, mas sua realização não se efetiva⁵⁴. Diante de tantas negativas, o II Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura (Ciea) torna-se o único evento arquitetônico da terceira bienal, por determinação da Comissão Artística da mostra.

Integram o Júri de Premiação do II Ciea o crítico Lourival Gomes Machado e os arquitetos Eduardo Kneese de Mello, Francisco Beck, Oscar Niemeyer, Oswaldo Bratke, Salvador Candia e Sérgio Bernardes. A presidência compete a Jorge Machado Moreira, possivelmente em consideração aos prêmios recebidos na bienal precedente. A participação de Bernardes é a única surpresa, porquanto sinaliza o reconhecimento de um profissional em início de carreira.

Nos bastidores, as discussões em torno do II Ciea evidenciam o profícuo diálogo entre os organizadores das bienais e a cúpula dos congressos Ciam. Siegfried Giedion, em carta endereçada a Ciccillo, exalta a pertinência do concurso e promete colocá-lo na pauta do conselho do Ciam, constituído por Le Corbusier, Rogers e Sert, entre outros. Também manifesta intenção de divulgar o certame na introdução da segunda edição do volume *Dix années d'architecture contemporaine*, conferindo-lhe uma "propaganda dignificada"⁵⁵.

Ressalte-se que Giedion também colabora com as bienais paulistas em duas outras ocasiões: em 1951, comparece para julgar os projetos de profissionais e estudantes; em 1953, troca correspondências com os demais membros do Prêmio São Paulo e defende a indicação de Walter Gropius para o recebimento da láurea.

75 e 76

Candido Portinari.
Painel na ONU.
Lasar Segall.
Obra apresentada
na III Bienal

O diálogo do crítico com as EIA parece ser interrompido na III Bienal. Nesse instante, talvez por coincidência, observam-se profundas mudanças nos Ciam, tendo como mote o questionamento dos preceitos da *Carta de Atenas*. As divergências entre os membros tornam-se inconciliáveis durante as reuniões preliminares do décimo congresso, conduzidas pelos expoentes da nova geração liderados por Aldo van Eyck e pelo casal Smithson. As idéias lançadas pelo *Team X*, porta-voz das críticas ao urbanismo funcionalista, parecem não ecoar nas bienais paulistanas, tampouco no meio universitário brasileiro.

77 e 78

Projetos dos estudantes
Carlos Millan e
Roberto Pinto Monteiro,
expostos na I EIA, 1951

Permanecem, assim, intocados, os preceitos urbanísticos que norteiam as três edições dos Ciea realizadas em paralelo à II, à III e à IV EIA. Na primeira edição do concurso, em 1953, os trabalhos se desenvolvem em torno de um centro cívico, evocando a pauta do oitavo congresso Ciam, dedicado ao estudo das áreas centrais. No II Ciea, em 1955, discute-se a importância do lazer em uma colônia de férias. Na edição seguinte, em 1957, o tema selecionado problematiza a construção de núcleos residenciais para trabalhadores de centros industriais.

Cumpra relembrar que em 1951 a participação estudantil não é condicionada a um temário preestabelecido. Tampouco os projetos passam por uma prévia seleção nas instituições de ensino antes de ser remetidos ao certame paulistano. Na I EIA, cada estudante submete no máximo três projetos, respeitando os critérios instituídos pela Comissão Artística. Isso talvez justifique o expressivo comparecimento de estudantes brasileiros.

Enviam trabalhos para a I EIA 30 estudantes, individualmente ou em equipes. Desse total, são aceitos 21 nomes, 18 dos quais do Rio de Janeiro e de São Paulo, sendo três da FNA, cinco da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, um da Escola Politécnica da USP e nove da FAU/USP. Três nomes provêm de outras localidades: dois do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul e um da Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais. Não são registradas inscrições de alunos da Escola de Belas Artes da Bahia e de Pernambuco, o que certamente enfraquece o conjunto exposto na I EIA.

A lista de excluídos soma um total de nove estudantes, dos quais quatro da FAU/USP, dois da FNA e três de procedência desconhecida. De acordo com um documento localizado nos arquivos da Fundação Bienal, Domingos Azevedo Neto, João Clodomiro de Abreu, Joaquim Guedes e Liliana Mariscano, da FAU/USP, e Sérgio Cabral de Brito Freire e Wit Olaf Prochnik, da FNA, são recusados na I EIA. Os três outros estudantes indicados no documento são Arnaldo Fernandes de Carvalho, Clóvis Bevilacqua e José Geraldo da Cunha Camargo.

Em outras edições das EIA realizadas nos anos 1950, são registradas as participações de Domingos Azevedo Neto, João Clodomiro de Abreu e Wit Olaf Prochnik, sinalizando a superação de possíveis ressentimentos causados pela exclusão na primeira bienal. Também são significativas as participações de Carlos Gonzalez Lack, Clementina de Ambrosis e David Libeskind em outras mostras analisadas no recorte, o que parece constituir um sinal de reconhecimento da validade da experiência adquirida na primeira bienal.

Integram o I Ciea, realizado durante a segunda bienal, 25 escolas de 12 países. O Brasil é representado por 14 alunos de quatro instituições, entre as sete existentes no país. Participam a Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Minas Gerais, a Escola de Belas Artes de Pernambuco, a FAU/USP e a FNA. do continente americano também se inscrevem Argentina, Canadá e Estados Unidos. do continente asiático, apenas o Japão. Da Europa, comparecem Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Itália, Portugal e Suíça.

Participam do II Ciea 38 escolas de 20 países, sinalizando um acréscimo quantitativo que supera os indicadores anteriores, cobrindo países de todos os quadrantes. Entre as instituições brasileiras, comparecem a Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Minas Gerais, a FAU/USP e a FNA. O mesmo pode ser dito sobre a Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul, já federalizada, e sobre a Faculdade de Arquitetura Mackenzie, livre da ingerência de Christiano Stockler das Neves, que impedira o envio de trabalhos na edição anterior do certame⁵⁶.

Comparecem ao III Ciea 29 escolas de 17 países. do Brasil são expostos trabalhos de 15 discentes da Faculdade de Arquitetura Mackenzie e da FAU/USP, sendo desconhecido o número de estudantes que integram as equipes da FNA e da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul⁵⁷. Não são remetidos projetos de Belo Horizonte e do Recife. A imprensa chega a noticiar a inclusão da Escola de Belas Artes da Bahia⁵⁸, mas ela não aparece no *Catálogo geral da IV Bienal*.

Do exterior, grande parte das escolas volta a expor, sendo entretanto sentidas as ausências de Alemanha, Colômbia, Dinamarca, Espanha, Filipinas, Finlândia e Iugoslávia, presentes na mostra anterior. Em compensação, registra-se a adesão inédita de Chile, França, Inglaterra, Noruega (não confirmada no *Catálogo*) e Venezuela.

Entre os estudantes, o I Ciea é vencido pela Universidade Waseda, do Japão. A segunda colocação *ex aequo* é conquistada pelo Politécnico de Milão e pela FAU/USP, sendo a equipe brasileira formada por Ariaki Kato, Leo Quanji Nishikawa e Vittorio Moise Corinaldi. Apesar da láurea, os projetos das equipes vice-colocadas parecem não conquistar a atenção da crítica, tampouco a lente dos fotógrafos.

79
I CIEA, 1953.
Projeto apresentado
pela Universidade
Waseda

80 a 81

II CIEA, 1955.

Projetos apresentados
pelas Universidades
Waseda e Havana

A Universidade de Havana e a Universidade Waseda dividem o primeiro prêmio do II CIEA, não sendo atribuídas distinções ou menções especiais. Nenhuma equipe brasileira obtém avaliação satisfatória dos membros julgadores. A incompreensão da escala e a má distribuição dos elementos no plano são apontadas como os principais pontos negativos das propostas elaboradas pelos estudantes da FNA, do Mackenzie e da FAU/USP. A Ata de Premiação não faz qualquer comentário sobre o projeto da Universidade de Minas Gerais. Teria a instituição participado do certame, como reza o catálogo?

A FAU/USP compartilha o primeiro prêmio do III CIEA com a Escola Superior de Arquitetura de Paris, com a Universidade Central da Venezuela e com a Universidade Waseda. A numerosa equipe paulistana é formada por Abrahão Sanovicz, Hélio Penteadó, Herberto Lira, Israel Sancovsky, Jaguanhara Ramos, Jerônimo Bonilha Esteves, João Rodolfo Stroeter, José Melo Filho, Júlio Roberto Katinsky e Lúcio Grinover.

Os noticiários locais também abrem espaço para os projetos vencedores, reproduzindo a Ata Oficial do Júri de Premiação do III CIEA. O trabalho elaborado pelos alunos da FAU/USP é também exaltado em revistas especializadas, a exemplo de *Bem Estar*, que dedica 12 páginas de sua edição inaugural para descrever em pormenores o Núcleo Residencial da Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão.

Os prêmios dos concursos estudantis, vistos em conjunto, sinalizam o ambiente de reflexão no qual se debatem as diferentes vertentes da arquitetura moderna. Levando-se em conta os projetos classificados em primeiro lugar nas três edições dos concursos, é possível reconhecer certa identificação com os preceitos urbanísticos da *Carta de Atenas*. Com maior ou menor aproximação, os projetos premiados organizam seus planos com base na setorização das quatro funções da cidade

82

III CIEA, 1957.

Projeto apresentado
pela FAU/USP

propostas pelo documento. E assim condicionam o desempenho do conjunto ao cumprimento de necessidades específicas de cada uma das partes, sendo a habitação a função mais importante.

A expressão arquitetônica dos projetos discentes emana referências do purismo da fase inaugural da obra corbuseriana e do racionalismo didático-metodológico alemão. São exemplares dessas aproximações a articulação entre os diferentes volumes da colônia de férias apresentada pela Universidade de Havana no II Ciea e o acentuado geometrismo que caracteriza o núcleo residencial desenvolvido pelos alunos da FAU/USP na terceira edição do certame.

O confronto dos conjuntos premiados constitui prova inequívoca da predileção pela austeridade e por certa discricção formal, continuamente reiterada nas notas explicativas dos júris. A própria composição deles também contribui para evidenciar determinadas preferências, na medida em que suas resoluções expressam ideários muitas vezes identificados com o raciocínio projetual de seus membros.

Assim pode ser interpretada a consagração da Universidade Waseda nas três primeiras competições estudantis. No I Ciea, em 1953, considera-se o centro cívico japonês merecedor do prêmio pela “simplicidade” de sua concepção urbanística e pela “simplicidade estrutural de seus edifícios”⁵⁹. No certame seguinte, em 1955, a colônia de férias elaborada pelos japoneses é descrita como um projeto corretamente formulado, “sem perder-se em sugestões fantasiosas”⁶⁰. O núcleo residencial premiado no III Ciea, em 1957, é aclamado pela capacidade de adaptação do conjunto tendo como base a combinação de unidades padronizadas⁶¹.

A análise comparativa das Atas Oficiais permite reconhecer o caráter paternalista dos discursos, tendo como mote supostas deficiências na formação dos estudantes, cuja superação dificilmente se obtém “pelos seus próprios meios”, apesar dos esforços empreendidos por “tão sadio impulso”. Sente-se assim o júri recompensado em contribuir, “na medida de suas forças, para a melhoria do ensino de uma especialidade cada vez mais solicitada pelos progressos da sociedade contemporânea”⁶².

Jorge Machado Moreira faz suas as palavras da Ata de Premiação da III EIA durante a cerimônia de entrega dos prêmios do segundo concurso estudantil, em setembro de 1955. Aproveita a ocasião para desculpar-se pelo rigor das apreciações críticas feitas pelo Júri de Premiação, clamando para a compreensão de sua finalidade pedagógica. Moreira lança outro recado, especialmente dirigido aos estudantes brasileiros, visando combater a “tão generalizada preocupação inventiva que está se transformando em verdadeira obsessão.” Na avaliação do arquiteto, tal preocupação pode ser constatada no “emprego demasiado freqüente de formas a que faltam espontaneidade, objetividade e mesmo razão de ser, não atendendo às finalidades funcionais nem às estéticas”⁶³.

Por fim, sentencia: “Ninguém se torna gênio por determinação expressa do programa”⁶⁴.

lista de estudantes – selecionados, recusados e premiados

I EIA 1951

INSCRIÇÃO ESPONTÂNEA INDIVIDUAL OU EQUIPES

Adolpho Rubio Morales – Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA)
Adyr Moura Ferreira e Ervin Hochenberg – Faculdade de Arquitetura Mackenzie (FAM)
Antonio Luiz Anhaia Mello e Roger Szmekol – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP)
Arinaldo Fernandes De Carvalho / Clovis Bevilacqua
Carlos Barjas Millan / Luiz Roberto Carvalho Franco / Sidney S Fonseca – FAM
Carlos Gonzales Lack – Escola Politécnica da USP
Carlos J J Srna / Jean Maitrejean – FAU/USP
Clementina De Ambrosio / Francisco Bicalho – FAU/USP
David Libeskind – Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Minas Gerais
Domingos Azevedo Neto / Joaquim Guedes / Liliana Marsicano – FAU/USP
João Clodomiro De Abreu – FAU/USP
João José Vallandro – Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul
José Geraldo Da Cunha Camargo
Julio Nicolau De Barros Curtis – FNA
Juvenal Waetge Junior – FAU/USP
Levy Menezes – FNA
Luiz Gastão De Castro Lima – FAU/USP
Moacyr Zanin – Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul
Roberto Pinto Monteiro – FAU/USP
Sergio Cabral De Brito Freire – FNA
Wit Olaf Prochnik – FNA

II EIA 1953-1954

I Concurso Internacional de Estudantes de Arquitetura – CIEA

INSCRIÇÃO POR EQUIPES, COM SELEÇÃO PRÉVIA DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

FAU/USP

Ariaki Kato
Leo Quanji Nishikawa
Vittorio Moise Corinaldi

Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais

Paulo Ferreira Martins
Paulo Humberto Passos Batista

Escola de Belas Artes de Pernambuco

Augusto Reynaldo Alves
Carlos Falcão Correia Lima
Luciano Goes Vieira
Lucio Marinho Estelita
Marcos Domingues da Silva
Reginaldo Luis Esteves

Faculdade Nacional de Arquitetura

Arnaldo Abaurre
Edgard Medeiros
Philuvio C Rodrigues Filho (Chefe)

III EIA 1955

II Concurso Internacional de Estudantes de Arquitetura – CIEA

INSCRIÇÃO POR EQUIPES, COM SELEÇÃO PRÉVIA DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul

Carlos A Mancuso
Claudio Araujo
Nelson Petzold
Pedro Velloso

FNA

Dinaise Vieira
Elder Rocha Lima
João José Silva Costa
José Liberal de Castro
Paulo dos Santos

FAM

Henrique Signore Sadocco
Sylvio Sandall Pires

FAU/USP

Araken Martinho
Heitor Ferreira de Souza
Mario Alfredo Reginato
Ubirajara Gilioli
EAUMG
Deisi Ottoni Barbosa
Ernesto Vargas Cardoso
Hilmar Toscano Rios
Rodrigo Araujo Moreira

IV EIA 1957

III Concurso Internacional de Estudantes de Arquitetura – CIEA

INSCRIÇÃO POR EQUIPES, COM SELEÇÃO PRÉVIA DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

FNA

O catálogo não indica a relação de estudantes da equipe

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul

O catálogo não indica a relação de estudantes da equipe

FAM

Arnaldo Grostein
Claus Peter Bergner
Geraldo De C Hungria
Gesel A Himmelstein
Maurício Nogueira Lima

FAU/USP

Abrahão Sanovicz
Helio Penteado
Herberto Lira
Israel Sancovsky
Jaguanhara Ramos
Jeronimo Bonilha Esteves
João Rodolfo Stroeter
José Caetano de Mello Filho
Julio Roberto Katinsky
Lucio Grinover

IV Exposição Internacional de Arquitetura

A exclusão de Aldo Bonadei e Flávio de Carvalho, entre outros artistas brasileiros aclamados⁶⁵, desencadeia manifestações de apoio e repúdio à IV Bienal do MAM/SP. As bravatas são deflagradas com o anúncio dos selecionados na seção de artes, em maio de 1957. E não cessam com a abertura da mostra, em setembro do mesmo ano.

A querela não apenas retoma divergências entre figurativos e abstratos, como também explicita antagonismos entre as vertentes geométrica e informal da arte abstrata. Nesse intrincado quadro de disputas, o informalismo é considerado uma imposição imperialista pelos defensores da abstração geométrica e a arte abstrata – informal e construtiva – é vista pelos figurativos como um instrumento de alienação das massas. Sob o tom ideológico dos debates, questionam-se os critérios de seleção e premiação dos trabalhos e as condições operacionais dos respectivos júris.

As instalações das bienais são transferidas para o Palácio das Indústrias em 1957. Os ganhos são quantitativos e qualitativos, tendo como parâmetros comparativos o aumento da área expositiva e a melhora das condições técnicas em relação aos locais precedentes⁶⁶. Mas não se pode concluir, a partir do exposto, que os problemas de natureza física tenham sido solucionados. As áreas de acolhimento, acondicionamento e preparo das exposições não suprem a demanda existente⁶⁷.

83

Oscar Niemeyer.
Palácio das Indústrias

Na IV Bienal, a participação do franco-suíço Marc Chagall e de René Magritte, entre outros expoentes do surrealismo belga, denota o alto nível das delegações internacionais. Por outro lado, o passadismo de algumas salas alimenta o tom das críticas, sob a acusação de preterir a participação de jovens artistas. O Júri de Premiação não se ressentiu diante das polêmicas e concede o Grande Prêmio ao veterano Giorgio Morandi, com a decisiva intermediação do comissário italiano Rodolfo Pallucchini, ligado à Bienal de Veneza.

Em contrapartida, a representação oficial norte-americana, organizada pelo MoMA, parece ser mais bem acolhida pelo meio artístico. O maior destaque do conjunto cabe à retrospectiva Jackson Pollock, composta de 34 telas e 29 desenhos de todas as fases do inventor do *action painting*, cuja trajetória é precocemente interrompida em 1956. Com a mesma intenção são prestadas homenagens a Lasar Segall e a Victor Brecheret, desaparecidos naqueles anos.

A apresentação conjunta de Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Hélio Oiticica, Lygia Clark e Waldemar Cordeiro em uma sala dedicada ao concretismo sinaliza o impulso da abstração geométrica no ambiente artístico

84

Vista da Sala Especial
de Arte Concreta,
IV Bienal, 1957

brasileiro, ou ao menos nas bienais. Além disso, indica o decisivo apoio concedido para experimentações não reconhecidas, silenciando uma significativa parcela de detratores (nem sempre acadêmicos) que consideram a bienal um “verdadeiro museu temporário de arte moderna”⁶⁸.

O apreço pela arte construtiva também comparece na sala dedicada aos artistas da Bauhaus, ainda que sejam assinaladas ausências de trabalhos de artes gráficas e desenho industrial. Max Bill e Josef Albers são os artistas de maior prestígio da retrospectiva, que também abre espaço para a encenação do Balé Triádico, de Oscar Schlemmer, na I Bienal de Artes Plásticas do Teatro, realizada como módulo autônomo à seção de artes visuais, com critérios próprios de seleção e premiação.

No campo arquitetônico, os regulamentos são novamente assinados por Ciccillo Matarazzo e o processo de seleção conduzido pelo carioca Mário Henrique Glicério Torres e pelos paulistas Eduardo Kneese de Mello e Francisco Beck, compondo um grupo muito semelhante ao constituído na II EIA, em 1953. Plínio Croce também integra o Júri de Seleção e expõe uma obra posteriormente premiada, sinalizando o caráter nem sempre ético das deliberações dos membros julgadores.

Além de Beck e de Glicério Torres, é anunciada a presença do mineiro Sylvio de Vasconcellos no Júri de Premiação, ao lado de três nomes de reputação internacional: Kenzo Tange, Marcel Breuer e Philip Johnson. Apesar do convite, Vasconcellos não integra o conclave, sendo substituído por Jacob Ruchti, de acordo com a Ata Oficial do Júri. A não-participação do professor da Escola de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais constitui uma lacuna inestimável para a aproximação das bienais com o ambiente arquitetônico mineiro, praticamente ausente dos certames.

85

Oscar Schlemmer.
Balé Triádico, Bauhaus

A IV EIA volta a incluir salas especiais de caráter não-competitivo. A primeira delas reúne 18 escritórios do panorama arquitetônico canadense, mas seus projetos não são publicados em nenhuma revista brasileira. A segunda apresenta realizações holandesas igualmente ignoradas por nossos editores, entre as quais o Edifício para Exposição de Esculturas (1955), de Gerit Rietveld, e duas obras de grande porte, destinadas à contenção e ao aproveitamento de territórios recuperados do oceano: o dique de Oostpolder e a ocupação de Noordoosppolder, ambas no Zuiderzee.

A Sala Especial Brasília, indiscutivelmente mais atraente para o público e a crítica, destaca a construção da futura capital, apontada pelo urbanista William Holford como “a maior contribuição ao urbanismo do nosso século”⁶⁹. Tal afirmação, reproduzida no catálogo geral da IV Bienal, dá o tom com o qual são expostos o Plano Piloto de Brasília, assinado por Lúcio Costa, e os anteprojetos de seus primeiros edifícios, concebidos por Niemeyer.

A lista de selecionados da IV EIA é composta de 43 arquitetos brasileiros, incluindo os nomes de Costa e Niemeyer. Desse total, 27 atuam em São Paulo, 15 no Rio de Janeiro e apenas um no Recife. Entre os 43 profissionais, 21 são formados em São Paulo, 18 no Rio de Janeiro, dois no exterior, um em Minas Gerais e outro em Pernambuco. O tempo de experiência profissional revela-se mais equilibrado, sendo contabilizados 22 arquitetos formados há menos de uma década contra 21 com maior tempo de graduação.

Entre os profissionais radicados em São Paulo, é expressiva a inclusão de 17 arquitetos formados há menos de dez anos, contra dez graduados antes de 1947. A situação se inverte quando são totalizados os dados referentes ao Rio de Janeiro, onde prevalecem, em termos absolutos, os arquitetos mais experientes, na razão de dez para cinco profissionais.

O cruzamento dos dados sinaliza uma maior participação de mackenzistas e fau-uspianos recém-formados, em comparação com o número de jovens cariocas ou de outras localidades brasileiras. Mas não se pode dizer que tal constatação seja conclusiva, na medida em que não foi localizada, na documentação existente na Fundação Bienal, uma lista de arquitetos cuja obra, em sua totalidade, tenha sido recusada na IV EIA.

Diante do hiato, surgem as questões: seria possível atribuir ao fator geográfico a participação de Clementina Ambrosis, Jorge Wilhelm, Rosa Kliass e Telesforo Cristofani, entre os jovens arquitetos radicados em São Paulo,

86
Lucio Costa
Sala Especial
Brasília,
IV EIA, 1957

87 a 89
Telesforo Crostofani.
Edifício de Apartamentos,
São Paulo, SP.
Marcelo Fragelli. Residência em
São Conrado, Rio de Janeiro, DF
Jorge Wilhelm e Rosa Kliass.
Fábrica de Leite em Pó,
Varginha, MG

90
Adolf Franz Heep.
Edifício Lausanne,
São Paulo, SP

e a de Marcelo Fragelli, naquele momento atuante no Rio de Janeiro? Não compartilhariam o mesmo interesse os arquitetos e professores de outros estados da federação brasileira? E o que dizer dos representantes regionais do IAB? Como interpretar o não-comparecimento de arquitetos imigrados, a exemplo de Adolf Franz Heep e Jacques Pilon?

Não é tarefa simples entender as razões pelas quais um arquiteto decide não participar de bienais. O boicote é o motivo mais facilmente compreendido, pois pressupõe a articulação de determinados grupos com o intuito de enfraquecer a representatividade do certame em termos coletivos. A simples ausência pode mascarar álibis mais prosaicos, desde dificuldades para a preparação das pranchas a ressentimentos não assimilados após uma recusa anterior.

A extensa lista de excluídos na I EIA, em 1951, mostra ser válida a última hipótese, na medida em que, entre os 22 recusados, apenas João Clodomiro de Abreu se submete a julgamento em outra bienal do recorte temporal, no caso, com uma residência unifamiliar na IV EIA. Haveria outra causa mais contundente para motivar a desistência de Arthur Arcuri, cuja obra é objeto de interesse de diversas publicações do período? E os demais arquitetos não aceitos, por que não remetem trabalhos?

O recebimento de projetos inexpressivos e em quantidade inferior ao número desejado pelos organizadores da IV EIA deflagra uma aguerrida campanha para combater a apatia do meio e para revelar novos talentos. Entre as estratégias empreendidas se inscreve o envio de cartas a personalidades e instituições de ensino brasileiras. Mas as respostas não alcançam os resultados imaginados, considerando-se o aparente isolamento em que se mantêm as capitais do Sul, do Norte-Nordeste e do Centro-Oeste brasileiro.

Até mesmo de Oscar Niemeyer provém uma manifestação de descontentamento motivada pelos resultados do julgamento da II EIA. Naquela ocasião, o projeto da Casa das Canoas, de sua autoria, é preterido diante da Residência Richard Hodgson, premiada na categoria habitacional. Solicitado a participar da IV EIA com outros projetos além da Sala Especial Brasília, Niemeyer expõe em carta endereçada a Arturo Profili as causas de sua recusa:

91
Oscar Niemeyer.
Casa das Canoas,
Rio de Janeiro, DF

Não pretendo comparecer à Bienal, pelo menos enquanto fizer parte do Júri qualquer dos elementos que dele tenha participado na última vez que concorri. Não vou discutir o critério adotado pelo mesmo naquela ocasião, nem tampouco o fato de terem os membros julgado o projeto de minha casa sem verem a obra construída. Ainda menos a atitude dos que a conheciam e podiam ter explicado as razões da solução adotada. O interesse que esse projeto despertou no exterior e as opiniões que sobre ele foram ali publicadas me bastam.⁷⁰

92 e 93

Plínio Croce, Roberto Aflalo e Salvador Candia.
Edifício João Ramalho,
São Paulo, SP.
Jorge Machado Moreira.
Faculdade Nacional
de Arquitetura,
Rio de Janeiro, DF

Como registrado na documentação localizada no Arquivo Histórico Wanda Svevo, os argumentos de Niemeyer não são contestados nem defendidos pelos organizadores da quarta bienal, sinalizando a falta de um posicionamento claro em relação à obra de nosso arquiteto mais aclamado internacionalmente. A composição do Júri de Premiação da mostra, apontada anteriormente, e as láureas concedidas são reveladoras de uma certa animosidade ao caráter formalista em voga na produção arquitetônica brasileira⁷¹.

O Edifício João Ramalho (1953) e a Faculdade Nacional de Arquitetura (1957) são os únicos conjuntos brasileiros premiados na IV EIA, respectivamente nas categorias 2 (Habitação Coletiva) e 5 (Edifício Público). Seus autores, o trio Plínio Croce, Roberto Aflalo e Salvador Candia, e o carioca Jorge Machado Moreira são conhecidamente defensores de repertório projetual mais rigoroso nos aspectos formal e técnico. Para tanto, recorrem à racionalização dos componentes construtivos tendo como princípios norteadores a padronização de componentes, a modulação estrutural e a redução de custos.

De acordo com os noticiários da época, Kenzo Tange e Philip Johnson visitam o Edifício João Ramalho com o intuito de não limitar a sua apreciação aos desenhos e fotografias expostos no terceiro piso do Palácio das Indústrias, colocando em desvantagem os demais projetos apresentados na mostra. Elogiam a “clareza da planta e da estrutura”, o tratamento das fachadas e o “emprego adequado de materiais”⁷². Não surpreende, destarte, a atribuição da láurea, tampouco o conteúdo do Ata Oficial, que sentencia:

A qualidade do projeto da fachada principal baseado na repetição dos elementos construtivos, a planta boa e clara, e o tratamento igualmente cuidadoso dispensado a ambas as faces evidenciam uma disciplina sadia e pouco comum.⁷³

O Edifício Olivetti (1954), de Annibale Focchi, Gian Antonio Bernasconi e Marcello Nizzoli, é premiado na categoria 3 (Edifício para Fins Comerciais), por sua “excepcional segurança e sensibilidade” no tratamento do conjunto, desde a estrutura até os “menores detalhes de acabamento interno”⁷⁴.

94 e 95

Annibale Focchi e equipe.
Edifício Olivetti, Milão.
Marcelo e Milton Roberto.
Edifício Marques do Herval,
Rio de Janeiro, DF

96

Carlos Raul Villanueva
e Alexander Calder.
Interior da Aula Magna,
Caracas, Venezuela

O Júri de Premiação concede uma única Menção Honrosa, na categoria 5 (Edifício Público), para o projeto de Interior da Aula Magna da Universidade de Caracas (1952-1953). De acordo com a Ata Oficial, a obra desenvolvida por Carlos Raul Villanueva, em parceria com Alexander Calder, é considerada “um notável exemplo de integração das artes plásticas numa composição espacial em grande escala”⁷⁵.

Tal argumento também poderia estar presente na atribuição do prêmio da categoria 5, vencida pela Faculdade Nacional de Arquitetura, tendo em vista a profícua interlocução entre a proposta arquitetônica de

Jorge Moreira e os painéis e jardins de Roberto Burle Marx. Mas os membros julgadores preferem ressaltar a “disciplina na ordenação da fachada” e a contribuição prestada ao planejamento da Cidade Universitária do Rio de Janeiro.

O Júri de Premiação não atribui prêmios nas categorias 1 (Habitação Individual), 4 (Edifício para Fins Industriais) e 6 (Problemas Vários), muito embora ressalve, na categoria habitacional, o “recomendável nível geral das residências apresentadas”. Entre as obras submetidas nessa categoria, poderiam levar o prêmio as residências Benjamin Fleider (1954), de Oswaldo Arthur Bratke, e José Felix Louza (1956), de David Libeskind, apenas para mencionar duas realizações cujo raciocínio projetual estabelece conexões com outras propostas premiadas.

Levando-se em conta os projetos apresentados na categoria industrial, surpreende a aparente desconsideração com a qual não se concede qualquer distinção ao projeto da Fábrica Olivetti (1957), desenvolvido pelo milanês Marco Zanuso para a filial brasileira da multinacional italiana. O Laboratório Farmacêutico Fontoura-Wyeth (1953-1955), assinado por Lucjan Korngold, também sinaliza transformações no parque industrial brasileiro, mas sua realização parece não sensibilizar os membros julgadores.

97 a 99

Oswaldo Arthur Bratke.
Residências Fleider, e Oscar
Americano, São Paulo, SP.
David Libeskind.
Residência José Felix Louza,
Goiânia, GO

100 e 101

Marco Zanuso. Fábrica Olivetti,
São Paulo, SP. Lucjan Korngold.
Laboratório Fontoura-Wyeth, SP

102 a 104

Marcelo e Maurício Roberto.
Pavilhão Lowndes, Petrópolis, RJ.
João Baptista Vilanova Arigas.
Estação de Londrina, PR
Francisco Bolonha.
Monumento José Peixoto,
Cataguases, MG

De acordo com a ficha de inscrição, quatro proposições brasileiras são inscritas na categoria 6 (Problemas Vários), mas nenhuma delas é sequer mencionada na Ata Oficial de Premiação. Concorrem ao prêmio o Pavilhão Lowndes (1954), de Marcelo e Maurício Roberto, a Estação Rodoviária de Londrina (1950), de Vilanova Artigas, o Monumento a José Ignácio Peixoto (1955-1957), de Francisco Bolonha, e a Planificação da Cidade de Ourinhos (1957), elaborada por Antonio Bezerra Baltar em colaboração com os jovens Clementina de Ambrosio e Domingos Azevedo Neto.

Sem entrar no mérito da não-atribuição do prêmio, constitui provocação ainda maior a exclusão do plano urbanístico de Angélica (1954). Implantado em uma colônia agrícola mato-grossense e praticamente desconhecido pela crítica, o projeto de Jorge Wilhelm apresenta soluções que antecedem cronologicamente o Plano Piloto de Brasília (1957), merecedor, na avaliação dos organizadores da quarta bienal, de um privilegiado espaço no piso térreo do Palácio das Indústrias.

IV EIA – 1957

obras selecionadas

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

Aldary Henrique Toledo

192. Residência Paulo Demoro.
Araruama RJ

Carlos Frederico Ferreira

193. Residência do Arquiteto.
Nova Friburgo RJ

David Libeskind

194. Residência José Felix Louza.
Goiania GO

João Clodomiro de Abreu /

Helio Pasta

195. Residência Gumercindo Camargo.
Jundiá SP

Jorge Alberto Mereb

196. Residência Unifamiliar.
Teresópolis RJ

Marcello Accioly Fragelly

197. Residência Unifamiliar. Petrópolis RJ

198. Residência Unifamiliar. Rio de

Janeiro DF

Miguel Forte / Galiano Ciampaglia

199. Residência Unifamiliar. São Paulo SP

200. Residência Unifamiliar. São Paulo SP

201. Residência Unifamiliar. São Paulo SP

Olavo Redig de Campos

202. Residência Geraldo Batista.
Petrópolis RJ

Oswaldo Arthur Bratke

203. Habitação Benjamin Fleider.
São Paulo SP

204. Habitação Oscar Americano.
São Paulo SP

Roberto Claudio Affalo / Plinio Croce

205. Residência Unifamiliar. São Paulo SP

Rodolpho Ortenblad Filho

206. Residência Unifamiliar. São Paulo SP

207. Residência Unifamiliar. Uchoa SP

Rubens Corsi

208. Residência Unifamiliar. Lins SP

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

Abelardo de Souza

209. Conjunto Residencial Três Marias.
São Paulo SP

David Libeskind

210. Conjunto Nacional. São Paulo SP

Mauricio Sued /

Marcelo Accioly Fragely

211. Edifício de Apartamentos.
Rio de Janeiro DF

Telesforo Cristofani

212. Edifício Residencial. São Paulo SP

CATEGORIA 3 EDIFÍCIO

PARA FINS COMERCIAIS

Francisco Bolonha

213. Edifício Diogo de Brito.
Rio de Janeiro DF

Marcelo Roberto / Mauricio Roberto

214. Edifício Marques do Herval.
Rio de Janeiro DF

Wit Olaf Prochnik

215. Lojas Rosemary. Parnaíba PI

CATEGORIA 4 EDIFÍCIO

PARA FINS INDUSTRIAIS

Jorge Wilhelm / Rosa Kliass

216. Fábrica de Leite em Pó Coma.
Varginha MG

Lucjan Korngold

217. Laboratórios Farmacêuticos Fontoura
Wieth. São Paulo SP

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

Antonio Carlos Pitombo /

Eduardo Corona / Roberto Tibau

218. Planetário de São Paulo
Parque Ibirapuera. São Paulo SP

Carlos Frederico Ferreira

219. Conjunto Aquático da Sociedade
Esportiva Palmeiras. São Paulo SP

Francisco Bolonha

220. Edifício para Sede de Clube.
Juiz de Fora MG

Helio Duarte / Ariaki Kato / Ernest

Robert de Carvalho Mange / Leo

Quanji Nishikawa

221. Escola de Engenharia de São Carlos.
São Carlos SP

222. Escola Senai Anchieta. São Paulo SP

223. Internato do Senai. Campinas SP

Ícaro de Castro Mello

224. Ginásio de Esportes. Bauru SP

225. Ginásio do Ibirapuera. São Paulo SP

226. Piscina do Esporte Clube Sírio.
São Paulo SP

João Batista Vilanova Artigas

227. Casa da Criança. Londrina PR

Maurício Dias da Silva / Noel Marinho

228. Abrigo para Obras de Arte.
São Miguel RS

Wit Olaf Prochnik

229. Pavilhão Para Piscina. Teresopolis RJ

CATEGORIA 6 PROBLEMAS VÁRIOS

Antonio Bezerra Baltar / Clementina

Ambrosis / Domingos Theodoro

Azevedo Neto

230. Planificação da Cidade de
Ourinhos SP

Marcelo Roberto / Mauricio Roberto

231. Escritório e Residência Fazenda
Samambaia. Petrópolis RJ

Francisco Bolonha

232. Monumento a Jose Peixoto.
Cataguases MG

João Batista Vilanova Artigas

233. Estação Rodoviária. Londrina PR

obras recusadas

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

Abelardo Riedy de Souza

234. Residência Unifamiliar. São Paulo SP

Lucjan Korngold

235. Residência Unifamiliar. Rio de Janeiro DF

Oswaldo Arthur Bratke

236. Residência Joaquim Junqueira
do Val. São Paulo SP

Rodolpho Ortenblad Filho

237. Residência Unifamiliar. São Paulo SP

Telesforo Cristofani

238. Residência do Arquiteto. São Paulo SP

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

CATEGORIA 3 EDIFÍCIO

PARA FINS COMERCIAIS

CATEGORIA 4 EDIFÍCIO

PARA FINS INDUSTRIAIS

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

Não são recusados trabalhos

nestas categorias

CATEGORIA 6 PROBLEMAS VÁRIOS

Jorge Wilhelm / Rosa Kliass

239. Proposta Urbana para Angélica MT

Wit Olaf Prochnik

240. Praça em Padre Miguel.
Rio de Janeiro DF

obras premiadas

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

CATEGORIA 3 EDIFÍCIO

PARA FINS COMERCIAIS

CATEGORIA 4 EDIFÍCIO

PARA FINS INDUSTRIAIS

CATEGORIA 6 PROBLEMAS VÁRIOS

Nenhum projeto brasileiro premiado

nestas categorias

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

Plinio Croce / Roberto Affalo /

Salvador Candia

241. Edifício João Ramalho. São Paulo SP

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

Jorge Machado Moreira

242. Faculdade Nacional de Arquitetura.
Rio de Janeiro DF

Lucio Costa

243. Plano Piloto de Brasília DF

Oscar Niemeyer

244. Congresso Nacional. Brasília DF

245. Palace Hotel. Brasília DF

246. Palácio da Alvorada. Brasília DF

247. Palácio de Despachos. Brasília DF

V EIA – 1959

salas especiais

Roberto Burle Marx

248. Faculdade Nacional de
Arquitetura. Rio de Janeiro DF

249. Museu de Arte Moderna do
Rio de Janeiro. Rio de Janeiro DF

250. Residência Alberto Kronsfoth.
Petrópolis RJ

251. Residência Alfredo Bauman.
Petrópolis RJ

252. Residência Antonio Ceppas.
Rio de Janeiro DF

253. Residência Antonio Moraes
da Fonseca. Petrópolis RJ

254. Residência Francisco
Pignatari. São Paulo SP

255. Residência Sérgio Correa da
Costa. Rio de Janeiro DF

V Exposição Internacional de Arquitetura

A seleção de obras da V Bienal não cria polêmicas em torno da exclusão de certos nomes ou de determinados movimentos artísticos, como nas mostras precedentes. Desta vez, os debates circulam nos bastidores e descrevem inundações no interior do Palácio das Indústrias, ou incêndios motivados pela infiltração de água nos dutos elétricos, “sem a mínima possibilidade de serem escoadas (as águas) para fora do recinto”⁷⁶.

O fatalismo de Francisco Beck, autor da citação anterior, é procedente, porquanto são observados problemas dessa natureza até mesmo na Sala Especial Van Gogh, uma das mais procuradas pelos visitantes. Ali, todas as noites, os 30 trabalhos do mestre holandês são protegidos com lona plástica, temendo-se danos de perdas incalculáveis. Apesar dos reparos efetuados na cobertura do prédio, em caráter emergencial, as telas de Van Gogh sofrem com a umidade do ambiente, de acordo com o testemunho de Guimar Morello⁷⁷.

105

Inundação no Pavilhão
das Indústrias,
IV Bienal, 1957

Postos de lado os problemas de manutenção do edifício, a seção de artes visuais se notabiliza pela apresentação de um significativo conjunto de obras de Francis Bacon e do coletivo Die Brücke (A Ponte), compondo um painel de diferentes vertentes do expressionismo. A retrospectiva do uruguaio Joaquim Torres-García também constitui realização de singular importância. São exibidas 37 telas de sua fase construtiva, parcialmente desaparecida no incêndio do MAM/RJ, em 1978, coincidentemente atribuído a um colapso do sistema elétrico. As advertências de Beck não são, portanto, aleatórias.

O Grande Prêmio Internacional da V Bienal é concedido à escultora inglesa Barbara Hepworth, e o de pintura nacional, a Manabu Mabe. Ao contrário da láurea máxima, prevista nos bastidores, a consagração de Mabe surpreende, na medida em que destitui obras de artistas mais experientes. Na avaliação de Mário Pedrosa, denota o reconhecimento do tachismo no ambiente artístico brasileiro⁷⁸; muito além de indicar a reconciliação da bienal com expoentes anteriormente excluídos, entre os quais o próprio artista nipo-brasileiro.

Candido Portinari e Lasar Segall encerram a década contabilizando três participações nas bienais, como artistas homenageados⁷⁹. O fato aparentemente trivial pede comentários adicionais, porquanto sintetiza diferentes caminhos da arte moderna no Brasil, tendo de um lado um artista que procura confrontar o regional aos temas da modernidade internacional, e, de outro, o olhar de um estrangeiro que busca encontrar consonância no repertório artístico de um país periférico e emergente.

Uma outra interpretação da presença do popular na cultura brasileira comparece na exposição Bahia no Ibirapuera, organizada pela Escola de Teatro da Universidade da Bahia, com apoio do Museu de Arte Moderna da Bahia, naquele momento dirigido por Lina Bo Bardi. Implantada em um anexo provisório de 400 metros quadrados sob a marquise de Oscar Niemeyer, no justo alinhamento da entrada principal do Palácio das Indústrias, a mostra exhibe peças da tradição cristã-européia e um significativo conjunto de trabalhos de repertório não erudito.

106 e 107
Lina Bo Bardi.
Pavilhão Bahia, V Bienal.
Vista interna e cartaz

O projeto e a montagem do pavilhão são coordenados por Lina⁸⁰; que divide a curadoria com Eros Martim Gonçalves, diretor da Escola de Teatro. Também colaboram o antropólogo Vivaldo da Costa Lima e o então desconhecido cineasta Glauber Rocha, sinalizando o caráter multidisciplinar da iniciativa. O mérito da exposição ultrapassa o valor artístico das peças, merecendo ser entendido como um manifesto contrário à manipulação e ao extermínio de nossas tradições populares pela imposição de valores alheios à cultura das massas.

Nada melhor, nesse raciocínio, do que bloquear a entrada do Palácio das Indústrias com um repertório artístico dissonante, incompreendido e menosprezado pelas elites locais. No raciocínio proposto pelo Pavilhão Bahia, defendido por Lina e Martim Gonçalves, a construção da “civilização brasileira” deve necessariamente incorporar os ritmos, cores e formas dos objetos produzidos nos sertões da cultura brasileira, para que a arte popular possa ser alçada em pé de igualdade às tradições difundidas em nossas universidades e museus de arte⁸¹.

Mas enquanto isso não acontece, o terceiro piso do Palácio das Indústrias abriga as exposições de teatro e de arquitetura, com regulamentos independentes da seção de artes. A mostra teatral alcança maior repercussão nos periódicos de grande circulação, se comparada ao relativo silêncio da mostra de arquitetura, organizada sob o tema História de Pioneiros, referente ao centenário da Red House (1859), de Philip Webb e William Morris⁸².

Um dos prováveis motivos que justificam a ênfase concedida à Bienal de Teatro decorre da encenação do repertório do dramaturgo Eugene O'Neill, falecido naqueles anos, em um auditório que reproduz as características do Princeton Playhouse, onde eram montadas as peças do homenageado. Na réplica assinada por Paul Marvin Rudolph, a concepção espacial solicita maior movimentação das cenas e uma participação mais ativa do público.

Outra possibilidade se deve ao sucesso da sala alemã, organizada por Roman Clemens, ex-aluno de Oscar Schlemmer, diretor de palco da Bauhaus. Na oportunidade, são apresentados documentos sobre o festival anual de Bayreuth, idealizado para celebrar anualmente a obra de Richard Wagner, e uma escultura abstrata executada em vidro inquebrável, alusiva à obra do compositor.

Mas a hipótese mais aceitável para compreender a fraca repercussão da seção de arquitetura é a não-realização da mostra competitiva, em resolução acordada entre a Direção Artística do MAM/SP e a cúpula do IAB. A V EIA fica, assim, restrita à montagem de seis salas especiais, cujos critérios de seleção e apresentação são de responsabilidade das delegações nacionais dos homenageados Antonio Gaudí, Henri van de Velde, Mies van der Rohe, Philippe Wolfers, Roberto Burle Marx e Victor Horta.

A Sala Especial Gaudí é organizada pela Direção Geral de Relações Culturais de Madri, em colaboração com a Sociedade Amigos de Gaudí, presidida pelo Visconde de Güell. Horta, Van de Velde e Wolfers são homenageados pelo Ministério da Instrução Pública da Bélgica. Mies van der Rohe e Roberto Burle Marx respondem pelo planejamento e organização de suas próprias salas, com suporte material do MoMA para o arquiteto alemão naturalizado norte-americano e discreto apoio do IAB para o paisagista brasileiro⁸³.

Entre os tributos prestados pela V EIA, ressalte-se a obra de Antonio Gaudí por sua singular plasticidade, resultante de múltiplas interlocuções estilísticas e de uma peculiar releitura de elementos vernaculares. Outro aspecto de inegável destaque deve-se à sua contribuição no campo tecnológico, tendo como cerne o desenvolvimento de inusitados métodos de cálculo para estruturas de concreto armado.

A retrospectiva do mestre catalão apresenta em 48 pranchas dez obras de diversos períodos, entre residências, edifícios públicos, construções escolares e templos. São feitas distinções para a Casa Milá (1905-1910) e para o Templo Expiatório da Sagrada Família (1900-), em consideração à sua grandiosidade e simbolismo. A apresentação do Parque Güell (1900-1914) evidencia as reflexões de Gaudí no campo urbanístico, estabelecendo paralelos com princípios ordenadores das cidades-jardim do começo do século XX.

As salas Victor Horta, Henri van de Velde e Philippe Wolfers compõem a representação belga. A primeira é dedicada a realizações arquitetônicas e as duas últimas abarcam projetos de diferentes campos do conhecimento, incluindo artes gráficas, joalheria, mobiliário e vestuário, cujas presenças redefinem os temas de projeto abordados nas EIA, restritos à arquitetura, ao urbanismo e ao paisagismo.

Victor Horta apresenta a emblemática Casa do Povo (1896-1899) e três obras residenciais⁸⁴; igualmente referenciais à compreensão dos avanços e impasses do movimento *art nouveau* no alvorecer do século XX. De acordo com as palavras de Geraldo Ferraz, a contribuição de Horta é essencial aos domínios formal e técnico, sendo o emprego do concreto, do ferro e do vidro uma verdadeira declaração da apropriação dos conhecimentos utilizados pelos engenheiros no século XIX. Sua aplicação do ferro, diz Ferraz, chega a renovar a “arte do ornato”⁸⁵.

108 e 109

Antonio Gaudí.
Igreja da Sagrada Família,
Barcelona, Espanha.
Victor Horta. Casa do Povo,
Bruxelas, Bélgica

110 e 111
Henri Van de Velde.
Objetos expostos
em Sala Especial,
V EIA, 1959

Um texto de Le Corbusier, elaborado por ocasião do 70º aniversário de Henri van de Velde, celebrado em 1933, apresenta a obra do mestre belga no *Catálogo geral da V Bienal*. Exalta o caráter empreendedor da geração de 1900 na busca de renovação do ambiente artístico e inscreve a contribuição pioneira de Van de Velde na proposição de uma obra de arte diretamente inspirada na natureza, em contraposição ao modelo artístico vigente, baseado em “imitações antiquadas”⁸⁶.

A vasta produção do mestre belga é subdivida em sete eixos temáticos, tendo como base de articulação o desenho, visto enquanto elemento estruturador de todo o ambiente construído, desde uma cadeira até uma cidade. A sala reúne peças de vestuário, objetos de uso cotidiano, desenho de mobiliário, arquitetura, projetos gráficos, publicações do autor e edições sobre ele. Lamentavelmente, porém, o número de reproduções fotográficas é bastante superior à quantidade de originais e protótipos expostos, proporcionando uma inadequada interação do público com os módulos dedicados ao desenho industrial.

Philippe Wolfers é apresentado com uma modesta seleção de trabalhos, cuja representatividade, ao menos em termos numéricos, certamente contrasta com a grandiosidade da sala antes descrita. Cinco reproduções fotográficas mostram jóias de ouro, brilhantes e pedras preciosas, em exemplares únicos. Apenas uma fotografia de um jogo de copos de cristal sinaliza a articulação de Wolfers nos domínios do desenho industrial, não favorecendo uma satisfatória compreensão de suas intenções projetuais.

O MoMA nova-iorquino organiza a delegação norte-americana, desta vez representada por Mies van der Rohe na seção de arquitetura. O nome de Frank Lloyd Wright chega a ser cogitado pelo meio, mas seu descarte é articulado pelo MoMA e pelo MAM/SP. A justificativa para a troca é explicitada em uma carta localizada no Arquivo Histórico Wanda Svevo. De acordo com o documento inédito, tal decisão decorre da preferência dos colaboradores norte-americanos e de uma maior interlocução travada entre Van der Rohe e os promotores da V Bienal.

112
Mies van der Rohe.
Consulado Norte-americano,
São Paulo, SP [projeto]

Estranhamente, porém, a carta remetida a Guy Fasoli, funcionário do Consulado dos Estados Unidos em São Paulo, não faz qualquer referência ao projeto da nova sede da representação diplomática norte-americana na Avenida Paulista, assinado por Van der Rohe em 1957. Mas poderia manifestar interesse pela presença do arquiteto na V Bienal, em nova oportunidade para estreitar relações com o ambiente arquitetônico local⁸⁷.

Nos discursos dos organizadores, são evidenciadas motivações estéticas não declaradas, que beneficiam um raciocínio arquitetônico menos afeito aos problemas da forma e mais interessado nos processos construtivos, no qual a técnica torna-se o principal elemento de pesquisa. Tal constatação pode ser fundamentada na composição dos Júris de Premiação e nos termos expressos pelas Atas Oficiais das primeiras bienais, tanto nas mostras de profissionais quanto nas competições de estudantes.

Os periódicos locais saúdam a participação do fundador do Instituto de Tecnologia de Illinois, comparando a sua trajetória à de Walter Gropius, vencedor do Prêmio São Paulo em 1953. Van der Rohe exhibe projetos de sua fase alemã e realizações elaboradas em território norte-americano, além de peças de mobiliário desenvolvidas para o Pavilhão Alemão de Barcelona (1929) e para a Residência Tugendhat (1928-30), em Brno, República Checa.

113 e 114
Mies van der Rohe.
Arranha-céu de vidro
e Edifício Lake Shore
Drive, Chicago, EUA

A retrospectiva inclui duas versões do Arranha-céu de Vidro (c.1921), consideradas as primeiras aplicações do conceito de verdade estrutural na arquitetura moderna, ao menos no plano teórico⁸⁸. Entre as obras implantadas nos Estados Unidos, são expostas a Residência Farnsworth (1945-51) e o Edifício Seagrams (1955), celebrados pelo modo de resolução, enganosamente elementar, dos problemas formais.

Os edifícios residenciais de Commonwealth Promenade (1956) e de Lake Shore Drive (1949-1951) são outros exemplos de sua atuação na Chicago dos anos 1950. No campo urbanístico, a mostra destaca o projeto do distrito de Lafayette Park (1955-1965), em Detroit, que compreende setores residenciais de diferentes densidades, centros comerciais e de serviços, e um sistema de áreas verdes que articula todo o conjunto, com área total aproximada de 31 hectares.

A composição brasileira na V EIA também revela aspectos não problematizados pelos noticiários, ao menos na imprensa de grande circulação. Lúcio Costa é o nome originalmente escolhido para representar o Brasil, mas, em decorrência de sua não esclarecida recusa, Roberto Burle Marx torna-se o nome selecionado pelos organizadores. Poderiam sê-lo Affonso Eduardo Reidy, Flávio de Carvalho, Gregori Warchavchik, os irmãos Roberto ou Rino Levi, não satisfatoriamente aclamados anteriormente.

Mas isso não quer dizer que a escolha tenha sido equivocada. Roberto Burle Marx é personagem central para a afirmação da modernidade brasileira, nos planos artístico e arquitetônico. Suas contribuições no campo da botânica são também essenciais para o conhecimento da paisagem brasileira. Talvez por tais atributos e por sua incontestada reputação, é referendado como nome de consenso por todas as vertentes da crítica.

A Sala Burle Marx exhibe 16 projetos de sua produção mais recente, tendo como ponto de partida maquete, desenhos e fotografias do Parque del Este (1958) e pranchas de cinco obras residenciais realizadas na Venezuela⁸⁹. Os outros dez projetos são implantados no Brasil. Na

ordem de apresentação do catálogo, são expostas maquetes e fotografias dos projetos paisagísticos do MAM/RJ (1956) e da Faculdade Nacional de Arquitetura (1958), uma prancha alusiva à composição mural da unidade fabril da Mercedes-Benz (1958) e uma peça de cerâmica do painel utilizado na Fábrica Olivo Gomes, também de 1958.

A homenagem ainda inclui jardins de residências não expostas em nenhuma outra bienal dos anos 1950, cujos projetos arquitetônicos são assinados por Jorge Machado Moreira e Oscar Niemeyer. O fato é digno de nota porque oferece oportunidade de apreciação de material inédito e de alta significação no quadro da arquitetura brasileira. O mesmo pode ser dito em relação às outras obras exibidas, especialmente o projeto de Affonso Eduardo Reidy para o MAM/RJ.

115 e 116
Roberto Burle Marx.
Paisagismo da Residência
Alberto Kronsfoth,
Petrópolis, RJ, e Museu
de Arte Moderna, RJ

A forma de apresentação dos trabalhos, mais uma vez, prioriza as representações bidimensionais, não conferindo a maquetes e protótipos a necessária importância. Além disso, não são apresentados trabalhos do paisagista nos campos da tapeçaria, estamparia, escultura e objetos de uso cotidiano, antes apresentados no Masp, em 1952. Em síntese, a mostra poderia dignificar com maior propriedade a contribuição de Burle Marx para a cultura brasileira, em esforço de síntese, tema, aliás, presente nas demais salas da V EIA e no Pavilhão Bahia, abrigado sob a marquise do Parque Ibirapuera.

O tema da síntese das artes também comparece no Congresso Extraordinário da Associação Internacional dos Críticos de Arte (Aica), realizado como parte integrante da V EIA. Seu tema central – A Cidade Nova: Síntese das Artes – é sugerido por Mário Pedrosa durante reunião plenária da organização, no ano precedente⁹⁰. Segundo os termos lançados pelo crítico, a realização do certame se inscreve num excepcional contexto, do qual fazem parte a bienal paulistana e a construção de Brasília, “cidade que representa a última palavra no que diz respeito às artes e técnicas da civilização de nossos dias”⁹¹.

O congresso é realizado em três cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, escolhida para sediar as primeiras sessões plenárias, dedicadas à urbanística. O prosseguimento do congresso, em São Paulo, coincide com a inauguração da V Bienal do MAM/SP Na Paulicéia,

são debatidos aspectos da pintura e da escultura no coletivo arquitetônico, entre outros assuntos. O desfecho do certame, no Rio de Janeiro, conta com a apresentação de temas ligados às artes industriais e ao papel da educação artística na cidade moderna. A conclusão dos debates é feita com a apresentação do relatório A Missão da Arte, elaborado pelo sociólogo e historiador francês André Chastel⁹².

No discurso de abertura, Mário Pedrosa deixa de lado as especificidades da produção artística e arquitetônica para abordar Brasília enquanto “obra de arte coletiva que se introduz na vida de nossa época não mais como obra isolada, mas como um conjunto das atividades criadoras do homem”⁹³. Com essas palavras, considera Brasília a consagração de um processo maturado ao longo de gerações, no qual a atitude e a casualidade dos fatos são substituídas por uma atitude compartilhada entre todos os espectros sociais, agentes e vetores de um processo que visa modificar a estrutura social vigente.

Lúcio Costa, na intervenção verbal intitulada Saudação aos Críticos de Arte, retoma de forma indireta os argumentos apresentados por Pedrosa. O autor do Plano Piloto da capital considera o simpósio um encontro da mais alta significação, “porquanto demonstra que o futuro tecnológico, econômico e social desta nação não se fará à revelia do coração e da inteligência, mas sob o signo da arte, pois foi assim que Brasília nasceu”⁹⁴. Dessa forma, avalia a transferência da capital como uma atitude circunstanciada de desenvolvimento que vislumbra o futuro sem desmerecer o passado, com suas virtudes e vícios.

Apesar do tom profético das citações, Brasília não é vista como um exemplo de realização de síntese, na avaliação de grande parte dos críticos presentes. Mário Pedrosa, ao contrário, acredita que Brasília representa um novo patamar para a “reintegração do artista na consciência da dignidade de uma missão social”, superando o “pessimismo destrutivo da arte individualista de nossos dias”. A partir da experiência de Brasília, a arte moderna reassume, nas palavras de Pedrosa, “um papel social-cultural de primeiro plano nesta tarefa de construção regional e internacional pela qual o mundo está passando ou tem de passar... se não for destruído pelos teleguiados”⁹⁵.

A ponderação do crítico, talvez não por acaso, encontra consonância com as considerações expressas pelo diretor artístico da V Bienal do MAM/SP, Lourival Gomes Machado. Na avaliação deste, a bienal paulistana, ainda que recente e relativamente distante dos centros artísticos internacionais, apresenta-se diante de seus pares como um acontecimento merecedor da “confiança de meia centena de Estados em cujo projeto de administração a cultura se inscreve como necessidade básica e inadiável”⁹⁶.

Lourival Gomes Machado faz, com essas palavras, uma retrospectiva da primeira década de atividade das bienais. E, nesse balanço, observa a aproximação do Brasil com os principais centros internacionais, ao menos no plano da cultura. No próximo capítulo, a abordagem desloca-se para a análise dos projetos expostos nas bienais paulistanas, tendo como mote a sua inserção nas revistas e nas primeiras publicações dedicadas à arquitetura moderna brasileira.

117

Roberto Burle Marx.
Painel e paisagismo
da Residência
Antonio Ceppas,
Rio de Janeiro, DF

arquitetos com obras **recusadas**, selecionadas, **premiadas** ou expostas em **salas especiais**

	I EIA 1951	II EIA 1953-1954	IV EIA 1957
A	Abelardo de Souza Affonso Eduardo Reidy Alcides Rocha Miranda Alfredo Becker Álvaro Vital Brazil Américo Campelo Antonio Carlos Ekman Simões Antonio Jorge Monteiro Filho Antonio Rebouças Arnaldo Furquim Paoliello Arthur Arcuri Ary Garcia Roza Attilio Correa Lima	Abelardo de Souza Arnaldo Furquim Paoliello Arnaldo Furquim Paoliello	Abelardo de Souza Aldary Henrique Toledo Antonio Bezerra Baltar Antonio Carlos Pitombo
B		Bela Torok	
C	Carlos Alberto Cerqueira Lemos Carlos Frederico Ferreira Carlos Leão Claudio Teixeira de Freitas Claus Eggers Coimbra Ruano & Cia Ltda	Carlos Gonzales Lack Carlos Gonzales Lack	Carlos Frederico Ferreira Clementina Antonia de Ambrosis
D	Daniele Calabi Diógenes Rebouças	David Xavier Azambuja	David Libeskind Domingos de Azevedo Neto
E	Edgar Guimarães do Vale Eduardo Corona Ernani Vasconcellos Ernest Robert de Carvalho Mange Eugênio Szilágyi	Eduardo Corona Eduardo Corona Eduardo Kneese de Mello	Eduardo Corona Ernest Robert de Carvalho Mange
F	Franz A Pestalozzi Flávio de Carvalho Francisco Beck Francisco Bolonha Francisco Victor Palma	Firmino Saldanha Flávio Amílcar Regis	Francisco Bolonha
G	Giancarlo Palanti Gilberto Junqueira Caldas Gilberto Lemos Gilberto Tinoco Gregori Warchavchik	Galiano Ciampaglia Galiano Ciampaglia Giancarlo Palanti Giancarlo Palanti Gregori Warchavchik Gregori Warchavchik	Galiano Ciampaglia
H	Helio Queiroz Duarte Helio Uchoa Cavalcanti Henrique Mindlin	Helio Uchoa Cavalcanti	Helio Pasta Helio Queiroz Duarte
I	Ibsen Pivatelli Icaro de Castro Mello	Icaro de Castro Mello Icaro de Castro Mello	Icaro de Castro Mello
J	João Ruchti João Batista Pimont João Khair Jorge dos Santos Pereira Jorge Ferreira Jorge Machado Moreira José de Souza Reis José Geraldo da Cunha Camargo Julio Guerra	Jacob Mauricio Ruchti Jorge Machado Moreira Jules Rutishauser	João Baptista Vilanova Artigas João Clodomiro de Abreu Jorge Alberto Mereb Jorge Machado Moreira Jorge Wilhelm Jorge Wilhelm
L	Leo Smarcewski Lucio Costa Lucjan Korngold Luis Eduardo dos Santos Luiz Contrucci Luiz Contrucci Luiz Maiorana Lygia Fernandes	Lauro da Costa Lima Lauro da Costa Lima Lucio Costa Lucjan Korngold Lucjan Korngold Luiz Contrucci	Lucio Costa Lucjan Korngold Lucjan Korngold
M	Mario Russo Maurício Santos Cruz Miguel Forte Miguel Oliveira Ribeiro	Miguel Forte	Marcelo Fragelli Marcelo Roberto Maurício Dias Maurício Roberto Maurício Sued Miguel Forte Noel Marinho
N			
O	Octacílio Rodrigues de Lima Olavo Redig de Campos Oscar Gutierrez Oscar Niemeyer Oswaldo Arthur Bratke Oswaldo Correa Gonçalves	Olavo Redig de Campos Olavo Redig de Campos Oscar Niemeyer Oscar Valderaro de Torres E Mello	Olavo Redig de Campos Oscar Niemeyer Oswaldo Arthur Bratke Oswaldo Arthur Bratke
P	Paulo Antunes Ribeiro Pedro Clark Plínio Croce	Paulo Antunes Ribeiro Paulo Antunes Ribeiro Paulo Candiota Plínio Croce	Plínio Croce
R	Renato Mesquita Renato Rigueto Renato Soeiro Rino Levi Roberto Cerqueira Cesar Roberto Claudio Aflalo Roberto Tibau Ruben Cassal Pilla Ruben de Almeida Serra	Roberto Burle Marx Roberto Claudio Aflalo Roberto Nadalutti Roberto Tibau	Roberto Claudio Aflalo Roberto Tibau Rodolpho Ortenblad Filho Rodolpho Ortenblad Filho Rosa Kliass Rosa Kliass Rubens Corsi
S	Salvador Candia	Sergio Roberto Rodrigues Sergio Wladimir Bernardes	Salvador Candia
T	Thomaz Estrela		Telesforo Giorgio Cristofani Telesforo Giorgio Cristofani
U	Ulysses Petronio Burlamaqui		
W			Wit Olaf Prochnik Wit Olaf Prochnik
Z	Zenon Lotufo	Zenon Lotufo	

ARQUITETOS RECUSADOS NA

I BIENAL DO MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO

B R A S I L

<u>NOMES</u>	<u>Nº DE FOTOGRAFIAS APRESENTADAS</u>
Alfredo Ernasto Becker.....	4
Antonio Carlos Ekman Simões.....	1
Antonio Carlos Ekman Simões	4
Carlos Alberto Cerqueira Lemos.....	4
Claudio Teixeira de Freitas.....	41
Clovis Devilaqua e Arnaldo Fernandes de Carvalho.....	1) estudantes
Francisco Victor Palma.....	30
João Baptista Ferreira Piment.....	4
João Clodomiro de Abreu.....	5
Jorge dos Santos Pereira.....	11
Julio Guerra.....	2
José Geraldo da Cunha Camargo.....	5
Luís Eduardo dos Santos.....	9
Maurício Santos Cruz e Claus Eggers.....	10
Otacílio Rodrigues de Lima.....	3
Ruben de Almeida Serra.....	5
Ruben Cassal Pilla.....	5
Ruben Serra.....	6
Sergio Cabral de Brito Freire.....	1) estudante
Wit-Claf Prochnik.....	5) estudante

I N G L A T E R R A

A.G.SHEPPARD FIDLER.....	10
J.H.BOURNE.....	4
MAXWELL PRY.....	3
R.Y.Gooden "s" R.D.Russell.....	5

F R A N C A

GEORGES MASSÉ E JEAN GINSBERG.....	3
MICHEL ARNOULT.....	3 (pranchas)
SERGE MIKELIAN.....	22
*****XXXXXXXXXXXX	xxx

B É L G I C A

	<u>Nº DE FOTOS APRESENTADAS</u>
LEON STYNEN.....	3
PAUL AMAURY MICHEL.....	9
ROGER THIRION.....	5
STEVENS.....	2
VICTOR BOUGEOTS.....	2

S U I Ç A

EMILE ANDRE.....	7
------------------	---

I T A L I A

ERNESTO PUPPO.....	17
GIAN ANTONIO BERNASCONI	
GIANSTEFANI VINCENZO.....	8

P E R U

HEX	
HECTOR VELARDA.....	2

A U S T R I A

KURT HOLLANDER.....	4
---------------------	---

E S P A N H A

JUAN CARBONELL ESTEFA.....	10
----------------------------	----

B O L I V I A

LUIS ITURRALDE.....	3
---------------------	---

A R G E N T I N A

F.H.BERETTEREIDE.....	13
-----------------------	----

M É X I C O

WLADIMIR KASPE.....	21
---------------------	----

118

Arquivo Histórico Wanda Svevo.
Lista de arquitetos
recusados na I EIA, 1951

notas do terceiro capítulo

- 1** École des Annales é um movimento historiográfico surgido em torno de revista *Annales d'histoire économique et social*. Fundada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre, a revista conta com a colaboração de um grupo de pensadores reformistas, com o objetivo de romper a ênfase dada pela historiografia hegemônica à política, superando, assim, a influência do positivismo sobre a disciplina.
- 2** O Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo dispõe das Comunicações Internas 241 e 242, datadas de 23 de novembro e 2 de dezembro de 1955, cujo conteúdo versa sobre a confecção dos catálogos da II e da III EIA. Não foram localizados documentos que possam sinalizar os motivos da interrupção do processo.
- 3** Das 11 edições das Exposições Internacionais de Arquitetura, realizadas entre 1951 e 1971, as seis primeiras são organizadas pelo MAM/SP e as demais, organizadas pela Fundação Bienal de São Paulo. Todas as edições das EIA são produzidas em parceria com o IAB, com critérios de seleção e premiação independentes da mostra de artes visuais.
- 4** O ensaio *Exposições Internacionais de Arquitetura*, publicado em 2001, aborda as 11 edições das EIA e as quatro primeiras edições das Bienais Internacionais de Arquitetura. Após a data de publicação do ensaio, são organizadas mais duas edições da BIA, em 2003 e 2005, sendo prevista a realização da VII BIA para o segundo semestre de 2007.
- 5** Segundo o noticiário de época, o roteiro de viagem de Armando Ciampolini e Eduardo Kneese de Mello pela Europa e pelas Américas inclui Portugal, Espanha, Itália, Suíça, França, Bélgica, Holanda, Reino Unido, Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia, Canadá, Cuba, México, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Uruguai e Argentina. De acordo com o catálogo elaborado em homenagem ao centenário do arquiteto, celebrado na VI BIA, em 2005, Mello profere a conferência *Arquitetura Contemporânea no Brasil* na sede da revista *Architecture d'Aujourd'hui*, em Paris, França; na sede Ina Casa, em Roma, Itália; em Estocolmo, Suécia; no Sindicato dos Arquitetos, em Lisboa; e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Lima, Peru. Para maiores informações, ver REGINO, Aline Nassaralla [et al.]. *Arquitetura atribuição do arquiteto* – homenagem ao centenário do arquiteto Eduardo Augusto Kneese de Mello. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005.
- 6** ARQUITETOS de renome mundial participarão da I Bienal do Museu de Arte de São Paulo [sic]. São Paulo: *Folha da Manhã*, 23 set. 1951.
- 7** As cartas-convite são remetidas de modo que respeitem o limite de dois profissionais de cada nacionalidade. De acordo com o documento *Arquitetos Convidados*, localizado nos arquivos da Fundação Bienal, são remetidos convites a Mies van der Rohe e Walter Gropius, da Alemanha; Gyle Soilleux, da Áustria [sic]; Amancio Williams, da Argentina; Ssueh'eng Liang, da China; Ernst Comier, do Canadá; Gaston Brunfaut, da Bélgica; Aarne Ervi e Alvar Aalto, da Finlândia; Auguste Perret e Eugène Freyssinet, da França; Jean Antoniadi, da Grécia; Pier Luigi Nervi, da Itália; Percy Johnson-Marshall, da Inglaterra; Junzo Sakakura, do Japão; Mathew Nowicki, da Polônia; Nicolai Bassov, da Rússia; Sven Markelius, da Suécia; Max Bill e Le Corbusier, da Suíça; e Frank Lloyd Wright e Philip Johnson, dos Estados Unidos.
- 8** O projeto da Arena Dorton se inicia por volta de 1950, mas, com o falecimento de Matthew Novicki, é desenvolvido por William Deitrich. Fonte: <http://www.ncstatefair.org/dorton.htm>. Acesso em 13 jun. 2006.
- 9** O noticiário de época anuncia a participação de um grupo de 52 arquitetos das Nações Unidas, mas não especifica nomes nem a atribuição de responsabilidades desses arquitetos para a concepção do projeto do Edifício-Sede da Organização, em Nova York.
- 10** Não existem indicativos da exibição do Plano de Goiânia (1933) e do Conjunto Residencial da Várzea do Carmo (1942) na sala especial dedicada ao arquiteto Atilio Correa Lima.
- 11** PAGLIA, Dante. *Arquitetura na Bienal de São Paulo*. São Paulo: Ediam, 1952, não paginado.
- 12** Rino Levi também poderia figurar entre os pioneiros da arquitetura moderna brasileira, em consideração a sua contribuição teórica e a projetos entre os quais salas de cinema (a exemplo do UFA Palace, em São Paulo e no Recife) e edifícios de apartamentos (entre os quais o Edifício Columbus e o Edifício Guarani).
- 13** Equipe responsável pelo projeto da Cidade Universitária na Quinta da Boa Vista: Affonso Eduardo Reidy, Ângelo Bruhns, Firmino Saldanha, Jorge Machado Moreira, José de Souza Reis, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Paulo Fragoso. Fonte: SANTOS, Cecília Rodrigues dos [et al.]. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Tessela: Projeto, 1987. p. 131.
- 14** A relação de atividades desenvolvidas no Masp inclui cursos de Pier Luigi Nervi (1950 e 1951) e a mostra de Le Corbusier *New World of Space*, realizada em 1950.
- 15** Segundo Nabil Bonduki, em depoimento ao autor quando da realização do Exame de Qualificação da dissertação de mestrado, a inscrição do Conjunto Residencial do Pedregulho na I EIA se deve ao esforço de Carmen Portinho, que remete para a apreciação do júri todo o material de apresentação da obra.
- 16** BARATA, Mário. A arquitetura na Bienal. *Diário de Notícias*, São Paulo, 12 jul. 1953.
- 17** ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 263-300.
- 18** Para maiores esclarecimentos sobre o coletivo Branco & Preto, ver ACAYABA, Marlene Milan. *Branco & Preto: uma história de design brasileiro nos anos 50*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1994.
- 19** De um total de 63 profissionais, 31 atuam em São Paulo, 28 no Rio de Janeiro, três na Bahia e um em Pernambuco. Vinte e três são formados no Rio, 15 em São Paulo, nove no exterior, dois na

Bahia, um em Pernambuco. É possível que sete tenham se formado no Rio, seis em São Paulo, e um tenha estudado no Rio, sem se formar.

20 Atua em Florianópolis o arquiteto Luís Eduardo dos Santos; em Juiz de Fora, Arthur Arcuri; em Porto Alegre, Ruben Cassal Pilla; e em Salvador, Jorge dos Santos Pereira.

21 Do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, apenas os estudantes gaúchos João José Vallandro e Moacyr Zanin remetem obras para a I EIA. Da Bahia e de Pernambuco não participa nenhum estudante.

22 NEVES, Arthur. A Bial – manobra imperialista. *Notícias de Hoje*, São Paulo, 2 set. 1951.

23 PEDREIRA, Fernando. A Bial: impostura cosmopolita. *Fundamentos* (21), São Paulo: 14-15, ago. 1951.

24 TELLES, Lygia Fagundes. I Bial do Museu de Arte Moderna. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1951.

25 GALVÃO, Patrícia. Jorge Amado põe Castro Alves cantando a URSS e a I Bial se transforma numa “impostura”. *Fanfulla*, São Paulo, 14 set. 1951.

26 O IMPERIALISMO paga os prêmios da Bial. *Notícias de Hoje*, São Paulo, 9 set. 1951.

27 PEDROSA, Mário. A primeira bial – I. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 out. 1951.

28 CORDEIRO, Waldemar. A culpa é do abstracionismo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 dez. 1951.

29 Para maiores esclarecimentos sobre o polêmico debate realizado nos salões do IAB paulista em 26 de novembro de 1951, ver AMARAL, Aracy Abreu. *Arte para quê?* a preocupação social na arte brasileira 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1987. p. 255-259.

30 O depoimento de Artigas, colhido por Aracy Amaral em 6 de novembro de 1980, para o livro *Arte para quê?*, pode ser visto em AMARAL, Aracy A. *Textos do Trópico de Capricórnio*. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 181-199.

31 O culto da personalidade ou culto à personalidade é uma estratégia de propaganda que se baseia na exaltação das virtudes reais ou supostas de um determinado governante, bem como da divulgação de uma imagem positiva de sua figura.

32 Para maiores informações sobre o projeto de Christiano Stockler das Neves para o Parque Ibirapuera, ver: OLIVIERA, Fabiano Lemes de. *Projetos para o Parque do Ibirapuera*: de Manequinho Lopes a Niemeyer (1926-1954). São Carlos: EESC/USP, 2003 [Dissertação de mestrado].

33 REGISTRADA as inscrições de trinta e quatro países. *Folha da Manhã*, São Paulo, 3 jul. 1953.

34 Lourival Gomes Machado ressalva que o expressivo aumento numérico não se verifica na qualidade do material exposto, e sentença que, “dos já famosos 7.100 metros de exposição

(...), aproximadamente 5.300 representam um esforço em pura perda, senão mesmo negativo, para o visitante desprevenido. In: MACHADO, Lourival Gomes. Nem todo número é de ouro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 dez. 1953.

35 Alexander Calder, Edward Munch e Piet Mondrian comparecem com um significativo conjunto de trabalhos. A Itália expõe 40 obras de seus futuristas mais conhecidos, e a representação francesa organiza uma sala dedicada ao cubismo dotada de 57 obras de seus principais protagonistas, entre os quais se incluem André Lhote, Fernand Léger, George Braque, Juan Gris e Pablo Picasso. In: ARTIGAS, Rosa. *Bial 50 anos*. São Paulo: Fundação Bial de São Paulo, 2001.

36 FUNDAÇÃO Andréa e Virgínia Matarazzo. Regulamento do Prêmio São Paulo. In: *Acrópole* (183): 4, dez. 1953.

37 A Sala Especial Walter Gropius exhibe os também emblemáticos projetos da Exposição Werkbund (1914), do Conjunto Residencial em Törten-Dessau (1926), do Teatro Universal (1927) e da Residência do Arquiteto (1939), elaborada em parceria com Marcel Breuer.

38 A participação de Alvar Aalto, Eero Saarinen, Eric Mendelsohn e Richard Neutra na Sala Estados Unidos: Arquitetura do Após Guerra, organizada pelo MoMA, também merece ser apontada.

39 FERRAZ, Geraldo. II Exposição Internacional de Arquitetura. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 15 dez. 1953.

40 O IV Congresso Brasileiro de Arquitetos é organizado por Léo Ribeiro de Moraes (presidente da comissão), Abelardo de Souza, Alfredo Ernesto Becker, Carlos Lodi, Eduardo Corona, Eduardo Kneese de Mello, Ícaro de Castro Mello, João Baptista Vilanova Artigas, Oswaldo Correa Gonçalves e Rubens Carneiro Viana. In: IV CONGRESSO Brasileiro de Arquitetos. *Diário de Notícias*, São Paulo, 13 dez. 1953.

41 De acordo com o artigo 3º do regulamento do referido congresso. In: ANAIS do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos. São Paulo: IAB, 1954. p. 9.

42 SOUZA, Abelardo. IV Congresso Brasileiro de Arquitetos. *Habitat* (14): 23, São Paulo: jan./fev. 1954.

43 Atua em Florianópolis o arquiteto Luís Eduardo dos Santos; em Juiz de Fora, Arthur Arcuri; em Porto Alegre, Ruben Cassal Pilla; e em Salvador, Jorge dos Santos Pereira.

44 Walter Gropius, alegando estar presente na mostra competitiva, participa apenas do julgamento do Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura e da categoria Prêmio para Jovem Arquiteto. In: DISTRIBUIDOS os prêmios de Arquitetura da Bial. *O Tempo*, São Paulo, 5 jan. 1954.

45 De acordo com a documentação localizada no Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bial, Roberto Burle Marx submete o projeto da Praça Salgado Filho para exibição

na II EIA, mas decide retirá-lo por considerar incompletas as pranchas de apresentação.

46 De acordo com o catálogo, Edward Barthelme e Associados também apresenta um projeto escolar homônimo, na mesma cidade e data. Não seria o mesmo projeto vencido por Donald Barthelme?

47 AÇAMBARCAM os ianques os troféus da Exposição. *Notícias de Hoje*, São Paulo, 20 jan. 1954.

48 O projeto do Mercado de Flores de Pesca é desenvolvido por E. Gori, G. Gori, L. Ricci e L. Savioli.

49 LIGUANOTTO, Daniel. Walter Gropius faz a análise e crítica da arquitetura moderna. *Manchete* (s/n): 39-42, Rio de Janeiro, 30 jan. 1954.

50 Ressalte-se, entre os prêmios da II EIA, o caráter plástico do Mercado de Flores de Pesca.

51 O artigo reproduz os conteúdos da polêmica entrevista de Max Bill publicada na revista *Manchete* e avalia as não menos polêmicas conferências realizadas no MAM/RJ e na FAU/USP quando de sua passagem pelo país em 1953. In: AQUINO, Flávio de. Max Bill, o inteligente iconoclasta. *Habitat* (12): 34-35, São Paulo, set. 1953.

52 MAX Bill afastado do júri da bial. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 set. 1953.

53 No original, “*Si la biennale pense à minviter dans le jurie des arts plastiques, il serait indiqué de rectifier ces histoires à temps. Si non, je serais quand-même forcé de dire un mot à cet sujet et de mettre la chose au clair*”. Max Bill em carta endereçada a Arturo Profili em 8 out. 1953. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo.

54 CARTA de Arturo Profili a Francisco Beck datada de 28 mai. 1954. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo.

55 CARTA de Siegfried Giedion endereçada a Francisco Matarazzo Sobrinho em 23 jun. 1954. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo.

56 A ausência de algumas instituições pode ser motivada por desentendimentos entre professores e estudantes ou, ainda, pela proibição imposta pela diretoria das instituições, a exemplo das determinações do diretor Christiano Stockler das Neves, contrário a qualquer aproximação da Faculdade de Arquitetura Mackenzie com as bienais paulistanas. In: CARTA de Christiano Stockler das Neves para o MAM/SP em 17 mar. 1953. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo.

57 Não foram localizados nos arquivos consultados e no *Catálogo geral da III EIA* a relação de nomes dos estudantes da FNA e da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul.

58 A participação da Universidade da Bahia é noticiada pelo jornal *Correio Paulistano* em 22 set. 1957.

59 Ata Oficial do Júri de Premiação do I Ciea. In: FERRAZ, Geraldo. Prêmio para escolas de arquitetura. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 27 jan. 1954.

- 60** MOREIRA, Jorge Machado [et al.]. Ata do Júri de Premiação da III Exposição Internacional de Arquitetura – II Concurso Internacional para Escolas de Arquitetura da III Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. São Paulo, 1955. [mimeo]
- 61** PRÊMIOS de arquitetura. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 set. 1957.
- 62** Ata de Oficial do Júri de Premiação da III EIA. In: MOREIRA, Jorge Machado. Palavras do arquiteto Jorge Machado Moreira na cerimônia de distribuição dos prêmios e de encerramento da Exposição Internacional de Arquitetura da Bienal de São Paulo. *Brasil Arquitetura Contemporânea* (6): 6, Rio de Janeiro, 1955.
- 63** MOREIRA, Jorge Machado. Palavras do arquiteto Jorge Machado Moreira na cerimônia de distribuição dos prêmios e de encerramento da Exposição Internacional de Arquitetura da Bienal de São Paulo. *Brasil Arquitetura Contemporânea* (6): 6, Rio de Janeiro, 1955.
- 64** MOREIRA, Jorge Machado. Palavras do arquiteto Jorge Machado Moreira na cerimônia de distribuição dos prêmios e de encerramento da Exposição Internacional de Arquitetura da Bienal de São Paulo. *Brasil Arquitetura Contemporânea* (6): 6, Rio de Janeiro, 1955.
- 65** Caciporé Torres, Carybé, Felícia Leirner e Maria Bonomi engrossam a lista de recusados na IV Bienal. A exclusão de parte do material remetido por Aluísio Carvão, Luiz Sacilotto, Samson Flexor, Waldemar Cordeiro e Willys de Castro, entre outros artistas identificados com a arte concreta, certamente contribuiu para aumentar os confrontos.
- 66** O Palácio das Indústrias é originalmente projetado para sediar exposições de máquinas e equipamentos de grande porte, o que requer cuidados adicionais em seu sistema estrutural e elétrico.
- 67** Não se pode esquecer que, em razão do exposto anteriormente, as bienais continuam sendo montadas em um espaço não concebido para tal finalidade. Faltam rotas de fuga em caso de incêndio e linhas de circulação independentes para o público e o corpo técnico, de modo a permitir a realização de mostras simultâneas.
- 68** PIGNATARI, Décio. IV Bienal de São Paulo. *AD Arquitetura e Decoração* (24), São Paulo, jul./ago. 1957.
- 69** Apud MUSEU de Arte Moderna de São Paulo. *Catálogo da IV Bienal do MAM/SP*. São Paulo: MAM, 1957. p. 593
- 70** CARTA de Oscar Niemeyer endereçada a Artur Profili em 5 fev. 1957. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.
- 71** Os especuladores imobiliários não raro recorrem ao formalismo para expressar arrojo e contemporaneidade em suas realizações, adequando-as ao gosto dos consumidores, de médio e alto poder aquisitivo. Assim pode ser interpretada a obra residencial incorporada pela Construtora Monções, com a assinatura de João Atacho Jurado. Para maiores informações sobre o assunto, ver LEME, Maria Eugênia França. *Reconhecendo: Artacho Jurado*. São Paulo: FAU/USP, 1994 [Trabalho de Conclusão de Curso]
- 72** Ata Oficial de Premiação da IV EIA. In: IV BIENAL: os prêmios de arquitetura. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 set. 1957.
- 73** Ata Oficial de Premiação da IV EIA. In: IV BIENAL: os prêmios de arquitetura. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 set. 1957.
- 74** Ata Oficial de Premiação da IV EIA. In: IV BIENAL: os prêmios de arquitetura. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 set. 1957.
- 75** bw Ata Oficial de Premiação da IV EIA. In: IV BIENAL: os prêmios de arquitetura. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 set. 1957.
- 76** CARTA de Francisco Beck endereçada aos diretores do MAM/SP em 20 jun. 1959. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.
- 77** Apud AMARANTE, Leonor. As Bienais de São Paulo: 1951 a 1987. São Paulo: Projeto, 1989. p. 88.
- 78** Apud ARTIGAS, Rosa. *Bienal 50 anos*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2001. p. 104.
- 79** As bienais prestam homenagem a Candido Portinari em 1951, 1955 e 1959, e a Lasar Segall, em 1951, 1955 e 1957. Fonte: MUSEU DE ARTE MODERNA. *Catálogo Geral da I, II, III, IV e V Bienal de São Paulo*. São Paulo: MAM, 1951, 1953, 1955, 1957 e 1959.
- 80** De acordo com o Departamento de Imprensa do MAM/SP a exposição Bahia no Ibirapuera é instalada nas dependências do recém-desativado Museu de Cera, já existente naquele local. In: NEVES, João Alves das Neves. Noticiário da V Bienal de São Paulo, n. 45, 12 set. 1959. São Paulo: MAM. [mimeo]
- 81** BARDI, Lina Bo; GONÇALVES, Martin. Bahia no Ibirapuera. In: FERRAZ, Marcelo Carvalho. *Lina Bo Bardi*. 2. ed. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1996. p. 134.
- 82** A Red House é considerada um marco na afirmação da modernidade levando-se em consideração o caráter funcional e integrado de seus elementos construtivos e decorativos, fortemente contrastante com o estilo da época, passadista e excessivamente ornamentado.
- 83** No catálogo da V Bienal do MAM/SP não há nenhuma indicação da participação do IAB na organização da Sala Especial Roberto Burle Marx; em contraposição, o referido catálogo menciona a participação do MoMA na organização da Sala Especial Mies van der Rohe. Segundo atestam os diversos artigos de época consultados, o IAB organizou um jantar no dia 14 de outubro de 1959, no restaurante Recreio, para homenagear o paisagista. In: HOMENAGEM a Roberto Burle Marx. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 out. 1959.
- 84** Victor Horta exhibe as residências Solvay (1895-1900), Winssinger (1895-1896) e a antiga Residência Horta (1898-1900).
- 85** FERRAZ, Geraldo. Sala Especial Victor Horta. In: MUSEU de Arte Moderna de São Paulo. *Catálogo geral da V Bienal do MAM/SP*. São Paulo: MAM, 1959. p. 397-398.
- 86** Ferraz ressalta o caráter extraordinário da obra de Henri van de Velde, notável por sua longevidade e pela “diversidade de sua teorização, na síntese das artes, na concepção unitária que implicava a sua atuação, voltada para uma ética do artista, em que a dignidade do ambiente humano era o grande objetivo a atingir mediante a habitação, o mobiliário, os utensílios e mesmo a indumentária”. In: FERRAZ, Geraldo. Van de Velde na V Bienal. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 out. 1959.
- 87** CARTA da Diretoria Artística da V EIA endereçada a Guy Fasoli em 23 set. 1958. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.
- 88** ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 397-400.
- 89** A Sala Roberto Burle Marx exhibe os projetos paisagísticos das residências Diego Cisneros (1958), Inocente Palácios (1957), Eduardo Rahn (1957), Nelson Rockefeller (1958) e Oscar Machado Zuloaga (1957).
- 90** De acordo com artigo publicado no jornal *Correio da Manhã*, “Mário Pedrosa fez o convite à Associação durante a Assembléia Geral, realizada em Bruxelas por ocasião da Feira Internacional (1958), após receber um telegrama de Oscar Niemeyer, contando o interesse, manifestado pelo Presidente da República, em ter uma reunião internacional dessa categoria”. In: Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, 20 mai 1959.
- 91** Depoimento transcrito em CRÍTICOS de arte do mundo inteiro vão sugerir em São Paulo as bases para a construção da cidade ideal. *Última Hora*, São Paulo, 26 mai. 1959.
- 92** CONGRESSO Internacional Extraordinário de Críticos de Arte. *Habitat* (57): 2-19, São Paulo, nov./dez. 1959.
- 93** PEDROSA, Mário. A cidade nova, obra de arte. *Habitat* (57): 11-13, São Paulo, nov./dez. 1959.
- 94** COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 298.
- 95** PEDROSA, Mário, op. cit., p. 11-13.
- 96** Para tanto, na avaliação de Machado, “foi-lhe necessário um quase-milagre de improvisação para levar avante tal projeto num país que, se a ele correspondia plenamente em suas aspirações intelectuais, entretanto não se encontrava, desde o início, em condições de ampará-lo material e tecnicamente”. In: MUSEU de Arte Moderna de São Paulo. *Catálogo da V Bienal do MAM/SP*. São Paulo: MAM, 1959.

dez projetos de cinco bienais
quarto capítulo

Jorge Machado Moreira diante do painel da Faculdade Nacional de Arquitetura, IV EIA, 1957

conceituação

Constitui o objeto central do presente capítulo a análise de cinco projetos expostos ou recusados pelas bienais paulistanas, cotejados com cinco proposições apresentadas com prêmios e láureas. A investigação comparativa entre os trabalhos objetiva problematizar as escolhas dos júris e aprofundar temas do debate ensejados pelas cinco primeiras EIA, abordadas no capítulo precedente.

O embate entre as obras também aborda a repercussão alcançada nos periódicos especializados e nos manuais de arquitetura publicados na década de 1950, questionando não apenas a inclusão ou o esquecimento de certos nomes, mas, principalmente, a assimilação (ou o descarte) dos conceitos expressos pelos projetos, não apenas nos domínios formal e técnico.

Levando-se em conta a interlocução dos organizadores das mostras com o meio internacional e o impacto granjeado pelos noticiários de grande circulação, é possível afirmar que as EIA colaboram para a construção das primeiras narrativas sobre a modernidade brasileira, ainda que essa contribuição ceife a produção distante das capitais do Sudeste brasileiro, especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Para além dos préstimos à cultura brasileira, não se pode negar que as bienais deslocam a atenção do público e da crítica, sobretudo a internacional, para realizações e expoentes de maior evidência no meio local. Tal atitude, reforçada com a atribuição de prêmios, acaba por conferir uma falsa percepção sobre a produção brasileira, como se pretende comprovar, que oblitera as oportunidades de difusão das proposições dissonantes ao modelo visto como hegemônico.

Se, por um lado, a tese pretende vincular os certames à historiografia da arquitetura moderna brasileira, apontando lacunas, por outro, solicita, na base de suas formulações, que sejam explicitadas suas fontes conceituais. No presente capítulo, a problematização fundamenta-se na teoria estético-recepcional formulada por Hans Robert Jauss¹. Para o filólogo alemão, o entendimento do significado de uma obra de arte solicita a análise de sua interação com o público, na qual são considerados aspectos individuais e históricos.

Indivíduos assimilam conteúdos de uma obra artística de acordo com referências adquiridas por meio do conhecimento do tipo, da forma e da temática de obras já conhecidas. A fruição de um trabalho artístico torna-se, para Jauss, um acontecimento capaz de ampliar repertórios e fornecer parâmetros comparativos para avaliações futuras.

Os aspectos históricos consideram o efeito de um determinado objeto artístico ao longo das gerações, avaliando as significações lançadas por fruidores de diferentes épocas. O confronto entre leituras díspares permite observar reações do público e juízo da crítica, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia, sucesso espontâneo, rejeição ou choque, evidenciando o papel do receptor para a atribuição de significados.

A interpretação dos projetos expostos ou recusados pelas bienais paulistanas não pode desconsiderar os receptores para os quais as mostras constituem uma mudança de paradigmas. Seja para o visitante leigo, seja para estudantes ou profissionais, as bienais compõem um relevante fórum de discussão de conceitos, cujo debate alicerça o juízo crítico do público e, em casos extremos, modifica seus valores.

As revistas de arquitetura desempenham um papel similar ao dos certames, difundindo conteúdos não rotineiros e recompondo os debates de época. Na tese que se apresenta, as revistas não raro são as únicas fontes disponíveis para mapear uma parcela significativa da produção arquitetônica brasileira, ausente dos arquivos e das publicações.

A contribuição de Hans Robert Jauss é particularmente relevante aos interessados nos processos de construção da historiografia, porquanto considera os juízos estéticos formulados ao longo do tempo. No quadro da teoria arquitetônica, tal metodologia evidencia os sistemas de referências com os quais são efetuados julgamentos críticos, muitas vezes responsáveis pela manutenção ou pelo descarte de determinadas vertentes.

A estética da recepção compõe os fundamentos teóricos de diversos pesquisadores dos campos da arte e da arquitetura modernas. Entre eles se insere o grupo de estudos coordenado desde 1994 pela professora Maria Cecília França Lourenço na FAU/USP², tendo como foco de investigação o apoio institucional para a afirmação de uma identidade artística nacional, com premissas modernas³.

Entre outras pesquisas que de alguma maneira recorrem aos conceitos propostos por Jauss, são igualmente relevantes os trabalhos acadêmicos de Clara Luíza Miranda (1998) e Maria Beatriz Camargo Cappello (2005), porquanto focalizam o aporte das revistas especializadas para a constituição da historiografia da arquitetura moderna brasileira.

A dissertação *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*, elaborada por Miranda na EESC/USP, sob orientação de Carlos Martins em 1998, coloca em discussão os periódicos especializados dos anos 1950 e analisa a composição das equipes, as

linhas de abordagem editorial e a proximidade das publicações em relação aos estudos de caso. Miranda salienta sectarismos nas escolhas e avaliações das obras, privilegiando determinados expoentes e grupos.

A tese de doutoramento de Cappello, orientada por Lúcio Gomes Machado e defendida na FAU/USP em 2005, intitula-se *Arquitetura em revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. O trabalho examina os discursos sobre a arquitetura brasileira desnudados pelas revistas especializadas européias. Cappello examina textos críticos e um extenso material iconográfico, igualmente revelador de diferentes questionamentos da modernidade local, lançados pelo olhar estrangeiro.

critérios de análise

A análise dos projetos premiados, selecionados ou recusados pelos júris das bienais estabelece elos com o processo de investigação utilizado na etapa anterior de estudos, no âmbito de mestrado. O entendimento dos trabalhos encontra guarida nos conceitos de Geoffrey Baker e Herman Hertzberger para balizar a investigação centrada na forma e na apropriação cotidiana dos projetos arquitetônicos.

Do primeiro autor pretende-se, segundo as suas próprias palavras, “dissecar a forma a fim de mostrar como os elementos [de um projeto] relacionam-se uns com os outros e com as condições particulares do local”⁴. Entre os fatores metodológicos, são particularmente importantes para esta tese os temas forças do lugar, resposta ao terreno, estratégia de projeto e zonas espaciais, incorporados nos verbetes das 255 obras expostas ou recusadas nas cinco primeiras bienais e nas análises das dez obras em destaque neste capítulo.

A contribuição de Herman Hertzberger pode ser delineada com base na análise dos modos de sociabilidade estimulados ou inibidos pelas soluções de projeto. De acordo com o autor, tal metodologia possibilita indicar os motivos pelos quais um projeto encontra identificação com os usuários, enquanto outros não conseguem ser integrados ao entorno, gerando conflitos no cotidiano das comunidades.

seleção das obras

Levando-se em conta os conceitos formulados pelos estudiosos e a extensão do objeto de pesquisa, faz-se imperativo selecionar uma amostragem de projetos para análise. O critério adotado para tal seleção confronta produções brasileiras em destaque nas bienais, por meio de láureas ou distinções, com obras de similar natureza expostas ou recusadas na mesma edição das EIA sem despertar repercussão equivalente nos periódicos ou manuais especializados.

As Atas Oficiais dos Júris e a recepção das obras nas revistas constituem os elementos definidores da escolha dos projetos, pois recom-

põem o cotidiano da época e matizam os personagens de maior evidência. Outro critério para a seleção das obras diz respeito à significação urbana das mesmas, sendo dada preferência aos edifícios de uso público e aos conjuntos de maior impacto no viver das cidades. Tal premissa, cumpre lembrar, sedimenta um dos temas mais caros aos defensores das transformações disseminadas pela modernidade.

A análise de dez estudos de caso é precedida por tabelas indicativas da inserção de artigos sobre o total de trabalhos expostos ou recusados pelos júris das EIA num prazo de três anos, contado a partir do ano da realização de cada bienal. Também são lançadas informações sobre a repercussão das 255 obras nos demais anos da década de 1950. Tal estratégia é indicativa da posição ocupada pelos projetos no meio especializado, sinalizando o interesse da crítica para com as obras antes e depois de sua exibição nas bienais paulistanas.

Excluem-se da seleção deste capítulo os projetos dos concursos estu-
dantis, porquanto compõem um repertório de questões discordantes dos objetivos desta tese. As obras de Roberto Burle Marx apresentadas na V EIA tampouco podem compor duplas de análise, na medida em que abarcam um conjunto de problemas não comparáveis a outros projetos expostos na mesma exposição, tão-somente reservada a seis salas especiais. Em suma, não se pretende estabelecer paralelos entre projetos expostos em contextos divergentes.

I EIA

A sistematização das informações sobre a recepção dos 139 projetos expostos na I EIA indica uma série de questões relevantes para abordagem. A primeira delas diz respeito ao desinteresse da crítica para com os projetos recusados, que encontram poucas oportunidades de divulgação nos periódicos brasileiros e nenhuma chance nas edições estrangeiras, de acordo com o levantamento efetuado no *Índice de arquitetura brasileira*⁵ e no *Art index*⁶ internacional.

A não-localização das fichas de inscrição dos 32 projetos recusados, mas somente de uma lista com uma genérica denominação das obras, constitui um problema adicional, pois em muitos casos não permite identificá-las com exatidão, evidenciando a desatenção dos centros de documentação e memória. Nesses casos, a consulta aos índices fornece um suporte alternativo e não menos importante: revela que dez entre os 21 arquitetos preteridos na I EIA não publicam nenhum artigo nos anos 1950.

A ausência desses profissionais na crítica especializada merece ser problematizada. Sabe-se que Cláudio Teixeira de Freitas, Luis Eduardo dos Santos e Ruben Cassal Pilla contribuem para a difusão da arquitetura moderna no Sul brasileiro. Os irmãos Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno são conhecidos por sua atuação no meio urbanístico, pela construção de Goiânia e pela elaboração dos planos diretores de Cuiabá e Curitiba, não abordados pelas publicações indexadas⁷.

Entre os outros 11 arquitetos preteridos pelo Júri de Seleção, apenas Carlos Lemos conquista melhores oportunidades para difundir suas idéias nas revistas brasileiras, sendo sua presença particularmente relevante no campo da teoria arquitetônica, especialidade na qual desenvolve profícua atividade de pesquisa e publicação⁸. Arthur Arcuri é outro nome a ser lembrado, não apenas em consideração aos artigos veiculados sobre seus projetos, mas especialmente pela contribuição exercida na difusão da arquitetura moderna em Juiz de Fora, só recentemente investigada⁹.

À parte o descaso aos excluídos da I EIA, é ainda mais surpreendente a desatenção da crítica para com os trabalhos de Flávio de Carvalho, expostos sob o rótulo de “pioneiros”. A produção de Gregori Warchavchik também não é satisfatoriamente enfocada pelas revistas brasileiras, fazendo crer que a obra dos homenageados é considerada relevante, mas dissociada das problemáticas da época, no entender dos editores. Fazem parte do passado, e não do presente.

No caminho inverso, as láureas centralizam a atenção das revistas especializadas, endossando as escolhas dos júris. De um total de 131 artigos referentes a todos os projetos expostos ou recusados pelos júris da I EIA, 38 enfocam as dez proposições premiadas, contabilizando uma média de 3,8 artigos para cada projeto apresentado com tal distinção, média bastante superior ao 1,08 artigo para cada obra exposta ou ao 0,09 artigo para cada trabalho recusado.

O Conjunto Residencial do Pedregulho, entre os prêmios da primeira bienal, é o projeto com o maior número de inserções nas revistas especializadas – sete. Apresentado com honras pela Ata Oficial do Júri, a obra de Affonso Eduardo Reidy não por acaso ocupa um espaço privilegiado na historiografia da arquitetura brasileira: encontra-se presente nos estudos de Siegfried Giedion (1951), Dante Paglia (1952), Henry Russel Hitchcock (1955), Henrique Mindlin (1956), Gillo Dorfles (1957) e Leonardo Benevolo (1960).

Para contrapor o destaque concedido ao projeto vencedor da categoria Organização de Grandes Áreas, a sistematização de dados constante na tabela 4.1 indica três realizações que podem ser confrontadas ao Pedregulho: o Conjunto Residencial de Paquetá (1949-1951), de Francisco Bolonha, a Escola Primária (1946), de Carlos Frederico Ferreira, e o projeto de Organização de Grande Área na Avenida do Estado (1951), de Hélio Queiroz Duarte em parceria com Ernest Robert de Carvalho Mange.

O projeto de Bolonha é abordado em três artigos, contra dois de Ferreira e nenhum de Duarte, cujos elementos de projeto tampouco são aprofundados na ficha de inscrição localizada na Fundação Bienal, fato que desencoraja a sua escolha para análise. O Conjunto Residencial de Paquetá e a Escola Primária são abordados no manual de Henrique Mindlin (1956): do primeiro ressaltam-se as qualidades plásticas e os materiais empregados; do segundo, a eficiência técnica e a racionalidade construtiva. Com base nessas diferenças, a análise comparativa entre os projetos de Affonso Eduardo Reidy e Carlos Frederico Ferreira revela contrastes mais evidentes e, por esse motivo, parece ser a escolha mais acertada.

A quantidade e a qualidade do material exposto na I EIA encorajam uma segunda dupla de análise, também calcada em obras de elevada significação urbana. Entre os trabalhos premiados, a Maternidade Universitária (1944), de Rino Levi, desempenha um importante papel para o reconhecimento do arquiteto na especialidade, apesar de a obra não receber a repercussão esperada nos periódicos. Em contrapartida, a inserção do projeto nos manuais desempenha um papel mais relevante, possivelmente alavancado por sua inclusão no inventário organizado por Giedion (1951) no âmbito dos congressos Ciam.

Apesar de não figurar entre as realizações de maior prestígio nos periódicos brasileiros, a repercussão alcançada pela Maternidade Universitária, prêmio da categoria Edifício de Uso Público, é muito superior ao espaço de divulgação conquistado pelo Centro Médico da Universidade do Recife (1950), assinado pelo italiano Mario Russo. Em consideração ao impacto da proposta na conformação urbana do Recife, torna-se imperativo confrontá-la com a obra de Rino Levi, na esperança de atenuar a exclusão de Russo nos primeiros manuais dedicados ao moderno brasileiro.

Antes de examinar os projetos é importante mencionar a recusa do Hospital da Penha, de Francisco Victor Palma, e o aceite de outras proposições hospitalares entre os projetos expostos na I EIA. São eles o Hospital na Lagoa (1945), de Ary Garcia Roza, a Maternidade e Hospital Infantil (1950-1951), de Francisco Bolonha, o Hospital na Avenida Barão de Petrópolis (1945), de João Khair, e o Hospital Presídio de Delinqüentes (1947), desenvolvido por Jorge Ferreira, Renato Mesquita, Renato Soeiro e Thomaz Estrella. Nenhum deles ajusta-se para a análise comparativa, porquanto não foram localizados registros suficientes ou simplesmente porque determinados conjuntos não desempenham um papel equivalente ao exercido pelos conjuntos implantados na capital pernambucana.

tabela 4.1 | EIA – 1951

	CATEGORIA	ARQUITETO (A) (OS) (AS)	OBRA / LOCAL / DATA DO PROJETO	INSERÇÃO EM PERIÓDICOS 1951-54 1955-60	INSERÇÃO NOS MANUAIS 1951-4 1955-60
1	HABITAÇÃO	Abelardo de Souza	Residência Unifamiliar. São Paulo SP – 1951	<i>Acrópole</i> [184]: 171-4, jan. 1954	
2	HABITAÇÃO	Antonio Rebouças e Leo Smarcevski	Residência Unifamiliar. Salvador BA – 1949		
3	HABITAÇÃO	Antonio Rebouças e Leo Smarcevski	Residência W. Gantois. Salvador BA – 1949	<i>Habitat</i> [8]: 16-7, 1952	
4	HABITAÇÃO	Amaldo Furquim Paoliello	Residência do Arquiteto. São Paulo SP – 1950	<i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 29, 1954	Mindlin [1956: 251]
5	HABITAÇÃO	Amaldo Furquim Paoliello	Residência Domingos Pires de Oliveira Dias São Paulo SP – 1951	<i>Acrópole</i> [164]: 279-81, dez 1951 <i>Acrópole</i> [181]: 493-5, 1953 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [28]: XXV, set 1957 <i>AD Arquitetura e decoração</i> [5]: mai./jun. 1954 <i>Arquitetura e engenharia</i> [32]: 8-10, jul./set. 1954 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 29, 1954	Mindlin [1956: 52-3; 251]
6	HABITAÇÃO	Amaldo Furquim Paoliello	Residência José Pires. São Paulo SP – 1951	<i>Acrópole</i> [166]: 358-9, fev. 1952 <i>Habitat</i> [22]: 27-9, mai./jun. 1955	
7	HABITAÇÃO	Carlos Frederico Ferreira	Residência Unifamiliar. São Paulo SP – 1951	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 75, ago. 1952	
8	HABITAÇÃO	Eugênio Szilágyi	Residência Unifamiliar. São Paulo SP – 1951		
9	HABITAÇÃO	Francisco Beck	Edifício Pilotis São Paulo SP – 1948	<i>Acrópole</i> [160]: 153-6, ago. 1951 <i>Acrópole</i> [184]: 175, jan. 1954 <i>Architecture d´Aujoud´hui</i> [23]: 75, ago. 1952	Mindlin [1956: 40-1; 162-3]
10	HABITAÇÃO	Francisco Beck	Edifício de Uso Misto. São Paulo SP – 1951		
11	HABITAÇÃO	Francisco Bolonha	Conjunto Residencial de Paquetá Rio de Janeiro DF – 1949-51	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 18-21, ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [34]: 2-7, jan./mar. 1955 <i>Habitat</i> [18]: 17-9, set./out. 1954	Mindlin [1956: 130-2; 246]
12	HABITAÇÃO	Francisco Bolonha	Residência Hildebrando Accioly. Petrópolis RJ – 1948-50	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 18-21, ago. 1952 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [10]: 22-55 1957 <i>Habitat</i> [25]: 54-5, dez, 1955	Mindlin [1956: 40-1; 162-3; 246]
13	HABITAÇÃO	Gilberto Junqueira Caldas	Residência Unifamiliar. São Paulo SP – 1951		
14	HABITAÇÃO	Gilberto Tinoco e Ibsen Pivatelli	Residência do Arquiteto. São Paulo SP – 1951	<i>Habitat</i> [5]: 48-9, 1951	
15	HABITAÇÃO	Helio Duarte e Ernest Robert Carvalho Mange	Edifício Presidente Roosevelt. Santos SP – 1951	<i>Acrópole</i> [184]: 194-5, jan. 1954 <i>Habitat</i> [6]: 66-8, 1952	
16	HABITAÇÃO	Helio Uchoa Cavalcanti e Pedro Clark Leite	Sede dos Sindicatos e Habitação Proletária. Rio de Janeiro DF – 1951		
17	HABITAÇÃO	Henrique Mindlin	Edifício Três Leões São Paulo SP – 1946	<i>Acrópole</i> [170]: 62-4, jun. 1952 <i>Acrópole</i> [184]: 170, jan. 1954 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23] 60-1, ago. 1952	Hitchcock [1955: 195] Mindlin [1956: 98-9; 251]
18	HABITAÇÃO	Lucjan Korngold	Residência Fritz Blankenstein. Suzano SP – 1946-7	<i>Acrópole</i> [177]: 311-5, 1953 <i>Arquitetura e engenharia</i> [15]: 53-7, jan./fev. 1951	
19	HABITAÇÃO	Luiz Contrucci	Edifício Residencial. São Paulo SP – 1950		
20	HABITAÇÃO	Luiz Maiorana	Residência Unifamiliar. São Paulo – 1947-51		
21	HABITAÇÃO	Lygia Fernandes	Residência para Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea. Rio de Janeiro DF – 1949	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 74, ago. 1952	Mindlin [1956: 248]
22	HABITAÇÃO	Miguel Forte	Residência Unifamiliar. São Paulo SP – 1950		
23	HABITAÇÃO	Miguel Forte	Residência Unifamiliar. São Paulo SP – 1950		
24	HABITAÇÃO	Miguel Forte	Residência Unifamiliar. São Paulo SP – 1950		
25	HABITAÇÃO	Miguel Oliveira Ribeiro	Edifício Residencial. Local não indicado – 1951		
26	HABITAÇÃO	Olavo Redig de Campos	Residência Walter Moreira Salles. Rio de Janeiro DF – 1951	<i>Habitat</i> [6]: 56-63, 1952	Mindlin [1956: 47-9; 252]
27	HABITAÇÃO	Oscar Niemeyer	Condomínio Hotel Quitandinha. Petrópolis RJ – 1951	<i>Architectural review</i> [114]14-5 jul. 1953 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [42/43]: 116-9, ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [19]: 6-39, out./dez. 1951 <i>Progressive architecture</i> [33]: 15-8 jan. 1952	Paglia [1952: 1 pág. s/n]
28	HABITAÇÃO	Oswaldo Correa Gonçalves	Residência Michel Abu Jamra. São Paulo SP – 1950	<i>Acrópole</i> [184]: 192-3, jan. 1954 <i>AD Arquitetura e decoração</i> [2], nov. 1953 <i>Habitat</i> [9]: 9-10, 1952	
29	HABITAÇÃO	Oswaldo Correa Gonçalves	Residência Osmar Gonçalves. Santos SP – 1950	<i>AD Arquitetura e decoração</i> [1]: ago./set. 1953 <i>Habitat</i> [9]:11, 1952	Mindlin [1956: 46; 248]
30	HABITAÇÃO	Renato Righetto	Residência do Aquiteto. Campinas SP – 1949		
31	HABITAÇÃO	Rino Levi e Franz Andreas Pestalozzik e Roberto Cerqueira César	Edifício Prudência. São Paulo SP – 1944	<i>Acrópole</i> [154]: 259-62, fev. 1951 <i>Acrópole</i> [184]: 160, jan. 1954 <i>Arquitetura e engenharia</i> [17]: 42-5, mai./jun. 1951 <i>Habitat</i> [18]: 12-6, set.-out. 1954 <i>Habitat</i> [30]: 34-49, mai. 1956 [individualidades] <i>Progressive architecture</i> [33]: 63-7, ago. 1952 <i>Werk</i> [40]: 247-9, ago. 1953	Mindlin [1956: 96-7; 250] Paglia [1952: 1 pág. s/n]
32	HABITAÇÃO	Rino Levi e Roberto Cerqueira Cesar	Residência Olivo Gomes. São José dos Campos SP – 1950	<i>Acrópole</i> [184]: 162, jan. 1954 <i>Acrópole</i> [217]: 39, nov. 1956 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 65-6, ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [34]: 26-31, jan./mar. 1955 <i>Habitat</i> [2]:19-22, jan./mar. 1951 <i>Habitat</i> [30]: 34-49, mai. 1956 [individualidades]	Mindlin [1956: 70-1; 250] Paglia [1952: 1pág. s/n]
33	HABITAÇÃO	Thomaz Estrella	Residência do Arquiteto. Rio de Janeiro DF - 1951		
34	HABITAÇÃO	Ulysses P.Burlamaqui	Residência Jerônimo Leal. Rio de Janeiro DF - 1950	<i>Arquitetura e engenharia</i> [19]: 56-7, out./dez. 1951	
35	INDUSTRIAL	Carlos Frederico Ferreira	Fábrica CBLC. São Paulo SP – 1951	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 32, ago. 1952	
36	INDUSTRIAL	Eduardo Corona e Roberto Tibau	Fábrica de Transmissores de Rádio. São Paulo SP – 1951		
37	INDUSTRIAL	Oswaldo Arthur Bratke	Serviços Sociais de Fábrica de Tecelagem. Local não indicado – 1950		
38	USO PÚBLICO	Abelardo de Souza	Esporte Clube Ourinhense. Ourinhos SP – 1951	<i>Acrópole</i> [184]: 172, jan. 1954 <i>Habitat</i> [2]: 12-3, jan./mar. 1951 <i>Habitat</i> (39): 2-21 [novos valores]	
39	USO PÚBLICO	Afonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Emani Vasconcellos, Lucio Costa, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer	Ministério da Educação e Saúde Rio de Janeiro DF – 1937-43	<i>Habitat</i> [35]: 28-43, out. 1956	Benevolo [1960] in 1998: 712-4 Costa [1952: 32-41] Dorfles [1957: 112-4] Giedion [1951: 133] Hitchcock [1955: 30-2] Mindlin [1956: 9; 196-9; 248; 249; 251; 252; 254] Paglia [1952: 2 págs. s/n]
40	USO PÚBLICO	Alcides Rocha Miranda e José de Souza Reis	Teatro-Escola ao Ar Livre.Salvador BA – 1948		
41	USO PÚBLICO	Antonio Rebouças e Leo Smarcevski	Mercado Público. Itaberaba BA – 1951		
42	USO PÚBLICO	Ary Garcia Roza	Edifício-Sede da ACM.Rio de Janeiro DF – 1946	<i>Arquitetura e engenharia</i> [26]: 32-5, mai./jun. 1953	
43	USO PÚBLICO	Ary Garcia Roza	Edifício-Sede do Banco do Brasil. Rio de Janeiro DF – 1951	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: VII, ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [35]: 2-7, abr./jun. 1955	Mindlin [1956:16; 249]
44	USO PÚBLICO	Ary Garcia Roza	Hospital na Lagoa. Rio de Janeiro DF – 1945		
45	USO PÚBLICO	Carlos Frederico Ferreira	Conjunto Aquático do Palmeiras. São Paulo SP – 1951	<i>Acrópole</i> [174]:200-5, out. 1952 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 110-1, ago. 1952	Mindlin [1956: 15; 248]
46	USO PÚBLICO	Carlos Frederico Ferreira	Escola Primária. Santo André SP – 1946	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [21]: 74-5, fev. 1951 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 32, ago. 1952	Mindlin [1956: 134-5; 248]
47	USO PÚBLICO	Daniele Calabi e Giancarlo Palanti	Orfanato da Liga das Senhoras Católicas São Paulo SP – 1947-49		Mindlin [1956: 15; 277; 281]
48	USO PÚBLICO	Edgar Guimarães do Vale	Edifício de Uso Público. Porto Alegre RS – 1951		
49	USO PÚBLICO	Eugênio Szilágyi	Escola Primária. São Paulo SP – 1951		
50	USO PÚBLICO	Eugênio Szilágyi	Jardim de Infância. São Paulo SP – 1951	<i>Acrópole</i> [224]: 290-1, jun. 1957	
51	USO PÚBLICO	Francisco Beck	Edifício-Sede dos Diários Associados. São Paulo SP 1948		
52	USO PÚBLICO	Francisco Beck e Lucjan Korngold	Edifício Thomas Edson. São Paulo SP – 1944		
53	USO PÚBLICO	Francisco Bolonha	Maternidade e Hospital Infantil. Cataguases MG – 1950-1	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 86-7, ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [29]: 48-50, jan./fev. 1954	Mindlin [1956: 146-7; 246]
54	USO PÚBLICO	Giancarlo Palanti	Prédio Comercial. São Paulo SP – 1947	<i>Habitat</i> [3]: 23-4, 1951	Mindlin [1956: 251]
55	USO PÚBLICO	Gilberto Lemos e Miguel Oliveira Ribeiro	Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais Rio de Janeiro - 1949		
56	USO PÚBLICO	Gilberto Tinoco e Ibsen Pivatelli	Cine Rio. São Paulo SP - 1949	<i>Acrópole</i> [152/3]: 167-8, dez. 1950/jan. 1951 <i>Acrópole</i> [184]: 199, jan. 1954	
57	USO PÚBLICO	Gilberto Tinoco e Ibsen Pivatelli	Restaurante Lagosta. Praia Grande SP – 1951	<i>Acrópole</i> [161]: 167-8, set. 1951	
58	USO PÚBLICO	Hélio Queiroz Duarte e Ernest Robert Carvalho Mange	Stand para exposição de tratores. São Paulo SP 1951		
59	USO PÚBLICO	Henrique Mindlin	Sede do Banco do Brasil. Rio de Janeiro DF –1951	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: XXV, ago 1952	Mindlin [1956: 251]
60	USO PÚBLICO	Ícaro de Castro Mello	Esporte Clube Sírio. São Paulo SP – 1951	<i>Acrópole</i> [184]: 189, jan. 1954 <i>Arquitetura e engenharia</i> [16]: 41-5, mar./abr. 1951	Mindlin [1956: 15; 247]
61	USO PÚBLICO	Ícaro de Castro Mello	Piscina Coberta. São Paulo SP – 1950	<i>Acrópole</i> [184]: 188, jan. 1954 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 106, ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [17]: 32-4, mai./jun.1951 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 30-1, 1954 <i>Habitat</i> [11]: 4-6, jun. 1953	Hitchcock [1955: 100-1] Mindlin [1956: 176-7; 247]
62	USO PÚBLICO	Jacob Ruchti e Plínio Croce e Roberto Affalo e Salvador Candia	Estação Ferroviária da Pampulha. Belo Horizonte MG – 1950		
63	USO PÚBLICO	João Khair	Estádio. Local não indicado – 1941		
64	USO PÚBLICO	João Khair	Hospital. Rio de Janeiro DF – 1945		
65	USO PÚBLICO	João Khair	Sede Social e Esportiva do Tijuca Tênis Clube Rio de Janeiro DF – 1949		
66	USO PÚBLICO	Jorge Ferreira	Internato do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro DF – 1950	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 102-3, ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [25]: 39-43, mar./abr. 1953	Mindlin [1956: 249]
67	USO PÚBLICO	Jorge Ferreira e Renato Mesquita Renato Soeiro e Thomaz Estrela	Escola Industrial. Teresina PI 1950	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 105, ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [22]: 52-6, jun./ago. 1952	Mindlin [1956: 248; 249; 250; 253]
68	USO PÚBLICO	Jorge Ferreira e Renato Mesquita Renato Soeiro e Thomaz Estrela	Escola Técnica Industrial. Campos RJ – 1950		
69	USO PÚBLICO	Jorge Ferreira e Renato Mesquita Renato Soeiro e Thomaz Estrela	Hospital Presídio de Delinqüentes. Rio de Janeiro DF – 1947		
70	USO PÚBLICO	José de Souza Reis	Monumento Comemorativo ao Centenário de Rui Barbosa Rio de Janeiro DF – 1949	<i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [1]: 31, ago./set.1953 <i>Módulo</i> [2]: 12-3, ago. 1955	Mindlin [1956:253]
71	USO PÚBLICO	Lucio Costa	Park Hotel. Nova Friburgo RJ – 1944	<i>Habitat</i> [35]: 28-43, out. 1956	Mindlin [1956: 106-7; 248] Paglia [1952: 2 págs. s/n]
72	USO PÚBLICO	Lucjan Korngold	Edifício CBI Esplanada. São Paulo SP – 1947	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 35-7, ago. 1952	Hitchcock [1955: 194] Mindlin [1956: 12; 249]
73	USO PÚBLICO	Mario Russo	Faculdade de Medicina. Recife PE – 1950	<i>Acrópole</i> [213]: 349-63, jul. 1956 <i>Arquitetura e engenharia</i> [26]: 7-8, mai./jun. 1953	
74	USO PÚBLICO	Mario Russo	Hospital de Clínicas. Recife PE – 1951	<i>Acrópole</i> [213]: 349-63, jul. 1956 <i>Arquitetura e engenharia</i> [26]: 7-8, mai./jun. 1953	
75	USO PÚBLICO	Oscar Niemeyer	Conjunto Turístico e Recreativo da Pampulha. Belo Horizonte MG – 1942		Benevolo [1960] in 1998: 712 Dorfles [1957: 112] Giedion [1951: 151; 153] Hitchcock [1955:64-7] Mindlin [1956: 160-1; 166-71; 251] Paglia [1952: 3 págs. s/n]
76	USO PÚBLICO	Oscar Niemeyer	Estádio Nacional. Rio de Janeiro DF – 1943	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [42/43]: 108-9, ago. 1952	Mindlin [1956: 15; 251]
77	USO PÚBLICO	Paulo Antunes Ribeiro	Hotel Amazonas Manaus AM – 1947	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 54, ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> []: <i>Habitat</i> [4]: 68, mai./jun. 1951	Mindlin [1956: 246]
78	USO PÚBLICO	Paulo Antunes Ribeiro e Diógenes Rebouças	Hotel da Bahia Salvador BA – 1948	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> []: fev. 1951 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [25]: 32, jan. 1954 <i>Arquitetura e engenharia</i> [17]: 40-1, mai./jun. 1951	Mindlin [1956: 110-1; 246; 252]
79	USO PÚBLICO	Zenon Lotufo	Igreja Protestante Presidente Prudente SP – 1950-1	<i>Acrópole</i> [158]: 69-73, jun. 1951 <i>Arquitetura e engenharia</i> [17]: 36-7, mai./jun. 1951 <i>Habitat</i> [12]: 30-1, set. 1953	
80	USO PÚBLICO	Helio Duarte e Ernest Robert Carvalho Mange	Organização de grande área na Avenida do Estado São Paulo SP – 1950		
81	GRANDES AREAS	Mario Russo	Centro Médico Universidade do Recife. Recife PE – 1950	<i>Acrópole</i> [213]: 349-63, jul. 1956 <i>Arquitetura e engenharia</i> [26]: 7-8, mai./jun. 1953	
82	GRANDES AREAS	Oswaldo Arthur Bratke	Centro Comercial para Bairro com 1500 Lotes Local não indicado – 1951		

tabela 4.1 I EIA – 1951 CONTINUAÇÃO

	CATEGORIA	ARQUITETO (A) (OS) (AS)	OBRA / LOCAL / DATA DO PROJETO	INSERÇÃO EM PERIÓDICOS 1951-54 1955-60	INSERÇÃO NOS MANUAIS 1951-4 1955-60
83	OBRA RECUSADA	Abelardo Coimbra Bueno	Urbanismo. Casas Populares. Local e data não indicados		
84	OBRA RECUSADA	Abelardo Coimbra Bueno	Urbanismo. Campos RJ – s.d.		
85	OBRA RECUSADA	Abelardo Coimbra Bueno	Urbanismo. Curitiba PR – s.d.		
86	OBRA RECUSADA	Alfredo Ernesto Becker	Edifício de Uso Público [Banco da América S/A?] Local e data não indicados	Acrópole [233]: 190-2, mar 1958	
87	OBRA RECUSADA	Alfredo Ernesto Becker	Residência Unifamiliar. Local e data não indicados		
88	OBRA RECUSADA	Alfredo Ernesto Becker	Residência Unifamiliar. Local e data não indicados		
89	OBRA RECUSADA	Américo Campello	Clube Náutico. Local e data não indicados		
90	OBRA RECUSADA	Américo Campello	Fábrica de Fermentos. Local e data não indicados		
91	OBRA RECUSADA	Américo Campello	Hospital para Cirurgia. Local e data não indicados		
92	OBRA RECUSADA	Antonio Carlos Ekman Simões	Farol Monumental. Local e data não indicados		
93	OBRA RECUSADA	Antonio Jorge Monteiro Filho	Residência Unifamiliar. Local e data não indicados		
94	OBRA RECUSADA	Arthur Arcuri	Marco Comemorativo do Centenário de Juiz de Fora Juiz de Fora MG – 1950	Arquitetura e engenharia [23]: 56-9, set./out. 1952 Habitat [9]: 49, 1952	
95	OBRA RECUSADA	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Edifício Residencial. Local e data não indicados		
96	OBRA RECUSADA	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Residência Unifamiliar. Local e data não indicados		
97	OBRA RECUSADA	Cláudio Teixeira de Freitas	Estádio do Jockey Club do Rio Grande do Sul Porto Alegre RS		
98	OBRA RECUSADA	Claus Eggers e Maurício Santos Cruz	Edifício de Uso Industrial [Moinho São Paulo S/A.?] Local e data não indicados	Acrópole [210]: 221, abr. 1956	
99	OBRA RECUSADA	Coimbra Bueno & Cia	Urbanismo. Araruama RJ		
100	OBRA RECUSADA	Coimbra Bueno & Cia	Urbanismo. Atafona RJ		
101	OBRA RECUSADA	Coimbra Bueno & Cia	Urbanismo. Cuiabá MT		
102	OBRA RECUSADA	Francisco Victor Palma	Hospital para Cancerosos. Rio de Janeiro DF		
103	OBRA RECUSADA	Jeronymo Coimbra Bueno	Urbanismo. Cabo Frio RJ		
104	OBRA RECUSADA	Jeronymo Coimbra Bueno	Urbanismo. Goiânia GO		
105	OBRA RECUSADA	Jeronymo Coimbra Bueno	Urbanismo. Petrópolis RJ		
106	OBRA RECUSADA	João Batista Pimont	Edifício Residencial. Local e data não indicados		
107	OBRA RECUSADA	Jorge dos Santos Pereira	Prefeitura Municipal [de Caculé?] Caculé BA	Arquitetura e engenharia [19]: 49-52, out./dez. 1951	
108	OBRA RECUSADA	Julio Guerra	Igreja. Local e data não indicados		
109	OBRA RECUSADA	Luis Eduardo dos Santos	Edifício de Uso Público. Local e data não indicados		
110	OBRA RECUSADA	Octacilio Rodrigues de Lima	Casa Mínima. Local e data não indicados		
111	OBRA RECUSADA	Octacilio Rodrigues de Lima	Residência de Veraneio. Local e data não indicados		
112	OBRA RECUSADA	Oscar Gutierrez	Edifício de apartamentos. Local e data não indicados		
113	OBRA RECUSADA	Ruben Cassal Pilla	Edifício de Uso Comercial. Local e data não indicados		
114	OBRA RECUSADA	Ruben de Almeida Serra	Banco do Brasil. Joinville SC		
115	OBRA PREMIADA HABITAÇÃO	Henrique Mindlin	Residência George Hime. Petrópolis RJ – 1949	Acrópole [184]: 170, jan. 1954 Architecture d'aujourd'hui [23]: 15-7, ago. 1952 Arquitetura e engenharia [22]:42-5, jun./ago. 1952 Domus [s/n]: mar. 1953	
116	OBRA PREMIADA HABITAÇÃO	Lúcio Costa	Conjunto Residencial do Parque Guinle Rio de Janeiro DF – 1948	Habitat [35]: 28-43, out. 1956 Architecture d'aujourd'hui [23]: 56-7, ago.1952	Benevolo [1960] in 1998: 714 Hitchcock [1955: 152-5] Mindlin [1956: 11; 90-3; 248] Paglia [1952: 2 págs. s/n]
117	MENÇÃO ESPECIAL HABITAÇÃO	Oswaldo Arthur Bratke	Residência do Arquiteto. São Paulo SP – 1951	Acrópole [184]: 184-5, jan. 1954 Architecture d'aujourd'hui [24] 50-1, out. 1953 AD Arquitetura e decoração [5]: 16-9, mai./jun. 1954 Arquitetura e engenharia [34]: 14-7, jan./mar. 1955 Habitat [10]:41-4, 1953 Habitat [45]: 21-36, nov./dez. 1957 Módulo [1]: 34-5, mar. 1955 Werk [40]: 254-5, ago. 1953	Hitchcock [1955: 174-5] Mindlin [1956: 58-9; 247] Paglia [1952: 2 págs. s/n]
118	OBRA PREMIADA INDUSTRIAL	Oscar Niemeyer e Helio Uchoa	Fábrica Duchen. São Paulo SP – 1950	Architecture d'aujourd'hui [42/3]: 28-9, ago. 1952 Arquitetura e engenharia [15]: 16-21, jan.fev. 1951 Habitat [2]: 6-11, jan./mar. 1951 Werk [40]: 250, ago. 1953	Dorfles [1957: 114] Mindlin [1956: 218-9; 251; 254] Paglia [1952: 3 págs. s/n]
119	OBRA PREMIADA USO PÚBLICO	Álvaro Vital Brazil	Edifício Clemente de Faria. Belo Horizonte MG – 1946	Acrópole [157]: 25, mai. 1951; Acrópole [160]: 128-136, ago. 1951 Architecture d'aujourd'hui [23]: 40-1, ago. 1952 Arquitetura e engenharia [19]: 58-64, out./dez. 1951	Mindlin [1956: 220-1; 254] Paglia [1952: 2 págs. s/n]
120	MENÇÃO USO PÚBLICO	Ícaro de Castro Mello	Ginásio Municipal. Sorocaba SP – 1950	Acrópole [155]: 273-7, mar. 1951 Habitat [2]: 16, jan./mar. 1951	Mindlin [1956: 247] Paglia [1952: 2 págs. s/n]
121	MENÇÃO USO PÚBLICO	Jorge Ferreira	Pavilhão Refeitório. Rio de Janeiro DF – 1949	Arquitetura e engenharia [19]: 40-1, out./dez. 1951	Mindlin [1956: 208; 249] Paglia [1952: 2 págs. s/n]
122	MENÇÃO USO PÚBLICO	Paulo Antunes Ribeiro	Edifício Caramuru. Salvador BA – 1945	Architectural review [116]: 246, out. 1954 Architecture d'aujourd'hui [23]: 24-6, ago. 1952	Mindlin [1956: 212-3; 246] Paglia [1952: 2 págs. s/n]
123	OBRA PREMIADA USO PÚBLICO	Rino Levi e Franz Pestalozzi Roberto Cerqueira Cesar	Maternidade Universitária. São Paulo SP – 1944	Acrópole [184]: 161, jan. 1954 Arquitetura e engenharia [20]: 24-38, jan./fev. 1952 Habitat [30]: 34-498, mai. 1956 [individualidades]	Giedion [1951: 192] Mindlin [1956: 120-9; 250] Paglia [1952: 3 págs. s/n]
124	OBRA PREMIADA ORGANIZAÇÃO DE GRANDES ÁREAS	Affonso Eduardo Reidy	Conjunto Residencial do Pedregulho Rio de Janeiro DF – 1948	Architectural record [124]: 166-170, jul. 1958 Architectural review [112]: 16-9, jul. 1952 Architecture d'aujourd'hui [23]: 124-9, ago. 1952 Arquitetura e engenharia [23]: 28-32, set./out. 1952 Brasil arquitetura contemporânea [1]: 4-16, ago./set. 1953 Habitat [29]: 38-55, abr. 1956 [individualidades] Progressive architecture [36]: 104-9, ago. 1955 Werk [40]: 241-6, ago. 1953	Benevolo [1960] in 1998: 714-5 Dorfles [1957: 112] Giedion [1951: 220] Hitchcock [1955: 126-131] Mindlin [1956: 120-9; 252] Paglia [1952: 7 págs. s/n]
125	PRÊMIO ESPECIAL	Joaquim Cardozo	Conjunto da Obra	Habitat [16]: 20-1, mai./jun. 1954 Módulo [1]: 42-3, mar 1955 Módulo [1]: 6-9, mar 1955 Módulo [2]: 10-1, ago 1955 Módulo [4]: 32-6, mar 1956 Módulo [5]: 20-3, set 1956 Módulo [6]: 28-31, dez 1956 Módulo [10]:3-6, ago 1958 Módulo [15]: 2-4, out 1959 Módulo [17]: 16-9, abr 1960	Costa [1952: 29-30] Mindlin [1956: 17; 66; 112-117; 160-1; 166-71; 205-7; 218-9; 247]
126	SALA ESPECIAL	Attilio Correa Lima	Estação de Hidroaviões. Rio de Janeiro DF – 1937		Benevolo [1960] in 1998: 712 Costa [1952: 32] Giedion [1951: 196] Mindlin [1956: 224-5; 248; 250; 253] Paglia [1952: 4 págs. s/n]
127	SALA ESPECIAL	Flávio de Carvalho	Palácio do Governo. São Paulo SP – 1927		Benevolo [1960] in 1998: 711 Paglia [1952: 1 pág. s/n]
128	SALA ESPECIAL	Flávio de Carvalho	Residência na Fazenda Capuava. Valinhos SP – 1930		
129	SALA ESPECIAL	Flávio de Carvalho	Paço Municipal. São Paulo SP – 1939		
130	SALA ESPECIAL	Gregori Warchavchik	Residência do Arquiteto. São Paulo SP – 1927-8	Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto] Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]	Benevolo [1960] in 1998: 711 Costa [1952: 29] Paglia [1952: 1 pág. s/n]
131	SALA ESPECIAL	Gregori Warchavchik	Residência na Rua Itápolis. São Paulo SP – 1927-8	Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto] Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]	Mindlin [1956: 8; 254] Paglia [1952: 1 pág. s/n]
132	SALA ESPECIAL	Gregori Warchavchik	Residência Cândido da Silva. São Paulo SP – 1929	Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto]	Mindlin [1956: 8; 254] Paglia [1952: 1 pág. s/n]
133	SALA ESPECIAL	Gregori Warchavchik	Residência Max Graff . São Paulo SP – 1929	Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto] Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]	Paglia [1952: 1 pág. s/n]
134	SALA ESPECIAL	Gregori Warchavchik	Residência Luiz da Silva Prado. São Paulo SP – 1930	Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto] Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]	
135	SALA ESPECIAL	Gregori Warchavchik	Residência William Nordschild. Rio de Janeiro DF – 1930	Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]	Costa [1952: 30]
136	SALA ESPECIAL	Gregori Warchavchik	Edifício Residencial. São Paulo SP – 1939	Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto] Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]	Mindlin [1956: 86; 254]
137	SALA ESPECIAL	Gregori Warchavchik	Residência Raul Crespi. Guarujá SP – 1943	Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto] Arquitetura e engenharia [16]: 34-5, mar./abr. 1951 Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]	Giedion [1951: 92] Mindlin [1956: 24-5; 254]
138	SALA ESPECIAL	Gregori Warchavchik	Pavilhão Marjory Prado. Guarujá SP – 1946	Domus [s/n] dez. 1952 Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]	Mindlin [1956: 29; 254]
139	SALA ESPECIAL	Gregori Warchavchik	Residência Ricardo Jafet. Guarujá SP – 1949	Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto]	

OBRA SELECIONADA 1

CONJUNTO RESIDENCIAL DO PEDREGULHO

OBRA PREMIADA NA I EIA, 1951,
CATEGORIA ORGANIZAÇÃO DE GRANDES ÁREAS

DADOS DO PROJETO

localização Rua Capitão Félix, 50

bairro / cidade São Cristóvão / Rio de Janeiro DF

autor do projeto AFFONSO EDUARDO REIDY

paisagismo e composições murais ROBERTO BURLE MARX

composições murais ANÍSIO MEDEIROS e CANDIDO PORTINARI

data do projeto 1947 [segundo a ficha de inscrição]

construção Departamento de Habitação da Prefeitura
do Distrito Federal

supervisão engenheira
Carmen Portinho

SÍNTESE DESCRITIVA

Conjunto residencial incorporado pelo poder público para abrigar funcionários municipais de baixa renda residentes no bairro de São Cristóvão. O plano inicial prevê a construção de 478 unidades para aluguel, distribuídas em lâminas paralelas dominadas visualmente por um bloco suspenso que acompanha o desenho do Morro do Pedregulho. A unidade vizinhança é complementada por creche, escola maternal, escola primária, ambulatório, mercado, lavanderia e conjunto esportivo.

O Conjunto Residencial do Pedregulho constitui obra de referência ao quadro da arquitetura brasileira não apenas pelo caráter inventivo de suas soluções projetuais, mas também por representar oportunidade ímpar para a colaboração integrada de artistas do quilate de Anísio Medeiros, Candido Portinari e Roberto Burle Marx.

SOLUÇÕES PROJETUAIS

forças do lugar

A conformação do terreno possui feição topográfica predominantemente plana na porção voltada para a Rua Capitão Félix e acentuada declividade na parcela contígua à Rua Marechal Jardim, desde onde é possível avistar a Baixada Fluminense e a Baía de Guanabara. Apesar de estar direcionada ao noroeste, tais visuais constituem as forças predominantes na implantação dos blocos: para esse quadrante, sobre o qual há incidência de raios solares no período vespertino, se voltam as aberturas dos ambientes de longa permanência das unidades residenciais.

1

Affonso Eduardo Reidy.
Conjunto Residencial
do Pedregulho.
Implantação

2
Conjunto Residencial
do Pedregulho em obras

resposta ao terreno

As lâminas residenciais implantadas na porção menos acidentada do terreno são alinhadas entre si, com aberturas voltadas para os quadrantes sudeste e noroeste. Sobre a encosta do Morro do Pedregulho, um bloco residencial de 260 metros acompanha o desenho das curvas de nível,

rompendo com a volumetria dos demais edifícios e, ao mesmo tempo, impondo-se como referência visual de maior impacto do conjunto. A implantação dos blocos lavanderia e posto médico privilegia o contato direto com o solo; na escola primária, a porção correspondente às salas de aula é suspensa em pilotis, de modo a criar um abrigo coberto para lazer e refeição das crianças.

estratégia de projeto

A implantação dos blocos e o tratamento dos detalhes arquitetônicos constituem os principais elementos do projeto de Affonso Eduardo Reidy. A separação de percursos entre pedestres e automóveis e o agrupamento de funções em zonas independentes estabelecem paralelos com os padrões urbanísticos propostos pela *Carta de Atenas*. A inexistência de barreiras entre os blocos permite o livre deslocamento de pedestres em toda a extensão do lote, sem qualquer barreira física, fato que denota, mais uma vez, o caráter público do solo urbano defendido pelo documento supramencionado.

zonas espaciais

A lógica de implantação do conjunto configura na porção central da gleba o núcleo central de serviços essenciais e na porção periférica os blocos residenciais. A inserção de uma passagem subterrânea sob a Rua Ferreira de Araújo, não executada, conecta a parcela de terreno na qual seriam implantados os blocos C, creche e escola maternal, garantindo aos seus usuários total isolamento em relação ao trânsito de automóveis.

tratamento de fachadas

O raciocínio projetual do arquiteto, muito embora preocupado com a expressão arquitetônica do conjunto, introduz importante diferencial de tratamento para facilitar o reconhecimento de cada parte. E isso se dá com a inserção de painéis¹⁰ de grandes dimensões executados sobre anteparos e planos de vedação dos equipamentos de uso coletivo. Entre as obras implantadas, mencionem-se a composição de pastilhas criada por Roberto Burle Marx no pátio da escola primária e os painéis de azulejos do ginásio esportivo e do posto médico assinados por Candido Portinari e Anísio Medeiros.

3
Affonso Eduardo Reidy.
Bloco A. Corte

tratamento paisagístico

O tratamento paisagístico de Roberto Burle Marx prioriza a completa separação entre os caminhos de pedestres e automóveis. O plano cria pequenos ambientes de lazer para atender a necessidades de diferentes faixas etárias, com ênfase para os espaços recreativos infantis situados na porção central do terreno. Nos canteiros, predominam espécies de forração combinadas a massas arbustivas, usadas para bloquear determinados percursos ou para emoldurar visuais predeterminadas. Ressalte-se que, muito além de buscar um diálogo entre os espaços não construídos e as áreas comuns dos blocos, a concepção arquitetônica articula-se com o pensamento artístico da época, valendo-se da inserção de painéis nos setores de maior afluxo de visitantes, rotinizando a arte moderna para amplos segmentos.

4 e 5

Affonso Eduardo Reidy.
Conjunto Residencial
do Pedregulho.
Vistas do grupo escolar

RECEPÇÃO: SIGNIFICADO E CONTEXTO

O Conjunto Residencial do Pedregulho é fruto da ação direta do poder público no campo habitacional, sob o comando da engenheira Carmen Portinho no Departamento de Habitação da Prefeitura do Distrito Federal. Trata-se de uma iniciativa pioneira no país, no porte da realização e na integração entre moradia a serviços básicos de apoio.

O partido arquitetônico adotado, em sintonia com os preceitos difundidos pelos Ciam e pela *Carta de Atenas*, aproveita-se da topografia existente para reduzir os custos de implantação. Além disso, a liberação do pavimento térreo nos blocos residenciais e a separação entre o trânsito de veículos e pedestres torna o solo um bem coletivo, acessível a todos os seus fruidores.

Em nota oficial, o Júri de Premiação da I Bienal de São Paulo, considera a solução “um simples exemplo de como toda uma cidade deveria ser formada”. Lamenta, entretanto, que “a obra fique isolada, surgindo entre bairros formados anarquicamente”¹¹. A Ata manifesta-se a favor de intervenções urbanas de grande porte, num instante em que os arquitetos e urbanistas defendem a urgente aplicação de medidas para controlar o crescimento desordenado das metrópoles brasileiras.

Antes da finalização dos trabalhos de construção, a obra de Reidy desperta o interesse da crítica especializada. Com a celebração do projeto no certame paulista, continua a figurar em periódicos especializados brasileiros e estrangeiros, entre os quais se destacam, pela abordagem crítica, os artigos das revistas *Architecture d'aujourd'hui* (1952) e *Brasil arquitetura contemporânea* (1953).

O primeiro artigo inscreve-se em número especial dedicado ao Brasil, no qual transparece a interlocução empreendida entre o editor André Bloc e os promotores das bienais. Tal constatação deve-se à localização de vasta correspondência nos arquivos da Fundação Bienal e à reprodução de um grande número de trabalhos expostos na I EIA. A abordagem do Pedregulho cabe a Siegfried Giedion, que compara a obra de Reidy ao projeto de Le Corbusier para um grupo de habitações em Argel (1931). O crítico atenta para o jogo de volumes e considera o conjunto um exemplo a ser seguido, por se destacar do “grande caos da massa citadina”¹².

6

Affonso Eduardo Reidy.
Bloco A. Térreo elevado

Brasil arquitetura contemporânea dedica um generoso espaço ao Pedregulho na primeira edição da revista, em agosto de 1953. A publicação chama atenção para o papel civilizatório da obra, seminal por colocar “o problema do urbanismo como fator preponderante na educação e na orientação de uma coletividade”. Outro aspecto salientado diz respeito à escola primária, cujo jogo de volumes é enriquecido com as composições murais de Portinari e Burle Marx, conferindo-lhe uma “exposição de perfeita integração plástica de gosto aprimorado”¹³.

A inserção do Conjunto Residencial do Pedregulho nos manuais de arquitetura moderna publicados nos anos 1950 sobressai em comparação a todos os outros projetos selecionados para análise neste capítulo, excetuando-se Brasília. A obra de Affonso Eduardo Reidy encontra-se presente nas publicações *A decade of new architecture*, de Siegfried Giedion (1951); *Arquitetura na bienal de São Paulo*, de Dante Paglia (1952); *Latin American architecture since 1945*, de Henri Russel Hitchcock (1955); *Modern architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin (1956); *Architettura moderna*, de Gillo Dorfles (1957); e *Storia dell'architettura moderna*, de Leonardo Benevolo (1960).

A avaliação positiva permeia todas as publicações mencionadas. Giedion salienta a separação de pedestres e automóveis. Paglia destaca as qualidades plásticas da escola primária e a contribuição para a formação das futuras gerações, no âmbito artístico. Hitchcock considera o conjunto um notável exemplo de habitação social do século XX e ressalta a utilização magistral de volumes geometricamente diversos, fato também observado na publicação de Dorfles. Benevolo enfatiza as análises da arquitetura brasileira feitas pela crítica estrangeira, ressaltando o Pedregulho como projeto de incontestável aceitação até mesmo para os mais acirrados opositores da vertente funcionalista, entre os quais se destacam o suíço Max Bill e o italiano Ernesto Rogers.

OBRA SELECIONADA 2

ESCOLA PRIMÁRIA DE SANTO ANDRÉ [ESCOLA ESTADUAL ODYLO COSTA FILHO]

OBRA EXPOSTA NA I EIA, 1951,
CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

DADOS DO PROJETO

localização Rua Ministro Calógeras, 459

bairro / cidade Vila Guiomar / Santo André SP

autor do projeto CARLOS FREDERICO FERREIRA

data do projeto 1946 [segundo a ficha de inscrição]

construção Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI)

SÍNTESE DESCRITIVA

Obra de caráter social desenvolvida como parte do Conjunto Habitacional de Vila Guiomar, incorporado pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários. O plano prevê a construção de 1.411 unidades de aluguel subsidiado¹⁴, distribuídas entre blocos de apartamentos laminares e residências unifamiliares implantadas em ruas de traçado sinuoso. O programa escolar se desenvolve em pavilhões paralelos, articulados verticalmente por rampas. No piso superior de ambos os blocos são dispostas as salas de aula, acessadas por terraço de circulação coberto. No piso inferior de um dos pavilhões situa-se o setor de administração; no outro, um pequeno clube agrícola. O tratamento das aberturas das salas de aula e o desenho do castelo d'água são os elementos formais de maior destaque da composição.

SOLUÇÕES PROJETUAIS

forças do lugar

São determinadas pela direção dos ventos e pelas visuais direcionadas para a várzea do Rio Tamanduatê. O traçado viário estabelece uma separação entre os setores, com isolamento das funções em quadras de formato irregular, acompanhando as curvas de nível do terreno. A de conformação mais plana, situada no alto da colina, é ocupada pelo bloco escolar. Os demais quarteirões do conjunto são ocupados pelas lâminas residenciais e pelas residências unifamiliares, implantadas de modo que proporcionem os melhores quadrantes de insolação.

resposta ao terreno

A topografia do terreno apresenta feição predominantemente plana na quadra ocupada pela escola primária e moderada declividade na porção do terreno em que são dispostos os lotes individuais e os blocos de apartamentos. O partido de implantação das lâminas residenciais

andar superior

térreo

7 e 8

Carlos Frederico Ferreira.
Escola Primária de Santo André.
Plantas do piso superior e térreo

9 e 10
Carlos Frederico Ferreira.
Escola Primária de Santo André.
Vistas da entrada, c.1950 e 2007

acompanha as curvas de nível, com aberturas voltadas preferencialmente para leste e oeste. No edifício escolar, as aberturas das salas de aula são direcionadas a nordeste, proporcionando maior insolação no inverno e sombreamento no verão.

estratégia de projeto

A padronização e racionalização de materiais e técnicas construtivas constituem os principais elementos de definição do projeto de Carlos Frederico Ferreira, reduzindo os custos de construção e de manutenção das unidades. A conformação do traçado viário também representa outra importante preocupação do arquiteto. Nas áreas ocupadas pelos blocos laminares os percursos de pedestres são separados dos de automóveis, permitindo o livre deslocamento dos primeiros em toda a extensão do terreno, estabelecendo paralelos com os padrões urbanísticos propostos pela *Carta de Atenas*. Em contrapartida, o padrão de ocupação das quadras ocupadas pelos lotes individuais evoca o desenho das cidades-jardim, conforme observa Nabil Bonduki. (Bonduki, 1998: 190).

zonas espaciais

Estruturam-se com base na distribuição do programa em blocos semi-independentes, com concentração do núcleo de ensino nos pavimentos superiores e recreacionais ao rés-do-chão dos blocos e nos demais espaços não edificados do terreno. O setor administrativo, situado no principal acesso do conjunto, funciona como um filtro entre o espaço público e o privado.

tratamento de fachadas

O tratamento de fachadas obedece aos princípios de economia e racionalização que caracterizam as demais soluções do conjunto. Nos blocos residenciais, o alinhamento das aberturas acentua a horizontalidade dos prismas, cujos planos são movimentados com a adoção de varandas recuadas que criam zonas de luz e sombra capazes de interromper a sensação de monotonia do conjunto. Outro importante recurso projetual diz respeito à alternância do padrão cromático do revestimento das empenas, executadas em argilex. No bloco escolar, a modulação estrutural é ressaltada com a adoção de elementos vazados e grandes superfícies envidraçadas nas salas de aula, garantindo fluidez e leveza à composição.

tratamento paisagístico

A adoção de pilotis nos blocos residenciais e nos pavilhões escolares cria espaços de recreação cobertos desnudados à fruição dos observadores desde diversos ângulos. No setor habitacional, a intervenção na topografia limita-se à conformação de patamares sobre os quais as lâminas são distribuídas. Os registros fotográficos e os desenhos de apresentação reproduzidos nas publicações de época sinalizam cuidados no tratamento dos espaços não edificados, perceptíveis no desenho dos caminhos peatonais e no plantio de espécies arbóreas na periferia das quadras. Não foram localizados maiores detalhes sobre o projeto paisagístico dos diferentes setores do conjunto, tampouco indicação sobre sua autoria.

11

Carlos Frederico Ferreira.
Escola Primária de Santo André.
Vista do saguão de ingresso, 2007

RECEPÇÃO: SIGNIFICADO E CONTEXTO

A pesquisa nos volumes do *Índice de arquitetura brasileira* e do *Art index* indica a existência de referências sobre a Escola Primária de Santo André que precedem o recorte fixado para estudos. Trata-se de artigo publicado na revista *Arquitetura e engenharia* em 1950. A matéria apresenta em pormenores os parâmetros do projeto, fundamentados em rigorosa análise do programa e no estudo comparativo entre índices de áreas e volumes utilizados em conjuntos escolares implantados na Alemanha, nos Estados Unidos, na França e na Itália.

O estudo do mobiliário escolar constitui outro importante tema abordado, sendo novamente problematizadas soluções de outros países e considerados aspectos relacionados ao uso e à conservação de mesas e cadeiras soltas, cujo emprego é defendido por proporcionar múltiplos arranjos nas salas de aula. O memorial descritivo é possivelmente assinado por Carlos Frederico Ferreira. Atribui o dimensionamento das salas à análise das recomendações de Ernst Neufert em *A arte de projetar em arquitetura* (1944), em apreço à “sua autoridade e experiência no assunto”¹⁵.

Antes de ser exposta na primeira bienal paulistana, a obra de Ferreira é inserida na edição de fevereiro de 1951 da revista francesa *Architecture d'aujourd'hui*. O artigo de duas páginas reproduz as mesmas imagens da publicação brasileira, ressaltando as características do projeto e o sistema construtivo adotado. A inserção de plantas baixas dos pavimentos, acompanhadas de legendas e escala gráfica, fornece ao leitor satisfatórias condições para o entendimento do projeto.

A exibição de Escola Primária na I EIA não fomenta novas reportagens, nem mesmo na edição especial de *Architecture d'aujourd'hui* lançada em agosto de 1952, na qual são publicados outros trabalhos apresentados na bienal paulistana. Como alternativa, a revista publica os projetos da Fábrica CLBC (1951) e da Piscina da Sociedade Esportiva Palmeiras (1951) – assinados por Ferreira –, possivelmente em consideração à inclusão do projeto da escola de Santo André na revista francesa em fevereiro de 1951.

Henrique Mindlin rompe com o silêncio de cinco anos ao incluir o Conjunto Habitacional de Vila Guiomar e a Escola Primária em seu inventário da moderna arquitetura brasileira, em 1956. Sua leitura do núcleo residencial destaca a adoção de princípios racionalistas, sem mencionar o vínculo profissional de Ferreira com o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, no cargo de arquiteto-chefe.

Em relação ao projeto da Escola Primária, Mindlin tece considerações mais aprofundadas, ressaltando o caráter “racional e direto” do layout dos blocos, seus acessos e linhas de circulação e os critérios de insolação e ventilação adotados para otimizar a sensação de conforto térmico. Como nota de destaque, aponta a “discreta monumentalidade” do castelo d’água, necessário para demarcar a “finalidade social e funcional da construção”¹⁶.

A análise comparativa entre o Conjunto Residencial do Pedregulho e Conjunto Habitacional de Vila Guiomar, da qual a Escola Primária faz parte, revela elementos comuns, excetuando-se a vinculação dos arquitetos ao poder público e o caráter social dos empreendimentos.

Indicam similar entendimento do programa e manifestam preocupação com a distribuição das atividades do conjunto. Por outro lado, expressam um ideário arquitetônico diametralmente diverso, sendo Affonso Eduardo Reidy partidário de uma monumentalidade que não se verifica nas soluções projetuais de Carlos Frederico Ferreira.

O arquiteto-chefe do IAPI pauta sua pesquisa na padronização, na seriação dos componentes construtivos e em rigoroso estudo de áreas. Suas fontes remetem aos conceitos elaborados pelo grupo nórdico dos Ciam, mais influente no segundo e terceiro encontros da entidade, dedicados ao problema da célula mínima habitacional. Ferreira preocupa-se com a integração do Conjunto de Vila Guiomar ao tecido urbano, por meio de um traçado viário que estabelece uma relação de continuidade com o padrão já assimilado pela comunidade.

Por que, então, Carlos Frederico Ferreira é obliterado pela crítica dos anos 1950?

12 e 13

Carlos Frederico Ferreira.
Escola Primária de Santo André.
Conjunto Residencial do IAPI, 2007

OBRA SELECIONADA 3

MATERNIDADE UNIVERSITÁRIA

OBRA PREMIADA NA I EIA, 1951,
CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO
(EX AEQUO COM O EDIFÍCIO CLEMENTE
DE FARIA, DE ÁLVARO VITAL BRAZIL)

DADOS DO PROJETO

localização Avenida Doutor Carvalho Aguiar
esquina com Avenida Rebouças

bairro / cidade Pinheiros / São Paulo SP

autor do projeto RINO LEVI

colaboração FRANZ ANDREAS PESTALOZZIK
e ROBERTO CERQUEIRA CESAR

data do projeto 1944 [segundo a ficha de inscrição]

construção não construído

SÍNTESE DESCRITIVA

Conjunto destinado à prática e ao ensino de clínica obstétrica e puericultura neonatal da Faculdade de Medicina da USP. De acordo com o catálogo *Arquitetura na Bienal de São Paulo*, de Dante Paglia, pode-se afirmar que o projeto exposto na I EIA não é a proposta vencedora do concurso público realizado em 1945, mas a versão desenvolvida com a colaboração de diversos especialistas após o recebimento da láurea. O programa reúne setor de ensino, atendimento ambulatorial, núcleo de enfermarias e berçários, abrigados em blocos semi-independentes, de volumetrias diferenciadas. A distribuição de atividades em setores autônomos garante isolamento às linhas de circulação e satisfaz as necessidades de insolação recomendadas para edificações dessa natureza.

SOLUÇÕES PROJETAIS

forças do lugar

O sítio de implantação do projeto caracteriza-se pela presença de dois eixos de circulação viária: a Avenida Rebouças e a Avenida Carvalho de Aguiar. A primeira, elo de ligação entre o centro da capital e a Zona Oeste, abriga residências de alto padrão na época da realização do projeto. Ao longo do segundo eixo estão distribuídos os edifícios que compõem o complexo hospitalar vinculado à Universidade de São Paulo. Por esse motivo, os principais acessos de pedestres e de veículos da Maternidade Universitária são feitos pela Avenida Carvalho Aguiar.

resposta ao terreno

A implantação do conjunto em um lote de forte declividade, com desnível de 21 metros entre as cotas extremas, conserva a feição topográfica original. Para garantir a manutenção das características

14 e 15

Rino Levi.

Maternidade Universitária
Plantas do quarto e do quinto
pavimentos

An aerial, black-and-white photograph of a large, modern architectural complex. The central feature is a tall, rectangular tower with a grid-like facade. To its left is a long, low wing with a series of small, square windows. To its right is a large, angular, Y-shaped structure. In the foreground, a curved road or path winds through a landscaped area with numerous trees and shrubs. The overall design is characterized by clean lines and a mix of geometric forms.

RECEPÇÃO: SIGNIFICADO E CONTEXTO

Qualquer projeto arquitetônico selecionado por concurso público é possuidor de um diferencial qualitativo. Mesmo que sejam contestados os critérios de premiação, sua escolha depende de um julgamento comparativo, e não apenas dos contatos pessoais estabelecidos entre arquiteto e cliente. Nesse raciocínio, é possível afirmar que a Maternidade Universitária assume uma significação ímpar entre os projetos premiados nas bienais paulistanas, pois constitui a única proposta vencedora de um concurso público de anteprojetos.

Apesar de não ter sido construída, a Maternidade Universitária é referência obrigatória para o meio, especialmente nos anos 1950, com a inclusão do projeto nas revistas *Acrópole*, *Arquitetura e engenharia* e *Habitat*. A inserção desses artigos é possivelmente estimulada pela seleção do projeto no manual *A decade of new architecture*, de Siegfried Giedion (1951), que reúne realizações consideradas exponenciais ao quadro da arquitetura mundial produzida entre 1937 e 1947. O livro de Giedion destaca a distribuição das atividades nos blocos e a acessibilidade dos diversos setores do conjunto. Na segunda edição da publicação, em 1954, menciona o prêmio recebido na primeira bienal paulistana.

A inclusão da Maternidade Universitária nas revistas brasileiras também pode ter sido estimulada pela reprodução de um fluxograma de circulação da obra em diversas edições da célebre publicação *A arte de projetar em arquitetura* (1944), de Ernst Neufert, ao menos desde a década de 1950. Editado em diversos idiomas até os dias atuais, o guia de projetos de Neufert é fonte de referência e consulta para profissionais e estudantes de diversas gerações e procedências.

Para o arquiteto Rino Levi, chefe da equipe, a consagração do projeto na I EIA sedimenta o reconhecimento na especialidade, comprovado pela intensa atividade projetual no campo hospitalar e pela movimentada agenda de palestras e conferências sobre o tema ministradas em diversas cidades do país e do exterior, entre as quais Caracas, Buenos Aires, Rosário e Montevideu. Cumpre sublinhar que algumas resenhas dos referidos encontros científicos são transcritas nas revistas *Acrópole*¹⁸ e *Habitat*¹⁹.

Arquitetura e engenharia publica, em 1952, apurado artigo de 15 páginas sobre a Maternidade Universitária. Destaca a participação do professor doutor Raul Briquet na elaboração do programa, bem como a de outros médicos especialistas. O projeto é destrinchado em tópicos que abordam as características do local de implantação, o desenvolvimento do programa, a conceituação dos espaços e os aspectos técnicos de-

19 e 20

Rino Levi.

Maternidade Universitária
Vistas da maquete

21

Rino Levi.
Maternidade Universitária
Vista da maquete

terminantes na adoção das soluções de projeto. São reproduzidas as plantas de todos os pavimentos do conjunto, bem como os esquemas de circulação vertical e horizontal de alguns setores do complexo.

Apesar de conquistar o reconhecimento dos periódicos, a Maternidade Universitária parece ser ofuscada por outros projetos de Rino Levi na área médica, especialmente pelo Hospital do Câncer (1947). Tal constatação ganha evidência ao se considerar a repercussão dessa obra nos manuais de Hitchcock (1955) e Mindlin (1956), que lhe dedicam um privilegiado espaço de análise. Em contrapartida, a Maternidade Universitária está ausente do livro de Hitchcock e é apenas mencionada, por meio de uma única imagem legendada, no de Mindlin.

A única inserção da Maternidade Universitária na segunda metade dos anos 1950 ocorre em 1956, no artigo da série Individualidades, assinado por Geraldo Ferraz, na revista *Habitat*. No pequeno espaço reservado ao projeto, Ferraz evoca a significação da obra para o quadro da arquitetura internacional, considerando-a um “exemplo notabilíssimo de arquitetura contemporânea”, cuja realização constitui “expressão das mais acabadas de nossa técnica”²⁰.

Desconsiderando-se os superlativos, a crítica de Ferraz é pertinente, porquanto reafirma a importância da Maternidade Universitária na trajetória profissional de Rino Levi. Tal questão, aponte-se, não é observada por Mindlin (1956) nem por Leonardo Benevolo (1960), apenas para comparar diferentes abordagens do projeto. Mindlin publica o Hospital do Câncer, possivelmente por ter sido o projeto executado. Benevolo cita a contribuição de Rino Levi para a afirmação do moderno brasileiro sem descrever ou ao menos mencionar qualquer obra do arquiteto.

OBRA SELECIONADA 4

FACULDADE DE MEDICINA

OBRA EXPOSTA NA I EIA, 1951,
CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

DADOS DO PROJETO

localização Avenida Professor Moraes Rego, s/nº

bairro / cidade Engenho do Meio / Recife PE

autor do projeto MARIO RUSSO

data do projeto 1950 [segundo a ficha de inscrição]

construção Construtora Moraes Rego

SÍNTESE DESCRITIVA

Trata-se da primeira unidade projetada na Cidade Universitária. A Faculdade de Medicina constitui o núcleo central do setor médico, complementado pelo Hospital de Clínicas e pelas escolas de Odontologia, Farmácia e Enfermagem. O programa se desenvolve em seis prismas de volumetrias quase idênticas, organizados a partir de células-tipo e articulados segundo afinidades funcionais. Quatro blocos são dedicados aos núcleos de ensino e conformam um eixo paralelo aos limites do campus. Os restantes abrigam a administração e os setores de convivência estudantil, e são implantados de modo que conformem uma grande praça ajardinada. A conexão entre os blocos é feita por meio de circulações avarandadas, com o objetivo de proporcionar maior sensação de conforto aos usuários.

SOLUÇÕES PROJETUAIS

forças do lugar

A Cidade Universitária do Recife é uma gleba de 156 hectares situada na franja urbana da capital pernambucana. Conta, na época da implantação do projeto, com duas vias de aproximação: a Avenida Caxangá, artéria de ligação com o centro do Recife, e a Quarta Perimetral, acesso para Olin-da. O prolongamento da primeira cria o principal elemento de acesso e distribuição dos setores do campus, articulados por core central onde são implantados a Reitoria e os edifícios da Biblioteca, Museu e Teatro.

22

Mario Russo.
Faculdade de
Medicina.
Perspectiva

23

Mario Russo.
Universidade de Recife.
Vista da maquete

resposta ao terreno

A distribuição das unidades em setores agrupados por afinidades funcionais constitui o principal elemento de definição da proposta urbanística da Cidade Universitária. Em cada setor, os edifícios são implantados de modo que garantam adequadas condições de insolação e ventilação. Com base nesses critérios, os blocos que compõem a Faculdade de Medicina possuem aberturas voltadas para o nascente e corredores voltados para o poente.

estratégia de projeto

A subdivisão do conjunto em blocos semi-independentes, na concepção de Mario Russo, obedece a um princípio de modulação capaz de promover maior rapidez na construção, além de conferir um aspecto uniforme entre todas as partes da composição. A procura pela racionalidade comparece não apenas na solução estrutural, mas na repetição das células-tipo das especialidades médicas e na padronização dos materiais de acabamento.

zonas espaciais

A Faculdade de Medicina reúne 14 cadeiras básicas agrupadas de acordo com afinidades didáticas em seis blocos semi-independentes, articulados por circulações avarandadas. Quatro blocos dedicam-se ao ensino de especialidades médicas, dois outros abrigam o setor administrativo e o de convivência estudantil. Cada célula-tipo que compõe os setores de ensino possui salas de aula teóricas e laboratórios práticos, um de uso dos estudantes e outro reservado ao corpo docente.

tratamento de fachadas

A obediência aos elementos do programa, bem como aos parâmetros climáticos, determina a adoção de princípios compositivos pautados pela padronização do desenho das aberturas. Na face leste, os caixilhos são alinhados de modo que criem um ritmo horizontal contínuo, interrompido em intervalos regulares pela marcação da estrutura. Na face oposta, o ritmo das fachadas é determinado por passagens cobertas, rampas e pátios internos, com maior movimentação de planos. Nas faces norte e sul predominam os planos cheios, interrompidos por pequenas aberturas e por elementos vazados que recobrem grandes extensões de área.

tratamento paisagístico

A subdivisão do conjunto em blocos semi-independentes conforma pátios sombreados, transformando-os em agradáveis locais para encontro de professores e estudantes. É possível que Mario Russo tenha desenvolvido um estudo paisagístico para o local, mas sua existência não se confirma nas fontes examinadas.

24
Mario Russo.
Hospital de Clínicas.
Elevação

RECEPÇÃO: SIGNIFICADO E CONTEXTO

A consulta aos volumes do *Índice de arquitetura brasileira* e do *Art index* dos anos 1950 aponta a existência de dois artigos publicados sobre a Faculdade de Medicina nas revistas *Acrópole* e *Arquitetura e engenharia*. A tônica das reportagens privilegia a abordagem urbanística, em detrimento da obra aqui analisada. O foco das revistas é compreensível, considerando-se o interesse despertado pela implantação de centros universitários em diversas cidades brasileiras, entre os quais se inscrevem os campi de Belo Horizonte, São Carlos e Rio de Janeiro.

Em 1953, *Arquitetura e engenharia* insere, na seção Atualidades, a obra desenvolvida para a Universidade do Recife, sem mencionar sua exibição na I EIA. O engenheiro Luiz Hildebrando Horta Barboza, chefe do Escritório Técnico da Cidade Universitária do Rio de Janeiro, assina a matéria. Sem estabelecer comparações com o campus carioca, elaborado por Jorge Moreira, Barboza tece considerações elogiosas ao empreendimento pernambucano. Descreve as condições físicas do campus, a capacidade de atendimento da universidade e o programa da Faculdade de Medicina, salientando a distribuição das atividades e as soluções empregadas para otimizar o conforto térmico.

Em 1956, *Acrópole* publica, como matéria de capa da edição de número 213, o projeto da Cidade Universitária do Recife. O artigo aponta o contexto de inserção da universidade e descreve em pormenores o local de implantação e a concepção urbanística que norteia o sistema viário e o zoneamento proposto. Um mapa de localização e uma maquete do campus ilustram a introdução da reportagem, que também não menciona a exibição do projeto na bienal paulistana. Em seguida, são analisados com farto material iconográfico os projetos da Escola de Engenharia, da Faculdade de Medicina, do Hospital de Clínicas e do Instituto de Antibióticos, sem precisar as datas dos projetos. A análise da Faculdade de Medicina ocupa três páginas do artigo, sendo destacadas a unidade arquitetônica do conjunto e a distribuição do programa em blocos semi-independentes.

As qualidades exaltadas pelos periódicos brasileiros não sensibilizam os editores das revistas internacionais e os autores dos manuais de arquitetura, que ignoram a obra de Mario Russo durante toda a década de 1950. Henrique Mindlin tampouco aborda a Cidade Universitária e a Faculdade de Medicina em seu *Modern architecture in Brazil*, fato que representa um golpe para a divulgação e o reconhecimento das particularidades da obra, especialmente no ambiente local.

25 e 26

Mario Russo.

Faculdade de Medicina.

Vistas dos corredores
de circulação

27
Mario Russo.
Faculdade de
Medicina.
Vista interna

A ausência de Mario Russo nos manuais publicados na década de 1950 merece comentários adicionais. Talvez possa ser atribuída ao pouco interesse no reconhecimento de um imigrante radicado em localidade pouco enfatizada pela crítica estabelecida no Sudeste, centro das decisões políticas e financeiras naquele momento. Pode ainda ser decorrente da indiferença dos críticos com o rigor metodológico de suas composições, pouco afeitas ao empirismo que caracteriza o processo criativo de muitos arquitetos premiados na primeira bienal paulistana.

A análise comparativa entre a Maternidade Universitária de Rino Levi e a Faculdade de Medicina de Mario Russo sinaliza similaridades que ultrapassam a vinculação ao ambiente universitário. Revelam similar entendimento da importância do programa. Manifestam preocupação com o estudo das áreas mínimas para cada atividade, sua setorização e acessibilidade. Expressam um ideário arquitetônico cuja raiz advém do racionalismo italiano.

Por que, então, Mario Russo é obliterado pela crítica dos anos 1950?

Ainda que não se considerem as soluções do arquiteto italiano, sua obra deveria ocupar um lugar mais apropriado na crítica arquitetônica, ao menos em consideração ao papel exercido no ensino universitário, essencial para o entendimento do panorama arquitetônico do Nordeste brasileiro. A revisão da historiografia consolidada constitui o cerne de recentes pesquisas. É tema da dissertação *Mario Russo: um arquiteto racionalista italiano em Recife*, de Renata Campello Cabral, defendida em 2003 na EESC/USP. A pesquisa, orientada pelo professor doutor Renato Anelli, certamente contribui para reavaliar a contribuição do arquiteto italiano para a arquitetura brasileira.

II EIA

O exame das fichas de inscrição localizadas no Arquivo Histórico Wanda Svevo, em confronto com o *Catálogo geral da II Bienal do MAM/SP*, indica a remessa de 52 projetos para julgamento, dos quais 18 são recusados. De um total de 34 projetos aceitos, a Praça Salgado Filho (1952), de Roberto Burle Marx, é retirada da mostra por não contar com as pranchas finalizadas²¹.

O levantamento no *Índice de arquitetura brasileira* e no *Art index* internacional aponta a existência de 79 artigos publicados sobre o conjunto de projetos inscritos. Desse total, 13 matérias abordam as cinco obras premiadas e 15 outras enfocam as 18 recusas, perfazendo médias de 2,6 e 0,83 artigos para cada obra laureada ou preterida, respectivamente. O aparente interesse pelas obras excluídas pode ser questionado, na medida em que são remetidos projetos expostos na I EIA, fato a sinalizar a presença, entre os recusados, de realizações já conhecidas no meio.

Além disso, a tabela 4.2 não inclui arquitetos cujas obras tenham sido recusadas em sua totalidade, mas tão-somente realizações de autores aceitos, ainda que parcialmente, pelo Júri de Seleção. Não foram localizados, nos arquivos consultados, documentos comprobatórios dessa possibilidade. Mas na eventual existência de outros projetos recusados na II EIA, é bastante provável que seus autores não tenham despertado a mesma atenção dos centros de documentação, tampouco as páginas dos noticiários, quando comparados aos arquitetos aceitos e/ou premiados.

A recepção dos projetos expostos indica maior evidência das realizações habitacionais, especialmente para alguns exemplares assinados por arquitetos cariocas. Sérgio Bernardes amalha com apenas três projetos 14 artigos, seis deles referentes à Residência Jadir de Souza (1951), e seis outros dedicados à Residência Maria Carlota Macedo Soares (c.1951), vencedor da categoria 12 – Prêmio para Jovem Arquiteto. A Residência do Arquiteto (c.1951), posteriormente conhecida como Casa das Canoas, de Oscar Niemeyer, é outro destaque dos periódicos, com cinco entradas, apesar de não levar o prêmio da categoria habitacional, atribuído a Philip Johnson, autor da Residência Richard Hodgson (1951).

Arnaldo Furquim Paoliello exhibe nas duas primeiras edições das bienais residências publicadas em revistas nacionais e estrangeiros. Na segunda EIA Paoliello inscreve quatro projetos, três deles apresentados na mostra anterior. O Júri de Seleção exclui, entre duas obras recusadas, seu projeto de maior repercussão na década de 1950: a Residência Domingos Pires de Oliveira Dias, abordada em diversos artigos e no manual de Henrique Mindlin (1956).

O Edifício Antonio Ceppas (1952), de Jorge Machado Moreira, recebe Menção Honrosa na categoria 2 – Habitação Coletiva. Possivelmente motivada pela láurea, a crítica dá atenção à obra, que integra o

catálogo *Latin American architecture since 1955*, de Henri Russel Hitchcock (1955), e a publicação de Mindlin (1956). Ressalte-se que Moreira conquista também o prêmio da categoria 9 – Hospitais, apresentando o Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil (1953), cuja abordagem revela equivalente interesse entre autores nacionais e estrangeiros²².

Apesar das conquistas, Jorge Machado Moreira não compartilha a mesma atenção recebida por Oscar Niemeyer, que exibe a Casa das Canoas, o Clube em Diamantina (1951) e o emblemático projeto do Parque Ibirapuera, palco das comemorações do IV Centenário de São Paulo, cuja repercussão nas revistas, sozinha, ultrapassa o somatório das obras de Moreira. A Ata Oficial do Júri, ao comentar os destaques da II EIA, faz referência ao caráter *hors-concours* do Parque Ibirapuera, justificando a não-concessão de prêmios por estar relacionado o projeto à organização do próprio júri.

Em contrapartida, o documento desconsidera a não-concessão de láureas nas categorias 8 (Edifícios Públicos) e 11 (Problemas Urbanísticos), nas quais poderiam ser atribuídas distinções a qualquer edifício que compõe o Centro Cívico de Curitiba (1952-1953), a saber: a Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, de Olavo Redig de Campos, o Edifício das Secretarias de Estado, de Sérgio Rodrigues, o Conjunto da Justiça, de Flávio Amílcar Régis, e o Palácio do Governo, de David Xavier Azambuja, também coordenador do plano urbanístico.

A análise comparativa entre o Parque Ibirapuera e o Centro Cívico de Curitiba constitui o foco de análise de projetos expostos na II EIA. A escolha não poderia ser mais apropriada, pois, além de confrontar realizações de incontestável impacto no cotidiano das cidades, problematiza o papel dos projetos para a construção de uma monumentalidade progressista e arrojada. E ainda, de quebra, permite lançar o foco de análise para os edifícios do Centro Cívico de Curitiba, pouco abordados pelos estudiosos da arquitetura brasileira.

tabela 4.2 II EIA – 1953-1954

	CATEGORIA	ARQUITETO (A) (OS) (AS)	OBRA / LOCAL / DATA DO PROJETO	INSERÇÃO EM PERIÓDICOS 1951-54 1953-56 1957-60	INSERÇÃO NOS MANUAIS 1951-4 1955-60
140	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Amaldo Furquim Paoliello	Residência do Arquiteto São Paulo SP – 1950	<i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 29, 1954	Mindlin [1956: 251]
141	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Amaldo Furquim Paoliello	Residência Gilberto Pires de Oliveira São Paulo SP – 1952	<i>Acrópole</i> [187]: 308-10, abr. 1954	
142	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Galiano Ciampaglia Miguel Forte	Residência Unifamiliar São Paulo SP – 1953		
143	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Oscar Niemeyer	Residência do Arquiteto [Casa das Canoas] Rio de Janeiro DF -	<i>Architectural review</i> [116]: 214, 248-9, out. 1954 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [25]: 2-3, jan. 1954 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 24-7, 1954 <i>Habitat</i> [18]: 12-6, set.-out. 1954 <i>Módulo</i> [2]: 40-2, ago. 1955	Benevolo [1960] in 1998: 714 Hitchcock [1955: 168-171] Mindlin [1956: 66-7; 251]
144	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Paulo Antunes Ribeiro	Residência Ernesto Waller Rio de Janeiro DF – 1953	<i>Architectural review</i> [116]: 250, out. 1954 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [24]:62-3, jan. 1953	Mindlin [1956: 76-7; 246]
145	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Paulo Candiota Bela Torok (colaborador) Lucio Costa (colaborador)	Residência do Arquiteto [Paulo Candiota] Rio de Janeiro DF – 1951	<i>Acrópole</i> [196]: 173-5, jan. 1955	
146	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Sérgio Bernardes	Residência Jadir de Souza Rio de Janeiro DF – 1951	<i>Architectural review</i> [115]: 166-7, mar. 1954 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 91 ago. 1952 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [25]: 6, jan. 1954 <i>AD Arquitetura e decoração</i> [8]: nov./dez. 1954 <i>Arquitetura e engenharia</i> [29]: 28-31, jan./fev. 1954 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 18-20, 1954 <i>Habitat</i> [20]: 26-8, jan./fev. 1955	Hitchcock [1955: 176-7] Mindlin [1956:44-5; 246]
147	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Sérgio Bernardes	Residência Paulo Sampaio Petrópolis RJ – 1953	<i>Arquitetura e engenharia</i> [29]: 34-6, jan./fev. 1954 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 17, 1954	Mindlin [1956: 246]
148	HABITAÇÃO COLETIVA	Abelardo de Souza	Conjunto Residencial em Perdizes São Paulo SP – 1952	<i>Acrópole</i> [184]: 174, jan. 1954 <i>Acrópole</i> [200]: 366-7, jun. 1955 <i>Arquitetura e engenharia</i> [31]: 52-3, mai./jun. 1954	Mindlin [1956: 253]
149	HABITAÇÃO COLETIVA	Giancarlo Palanti	Edifício Residencial São Paulo SP – 1950/1952	<i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 28, 1954 <i>Domus</i> [] março 1953 <i>Habitat</i> [10]: 19-22, 1953	Mindlin [1956: 251]
150	HABITAÇÃO COLETIVA	Gregori Warchavchik	Edifício Residencial São Paulo SP – 1940	<i>Acrópole</i> [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto] <i>Habitat</i> [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]	Mindlin [1956: 86; 254]
151	HABITAÇÃO COLETIVA	Lucjan Korngold	Edifício São Vicente de Paulo São Paulo SP – 1952	<i>Acrópole</i> [187]: 305-7, abr. 1954	Mindlin [1956: 249]
152	HABITAÇÃO COLETIVA	Plínio Croce Roberto Cláudio Aflalo	Edifício Biacã São Paulo SP – 1952	<i>Acrópole</i> [158]: 66-8, jun. 1951 <i>Acrópole</i> [188]: 351-3, mai. 1954	Mindlin [1956: 102-3; 246; 248]
153	USO RELIGIOSO	Jacob Maurício Ruchti	Igreja da Santíssima Trindade São Paulo SP 1953		
154	USO ESPORTIVO	Ícaro de Castro Mello	Piscina Coberta São Paulo SP - 1953	<i>Acrópole</i> [184]: 188, jan. 1954 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 106, ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [17]: 32-4, mai./jun.1951 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 30-1, 1954 <i>Habitat</i> [11]: 4-6, jun. 1953	Hitchcock [1955: 100-1] Mindlin [1956: 176-7; 247]
155	USO ESPORTIVO	Oscar Niemeyer	Clube em Diamantina Diamantina MG		Mindlin [1956: 18; 251]
156	FINS COMERCIAIS	Jules Rutishauser	Edifício Administrativo da CIBA São Paulo SP 1952/1953		
157	FINS COMERCIAIS	Lauro da Costa Lima	Edifício Gessy São Paulo SP – 1952		
158	FINS INDUSTRIAIS	Carlos Gonzalez Lack Luiz Contrucci	Moinho para Trigo São Paulo SP – 1952		
159	EDIFÍCIO PÚBLICO	David Xavier Azambuja Flavio Amílcar Regis Olavo Redig de Campos Sérgio Rodrigues	Centro Cívico de Curitiba Curitiba PR	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 48 ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [27]: 7, jul./set. 1953 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [1]: 29, ago./set. 1953	Mindlin [1956:16; 246; 252; 253]
160	EDIFÍCIO PÚBLICO	David Xavier Azambuja	Palácio do Governo Curitiba PR – 1952/1953	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 48 ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [27]: 7, jul./set. 1953 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [1]: 29, ago./set. 1953	Mindlin [1956:16; 246]
161	EDIFÍCIO PÚBLICO	Flavio Amílcar Regis	Conjunto da Justiça Curitiba PR – 1952/1953	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 48 ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [27]: 7, jul./set. 1953 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [1]: 29, ago./set. 1953	Mindlin [1956:16; 252]
162	EDIFÍCIO PÚBLICO	Olavo Redig de Campos	Assembleia Legislativa do Estado do Paraná Curitiba PR – 1952/1953	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 48 ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [27]: 7, jul./set. 1953 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [1]: 29, ago./set. 1953	Mindlin [1956:16; 252]
163	EDIFÍCIO PÚBLICO	Sérgio Rodrigues	Edifício das Secretarias de Estado Curitiba PR – 1952/1953	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 48 ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [27]: 7, jul./set. 1953 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [1]: 29, ago./set. 1953	Mindlin [1956:16; 253]
164	EDIFÍCIO PÚBLICO	Oscar Niemeyer Eduardo Kneese de Mello (col.) Helio Uchoa Cavalcanti (col.) Zenon Lotufo (col.)	Exposição do IV Centenário Parque Ibirapuera São Paulo SP	<i>Acrópole</i> [185]: 210-8, fev. 1954; <i>Acrópole</i> [191]: 493-7, ago. 1954; <i>Acrópole</i> [193]: 54-7, out. 1954 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 91 ago. 1952 <i>Arquitetura e engenharia</i> [28]:7, out. 1953 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [2/3]: 49-62, nov./dez. 1953/jan. 1954 <i>Habitat</i> [16]: 20-7, mai./jun. 1954; <i>Habitat</i> [18]: 77-98, set./out. 1954; <i>Habitat</i> [19]: 87-106, nov./dez. 1954 <i>Módulo</i> [1]: 18-31, mar. 1955 <i>Werk</i> [40]: 250 ago. 1953	Benevolo [1960] in 1998: 714 Mindlin [1956: 184-192; 248; 249; 250; 251]
165	HOSPITAIS	Firmino Fernandes Saldanha	Hospital dos Marítimos Rio de Janeiro DF – 1951/1953		Mindlin [1956: 158-9; 253]
166	ESCOLAS	Eduardo Corona	Ginásio da Penha São Paulo SP – 1953	<i>AD Arquitetura e decoração</i> [3]: dez 1953/jan. 1954 <i>Habitat</i> [13]: 19-21, dez. 1953	Mindlin [1956: 138-9; 247]
167	ESCOLAS	Oscar Valdetaro Torres de Mello Roberto Nadalutti	Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais Rio de Janeiro DF – 1951	<i>Arquitetura e engenharia</i> [16]: 27-33, mar./abr. 1951	
168	OBRA RECUSADA	Amaldo Furquim Paoliello	Residência José Pires de Oliveira Dias São Paulo SP – 1951	<i>Acrópole</i> [166]: 358-9, fev. 1952 <i>Habitat</i> [22]: 27-9, mai./jun. 1955	
169	OBRA RECUSADA	Amaldo Furquim Paoliello	Residência Domingos Pires de Oliveira Dias São Paulo SP – 1952	<i>Acrópole</i> [164]: 279-81, dez 1951 <i>Acrópole</i> [181]: 493-5, 1953 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [28]: XXV, set 1957 <i>AD Arquitetura e decoração</i> [5]: mai./jun. 1954 <i>Arquitetura e engenharia</i> [32]: 8-10, jul./set. 1954 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 29, 1954	Mindlin [1956: 52-3; 251]
170	OBRA RECUSADA	Eduardo Corona Roberto Tibau	Residência Rodolfo Mesquita Sampaio São Paulo SP – 1952	<i>Acrópole</i> [184]: 197, jan. 1954 <i>Arquitetura e engenharia</i> [18]: 48-9, jul./set. 1951 <i>Habitat</i> [5]: 50-1, 1951	
171	OBRA RECUSADA	Gregori Warchavchik	Residência Raul Crespi Guanjá SP - 1950	<i>Acrópole</i> [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto] <i>Arquitetura e engenharia</i> [16]: 34-5, mar./abr. 1951 <i>Habitat</i> [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]	Mindlin [1956: 24-5; 254]
172	OBRA RECUSADA	Gregori Warchavchik	Residência Unifamiliar de Veraneio Guanjá SP – 1949	<i>Habitat</i> [2]: 17-8, jan./mar. 1951	
173	OBRA RECUSADA	Ícaro de Castro Mello	Residência do Arquiteto São Paulo SP – 1952	<i>Acrópole</i> [167/8]: 396-8, mar./abr. 1952 <i>AD Arquitetura e decoração</i> [2]: 4 págs. s/n. out./nov.1953	
174	OBRA RECUSADA	Lucjan Korngold	Residência Unifamiliar São Paulo SP – 1952		
175	OBRA RECUSADA	Luiz Contrucci Carlos Gonzalez Lack	Residência Unifamiliar São Paulo SP – 1952		
176	OBRA RECUSADA	Olavo Redig de Campos	Residência Geraldo Baptista Petrópolis RJ – s.d.	<i>Acrópole</i> [208]: 137-9, fev. 1956 <i>Habitat</i> [25]: 56-7, dez. 1955	Mindlin [1956: 72-3; 252]
177	OBRA RECUSADA	Lauro da Costa Lima	Edifício Inajá São Paulo SP – 1950/1951		
178	OBRA RECUSADA	Lauro da Costa Lima	Edifício Indaiá São Vicente SP – 1950/1951	<i>Acrópole</i> [193]: 6-9, out. 1954	
179	OBRA RECUSADA	Olavo Redig de Campos	Edifício DD [Dois de Dezembro] Rio de Janeiro DF – s.d.		
180	OBRA RECUSADA	Flavio Amílcar Regis	Edifício A São Paulo Salvador BA – 1952/1953	<i>Arquitetura e engenharia</i> [35]: 8-11 abr./jun. 1955	Mindlin [1956: 252]
181	OBRA RECUSADA	Lucjan Korngold	Edifício CBI Esplanada São Paulo SP - 1951	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 35-7, ago. 1952	Hitchcock [1955: 194] Mindlin [1956: 12; 249]
182	OBRA RECUSADA	Paulo Antunes Ribeiro	Banco da Bahia Salvador BA – 1951	<i>Architecture d´aujourd´hui</i> [25]: 42-3, jan 1954 <i>Arquitetura e engenharia</i> [30]: 44-51, mar./abr. 1954	Mindlin [1956:246]
183	OBRA RECUSADA	Paulo Antunes Ribeiro	Oficinas Gastal Rio de Janeiro DF – 1953	<i>Acrópole</i> [219]: 83-5, jan. 1957 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [27]: 164-5, out. 1956 <i>Arquitetura e engenharia</i> [31]: 34-5, mai./jun. 1954	
184	OBRA RECUSADA	Eduardo Corona	Parque Infantil [Escola Miss Browne] São Paulo SP – 1951	<i>Habitat</i> [4]: 14-6, 1951	
185	OBRA RECUSADA	Daniele Calabi Giancarlo Palanti	Orfanato Liga das Senhoras Católicas São Paulo SP – 1949/1953		Mindlin [1956: 15; 247; 251]
186	OBRA RETIRADA PELO AUTOR	Roberto Burle Marx	Jardim do Aeroporto Santos Dumont Rio de Janeiro DF – 1952	<i>Acrópole</i> [187]: 326-7, abr. 1954 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [25]: 33, jan./fev. 1954	Benevolo [1960] in 1998: 714 Hitchcock [1955: 35] Mindlin [1956: 247]
187	MENÇÃO HABITAÇÃO COLETIVA	Jorge Machado Moreira	Edifício Antonio Ceppas Rio de Janeiro DF – 1952	<i>Architectural review</i> [120]: 168-71, set. 1956 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [23]: 36-7, nov. 1952 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 10-3, 1954	Hitchcock [1955: 84-7] Mindlin [1956: 100-1; 251]
188	OBRA PREMIADA HOSPITAIS	Jorge Machado Moreira	Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil Rio de Janeiro DF – 1953	<i>Architectural review</i> [116]: 242, out. 1954 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [25]: 72-5, mar. 1954; <i>Arquitetura e engenharia</i> [21]: 24-42, mar./mai. 1952 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 2-9, 1954 <i>Habitat</i> [15]: 2-28, mar./abr. 1954	Hitchcock [1955: 84-7] Mindlin [1956: 148-53; 251; 252; 253]
189	OBRA PREMIADA PROBLEMAS VÁRIOS	Roberto Burle Marx	Residência Odete Monteiro Petrópolis RJ – 1946/1947	<i>Acrópole</i> [187]: 326-7, abr. 1954 <i>Habitat</i> [36]: 12-24, nov. 1956 [individualidades]	Benevolo [1960] in 1998: 713 Hitchcock [1955: 33] Mindlin [1956: 240-1; 247]
190	OBRA PREMIADA PROBLEMAS VÁRIOS	Roberto Burle Marx	Residência Walter Moreira Salles Rio de Janeiro DF – 1948	<i>Habitat</i> [6]: 56-63, 1952	Mindlin [1956: 47-9]
191	OBRA PREMIADA PRÊMIO PARA JOVEM ARQUITETO	Sérgio Bernardes	Residência Maria Carlota Macedo Soares Petrópolis RJ – s.d.	<i>AD Arquitetura e decoração</i> [9]: jan./fev. 1954 <i>Architectural review</i> [115]: 162-3, mar. 1954 <i>Architecture d´aujourd´hui</i> [24]: 99, out. 1953 <i>Arquitetura e engenharia</i> [29]: nov./dez. 1954 <i>Brasil arquitetura contemporânea</i> [4]: 14-6, 1954 <i>Habitat</i> [7]: 11; 14-5, jan.-fev. 1955	Mindlin [1956:56-7; 246]

OBRA SELECIONADA 5

PARQUE IBIRAPUERA – EXPOSIÇÃO DO IV CENTENÁRIO

OBRA EXPOSTA NA II EIA, 1953-1954,
CATEGORIA 8 EDIFÍCIO PÚBLICO

DADOS DO PROJETO

localização Avenida Pedro Álvares Cabral, s/nº
bairro / cidade Vila Mariana / São Paulo SP
autor do projeto OSCAR NIEMEYER
equipe EDUARDO KNEESE DE MELLO,
HELIO UCHOA CAVALCANTI e ZENON LOTUFO
colaboração CARLOS LEMOS e GAUSS
ESTELITA [não indicados na ficha de inscrição]
cálculo estrutural JOAQUIM CARDOZO
paisagismo ROBERTO BURLE MARX /
OTAVIO AUGUSTO TEIXEIRA MENDES
data da construção 1953
[segundo a ficha de inscrição]
construção Escritório de Construções e En-
genharia Ecel [Grande Marquise], Sociedade
de Engenharia e Construções Secla [Palácio
das Indústrias], Construtora Martins-Engel
[Palácio das Nações], Sociedade Nacional
de Engenharia [Palácio dos Estados], Con-
strutora Anchieta [Pavilhão da Agricultura],
Construtora Monteiro, Wiederowitz & Monte-
iro [Pavilhão de Exposições] e Escavax Terra-
plenagem Mecânica [urbanização]

SÍNTESE DESCRITIVA

O Parque Ibirapuera é concebido como a principal sede dos festejos comemorativos do quarto centenário da cidade de São Paulo, implantado em várzea anteriormente ocupada por pastagens, nas proximidades do Matadouro Municipal da Vila Mariana. O programa prevê a construção de diversos edifícios destinados a feiras e exposições, interligados por passeio coberto. Do conjunto original são edificadas os Palácios das Nações, dos Estados e das Indústrias, abrigados em prismas regulares de base retangular, e o Palácio das Artes, sob casca esférica de concreto. O Auditório Ibirapuera seria inaugurado após cinco décadas, em versão alternativa de projeto, elaborada por Oscar Niemeyer. O paisagismo do parque, originalmente designado a Roberto Burle Marx, é desenvolvido por Otávio Augusto Teixeira Mendes.

SOLUÇÕES PROJETUAIS

forças do lugar

A preexistência de um viveiro municipal de plantas, criado por Manequinho Lopes, a passagem do Córrego Sapateiro e a presença de alagadiços constituem os principais condicionantes para o estabelecimento do projeto. A conformação de eixos visuais gerados pelo prolongamento da Avenida Bra-

28 e 29

Oscar Niemeyer e equipe.
Parque Ibirapuera.
Maquete e vista aérea,
2007

30

Oscar Niemeyer e equipe.
Parque Ibirapuera.
Estudo para rampa
de acesso, c.1952

sil e pela criação de uma nova via de ligação com a área central também são importantes elementos de estruturação do plano, não apenas para o parque, como também para a configuração de marcos urbanos nas vias periféricas, sobre as quais são implantados o Monumento às

Bandeiras, para celebrar a expansão territorial do país, e o Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista, para preservar a memória da Revolução Constitucionalista de 1932.

resposta ao terreno

Para atender ao programa de obras imposto pela Comissão do IV Centenário, presidida por Cicillo Matarazzo, Oscar Niemeyer distribui em torno de uma marquise de conformação sinuosa três blocos concebidos para abrigar feiras de amostras e exposições artísticas, entre as quais a II Bienal do MAM/SP. O acesso principal do conjunto feito por plataforma elevada implantada em uma das extremidades do passeio coberto, cujo alinhamento coincide com o prolongamento do bulevar idealizado para ligar o Parque Ibirapuera ao Vale do Anhangabaú.

estratégia do projeto

A criação de um conjunto de forte impacto visual, pautado pelo arrojo e pela monumentalidade das formas, constitui a principal estratégia de projeto. Para tanto, a implantação dos blocos obedece a uma demarcação capaz de organizar a leitura da paisagem, conferindo destaque para a pureza geométrica dos volumes.

zonas espaciais

As características geomorfológicas do sítio, o represamento do Córrego Sapateiro e a valorização dos eixos viários determinam a conformação de três grandes núcleos funcionais. O primeiro corresponde ao conjunto de edifícios articulados pela marquise, na porção nordeste do terreno. O segundo corresponde grande extensão de área situada em torno do lago artificial. O terceiro, de arborização mais adensada, possui utilização desportiva e localiza-se na extremidade sul da gleba, nos limites com a Rua França Pinto, no trecho posteriormente denominado Avenida IV Centenário.

31

Oscar Niemeyer e equipe.
Parque Ibirapuera.
Vista da marquise, c.1954

tratamento de fachadas

A sugestão de fluidez do passeio coberto, associada transparência no tratamento dos pavilhões implantados em suas extremidades, coloca-se como o principal elemento de definição de tratamento das fachadas. Para atenuar a incidência de raios solares nos pavilhões, seus pavimentos térreos são recuados. Nos pisos superiores dos blocos, são empregados elementos de proteção solar horizontais ou verticais, fixos ou móveis, sobre grandes panos de vidro. Mas, ainda assim, tais elementos de proteção não são capazes de bloquear a incidência solar direta e eliminar a existência de reflexos, fatores que comprometem a utilização dos espaços para a exibição de trabalhos artísticos.

tratamento paisagístico

Elaborada por Roberto Burle Marx, a concepção paisagística do Parque Ibirapuera prevê a utilização de composições murais e esculturas, além da adoção de caminhos suspensos de trajetórias espiraladas. A associação entre os elementos torna possível a apreciação do conjunto desde um ângulo de visão panóptico, capaz de ressaltar o valor cromático dos canteiros.

Com o desligamento de Roberto Burle Marx do projeto, o tratamento paisagístico é desenvolvido por Otávio Augusto Teixeira Mendes, conservando-se parte das diretrizes gerais do plano originalmente proposto.

32

Roberto Burle Marx.
Parque Ibirapuera.
Estudo para paisagismo,
c.1954

RECEPÇÃO: SIGNIFICADO E CONTEXTO

A indicação de Oscar Niemeyer para projetar o Parque Ibirapuera, dando fim a um longo processo de discussões em torno da destinação da então denominada “Invernada dos Bombeiros”, constitui importante elemento para análise. O fato denota não apenas o reconhecimento pelas autoridades da obra de Oscar Niemeyer, como também expressa o desejo da Comissão do IV Centenário de criar um monumento emblemático, capaz de simbolizar, pelo arrojo de suas linhas, o ingresso da capital no seleto rol das metrópoles de influência internacional.

Antes da conclusão parcial das obras, a aposta na capacidade criadora de Oscar Niemeyer parece ser mais influente entre os promotores do IV Centenário do que entre os editores das revistas especializadas, tendo em vista que o Parque Ibirapuera comparece em apenas duas matérias nas revistas *Werk* e *Arquitetura e engenharia*, em agosto e outubro de 1953. A alemã *Werk* dedica um terço de página para a obra de Niemeyer. No pequeno espaço concedido, reproduz a maquete da primeira versão do projeto, com texto explicativo que menciona a equipe técnica e a vinculação da obra às festividades cívicas da capital.

Arquitetura e engenharia menciona em artigo de página inteira a realização da II Exposição Internacional de Arquitetura nas dependências do parque e fornece um breve panorama da etapa de construção dos volumes. Reproduz a segunda versão do projeto, considerando as modificações no trabalho um duro golpe para a “beleza” do conjunto.

A conclusão parcial do Parque Ibirapuera coincide com a inauguração da segunda bienal, em fins de 1953, despertando a atenção dos editores para as qualidades do projeto. Em linhas gerais, a abordagem dos periódicos associa o Parque Ibirapuera à consagração definitiva da arquitetura brasileira no panorama internacional, exaltando “a inventividade” de nossos arquitetos e a “surpreendente capacidade de renovação” de seus talentos, conforme atesta a crítica de Joaquim Cardozo publicada em *Brasil arquitetura contemporânea*, na edição de dezembro de 1953.

O artigo de 14 páginas examina em pormenores as soluções do Auditório e dos demais edifícios expositivos, ressaltando a interde-

pendência dos blocos e o papel articulador da marquise para conformar unidade ao conjunto arquitetônico. Claude Vincent avalia a concepção paisagística de Roberto Bule Marx, salientando o caráter geométrico e assimétrico dos canteiros e passeios, nos quais são empregados elementos de grande contraste cromático, cuja associação cria uma “pintura abstrata de formas livres”.

O livro *Modern architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin (1956), exalta a realização como “exemplo de planejamento harmonioso e integral de um grupo de edifícios (...) distribuídos em uma grande área dotada de adequado tratamento paisagístico”, sem problematizar as duras críticas lançadas por Max Bill quando de sua visita ao Brasil, em 1953. Mindlin tampouco aproveita a oportunidade para comentar as análises pouco elogiosas da revista inglesa *Architectural review*, em sua edição de outubro de 1954, lançada sob o tema Report on Brazil.

Possivelmente motivado pelas críticas de Max Bill, Joaquim Cardozo, no referido artigo de dezembro de 1953, adverte para os “abusos de certas invenções arbitrárias e gratuitas”, ressaltando, porém, a atividade projetual de Affonso Eduardo Reidy, dos irmãos Roberto e de Oscar Niemeyer como exemplos de intervenções “controladas e contidas dentro (...) de valores que constituem as boas normas de projetar”. Em outras palavras, legitima a abordagem formalista de expoentes já consagrados da arquitetura brasileira, sem incentivar o mesmo caminho para novos talentos.

Leonardo Benevolo pauta seu exame sobre o moderno brasileiro a partir do confronto de idéias. Para tanto, recupera os episódios referentes à passagem de Max Bill pelo Brasil e os artigos assinados por Ernesto Rogers, Hiroshi Ohye, Max Bill, Peter Craymer e Walter Gropius na revista *Architectural review*. Sem minimizar as avaliações nem sempre positivas dos críticos, Benevolo acredita que o formalismo da arquitetura brasileira surge como necessidade de representação simbólica, impondo-se como emblema de uma nova civilização que dever surgir, para além do ambiente caótico de nosso ambiente urbano.

33
Oscar Niemeyer e equipe.
Parque Ibirapuera.
Detalhe da marquise, 2007

OBRA SELECIONADA 6

CENTRO CÍVICO DE CURITIBA [CONJUNTO]

OBRA EXPOSTA NA II EIA, 1953-1954,
CATEGORIA 8 EDIFÍCIO PÚBLICO

DADOS DO PROJETO

localização Praça Nossa Senhora de Saete

bairro / cidade Centro Cívico / Curitiba PR

autor do projeto DAVID XAVIER DE AZAMBUJA
[chefe de equipe]

equipe FLÁVIO REGIS, OLAVO REDIG DE CAMPOS
E SÉRGIO RODRIGUES

paisagismo e painéis ROBERTO BURLE MARX

projeto estrutural engenheiro Homero Lopes

data do projeto 1952-1953

[segundo a ficha de inscrição]

construção Comissão Especial das Obras
do Centenário (Ceoc)

coordenação engenheiro Elato Silva

SÍNTESE DESCRITIVA

O urbanista Alfred Agache, quando da elaboração do Plano Urbano de Curitiba, na década de 1940, propôs a criação de um Centro Cívico para abrigar os principais edifícios da administração paranaense. A implementação do programa, motivada pelo centenário da emancipação política estadual, em 1953, dispõe o Palácio do Governo no centro focal da composição e os blocos da Assembléia Legislativa, das Secretarias de Estado e do Conjunto da Justiça em extremidades opostas de uma grande praça cívica, configurando um conjunto arquitetônico monumental. A circulação de veículos, canalizada para as vias periféricas, garante uso exclusivo de pedestres para a praça central, transformando-a em um dos principais símbolos do Centenário do Paran.

SOLUÇÕES PROJETUAIS

forças do lugar

As forças do lugar são determinadas pela topografia planar do sítio e pela demarcação de um eixo monumental que atravessa longitudinalmente a praça cívica e se prolonga até o centro financeiro da capital paranaense, percorrendo toda a extensão da Avenida Cândido de Abreu. Com base nesses atributos, David Azambuja e equipe distribuem os edifícios do Centro Cívico de modo que valorizem a distribuição de volumes proposta pelo Plano Agache (1943), posicionando o Palácio do Governo no fim da grande perspectiva e os demais edifícios administrativos nas extremidades laterais da gleba.

resposta ao terreno

A distribuição de blocos volumetricamente diversos ao redor de uma grande área pavimentada, capaz de acomodar grande concentração de público em datas festivas, constitui o elemento definidor da implantação do conjunto.

34

David Azambuja e equipe.
Centro Cívico de Curitiba.
Implantação

1. Palácio Iguaçu (sede do governo)
2. Residência do Governador (não construída)
3. Secretaria da Câmara dos Deputados
4. Plenário da Câmara dos Deputados
5. Comissões técnicas da Câmara dos Deputados (não construído; nos anos 1970-80 foi construído um outro edifício, anexo aos gabinetes dos Deputados)
6. Palácio das Secretarias (reduzido de 33 para 12 pavimentos e transformado em sede da Justiça)
7. Pagadoria (não construída)
8. Tribunal do Juri
9. Palácio da Justiça
10. Tribunal Eleitoral (não construído)
11. Garagem
12. Monumento (não construído)

Fonte: DUDEQUE (2003)

Tais premissas de projeto criam contrastes entre os espaços construídos e os vazios entre os blocos, conferindo ritmo e dinamismo à composição, muito além de valorizar individualmente os edifícios.

estratégia do projeto

De acordo com as fichas de inscrição localizadas na Fundação Bienal, o emprego de um sistema de dimensionamento derivado do modulator corbuseriano apontado como o principal elemento da composição. À parte os discursos expressos pelos arquitetos, a estratégia do projeto reside no tratamento plástico dos volumes, afirmando vínculos com um ideário que se faz hegemônico entre os arquitetos brasileiros no início da década de 1950. Além disso, o formalismo do conjunto proposto com o intuito de expressar arrojo e contemporaneidade, no exato momento em que se comemora o centenário de emancipação política paranaense.

zonas espaciais

As zonas espaciais são estruturadas com base na distribuição do programa de atividades, com acessos periféricos para automóveis e esplanada central exclusiva para o trânsito de pedestres, atendendo ao espírito da distribuição de volumes.

tratamento de fachadas

A observação das peculiaridades de cada quadrante de insolação define os padrões de tratamento das fachadas. O repertório de temas conjuga panos de vidro com elementos de proteção solares horizontais ou verticais, propostos conforme a necessidade, e painéis de azulejos assinados por Roberto Burle Marx, que enriquecem plasticamente o conjunto e, ao mesmo tempo, estabelecem vínculos com princípios da estética corbuseriana.

tratamento paisagístico

Levando-se em conta o material localizado nas fontes de consulta, o tratamento paisagístico reafirma o caráter monumental do empreendimento. Para tanto, a pavimentação da praça cívica, muito além de valorizar os blocos, qualifica o local como espaço de grande significação para a

35

David Azambuja e equipe.
Centro Cívico de Curitiba.
Vista da maquete

urbe. A paginação ortogonal da área central contrasta com a sinuosidade dos canteiros contíguos aos edifícios administrativos, estabelecendo diferentes hierarquias no tratamento dos passeios. Na porção norte da gleba proposto um parque de uso privativo ao Palácio do Governo e residência da autoridade máxima do executivo estadual.

RECEPÇÃO: SIGNIFICADO E CONTEXTO

A construção do Centro Cívico de Curitiba, independentemente da expressão arquitetônica de seus edifícios, constitui realização de inegável significação no panorama urbano da capital paranaense, sinalizando profundas transformações no modo de vida da então pacata cidade, que aspira a se afirmar entre os principais centros de decisão do país.

A escolha da equipe liderada por um paranaense radicado no Rio de Janeiro, professor da Faculdade Nacional de Arquitetura, reforça as pretensões da iniciativa, valorizando o talento de um expoente nativo no quadro da arquitetura moderna brasileira. Por outro lado, o arrojo de seus edifícios vincula o empreendimento aos valores mais avançados do período, em termos técnicos e estéticos, muito além de promover publicamente seus promotores.

Os esforços da iniciativa logram alcançar os resultados imaginados: a obra reproduzida em revistas nacionais e estrangeiras antes mesmo de ser exposta na II EIA. A primeira publicação a abordar o conjunto a francesa *Architecture d'aujourd'hui*, em agosto de 1952. O artigo examina, em breves linhas, o contexto de implantação do projeto, o desenvolvimento do programa e as soluções arquitetônicas de cada edifício, considerando a utilização do modutor um instrumento de grande ajuda para a obtenção de unidade do conjunto. Ilustram a reportagem duas fotografias da maquete do projeto e um desenho esquemático da implantação dos blocos.

Em julho de 1953, *Arquitetura e engenharia* aborda o Centro Cívico de Curitiba. Menciona a preexistência de um plano de ocupação articulado ao eixo monumental, mas não atribui a Donald Agache a autoria do projeto urbanístico. A matéria ressalta textualmente e por meio de um detalhe fotográfico o Palácio da Justiça e o Tribunal Eleitoral, apontando a inserção de um painel de azulejos de Roberto Burle Marx no Tribunal do Júri, sem mencionar o nome do arquiteto Flávio Amilcar Regis como autor do projeto.

No mês de agosto do mesmo ano, *Brasil arquitetura contemporânea* apresenta, por meio de três reproduções fotográficas, o Monumento do Centenário do Paran, desenvolvido pelos arquitetos Flávio Amilcar Regis e Olavo Redig de Campos em parceria com os escultores Erbro Stenzer e Jos Pedroso. A matéria descreve a concepção plástica da obra e o caráter simbólico da realização no âmbito do Centro Cívico. Curiosamen-

36 e 37

David Azambuja e equipe.
Centro Cívico de Curitiba.
Palácio Iguaçu e Tribunal
de Justiça

te, porém, a reprodução da maquete do monumento não estabelece relação com os edifícios envoltórios. Trata-se, possivelmente, de obra desenvolvida posteriormente ao projeto arquitetônico dos blocos.

Apesar de ocupar relativo destaque em periódicos de grande repercussão na época de seu lançamento, quando também exposto na II EIA, o Centro Cívico de Curitiba apenas mencionado no manual de Mindlin (1956). Depois disso, nenhum outro manual ou periódico lançado nos anos 1950 aborda o empreendimento.

Tal constatação merece ser confrontada com a grande repercussão alcançada pelo Parque Ibirapuera, na crítica nacional e estrangeira. Apresentadas na mesma categoria de premiação da II EIA, as obras de Azambuja e Niemeyer são propostas com a intenção de modificar a percepção do espaço urbano, sendo a arquitetura moderna considerada um veículo para a transmissão de novos valores.

A consagração de Niemeyer, em contraposição ao ofuscamento da equipe de Azambuja, constitui interessante contraponto para as hipóteses lançadas por esta pesquisa. De um lado, sinaliza o descaso da crítica para expoentes de menor evidência. Por outro, indica maiores chances de repercussão para os projetos implantados nos centros de maior influência no país. A combinação desses fatores parece minimizar a importância da obra para a constituição da arquitetura moderna brasileira.

38

David Azambuja e equipe.
Centro Cívico de Curitiba.
Palácio Iguaçu. Vista aérea

Existiriam outros motivos capazes de justificar a ausência do Centro Cívico de Curitiba das publicações do período?

IV EIA

A última edição da competição de arquitetos nos anos 1950 acontece na quarta bienal paulistana, em 1957. Tal fato decorre da não-realização desse segmento na bienal precedente e na posterior, dedicadas respectivamente ao concurso estudantil (III EIA) e à exibição de homenagens especiais (V EIA).

O exame das fichas de inscrição localizadas no Arquivo Histórico Wanda Svevo, em confronto com o *Catálogo geral da IV Bienal do MAM/SP*, indica a remessa de 51 projetos para julgamento, dos quais seis são recusados. De um total de 45 projetos aceitos, a Residência no Morumbi (s.d.), de Abelardo de Souza, é retirada pelo autor sob a alegação de a casa não estar finalizada, de acordo com a ficha de inscrição do projeto.

O levantamento no *Índice de arquitetura brasileira* e no *Art index* internacional aponta a existência de 85 artigos publicados sobre o conjunto de projetos inscritos. Desse total, nove matérias abordam as duas obras brasileiras premiadas e quatro outras enfocam as seis recusas, perfazendo médias de 4,5 e 0,67 artigos para cada obra laureada ou preterida.

A tabela 4.3 reúne arquitetos com obras aceitas, ainda que parcialmente, pelo Júri de Seleção. Não foram localizados, nos arquivos consultados, documentos comprobatórios de outros arquitetos cujas obras tenham sido vetadas em sua totalidade. Na eventual existência de outras recusas, mais uma vez é bastante provável que seus autores não tenham despertado a mesma atenção dos centros de memória, tampouco as páginas das revistas, caso comparados aos arquitetos aceitos ou premiados.

Entre as obras selecionadas, a atenção dos críticos recai sobre os projetos de maior significação urbana, ao contrário da II EIA, caracterizada pela maior atenção concedida às residências unifamiliares, muitas das quais implantadas em zonas suburbanas ou rurais, a exemplo da Casa das Canoas e da Residência Maria Carlota Macedo Soares, mencionadas anteriormente.

O Conjunto Nacional (1956) e o Edifício Marques do Herval (1956), expostos na IV EIA, são exemplos de grande repercussão nos periódicos e de forte impacto no viver das cidades. Na mesma situação podem ser mencionados dois outros projetos de uso público, implantados em centros universitários: a Faculdade Nacional de Arquitetura (1957) e a Escola de Engenharia de São Carlos (1954).

As duas primeiras obras, implantadas no coração de São Paulo e do Rio de Janeiro, possuem afinidades que ultrapassam o coincidente interesse das revistas especializadas, com cinco artigos publicados para cada obra. Tal sintonia encontra-se presente no programa, composto de unidades habitacionais, comerciais e de serviços. Também se manifesta na relação de escala e, de certo modo, na expressão arquitetônica de suas fachadas, pautada pela horizontalidade, mas

diferenciada pela sinuosidade de planos obtida no edifício dos irmãos Roberto, em contraposição ao bloco laminar de David Libeskind, indiscutivelmente mais austero geometricamente.

A Faculdade Nacional de Arquitetura, de Jorge Moreira, é um dos dois únicos projetos brasileiros premiados na IV EIA. Sua inserção nos periódicos compartilha os mesmos indicadores alcançados pela Escola de Engenharia de São Carlos, mas sobressai por estar citada na publicação de Henrique Mindlin (1956). O primeiro grupo de análise aqui proposto confronta o bloco administrativo da Escola de Engenharia do campus São Carlos ao edifício da Faculdade Nacional de Arquitetura, porquanto embutem, em suas premissas de projeto, elementos capazes de despertar a consciência dos futuros líderes e formadores de opinião – os estudantes universitários.

A exibição do Plano Piloto de Brasília motiva uma segunda dupla de análise para este tópico. Para tanto, não poderia ser mais apropriada a comparação de Brasília com a Proposta Urbana de Angélica (1956), cuja exibição não se confirma no catálogo da IV EIA nem na ficha de inscrição localizada na Fundação Bienal. O que teria acontecido? Seleccionada ou recusada, pouco importa, a obra de Jorge Wilheim traduz, da forma exemplar, uma das mais relevantes hipóteses desta investigação, porquanto escancara o desinteresse dos periódicos e dos promotores das bienais para com a obra de um arquiteto pouco conhecido do público, em contraposição a uma obra já nascida com significação internacional.

Atente-se que a análise de Brasília e Angélica revela aspectos concordantes entre os projetos, o que tão-somente reforça os argumentos defendidos em relação ao caráter vicioso dos júris e à desatenção da crítica arquitetônica, nem sempre prontos para compreender e revelar novos valores. O número de artigos sobre as obras traduz, em parte, os argumentos antes problematizados. O Plano Piloto de Brasília, sozinho, ultrapassa o número de artigos de todos os 45 projetos selecionados na IV EIA. O desenho da nova capital, até 1960, é assunto para 99 artigos. Angélica não é citada em nenhuma revista brasileira ou estrangeira no recorte selecionado.

tabela 4.3 IV EIA – 1957 e V EIA – 1959

	CATEGORIA	ARQUITETO (A) (OS) (AS)	OBRA / LOCAL / DATA DO PROJETO	INSERÇÃO EM PERIÓDICOS 1951-61 1957-60	INSERÇÃO NOS MANUAIS 1951-6 1957-60
192	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Aldary Henrique Toledo	Residência Paulo Demoro. Araruama RJ - 1955	Módulo [7]: 28-31, fev. 1957	
193	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Carlos Frederico Ferreira	Residência de Veraneio do Arquiteto Nova Friburgo RJ - 1950	Architecture d'aujourd'hui [23]: 68, ago. 1952 Arquitetura e engenharia [28]: 48-9, set./out. 1953	Mindlin [1956: 32-3; 248]
194	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	David Libeskind	Residência José Felix Louza Goiânia GO - 1956	Acrópole [226]: 366-9, ago. 1957	
195	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	João Clodomiro de Abreu Hélio Pasta	Residência Gumercindo Camargo Jundiá SP - 1957	Bem estar [1]: 25-33, fev./mar. 1958	
196	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Jorge Alberto Mereb	Residência Unifamiliar Teresópolis RJ - 1956		
197	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Marcelo Fragelli	Residência Unifamiliar Petrópolis RJ - 1954/1955	Acrópole [240]: 546-7, out. 1958	
198	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Marcelo Fragelli	Residência Unifamiliar Rio de Janeiro DF - 1956/1957	Acrópole [236]: 400-1, jun. 1958	
199	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Miguel Forte Galiano Ciampaglia	Residência Enzo Segri. São Paulo SP - 1952	Habitat [48]: 28-35, mai./jun. 1958	
200	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Miguel Forte Galiano Ciampaglia	Residência Luiz Forte. São Paulo SP - 1952	Habitat [48]: 28-35, mai./jun. 1958	Mindlin [1956: 80-1; 247; 249]
201	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Miguel Forte Galiano Ciampaglia	Residência Unifamiliar. São Paulo SP - 1953	Habitat [48]: 28-35, mai./jun. 1958	
202	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Olavo Redig de Campos	Residência Geraldo Batista. Petrópolis RJ - 1954	Acrópole [208]: 137-9, fev. 1956 Habitat [25]: 56-7, dez. 1955	Mindlin [1956: 72-3; 252]
203	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Oswaldo Arthur Bratke	Residência Benjamin Fleider São Paulo SP - 1956	Acrópole [233]: 176-180, mar. 1958 Acrópole [233]: 197, mar. 1958	
204	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Oswaldo Arthur Bratke	Residência Oscar Americano São Paulo SP - 1954/1955	Acrópole [226]: 358-62; ago. 1957 AD Arquitetura e decoração [12]: jul. /ago. 1955; AD Arquitetura e decoração [22]: mar./abr. 1957	
205	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Roberto Cláudio Afalo Plínio Croce	Residência Unifamiliar. São Paulo SP - 1955		
206	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Rodolpho Ortenblad Filho	Residência Unifamiliar. São Paulo SP - 1954		
207	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Rodolpho Ortenblad Filho	Residência Unifamiliar de Veraneio Uchoa SP - 1957		
208	HABITAÇÃO INDIVIDUAL	Rubens Corsi	Residência Unifamiliar. Lins SP - 1955		
209	HABITAÇÃO COLETIVA	Abelardo Riedy de Souza	Edifício Três Marias. São Paulo SP - 1955	Acrópole [184]: 172-3, jan. 1954 Habitat [7]: 18-20, 1952; Habitat [30]: 62-4, mai. 1956	
210	HABITAÇÃO COLETIVA	David Libeskind	Conjunto Nacional São Paulo SP - 1956	Acrópole [222]: 208-13, abr. 1957 AD Arquitetura e decoração [13]: set./out. 1955 Architecture d'aujourd'hui [28]: 71, set. 1957 Architecture d'aujourd'hui [30]: 92-3, set. 1959 Brasil arquitetura contemporânea [12]: 17-22, 1957	Mindlin [1956: 19; 250]
211	HABITAÇÃO COLETIVA	Marcelo Fragelli Maurício Sued	Edifício Residencial. Rio de Janeiro DF - 1957	Acrópole [246]: 214-5, abr. 1959 Architecture d'aujourd'hui [31]: XXIII, jun. 1960	
212	HABITAÇÃO COLETIVA	Telesforo Giorgio Cristofani	Edifício Residencial. São Paulo SP - 1955	Acrópole [226]: 378-9, ago. 1957	
213	EDIFÍCIO PARA FINS COMERCIAIS	Francisco Bolonha	Edifício Diogo de Brito. Rio de Janeiro DF - 1955	Habitat [54]: 17-9, mai./jun. 1959	
214	EDIFÍCIO PARA FINS COMERCIAIS	Marcelo Roberto Maurício Roberto	Edifício Marquês de Herval Rio de Janeiro DF - 1956	Architecture d'aujourd'hui [27]:152-5, out. 1956 Arquitetura e engenharia [42]: 21-4, nov./dez. 1956 Brasil arquitetura contemporânea [8]: 38-44, 1956 Habitat [31]: 49-66, jun. 1956 [individualidades] Zodiac [6]: 108-117, 1960	
215	EDIFÍCIO PARA FINS COMERCIAIS	Wit Olaf Prochnik	Lojas Rosemary. Parnaíba PI - 1956	Habitat [46]: 32-3, jan./fev. 1958	
216	EDIFÍCIO PARA FINS INDUSTRIAIS	Jorge Wilhelm Rosa Kliass	Fábrica de Leite em Pó COMA. Varginha MG - 1957	Architecture d'aujourd'hui [31]: XXIII, jun. 1960	
217	EDIFÍCIO PARA FINS INDUSTRIAIS	Lucjan Korngold	Laboratórios Farmacêuticos Fontoura-Wyeth São Bernardo do Campo SP - 1955	Habitat [21]: 15-21, mar./abr. 1955 Architecture d'aujourd'hui [26]: 81-3, nov. 1955	Mindlin [1956: 222; 249]
218	EDIFÍCIO PÚBLICO	Carlos Frederico Ferreira	Conjunto Aquático da Sociedade Esportiva Palmeiras São Paulo SP - 1955/1957	Acrópole [174]: 200-5, out. 1952 Architecture d'aujourd'hui [23]: 110-1, ago. 1952	Mindlin [1956: 15; 248]
219	EDIFÍCIO PÚBLICO	Eduardo Corona Roberto Tibau Antonio Carlos Pitombo	Planetário de São Paulo São Paulo SP - 1955/1956	Acrópole [225]: 313-8, jul. 1957 Engenharia municipal [14]: 30-1, jul./set.. 1959 Habitat [21]: 8-9, mar./abr. 1955	Mindlin [1956: 247]
220	EDIFÍCIO PÚBLICO	Francisco Bolonha	Edifício para Sede de Clube Juíz de Fora MG - 1951/1957	Habitat [54]: 2-7, mai./jun. 1959	
221	EDIFÍCIO PÚBLICO	Helio Queiroz Duarte Ernest Robert Mange, Ariaki Kato e Leo Quanjí Nishikawa	Escola de Engenharia de São Carlos São Carlos SP - 1954	Acrópole [249]: 324-9, jul. 1959 Acrópole [249]: s/n, jul. 1959 [caixilhos] Acrópole [249]: s/n, jul. 1959 [cobertura] Acrópole [249]: s/n, jul. 1959 [participações padronizadas] Habitat [33]: 44-9, ago. 1956	
222	EDIFÍCIO PÚBLICO	Helio Queiroz Duarte Ernest Robert Mange, Ariaki Kato e Leo Quanjí Nishikawa	Escola Profissional Senai Anchieta São Paulo SP - 1953/1956	Acrópole [197]: 220-2, mar 1955 Bem estar [5/6]: 13, 1960 Habitat [12]: 18, 1953	Mindlin [1956: 142-3; 248]
223	EDIFÍCIO PÚBLICO	Helio Queiroz Duarte Ernest Robert Mange, Ariaki Kato e Leo Quanjí Nishikawa	Internato do Senai Campinas Campinas SP - 1953/1956	Acrópole [197]: 217-8, mar. 1955 Bem estar [5/6]:14, mai./jun. 1960	Mindlin [1956: 248]
224	EDIFÍCIO PÚBLICO	Ícaro de Castro Mello	Ginásio de Bauru. Bauru SP - 1956/1957	Acrópole [177]: 321-3, 1953; Acrópole [223]: 239-41, mai. 1957 Architecture d'aujourd'hui [29]: 38, fev. 1958	
225	EDIFÍCIO PÚBLICO	Ícaro de Castro Mello	Ginásio do Ibirapuera São Paulo SP - 1953-7	Acrópole [221]: 158-61, mar. 1957 Architectural review [116]: 241,243 out. 1954 Architecture d'aujourd'hui [29]: 26-7, fev. 1958 Arquitetura e engenharia [24]: 22-31, jan./fev. 1953	Mindlin [1956: 247]
226	EDIFÍCIO PÚBLICO	Ícaro de Castro Mello	Piscina do Esporte Clube Sírio São Paulo SP - 1954	Acrópole [220]: 124-5, fev. 1957 Architecture d'aujourd'hui [29]: 62-3, fev. 1958	Mindlin [1956: 15; 247]
227	EDIFÍCIO PÚBLICO	João Baptista Vilanova Artigas Carlos Cascaldi [não indicado na ficha]	Casa da Criança Londrina PR - 1951		
228	EDIFÍCIO PÚBLICO	Maurício Dias Noel Marinho	Abrigo para Obras de Arte São Miguel das Missões RS - 1954	Módulo [14]: 36-7, ago. 1959	
229	EDIFÍCIO PÚBLICO [?]	Wit Olaf Prochnik	Pavilhão para Piscina. Teresópolis RJ - 1954	Acrópole [226]: 380-1, ago. 1957. Habitat [45]: 48-50, nov./dez. 1957	Mindlin [1956: 179; 252]
230	PROBLEMAS VÁRIOS	Antonio Bezerra Baltar Clementina de Ambrosis Domingos Azevedo	Planificação de Ourinhos Ourinhos SP - 1957		
231	PROBLEMAS VÁRIOS	Marcelo Roberto Maurício Roberto	Pavilhão Lowndes. Petrópolis RJ - 1954	Habitat [22]: 16-7, mai./jun. 1955 Habitat [31]: 49-66, jun. 1956 [individualidades] Módulo [1]: 36-8, mar. 1955	Mindlin [1956:252]
232	PROBLEMAS VÁRIOS	Francisco Bolonha	Monumento a José Inácio Peixoto Cataguases MG - 1955/1957	Habitat [52]: 4-5, jan./fev. 1959	
233	PROBLEMAS VÁRIOS	João Baptista Vilanova Artigas Carlos Cascaldi [não indicado na ficha]	Estação Rodoviária de Londrina Londrina PR - 1950	AD Arquitetura e decoração [27]: fev./mar. 1958	Mindlin [1956:228-9; 246]
234	ACETA MAS RETIRADA PELO AUTOR	Abelardo de Souza Miranda Martinelli	Residência Unifamiliar. São Paulo SP - s.d.	Habitat [54]: 23-7 mai./jun. 1959	
235	RECUSADA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Lucjan Korngold	Residência Unifamiliar. Rio de Janeiro DF - 1955		
236	RECUSADA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Oswaldo Arthur Bratke	Residência Joaquim Junqueira do Val São Paulo SP - 1955	Acrópole [212]: 299-303, jun. 1956 AD Arquitetura e decoração [23]: mai./jun. 1957	
237	RECUSADA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Rodolpho Ortenblad Filho	Residência Unifamiliar. São Paulo SP - 1954		
238	RECUSADA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	Telesforo Giorgio Cristofani	Residência do Arquiteto São Paulo SP - 1955/1956	Acrópole [229]: 14-7, nov. 1957	
239	RECUSADA PROBLEMAS VÁRIOS	Jorge Wilhelm Rosa Kliass	Proposta Urbana para Angélica Angélica MT- 1956		
240	RECUSADA PROBLEMAS VÁRIOS	Wit Olaf Prochnik	Praça em Padre Miguel Rio de Janeiro DF - 1956	Acrópole [230]: 54-5, dez. 1957	
241	OBRA PREMIADA HABITAÇÃO COLETIVA	Plínio Croce, Roberto Afalo e Salvador Candia	Edifício João Ramalho. São Paulo SP - 1954	Acrópole [242]: 55-7; 72-3, dez. 1958 Acrópole [242]: 87, dez. 1958 Architecture d'aujourd'hui [31]: LXV, dez. 1960	
242	OBRA PREMIADA EDIFÍCIO PÚBLICO	Jorge Machado Moreira	Faculdade Nacional de Arquitetura Rio de Janeiro DF - 1957	Architectural review [116]: 242, out. 1954 Architecture d'aujourd'hui [25]: 72-5, mar. 1954 Architecture d'aujourd'hui [31]: 40-5, jun. 1960 Arquitetura e engenharia [21]: 24-42, mar./mai. 1952 Brasil arquitetura contemporânea [4]: 2-9, 1954 Habitat [15]: 2-28, mar./abr. 1954	Mindlin [1956: 258-9]

tabela 4.3 IV EIA – 1957CONTINUAÇÃO

e V EIA – 1959

	CATEGORIA	ARQUITETO (A) (OS) (AS)	OBRA / LOCAL / DATA DO PROJETO	INSERÇÃO EM PERIÓDICOS 1951-61 1957-60	INSERÇÃO NOS MANUAIS 1951-6 1957-60
243	SALA ESPECIAL BRASÍLIA	Lúcio Costa	Plano Piloto de Brasília - 1957	<div><div>Acrópole [256/7]: 9-21, fev./mar. 1960</div><div>Acrópole [256/7]: 23-53, fev./mar. 1960</div><div>Acrópole [256/7]: 55-63, fev./mar. 1960</div><div>Acrópole [256/7]: 76-7, fev./mar. 1960</div><div>Acrópole [256/7]: 109-13, fev./mar. 1960</div><div>Acrópole [256/7]: 118-9, fev./mar. 1960</div><div>Acrópole [256/7]: 120-3, fev./mar. 1960</div><div>Acrópole [256/7]: 124-8, fev./mar. 1960</div><div>Acrópole [256/7]: 129-32, fev./mar. 1960</div><div>AD Arquitetura e decoração [26]: nov./dez. 1957</div><div>Architectural forum [109]: 13, ago. 1958</div><div>Architectural forum [110]: 96-103, abr. 1959</div><div>Architectural forum [113]: 126-33, nov. 1960</div><div>Architectural record [124]: 34 +, jul. 1958</div><div>Architectural record [125]: 14-5, jan. 1959</div><div>Architectural review [122]: 394-402, dez. 1957</div><div>Architectural review [125]: 94-104, fev. 1959</div><div>Architecture d'aujourd'hui [29]: 48-71, out. 1958</div><div>Architecture d'aujourd'hui [31]: 4-7, jun. 1960</div><div>Architecture d'aujourd'hui [31]: 50-1, set. 1960</div><div>Architettura [5]: 608-19, jan. 1960</div><div>Arquitetura e engenharia [42]: 26-28, nov./ dez. 1956</div><div>Arquitetura e engenharia [42]: 29-30, nov./ dez. 1956</div><div>Arquitetura e engenharia [44]: 3, mar./ abr. 1957</div><div>Arquitetura e engenharia [44]: 43, mar./ abr. 1957</div><div>Arquitetura e engenharia [44]: 8-12, mar./ abr. 1957</div><div>Arquitetura e engenharia [50]: 2-4, jul./ ago. 1958</div><div>Arquitetura e engenharia [54]: 2-3, jun./ ago. 1959</div><div>Arquitetura e engenharia [55]: 6-8, set./ out. 1959</div><div>Arquitetura e engenharia [55]: 14-5, set./ out. 1959</div><div>Art in America [47]: 114-5, winter 1959</div><div>Arts & architecture [76]: 15-21, abr. 1959</div><div>Arts & architecture [76]: 21-23 +, nov. 1959</div><div>Bem estar [1]: 23-4, fev./mar. 1958</div><div>Brasil arquitetura contemporânea [9]: 3-21, 1957</div><div>Brasil arquitetura contemporânea [9]: 61, 1957</div><div>Brasil arquitetura contemporânea [9]: 64-7, 1957</div><div>Brasil arquitetura contemporânea [10]: 32-5, 1957</div><div>Carnegie magazine [33]: 45-8, fev. 1959</div><div>Casabella [243]: 57, set. 1960</div><div>Engenharia municipal [5]: 19-21, 1957</div><div>Engenharia municipal [6]: 34-5, 1957</div><div>Engenharia municipal [16]: 15-6, jan./mar. 1960</div><div>Engenharia municipal [17]: 29-30, abr./jun. 1960</div><div>Habitat [29]: 73-4, abr. 1956</div><div>Habitat [37]: 52, dez. 1956</div><div>Habitat [40]: 1, mar./abr. 1957</div><div>Habitat [40]: 2, mar./abr. 1957</div><div>Habitat [40]: 69-70, mar./abr. 1957</div><div>Habitat [58]: 3-7, jan./fev. 1960</div><div>Habitat [59]: 51-2, mar./abr. 1960</div><div>KunstWerk [13]: 38-9, nov. 1959</div><div>Módulo [6]: 10-1, dez. 1956</div><div>Módulo [6]: 12-23, dez. 1956</div><div>Módulo [7]: 18-9, fev. 1957</div><div>Módulo [8]: 13-28, jun. 1957</div><div>Módulo [8]: 33-48, jul. 1957</div><div>Módulo [8]: 3-8, jul. 1957</div><div>Módulo [8]: 9-12, jul. 1957</div><div>Módulo [9]: 14-20, fev. 1958</div><div>Módulo [12]: 16-6, jan./fev. 1959</div><div>Módulo [13]: 8-9, mar. 1959</div><div>Módulo [14]: 3-6, ago. 1959</div><div>Módulo [14]: 8-11, abr. 1959</div><div>Módulo [16]: 2-3, dez. 1959</div><div>Módulo [16]: 29-31, dez. 1959</div><div>Módulo [17]: 2-3, abr. 1960</div><div>Módulo [17]: 26-7, abr. 1960</div><div>Módulo [18]: 2-9, jun. 1960</div><div>Módulo [18]: 11-27, jun. 1960</div><div>Módulo [18]: 28-43, jun. 1960</div><div>Módulo [18]: 44-6, jun. 1960</div><div>Módulo [18]: 53-72, jun. 1960</div><div>Oeil [59]: 76-83, nov. 1959</div><div>Progressive architecture [40]: 88-9, out. 1959</div><div>Royal British architects journal S [3] V [67]: 154-9, mar. 1960</div><div>Werk [46]: 259-62, jul. 1959</div><div>Zodiac [6]: 128-39, 1960</div></div>	Benevolo [1960] in 1998: 716-21
244	SALA ESPECIAL BRASÍLIA	Oscar Niemeyer	Congresso Nacional – 1957-60	<div><div>Acrópole [256/7]: 76-7, fev./mar. 1960</div><div>Acrópole [256/7]: 78-84, fev./mar. 1960</div><div>Architecture d'aujourd'hui (29): 78-9, fev. 1958</div><div>Architecture d'aujourd'hui (31): 10-3, jun. 1960</div><div>Interiors (118): 92-7, jun. 1959</div><div>Módulo [9]: 14-20, fev. 1958</div><div>Progressive architecture [38]: 95, out. 1957</div></div>	Benevolo [1960] in 1998: 716-21
245	SALA ESPECIAL BRASÍLIA	Oscar Niemeyer	Hotel de Turismo – 1957-8	<div><div>Acrópole [256/7]: 105-8, fev./mar. 1960</div><div>Architecture d'aujourd'hui (31): 29, jun. 1960</div><div>Interiors (118): 92-7, jun. 1959</div><div>Módulo [12]: 28-31, jan./fev. 1959</div><div>Progressive architecture (40): 75-7, fev. 1959</div></div>	Benevolo [1960] in 1998: 716-21
246	SALA ESPECIAL BRASÍLIA	Oscar Niemeyer	Palácio da Alvorada – 1956-8	<div><div>Acrópole [256/7]: 65-75, fev./mar. 1960</div><div>Architecture d'aujourd'hui (31): 14-5, jun. 1960</div><div>Interiors (118): 92-7, jun. 1959</div><div>Módulo [7]: 21-7, fev. 1957</div><div>Progressive architecture (40): 75-7, fev. 1959</div></div>	Benevolo [1960] in 1998: 716-21
247	SALA ESPECIAL BRASÍLIA	Oscar Niemeyer	Palácio do Planalto – 1957-60	<div><div>Acrópole [256/7]: 85-91, fev./mar. 1960</div><div>Interiors (118): 92-7, jun. 1959</div><div>Módulo [10]: 7-12, ago. 1958</div><div>Progressive architecture [38]: 136-8, abr. 1957</div></div>	Benevolo [1960] in 1998: 716-21
248	SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX	Roberto Burle Marx	Faculdade Nacional de Arquitetura Rio de Janeiro – c.1957	<div><div>Architecture d'aujourd'hui [27]: 158-9, out. 1956</div><div>H [28]: 34-5, mar. 1956</div><div>H [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]</div></div>	
249	SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX	Roberto Burle Marx	Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro Rio de Janeiro – 1954	<div><div>H [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]</div></div>	
250	SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX	Roberto Burle Marx	Residência Alberto Kronsfoth Teresópolis RJ – 1955	<div><div>H [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]</div></div>	
251	SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX	Roberto Burle Marx	Residência Alfredo Bauman Teresópolis RJ – 1953	<div><div>H [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]</div></div>	Mindlin [1956: 179]
252	SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX	Roberto Burle Marx	Residência Antonio Ceppas Rio de Janeiro – 1958	<div><div>H [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]</div></div>	
253	SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX	Roberto Burle Marx	Residência Antonio Moraes da Fonseca Petrópolis RJ – 1956	<div><div>H [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]</div></div>	
254	SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX	Roberto Burle Marx	Residência Francisco Pignatari São Paulo SP – 1956	<div><div>H [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]</div></div>	
255	SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX	Roberto Burle Marx	Residência Sérgio Correia da Costa Rio de Janeiro – 1955	<div><div>H [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]</div></div>	

OBRA SELECIONADA 7

FACULDADE NACIONAL DE ARQUITETURA

OBRA PREMIADA NA IV EIA, 1957, CATEGORIA PROJETO PARA EDIFÍCIOS PÚBLICOS

DADOS DO PROJETO

localização Avenida Brigadeiro Trompowsky, s/nº

bairro / cidade Cidade

Universitária / Rio de Janeiro DF

autor do projeto JORGE MACHADO MOREIRA [chefe de equipe]

colaboração ALDARY HENRIQUES TOLEDO e ORLANDO MAGDALENA

equipe do Escritório Técnico da Cidade Universitária Adele Weber, Alberto Ferreira Vaz, Asthor Sá Roris, Carlos Alberto Boudet Fernandes, Conceição de Maria Matos Penna, Donato de Mello Junior, Elias Kaufman, Giuseppina Pirro, João Corrêa Lima, João Henrique Rocha, Jorge Werneck Passos, Lauro Francisco Paraizo, Marco Túlio Dias Serrano, Mario Guilherme da Silveira, Norma Cavalcanti de Albuquerque, Otávio Sérgio da Costa Moraes, Victor Noel Saldanha Marinho e Wilson Reis Netto

paisagismo e composição mural ROBERTO BURLE MARX

data do projeto 1957 [segundo a ficha de inscrição]

construção Construtora Genésio Gouveia S/A (concreto armado)

39

Jorge Machado Moreira.
Faculdade Nacional de
Arquitetura.
Vista da maquete

40

Jorge Machado Moreira.
Faculdade Nacional de
Arquitetura.
Planta piso térreo

SÍNTESE DESCRITIVA

Trata-se de edifício implantado na recém-criada Cidade Universitária do Rio de Janeiro, também assinada por Jorge Moreira. O programa da FNA é abrigado em quatro blocos de rígida conformação geométrica. Cada um desses blocos possui atribuições específicas: o bloco A acolhe o núcleo de ensino; o bloco B, a biblioteca; o bloco C, a administração; e o bloco D, os laboratórios. A setorização do programa cria zonas espaciais definidas, com acessos independentes. O embasamento abriga o núcleo administrativo, a biblioteca e as aulas práticas especiais. O núcleo

de ensino ocupa os pavimentos superiores. A expressão arquitetônica da FNA evoca elementos da versão do Ministério da Educação elaborada em 1936 por Le Corbusier para o terreno onde seria construído, 20 anos depois, o MAM/RJ.

SOLUÇÕES PROJETUAIS

forças do lugar

Obedecem ao plano geral de ocupação do campus, caracterizado pela setorização de funções e rígidas normas para a distribuição dos edifícios. A implantação dos volumes é também determinada pela conformação geomorfológica do sítio, resultante da associação de nove ilhas na enseada de Manguinhos. Obedecendo a tais premissas, os blocos que compõem a FNA reforçam a ortogonalidade imposta pelo traçado viário e valorizam a monumentalidade do eixo central de circulação viária. Os alinhamentos e recuos descortinam visuais de longa distância, assegurando ao edifício um lugar de destaque na paisagem, em que predominam massas edificadas de gabarito horizontal.

resposta ao terreno

A implantação dos volumes satisfaz à concepção do plano de massas proposto para a ocupação do campus universitário. A circulação de veículos e a de pedestres acompanham os eixos visuais predeterminados, reservando aos acessos sociais as melhores perspectivas, ressaltadas por suave movimentação no terreno, com elevação da cota de implantação do pavimento térreo.

estratégia de projeto

A estratégia do projeto incide na setorização interna das atividades, proporcionando autonomia de funcionamento às partes. A distribuição de funções no conjunto prevê maior fluxo de circulação nos pavimentos inferiores do bloco principal e menor afluência de visitantes nos pavimentos superiores da lâmina frontal e no bloco dos fundos. Nesses locais, Moreira aloca as atividades de ensino e os laboratórios.

41
Jorge Machado Moreira.
Faculdade Nacional
de Arquitetura.
Vista do conjunto, c.1957

zonas espaciais

As zonas espaciais são definidas em quatro setores independentes: núcleo de ensino, biblioteca, administração e laboratórios. Segundo esse raciocínio, o projeto estabelece ritmos diferenciados para as linhas de circulação, incitando o rápido deslocamento nos longos corredores do setor de ensino e estimulando o passeio mais prolongado nos agradáveis terraços que circundam os pátios internos.

tratamento de fachadas

Materiais, cores e texturas valorizam a ortogonalidade das linhas compositivas e a regularidade do sistema estrutural. Nos pavimentos inferiores predominam grandes panos de vidro e elementos cerâmicos vazados nas faces mais insoladas. No bloco principal, os vãos das aberturas correspondem aos intervalos do módulo estrutural, configurando uma malha regular perceptível nas duas faces da lâmina. Nos ambientes voltados para o poente, os caixilhos são recuados em relação ao alinhamento externo, aprimorando os índices de conforto térmico.

42 e 43

Jorge Machado Moreira.
Faculdade Nacional
de Arquitetura. Vistas
do conjunto, 2001

tratamento paisagístico

Roberto Burle Marx, autor do projeto paisagístico, aproveita-se dos diferentes núcleos de convivência – abertos, internos ou delimitados em pátios descobertos – para sinalizar as linhas de percurso e conformar massas de vegetação que acentuam o caráter prismático dos blocos edificados. A ortogonalidade do tratamento paisagístico contrasta com o repertório mais conhecido de Burle Marx, caracterizado pela sinuosidade das linhas de composição.

RECEPÇÃO: SIGNIFICADO E CONTEXTO

No entender dos membros do Júri de Premiação, a Faculdade Nacional de Arquitetura destaca-se dos projetos expostos na IV EIA pelo rigor compositivo e pelo “alto nível de qualidade, digno de um edifício público”. O júri ressalta a “disciplina na ordenação da fachada” e, por fim, salienta a contribuição do edifício para a ambiência o conjunto da Cidade Universitária, “tal como planejado”²³. Com base nesses argumentos, justifica o prêmio concedido.

Os artigos publicados sobre a FNA, por sua vez, enfatizam a interação do projeto com a implantação do campus universitário, cuja relevância para os debates do período pode ser sentida nas análises empreendidas pelas revistas *Arquitetura e engenharia*, *Brasil arqui-*

44

Jorge Machado Moreira.
Faculdade Nacional de
Arquitetura. Vista do
pátio interno, 2001

tetura contemporânea e *Habitat*. Os editoriais examinam o programa de diversas universidades estrangeiras e os índices urbanísticos recomendados para acomodar a expansão das atividades da Universidade do Brasil.

Os periódicos também discutem a incidência de ventos, as características do traçado viário e a formação geomorfológica do sítio de implantação, resultante da unificação, mediante aterros, de nove ilhas situadas na enseada de Manguinhos. O zoneamento funcional entre os setores universitários constitui outro importante elemento de

análise, porquanto sedimenta princípios urbanísticos defendidos pela *Carta de Atenas* (1942), elaborada por Le Corbusier com base nas discussões do terceiro congresso Ciam, realizado em 1933.

A premiação da FNA consagra um raciocínio projetual que soube se firmar na vertente historiográfica hegemônica, ou, ao menos, nas interpretações lançadas sobre a produção brasileira dos anos 1950. Apesar de conquistar a atenção das revistas especializadas, a FNA e a Cidade Universitária são praticamente ignoradas pelos manuais estrangeiros, não sendo sequer citadas nos estudos de Dorfles e Benevolo, lançados em 1957 e 1960.

Henrique Mindlin (1956) dedica duas páginas de seu *Modern architecture in Brazil* para a Cidade Universitária do Rio de Janeiro, salientando as características físicas e o partido urbanístico adotado para acomodar o maior centro universitário em funcionamento naquele momento. Em contrapartida, não problematiza a conceituação arquitetônica de seus edifícios. Cita, textualmente, o Instituto de Puericultura e, por meio de reproduções fotográficas, valoriza a monumentalidade do Hospital de Clínicas e o geometrismo da Faculdade Nacional de Arquitetura. A inexistência de legendas nas imagens prejudica a compreensão dos leitores menos familiarizados com os projetos.

45

Jorge Machado Moreira.
Faculdade Nacional de
Arquitetura. Vista do
pátio interno, 2001

OBRA SELECIONADA 8

ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS

OBRA EXPOSTA NA IV EIA, 1957,
CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

DADOS DO PROJETO

localização Avenida Doutor Carlos Botelho, 1465

bairro / cidade Vila Pureza / São Carlos SP

autor do projeto HELIO DUARTE

colaboração ARIAKI KATO, ERNEST ROBERT DE CARVALHO MANGE
e LÉO QUANJI NISHIKAWA [segundo a ficha de inscrição]

projeto estrutural engenheiro Homero Lopes

data do projeto 1954 [segundo a ficha de inscrição]

construção Escritório Técnico Capote Valente Ltda.

SÍNTESE DESCRITIVA

Obra implantada no setor de ensino do campus São Carlos da USP, cujo projeto urbanístico é também assinado pela equipe de Helio Duarte. O edifício exposto na IV EIA denomina-se Unidade de Aulas E1.

Abriga em três pavimentos salas de aulas teóricas e de exercícios, salas para seminários e bibliotecas departamentais. O bloco laminar, suspenso em pilotis, é estruturado por pilares centrais que conformam balanços de 4,55 metros. A adoção

de divisórias removíveis garante flexibilidade na ocupação dos pavimentos, essencial ao processo de construção do campus em etapas. O tratamento volumétrico e o cuidado dispensado à padronização dos elementos construtivos evocam princípios do racionalismo alemão, pautando-se pela austeridade compositiva e pelo rigor geométrico.

SOLUÇÕES PROJETUAIS

forças do lugar

As forças do lugar são determinadas pelo plano geral de ocupação do campus universitário, caracterizado pela setorização de funções e pelo ordenamento ortogonal na implantação dos volumes, direcionados a norte-sul ou a leste-oeste. A gleba de 16 hectares possui conformação topográfica plana na porção destinada ao setor habitacional e moderadamente inclinada nos setores de administração, ensino e recreação, com visuais direcionadas ao vale do Rio Gregório.

resposta ao terreno

A implantação da Unidade de Aulas E1 constitui elemento-chave para o entendimento da concepção urbanística do campus, conferindo centralidade à Praça Cívica e monumentalidade aos blocos laminares a ela contíguos. A orientação norte-sul das lâminas visa garantir satisfatórias

47
Helio Duarte e equipe.
Bloco E1. Perspectiva,
c. 1954

condições de conforto aos usuários, evitando a insolação direta nas áreas de trabalho. Para tanto, as salas de aula e os demais ambientes de longa permanência são direcionados para o quadrante sul. O corredor que atravessa longitudinalmente o bloco volta-se para o norte.

estratégia de projeto

A adaptação do programa às constantes transformações nos métodos e processos de ensino impõe um critério de integral flexibilidade de uso. A planta livre, associada ao uso de divisórias móveis, permite conformar múltiplas possibilidades de arranjo espacial, satisfazendo aos critérios norteadores da obra. Motivados por razões econômicas, são utilizados elementos standardizados e processos racionais de construção. O projeto também recorre à pré-fabricação de componentes e à tipificação das instalações elétricas e hidráulicas, reduzindo os custos de manutenção.

zonas espaciais

A distribuição das atividades no Bloco E1 é determinada pela orientação solar e pela conformação das linhas de circulação, com corredores alinhados na face norte e caixa de escada posicionada no centro geométrico dos pisos. Nas extremidades leste e oeste dos pavimentos são inseridas escadas externas de emergência, sinalizando preocupação com requisitos de segurança. O pavimento térreo dos blocos é ocupado apenas pelas portarias, podendo ser utilizado como área de lazer coberta. O terraço plano de cobertura permite descortinar visão panorâmica de toda a extensão da universidade.

tratamento de fachadas

O tratamento de fachadas acompanha a mesma estratégia utilizada na concepção das demais soluções de projeto, pautando-se pela standardização e pré-fabricação dos componentes construtivos. A adoção de caixilhos modulares, cuja montagem prescinde da utilização de andaimes, e o uso do concreto aparente são postulados com base nos critérios de economia e racionalidade antes mencionados.

tratamento paisagístico

A adoção de pilotis nos blocos laminares confere fluidez à percepção dos espaços. No setor de ensino, a intervenção na conformação topográfica limita-se à criação de patamares sobre os quais as lâminas são assentadas. Os desenhos de apresentação reproduzidos nas publicações de época sinalizam cuidados no tratamento dos espaços não edificados, perceptíveis no desenho dos caminhos peatonais e no plantio de massas de vegetação nos limites norte e oeste da gleba. Não foram localizados maiores detalhes sobre o projeto paisagístico do conjunto, nem indicação sobre sua autoria.

RECEPÇÃO: SIGNIFICADO E CONTEXTO

A consulta aos volumes do *Índice de arquitetura brasileira* dos anos 1950 aponta a existência de cinco artigos sobre a Escola de Engenharia de São Carlos nas revistas *Acrópole* e *Habitat*. A tônica das investigações privilegia a abordagem dos aspectos urbanísticos do projeto, concedendo menor consideração às soluções arquitetônicas de seus edifícios. O foco das análises é compreensível tendo em vista o interesse despertado pela implantação das cidades universitárias de Belo Horizonte, Recife e Rio de Janeiro, sendo as duas últimas expostas nas bienais paulistas e analisadas anteriormente.

Habitat dedica seis páginas para o projeto da EESC/USP em sua edição de abril de 1956. Examina em detalhes o partido de implantação do Instituto Tecnológico no interior paulista e o organograma de atividades consubstanciadas no Plano Piloto, Normas e Anteprojeto das Unidades. Em seguida, volta-se para o estudo dos diferentes setores da universidade e para a análise da Unidade de Aulas E1, em fase final de construção quando da edição da matéria.

O artigo aponta a semelhança do Bloco E1 com o edifício-sede da Bauhaus, em Dessau, motivada pela função social atribuída à formação dos “futuros engenheiros, homens novos da técnica, da pesquisa, das soluções aos problemas brasileiros que requerem a ciência, o trabalho, a tecnologia”. A vinculação entre os dois projetos também se postula pela expressão arquitetônica dos volumes, “em decorrência da organicidade dos edifícios, do seu conjunto, em obediência ao espírito que deve informá-los”. Por fim, exalta o caráter racional do empreendimento: “Não houve um desenho anterior ao plano, uma solução plástica a cobrir instalações e objetivos do programa”²⁴.

48 e 49

Helio Duarte e equipe.
Bloco E1. Vistas do
conjunto, 2007

Em abril de 1959, *Acrópole* abre um generoso espaço para o projeto de Helio Duarte. Em termos gerais, segue a mesma linha de abordagem da revista *Habitat*, reproduzindo parte do material iconográfico antes publicado e indicando a mesma fonte de consulta para a elaboração das análises, ou seja, o Plano Piloto, Normas e Anteprojeto das Unidades. Em contrapartida, o artigo deixa de mencionar a exibição do projeto na IV EIA, possivelmente pelo fato de ele não ter conquistado nenhum prêmio na mostra.

O artigo desdobra-se em três outras matérias publicadas na seção Prancheta Viva, inserida nas últimas páginas da revista. Elas destacam, na ordem apresentada, as soluções dos caixilhos, dos painéis e da laje de cobertura, por meio de desenhos técnicos, perspectivas isométricas, fotografias e memoriais descritivos. Entre os detalhes selecionados, o editorial da revista ressalta a inventiva solução da cobertura, executada em telhas de fibrocimento recobertas com placas pré-moldadas.

Em contrapartida, o interesse dos periódicos brasileiros não é compartilhado pelos autores dos manuais nacionais e estrangeiros de toda a década de 1950, que sequer mencionam a Escola de Engenharia de São Carlos ou qualquer outra obra desenvolvida por Helio Duarte no âmbito do Convênio Escolar, responsável pela construção de centenas de escolas em São Paulo.

A exceção é feita por Henrique Mindlin, que publica em seu manual de referência as escolas técnicas do Senai de Campinas e da Vila Mariana, mas não dedica uma só linha ao projeto da EESC/USP. A troca pode ser questionada, porquanto esses projetos não compartilhavam dos mesmos pressupostos e desafios ensejados pela construção de um campus universitário.

Por quais motivos seria, então, a Escola de São Carlos preterida não apenas no livro de Mindlin, mas em todos os outros manuais lançados no período?

OBRA SELECIONADA 9

PLANO PILOTO DE BRASÍLIA

SALA ESPECIAL NA IV EIA, 1957

DADOS DO PROJETO

localização Distrito Federal
autor do projeto LUCIO COSTA
data do projeto 1957
construção Novacap

SÍNTESE DESCRITIVA

Projeto vencedor de concurso público instituído para a transferência da capital federal para o Planalto Central. O plano se desenvolve com base na setorização de diferentes núcleos funcionais, estruturados por meio de dois eixos perpendiculares. O primeiro, denominado eixo monumental, dispõe o conjunto administrativo em alinhamento perpendicular em relação a um lago artificial, em cujas margens se constrói a residência do presidente da República. O segundo eixo, denominado rodoviário-residencial, articula unidades de vizinhança conformadas pela associação de quatro quadras residenciais densamente arborizadas, entre as quais se implanta um pequeno centro comercial e de serviços. O encontro entre os dois eixos é ocupado por um terminal rodoviário e pelo setor de comércio e de serviços.

forças do lugar

O local escolhido para a construção de Brasília, selecionado com o auxílio de consultores internacionais, situa-se às margens de uma represa artificial que conforma um arco de extremidades direcionadas a norte e a sul, em cujo centro se propõe a implantação do núcleo urbano da capital federal. A presença do grande espelho d'água em região do semi-árido cerrado do Planalto Central não apenas ameniza a baixa umidade do ar como também emoldura a urbe, facultando a realização de atividades recreativas às margens da represa.

resposta ao terreno

A análise do sítio de implantação determina a lógica de distribuição das atividades funcionais ao longo de dois eixos perpendiculares, de modo que contenham os principais núcleos da capital em uma área de formato triangular. De acordo com as palavras de Lucio Costa, contidas nas *Memórias do Plano*, a resposta ao terreno já nasce, por assim dizer, pronta, sugestionando uma falsa percepção da dedicação e do estudo necessários ao estabelecimento do projeto vencedor do concurso.

51
Lucio Costa.
Plano Piloto de Brasília.
plano geral, 1957

52
Oscar Niemeyer.
Congresso Nacional.
estudo, c.1957

estratégia do projeto

A criação de um conjunto simbólico e necessariamente monumental constitui a principal estratégia para o desenvolvimento do Plano Piloto de Brasília. Para tanto, a indicação de Oscar Niemeyer para a elaboração dos principais edifícios públicos, associada à escolha da proposta urbana de Lucio Costa, sedimenta uma profícua simbiose de elementos, capaz de imprimir unidade e harmonia entre as partes. O destaque ao conjunto cívico é garantido pela conformação de um eixo monumental sobre o qual são distribuídos em renques paralelos os ministérios e, na extremidade voltada para o Lago Paranoá, a praça cívica que abriga, sobre uma plataforma triangular, os três poderes fundamentais.

53
Oscar Niemeyer.
Palácio da Alvorada.
maquete, c.1957

zonas espaciais

A estruturação da cidade com base na configuração de dois eixos perpendiculares determina a distribuição dos setores. Os centros cívicos e administrativos, o setor administrativo municipal, quartéis, zonas de armazenagem e abastecimento, pequenas indústrias e a estação ferroviária alinham-se ao longo do eixo monumental. Os setores residenciais são dispostos ao longo do eixo rodoviário-residencial, com pistas centrais expressas e pistas laterais de tráfego local, com a eliminação de cruzamentos entre as vias. No encontro do eixo monumental com o eixo rodoviário-residencial são posicionados o centro de diversões, constituído de cinemas, teatros e restaurantes, e a estação rodoviária interurbana, abrigada sob uma plataforma.

tratamento de fachadas

O plano estabelece diretrizes para a ocupação das áreas, indicando gabaritos e sugerindo a adoção de cores predominantes para cada superquadra, bem como a utilização de pilotis nos blocos para assegurar fluidez à percepção dos espaços e sentimento de pertencimento e identidade aos moradores de cada núcleo residencial. Outra indicação do tratamento de fachadas diz respeito à instalação de luminosos nos centros de diversão situados no core da capital federal, ou seja, na confluência dos eixos estruturadores do Plano Piloto. Tal decisão projetual alude, no entender de Lucio Costa, à ambiência da Times Square nova-iorquina ou ao Picadilly Circus londrino.

tratamento paisagístico

O tratamento da paisagem é pensado de modo que atenda a necessidades práticas e simbólicas, de acordo com as premissas estabelecidas no Plano Piloto. Ao longo do eixo monumental, os extensos gramados valorizam o caráter simbólico do conjunto arquitetônico, descortinando perspectivas de forte impacto visual, muito além de evocar os *lawns* ingleses da infância de Lúcio Costa. Nas quadras residenciais, propõe-se o emolduramento das superquadras com espécies arbóreas de grande porte, conferindo a um só tempo homogeneidade ao conjunto urbano e sombreamento para o passeio de pedestres. Some-se, ainda, a previsão de áreas recreativas no interior das superquadras, a construção de parques urbanos contíguos aos setores residenciais e o tratamento paisagístico das bordas do Lago Paranoá, respeitando suas qualidades ambientais.

RECEPÇÃO: SIGNIFICADO E CONTEXTO

A construção de Brasília constitui um marco do urbanismo moderno e um divisor de águas para a arquitetura brasileira e, possivelmente, para a produção internacional. Sua inauguração, em 1960, coincide cronologicamente com a dissolução dos congressos Ciam, cuja contribuição no campo urbanístico sedimenta a base conceitual do projeto vencedor do concurso público realizado em 1957, isolando os percursos entre pedestres e automóveis e organizando a cidade em quatro funções essenciais, conforme reza a *Carta de Atenas*.

Se por um lado a experiência de Brasília simboliza a consagração da modernidade em solo brasileiro, evocando transformações no quadro socioeconômico não disseminadas para amplos segmentos, por outro expõe de maneira inequívoca as contradições do discurso oficial, que se apropria dos valores emanados pela modernidade para incutir uma imagem renovada do Estado, mascarando antigos preconceitos.

A exemplo de outros conjuntos analisados neste capítulo (Pedregulho e Parque Ibirapuera, exemplarmente), Brasília traduz as aspirações civilizatórias de grande parte da intelectualidade local, que pleiteia eliminar desigualdades e suprimir as diferenças sociais exibindo, à grande, as conquistas tecnológicas e artísticas do povo brasileiro.

54 a 56

Lucio Costa.

Vista da Esplanada dos
Ministérios, 2000.

Oscar Niemeyer.

Congresso Nacional e
Catedral de Brasília, 2000

De imediato, pode-se dizer que a repercussão de Brasília corresponde aos anseios de seus promotores, não apenas pela quantidade de artigos publicados, mas principalmente pelo tratamento analítico concedido, ameahando legiões de seguidores ou detratores, assim como num ritual religioso, mas nunca a indiferença de seus pares.

A realização de um congresso internacional de críticos de arte em 1959, em paralelo à V Bienal de São Paulo, atesta o grau de interesse despertado para os edifícios de Niemeyer e para a concepção urbanística de Lúcio Costa. A capacidade de integração e síntese, tema dos debates do referido congresso, fomenta novos desdobramentos e fornece insumos para alicerçar as críticas.

No limiar dos anos 1960, desfecho do recorte temporal proposto para esta tese, Leonardo Benevolo publica seu manual de referência *História da arquitetura moderna*. A abordagem da capital federal, não por acaso, constitui o desfecho da análise dedicada à arquitetura brasileira. A abordagem de Benevolo constitui um paradigma para os exames posteriormente lançados sobre a arquitetura brasileira. Brasília mostra-se, ao olhar dos críticos, como a própria síntese da produção arquitetônica brasileira. A arquitetura brasileira não raro se resume, para a crítica internacional, a Brasília. Mas o Brasil é bem maior que Brasília.

57

Oscar Niemeyer.
Palácio da Planalto
visto desde a Praça
dos Três Poderes, 2000

OBRA SELECIONADA 10

PROPOSTA URBANA PARA ANGÉLICA

OBRA RECUSADA NA IV EIA, 1957,
CATEGORIA 6 PROBLEMAS VÁRIOS

DADOS DO PROJETO

localização Gleba Angélica

bairro / cidade Dourados / Mato Grosso MT

autor do projeto JORGE WILHEIM

colaboração ROSA KLIASS

data do projeto 1956 [segundo a ficha de inscrição]

construção Companhia Colonizadora Douradense

SÍNTESE DESCRITIVA

Angélica é parte integrante de plano encomendado pela Companhia Colonizadora Douradense para desmembrar uma gleba de 13.600 hectares em lotes de 24 hectares destinados ao plantio de café e algodão. O núcleo urbano visa atender aos proprietários rurais da Gleba Angélica e os de outras colônias da região, com previsão de população estimada em 15 mil habitantes. O projeto se desenvolve separando funções em feixes paralelos, de acordo com conceitos propostos pela *Carta de Atenas*. O core central é configurado pela articulação do centro cívico com os núcleos comercial e recreativo. O setor oeste abriga zona industrial avizinhada por rodovia e linha férrea, sugerida no plano. A leste são criadas unidades de vizinhança dotadas de centros comerciais e de serviços.

SOLUÇÕES PROJETUAIS

forças do lugar

Angélica situa-se na região leste de Mato Grosso do Sul, no vale do Rio Ivinheima. A gleba de 13.600 hectares corresponde ao centro de uma vasta região na qual a Companhia Mate Laranjeira dedica-se ao plantio de mate nativo até fins da década de 1930, segundo informações de Ângelo Arruda²⁵. Na época da implantação do projeto, propõe-se o desmembramento da área em lotes de 24 hectares destinados ao plantio de café e algodão, beneficiando-se da existência de um porto fluvial nas proximidades, denominado Porto Angélica, pelo qual se estabelece ligação com os rios Brilhante, Dourados e Paraná.

resposta ao terreno

A implantação de um pequeno núcleo urbano em zona de fronteira agrícola tem como fontes referenciais a obra do geógrafo francês Pierre Monbeig, estudioso das cidades pioneiras do oeste paulista, e a conceitualização urbanística de Frank Lloyd Wright e Le Corbusier, exemplificados por meio dos planos da Broad Acre City e da Ville Radieuse. (Wilheim, 2003: 33). Dos 13.600 hectares da gleba, o núcleo urbano corresponde a 15% da área, perfazendo 2.000 hectares, com previsão de ocupação espontânea, comandada pela atividade agrícola e pela consolidação de um eixo econômico entre Dourados e Presidente Epitácio, no oeste paulista. Para tanto, o plano de Angélica prevê a construção de uma alça de acesso para conectar a gleba à ferrovia Noroeste do Brasil.

58

Jorge Wilheim.
Angélica.
Plano geral

59

Jorge Wilheim.
Angélica. Detalhe
do setor comercial

60

Jorge Wilhelm.
Angélica. Detalhe do
setor habitacional,
com núcleo central de
comércio e serviços

estratégia do projeto

A criação de uma cidade pautada em princípios urbanísticos modernos, adaptados à realidade ambiental, cultural e social brasileira, constitui o principal elemento do projeto. Para tanto, o plano urbanístico associa elementos do urbanismo funcionalista ao repertório espacial das comunidades interioranas, conferindo suma importância ao desenvolvimento de atividades nem sempre observadas em termos de sua significação pública, a exemplo das feiras, festas populares e circo.

zonas espaciais

O projeto se desenvolve separando funções em feixes paralelos, de acordo com conceitos urbanísticos propostos no projeto da Ville Radieuse (1922). O core central é configurado pela articulação do centro cívico com os núcleos comercial e recreativo, sendo este último formado por campo de futebol e arena para festas populares. A oeste da zona central é delimitada uma zona industrial avizinhada por rodovia e linha férrea, cuja implantação é sugerida no plano. A leste são criadas unidades de vizinhança dotadas de centros comerciais de caráter local e, nos miolos das quadras, de áreas destinadas construção de edifícios escolares, religiosos e desportivos.

tratamento de fachadas

O tratamento dos volumes obedece aos cinco pontos fundamentais da arquitetura moderna formulados por Le Corbusier: pilotis, planta livre da estrutura, fachada independente, terraço-jardim e aberturas contínuas. Mas, por se tratar de um plano de ocupação de núcleo urbano em zona de expansão agrícola, com limitados recursos tecnológicos, é provável que tais diretrizes não constituam imposições para a aprovação dos projetos em termos legislativos.

tratamento paisagístico

O estudo das condições geomorfológicas do sítio aponta a existência de riscos de erosão e ameaça de fendas profundas, capazes de comprometer a implantação do núcleo urbano. O relatório recomenda a adoção de cuidados especiais para a proteção do solo e para a ocupação de áreas próximas a nascentes. Tais critérios justificam a conservação de uma área de 2 hectares de mata nativa no centro da cidade, a ser transformada em parque público.

RECEPÇÃO: SIGNIFICADO E CONTEXTO

A exibição de Angélica não se confirma no catálogo geral da IV Bienal do MAM/SP. Mas talvez tenha sido exposta, tendo como base o levantamento efetuado nos arquivos da Fundação Bienal. Sua ficha de inscrição traz os dizeres “a estudar”, indicando a possível admissão do projeto em data posterior à impressão do catálogo.

61

Jorge Wilhelm.
Angélica.
Vista aérea

Independentemente de sua aceitação ou recusa, Angélica não desperta a atenção de qualquer editor brasileiro ou estrangeiro, no recorte temporal examinado nesta tese. Tampouco sua exibição no Salão Paulista de Belas Artes, em 1956, constitui oportunidade para inscrever a pequena cidade no mapa arquitetônico dos anos 1950.

A análise das soluções do projeto de Jorge Wilhelm e Rosa Kliass sinaliza antecedência de diversas soluções utilizadas no Plano Piloto de Brasília, não apenas na proposta vencedora de Lúcio Costa, como também na de Wilhelm, classificado em quinto lugar naquela oportunidade.

Muito além de indicar um repertório de temas coincidente, em grande medida fundamentado nas diretrizes estabelecidas pelos congressos Ciam, Angélica sinaliza os avanços da modernidade para além dos monumentos construídos nos principais centros brasileiros. Angélica não é, em definitivo, uma obra de grande porte, não se situa em região economicamente dominante, tampouco simboliza o poder constituído.

Além disso, Angélica sedimenta, de maneira inequívoca, um repertório de temas nem sempre examinado pela vertente tornada hegemônica, incorporando em suas soluções de projeto elementos da tradição popular e rural, perceptíveis nas praças do interior, no chão batido das feiras e quermesses, no terreiro de circo.

Pelo somatório dos motivos, a exclusão de Angélica das páginas dos periódicos e dos manuais constitui perda irreparável, porquanto colabora para sedimentar o repertório já conhecido e validado pelos estudiosos da arquitetura brasileira.

Angélica pertence a um Brasil ignorado pela crítica e ocultado pelas Exposições Internacionais de Arquitetura. Pelos salões das bienais, outras Angélicas podem ter sido expostas e condenadas ao esquecimento. O exame das outras 254 obras inscritas nas cinco primeiras bienais revela um número surpreendente de trabalhos cujas contribuições são desconhecidas. Com base nessas lacunas, talvez seja possível reexaminar o nosso legado arquitetônico.

notas do quarto capítulo

1 O filólogo alemão Hans Robert Jauss propõe uma nova forma de analisar as obras artísticas, valorizando o processo comunicativo da arte. Jauss sistematiza o processo de fruição estética atribuindo aos objetos artísticos a capacidade de formular novas questões para diferentes fruidores, ao longo da história. Ao examinar as relações entre a obra e o receptor, Jauss propõe uma análise pautada não apenas no confronto das diferentes leituras, mas principalmente no questionamento de juízos enganosamente eternos. Para maiores detalhes da teoria estético-recepcional, consultar JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à crítica literária*. São Paulo: Ática, 1994.

2 O grupo de estudos O Moderno e os Museus, coordenado por Maria Cecília França, dedica-se a investigar a contribuição de indivíduos, grupos ou instituições museais para a promoção, a afirmação e o desenvolvimento de atividades identificadas com o movimento moderno. Em mais de dez anos de atuação, conta com a participação de Adrienne Firmo, Ana Paula Nascimento, Anna Maria Rahme, Heloísa Dallari, Joana Tuttoilmondo, Maria Christina André Campos, Marcelo Mattos Araújo, Márcia Sandoval Gregori, Miriam Escobar, Pierina Camargo e Renata Vieira da Motta.

3 No meio internacional, a teoria estético-recepcional também ocupa um privilegiado lugar entre os pesquisadores, sendo inclusive objeto de reflexão da VII Conferência do Docomomo Internacional, realizada em Paris no ano de 2002, sob o título *La Réception de l'Architecture du Mouvement Moderne: Image, Usage, Héritage* (A Recepção da Arquitetura do Movimento Moderno: Imagem, Uso e Herança).

4 BAKER, Geoffrey. *Le Corbusier: uma análise da forma*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 13.

5 O *Índice de arquitetura brasileira* constitui uma sistematização de dados sobre arquitetura, artes visuais, paisagismo, planejamento e urbanismo, elaborado por iniciativa da FAU/USP com base na indexação de artigos publicados em revistas especializadas. O primeiro volume do *Índice de arquitetura brasileira* abrange as décadas de 1950 e 1960 e reúne as seguintes revistas: *AD Arquitetura e decoração*, *Acrópole*, *Arquitetura e engenharia*, *Bem estar*, *Brasil arquitetura contemporânea*, *Engenharia municipal*, *Habitat*, *Módulo*, *Publicação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* e *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*.

6 O *Art index* constitui uma sistematização de dados sobre arquitetura, artes visuais, paisagismo, planejamento e urbanismo, editado por Margaret Furlong para a nova-iorquina The Wilson Company, com base na indexação de artigos publicados em revistas especializadas de diversos países. Para a presente pesquisa foram consultados os seguintes volumes do *Art index*: nov. 1950 a out. 1953, nov. 1953 a out. 1955, nov. 1955 a out. 1957, nov. 1957 a out. 1959. Entre mais de uma centena de publicações in-

dexadas, inscrevem-se as seguintes revistas de arquitetura publicadas no exterior: *Architect and engineer*, *Architecture d'aujourd'hui*, *Architectural forum*, *Architectural record*, *Architectural review*, *Arts & architecture*, *Design*, *Interiors*, *Progressive architecture* e *Werk*.

7 A contribuição dos irmãos Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno pode ser aferida em: MELLO, Márcia Meltran de. *Moderno e modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia, 1933 a 1950 – 1950 a 1964*. São Paulo: FAU/USP, 1996 [dissertação de mestrado], e em SILVA, Macilóvia Corrêa da. *O plano de urbanização de Curitiba 1943 a 1963 e a valorização imobiliária*. São Paulo: FAU/USP, 2000 [tese de doutorado].

8 Entre as diversas publicações de Carlos Lemos, destacam-se o *Dicionário da arquitetura brasileira*, elaborado em parceria com Eduardo Corona e publicado pela editora Edart, em 1971; a tese de doutoramento *Cozinhas, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulistana*, pela editora Perspectiva, em 1978; e o livro de memórias *Viagem pela carne*, lançado pela Edusp em 2005.

9 Maiores informações sobre a obra de Arthur Arcuri podem ser obtidas em SANTANA, Rodrigo; PUGLIESI, Stella. *Arquitetura moderna em Juiz de Fora: a contribuição de Arthur Arcuri*. Juiz de Fora: Funalfa, 2002.

10 Segundo os termos do *Dicionário de arquitetura brasileira*, de Lemos e Corona, painel é definido como “a grande superfície decorada, tanto no interior como no exterior dos edifícios”, que pode ser executada em mosaicos de pastilhas de porcelana ou de cerâmica. Mural é entendido como “pintura executada em muro ou parede, geralmente de grandes dimensões e tratada de modo particular pelo artista”.

11 ATA Oficial do Júri de Premiação da I EIA. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.

12 ATA Oficial do Júri de Premiação da I EIA. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.

13 15 CONJUNTO Residencial Prefeito Mendes de Moraes – Pedregulho. In: *Brasil arquitetura contemporânea* (1): 4-16, Rio de Janeiro, ago./set. 1953.

14 BONDUKI, Nabil Georges. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e divisão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

15 GRUPO Escolar. Conjunto residencial de Santo André. Belo Horizonte, *Arquitetura e engenharia* (14): 53-61, jul./set. 1950.

16 MINDLIN, Henrique. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p. 156-7.

17 Além do professor doutor Raul Briquet colaboram para a execução do projeto os seguintes especialistas médicos: Armando

Sampaio e Waldemar Cardim, serviços de puericultura neo-natal, pediatria, berçários, lactário e escola de mães; Rafael Paula Souza, serviço de tuberculose; Domingos Ribeiro Neto, serviço de dermatologia e sifilografia; João Celeste, serviço de oftalmologia; João Girólamo, serviço de odontologia; J. M. Cabelo Campos, serviço radiodiagnóstico; M. Roxo e Antonio Costa Pinto, serviço de radioterapia; Eça Pires de Mesquita e Octávio Augusto Germeck, laboratórios; Oswaldo Mellone, banco de sangue e anestesia; Júlio Segre, serviço de esterelidade; Edith Frankel e Ella Hasenjaeger, serviços de enfermagem. O projeto também conta com a participação de Osvaldo Moura Abreu e Waldemar Tietz, estrutura de concreto armado; Otávio Marcondes Ferraz, instalações elétricas; C. Almirante Lomba, instalações de ar condicionado; Arthur Witzg, instalações de cozinha e lavanderia. In: MATERNIDADE Universitária de São Paulo. Belo Horizonte, *Arquitetura e engenharia* (20): 24-38, jan./fev. 1952.

18 As conferências de Rino Levi são comentadas em *Acrópole* (191): 493-495 e *Acrópole* (204): 536, São Paulo, out. 1955.

19 O curso de Rino Levi no Masp é comentado em *Habitat* (11): 10-11, São Paulo, jun. 1953.

20 FERRAZ, Geraldo. Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. *Habitat* (30): 44, São Paulo, mai 1956.

21 De acordo com a ficha de inscrição localizada no Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.

22 O Instituto de Puericultura é tema de artigos nas revistas *Arquitetura e engenharia*, *Brasil arquitetura contemporânea* e *Habitat*. Entre as publicações internacionais, é abordado pela revistas *Architectural review* e *Architecture d'aujourd'hui*.

23 ATA Oficial do Júri de Premiação da IV EIA. Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.

24 ESCOLA de Engenharia de São Carlos. *Habitat* (33): 44-49, São Paulo, ago. 1956.

25 Outras informações sobre o plano de Angélica, consultar: ARRUDA, Ângelo. Plano Urbano de Jorge Wilhelm fez nascer a cidade de Angélica há 50 anos. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc092/mc092.asp>> acesso em 1 jul. 2006.

análise das obras

Jorge Moreira, residência Antônio Ceppas, Rio de Janeiro

análise das obras

As fichas analíticas são estruturadas em três núcleos distintos: o primeiro apresenta os dados da obra (autor, data, construção, área etc), tendo como fonte as informações constantes nas fichas de inscrição localizadas no Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo. O segundo núcleo contém uma síntese descritiva de 600 caracteres, elaborada por este autor a partir da análise das soluções espaciais do projeto exposto ou recusado pelos jüris das cinco primeiras EIA. O terceiro módulo reúne outras informações localizadas nas fichas de inscrição, tomando o cuidado de preservar o texto originalmente incluído nas fichas de inscrição por seus autores. Em alguns casos, foram localizadas as legendas dos projetos quando de sua exibição nas bienais, que se encontram igualmente transcritas.

1

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Com base na ficha de inscrição localizada na Fundação Bienal, a obra em questão é, com grande probabilidade, a residência no Alto de Pinheiros publicada em *Habitat* [1954]. Sua volumetria pe caracterizada por acentuada ortogonalidade, valorizada pelo tratamento cromático das fachadas. O bloco é parcialmente suspenso em pilotis e a fachada voltada para o alinhamento frontal não possui aberturas, em decorrência de sua inadequada insolação. A distribuição dos ambientes em dois pavimentos proporciona resguardo ao setor íntimo e solução de continuidade entre as áreas sociais cobertas e descobertas.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 171-4, jan. 1954 [retrospectiva da obra de Abelardo de Souza entre 1939 e 1954]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete sim

painel 18

número da obra 97

programa 3 quartos, 2 banheiros, 2 salas, e demais dependências

esquema construtivo estrutura de concreto armado, cobertura de fibrocimento

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

frente voltada para o sul – revestimento externo de pastilhas verde e rosa

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Rua 1 Lote 8 Quadra 22

Alto de Pinheiros / São Paulo SP

autor do projeto ABELARDO DE SOUZA

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

2

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Barra / Salvador BA

autores do projeto ANTONIO
REBOUÇAS e LEO SMARCEVSKI

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência de grandes dimensões implantada nas proximidades da Praia da Barra, na capital baiana. O extenso programa residencial se desenvolve em dois pavimentos, com nítida setorização de ambientes. A estratégia do projeto consiste em expandir a laje plana de cobertura no alinhamento frontal do bloco de modo a configurar uma zona de recreação sombreada. Tal recurso ameniza as condições climáticas locais. Associado ao inusitado desenho do pilar de sustentação da cobertura, torna-se o principal foco de interesse da fachada, conferindo-lhe arrojo e plasticidade.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 14

número da obra 33

programa living, almoço, 4 quartos, varandas, copa, cozinha, garagem para 2 carros e dependências para empregados

esquema construtivo concreto armado, alvenarias, madeiras e materiais locais

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

residência permanente de um proprietário de recursos médios em zona beira mar

3

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

A obra exposta na I EIA é, possivelmente, a residência W. Gantois, em função da autoria do projeto e do local de implantação, no bairro de Itapuã, em Salvador, Bahia. O programa residencial se desenvolve em zonas funcionais que configuram volumes semi-independentes de acentuada horizontalidade. A adoção de pilotis expande a área de lazer sob o bloco, sendo sua privacidade controlada por muros de tijolos executados em disposição malhada. A inserção de painéis cerâmicos assinados pelo artista Caribé sinaliza o refinamento da composição.

periódicos 1951-1960

Habitat [8]: 16-7, 1952

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 14

número da obra 34

programa living, atelier, 3 quartos, varandas, copa, cozinha, garagem para 2 carros, garagem para barcos e dependência para empregados

esquema construtivo concreto armado, alvenarias, madeiras e materiais locais

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

residência permanente de um proprietário de recursos médios em zona beira mar

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Itapuã / Salvador BA

autores do projeto ANTONIO

REBOUÇAS e LEO SMARCEVSKI

data do projeto 1949

composição mural CARIBÉ

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

4

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO

Rua General Osório 676
Alto da Boa Vista / Santo Amaro
SP [atual município de São Paulo]

autor do projeto

ARNALDO FURQUIM PAOLIELLO

data do projeto 1950

construção Construtora Paoliello Ltda.
[provável]

área do lote 1200 m² aproximadamente

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Residência implantada em amplo terreno, com distribuição de ambientes articulada por vestíbulo de acesso. O setor íntimo subdivide-se por meio de armários e ocupa a porção frontal do lote. O setor de serviços volta-se para o miolo da quadra e possui pátio independente. Nos fundos do terreno, o barracão destinado à guarda de materiais durante a construção da residência se transforma em estúdio e sala de jogos para os filhos do arquiteto. Os diferentes planos da cobertura valoriza a volumetria dos diferentes núcleos da habitação.

periódicos 1951-1960

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 29, 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 40

número da obra 87

programa moradia p/ casal, recantos agradáveis, vistas e saídas para pátios e jardins. Três dormitórios com armários desmontáveis, banho com tripla utilidade

esquema construtivo telhado função única do pé direito, localização de encanamentos concentrados. Estrutura de telhado aproveitada para forro

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

clima quente, abundância de madeira compensada [forro, divisões internas com armários, paredes externas e decorativas]. Casal sem filhos – arquiteto

síntese descritiva

Residência implantada em terreno de generosas proporções. O programa se desenvolve em planos articulados por vestibulo central, reduzindo custos de terraplenagem e resguardando a intimidade dos dormitórios. A cobertura, numa única água de 28 metros, valoriza os diferentes setores da habitação e imprime um caráter monumental ao conjunto. Nos fundos do lote são dispostos pavilhão de jogos e dependências de empregados, de modo a configurar um pátio de serviços. O cuidadoso tratamento das fachadas, por meio da combinação de materiais de diferentes cores e texturas, merece destaque.

periódicos 1951-1960

Acrópole [164]: 279-81, dez 1951

Acrópole [181]: 493-5, 1953

Architecture d'aujourd'hui [28]: XXV, set 1957

Arquitetura e decoração [5]: mai./jun. 1954

Arquitetura e engenharia [32]: 8-10, jul./set. 1954

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 29, 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 52-3; 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete não

painel 40

número da obra 86

programa partes de habitação noturna e diurna bem separadas.

Salão para jogos e festas dando para jardins. recepção e serviço independentes em 3 planos, aproveitando declive do terreno

esquema construtivo estrutura de concreto armado, cobertura eternit sobre laje, tijolos furados

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

clima tropical, materiais variados como granito cinza, pastilhas porcelana, tijolos a vista etc. família com 4 filhos. Industrial, vida social e ao ar livre

**RESIDÊNCIA DOMINGOS PIRES
DE OLIVEIRA DIAS**

Rua General Osório 692

Alto da Boa Vista / Santo Amaro

SP [atual município de São Paulo]

autor do projeto

ARNALDO FURQUIM PAOLIELLO

data do projeto 1951

paisagismo JARDINARTE

construção Construtora Paoliello Ltda.

área do lote 2400 m²

área construída 567 m²

número de pavimentos 2

andar superior

andar principal

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

6

RESIDÊNCIA JOSÉ PIRES DE OLIVEIRA DIAS

Praia do Sol

Interlagos / Santo Amaro SP

[atual município de São Paulo]

autor do projeto

ARNALDO FURQUIM PAOLIELLO

data do projeto 1951

construção Construtora Paoliello Ltda.

área do lote dado não disponível

área construída 670 m²

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência de veraneio implantada nas imediações da Represa do Guarapiranga.

O programa se desenvolve em planta cruciforme, cuja área central é ocupada pelo setor de convívio social. O setor íntimo é organizado em alas independentes, garantindo completa privacidade ao proprietário e convidados.

A adoção de materiais sem revestimento – madeira, pedras e tijolos – confere certa rusticidade ao conjunto, além de valorizar os jogos de superfícies e volumes. Ressalte-se o cuidadoso estudo de ventilação e cobertas, satisfazendo as necessidades de conforto térmico.

periódicos 1951-1960

Acrópole [166]: 358-9, fev. 1952

Habitat [22]: 27-9, mai./jun. 1955

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em execução

maquete não

painel 40

número da obra 88

programa casa para fim de semana e férias, vida ao ar livre, vista p/ represa.

Seis dormitórios com banheiros, grande sala de estar para jogos etc

esquema construtivo estrutura do telhado com madeira sendo aproveitada para o forro de celotex, estudo de ventilação por meio de venezianas corridas

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

clima quente, materiais ao natural: granito cinza, tijolos a vista, concreto, madeira etc. Família com dois filhos casados. Industrial

7

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Os dados da ficha de inscrição faz crer que a obra exposta na I EIA é a residência Carlos Leite. O programa se distribui em blocos independentes, com articulação feita por rampas envidraçadas, desde as quais se avistam o pátio central e o núcleo de convivência social. Os dormitórios são alinhados no volume frontal, suspenso em pilotis para ampliar a área de lazer e configurar vagas cobertas de estacionamento. A associação de materiais [concreto armado, telhas de fibrocimento, esquadrias do tipo ideal e pintura "buca-tex"] prima pela utilização de avançados recursos técnicos da época.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 75, ago. 1952

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete sim

painel 38

número da obra 197

programa residência para família numerosa com 5 quartos, 3 banheiros, rouparia, grande sala de estar, sala de musica, refeições, escritório e peças de serviço

esquema construtivo estrutura de concreto armado, cobertura de fibrocimento, esquadrias do tipo ideal, pintura "buca-tex" etc

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Avenida Rebouças

São Paulo SP

autor do projeto

CARLOS FREDERICO FERREIRA

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

8

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Riviera Francesa / Santo Amaro SP
[atual bairro Riviera / São Paulo SP]

autor do projeto EUGENIO SZILAGYI

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados fornecidos pela ficha de inscrição localizada na Fundação Bienal indicam apenas o número de peças constante no programa e os materiais utilizados para a construção da residência, sem permitir uma análise mais aprofundada sobre a expressão arquitetônica do projeto. A presença de varandas e vestiário faz crer que a obra pauta-se pela integração com a paisagem circundante, com valorização de atividades ao ar livre.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em branco

maquete não

painel 44

número da obra 123

programa sala de estar, sala de jantar, 3 dormitórios, 2 terraços cobertos, 1 com as salas e um para dormitórios, cozinha, lavanderia, wc, vestiário com todos os armários embutidos

esquema construtivo construção de tijolos, pedras e concreto armado, madeira

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
clima local. proposta para riviera francesa

9

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Edifício residencial construído em importante logradouro da capital, nas proximidades da Avenida Paulista. A obra é organizada em três partes: embasamento, corpo principal e apartamento de cobertura, configurando um volume prismático regular de base quadrada. A adoção de térreo recuado em pilotis, com pé direito duplo, confere aspecto monumental ao bloco e ao mesmo tempo garante adequadas condições luminotécnicas aos primeiros andares dos apartamentos. O tratamento das fachadas reafirma a filiação racionalista da composição, em que prevalece a austeridade e a economia de elementos.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 171-4, jan 1954 [retrospectiva da obra de Abelardo de Souza entre 1939 e 1954]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete sim

painel 19

número da obra 56

programa habitação coletiva em zona exclusivamente residencial provida escolas diversos graus e clubes de esporte

esquema construtivo apartamentos para famílias menores e maiores acomodação abundante para automóveis. o grande declive do terreno deu ensejo a projetar garages em 3 níveis diferentes

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

observação rigorosa de boa ventilação. o trânsito intenso, embora só de automóveis, indicou a localização do primeiro piso de habitação na altura de 8 metros acima do nível da rua

EDIFÍCIO PILOTIS

Avenida Nove de Julho, 2823
Jardim Paulista / São Paulo SP

autor do projeto FRANCISCO BECK

data do projeto 1948

construção Francisco Beck

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 13 [térreo, mezanino, 9 pavimentos tipo e apartamento de cobertura dúplex]

CATEGORIA HABITACÃO

10

Rua Epitácio Pessoa
Vila Buarque / São Paulo SP

número de pavimentos dado não disponível

Não foram localizadas peças gráficas ou registros iconográficos sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. Os dados da ficha de inscrição são insuficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, ainda que seja possível saber que o programa se subdivide entre embasamento, de uso comercial, e pavimentos-tipo ocupados por apartamentos de extensão mínima. A biblioteca da FAU/USP dispõe de material de uma obra com programa similar, na mesma rua, desenvolvida pela Construtora Warchavchik-Newmann em 1953, fazendo crer que o projeto de Francisco Beck pode ter sido descartado.

habitação para casais com extensão mínima, distinguindo-se as zonas de refeição, recepção e de dormir. Duas entradas do prédio para melhorar o nível da habitação

11

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Projeto concebido para abrigar funcionários públicos municipais residentes na Ilha de Paquetá. Compreende administração, serviço social e, em dois blocos alinhados nas divisas do lote, 27 apartamentos dúplex dotados de quintais privativos. O acesso aos apartamentos é feito por galeria de circulação coberta, protegida por cobogós e integrada à área de lazer coletiva. Em solução análoga à residência Accioly, o arquiteto recorre a elementos tradicionais combinados ao repertório moderno, a exemplo do ritmo imposto às janelas azul cobalto dos dormitórios, encimadas por elementos basculantes em fita.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 18-21, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [34]: 2-7, jan./mar. 1955

Habitat [18]: 17-9, set./out. 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 130-2; 246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete em branco

painel 19

número da obra 111

programa dois blocos de habitação com 27 apartamentos de sala, cozinha, dois quartos e banheiro. Casa do administrador do conjunto

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

habitações para funcionários da Prefeitura do Distrito Federal de baixo salário que residem em barracos na Ilha de Paquetá

CONJUNTO RESIDENCIAL DE PAQUETÁ

Rua Padre Juvenal, 4
Paquetá / Rio de Janeiro DF

autor do projeto FRANCISCO BOLONHA

data do projeto 1949-51

composição mural ANÍSIO MEDEIROS

cálculo estrutural engenheiros

SIDNEY GOMES DOS SANTOS,

DAVID ASTRAKAN E CARLOS GOIS

construção Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal

direção engenheira CARMEN PORTINHO

fiscalização engenheiro GABRIEL SOUZA

AGUIAR e arquiteta LYGIA FERNANDES

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

andar superior de uma unidade

térreo

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

12

RESIDÊNCIA

HILDEBRANDO ACCIOLY

Estrada do Contorno, km 73
Fazenda Inglesa / Petrópolis RJ

autor do projeto FRANCISCO BOLONHA

data do projeto 1948-50

altar da capela dom GERALDO MARTINS

composição mural EMERIE MARCIER

cálculo estrutural SILVIO ROCHA

e SIDNEY GOMES DOS SANTOS

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída 500 m²

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência de veraneio de programa funcional complexo, dotada de instalações para diferentes tipos de hóspedes. Sua organização conforma núcleos semi-independentes, dispostos em torno de pátios ajardinados. Em solução incomum à tradição local, possui capela integrada ao corpo principal da residência, conservando-se a rusticidade característica das pequenas construções rurais. Para tanto, o arquiteto combina materiais e técnicas tradicionais a um vocabulário moderno, expresso pela modulação estrutural e pela ordenação dos volumes, cuja implantação mantém inalterada a feição topográfica do lote.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 18-21, ago. 1952

Brasil arquitetura contemporânea [10]: 22-55 1957

Habitat [25]: 54-5, dez, 1955

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 40-1; 162-3; 246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete em branco

painel 19

número da obra 112

programa três salas, oito quartos, três banheiros, capela, claustro, varanda, garagem, copa, cozinha, dois quartos de empregada, lavanderia.

esquema construtivo estrutura de concreto armado, cobertura de fibrocimento

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
residência para férias

13

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

A volumetria é resultante da associação de blocos de acentuada ortogonalidade, com dormitórios voltados para o norte e salas integradas aos espaços de lazer nos fundos do lote. A fachada principal praticamente não possui aberturas, mas tão somente os acessos de pedestres e veículos. Sobre o pano cego do pavimento superior é aplicada uma composição mural executada em elementos cerâmicos. Por suas qualidades plásticas, o painel confere significação urbana à obra residencial.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete sim

painel 37

número da obra 114

programa 3 dormitórios, 2 banheiros, 1 quarto de trabalho, terraços, living com sala de jogos, sala de jantar e de almoço, escritório, copa, cozinha, 2 quartos de empregados, garagem [2 carros] piscina, bar, barracão

esquema construtivo estrutura de concreto armado, cobertura de fibrocimento, pisos de mármore, tacos e cerâmica

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

dormitórios voltados para o norte – pátio social interno. construção de fino acabamento

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Rua Groenlândia, 1478

Jardim Europa / São Paulo SP

autor do projeto

GILBERTO JUNQUEIRA CALDAS

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

14

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO [IBSEN PIVATELLI]

Rua do Gama, esquina
com Largo do Infante
Jardim Lusitânia / São Paulo SP

autores do projeto GILBERTO
MUYLAERT TINOCO e IBSEN PIVATELLI
data do projeto 1951
construção dado não disponível
área do lote dado não disponível
área construída dado não disponível
número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência unifamiliar implantada em lote de esquina, nas proximidades do Parque Ibirapuera. O programa se desenvolve em três núcleos funcionais articulados por rampas, dispostos em torno de pátio central descoberto. Sob os dormitórios, suspensos em pilotis e orientados para o norte, configura-se uma extensão do pátio central, coberta e delimitada externamente por meio de elementos vazados. A solução da cobertura em águas convergentes realça o tratamento volumétrico dos diferentes núcleos funcionais e possibilita o acréscimo de um ateliê visualmente integrado à sala de estar.

periódicos 1951-1960

Habitat [5]: 48-9, 1951

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? a ser iniciado em outubro de 1951

maquete não

painel 43

número da obra 39

programa residência de um arquiteto com família composta de 3 pessoas

esquema construtivo pisos e entre pisos de concreto armado no corpo central e pilotis na parte anterior a fim de criar o máximo de espaço ajardinado

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

orientação adequada, materiais isolantes e refratários para cobertura e impermeabilizantes para exterior, conjuntos de serviços, social e íntimo com circulação independente

15

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

O Edifício Presidente Roosevelt ocupa a porção frontal de um lote estreito e profundo na orla de Santos. Graças a ligeira inflexão da torre, todos os 77 apartamentos duplex desfrutam das visuais da Praia do Gonzaga. As unidades residenciais possuem sala integrada à varanda, cozinha e lavanderia no piso inferior; dormitório, banheiro e vestíbulo de acesso no pavimento superior, permitindo fácil acesso ao banho antes da circulação por outros cômodos do apartamento. O embasamento do edifício possui playground sob pilotis e estacionamento para 27 autos em bloco coberto nos fundos do terreno.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 194-5, jan. 1954

Habitat [6]: 66-8, 1952

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? a ser

maquete sim

painel 41

número da obra 94

programa apartamento tipo duplex de sala, quarto, cozinha e banheiro. No térreo play para crianças, público e garagens

esquema construtivo estrutura de concreto armado, paredes de vedação em alvenaria e cerâmica vazada

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] a vista para o mar condicionou a situação do prédio

EDIFÍCIO PRESIDENTE ROOSEVELT

Avenida Vicente de Carvalho

Gonzaga / Santos SP

autores do projeto

HELIO QUEIROZ DUARTE e ERNEST

ROBERT DE CARVALHO MANGE

data do projeto 1951

incorporação Banco Hipotecário
Lar Brasileiro

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 16

[térreo, mezanino e sete pavimentos-tipo duplex]

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

16

SEDE DOS SINDICATOS E HABITAÇÃO PROLETÁRIA

Avenida Getulio Vargas
Centro Rio de Janeiro DF

autores do projeto HELIO UCHOA
CAVALCANTI e PEDRO CLARK LEITE

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, peças gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos sistematizados no *Índice de Arquitetura Brasileira* e no *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960]. A ficha de inscrição localizada na Fundação Bial faz crer que o projeto caracteriza-se por programa de grande complexidade, composto pela Rádio Mauá – ligada ao Ministério do Trabalho durante a vigência do Estado Novo, Sede de Sindicatos, escritórios e unidades residenciais dotadas de centro médico, cooperativa e espaços recreativos.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em preparo

maquete sim

painel 12

número da obra em branco

programa sede sindicatos, assistência médica, jurídica e dentária. cooperativa, recreação operária. Rádio Mauá e bloco de apartamentos para operários

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

17

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Conjunto multifuncional situado em via arterial no centro de São Paulo.

O embasamento abriga lojas comerciais e escritórios da empresa Três Leões, proprietária do conjunto. A volumetria do edifício se define pelas 131 unidades residenciais, subdivididas em blocos interligados por torre de circulação vertical.

Os elevadores, sociais e de serviço, possuem acessos independentes no pavimento térreo e param em andares alternados, definindo circulações isoladas, colocadas a meia altura entre os pavimentos. A alternância das varandas nas salas e dormitórios, por sua vez, imprime ritmo à fachada.

periódicos 1951-1960

Acrópole [170]: 62-4, jun. 1952

Acrópole [184]: 170, jan. 1954

Architecture d'aujourd'hui [23]: 60-1, ago. 1952]

livros e catálogos 1951-1960

Hitchcock [1955: 195]

Mindlin [1956: 98-9; 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 44

número da obra em branco

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

EDIFÍCIO TRÊS LEÕES

Avenida São João, 1072/1116

Centro / São Paulo SP

autor do projeto HENRIQUE MINDLIN

data do projeto 1941

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 21 [subsolo, térreo, 2 mezaninos, 9 andares com 11 aptos. por andar e 8 andares com 4 aptos. por andar]

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

18

RESIDÊNCIA FRITZ BLANKENSTEIN

Sítio das Colinas

Suzano SP

autor do projeto LUCJAN KORNGOLD

data do projeto 1946

construção Escritório Técnico

Lucjan Korngold

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

A obra em questão é, provavelmente, a casa de campo de Fritz Blankenstein, conforme indicação da revista *Acrópole*. O programa é organizado em setores semi-independentes dispostos em torno de pátio central e de varanda coberta de acesso, com amplos espaços comuns. Nos fundos do lote, confinada entre o setor de serviços e a garagem coberta, é implantada edícula para criados, isolando-se percursos. A expressão arquitetônica do conjunto, formulada com base na utilização de técnicas e materiais de beneficiamento industrial simples, postula integrar-se com a paisagem local.

periódicos 1951-1960

Acrópole [177]: 311-5, 1953

Arquitetura e engenharia [15]: 53-7, jan./fev. 1951

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? 1947

maquete não

painel 18

número da obra 79

programa sala de estar, sala de jantar, biblioteca, 4 dormitórios, 2 banheiros e dependências de serviços

esquema construtivo paredes de tijolos são ponto de apoio e formam a estrutura do prédio

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

19

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Edifício residencial construído em importante logradouro da capital paulista. O programa é composto de 11 unidades de grandes dimensões e térreo parcialmente elevado em pilotis, sob o qual se desenvolvem atividades de lazer coletivo. A implantação do bloco, oblíqua em relação à testeira do lote, interrompe o ritmo das demais edificações da quadra e garante adequadas condições de insolação para os setores social e íntimo. Sala e dormitórios são alinhados por varandas contínuas que imprimem acentuada horizontalidade para a composição.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? ainda não

maquete sim

painel 13

número da obra 100

programa folha anexa [não localizada]

esquema construtivo folha anexa [não localizada]

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] folha anexa [não localizada]

observações aprovado sob protocolo 142197/50. Proprietário: sr Cincinato Cajado Braga

EDIFÍCIO RESIDENCIAL

Avenida Nove de Julho entre

Al. Franca e Al. Itu

Jardim Paulista / São Paulo SP

autor do projeto LUIZ CONTRUCCI

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 12

[térreo, 10 pavimentos tipo e apartamento de cobertura]

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

20

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

São Paulo [Cidade ou Estado?]

autor do projeto LUIZ MAIORANA

data do projeto 1947/1951

construção não construída

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. A única informação disponível sobre o projeto, localizada nos arquivos da Fundação Bienal, indica que a residência possui auditório anexo. Nenhuma obra do italiano Luiz Maiorana, responsável pela construção do Pavilhão do Trianon, integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete sim

painel 43

número da obra 186

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
residência com auditório anexo

síntese descritiva

O projeto em questão é concebido dentro dos padrões recomendados no plano diretor dos bairros da Tijuca e da Gávea Pequena, proposto pela administração municipal para abrigar residências de veraneio. O programa é organizado em zonas espaciais independentes, com jogo de volumes evidenciados pelo movimento da coberturas e pelo tratamento das aberturas, com utilização de brises verticais, treliças de madeira e persianas móveis. No centro da composição, os espaços de convivência social dialogam com o pátio semi-aberto, constituído por piscina, bar e pavilhão de jogos.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 74, ago. 1952

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 40

número da obra 106

programa vestíbulo, escritório, quatro quartos, dois banheiros, sala, sala de jantar, copa-cozinha, dois quartos e banheiro para empregados, rouparia, garagem com dependências para chofer, pátio de serviço, varanda e piscina

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

**RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR
PARA PLANO DE URBANIZAÇÃO
DA TIJUCA E DA GÁVEA**

Tijuca / Gávea / Rio de Janeiro DF

autor do projeto LYGIA FERNANDES

data do projeto 1949

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

22

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Localização não disponível

autor do projeto MIGUEL FORTE

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações de Miguel Forte publicadas nas revistas especializadas na década de 1950

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 44

número da obra 63

programa em branco

esquema construtivo estrutura de concreto armado com paredes externas de enchimento de tijolos comuns

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações de Miguel Forte publicadas nas revistas especializadas na década de 1950.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 44

número da obra 62

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Localização não disponível

autor do projeto MIGUEL FORTE

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

24

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Localização não disponível

autor do projeto MIGUEL FORTE

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações de Miguel Forte publicadas nas revistas especializadas na década de 1950.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 44

número da obra 61

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. Trata-se de edifício residencial de unidades de pequena metragem, conforme indicação da ficha de inscrição pertencente aos arquivos da Fundação Bienal. Não foram localizados artigos sobre o projeto no *Índice de Arquitetura Brasileira* e no *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 18

número da obra em branco

programa edifício residencial de apartamentos para solteiros

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

EDIFÍCIO RESIDENCIAL

Localização não disponível

autor do projeto MIGUEL OLIVEIRA
RIBEIRO

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

26

RESIDÊNCIA WALTHER MOREIRA SALLES

Rua Marquês de São Vicente, 476
Gávea / Rio de Janeiro DF

autor do projeto

OLAVO REDIG DE CAMPOS

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote 10.000 m²

área construída 2.000m²

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência de alto padrão implantada nos contrafortes da Floresta da Tijuca. O programa se desenvolve em torno de pátio central, virtualmente delimitado por marquise ondulada de concreto. O projeto associa elementos clássicos, expressos nas proporções e ritmo da fenestração e das colunatas, e modernos, presentes na setorização funcional e na adoção da planta livre. A articulação do bloco principal com o de serviços é feito por meio de anteparo curvo de alvenaria, sobre o qual se insere um painel de Roberto Burle Marx, também autor da proposição paisagística premiada na II EIA [obra 176].

periódicos 1951-1960

Habitat [6]: 56-63, 1952

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete em branco

painel 12

número da obra em branco

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

síntese descritiva

Edifício multifuncional situado nas proximidades do Hotel Quitandinha, em Petrópolis, composto de unidades habitacionais, comerciais e serviços de apoio. No embasamento, constituído pelo pavimento térreo e pela sobreloja, é proposta a primeira versão dos pilares em “v”, posteriormente empregados no Palácio da Agricultura [obra 164] e em diversas outras obras do arquiteto. A tipologia dos apartamentos, articulada em planos intermediários em relação aos corredores de acesso, setoriza ambientes e otimiza os espaços de circulação vertical, com paradas alternadas dos elevadores.

periódicos 1951-1960

Architectural review [114]: 14-5 jul. 1953

Architecture d'aujourd'hui [42/43]: 116-9, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [19]: 26-39, out./dez. 1951

Progressive architecture [33]: 15-8 jan. 1952

livros e catálogos 1951-1960

Paglia [1952: 1 pág. s/n]

Papadaki [1955: 18-39]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? iniciando venda dos apartamentos

maquete sim

painel 11

número da obra 49

programa bloco de habitação coletiva. Serviços centrais centralizados
restaurante, mercado etc. Serviço social – escola primária, etc. Esportes, turismo

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

**CONDOMÍNIO HOTELEIRO
QUITANDINHA**

Quitandinha / Petrópolis RJ

autor do projeto OSCAR NIEMEYER

data do projeto 1951

construção não construída

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 30

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

28

RESIDÊNCIA MICHEL ABU JAMRA

Rua Tremembé, 6
Sumaré / São Paulo SP

autor do projeto

OSWALDO CORRÊA GONÇALVES

data do projeto 1950

composição mural CLÓVIS GRACIANO

cálculo estrutural CHAHIM ABU JAMRA

construção CHAHIM ABU JAMRA

área do lote 649 m²

área construída 321,44 m²

número de pavimentos 2

síntese descritiva

A implantação do bloco aproveita o forte desnível do lote para agenciar o programa em dois pavimentos, unidos por rampa. Os setores íntimo e social conformam dois núcleos independentes no piso superior, beneficiando-se das melhores visuais e da insolação mais apropriada. O piso inferior, ocupado apenas na porção frontal do lote, agrupa o estacionamento de automóveis, que também pode ser utilizado como terraço coberto, e o setor de serviços, em cujas paredes se insere um duplo mural figurativo assinado por Clóvis Graciano, visível desde o logradouro público.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 192-3, jan. 1954

AD Arquitetura e decoração [2], nov. 1953

Habitat [9]: 9-10, 1952

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete sim

painel 38

número da obra 44

programa residência casal com um filho e outra pessoa

esquema construtivo estrutura de concreto – edificação em pilotis

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

clima tropical, quebra-sol face oeste, painel decorativo em pastilhas de porcelana vidrada

síntese descritiva

A obra exposta na I EIA é, provavelmente, a residência Osmar Gonçalves, situada na baixada santista. O programa se desenvolve com nítida delimitação de três zonas – social, íntima e de serviços, de modo a configurar alas retangulares articuladas pelo setor de convívio social. A estratégia da composição garante adequada orientação solar para os dormitórios sociais e de serviços, e ao mesmo tempo configura um pátio central abrigado da rua. A volumetria do bloco, de acentuada ortogonalidade, é dinamizada com as soluções paisagísticas de Roberto Burle Marx.

periódicos 1951-1960

AD Arquitetura e decoração [1]: 2 págs. s/n, ago./set. 1953

Habitat [9]:11, 1952

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 46; 248]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete não

painel 38

número da obra 45

programa residência de casal com dois filhos menores, ala esquerda para dormitórios, ala direita para serviços ligados através de amplo living com terraço e jardim de inverno

esquema construtivo estrutura parte concreto armado, utilização de placas de cimento amianto como quebra sol na face norte

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

tropical – pastilhas de porcelana na fachada, placas de cimento amianto

– família de posse média

RESIDÊNCIA OSMAR GONÇALVES

Rua Machado de Assis, 99

Santos SP

autor do projeto

OSWALDO CORREA GONÇALVES

data do projeto 1950

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

construção Aníbal Martins Clemente

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

planta

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

30

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO

Rua Benjamin Constant 1963

Cambuí / Campinas SP

autor do projeto RENATO RIGHETTO

data do projeto 1949

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência do arquiteto Renato Righetto, implantada em lote estreito e profundo em bairro nobre campineiro. O programa, que incorpora um pequeno ateliê de trabalho, é desenvolvido em núcleos semi-independentes e articulado por eixo de circulação central. O desenho da cobertura e o tratamento dos elementos de proteção solar constituem os principais elementos da composição, cujas soluções de projeto remetem ao formalismo de certos arquitetos cariocas. Ressalte-se que Righetto, autor de proposições paisagísticas referenciais à afirmação da modernidade em Campinas, é formado no Rio de Janeiro.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 39

número da obra 81

programa varanda-pátio, sala de estar-jantar, sala de almoço, copa-cozinha, serviço, circulação quarto de costura, 3 dormitórios, banho, chuveiro, wc, estúdio, apartamento no andar superior, dependências de empregada

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

zona temperada. concreto, madeira, alvenaria de tijolos, vidros, azulejos decorativos. pintura a óleo. residência de um arquiteto

síntese descritiva

Edifício de alto padrão construído em sistema de cotas fechadas. A volumetria do bloco, de forte acento ortogonal, é definida pela disposição dos apartamentos nos pavimentos, com acessos sociais independentes e acessos de serviço que atendem duas unidades por andar. O sistema estrutural obedece o mesmo rigor do tratamento plástico das fachadas e permite variações na disposição das áreas social e íntima dos apartamentos. No pavimento térreo, a concepção paisagística e os painéis de azulejos, assinados por Roberto Burle Marx, constituem nota de contraste ao rigor que caracteriza o conjunto.

periódicos 1951-1960

Acrópole [154]: 259-62, fev. 1951

Acrópole [184]: 160, jan. 1954

Arquitetura e engenharia [17]: 42-5, mai./jun. 1951

Habitat [18]: 12-6, set.-out. 1954

Habitat [30]: 34-49, mai. 1956 [série individualidades]

Progressive architecture [33]: 63-7, ago. 1952

Werk [40]: 247-9, ago. 1953

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 96-7; 250]

Paglia [1952: 1 pág. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 12

número da obra 103

programa garagem para 40 automóveis, andar térreo em pilotis, nove andares com quatro apartamentos e um andar com dois apartamentos

esquema construtivo concreto armado – alvenaria – cobertura laje

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

EDIFÍCIO PRUDÊNCIA

Avenida Higienópolis, 265
Higienópolis / São Paulo SP

autor do projeto RINO LEVI

colaboração FRANZ ANDREAS

PESTALOZZIK e ROBERTO

CERQUEIRA CESAR

data do projeto 1944

composição mural e paisagismo

ROBERTO BURLE MARX

incorporação Prudência Capitalização

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 12 [subsolo, térreo, 9 pavimentos-tipo e cobertura]

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

32

RESIDÊNCIA OLIVO GOMES

São José dos Campos SP

autor do projeto RINO LEVI

colaboração

ROBERTO CERQUEIRA CESAR

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência de alto padrão implantada nos arredores de São José dos Campos. Aproveitando-se do desnível existente, as áreas social, íntima e de serviços estão agrupadas no piso superior e conformam zonas espaciais independentes, articuladas por ambientes de permanência transitória – vestíbulo e abrigo de automóveis. No piso inferior estão alocados salão de jogos e terraço coberto contíguo à piscina. O tratamento paisagístico e a inserção de painéis geométrico-abstratos, assinados por Roberto Burle Marx, imprimem criteriosa integração com a expressão arquitetônica que caracteriza o conjunto.

periódicos 1951-1960

Acrópole [217]: 39, nov. 1956

Acrópole [184]: 162, jan. 1954

Architecture d'aujourd'hui [23]: 65-6, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [34]: 26-31, jan./mar. 1955

Habitat [2]: 19-22, jan./mar. 1951

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 70-1; 250]

Paglia [1952: 1pág. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete não

painel 12

número da obra 101

programa residência para família que recebe numerosas visitas de São Paulo nos week-ends

esquema construtivo concreto armado, cantaria e alvenaria. Cobertura de fibrocimento

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

síntese descritiva

A obra exposta na I EIA, em função de sua localização, pode ser a *Thirteen-room house* publicada na revista *Architectural forum*, em 1947, muito embora a ficha de inscrição assinala a existência de três dormitórios e não quatro, conforme demonstra o artigo mencionado. De acordo com a revista, a residência em questão é implantada sob pilotis, com setorização funcional determinada pelos eixos de circulação social e de serviço. As rampas que acompanham a extensão do living formam um conjunto de notável efeito plástico, rompendo com a ortogonalidade que caracteriza a composição.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete não

painel 42

número da obra em branco

programa residência do arquiteto – sala de estar e refeições – escritório – três quartos e dependências de serviço

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO

Leblon / Rio de Janeiro DF

autor do projeto THOMAZ ESTRELLA

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 3

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA HABITAÇÃO

34

RESIDÊNCIA JERÔNIMO LEAL

Rua Almirante Alexandrino
Santa Teresa / Rio de Janeiro DF

autor do projeto ULYSSES BURLAMAQUI

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

A obra exposta na I EIA é, provavelmente, a residência Jerônimo Leal, implantada em lote de acentuada declividade em Santa Teresa, Rio de Janeiro. A organização do programa não encerra modificações ao quadro corrente mas, em função de seu fluxograma, cria ângulos e perspectivas de forte impacto para o visitante, retomando a idéia da *promenade architecturale* corbuseriana. Os percursos podem ser feitos de modo a conectar a rua ao setor íntimo de forma direta, preservando-se a autonomia dos ambientes de convivência social. Ressalte-se, por fim, a modulação ortogonal das soluções do conjunto.

periódicos 1951-1960

Arquitetura e engenharia [19]: 56-7, out./dez. 1951

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? ainda não

maquete sim

painel 43

número da obra 107

programa sala, quatro quartos, banheiro, copa-cozinha dependências de serviço

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

família de nível médio, construção relativamente econômica, orçamento

Cr\$ 800.000,00. Concreto, pedra, madeira etc

síntese descritiva

Edifício destinado à fabricação de fios de cobre, implantado em distrito industrial próximo às vias de ligação com o porto de Santos. Em volume prismático de forte acento ortogonal, são abrigados o setor de escritórios e a unidade fabril, com pé direito de 20 metros e iluminação zenital, em *sheds*. O tratamento de fachadas alterna faces totalmente envidraçadas, outras com revestimento cerâmico, e elementos verticais móveis de proteção solar, executados com placas de fibrocimento.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 32, ago. 1952

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete sim

painel 38

número da obra 199

programa fábrica de linhas para coser com escritórios, vestiários etc

esquema construtivo concreto armado – grandes vãos – cobertura em *sheds* – esquadrias em serralheria

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

FÁBRICA CBLC

Ipiranga – São Paulo SP

autor do projeto

CARLOS FREDERICO FERREIRA

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 3

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO
TÉCNICO OU INDUSTRIAL

36

**FÁBRICA – SOCIEDADE
TÉCNICA PAULISTA LTDA –
TRANSMISSORES DE RÁDIO**

Avenida do Estado
São Paulo SP

autores do projeto EDUARDO CORONA
e ROBERTO TIBAU

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, peças gráficas e registros fotográficos sobre o projeto nos arquivos consultados e nos periódicos que compõem o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* nos anos 1950. De acordo com a ficha de inscrição do projeto, o programa abrange áreas administrativas, linha de produção e de pesquisa. O uso de sheds na cobertura de concreto cria satisfatórias condições luminotécnicas, tornando o ambiente apropriado para a realização das atividades de trabalho.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete sim

painel 40

número da obra 69

programa administração – oficinas – almoxarifado – vestiários – restaurante e laboratório

esquema construtivo estrutura concreto armado – cobertura de concreto em sheds

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
iluminação orientada [zenital] – conforto das condições de trabalho

síntese descritiva

A obra exposta na I EIA é, com grande dose de certeza, o núcleo social da Fábrica de Tecidos Tatuapé S/A, projetada em fins dos anos 1940. Pertencente ao grupo Santista Têxtil, a unidade Osasco destina-se à produção de tecidos para sacaria e lençóis da marca Santista. O programa do projeto inclui creche, café, restaurante, cooperativa e capela. O plano também prevê a construção de uma torre d'água para combate a incêndios e para o abastecimento de uma piscina a ser implantada nas adjacências do campo de futebol e da sede do clube dos operários já existentes quando da elaboração do projeto.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? a construir

maquete não

painel 35

número da obra 133

programa para uma fábrica de tecelagem, onde trabalham aproximadamente 1500 operários, sendo metade mulheres, deverá ser construído um grupo de serviços: creche, jardim de infância e uma aula primária; isolamento; serviços médicos e dentários; escola de costura; restaurante para operários e mestres; restaurante para visitantes e diretores; café; cooperativa para os operários; acumulação de água para serviço de incêndio da fábrica, aproveitando-se a mesma para piscina; capela. Próxima a essa instalação existe campo de esporte e sede de clube de operários.

esquema construtivo construção em concreto e alvenaria. Clima idêntico ao de São Paulo

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

proximidade do local de trabalho 300 metros e dos lugares de recreação 100 metros

**SERVIÇOS GERAIS PARA
FÁBRICA [FÁBRICA TATUAPÉ]**
Osasco SP
autor do projeto

OSWALDO ARTHUR BRATKE

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

38

PISCINA [ESPORTE CLUBE OURINHENSE]

Ourinhos SP

autor do projeto

ABELARDO RIEDY DE SOUZA

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Conjunto desportivo concebido para o Esporte Clube Ourinhense. O programa compõe-se de piscina olímpica, arquibancadas, bar, vestiários e torre d'água implantados em área situada às margens de praia fluvial. A piscina olímpica ocupa o centro da composição e articula a organização dos demais blocos. A arquibancada, de conformação trapezoidal, é coberta por membrana apoiada em pilares arqueados. Por sua inusitada plasticidade, a arquibancada constitui o elemento formal de maior destaque.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 172, jan. 1954

Habitat [2]: 12-3, jan./mar. 1951

Habitat [39]: 2-21 [novos valores]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete sim

painel 18

número da obra 98

programa piscina para um clube social para recreação dos associados

esquema construtivo estrutura e cobertura de concreto armado, vestiários de alvenaria com cobertura de fibrocimento

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

zona quente – ventos predominantes S/E

síntese descritiva

Obra realizada graças ao empenho do ministro Gustavo Capanema, que defende a anulação do resultado do concurso público realizado em 1935 e apóia a decisão de Lucio Costa em convocar Le Corbusier para prestar consultoria ao projeto alternativo, desenvolvido em equipe. Da troca de experiências resulta a aplicação, em escala até então inédita, dos cinco pontos da arquitetura corbusierianos. Destacam-se, como elementos de grande contribuição às soluções arquitetônicas as composições murais de Candido Portinari, as esculturas de Bruno Giorgi e Jacques Libschitz e o paisagismo de Roberto Burle Marx.

periódicos 1951-1960

Habitat [35]: 35-6, out. 1956

livros e catálogos 1951-1960

Hitchcock [1955: 30-2]

Mindlin [1956: 9; 196-9; 248; 249; 251; 252; 254]

Paglia [1952: 2 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 12

número da obra em branco

programa Ministério da Educação e Saúde

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

**MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO E SAÚDE**

Rua da Imprensa, 16
Centro / Rio de Janeiro DF

autor do projeto LUCIO COSTA, OSCAR NIEMEYER, AFFONSO EDUARDO REIDY, CARLOS LEÃO, ERNANI VASCONCELLOS e JORGE MACHADO MOREIRA

consultoria LE CORBUSIER

data do projeto 1937-1943

[segundo a ficha de inscrição]

composições murais

CANDIDO PORTINARI

esculturas JACQUES LIBSCHITZ

e BRUNO GIORGI

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

cálculo estrutural EMÍLIO BAUMGART

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 17

[térreo, mezanino, 14 pavimentos-tipo e terraço-jardim de cobertura]

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

40

TEATRO ESCOLA AO AR LIVRE

Praça do Campo Grande
Campo Grande / Salvador BA

autores do projeto ALCIDES ROCHA
MIRANDA e JOSÉ DE SOUZA REIS

data do projeto 1948

cálculo estrutural JOAQUIM CARDOZO

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

A convite de Diógenes Rebouças, arquiteto-chefe do plano urbanístico da cidade de Salvador, Miranda e Reis elaboram o Centro Educacional de Arte Teatral como parte integrante do programa educacional de Anísio Teixeira. O programa se desenvolve em blocos independentes, com distribuição dos volumes determinada pela implantação do teatro, abrigado sob casca parabólica, na porção do lote voltada para o Campo Grande. O teatro ao ar livre ocupa a parte posterior do terreno, aproveitando a conformação topográfica original para assentar um anfiteatro greco-romano.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? construção iniciada

maquete não

painel 33

número da obra 196

programa Teatro Escola ao ar livre – escola dramática

esquema construtivo estrutura de concreto armado

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
Teatro Castro Alves

síntese descritiva

Não foram encontrados registros sobre o projeto nos centros de documentação consultados. Nenhum edifício de uso público assinado pela dupla Antonio Rebouças e Leo Smarcevscki integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960]. Segundo depoimento do arquiteto Ivan Smarcevscki ao autor em 2006, tampouco os arquivos de Leo Smarcevscki guardam representações gráficas ou qualquer outra peça iconográfica sobre a obra executada no semi-árido baiano, na entrada da Chapada Diamantina, a cerca de 270 km de Salvador.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 14

número da obra 35

programa boxes de venda, balcões, administração e feira livre

esquema construtivo concreto armado, alvenarias, madeiras e materiais locais

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

mercado municipal, recursos financeiros restritos, cidade de média prosperidade, 8 mil habitantes aproximadamente e clima quente

**MERCADO MUNICIPAL
DE ITABERABA**

Itaberaba BA

autores do projeto ANTONIO

REBOUÇAS e LEO SMARCEVSKI

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

42

EDIFÍCIO-SEDE DA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS

Rua da Lapa, 40 [atual 86]
Centro / Rio de Janeiro DF

autor do projeto ARY GARCIA ROZA

colaboração SILVIO ERMEL [não indicado na ficha de inscrição]

data do projeto 1946

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 12

síntese descritiva

Edifício de uso misto destinado a abrigar hotel e sede da Associação Cristã de Moços no Rio de Janeiro. O complexo programa é organizado em bloco único subdividido entre embasamento recuado em pilotis, corpo principal e terraço jardim. No embasamento, um átrio central distribui as circulações do hotel e do clube desportivo, com portarias independentes. Os primeiros pavimentos agrupam as atividades de maior concentração de público, com pés-direitos duplos nos espaços recreativos. No sexto piso encontra-se o setor administrativo e, nos três últimos pavimentos, hotel com 120 apartamentos..

periódicos 1951-1960

Arquitetura e engenharia [26]: 32-5, mai./jun. 1953

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete em branco

painel 18

número da obra em branco

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

síntese descritiva

Proposta vencedora de concurso de anteprojetos realizado em 1951, destinado a abrigar o edifício-sede do Banco do Brasil. O programa estabelece separação de fluxos entre funcionários e clientes, com volumetrias distintas para o embasamento, ocupado em toda a extensão do lote pela agência central, e pela torre de escritórios, definida por um prisma que alterna faces planas e côncavas, com grande efeito plástico. O repertório arquitetônico inclui aberturas com elementos de proteção solar, passeios cobertos sob pilotis no pavimento térreo e lajes planas de cobertura com tratamento paisagístico.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: VII, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [35]: 2-7, abr./jun. 1955

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956:16; 249]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

painel 18

número da obra em branco

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

projeto em julgamento – remessa depende de sua últimação

**EDIFÍCIO-SEDE DO BANCO
DO BRASIL**

Rua 1º de Março

Centro / Rio de Janeiro DF

autor do projeto ARY GARCIA ROZA

colaboração ALMIR GADELHA,
ALDO GARCIA ROZA e WALDIR LEAL
[não indicados na ficha de inscrição]

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 22

[2 subsolos, térreo, 2 mezaninos,

17 pavimentos-tipo]

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

44

HOSPITAL NA LAGOA

Avenida Eptácio Pessoa, 1032
Lagoa / Rio de Janeiro DF

autor do projeto ARY GARCIA ROZA

data do projeto 1945

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. Nenhum projeto de uso hospitalar de Ary Garcia Roza integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960]. Tampouco os catálogos telefônicos registram indicações sobre o logradouro indicado na ficha de inscrição.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete em branco

painel 18

número da obra em branco

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

síntese descritiva

O programa compõe-se de piscina olímpica e tanque de saltos, piscina semi-olímpica e infantil, bar e restaurante, vestiários e equipamentos de apoio [cabine de imprensa e placar eletrônico] integrados por passarela coberta, playground e praia artificial. A implantação do conjunto, contíguo ao campo de futebol, possui circulação independente para as arquibancadas de ambas as modalidades, e conserva acessos exclusivos para sócios, atletas e juízes. O projeto prevê cobertura móvel [não executada] em arcos metálicos fechados com lonas ou placas de alumínio deslizantes.

periódicos 1951-1960

Acrópole [174]:200-5, out. 1952

Architecture d'aujourd'hui [23]: 110-1, ago. 1952

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 15; 248]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete sim

painel 18

número da obra em branco

programa conjunto de três piscinas com vestiários, arquibancadas e playground

esquema construtivo concreto armado

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

**CONJUNTO AQUÁTICO DA SOCIEDADE
ESPORTIVA PALMEIRAS**

Rua Turiassu, 1840

Água Branca / São Paulo SP

autor do projeto

CARLOS FREDERICO FERREIRA

data do projeto 1951

[segundo a ficha de inscrição]

construção Construtora Soutello

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

46

ESCOLA PRIMÁRIA

Conjunto Residencial do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários

Vila Guiomar – Santo André SP

autor do projeto

CARLOS FREDERICO FERREIRA

data do projeto 1946

construção Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários – IAPI

área do lote dado não disponível

área construída 2.306 m²

[exceto área sob pilotis]

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Obra de caráter social com capacidade para 1.200 alunos em dois turnos, desenvolvida como parte integrante do Conjunto Habitacional de Vila Guiomar, incorporado pelo IAPI. O programa se desenvolve em pavilhões paralelos, suspensos em pilotis e articulados por rampas. No piso superior de ambos pavilhões estão situadas as salas de aula, alinhadas por terraço coberto. No piso inferior de um dos pavilhões situa-se o setor de administração; no outro, um pequeno clube agrícola. O tratamento das aberturas das salas de aula e o desenho do castelo d'água são os elementos formais de maior destaque da composição.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [21]: 74-5, fev. 1951; [23]: 32, ago. 1952

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 134-5; 248]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 38

número da obra 198

programa grupo escolar para 1200 alunos em 2 turnos – complemento torre d'água para o conjunto escolar. Ginásio

esquema construtivo estrutura concreto armado, cobertura fibrocimento, esquadrias em serralheria, revestimentos cerâmicos etc

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

síntese descritiva

Trata-se de unidade assistencial vinculada à Liga das Senhoras Católicas, sociedade civil de direito privado criada por iniciativa do Arcebispo de São Paulo. A obra em questão proporciona educação formal e atividades paradidáticas para crianças de 3 a 6 anos em período integral. O programa setoriza em pavilhões de acentuado geometrismo os diferentes núcleos do programa, articulando-os por meio de circulações avarandadas e pátios ajardinados. A implantação dos volumes no alinhamento das vias secundárias resguarda a intimidade do conjunto e, mais uma vez, reforça o caráter austero da composição.

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 15; 277; 281]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete sim

painel 13

número da obra 162

programa orfanato da Liga das Senhoras Católicas para o abrigo de cerca de 300 crianças entre 3 e 7 anos, compreendendo refeitórios, dormitórios salas de aula e de jogo, enfermaria e seção de observação, sala de festas, capela e jardim e serviços de cozinha, lavanderia, alojamento de freiras e empregadas

esquema construtivo três edifícios separados: um para serviços, dormitórios e refeitórios, outro para aulas e galpões e outro para enfermaria e observação

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

todos os locais destinados às crianças voltados para o norte, e o edifício maior do lado sul para proteger o jardim dos ventos frios – estrutura de concreto armado, caixilhos de ferro

**ORFANATO DA LIGA DAS
SENHORAS CATÓLICAS**

Avenida Nazareth, 1180
Ipiranga / São Paulo SP

autores do projeto DANIELE CALABI

e GIANCARLO PALANTI

data do projeto 1947-9

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 4

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

48

**EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO –
BANCO E ESCRITÓRIOS**

Porto Alegre RS

autor do projeto

EDGAR GUIMARAES DO VALLE

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 15

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto. Apenas é possível deduzir, pela descrição apresentada, que o edifício se subdivide entre embasamento, reservado à agência bancária, corpo principal, ocupado pelos escritórios, e coroamento, dedicado à recreação dos funcionários, com linhas de circulação independentes entre a agência bancária e as demais instalações do conjunto.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? construção iniciada

maquete sim

painel 38

número da obra em branco

programa estabelecimento bancário e escritórios, com parte recreativa no último pavimento

esquema construtivo estrutura livre – 15 pavimentos

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

síntese descritiva

É possível tratar-se do projeto para a implantação de uma segunda sede do Colégio São Luís no bairro do Morumbi. Em caso afirmativo, trata-se de uma escola mista com separação de sexos dotada de 20 salas de aula e serviços comuns, além de espaços para a prática desportiva. A ficha de inscrição do projeto, único registro localizado para a elaboração desta ficha analítica, menciona o uso de concreto armado, tijolos e pedras no tópico “esquema construtivo”. Curiosamente, porém, assinala “condições européias, especialmente francesas” para a obra construída na capital paulista.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em branco

maquete não

painel 44

número da obra 122

programa ginásio de 20 salas de aula, metade para meninas, metade para rapazes. Serviços em comum com salão para educação física

esquema construtivo tijolos, pedras, concreto armado. Condições européias, especialmente francesas

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

ESCOLA PRIMÁRIA

Morumbi / São Paulo SP

autor do projeto EUGÊNIO SZILAGYI

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

50

JARDIM DE INFÂNCIA

Morumbi / São Paulo SP

autor do projeto EUGÊNIO SZILAGYI

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote 120.000 m²

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

O Jardim da Infância exposto na I EIA é, com grande probabilidade, o projeto desenvolvido para a primeira fase de implantação do Colégio São Luís no bairro paulistano do Morumbi. O programa é organizado em blocos paralelos, de modo a conceder orientação solar adequada a todos os ambientes do conjunto. A concepção estrutural, nitidamente denunciada nos volumes de acentuada horizontalidade, estabelece modulação fixa de 8 x 8 metros, determinada pelas dimensões das salas de aula mas também apropriada para as funções administrativas e para o pátio de recreação coberto.

periódicos 1951-1960

Acrópole [224]: 290-1, jun. 1957

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em branco

maquete não

painel 44

número da obra 121

programa jardim de infância para 200 crianças. Separação e organização por idades e ocupações

esquema construtivo madeira, tijolos, pedras, concreto armado

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

clima local

síntese descritiva

Projeto de extrema complexidade, composto de apartamentos, clube de artistas, teatro, auditório e demais instalações para a Rádio e Televisão Tupi, primeira emissora de televisão do país. O programa se desenvolve em corpos sobrepostos, com acessos independentes. A implantação prioriza a separação de fluxos, direcionando os acessos de acordo com a vocação das vias. O bloco de estacionamento e a torre de apartamentos ocupam a porção lindeira à Avenida Nove de Julho. No alinhamento oposto são posicionados os auditórios, conformando um volume de expressão monumental, nitidamente classicizante.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 19

número da obra 57

programa acomodação para teatro de radio e televisão com auditório grande e pequeno com as dependências de transmissão e organização. Clube de artistas, restaurante, habitação para funcionários etc

esquema construtivo a topografia do terreno apresenta grande desnível, o que foi aproveitado para estacionamento de automóveis e suas dependências de serviço, com acesso de ambas as vias públicas. O acesso das habitações é da avenida 9 de julho

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

foi visado o aproveitamento racional do terreno cuja configuração é muito irregular. A entrada do auditório foi projetada na rua álvaro de carvalho, que se integra numa zona de vários prédios de finalidade cultural

**EDIFÍCIO-SEDE DOS
DIÁRIOS ASSOCIADOS
[RÁDIO E TELEVISÃO TUPI]**

Avenida 9 de Julho e Rua Álvaro de Carvalho
Bela Vista / São Paulo SP

autor do projeto FRANCISCO BECK

data do projeto 1948

construção não construído

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 25

[5 pavimentos de garagens, 2 pisos técnicos, 2 pavimentos de estúdios, 2 pavimentos para clube e 14 pisos de apartamentos]

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

52

EDIFÍCIO THOMAS EDISON

Rua Bráulio Gomes, 60
[atual Praça Dom José Gaspar, 30]
Centro / São Paulo SP

autores do projeto

FRANCISCO BECK e LUCJAN KORNGOLD

data do projeto 1944

construção Escritório Técnico

de Engenheiro e Arq. Francisco

Beck e Lucjan Korngold

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos

síntese descritiva

Edifício multifuncional composto de salas comerciais e lojas no pavimento térreo, recuado em pilotis. Em decorrência da legislação municipal, o volume é escalonado lateralmente nos últimos andares, mas conserva o alinhamento frontal no limite do lote. Seu raciocínio projetual segue o mesmo conceito da obra anterior, que combina elementos modernos – a exemplo da planta livre – ao repertório clássico, perceptível no tratamento das fachadas. Nos primeiros anos de funcionamento, abrigou o Studio de Arte Palma, dirigido por Lina Bo Bardi, Giancarlo Pianti e Pietro Maria Bardi.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? 1944-1946

maquete em branco

painel 18

número da obra 80

programa prédio para fins comerciais com salões grandes

esquema construtivo estrutura de concreto armado. Toda fachada em balanço.

A arquitetura independente da estrutura

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

abóbadas e lâminas verticais formam proteção contra intempéries

síntese descritiva

Concebido como parte de programa de maior porte, o projeto em questão abriga hospital infantil e maternidade em bloco de conformação retangular. A articulação entre os setores é feita por corredor que atravessa longitudinalmente o volume, orientando os ambientes de serviços a oeste e os de permanência mais prolongada a leste. Para proteger o pátio de refeições da insolação excessiva, são utilizados cobogós de notável efeito plástico. Com o mesmo intuito, a face oposta é tratada com saliências e reentrâncias e, na entrada principal do edifício, é adicionado um painel de Anísio Medeiros.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 86-7, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [29]: 48-50, jan./fev. 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 146-7; 246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete em branco

painel 19

número da obra 110

programa conjunto cirúrgico, enfermaria senhoras, meninas, meninos, raio x, copa, cozinha e lavanderia

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

maternidade e hospital infantil destinados a pessoas de classe pobre

– internação gratuita

MATERNIDADE E HOSPITAL INFANTIL

Av. Coronel Antonio Augusto
de Souza, 442

Vila Tereza / Cataguases MG

autor do projeto FRANCISCO BOLONHA

data do projeto 1950-1

composição mural ANÍSIO MEDEIROS

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

54

PRÉDIO FERNANDO

Rua do Beco da Fábrica, 23 esquina com Rua Florêncio de Abreu
Centro / São Paulo SP

autor do projeto GIANCARLO PALANTI

data do projeto 1947

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 7 [subsolo, térreo, 5 pavimentos-tipo]

síntese descritiva

Edifício de uso comercial dotado de lojas voltadas para a rua Florêncio de Abreu e edifício de escritórios acessado por via secundária. As lojas dispõem de depósitos no subsolo e entradas de serviço conectadas a hall de acesso exclusivo, contíguo à portaria do edifício de escritórios. Nos pavimentos-tipo, os sanitários encontram-se agrupados no hall de elevadores e escadas, de modo a permitir múltiplas configurações para a subdivisão dos espaços para aluguel. O tratamento das aberturas acompanha o mesmo raciocínio que caracteriza o conjunto, de forte acento racionalista.

periódicos 1951-1960

Habitat [3]: 23-4, 1951

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 13

número da obra 163

programa em branco

esquema construtivo estrutura de concreto armado, paredes externas com caixilhos totais em ferro com partes envidraçadas e partes em eternit

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

síntese descritiva

Trata-se de proposta participante de concurso público para o Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais, vencido pela dupla Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti [ficha 192]. O programa abrange uma grande diversidade de funções, capitaneada pelo núcleo de ensino e alojamento de soldados oficiais da Marinha do Brasil. Não foram localizados croquis ou representações gráficas do projeto desenvolvido por Lemos e Ribeiro nos arquivos da Fundação Bienal e nos artigos indexados pelo *Índice de Arquitetura Brasileira* e pelo *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 18

número da obra em branco

programa centro de ensino militar composto de: edifício de administração
edifício de aulas, auditório, edifício de intendência, alojamento para soldados,
sargentos, oficiais e guarda-marinha, garagem e depósito de munição

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

**CENTRO DE INSTRUÇÃO DO
CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS**

Ilha do Governador / Rio de Janeiro DF

autores do projeto GILBERTO LYRA DE
LEMON e MIGUEL DE OLIVEIRA RIBEIRO

data do projeto 1949

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

56

CINE RIO

Rua da Consolação, 1992
Cerqueira César / São Paulo SP

autores do projeto GILBERTO
MUYLAERT TINOCO e IBSEN PIVATELLI

data do projeto 1949

construção Gilberto Tinoco e
Ibsen Pivatelli

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Trata-se de reforma do Cine Rio, com capacidade para 1.000 espectadores, situado nas imediações da Avenida Paulista. Do antigo edifício é aproveitada a cobertura e as paredes laterais, construindo-se, nos fundos da platéia, mezanino para acomodação de público. As estratégias do projeto consistem em não sobrecarregar o edifício de elementos decorativos, reduzidos ao letreiro indicativo da fachada e a uma estilizada representação do perfil do Pão de Açúcar nas paredes laterais da platéia. Para otimizar os custos de operação, são empregados materiais plásticos, de fácil conservação.

periódicos 1951-1960

Acrópole [152/3]: 167-8, dez. 1950/jan. 1951

Acrópole [184]: 199, jan. 1954

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 43

número da obra 38

programa reforma de cinema para 1.000 espectadores

esquema construtivo aproveitamento de cobertura e paredes laterais
construção de um balcão de concreto armado

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

estudo da forma para evitar emprego excessivo de materiais acústicos. Grande emprego de materiais plásticos para facilitar a limpeza

síntese descritiva

Empreendimento comercial implantado em ponta de quadra situada na Avenida Beira Mar, no balneário paulista de Praia Grande. O programa é organizado em zonas funcionais independentes, com nítida separação entre o salão social, voltado para a orla marítima, e o setor de serviços, implantado nos fundos do lote. O caráter comercial do empreendimento é ressaltado pelo tratamento plástico do conjunto, com destaque para o telhado borboleta de águas confluentes e para a inusitada volumetria da torre d'água, que suporta luminoso visível desde longa distância pelos freqüentadores do balneário.

periódicos 1951-1960

Acrópole [161]: 167-8, set. 1951

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete sim

painel 43

número da obra 40

programa restaurante com capacidade para 200 lugares, dispendo de área destinada a estacionamento de automóveis e cabines para banhistas

esquema construtivo estrutura total de concreto armado

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

Orientação adequada. Máximo de vista e iluminação. Material vidroso para facilitar a limpeza e conservação. Prédio situado em quadra isolada e ajardinada concorrendo para a valorização do local

RESTAURANTE LAGOSTA

Avenida Beira Mar

Jardim Matilde / Praia Grande SP

autores do projeto GILBERTO

MUYLAERT TINOCO e IBSEN PIVATELLI

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

58

STAND PARA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DE TRATORES

Parque da Água Branca [atual
Parque Dr. Fernando Costa]
Água Branca / São Paulo SP

autores do projeto

HELIO QUEIROZ DUARTE e ERNEST
ROBERT DE CARVALHO MANGE

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Trata-se de pavilhão construído no Parque da Água Branca, local onde são realizadas feiras agropecuárias naquele então. O pavilhão, em estrutura mista de madeira e aço, atende as exigências dos edifícios de uso temporário, de fácil construção e desmontagem. Talvez tenha participado da Exposição da Agricultura Paulista realizada em janeiro de 1951 por iniciativa do Governo do Estado, recebendo o apoio do Masp para a instalação dos stands. Um artigo sobre a exposição, publicado na revista *Habitat* em 1951, não faz menção ao pavilhão de Duarte e Mange.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete sim

painel 41

número da obra 96

programa área coberta com balcão para distribuição de catálogos – área externa para exposição de tratores

esquema construtivo estrutura mista: madeira – aço inteiramente desmontável

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

59

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

Proposta classificada em segundo lugar no concurso de anteprojetos para o edifício-sede do Banco do Brasil, realizado em 1951 e vencido por Ary Garcia Roza [ficha 43]. O programa se distribui em quatro zonas distintas: subsolos de estacionamento, agência central e acessos no piso térreo, torre de escritórios com dez pavimentos dúplex e piso fechado de cobertura. A estratégia do projeto incide na ocupação total do lote, recuando-se a projeção em planta no pavimento térreo para criar passeios cobertos de pedestres em pilotis. A adoção de brises horizontais móveis atenua a rigidez da composição.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: XXV, ago 1952

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não construído

maquete não

painel 44

número da obra em branco

programa direção geral, agência central, órgãos anexos

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

em branco

observações caso seja autorizado pela comissão organizadora, esse projeto será remetido após terminação do julgamento do concurso competitivo

EDIFÍCIO-SEDE DO BANCO DO BRASIL

Rua 1º de Março
Centro / Rio de Janeiro DF

autor do projeto HENRIQUE MINDLIN

data do projeto 1951

construção não construído

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 24

[2 subsolos, térreo, 10 pavimentos dúplex e pavimento de cobertura]

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

60

SEDE SOCIAL E ESPORTIVA

DO ESPORTE CLUBE SÍRIO

Avenida Indianópolis, 3500
Indianópolis / São Paulo SP

autor do projeto ÍCARO DE CASTRO MELLO

data do projeto 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos variável conforme o bloco

síntese descritiva

Projeto vencedor de concurso realizado no início dos anos 1950. Seu programa é composto por sede social, ginásio e quadras de tênis cobertas. A sede social ocupa a principal esquina do lote e possui, por sua inusitada volumetria, expressão diferenciada em relação ao conjunto. A implantação dos demais blocos nos limites do quarteirão garante autonomia de funcionamento a todas as atividades. A porção central do terreno, contígua a sede social, é destinada ao conjunto aquático, cujo desenvolvimento, feito pelo mesmo arquiteto [obra 215], é previsto em outra etapa de execução.

periódicos 1951-1960

Arquitetura e engenharia [16]: 41-5, mar./abr. 1951

Acrópole [184]: 189, jan. 1954

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 15; 247]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete sim

painel 19

número da obra 19

programa instalações sociais e esportivas [novos] do Esporte Clube Sírio

esquema construtivo sede: estrutura de concreto. Ginásio: estrutura de concreto e da cobertura em concreto em lamela. Tênis coberto: concreto e telhado em arcos em madeira contraplacada. Cobertura em eternit

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

61

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

Construída pelo Departamento de Esportes do Estado de São Paulo, a piscina coberta possui capacidade para 4.500 espectadores. Na época de sua inauguração é considerada um dos maiores complexos do mundo no gênero. Sua inusitada concepção estrutural advém da utilização de arcos parabólicos de diferentes tamanhos sobre os quais apóia-se o vigamento da cobertura, executada em telhas metálicas. Sob as arquibancadas, dispostas no sentido longitudinal da piscina [25 x 18 metros], são abrigados vestiários e demais serviços de apoio, com aberturas situadas nos limites externos dos arcos parabólicos.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 188, jan. 1954

Architecture d'aujourd'hui [23]: 106, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [17]: 32-4, mai./jun. 1951

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 30-1, 1954

Habitat [11]: 4-6, jun. 1953

publicações 1951-1960

Hitchcock [1955: 100-1]

Mindlin [1956: 176-7; 247]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete sim

painel 19

número da obra 17

programa piscina coberta para Departamento de Esportes do Estado para competição e treinamento com água aquecida

esquema construtivo estrutura de concreto, cobertura – arcos de concreto ligados entre si por vigas de tijolos furados tipo piel e sobre estas telhas de alumínio. Degraus das arquibancadas pré-moldados

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

foi considerado o clima – razão do aquecimento da água, uso de alumínio na cobertura e brise soleil. Separação dos nadadores do público

PISCINA COBERTA

Rua Germaine Buchard, 451

Perdizes / São Paulo SP

autor do projeto ÍCARO DE CASTRO MELLO

data do projeto 1950

[segundo a ficha de inscrição]

projeto estrutural ARTHUR LUIS PITTA

construção Departamento de Esportes do Estado de São Paulo

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 3 [piso vestiários e piso de serviços sob arquibancadas]

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

62

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DA PAMPULHA

Belo Horizonte MG

autores do projeto

JACOB RUCHTI, PLÍNIO CROCE,
ROBERTO AFLALO e SALVADOR CANDIA

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Trata-se de projeto encaminhado a concurso público para a construção da Estação Ferroviária da Pampulha. Os estudos consultados não fazem menção ao referido projeto, nem sobre o resultado do concurso, sabendo-se apenas que nenhum trabalho participante desta competição é construído. O *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* tampouco incluem artigos sobre a obra, cuja única referência localizada é a perspectiva abaixo reproduzida. Pelo arrojo de suas linhas, estabelece conexões com o ideário formalista de Oscar Niemeyer, presente no sinuoso contorno de sua marquise de ingresso.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete não

painel 37

número da obra 190

programa estação ferroviária

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

síntese descritiva

A obra em questão é, possivelmente, o projeto de ampliação da sede do Clube de Regatas Flamengo e remodelação de seu estádio, inaugurado em 1939. O programa se desenvolve em área situada às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, com distribuição dos blocos determinada pelo estádio de futebol. Em solução pouco comum, suas arquibancadas se expandem para outros setores do complexo, configurando um portal de acentuada monumentalidade. Os acessos do público são feitos por rampas laterais que conectam o estádio a uma praça cívica, cujo tratamento paisagístico evoca soluções de Roberto Burle Marx.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em branco

maquete em branco

painel 34

número da obra 156

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

**ESTÁDIO [CLUBE DE
REGATAS FLAMENGO?]**

Rio de Janeiro DF

autor do projeto JOÃO KHAIR

data do projeto 1941

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

64

HOSPITAL

Avenida Barão de Petrópolis
Rio Comprido / Rio de Janeiro DF

autor do projeto JOÃO KHAIR

data do projeto 1945

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. Nenhum projeto de uso hospitalar de João Khair integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? preparativos em construção

maquete em branco

painel 34

número da obra 154

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

síntese descritiva

Nenhum projeto de uso esportivo de João Khair integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960]. Com base nos artigos existentes sobre a obra habitacional de Khair publicadas nos periódicos e considerando ser do arquiteto o edifício reproduzido em <http://www.marcillio.com/rio/enticbtt.html>, são observadas aproximações entre as soluções de volumetria e caixilharia da Sede Social e Esportiva do Tijuca Tennis Clube com o projeto de Oscar Niemeyer para o late Clube da Pampulha, também exposto na I EIA.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete em branco

painel 34

número da obra 155

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

**SEDE SOCIAL E ESPORTIVA
DO TIJUCA TENIS CLUBE**

Rua Conde do Bonfim, 451
Tijuca / Rio De Janeiro DF

autor do projeto JOÃO KHAIR

data do projeto 1949

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída 48.000 m²

número de pavimentos dado não
disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

66

ESCOLA INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II

Campo de São Cristóvão
São Cristóvão / Rio de Janeiro DF

autor do projeto JORGE FERREIRA

data do projeto 1950

construção Divisão de Obras
da Prefeitura do Distrito Federal

área do lote dado não disponível

área construída 48.893 m²

número de pavimentos 3

síntese descritiva

Trata-se de plano de ampliação de tradicional instituição de ensino, com capacidade para atender 600 alunos internos e 600 semi-internos, removendo as antigas instalações. O programa é organizado em pavilhões semi-independentes, com funções definidas por três tipos de atividades: administração, ensino e serviços gerais. O setor de ensino articula os demais setores do conjunto, integrados por passeios avarandados ou sob pilotis. A volumetria da composição, de forte acento ortogonal, é rompida apenas no auditório e no ginásio, posicionados em extremidades opostas.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 102-3, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [25]: 39-43, mar./abr. 1953

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 249]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete não

painel 36

número da obra em branco

programa internato com capacidade para 600 alunos e 500 semi-internos
[curso secundário, ginásio e colégio]

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

67

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

Escola técnica voltada à formação de artífices, com capacidade para 300 alunos, dos quais 60 internos. O programa se desenvolve em quatro blocos de volumetrias distintas, integrados por meio de circulações avarandadas. Dois deles são dispostos ortogonalmente, com salas de aula voltadas para o sul e alojamentos e serviços direcionados a leste, de modo a atenuar as condicionantes climáticas locais. O auditório configura-se como um prisma trapezoidal, anexo ao bloco de ensino. As oficinas e o ginásio de esportes compõem um paralelepípedo retangular, com cobertura abobadada no setor recreativo.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 105, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [22]: 52-6, jun./ago. 1952

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 248; 249; 250; 253]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete ?

painel 42

número da obra em branco

programa escola para ensino industrial com capacidade para 300 alunos, sendo 50 internos

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

construção aproveitando os materiais locais e elementos tradicionais também do local

ESCOLA INDUSTRIAL

Teresina PI

autores do projeto

JORGE FERREIRA, RENATO MESQUITA, RENATO SOEIRO e THOMAZ ESTRELLA

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída 10.062 m²

número de pavimentos 3

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

68

ESCOLA TECNICA E INDUSTRIAL

Rua Bruno de Azevedo, 37
Parque Tamandaré / Campos dos
Goytacazes RJ

autores do projeto

JORGE FERREIRA, RENATO MESQUITA,
RENATO SOEIRO e THOMAZ ESTRELLA

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações da equipe publicadas nas revistas especializadas na década de 1950. Até a data de fechamento da tese, não foi possível obter maiores informações sobre a Escola Senai de Campos, provavelmente exposta na I EIA.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 42

número da obra em branco

programa escola para ensino técnico e industrial, com capacidade para 600 alunos, sendo 150 internos

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação e nas revistas especializadas dos anos 1950. O confronto entre os dados da ficha de inscrição com a pesquisa de logradouro indica que a obra exposta na I EIA pode ser o Hospital Penal Fábio Soares Maciel ou o Hospital de Custódia e Tratamento Heitor Carrilho, ambos pertencentes ao complexo prisional mais antigo do Brasil e recentemente demolidos pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete não

painel 42

número da obra em branco

programa hospital presídio com capacidade para 385 leitos [350 homens e 35 mulheres] e demais dependências especializadas

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

**HOSPITAL PRESIDIO
DE DELINQUENTES**

Rua Frei Caneca

Centro / Rio de Janeiro DF

autores do projeto

JORGE FERREIRA, RENATO MESQUITA,
RENATO SOEIRO e THOMAZ ESTRELLA

data do projeto 1947

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

70

MONUMENTO COMEMORATIVO AO CENTENÁRIO DE RUI BARBOSA

Cidade Universitária
Rio de Janeiro DF

autor do projeto JOSÉ DE SOUZA REIS

data do projeto 1949

construção não construído

área do lote dado não disponível

área construída não se aplica

número de pavimentos não se aplica

síntese descritiva

Projeto elaborado para o concurso instituído pelo legislativo para celebrar o centenário de Rui Barbosa. Em decorrência da não premiação de nenhum trabalho, o concurso é reeditado em 1952, atribuindo-se uma função adicional ao monumento: a de configurar o pórtico de acesso da Cidade Universitária do Rio de Janeiro. José Reis remete ao novo concurso duas propostas, ambas classificadas entre as melhores soluções volumétricas. As imagens inseridas neste estudo referem-se à versão de 1952, mas não se sabe se tal proposta retoma aspectos do projeto elaborado para o concurso realizado em 1950.

periódicos 1951-1960

Brasil arquitetura contemporânea [1]: 31, ago./set. 1953 –

segunda versão do projeto – 1952

Módulo [2]: 12-3, ago. 1955 – segunda versão do projeto – 1952

publicações 1951-1960

Mindlin [1956:253]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? projeto de concurso

maquete não

painel 33

número da obra 189

programa monumento comemorativo ao centenário de nascimento de Rui Barbosa

esquema construtivo estrutura de concreto armado

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
revestimento de granito

síntese descritiva

Construído para abrigar proprietários de um condomínio incorporado pelos mesmos donos do Parque Guinle [ficha 116], o Park Hotel pode ser visto como elemento síntese do ideário projetual de Lucio Costa. Neste pequeno hotel, o arquiteto concilia tradição e modernidade, expressa na resolução do programa e na combinação de técnicas artesanais e industriais. A implantação do bloco, no alto de uma colina, é feita de modo a privilegiar as visuais dominantes, integrando-as aos espaços de convivência social, no piso térreo, e às varandas dos apartamentos dos hóspedes, no piso superior.

periódicos 1951-1960

Habitat [35]: 35-6, out. 1956

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 106-7; 248]

Paglia [1952: 2 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

PARK HOTEL

Avenida Princesa Isabel, 140

Parque São Clemente / Nova Friburgo RJ

autor do projeto LUCIO COSTA

data do projeto 1944

[não indicada na ficha de inscrição]

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

térreo

andar superior

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

72

EDIFÍCIO CBI ESPLANADA

Praça Ramos de Azevedo, 206
e Rua Formosa, 367
Centro / São Paulo SP

autor do projeto LUCJAN KORNGOLD

data do projeto 1947

cálculo estrutural WALTER NEUMANN

construção Sociedade Comercial e Construtora Ltda.

área do lote dado não disponível

área construída 50.000 m²

número de pavimentos 33

PLANTA ANDAR TIPO

síntese descritiva

Incorporado pela Companhia Brasileira de Investimentos, liderada por investidores poloneses, e administrado pela Bolsa de Imóveis de São Paulo, da qual fazem parte as famílias Guinle e Mendes Caldeira, o conjunto pode ser visto como marco referencial à edifícios em altura na capital. Maior estrutura em concreto armado do mundo à época de sua construção, o projeto também inova ao adotar planta livre. O tratamento das fachadas, por sua vez, obedece a um sistema tripartite encimado por ático de caráter clássico que emoldura os últimos pavimentos, recuados por imposição da legislação municipal.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23: 35-7, ago. 1952]

livros e catálogos 1951-1960

Hitchcock [1955: 194]

Mindlin [1956: 12; 249]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? 1947/1951

maquete não

painel 18

número da obra 78

programa prédio para clubes e fins comerciais

esquema construtivo estrutura de concreto armado. Toda fachada em balanço.

Arquitetura independente da estrutura

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

abóbadas e lâminas verticais formam proteção contra intempéries

síntese descritiva

Apresenta-se como um conjunto de seis prismas de volumetrias pouco diferenciadas entre si, organizados a partir de células tipo e articulados segundo afinidades funcionais. Quatro blocos são dedicados aos núcleos de ensino e conformam um eixo voltado para os limites do campus universitário. Os restantes abrigam a administração e as atividades de convivência, sendo implantados paralelamente aos demais, de modo a conformar uma grande praça ajardinada. A conexão entre os blocos é feita por meio de circulações avarandadas, com o objetivo de proporcionar maior conforto aos usuários do edifício.

periódicos 1951-1960

Acrópole [213]: 349-63, jul. 1956

Arquitetura e engenharia [26]: 7-8, mai./jun. 1953

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete sim

painel 18

número da obra 168

programa administração – biblioteca – aulas teóricas – aulas práticas

– pesquisas – centro anatômico – museu

esquema construtivo esquema linear simples com duplex parcial

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

idealizado para clima tropical, empregando-se concreto armado

FACULDADE DE MEDICINA

Cidade Universitária

Engenho de Dentro / Recife PE

autor do projeto

MARIO RUSSO chefe de equipe

data do projeto 1950

[segundo a ficha de inscrição]

desenvolvimento Escritório

Técnico da Cidade Universitária

construção Construtora Moraes Rego

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 4

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

74

HOSPITAL DE CLÍNICAS

Cidade Universitária

Engenho do Meio / Recife PE

autor do projeto

MÁRIO RUSSO chefe de equipe

data do projeto 1951

[segundo a ficha de inscrição]

desenvolvimento Escritório

Técnico da Cidade Universitária

construção Construtora Moraes Rego

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 11

síntese descritiva

Possui um raciocínio de projeto similar à obra anterior, na medida em que organiza as funções em blocos semi-independentes. Em contrapartida, as volumetrias são diversas, porquanto obedecem às necessidades de área imposta por cada setor funcional. O ponto de maior atenção é o bloco das clínicas, de volumetria laminar, que abriga as enfermarias e o setor de ensino, com sistema de circulações proposto para isolar os percursos de alunos e pacientes. Como nota de contraste à rigidez da composição, vale ressaltar o caráter escultórico dos pilares de sustentação do bloco principal.

periódicos 1951-1960

Acrópole [213]: 349-63, jul. 1956

Arquitetura e engenharia [26]: 7-8, mai./jun. 1953

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete sim

painel 18

número da obra 167

programa 20 clínicas – triagem – ambulatórios – serviços domésticos

– laboratórios – serviços técnicos – centro operatório – seções de ensino

esquema construtivo sistema misto

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

idealizado para clima tropical, empregando-se o concreto armado.

Hospital para indigentes

75

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

Projeto de excepcionais condições de realização, encomendado pelo prefeito Juscelino Kubitschek. O programa compõe-se de casa de baile, clube, cassino, capela e hotel de turismo [não construído] às margens da recém concluída represa da Pampulha. A solução de Niemeyer explora as potencialidades plásticas do concreto armado para criar volumes de forte impacto visual. Para tanto, conta com a colaboração do calculista Joaquim Cardozo, premiado na I EIA [ficha 125] e parceiro de arquiteto em diversas obras, entre as quais se inserem as de Brasília [fichas 244-247], desenvolvidas anos depois.

publicações 1951-1960

Hitchcock [1955:64-7]

Mindlin [1956: 160-1; 166-71; 251]

Paglia [1952: 3 págs. s/n]

Papadaki [1950: 70-111]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete sim

painel 12

número da obra 50

programa clube, cassino, restaurante popular, igreja

esquema construtivo segue legenda do projeto [não localizado]

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

CONJUNTO TURISTICO E RECREATIVO DA PAMPULHA

Pampulha / Belo Horizonte MG

autor do projeto

OSCAR NIEMEYER

data do projeto 1940-1942

[não indicada na ficha de inscrição]

cálculo estrutural JOAQUIM CARDOZO

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos variável

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

76

ESTÁDIO NACIONAL

Maracanã / Rio de Janeiro DF

autor do projeto OSCAR NIEMEYER

data do projeto 1943 [segundo a ficha de inscrição]

construção não construído

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Versão de Niemeyer apresentada em concurso público para a criação de complexo esportivo. O estádio, com capacidade para 130.000 espectadores é rebaixado em 10 metros em relação à cota do terreno, facilitando o acesso aos diferentes setores do público. O desenho das arquibancadas é assimétrico: compõe-se de um único bloco no lado sul e três no lado norte, cobertos por marquise atirantada em arco de seção triangular de trezentos metros de largura. O cálculo estrutural é desenvolvido por Emílio Baumgart, também presente no edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde [obra 39].

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [42/43]: 108-9, ago. 1952

publicações 1951-1960

Papadaki [1950: 34-47]

Mindlin [1956: 15; 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete sim

painel 12

número da obra 52

programa conjunto esportivo, estádios, escola de educação física etc

esquema construtivo segue legenda do projeto junto com as fotografias [não localizado]

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

síntese descritiva

Hotel de luxo situado nas proximidades do Rio Negro. O programa se distribui entre embasamento, com dois pavimentos de serviços; corpo principal, com quatro pavimentos-tipo dedicados aos dormitórios e terraço jardim, dotado de áreas de lazer, cobertas e descobertas. A volumetria possui forte acento geométrico, rompido apenas na sinuosidade dos contornos do restaurante e no tratamento paisagístico do terraço-jardim. Sua construção demanda deslocamentos consideráveis de matérias primas e de técnicos especializados. É considerada obra pioneira na região, em decorrência de sua linguagem projetual.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 54, ago. 1952

Arquitetura e engenharia []:

Habitat [4]: 68, mai./jun. 1951

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não?

painel 42

número da obra em branco

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais]
em branco

HOTEL AMAZONAS

Manaus AM

autor do projeto

PAULO ANTUNES RIBEIRO

data do projeto 1947

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

construção engenheiro

Luiz J. Costa Leite

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 8

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

78

HOTEL DA BAHIA

Avenida Sete de Setembro, 1537
Campo Grande / Salvador BA

autores do projeto PAULO ANTUNES RIBEIRO e DIÓGENES REBOUÇAS

data do projeto 1948

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

composição mural GENARO CARVALHO

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 11 [previsto]

8 [realizado na primeira fase da obra]

síntese descritiva

Hotel de luxo incorporado com apoio governamental, situado nas proximidades do centro histórico de Salvador. O projeto prevê a construção de oito pavimentos-tipo, dos quais cinco são construídos, com 36 dormitórios agrupados em torno de shafts de manutenção. A volumetria dos andares superiores, de forte acento ortogonal, contrasta com o embasamento, no qual prevalecem jogos de curvas nos espaços de lazer. O tratamento das aberturas, feito por meio de persianas e treliças de madeira, evoca a tradição colonial e ao mesmo tempo sinaliza vínculos com a modernidade, por sua solução de continuidade.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui []: , fev. 1951

Architecture d'aujourd'hui [25]: 32, jan. 1954

Arquitetura e engenharia [17]: 40-1, mai./jun. 1951

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 110-1; 246; 252]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 18

número da obra em branco

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

síntese descritiva

Edifício de uso religioso implantado na zona central de Presidente Prudente. O programa é organizado em zonas funcionais semi-independentes. O pavimento térreo, contíguo à cota de nível da rua, abriga o templo religioso e um hall de ligação com o pavimento inferior, ocupado por salão de festas, escola dominical e pátio de recreação. A volumetria do conjunto alterna planos e superfícies curvas, com destaque para o pano cego da parede frontal, com aplicação de painel mural, e para o campanário em arco que atravessa a laje de cobertura da entrada principal.

periódicos 1951-1960

Acrópole [158]: 69-73, jun. 1951

Arquitetura e engenharia [17]: 36-7, mai./jun. 1951

Habitat [12]: 30-1, set. 1953

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 39

número da obra 104

programa salão de festas e escola no rés do chão – salão de culto ao nível da via pública

esquema construtivo estrutura de madeira para cobertura apoiada sobre estrutura de concreto armado

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

clima muito quente – cidade em crescimento rápido – população advéncia

IGREJA PRESBITERIANA

Rua Conselheiro Antonio Prado

Presidente Prudente SP

autor do projeto ZENON LOTUFO

data do projeto 1950-1951

construção dado não disponível

área do lote 461 m²

área construída dado não disponível

número de pavimentos 3

[subsolo, térreo e mezanino]

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

80

**ORGANIZAÇÃO COMUNAL
DE GRANDE ÁREA**

Avenida do Estado esquina
Praça 9 de Julho
Ipiranga / São Paulo SP

autores do projeto HÉLIO DE QUEIROZ

DUARTE e ERNEST ROBERT

DE CARVALHO MANGE

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações da equipe publicadas nas revistas especializadas na década de 1950.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? a ser

maquete sim

painel 41

número da obra 95

programa três grandes blocos de apartamentos – mercadinho, cinema, posto de gasolina, garagens, *magazin* e play para crianças

esquema construtivo estrutura de concreto armado, vedações de alvenaria de tijolo e cerâmica vazada

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
a orientação magnética condicionou a disposição paralela dos blocos

síntese descritiva

Parte integrante do projeto de implantação da Cidade Universitária do Recife, articulada por praça cívica em que são dispostos o centro administrativo e de convivência, constituído pela reitoria, biblioteca central, museu e teatro. O agrupamento das unidades de ensino é feito em quatro núcleos funcionais – centro desportivo, tecnológico, humanístico e médico, este último estruturado pela Faculdade de Medicina e pelo Hospital das Clínicas, expostos na I EIA. O plano também prevê uma zona residencial para professores e estudantes, sem constituir um núcleo autônomo como os anteriores.

periódicos 1951-1960

Acrópole [213]: 349-63, jul. 1956

Arquitetura e engenharia [26]: 7-8, mai./jun. 1953

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete em branco

painel 18

número da obra 169

programa faculdade de medicina – faculdade de odontologia – faculdade de farmácia – escola de enfermagem – hospital de clínicas com serviços anexos – diretório de estudantes – reitoria da universidade

esquema construtivo sistema linear

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] idealizado para clima tropical, empregando-se concreto armado

CENTRO MÉDICO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Cidade Universitária

Engenho do Meio / Recife PE

autor do projeto

MARIO RUSSO chefe de equipe

data do projeto 1950

desenvolvimento Escritório

Técnico da Cidade Universitária

construção Construtora Moraes Rego

área do lote 156 hectares

área construída dado não disponível

número de pavimentos variável de acordo com o bloco

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**
CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

82

**CENTRO COMERCIAL PARA
BAIRRO COM 1500 LOTES**

Localização não disponível

autor do projeto

OSWALDO ARTHUR BRTAKE

data do projeto 1951

construção Companhia Brasileira
de Projetos e Obras

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

A obra exposta na I EIA é, muito possivelmente, o Centro Comercial idealizado para compor uma das três áreas comerciais e de serviços previstas para o recém implantado bairro do Morumbi, cujo projeto urbanístico é desenvolvido em parceria com o engenheiro Oscar Americano da Costa. O programa do Centro Comercial atende a unidade de vizinhança de seu entorno, oferecendo itens de consumo diário e entretenimento para os moradores. A flexibilização dos espaços, visando expansão futura, é contemplada pela utilização de pré-fabricados em chapa, citados na ficha de inscrição localizada por esta pesquisa.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? início de obras

maquete não

painel 35

número da obra 132

programa o conjunto que será construído pelos proprietários de área de 2.500.000 m² totalmente arruada. Será um dos centros comerciais [total dois] deverá servir aproximadamente 1.500 lotes. Nesse conjunto deverá ser prevista escola primária, sendo reservado de acordo com a planta de arruamento outra área para escola primária e secundária. A construção deverá ser feita de tal maneira a permitir a maior mobilidade possível nas instalações de lojas e outros serviços. A exploração das lojas e demais casas de comércio será na base de aluguel e sua instalação interna e frente estará a cargo do inquilino que submeterá ao arquiteto dos proprietários os planos para aprovação. Deverá ser levado em conta sua expansão futura em lojas de aproximadamente 60%. O agrupamento do centro deverá conter: pequeno mercado para víveres; lojas para farmácia, armarinhos, sapatos, mobília e decoração, ferragens, livros, artigos elétricos etc... correio, jornais e revistas, barbearia e salão de beleza, restaurante e bar, oficinas para lavanderia, sapatos e funilaria, cinema escola primária e ginásio, posto para gasolina, previsão para igreja, previsão para gabinete dentários e médicos [pequena clínica]

esquema construtivo a obra será feita em concreto, alvenaria e divisões de material pré-fabricados em chapa

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

RECUSADA

83

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto de Abelardo Coimbra Bueno, conhecido por participar da construção de Goiânia e Brasília, integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

URBANISMO –

CASAS POPULARES

Localização não disponível

autor do projeto

ABELARDO COIMBRA BUENO

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

84 RECUSADA

URBANISMO – CAMPOS

Campos dos Goytacazes RJ

autor do projeto

ABELARDO COIMBRA BUENO

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto de Abelardo Coimbra Bueno, conhecido por participar da construção de Goiânia e Brasília, integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

85

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**
CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

síntese descritiva

Trata-se, com grande probabilidade, do plano encomendado em 1940 pelo prefeito Rozaldo de Mello e executado pelo escritório Coimbra Bueno & Cia. Ltda., conhecido pela construção de Goiânia na década precedente. Elaborado pelos irmãos Abelardo e Jeronymo Coimbra Bueno, o plano de Curitiba conta com a colaboração do especialista francês Alfred Agache, motivo pelo qual passa a ser conhecido como Plano Agache. O projeto pode ser visto como a primeira tentativa de reordenação do conjunto metropolitano, sendo propostas ações na áreas de saneamento básico, com drenagem de banhados e canalizações de córregos; circulação viária, com abertura de perimetrais para descongestionar as vias centrais; e sistemas de parques, com arborização de ruas e avenidas e implantação de parques nas franjas do município. O plano também prevê a criação de uma cidade universitária e de um centro militar na periferia e de um centro administrativo no coração da capital. Entre as ações implantadas se inscreve o Centro Cívico de Curitiba [fichas 159 a 163], coordenado por David Xavier Azambuja e desenvolvido apenas nos anos 1950, no âmbito das comemorações do centenário de emancipação política paranaense.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

URBANISMO – CURITIBA

Curitiba PR

autor do projeto

ABELARDO COIMBRA BUENO

consultoria ALFRED AGACHE

data do projeto 1940-1943

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

86

RECUSADA

EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO [BANCO DA AMÉRICA S.A.?]

Localização não disponível

autor do projeto

ALFREDO ERNESTO BECKER

data do projeto dado não disponível

construção Pacheco Fernandes,
Dantas Ltda.

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 17 [subsolo,
térreo, sobreloja, 9 pavimentos-tipo
e 5 pavimentos escalonados]

síntese descritiva

Não foram localizadas peças gráficas ou registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação consultados. É pouco provável ser o projeto recusado na I EIA o edifício de escritórios e banco publicado na revista *Acrópole* em 1958, em decorrência do intervalo cronológico e da disparidade de linguagem arquitetônica do projeto, se comparado à obra residencial de Becker publicada nos periódicos indexados nos anos 1950. O uso de ressaltos na fachada em disposição quadriculada compõe o elemento de maior destaque na composição, também pautada por meticuloso tratamento dos detalhes construtivos.

periódicos 1951-1960

Acrópole [233]: 190-2, mar 1958

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

87

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, peças gráficas ou registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação consultados. É possível ser o projeto recusado na I EIA as residências Philibert Sonck, Vanda Meirelles, Fábio Meirelles, Adelina Gasparian ou Hugo Sérgio, publicadas na revista *Acrópole* entre 1951 e 1954. A utilização de elementos decorativos de inspiração classicizante ressalta o sentido de ordem e disciplina compositiva, conferindo certo tradicionalismo à expressão arquitetônica dos projetos. Nas três últimas a composição das fachadas assinala vínculos com o repertório eclético.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Localização não disponível

autor do projeto

ALFREDO ERNESTO BECKER

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA HABITAÇÃO

88 **RECUSADA**

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Localização não disponível

autor do projeto

ALFREDO ERNESTO BECKER

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, peças gráficas ou registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação consultados. É possível ser o projeto recusado na I EIA as residências Philibert Sonck, Vanda Meirelles, Fábio Meirelles, Adelina Gasparian ou Hugo Sérgio, publicadas na revista *Acrópole* entre 1951 e 1954. A utilização de elementos decorativos de inspiração classicizante ressalta o sentido de ordem e disciplina compositiva, conferindo certo tradicionalismo à expressão arquitetônica dos projetos. Nas três últimas a composição das fachadas assinala vínculos com o repertório eclético.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

89

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. Nenhum projeto de uso esportivo assinado por Américo Campello integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

CLUBE NÁUTICO

Localização não disponível

autor do projeto AMÉRICO CAMPELLO

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

90 **RECUSADA**

FÁBRICA DE FERMENTOS

Localização não disponível

autor do projeto AMÉRICO CAMPELLO

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. Nenhum projeto de uso esportivo assinado por Américo Campello integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

91

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. Nenhum projeto de uso esportivo assinado por Américo Campello integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

HOSPITAL PARA CIRURGIA

Localização não disponível

autor do projeto AMÉRICO CAMPELLO

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

92 **RECUSADA**

FAROL MONUMENTAL

Localização não disponível

autor do projeto

ANTONIO CARLOS EKMAN SIMÕES

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. Nenhum projeto de uso esportivo assinado por Antonio Carlos Ekman Simões integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

93

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. Nenhum projeto de uso esportivo assinado por Antonio Jorge Monteiro Filho integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Localização não disponível

autor do projeto

ANTONIO JORGE MONTEIRO FILHO

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

94

 RECUSADA

MARCO COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DE JUIZ DE FORA

Praça da República s/n
Poço Rico / Juiz de Fora MG

autor do projeto ARTHUR ARCURI

painel DI CAVALCANTI

data do projeto dado não disponível
[inauguração 1950]

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos não se aplica

síntese descritiva

Marco comemorativo ao centenário de fundação de Juiz de Fora, Minas Gerais. O monumento é constituído de haste vertical visualmente articulada a mural revestido em pastilhas de porcelana vidrosa que emerge de uma lâmina d'água implantada em praça de bairro predominantemente habitacional, situado a cerca de mil metros do centro da cidade. A sinuosidade da lâmina d'água e o tratamento das superfícies do mural, sobre as quais se inscrevem em lados opostos uma placa comemorativa e uma composição figurativa de Di Cavalcanti, constituem os principais elementos da composição.

periódicos 1951-1960

Arquitetura e engenharia [23]: 56-9, set./out. 1952

Habitat [9]: 49, 1952

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

95

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. O conjunto de edifícios na Bela Vista, articulado ao Teatro Maria della Costa é a única obra de habitação coletiva do arquiteto lançada no *Índice de Arquitetura Brasileira* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960]. Talvez tenha sido recusado na I EIA. Carlos Lemos não confirma sua participação na mostra.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

EDIFÍCIO RESIDENCIAL

Localização não disponível

autor do projeto

CARLOS ALBERTO CERQUEIRA LEMOS

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA HABITAÇÃO

96 RECUSADA

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Localização não disponível

autor do projeto

CARLOS ALBERTO CERQUEIRA LEMOS

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. O conjunto de edifícios na Bela Vista, articulado ao Teatro Maria della Costa é a única obra de habitação coletiva do arquiteto lançada no *Índice de Arquitetura Brasileira* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960]. Talvez tenha sido recusado na I EIA. Carlos Lemos não confirma sua participação na mostra.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

97

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

Obra provavelmente inscrita em concurso para escolha do estádio do Jockey Club do Rio Grande do Sul, cuja lista de participantes não é lançada pelas fontes consultadas, ou talvez nem sequer tenha sido documentada. Tampouco foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre o projeto nos centros de documentação pesquisados. Nenhum trabalho de Cláudio Teixeira de Freitas integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

**ESTÁDIO DO JOCKEY CLUB DO
RIO GRANDE DO SUL**

Porto Alegre RS

autor do projeto

CLÁUDIO TEIXEIRA DE FREITAS

data do projeto 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO INDUSTRIAL

98

RECUSADA

INDUSTRIAL [MOINHO SÃO PAULO S.A.]

Localização não disponível

autores do projeto CLAUS EGGERS
e MAURÍCIO SANTOS CRUZ

data do projeto dado não disponível

construção S.A.B.E.

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 8

síntese descritiva

Obra não localizada nos centros de documentação consultados. É provável ser o projeto recusado na I EIA o Moimho São Paulo, reproduzido em *Acrópole* [1956] no artigo *Arquitetura Industrial* sem que seja mencionado o nome de Maurício Santos Cruz na co-autoria do projeto. O programa se desenvolve em bloco prismático regular, com zoneamento funcional determinado pela lógica de distribuição e armazenagem de insumos. A composição das fachadas constitui o elemento de maior destaque do projeto, valendo-se de janelas contínuas em planos diferenciados para acentuar a horizontalidade do volume.

periódicos [1951-1960]

Acrópole [210]: 221, abr 1956

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

99

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto do escritório Coimbra Bueno & Cia., conhecido por participar da construção de Goiânia e Brasília, integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

URBANISMO ARARUAMA

Araruama RJ

autor do projeto

COIMBRA BUENO & CIA

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

100

RECUSADA

URBANISMO ATAFONA

Balneário de Atafona
São João da Barra RJ

autor do projeto

COIMBRA BUENO & CIA

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto do escritório Coimbra Bueno & Cia., conhecido por participar da construção de Goiânia e Brasília, integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

101

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto do escritório Coimbra Bueno & Cia., conhecido por participar da construção de Goiânia e Brasília, integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

URBANISMO CUIABÁ

Cuiabá MT

autor do projeto

COIMBRA BUENO & CIA

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

102 **RECUSADA**

**HOSPITAL PARA CANCEROSOS
[HOSPITAL MÁRIO KRÖEFF]**

Rua Magé, 326

Penha Circular / Rio de Janeiro DF

autor do projeto

FRANCISCO VICTOR PALMA

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram encontradas peças gráficas ou material iconográfico sobre a obra nos centros de documentação pesquisados. Nenhum projeto de Francisco Victor Palma integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado nesta pesquisa [1951-1960]. Até a data de fechamento da tese, não foi possível obter maiores informações sobre o projeto do Hospital Mário Kröeff, recusado na I EIA.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

103

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto do escritório Coimbra Bueno & Cia., conhecido por participar da construção de Goiânia e Brasília, integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

URBANISMO CABO FRIO

Cabo Frio RJ

autor do projeto

JERÔNIMO COIMBRA BUENO

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

*CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS*

104 **RECUSADA**

URBANISMO GOIÂNIA

Goiânia GO

autor do projeto

JERÔNIMO COIMBRA BUENO

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. É provável tratar-se de projeto de um bairro de Goiânia, implantado como núcleo de expansão do plano original da cidade, cuja construção é feita pelo escritório Coimbra, Bueno & Cia.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

105

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

*CATEGORIA ORGANIZAÇÃO
DE GRANDES ÁREAS*

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. É provável tratar-se de projeto de um loteamento nas proximidades de Petrópolis.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

URBANISMO PETRÓPOLIS

Petrópolis RJ

autor do projeto

JERÔNIMO COIMBRA BUENO

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA HABITAÇÃO

106 **RECUSADA**

EDIFÍCIO RESIDENCIAL

Localização não disponível

autor do projeto

JOÃO BAPTISTA PIMONT

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto de João Baptista Pimont integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

107

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

A obra recusada na I EIA é, possivelmente, a Prefeitura Municipal de Caculé, situada na região centro-sul da Bahia, a cerca de 700 km de Salvador. O programa abriga instalações do poder executivo, legislativo e sala do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em um prisma regular de base retangular engastado a bloco trapezoidal que abriga auditório com capacidade para 60 pessoas. A ênfase do projeto incide na separação das circulações entre visitantes e funcionários e no tratamento das aberturas e elementos de proteção solar, de modo a atenuar as condicionantes climáticas do local.

periódicos 1951-1960

Arquitetura e engenharia [19]: 49-52, out./dez. 1951

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

**PREFEITURA MUNICIPAL
[DE CACULÉ?]**

Caculé BA

autor do projeto

JORGE DOS SANTOS PEREIRA

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

108 **RECUSADA**

IGREJA

Localização não disponível

autor do projeto JULIO GUERRA

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, material gráfico ou iconográfico sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto arquitetônico de Julio Guerra, autor da escultura alusiva ao bandeirante Borba Gato, integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960]. Como hipótese de estudos, é possível tratar-se de homônimo do artista, que participou da seção de artes da I Bienal do MAM/SP com a escultura *Mulher com Criança*.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

109

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto de Luis Eduardo dos Santos, radicado em Florianópolis, Santa Catarina, integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

Localização não disponível

autor do projeto

LUIS EDUARDO DOS SANTOS

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA HABITAÇÃO

110 **RECUSADA**

CASA MÍNIMA

Localização não disponível

autor do projeto

OCTACÍLIO RODRIGUES DE LIMA

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto residencial de Octacílio Rodrigues de Lima integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

111

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto residencial de Octacílio Rodrigues de Lima integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

**RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR
DE VERANEIO**

Localização não disponível

autor do projeto

OCTACÍLIO RODRIGUES DE LIMA

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

112

RECUSADA

EDIFÍCIO RESIDENCIAL

Localização não disponível

autor do projeto OSCAR GUTIERREZ

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto de Oscar Gutierrez integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RECUSADA

113

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto de Ruben Cassal Pilla, radicado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

EDIFÍCIO DE USO COMERCIAL

Localização não disponível

autor do projeto RUBEN CASSAL PILLA

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1951**

CATEGORIA HABITAÇÃO

114 **RECUSADA**

BANCO DO BRASIL

Joinville SC

autor do projeto

RUBENS DE ALMEIDA SERRA

data do projeto dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, material gráfico ou reproduções fotográficas sobre a obra nos centros de documentação consultados. Rubens de Almeida Serra assina o projeto do Edifício do Banco do Brasil em Santos, publicado na revista *Acrópole* em 1958. É possível que o arquiteto tenha desenvolvido algum tipo de parceria ou vínculo empregatício com a instituição, uma vez que o artigo menciona a existência de um departamento responsável pela construção das agências e escritórios do Banco do Brasil por todo o país.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

115

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

PRÊMIO EX-AEQUO NA CATEGORIA HABITAÇÃO

síntese descritiva

Residência de veraneio construída no Condomínio Bom Clima, distante cerca de 60 quilômetros do Rio de Janeiro. O programa se distribui em três zonas funcionais – setor social, íntimo e de serviços –, conformando-se volumes implantados diretamente no solo ou suspensos em pilotis, seguindo a inclinação do terreno. A articulação entre as alas é feita pelo núcleo social, constituído por áreas de caráter mais íntimo [a sala de jantar] e outras [as salas de estar e de jogos] de franca integração com o espaço de lazer situado sob o bloco dos dormitórios e com os jardins assinados por Roberto Burle Marx.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 170, jan. 1954

Architecture d'aujourd'hui [23]: 15-7, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [22]: 42-5, jun./ago. 1952

Domus [s/n]: mar. 1953

livros e catálogos 1951-1960

Hitchcock [1955: 172-3]

Mindlin [1956: 37-9; 250]

Paglia [1952: 3 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete sim

painel 44

número da obra em branco

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc] em branco

RESIDÊNCIA GEORGE HIME

Condomínio Bom Clima

Nogueira / Petrópolis RJ

autor do projeto HENRIQUE MINDLIN

data do projeto 1949

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

PRÊMIO EX-AEQUO NA
CATEGORIA HABITAÇÃO

116

CONJUNTO RESIDENCIAL DO PARQUE GUINLE

Rua Gago Coutinho, 66
[Edifício Nova Cintra]
Rua Paulo Cesar de Andrade, 70
[Edifício Bristol]
Rua Paulo Cesar de Andrade, 106
[Edifício Caledônia]
Laranjeiras / Rio de Janeiro DF

autor do projeto LUCIO COSTA

data do projeto 1948

paisagismo dos edifícios ROBERTO
BURLER MARX

paisagismo da praça COCHET [1916]

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 9

síntese descritiva

Trata-se de empreendimento privado, originalmente composto de lotes para residências individuais e seis blocos de apartamentos suspensos por pilotis, dos quais apenas três são construídos. A estratégia do plano prevê a implantação das lâminas nos limites da propriedade, conservando-se o palacete da família Guinle e seus magníficos jardins. Apesar de garantir excelentes visuais aos ambientes de estar dos edifícios Bristol e Caledônia, a desfavorável orientação das peças é atenuada pela utilização de quebra-sóis de concreto e cerâmica, em composição que reúne a um só tempo modernidade e tradição.

periódicos 1951-1960

Habitat [35]: 28-43, out. 1956

Architecture d'aujourd'hui [23]: 56-7, ago.1952

livros e catálogos 1951-1960

Hitchcock [1955: 152-5]

Mindlin [1956: 11; 90-3; 248]

Paglia [1952: 2 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

síntese descritiva

Residência implantada no bairro do Morumbi, urbanizado em 1950 pelo arquiteto e por Oscar Americano da Costa, para quem Bratke projeta residência [obra 192] nas proximidades. Sob laje plana de cobertura, o programa se desenvolve em planta livre, com modulação determinada por pilares espaçados em intervalos regulares. Na área central do bloco, um pátio descoberto funciona como anteparo entre as áreas interna e externa do setor de convívio. A utilização de elementos vazados no setor social atenua a incidência de raios solares e ao mesmo tempo configura jogos de cheios e vazios de notável efeito plástico.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 184-5, jan. 1954
Architecture d'aujourd'hui [24]: 50-1, out. 1953
AD Arquitetura e decoração [5]: 16-9, mai./jun. 1954
Arquitetura e engenharia [34]: 14-7, jan./mar. 1955
Habitat [10]: 41-4, 1953
Módulo [1]: 34-5, mar. 1955
Habitat [45]: 21-36, nov./dez. 1957
Werk [40]: 254-5, ago. 1953

livros e catálogos 1951-1960

Hitchcock [1955: 174-5]
 Mindlin [1956: 58-9; 247]
 Paglia [1952: 2 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete não

painel 35

número da obra 134

programa residência para família de 5 pessoas em terreno retirado da cidade. Vista ótima para todos os lados, terreno com pequeno declive para um lado [sentido longitudinal]

esquema construtivo construção em concreto, dando liberdade completa de planta.

Paredes usadas como divisão e não suporte, sendo fácil a transformação da planta

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
 materiais apresentados em forma e cor natural [concreto, tijolos, madeira]

**RESIDÊNCIA OSWALDO
ARTHUR BRATKE**

Avenida Morumbi, 3008
 Morumbi / São Paulo SP

autor do projeto

OSWALDO ARTHUR BRATKE

data do projeto 1951

construção Construtora

Comercial Guilherme Corazza

área do lote dado não disponível

área construída 420 m²

número de pavimentos 2

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

CATEGORIA EDIFÍCIO DE USO
TÉCNICO OU INDUSTRIAL – 1º PRÊMIO

118

FÁBRICA DUCHEN

Rodovia Presidente Dutra, Km 4,5
Parque Novo Mundo / São Paulo SP

autor do projeto OSCAR NIEMEYER

colaboração HELIO UCHOA CAVALCANTI

data do projeto 1950

composição mural DI CAVALCANTI

cálculo estrutural JOAQUIM CARDOZO

construção dado não disponível

área do lote 14.000 m²

área construída dado não disponível

número de pavimentos

variável de acordo com o bloco

síntese descritiva

Unidade de fabricação de produtos alimentícios integrada a um centro de lazer abrigado sob marquise de contornos sinuosos. A solução estrutural do bloco principal, constituída por feixes de pórticos formados pela junção de arcos sobrepostos, proporciona flexibilidade na ocupação do parque fabril e ao mesmo tempo garante, por seu inusitado desenho, plasticidade e leveza ao conjunto. O plano inicial prevê a construção de outros três blocos, não executados: pavilhão administrativo, laboratório de pesquisas e fábrica de enlatados, conservando-se unidade de linguagem ao conjunto.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [42/3]: 28-9, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [15]: 16-21, jan.fev. 1951

Habitat [2]: 6-11, jan./mar. 1951

Werk [40]: 250, ago. 1953

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 218-9; 251; 254]

Paglia [1952: 3 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete sim

painel 12

número da obra 51

programa fábrica de biscoitos e produtos alimentícios. Edifício administração, restaurante, sala de jogos, creche, laboratório e ambulatório

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

segue legenda do projeto com fotografias [não localizado]

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

PRÊMIO EX-AEQUO NA CATEGORIA
EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

O conjunto, implantado em importante nó arterial, é apontado como realização exponencial ao processo de verticalização da capital mineira. O programa compõe-se de escritórios, agência bancária e sede administrativa do Banco da Lavoura de Minas Gerais, organizados em bloco de expressão austera e volumetria determinada pela ocupação total do lote. Subsolos, térreo e sete pavimentos atendem a instituição financeira. Quatorze pavimentos destinam-se a escritórios para renda, com múltiplas possibilidades de arranjo. Na cobertura, ligada por elevador exclusivo, encontra-se um salão de conferências.

periódicos 1951-1960

Acrópole [157]: 25, mai. 1951;
Acrópole [160]: 128-136, ago. 1951
Architecture d'aujourd'hui [23]: 40-1, ago. 1952
Arquitetura e engenharia [19]: 58-64, out./dez. 1951

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 220-1; 254]
Paglia [1952: 2 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

EDIFÍCIO CLEMENTE DE FARIA

Avenida Afonso Pena, esq.
Rua Rio de Janeiro
Centro / Belo Horizonte MG

autor do projeto ÁLVARO VITAL BRASIL

data do projeto 1946

construção Construtora e
Comercial Dácio A. de Moraes

área do lote 400 m²

área construída 9.800 m²

número de pavimentos 25

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

MENÇÃO NA CATEGORIA
EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

120

GINÁSIO DE SOROCABA

Rua Rui Barbosa, s/n
Vila Hortênsia – Sorocaba SP

autor do projeto

ÍCARO DE CASTRO MELLO

data do projeto

1950
[de acordo com a ficha de inscrição]

construção Departamento de Obras
da Prefeitura Municipal de Sorocaba

sistema estrutural

Tekno Industrial Ltda.

área do lote 5.500 m²

área construída 3.000 m²

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Ginásio poliesportivo com capacidade para 2000 pessoas sentadas, construído para sediar os Jogos Abertos do Interior. O plano prevê a construção de um bloco de apoio, não executado. A solução estrutural combina concreto armado e madeira. O concreto modela as arquibancadas das cabeceiras da quadra e conforma pórticos sobre os quais são apoiados sete arcos de madeira que sustentam a cobertura de fibrocimento, vencendo-se um vão de 58 metros. Sobre as arquibancadas laterais, o telhado é apoiado em colunas e atirantado aos arcos de madeira, em solução pouco usual a edifícios desta natureza.

periódicos 1951-1960

Acrópole [155]: 273-7, mar. 1951

Habitat [2]: 16, jan./mar. 1951

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 247]

Paglia [1952: 2 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete sim

painel 19

número da obra 18

programa ginásio para prefeitura local. Sede dos jogos abertos do interior em 1950. Capacidade 8000 assistentes. Utilização variável: bola ao cesto, voleibol, lutas, box, circos, concertos, reuniões etc

esquema construtivo estrutura em concreto. Telhado: estrutura de madeira contraplacada. Cobertura eternit

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
necessidade de muita iluminação e ventilação

121

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

MENÇÃO HONROSA NA CATEGORIA
EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

síntese descritiva

Refeitório do Instituto Oswaldo Cruz, centro de pesquisas vinculado ao governo federal. O piso superior abriga cozinha central e três salões de refeições, dispostos em extremidades opostas. Dois deles são acessados por rampa monumental e desfrutam de melhores visuais, emolduradas por grelha de brises que imprime o aspecto formal mais marcante do conjunto. O terceiro salão volta-se para os fundos, sugerindo diferenciação hierárquica. O piso inferior abriga depósitos e vestiários, além de área de lazer coberta, sob pilotis. Na entrada principal situa-se um painel de Roberto Burle Marx.

periódicos 1951-1960

Arquitetura e engenharia [19]: 40-1, out./dez. 1951

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 208; 249]

Paglia [1952: 2 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? em construção

maquete não

painel 36

número da obra em branco

programa pavilhão refeitório para funcionários do Instituto Oswaldo Cruz.

Capacidade 700 lugares

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

PAVILHÃO REFEITÓRIO

Avenida Brasil, 4365

Manguinhos / Rio de Janeiro DF

autor do projeto JORGE FERREIRA

data do projeto 1949

composição mural

ROBERTO BURLE MARX

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída 2100 m²

número de pavimentos 2

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

MENÇÃO HONROSA NA CATEGORIA
EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO

122

EDIFÍCIO CARAMURU

Rua Grécia, 3
Comércio / Salvador BA

autor do projeto

PAULO ANTUNES RIBEIRO

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

data do projeto 1945

incorporação Prudência Capitalização

construção Companhia Brasileira

Imobiliária e de Construções S/A

área do lote 680 m²

área construída cerca de 4800 m²

número de pavimentos 9

síntese descritiva

Realização exemplar à afirmação da modernidade na Bahia, notabiliza-se pela inusitada solução concedida aos elementos de proteção solar, em planos alternados. Seu programa divide-se entre embasamento, com lojas comerciais; sete pavimentos-tipo com planta livre, permitindo múltiplos arranjos espaciais; e cobertura, com jardins assinados por Roberto Burle Marx. Nele estão instalados zeladoria e apartamento reservado à diretoria da Prudência Capitalização, responsável pela incorporação e administração da obra e pela construção do Edifício Prudência [obra 31] e do Hotel Amazonas [obra 78].

periódicos 1951-1960

Architectural review[116]: 246, out. 1954

Architecture d'aujourd'hui [23]: 24-6, ago. 1952

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 212-3; 246]

Paglia [1952: 2 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não?

painel 42

número da obra em branco

programa em branco

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

**MENÇÃO HONROSA NA CATEGORIA
EDIFÍCIO DE USO PÚBLICO**

síntese descritiva

Trata-se da segunda versão de anteprojeto vencedor de concurso público realizado em 1945. O conjunto destina-se à prática e ao ensino de clínica obstétrica e puericultura neo natal da Faculdade de Medicina da USP. O programa, composto de setor de ensino, atendimento ambulatorial, núcleo de enfermarias e berçários, é organizado em zonas espaciais semi-independentes que conformam blocos de volumetrias diversas. A distribuição de atividades em setores autônomos garante isolamento às linhas de circulação e satisfaz as recomendações de insolação recomendadas para edificações desta natureza.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 161, jan. 1954

Arquitetura e engenharia [20]: 24-38, jan./fev. 1952

Habitat [30]: 34-49, mai. 1956 [individualidades]

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 15: 250]

Paglia [1952: 3 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]**ficha do projeto** localizada

construído? não

maquete sim

painel 12

número da obra 102

programa assistência e ensino de clínica obstétrica e puericultura neo-natal

esquema construtivo concreto armado – alvenaria – cobertura com laje

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

em branco

MATERNIDADE UNIVERSITÁRIA

Avenida Rebouças, esquina com
Avenida Dr. Carvalho Aguiar
Pinheiros / São Paulo SP

autor do projeto RINO LEVI

colaboração FRANZ ANDREAS

PESTALOZZIK e ROBERTO

CERQUEIRA CESAR

data do projeto 1944

construção não construído

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 15

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

PRÊMIO NA CATEGORIA
ORGANIZAÇÃO DE GRANDES ÁREAS

124

CONJUNTO RESIDENCIAL DO PEDREGULHO

Rua Capitão Felix, 50
São Cristóvão / Rio de Janeiro DF

autor do projeto

AFFONSO EDUARDO REIDY

data do projeto 1948

construção Departamento de
Habitação Popular da Prefeitura do
Distrito Federal

composições murais

ANÍSIO MEDEIROS, CANDIDO PORTINARI
e ROBERTO BURLE MARX

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

direção engenheira CARMEN PORTINHO

área do lote 5 hectares

área construída dado não disponível

número de pavimentos

variável de acordo com o bloco

síntese descritiva

Conjunto de uso misto idealizado pelo poder público para abrigar funcionários de baixa renda. Sua estratégia incide na implantação dos volumes de modo a minimizar os custos de terrapleno. Para tanto, um bloco laminar de 260 metros acompanha as curvas de nível da encosta, impondo-se como referência formal do conjunto. Os demais blocos – escola, lavanderia, posto de saúde e dois outros blocos residenciais – são implantados na parte mais plana do lote, centralizando os serviços de apoio. A utilização de painéis e mosaicos nas fachadas de diversos blocos imprime força e significação à realização.

periódicos 1951-1960

Architectural record [124]: 166-170, jul. 1958

Architectural review[112]: 16-9, jul. 1952

Architecture d'aujourd'hui [23]: 124-9, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [23]: 28-32, set./out. 1952

Brasil arquitetura contemporânea [1]: 4-16, ago./set. 1953

Habitat [29]: 38-55, abr. 1956 [individualidades]

Progressive architecture [36]: 104-9, ago. 1955

Werk [40]: 241-6, ago. 1953

livros e catálogos 1951-1960

Benevolo [1960: 714-5]

Hitchcock [1955: 126-131]

Mindlin [1956: 120-9; 252]

Paglia [1952: 7 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete sim, três

painel 19

número da obra 109

programa 572 apartamentos, escola, ginásio, piscina, playground,
posto de saúde, lavanderia, clube e mercado

esquema construtivo em branco

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]

habitação para funcionários da prefeitura do distrito federal de salário baixo, que trabalham no bairro de São Cristóvão

125

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

PRÊMIO ESPECIAL ESTACAS BEOTTI

síntese descritiva

Homenagem prestada ao calculista e poeta pernambucano Joaquim Cardozo, integrante da equipe chefiada por Luiz Nunes na Diretoria de Arquitetura e Urbanismo [DAU 1934/1935], responsável pela construção dos primeiros edifícios modernos em Pernambuco, a exemplo da Caixa d'Água de Olinda e do Colégio Rural Alberto Torres, no Recife. Com a interrupção das atividades da DAU, Joaquim Cardozo se transfere para o Rio de Janeiro em 1940, onde se torna colaborador do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [SPHAN] e parceiro de Oscar Niemeyer no Conjunto Turístico e Recreativo da Pampulha [ficha 75] e na Fábrica Duchên [ficha 118], apenas para citar obras apresentadas na I EIA. Com Niemeyer viria ainda projetar outros conjuntos representativos, a exemplo do Clube de Diamantina [ficha 155], dos edifícios do Parque Ibirapuera [ficha 164] e dos palácios de Brasília [fichas 245-248]. Em todas as obras o trabalho de Cardozo se notabiliza pela esbelteza das estruturas e pela capacidade de extrair do concreto armado um potencial plástico pouco explorado pelos calculistas de outras latitudes.

periódicos 1951-1960

Habitat [16]: 20-1, mai./jun. 1954

Módulo [1]: 42-3, mar 1955

Módulo [1]: 6-9, mar 1955

Módulo [2]: 10-1, ago 1955

Módulo [4]: 32-6, mar 1956

Módulo [5]: 20-3, set 1956

Módulo [6]: 28-31, dez 1956

Módulo [10]: 3-6, ago 1958

Módulo [15]: 2-4, out 1959

Módulo [17]: 16-9, abr 1960

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 17; 66; 112-117; 160-1; 166-71; 205-7; 218-9; 247]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

CONJUNTO DA OBRA

homenageado JOAQUIM CARDOZO

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

SALA ESPECIAL ATTÍLIO CORREIA LIMA

126

ESTAÇÃO DE HIDROAVIÕES

Praça Marechal Âncora, s/n
Centro / Rio de Janeiro RJ

homenageado ATTÍLIO CORREA LIMA

colaboração JORGE FERREIRA,
RENATO MESQUITA, RENATO SOEIRO
e THOMAZ ESTRELLA

data do projeto 1937

construção Departamento
de Aviação Civil

responsável técnico

Paulo Osório Jordão de Brito

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Projeto vencedor de concurso instituído pelo Governo Federal para implantação do terminal de passageiros de hidroaviões do Aeroporto Santos Dumont. O agenciamento do programa concentra todos os serviços no térreo e reserva o pavimento superior para restaurante e terraço panorâmico. A integração entre os pisos é feita por vazio central e por escadas helicoidais de grande efeito plástico. O tratamento das fachadas valoriza os desencontros entre planos e alterna vedos e superfícies envidraçadas, de modo a garantir total visualização do embarcadouro, satisfazendo imposição do edital do concurso.

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 224-5; 248; 250; 253]

Paglia [1952: 4 págs. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

térreo

andar superior

127

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

SALA ESPECIAL FLÁVIO DE CARVALHO

síntese descritiva

Apresentado em concurso público em 1927, é considerado uma das primeiras manifestações da arquitetura moderna no país. O programa é constituído de casa civil, casa militar, salas para bailes e banquetes, gabinete de despachos e bases de defesa dotadas de aparato bélico. Os ambientes são dispostos em torno de um eixo configurado pelo hall de entrada e pela torre de elevadores. As fachadas evidenciam o raciocínio simétrico que articula a composição, ressaltando os diferentes volumes do bloco. Para acentuar a monumentalidade pretendida, são empregados fachos de luz de forte efeito cenográfico.

livros e catálogos 1951-1960

Paglia [1952: 1 pág. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 1

número da obra 21

programa em branco

esquema construtivo alvenaria de tijolos e concreto armado

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

São Paulo SP

homenageado

FLÁVIO REZENDE DE CARVALHO

data do projeto 1927

construção não construído

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 4

Vista de Aeroplano
função de uma escala de 1:200

Palacio Presidencial do E. de S. Paulo

Mostrando a profundidade no espaço livre
dos terraços para colocar a terra dos jardins

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

SALA ESPECIAL FLÁVIO DE CARVALHO

128

RESIDÊNCIA NA FAZENDA CAPUAVA

Fazenda Capuava / Valinhos SP

homenageado

FLÁVIO REZENDE DE CARVALHO

data do projeto 1930

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Trata-se da residência-sede da Fazenda Capuava, por longos anos endereço permanente do artista e arquiteto. O programa é ordenado de modo a agrupar os setores íntimo e de serviços em alas simetricamente dispostas no limite posterior de um salão cuja volumetria configura um tronco de pirâmide. Para contrapor a verticalidade deste volume são propostos dois terraços pergolados que criam zonas de penumbra e luz de forte efeito cenográfico. No mesmo sentido, são utilizadas chapas de alumínio em diversos ambientes, proporcionando forte contraste com a rusticidade dos acabamentos externos.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? sim

maquete não

painel 1

número da obra 22

programa em branco

esquema construtivo alvenaria de tijolos e concreto armado

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

129

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

SALA ESPECIAL FLÁVIO DE CARVALHO

síntese descritiva

Projeto apresentado em concurso público realizado em 1939 sob o pseudônimo “para-quedas”. O programa é organizado em bloco único, resultante da associação de prismas regulares para a base e para o corpo do edifício. O embasamento possui caráter mais austero, determinado pela ausência de aberturas nas fachadas e pelo acento horizontal do volume. O corpo do edifício, pautado pela transparência e verticalidade, estabelece forte contraste com o ecletismo da Catedral da Sé e do Palácio da Justiça, situados nos limites da área designada para a implantação do Paço Municipal.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

construído? não

maquete não

painel 1

número da obra 20

programa em branco

esquema construtivo estrutura metálica e vidro. altura 165 metros

condições específicas do projeto [clima, materiais, condições sociais etc]
em branco

PALÁCIO DA MUNICIPALIDADE DE SÃO PAULO

Sé / São Paulo SP

homenageado

FLÁVIO REZENDE DE CARVALHO

data do projeto 1939

construção não construído

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos mais de 30

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

SALA ESPECIAL GREGORI WARCHAVCHIK

130

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO

Rua Santa Cruz, 11 [atual 325]

Vila Mariana / São Paulo SP

homenageado GREGORI WARCHAVCHIK

data do projeto 1927-8

paisagismo MINA KLabin

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Trata-se de obra referencial à introdução da arquitetura moderna no Brasil, acompanhada de emblemático projeto paisagístico concebido por Mina Klabin. O programa se desenvolve em dois pavimentos, com distribuição de ambientes estabelecida por hall central. A arrojada volumetria, resultante da associação de prismas regulares e despojada de ornamentos, mascara procedimentos construtivos tradicionais – alvenaria portante de tijolos e coberturas em telha canal. O acabamento dos vedos, em pó de mica e cal, confere neutralidade ao conjunto e, ao mesmo tempo, realça o geometrismo da composição.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto]

Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]

livros e catálogos 1951-1960

Paglia [1952: 1 pág. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

síntese descritiva

Residência unifamiliar implantada em núcleo residencial inspirado nas cidades-jardim inglesas do começo do século XX. Se comparada à casa do arquiteto na Vila Mariana, a obra em questão representa um importante avanço na consolidação da modernidade arquitetônica, posto que concilia inovação técnica e renovação estética. Quando de sua inauguração, a então denominada “casa modernista” abriga uma exposição de arte e mobiliário de importantes nomes da vanguarda local, tornando-se o arquétipo de um modelo de vida que desperta a curiosidade – ou a fúria – de milhares de visitantes.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto]

Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 8; 254]

Paglia [1952: 1 pág. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RESIDÊNCIA NA RUA ITÁPOLIS [CASA MODERNISTA]

Rua Itápolis, 119 [atual 961]
Pacaembu / São Paulo SP

homenageado GREGORI WARCHAVCHIK

data do projeto 1927-8

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

SALA ESPECIAL GREGORI WARCHAVCHIK

132

RESIDÊNCIA CANDIDO DA SILVA

Rua Tomé de Souza, 115 [atual 997]

Lapa / São Paulo SP

homenageado GREGORI WARCHAVCHIK

data do projeto 1929

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência construída em lote estreito e profundo na zona oeste de São Paulo. O programa compõe-se de vestíbulo, salas de estar e jantar, dois dormitórios, banheiro, quarto de costura e cozinha articulados por hall central. Tal princípio de distribuição das peças também caracteriza as três residências anteriores, propostas no mesmo período. Outro aspecto recorrente diz respeito ao tratamento das fachadas, concebidas para criar jogos de cheios e vazios e valorizar as quebras de planos das superfícies. O pavimento de cobertura, acessado externamente, abriga terraço em toda a extensão do bloco.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto]

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 8; 254]

Paglia [1952: 1 pág. s/n]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

síntese descritiva

Trata-se da primeira residência moderna encomendada ao arquiteto, de modestas dimensões. Por imposição da legislação municipal, o desenho de fachada encaminhado aos censores da prefeitura não corresponde ao resultado executado, em que prevalecem planos destituídos de ornamentos. Para justificar a não concordância entre projeto e execução, o arquiteto alega “falta de recursos”. Tal estratégia, também utilizada na sua própria residência, indica as dificuldades para a aceitação do novo repertório, ainda que sejam mantidos elementos da tradição vigente, a exemplo da edícula de fundos.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto]

Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RESIDÊNCIA MAX GRAF

Rua Dr. Melo Alves

Cerqueira César / São Paulo SP

homenageado GREGORI WARCHAVCHIK

data do projeto 1929

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

SALA ESPECIAL GREGORI WARCHAVCHIK

134

RESIDÊNCIA LUIZ DA SILVA PRADO

Rua Bahia, 1126

Pacaembu / São Paulo SP

homenageado GREGORI WARCHAVCHIK

data do projeto 1930

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 4

síntese descritiva

Também conhecida como “casa da rua Bahia”, a obra reafirma soluções de projeto esboçadas nos trabalhos anteriores, mas inova ao transformar a laje de cobertura em terraço-jardim e ao prescindir de edícula para abrigar o núcleo de serviços, incorporando-o no subsolo do bloco. O tratamento das fachadas constitui aspecto igualmente relevante na medida que utiliza elementos de inspiração fabril na face principal, em opção pouco comum para a época. Na face dos fundos, são valorizadas as visuais direcionadas ao fundo do vale, onde se inaugura, uma década depois, o Estádio do Pacaembu.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto]

Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

135

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

SALA ESPECIAL GREGORI WARCHAVCHIK

síntese descritiva

Trata-se do primeiro projeto de Warchavchik no Rio de Janeiro, concebido antes de sua breve sociedade com Lucio Costa. A residência ocupa um terreno em aclave, com organização das peças determinada pelas diferentes cotas nas quais são acomodados os setores funcionais, com mínima interferência na topografia original. Ao contrário da obra anterior, a residência Nordschild explora a associação de elementos prismáticos, interpenetrando-os de modo a criar jogos de notável efeito plástico. Sua inauguração, em 1931, constitui fato marcante à vida cultural carioca, sendo aberta à visitação pública.

periódicos 1951-1960

Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RESIDÊNCIA WILLIAM NORDSCHILD

Rua Tonelero

Copacabana / Rio de Janeiro DF

homenageado GREGORI WARCHAVCHIK

data do projeto 1930

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 7 níveis

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

SALA ESPECIAL GREGORI WARCHAVCHIK

136

EDIFÍCIO RESIDENCIAL

Alameda Barão de Limeira, 1003
Campos Elíseos / São Paulo SP

homenageado GREGORI WARCHAVCHIK

data do projeto 1939

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 6 [térreo
e 5 pavimentos-tipo]

síntese descritiva

Conjunto residencial implantado em lote estreito e profundo no bairro do Campos Elíseos, com apartamentos quitinete, de um e de dois dormitórios dispostos no térreo e em cinco pavimentos-tipo. A organização dos apartamentos evoca o esquema recorrente em projetos similares, com destaque para a articulação das prumadas hidráulicas. Em função inexistência de recuos laterais, o tratamento plástico da fachada assume importância capital, tornando-se, com seu jogo de superfícies curvas, o principal elemento do projeto, recebendo, inclusive, prêmio instituído pela Prefeitura de São Paulo em 1939.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto]

Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 86; 254]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

síntese descritiva

Residência de veraneio de tradicional família de empresários da capital paulista. Implantada em lote à beira-mar, caracteriza-se pela setorização das partes da habitação em núcleos independentes, voltando para o oceano os setores social e íntimo. Tal opção não proporciona as melhores condições para a insolação dos dormitórios, alinhados entre si em bloco volumetricamente destacado da base da residência, por meio de pilotis, mas permite ampliar a área de lazer na porção frontal do lote, por meio de terraço coberto desde onde é possível acessar os dormitórios por meio de escada retrátil.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto]

Arquitetura e engenharia [16]: 34-5, mar./abr. 1951

Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 24-5; 254

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RESIDÊNCIA RAUL CRESPI

Guarujá SP

homenageado GREGORI WARCHAVCHIK

data do projeto 1943

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

andar superior

térreo

I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1951

SALA ESPECIAL GREGORI WARCHAVCHIK

138

PAVILHÃO MARJORY PRADO

Praia de Pernambuco

Guarujá SP

homenageado GREGORI WARCHAVCHIK

data do projeto 1946

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Pavilhão de praia de tradicional família de empresários da capital paulista, implantado na Praia de Pernambuco, no litoral paulista. O programa se desenvolve em planta circular, com sanitários externos e salão integrado a bar e varanda voltados para o oceano. A cobertura de sapé, estruturada por toras de madeira – também utilizadas no piso do salão – constitui o principal elemento da composição. Para facilitar a conservação da obra, as aberturas prescindem da utilização de vidros, sendo substituídos por treliças de palha, acentuando a sofisticada rusticidade da construção.

periódicos 1951-1960

Domus [s/n]: dez. 1952

Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 29; 254]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

planta

síntese descritiva

Residência de veraneio construída no balneário de Guarujá, pertencente a reconhecido empresário da capital paulista. O programa se desenvolve em dois pavimentos conectados por meio de duas escadas, sendo uma delas suporte da torre d'água que marca forte presença na volumetria da composição. Para ampliar a área de recreação, parte do pavimento superior é suspenso em pilotis, criando uma extensão coberta do núcleo social. Não foram localizadas as plantas da residência na Fundação Bienal e no arquivo Gregori Warchavchik disponível para consulta na FAU/USP, mas tão somente cortes como o abaixo reproduzido.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquitetura]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

RESIDÊNCIA RICARDO JAFET

Guarujá SP

homenageado GREGORI WARCHAVCHIK

data do projeto 1949

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

140

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO

Rua General Osório 676

Alto da Boa Vista / Santo Amaro SP
[atual município de São Paulo]

autor do projeto

ARNALDO FURQUIM PAOLIELLO

data do projeto 1951

construção Construtora Paoliello Ltda.
[provável]

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Projeto anteriormente exposto na I EIA [obra 4]. Residência implantada em amplo terreno, com distribuição de ambientes articulada por vestíbulo. O setor íntimo subdivide-se por meio de armários e ocupa a porção frontal do lote. O setor de serviços volta-se para o miolo da quadra e possui pátio e acesso independentes. Nos fundos do terreno, o barracão destinado à guarda de materiais durante a obra é transformado em estúdio e sala de jogos para os filhos do arquiteto, como reza o artigo publicado em 1954. Os diferentes planos da cobertura valorizam a volumetria dos diferentes núcleos da habitação.

periódicos 1951-1960

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 29, 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 129

características do projeto residência A.P Trata-se de uma casa para uma família pequena, de apenas um filho. Criou-se um pátio interno independente da vista da rua ligado a um estúdio no fundo. Procurou-se por uma questão econômica aproximar as áreas de cozinha e banheiro num mesmo local, havendo concentração de encanamentos e caixa d'água. O madeiramento do telhado foi aproveitado para servir também como forro, sendo este último de folhas compensadas de pinho, acompanhando o declive do primeiro. Para evitar-se a passagem de calor foi estudado uma impermeabilização sobre o forro de papelão alcatroado e asfalto com duas mãos e forçado a ventilação da câmara [apenas 12 cm de altura] por meio de tijolos furados no beiral. A divisão entre as peças foi conseguida em parte por meio de armários, móveis, dando maior elasticidade ao projeto.

legenda do projeto não localizada

síntese descritiva

Residência unifamiliar implantada em lote de generosas proporções. O programa se desenvolve em núcleos semi-independentes, articulados por vestibulo central. Para garantir resguardo ao setor íntimo e para o melhor aproveitamento da insolação no setor de convivência social é criado um pátio volumetricamente delimitado por pérgola. As partes molhadas são agrupadas na porção leste do bloco, de modo a otimizar custos. Ressalte-se ainda o cuidadoso tratamento das fachadas, marcado por contrastes cromáticos das aberturas em oposição aos panos dos tijolos aparentes e dos largos beirais brancos.

periódicos 1951-1960

Acrópole [187]: 308-10, abr 1954

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 129

características do projeto residência G.P trata-se de uma residência térrea, na qual procurou-se criar ambientes agradáveis e bem localizados quanto a insolação. De acordo com a linha n-s o projeto foi orientado de tal maneira a localizar a parte de habitação noturna à frente. A área destinada à vida diurna foi colocada dentro de um quadrado dividido por um maciço de pedras onde se localizou a lareira, formando então ambientes distintos de estar, jantar e jardim de inverno. A parte de serviço foi colocada lateralmente com acesso a um pátio próprio e ligação pelo abrigo de carros diretamente à rua. Procurou-se dotar a sala de estar de vista agradável para um pátio interno, notando-se neste detalhe um tipo de caixilho interessante, que é composto de um painel fixo de vidros temperados, sendo um vão de porta cheia para quebrar a igualdade do mesmo.

legenda do projeto não localizada

**RESIDÊNCIA GILBERTO PIRES
DE OLIVEIRA**

Rua General Osório 716
Alto da Boa Vista / Santo Amaro
SP [atual município de São Paulo]

autor do projeto

ARNALDO FURQUIM PAOLIELLO

data do projeto 1952

construção dado não disponível

área do lote 1200 m²

área construída 249 m²

número de pavimentos 1

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

142

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

autores do projeto

GALIANO CIAMPAGLIA e MIGUEL FORTE

data da construção 1953

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para identificar o projeto entre as realizações de Miguel Forte publicadas na década de 1950. Entre os parâmetros de projeto mencionados na ficha de inscrição localizada nos arquivos da Fundação Bial, destacam-se a implantação do bloco, a setorização das funções e a escolha de materiais e técnicas, privilegiando-se o contraste de materiais de diferentes valores cromáticos e texturas.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 42

características do projeto esta residência destina-se a um casal com três filhos menores. O partido, em diagonal, do corpo interno em dois andares, devido a sua orientação, seu desenvolvimento e sua relação com o corpo anterior térreo, no alinhamento da rua, favoreceu a formação de um jardim interno de caráter íntimo, sendo que a concentração para o mesmo das peças principais criou, em planta, um desenho de grande movimento plástico marcado ainda pelos diversos materiais [paredes brancas, pedras e madeira] em combinação com uma estrutura nitidamente evidenciada. Dessa forma, as salas e os quartos isolaram-se completamente da parte de serviço e da rua, que é de grande tráfego. A estrutura é em concreto armado sobre estacas de concreto. Devido a pouca resistência do terreno e ao aterro necessário as correções de níveis [terreno natural 1 metro abaixo do nível da calçada] foi também usada uma laje isolada em concreto armado, no andar térreo, permitindo assim uma ampla ventilação no subsolo, muito favorável aos problemas de impermeabilização, pois que nessa zona é muito próxima a presença das águas.

legenda do projeto não localizada

síntese descritiva

Obra de grande significação na trajetória do arquiteto, com repercussão internacional. Sob laje plana de cobertura, de recorte sinuoso, também presente no Salão de Baile da Pampulha [obra 44] e na marquise Parque Ibirapuera [obra 150], o programa é organizado em dois planos, com arranjos volumétricos distintos. No piso inferior situam-se um pequeno escritório e os dormitórios, com vista para o mar; no piso superior os ambientes de convivência voltam-se para o jardim externo e são dispostos em torno de uma rocha de granito que articula a integração entre os espaços internos e externos.

periódicos 1951-1960

Architectural review [116]: 214, 248-9, out. 1954

Architecture d'aujourd'hui [25]: 2-3, jan. 1954

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 24-7, 1954

Habitat [18]: 12-6, set.-out. 1954

Módulo [2]: 40-2, ago. 1955

publicações 1951-1960

Hitchcock [1955: 168-171]

Mindlin [1956: 66-7; 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

número de identificação do arquiteto não indicado

legenda do projeto não localizada

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO [CASA DAS CANOAS]

Estrada das Canoas, 2310

São Conrado / Rio de Janeiro DF

autor do projeto OSCAR NIEMEYER

data da construção dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

andar inferior

andar principal

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

144

RESIDÊNCIA ERNESTO WALLER

Estrada do Sorimã, 521

[atual Estrada das Canoas]

Gávea / Rio de Janeiro DF

autor do projeto

PAULO ANTUNES RIBEIRO

data da construção início março 1953

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

composição mural

CANDIDO PORTINARI

[não indicado na ficha de inscrição]

construção dado não disponível

área do lote 30 hectares

área construída 1.500 m²

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência de alto padrão implantada em sítio localizado nos contrafortes da Floresta da Tijuca. O programa residencial, organizado em zonas espaciais independentes, é acrescido de escritório e laboratório fotográfico contíguos ao dormitório principal. A articulação do setor íntimo com o núcleo de convivência social expande horizontalmente a volumetria do bloco, configurando uma extensão de 59 metros. A área social é constituída por hall de acesso, chapelaria, lavabos, biblioteca, sala de estar e jantar delimitados pela movimentação da cobertura e integrados visualmente aos jardins externos.

periódicos 1951-1960

Architectural review[116]: 250, out. 1954

Architecture d'aujourd'hui [24]:62-3, jan. 1953

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 76-7; 246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 150

características do projeto em branco

legenda do projeto o prédio se compõe de dois pavimentos e sua estrutura é de concreto armado, sendo a laje do segundo andar do tipo nervurada. A laje de ferro tipo standard e a cobertura se resolvem com uma laje “a borboleta” com calha no centro da construção e condutor embutido. No pavimento térreo acham-se o hall de entrada com grande escada redonda para os dormitórios, um amplo living com bar, sala de jantar, copa, cozinha, lavanderia, dependências domésticas, garagem e um grande pátio de serviço. No segundo andar, além dos dormitórios e banheiros, há um grande estúdio amplamente envidraçado

síntese descritiva

O programa reproduz, em linhas gerais, os padrões habitacionais vigentes no período, seja em termos da distribuição dos núcleos funcionais, seja na expressão plástica dos volumes. Por imposição da legislação municipal, a implantação do bloco é feita apenas na porção central do lote, suprimindo os pátios internos característicos a certas residências assinadas por Lucio Costa. Em contrapartida, o tratamento das fachadas evoca o cromatismo da arquitetura colonial, sendo também adotada uma pérgola na intenção de expandir o setor de convivência social, integrando-o aos espaços externos.

periódicos 1951-1960

Acrópole [196]: 173-5, jan. 1955

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 151

características do projeto em branco

legenda do projeto esta residência, voltada para o poente, possui 15,50 m de frente por 30 m de fundo. No andar térreo acham-se o living, varandas ligadas a um pátio por uma pérgola, escritório, dependências de serviço com acesso lateral por um hall. No segundo pavimento foram dispostos os dormitórios e banheiros. No quintal encontram-se garagem e quartos para empregados. o prédio acha-se protegido do calor pelo amplo beiral do telhado e pela pérgola, que com seu "brise soleil" serve também para que a casa não fique devassada

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO

[PAULO CANDIOTA]

Rua Comendador Martinelli, 231

[atual Rua Codajás]

Leblon / Rio de Janeiro DF

autor do projeto PAULO CANDIOTA

colaboração LUCIO COSTA

e BELA TOROK

data da construção 1951

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

construção dado não disponível

área do lote 465 m²

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

146

RESIDÊNCIA JADIR DE SOUZA

Avenida Visconde de Albuquerque,
971 [atual 1165]
Leblon / Rio de Janeiro DF

autor do projeto SERGIO BERNARDES

data da construção 1951

paisagismo CARLOS PERRY

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

andar superior

térreo

síntese descritiva

Residência de alto padrão implantada em lote urbano de grandes dimensões. O programa se desenvolve em zonas espaciais dispostas em volumes perpendiculares sobrepostos. A adoção de laje de cobertura contínua, com caimento central, confere unidade plástica ao conjunto. O acabamento das superfícies de revestimento explora efeitos de textura e contraste cromático de pedras, tijolos e pastilhas cerâmicas. No tratamento paisagístico, assinado por Carlos Perry, a predominância de espécies de forração valoriza a volumetria do bloco e amplia consideravelmente a generosa área de convívio social.

periódicos 1951-1960

Architectural review[115]: 166-7, mar. 1954

Architecture d'aujourd'hui [23]: 91, ago. 1952

Architecture d'aujourd'hui [25]: 6, jan. 1954

AD Arquitetura e decoração [8]: 2 págs. s/n., nov./dez. 1954

Arquitetura e engenharia [29]: 28-31, jan./fev. 1954

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 18-20, 1954

Habitat [20]: 26-8, jan.-fev. 1955

livros e catálogos 1951-1960

Hitchcock [1955: 176-7]

Mindlin [1956: 44-5; 246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 158

características do projeto em branco

legenda do projeto residência de dois pavimentos, de concreto armado, sendo a laje entre os dois andares nervurada. A cobertura tipo "borboleta", com calha no meio da construção e condutor embutido. No andar térreo há o hall de entrada, escritório, varanda, salas de estar e jantar e toalete. Completam-no a copa, cozinha, dependências domésticas, garagem e lavanderia ladeados de pérgola e jardim. O segundo pavimento contém hall, quatro dormitórios, banheiros e rouparia

síntese descritiva

Residência de veraneio organizada em corpos semi-independentes, com nítida distinção funcional. No setor social, composto de amplo salão e varanda coberta, procura-se integrar os espaços internos e externos por meio de amplas aberturas. O núcleo íntimo e o setor de serviços, por sua vez, conformam volume de perfil trapezoidal em que prevalecem os panos de fechamento. A solução da cobertura plana de duas águas confere unidade à composição e reforça a plasticidade dos volumes. Destaca-se, entre as opções de acabamento, o revestimento em pedras da área de estar que se expandem para os jardins.

periódicos 1951-1960

Arquitetura e engenharia [29]: 34-6, jan./fev. 1954

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 17, 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 158

características do projeto r em branco

legenda do projeto residência em dois planos com um desnível de mais ou menos 1,40 metros. O plano mais baixo contém pátio, sala de estar, sala de jantar, uma grande lareira, copa e cozinha. O segundo plano contém dois quartos, dois banheiros, uma varanda e os quartos para empregados com respectivo banheiro. A alvenaria, tipo standard, é de tijolos à vista e a cobertura formada de duas águas, independentes, com calha própria e condutor embutido

RESIDÊNCIA PAULO SAMPAIO

Manga Larga – Petrópolis RJ

autor do projeto SÉRGIO BERNARDES

data da construção 1953

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

148

CONJUNTO RESIDENCIAL EM PERDIZES

Rua Homem de Mello
Perdizes / São Paulo SP

autor do projeto

ABELARDO RIEDY DE SOUZA

data da construção obra iniciada
em 1952

incorporação Banco Hipotecário
Lar Brasileiro

construção Construtécnica Ltda.

área do lote 14.000 m²

área construída dado não disponível

número de pavimentos variável

síntese descritiva

Unidade de vizinhança composta por blocos residenciais, centro comercial, torre de estacionamento e área de recreação infantil articulados por marquise. As unidades residenciais conformam lâminas suspensas por pilotis, implantadas de modo a garantir adequadas condições de habitabilidade. O pavimento térreo, ocupado apenas pelas portarias de acesso e pelo centro comercial, rompe com os padrões urbanísticos vigente ao tornar públicos espaços de caráter privado. Do plano original, apenas dois blocos são construídos; de uma segunda versão, apenas se constrói o Edifício João Ramalho [ficha 241].

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 174, jan. 1954

Acrópole [200]: 366-7, jun. 1955

Arquitetura e engenharia [31]: 52-3, mai./jun. 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 253]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 142

características do projeto em branco

legenda do projeto não localizada

síntese descritiva

Edifício residencial incorporado para renda. O lote, estreito e longo, é ocupado em toda extensão frontal, acompanhando o alinhamento da rua. O programa se desenvolve entre embasamento, pavimentos-tipo e cobertura. O embasamento abriga depósitos individuais no subsolo e, no térreo, unidade padrão e zeladoria. Os pavimentos-tipo possuem duas unidades por andar, recuadas na fachada principal e dotadas de vestíbulos e lareiras nas salas de estar, pouco comuns na tradição brasileira. O apartamento de cobertura possui peças de dimensões mais generosas e varandas nas faces frontal e posterior.

periódicos 1951-1960

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 28, 1954

Domus [s/n] março 1953

Habitat [10]: 19-22, 1953

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 41

características do projeto o problema: criar num terreno com frente muito reduzida [$\pm$ 14,50 m], um prédio de apartamentos para aluguel, dois por andar, dotados das instalações necessárias e com entradas independentes para todos os locais. A construção, de 11 pavimentos, tem estrutura de concreto armado, lajes de tijolos e concreto, caixilhos e venezianas de correr de ferro, fachada em massa raspada, com partes em granilite rústico. No hall de entrada painel do pintor R. Sambonet.

legenda do projeto não localizada

EDIFÍCIO RESIDENCIAL

Rua Barão do Tatuí, 351

Santa Cecília / São Paulo SP

autor do projeto GIANCARLO PALANTI

data da construção 1950-1952

composição mural ROBERTO SAMBONET

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 11

[subsolo, térreo, 8 pavimentos-tipo e pavimento cobertura]

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

150

EDIFÍCIO RESIDENCIAL

Alameda Barão de Limeira, 1003
Campos Elíseos / São Paulo SP

autor do projeto GREGORI WARCHAVCHIK

data da construção 1940

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 6

[térreo e 5 pavimentos-tipo]

síntese descritiva

Projeto apresentado em Sala Especial na I EIA [ficha 136]. Conjunto residencial implantado em lote estreito e profundo, com apartamentos quitinete, de um e de dois dormitórios dispostos no térreo e em cinco pavimentos-tipo. A organização das unidades evoca o padrão recorrente, com destaque para a articulação das prumadas hidráulicas. Em função inexistência de recuos laterais, o tratamento plástico da fachada assume importância capital, tornando-se, com seu jogo de superfícies curvas, o principal elemento do projeto, recebendo, inclusive, prêmio instituído pela Prefeitura de São Paulo em 1939.

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 86; 254]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 67

características do projeto prédio estritamente residencial. Estrutura de lâminas de concreto armado que formam as paredes externas e divisórias. 2 apartamentos por andar; o de frente para pequenas famílias, o de fundos para solteiros

legenda do projeto não localizada

síntese descritiva

O projeto, incorporado pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, possui unidades de um, dois e três dormitórios acessadas por cinco prumadas de elevadores e escadas. A impressão de massa do bloco é atenuada na porção do térreo suspensa em pilotis, integrando visualmente a rua ao pátio central. O tratamento das fachadas alterna fechamentos em tijolos, brises de concreto [nas áreas de serviço] e chapas de fibrocimento [nas varandas], resultando em acentuada horizontalidade. Uma escultura de Bruno Giorgi, premiada na primeira Bienal, adorna a entrada principal do edifício.

periódicos 1951-1960

Acrópole [187]: 305-7, abr. 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 249]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 55

características do projeto em branco

legenda do projeto não localizada

EDIFÍCIO SÃO VICENTE DE PAULA

Rua São Vicente de Paula,
Higienópolis / São Paulo SP

autor do projeto LUCJAN KORNGOLD

data da construção 1952

incorporação Instituto de
Aposentadorias e Pensões dos
Industriários - IAPI

construção Escritório Técnico
Lucjan Korngold

área do lote 3.405 m²

área construída 12.064 m²

número de pavimentos 13

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

152

EDIFÍCIO BIAÇÁ

Rua Ângelo Ramirez, 77
Vila Mariana – São Paulo SP

autor do projeto PLÍNIO CROCE
e ROBERTO AFLALO

data da construção 1952

incorporação Banco Hipotecário
Lar Brasileiro

construção Companhia
Construtora Pederneiras

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 4

andar-tipo

térreo

síntese descritiva

Trata-se de projeto vencedor de concurso organizado pelo empreendedor do Jardim Ana Rosa, núcleo constituído por proposições assinadas por Abelardo de Souza e Eduardo Kneese de Mello, entre outros. Na proposta de Croce e Aflalo, os apartamentos são agrupados em duplas, com sala e dormitórios voltados para as faces externas, direcionadas para leste e oeste, e cozinhas e lavanderias para o miolo do bloco. A implantação dos volumes em níveis intermediários suprime as áreas de corredores nos pavimentos e permite que as vagas de automóveis sejam acessadas pelo passeio coberto no pavimento térreo.

periódicos 1951-1960

Acrópole [158]: 66-8, jun. 1951

Acrópole [188]: 351-3, mai. 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 102-3; 246; 248]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 160

características do projeto prédio de apartamentos: tratando-se de habitação popular para ser vendida a baixo custo, procurou-se uma solução econômica, que se conseguiu com o aproveitamento do desnível do terreno. Este fato possibilitou um grande aproveitamento da circulação vertical, eliminando-se completamente os corredores. Grandes vãos de luz e ventilação. Caixilhos standards. Revestimento total de pastilhas de porcelana para melhor conservação.

legenda do projeto não localizada

síntese descritiva

Templo vinculado à Igreja Anglicana. O edifício é estruturado em pórticos de concreto e empenas laterais em tijolos aparentes, conformado pela associação de prismas regulares de base retangular e seção triangular. A distribuição dos espaços introduz canteiros ajardinados nas laterais da nave única, virtualmente dividida em três partes pelos pórticos e pelo desenho da cobertura. A iluminação constitui elemento de destaque do projeto, sendo filtrada por elementos zenitais nos corredores laterais e por vitrais de delicado efeito luminotécnico, assinados por Maria Leontina, no altar-mor e no coro.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 69

características do projeto programa: construção de pequena igreja [150 pessoas], com serviços paroquiais anexos, em terreno urbano estreito e de pouco fundo [20 x 46 metros] esquema: 2 corpos anexos: 1] igreja 2] serviços paroquiais, com entradas independentes. Estrutura: 1] nave: pórticos triangulares aparentes, de 16 metros de vão e 16 metros de altura. Paredes de vedação laterais de tijolos a vista, de 7,50 metros de altura, livres da estrutura e sem aberturas [devido a proximidade dos limites laterais do terreno] 2] serviços paroquiais: estrutura comum de colunas e lajes de concreto armado, em dois pavimentos [7,50 metros de altura] com um pátio interno no centro. Iluminação: 1] nave: a] grande vitral na fachada b] vitrais laterais para batistério e escada da galeria c] grande vitral triangular sobre o altar d] iluminação decorativa por meio de clarabóias laterais 2] serviços paroquiais: todas as peças iluminadas por grandes aberturas – de coluna a coluna – para o pátio interno. Cobertura: lajes de concreto revestidas com chapas de cobre.

legenda do projeto não localizada

IGREJA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Praça Olavo Bilac, 63
Campos Elíseos – São Paulo SP

autor do projeto

JACOB MAURICIO RUCHTI

data da construção 1953

[em construção]

vitrais MARIA LEONTINA

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO
PARA FINS ESPORTIVOS

154

PISCINA COBERTA

Rua Germaine Buchard, 451
Água Branca / São Paulo SP

autor do projeto

ÍCARO DE CASTRO MELLO

data da construção 1953

projeto estrutural ARTHUR LUIZ PITTA

construção Departamento de Esportes
do Estado de São Paulo

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 3

[piso vestiários e piso de serviços
sob arquibancadas]

síntese descritiva

Projeto exposto na I EIA, em 1951 [obra 61]. Tal fato merece ser destacado, visto que os regulamentos da II EIA não permitem a rerepresentação de obras. A piscina coberta abriga 4.500 espectadores e possui inusitada concepção estrutural, resultante da utilização de arcos parabólicos de diferentes tamanhos. Sobre esses arcos é apoiado o vigaamento da cobertura, executada em telhas metálicas. Sob as arquibancadas, dispostas no sentido longitudinal da piscina [25 x 18 m], são abrigados os vestiários e demais serviços de apoio, com aberturas situadas nos limites externos dos arcos parabólicos.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 106, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [17]: 32-4, mai./jun.1951

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 30-1, 1954

Habitat [11]: 4-6, jun. 1953

publicações 1951-1960

Hitchcock [1955: 100-1]

Mindlin [1956: 176-7; 247]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 18

características do projeto em branco

legenda do projeto não localizada

síntese descritiva

Clube social e recreativo implantado na cidade histórica de Diamantina. Dentre os espaços que compõem a agremiação, a sede social é sem dúvida o elemento de maior destaque da composição. O projeto retoma o mesmo raciocínio do Clube Libanês de Belo Horizonte, organizado em plataforma retangular sobre a qual se desenvolve uma cobertura abobadada diretamente apoiada sobre o solo, de modo a conformar elementos estruturais autônomos, ambos em concreto armado. A unidade formal da composição é reforçada pelo arrojado desenho dos pontos de sustentação, de acentuado dinamismo.

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 18; 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto não localizada

CLUBE EM DIAMANTINA

autor do projeto OSCAR NIEMEYER

data da construção 1950c.

cálculo estrutural JOAQUIM CARDOZO

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 6 EDIFÍCIO
PARA FINS COMERCIAIS

156

EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO DA CIBA

Avenida Adolfo Pinheiro, 3414
Santo Amaro / São Paulo SP

autor do projeto JULES RUTISHAUSER

data da construção 1952-1953

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. A ficha de inscrição descreve, em linhas gerais, os requisitos do programa e alude a um certo “cunho representativo” da proposição, sem entretanto explicitar a expressão arquitetônica do edifício.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 54

características do projeto o autor do presente projeto viu-se diante do seguinte problema: centralizar num prédio os diversos escritórios localizados em pontos diferentes da capital de São Paulo, tais como administração, vendas de produtos químicos industriais e especialidades farmacêuticas, os respectivos depósitos, laboratório de tingimento, propaganda científica [sic], obedecendo às exigências de espaço para cada atividade funcional. Dado a peculiaridade dos negócios da firma Ciba tornou-se necessária uma divisão rigorosa das diversas seções, devendo a construção no seu total apresentar cunho representativo aliado a um caráter de sobriedade. No que diz respeito ao sistema construtivo, trata-se de uma construção em concreto armado com fundações especiais [estacas franki], com paredes internas em alvenaria, esquadrias em alumínio anticorodal [sic] e com revestimento externo em pastilhas.

legenda do projeto não localizada

157

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 6 EDIFÍCIO
PARA FINS COMERCIAIS

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações de Lauro da Costa Lima publicadas nas revistas especializadas na década de 1950.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 66

características do projeto em branco

legenda do projeto não localizada

EDIFÍCIO GESSY

Praça da República, 148
República / São Paulo SP

autor do projeto

LAURO DA COSTA LIMA

data da construção dado não disponível

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 7 EDIFÍCIO
PARA FINS INDUSTRIAIS

158

MOINHO PARA TRIGO

Jaguaré / São Paulo SP

autores do projeto CARLOS

GONZALEZ LACK e LUIZ CONTRUCCI

data da construção 1952

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto de uso industrial elaborado por Carlos Gonzalez Lack e Luiz Contrucci integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 77

características do projeto em branco

legenda do projeto não localizada

síntese descritiva

O urbanista Alfred Agache, quando da elaboração do Plano Urbano de Curitiba, na década de 1940, propôs a criação de um Centro Cívico para abrigar os principais edifícios da administração paranaense. O desenvolvimento do programa, determinado pelo centenário da emancipação política estadual, em 1953, dispõe os blocos em torno de uma grande praça cívica, configurando um conjunto arquitetônico monumental. A circulação de veículos, canalizada para as vias periféricas, garante uso exclusivo de pedestres para a praça central, transformando-a em um dos principais símbolos do Centenário do Paraná.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 48 ago. 1952

Arquitetura e engenharia [27]: 7, jul./set. 1953

Brasil arquitetura contemporânea [1]: 29, ago./set. 1953

publicações 1951-1960

Mindlin [1956:16; 246; 252; 253]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 53

características do projeto os edifícios foram projetados segundo o modutor.

Bibliografia: *le modutor* – Le Corbusier e *Building our democracy* – Walter Gropius

legenda do projeto não localizada

**CENTRO CÍVICO DE CURITIBA
[CONJUNTO]**

Centro Cívico / Curitiba PR

autor do projeto DAVID XAVIER

AZAMBUJA, FLÁVIO AMILCAR RÉGIS,

OLAVO REDIG DE CAMPOS e

SÉRGIO RODRIGUES

data da construção 1952-1953

paisagismo e painéis

ROBERTO BURLE MARX

construção Comissão Especial das

Obras do Centenário – CEOC

coordenação engenheiro Elato Silva

área do lote dado não disponível

área construída 110.000 m²

número de pavimentos variável

de acordo com o bloco

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 8 EDIFÍCIO PÚBLICO

160

PALÁCIO DO GOVERNO [CENTRO CÍVICO DE CURITIBA]

Centro Cívico / Curitiba PR

autor do projeto

DAVID XAVIER AZAMBUJA

data da construção 1952-1953

paisagismo e painéis

ROBERTO BURLE MARX

construção Comissão Especial das

Obras do Centenário – CEOC

coordenação engenheiro Elato Silva

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 4

síntese descritiva

Edifício-sede do Poder Executivo Estadual. Sua implantação encerra uma perspectiva grandiosa, já prevista pelo urbanista Alfred Agache nos anos 1940, que se estende pela Avenida Cândido de Abreu até o antigo centro da capital. O programa se desenvolve em volume prismático de geometria regular, cuja transparência, arrojo e amplitude de escala conferem à realização o caráter monumental pretendido por seus idealizadores. Entretanto, a não construção da residência do Governador do Estado, prevista no plano original, compromete significativamente a apreciação do conjunto.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 48 ago. 1952

Arquitetura e engenharia [27]: 7, jul./set. 1953

Brasil arquitetura contemporânea [1]: 29, ago./set. 1953

publicações 1951-1960

Mindlin [1956:16; 246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 48

características do projeto em branco

legenda do projeto prédio de quatro pavimentos em concreto armado. No primeiro e segundo andar se localizam os setores nobres e de reunião, além da residência do governador. Os outros dois pavimentos são complexos de escritórios. A cobertura é formada por uma laje plana devidamente impermeabilizada. A residência do governador ocupa uma grande área com um vasto jardim no qual se acha uma piscina e uma quadra de tênis.

síntese descritiva

O programa, decomposto em blocos articulados por marquise, compõe-se de três edifícios: Tribunal do Júri, Palácio da Justiça e Tribunal Eleitoral. O partido arquitetônico do Conjunto da Justiça acompanha, em linhas gerais, o mesmo raciocínio dos demais edifícios do Centro Cívico, pautados pela utilização de elementos racionalistas [pilotis, estrutura independente, planta livre] e por jogos de volume de notável efeito plástico. Cabe ressaltar, mais uma vez, a descaracterização do projeto original, decorrente de modificações no Palácio da Justiça e pela não construção do Tribunal Eleitoral.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 48 ago. 1952

Arquitetura e engenharia [27]: 7, jul./set. 1953

Brasil arquitetura contemporânea [1]: 29, ago./set. 1953

publicações 1951-1960

Mindlin [1956:16; 252]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 46

características do projeto em branco

legenda do projeto segundo o programa fixado, o conjunto da justiça, no Centro Cívico de Curitiba, compunha-se de três elementos distintos: o palácio da justiça, o tribunal do júri e o tribunal eleitoral. Na sua composição impunha-se, portanto, manter a indispensável unidade do conjunto, respeitando-se, ainda, as características funcionais de cada edifício. O palácio da justiça, com 36 varas além do tribunal superior do estado e de 4 salões de reuniões das câmaras, domina a composição por força de sua situação hierárquica e do maior volume necessário ao seu funcionamento. Nele estão a biblioteca, o restaurante e a cantina pública, atendendo a todos os edifícios. Os dois outros elementos, o tribunal do júri e o tribunal eleitoral, com funções e horários diferentes do palácio da justiça, têm sua autonomia e ligação com o edifício principal plasticamente caracterizadas pela marquise de comunicação. O tribunal do júri contém seu próprio cartório, salas para juiz, jurados etc, admitindo uma assistência de 500 pessoas. No tribunal eleitoral estão alojadas seis varas e o tribunal superior, além do grande saguão de apurações. Nestes edifícios foram – talvez pela primeira vez no Brasil – aplicadas as medidas do “modular” [tentativa de dar aos elementos construtivos uma relação com o corpo humano].

CONJUNTO DA JUSTIÇA**[CENTRO CÍVICO DE CURITIBA]**

Centro Cívico / Curitiba PR

autor do projeto

FLÁVIO AMILCAR RÉGIS

data da construção 1952-1953

paisagismo e painéis

ROBERTO BURLE MARX

construção Comissão Especial das Obras do Centenário – CEOC

coordenação engenheiro Elato Silva

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 8 EDIFÍCIO PÚBLICO

162

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARANÁ

Centro Cívico / Curitiba PR

autor do projeto

OLAVO REDIG DE CAMPOS

data da construção 1952-1953

paisagismo e painéis

ROBERTO BURLE MARX

construção Comissão Especial das

Obras do Centenário – CEOC

coordenação engenheiro Elato Silva

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não

disponível

síntese descritiva

A Assembléia – sede do Poder Legislativo – é composta de três edifícios: Secretaria da Câmara dos Deputados, Plenário e Comissões Técnicas. O desenvolvimento do programa remete aos princípios gerais do Centro Cívico, pautado pelo calculado jogo de volumes.

A implantação dos blocos da Assembléia Legislativa estabelece uma relação de equilíbrio com os edifícios da Justiça, valorizando o eixo monumental encerrado pelo Palácio do Governo. A não construção do bloco das Comissões Técnicas, entretanto, altera negativamente a leitura do conjunto, comprometendo a concepção original do plano.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 48 ago. 1952

Arquitetura e engenharia [27]: 7, jul./set. 1953

Brasil arquitetura contemporânea [1]: 29, ago./set. 1953

publicações 1951-1960

Mindlin [1956:16; 252]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 45

características do projeto em branco

legenda do projeto assembléia legislativa do paraná. Para a assembléia legislativa localizada no lado este do centro cívico eram exigidas: uma sala do plenário com capacidade para 40 deputados e possibilidade de expansão; um secretariado com salas para a presidência, escritórios para os funcionários, acomodações para a imprensa, rádio; um conjunto de salas para as comissões da assembléia e as bancadas da maioria e minoria, com suas respectivas secretarias. Os ambientes exigidos foram dispostos em três edifícios de modo a atender da maneira mais racional às exigências específicas de cada grupo. Os serviços da secretaria foram localizados num edifício de salas corridas em três pavimentos sobre pilotis. O plenário, com seu hall nobre e salão de honra, ocupa o centro do conjunto. Construído sobre pilotis, com iluminação zenital, dispõe de amplas galerias para o público, imprensa, rádio etc. As comissões, constituídas de oito salas de reunião, com respectivas secretárias, foram agrupadas num prédio de dois pavimentos com sobreloja formando galeria para o público e que dispõe, ainda, no pavimento térreo, de garagem e restaurante. O público, que tem acesso ao conjunto por uma rampa de grandes proporções, circula em plano diferente do que está reservado aos deputados, o que lhe permite, sem inconveniente, assistência permanente aos trabalhos legislativos

síntese descritiva

Trata-se do único núcleo verticalizado do Centro Cívico de Curitiba. O programa se desenvolve em dois corpos: o primeiro abriga, em lâmina de 30 pavimentos, não construída, todas as Secretarias de Estado, além de refeitório, espaços expositivos, salão nobre e auditório; o segundo encerra, sob casca abobadada de concreto, a Pagadoria e a Recebedoria do Estado. A integração entre os dois blocos é feita por plataforma sob a qual são agenciadas vagas para automóveis. A utilização de volumes prismáticos regulares, de bases circulares e retangulares, dialoga com os demais edifícios do Centro Cívico.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 48 ago. 1952

Arquitetura e engenharia [27]: 7, jul./set. 1953

Brasil arquitetura contemporânea [1]: 29, ago./set. 1953

publicações 1951-1960

Mindlin [1956:16; 253]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 47

características do projeto em branco

legenda do projeto 1] o programa: consistia em reunir no menor número possível de edifícios, todas as secretarias, a pagadoria e recebedoria do estado. 2] a idéia: na solução apresentada no primeiro projeto do ccc as secretarias achavam-se agrupadas em dois edifícios distintos, um de 9 e outro de 13 pavimentos. Uma nova revisão foi feita no conjunto, no sentido de dispor plástica e funcionalmente os edifícios. Deste estudo surgiu a idéia de um bloco único para todas as secretarias. Analisando-se as vantagens e desvantagens entre as duas soluções, observou-se nitidamente a superioridade funcional da reunião total das secretarias. 3] o partido: o palácio das secretarias compõe-se de 30 pisos, cabendo a cada secretaria um determinado número de pavimentos distribuídos de acordo com 4 vezes mais à capacidade atual. Foram previstos dois pavimentos para exposições, sendo um destinado às exposições temporárias, no 2º piso, e outro, às exposições permanentes no 29º, juntamente com o salão nobre. O auditório com capacidade para 500 pessoas, no 30º. um restaurante para servir 5.000 refeições diárias no piso que secciona o prédio em duas partes, ou seja, no 13º pavimento. O problema do estacionamento foi resolvido com a criação de uma plataforma especial, que por sua vez serve de teto a uma garagem de autos oficiais, no total de 160 carros aproximadamente. A cúpula, forma esta escolhida para maior acessibilidade do público, com 52 m de diâmetro, abrigará a pagadoria e a recebedoria, ao mesmo tempo que o tribunal de contas. No subsolo haverá uma caixa-forte que por sua vez é ligada ao edifício principal por um túnel

**EDIFÍCIO DAS SECRETARIAS
DE ESTADO [CENTRO CÍVICO
DE CURITIBA]**

Centro Cívico / Curitiba PR

autor do projeto

SÉRGIO ROBERTO SANTOS RODRIGUES

data da construção 1952-1953

paisagismo e painéis

ROBERTO BURLE MARX

construção Comissão Especial das

Obras do Centenário – CEOC

coordenação engenheiro Elato Silva

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 30

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 8 EDIFÍCIO PÚBLICO

164

EXPOSIÇÃO DO IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO

Avenida Pedro Álvares Cabral, S/N
Vila Mariana / São Paulo SP

autor do projeto OSCAR NIEMEYER

equipe EDUARDO KNEESE DE MELLO,
HELIO UCHOA CAVALCANTI e
ZENON LOTUFO

colaboração CARLOS LEMOS

e GAUSS ESTELITA [não indicados
na ficha de inscrição]

data da construção 1953

paisagismo ROBERTO BURLE MARX
[estudos iniciais] / OTÁVIO AUGUSTO
TEIXEIRA MENDES

cálculo estrutural JOAQUIM CARDOZO

construção Escritório de Construções e
Engenharia Ecel [Marquise], Sociedade
de Engenharia e Construções Secla
[Palácio das Indústrias], Construtora
Martins-Engel [Palácio das Nações],
Sociedade Nacional de Engenharia
[Palácio dos Estados], Construtora
Anchieta [Pavilhão da Agricultura],
Construtora Monteiro, Wiedorowitz
& Monteiro [Pavilhão de Exposições]
e Escavax Terraplenagem Mecânica
[urbanização]

síntese descritiva

O Parque Ibirapuera é concebido como parte das comemorações ao IV Centenário de São Paulo. O programa prevê a implantação de diversos blocos interligados por marquise de contornos sinuosos, sob a qual se desenvolvem atividades de lazer. Apenas quatro prismas de geometria regular são construídos: os Palácios das Nações e dos Estados, inaugurados em 1953 com a II Bienal do MAM/SP, o Palácio das Indústrias, aberto em 1954 com uma mostra de artes industriais, e o Palácio das Artes. O paisagismo do parque, designado a Roberto Burle Marx, é desenvolvido por Otávio Augusto Teixeira Mendes.

periódicos 1951-1960

Acrópole [185]: 210-8, fev. 1954;

Acrópole [191]: 493-7, ago. 1954;

Acrópole [193]: 54-7, out. 1954

Arquitetura e engenharia [28]: 7, out. 1953

Architecture d'aujourd'hui [23]: 91 ago. 1952

Brasil arquitetura contemporânea [2/3]: 49-62, nov./dez. 1953/jan. 1954

Habitat [16]: 20-7, mai./jun. 1954;

Habitat [18]: 77-98, set./out. 1954;

Habitat [19]: 87-106, nov./dez. 1954

Módulo [1]: 18-31, mar. 1955

Werk [40]: 250 ago. 1953

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 184-192; 248; 249; 250; 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto em branco

características do projeto em branco

legenda do projeto não localizada

síntese descritiva

Hospital geral com 450 leitos vinculado ao Instituto de Assistência Social aos Marítimos. O programa é organizado em zonas funcionais distintas. No embasamento estão situadas a recepção, fisioterapia, radioterapia e área de serviços. O mezanino abriga a administração, biblioteca e laboratórios clínicos. As enfermarias ocupam oito pavimentos-tipo, com circulação horizontal central. O setor cirúrgico está situado no 10º andar e possui quatro salas de operação. No 11º piso localizam-se solário e dormitórios para funcionários. A circulação vertical é feita em um prisma anexo ao volume principal.

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 158-9; 253]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 22

características do projeto prédio com 13 pavimentos acima do nível do "plateau" que conduz à entrada e dois abaixo desse nível aproveitando-se convenientemente a declividade do terreno. Esses dois últimos pavimentos são designados por 1º e 2º subsolos. a rigor, porém, só o designado por 2º subsolo tem essas características. O primeiro é, na realidade, um pavimento normal, um desdobramento do pavimento térreo, com condições de iluminação e aeração favoráveis e fácil acesso pela entrada destinada às ambulâncias de serviço. No primeiro pavimento e subsolos foram localizados os serviços gerais, serviços técnico-científicos etc. Na sobreloja, pavimento de ligação entre o térreo e os andares superiores, recuado em relação a estes estão localizados os serviços os serviços de administração, laboratórios etc. Nos [1º,] 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º pavimentos enfermarias, no 10º pavimento, centro cirúrgico, com quatro salas de operações e demais serviços anexos; 11º pavimento – terraço – andar coberto apenas em parte, onde estão localizados instalações para enfermarias, solários etc. O hospital está projetado para 414 leitos. Baseia-se o projeto no programa elaborado por uma comissão de médicos para esse fim designada

legenda do projeto não localizada

HOSPITAL DOS MARÍTIMOS

Rua Leopoldo, 280

Andaraí / Rio de Janeiro DF

autor do projeto

FIRMINO FERNANDES SALDANHA

data da construção obra em acabamento iniciada em 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 15

[2 subsolos, térreo, sobreloja, 9 pavimentos-tipo, centro cirúrgico e cobertura]

PLANTA PAV. TIPO

PLANTA PAV. ACESSO PRINCIPAL

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 10 ESCOLAS

166

GINÁSIO DA PENHA [ATUAL ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DA PENHA]

Rua Padre Benedito Camargo, 762
esquina Rua Carlos Meira e
Rua Henrique de Souza Queiroz
Penha / São Paulo SP

autor do projeto EDUARDO CORONA

data da construção 1953

construção Construtora Zarzur
& Kogan Ltda.

área do lote 4.750 m² aproximadamente

área construída dado não disponível

número de pavimentos 3

nível inferior

nível inferior

síntese descritiva

Escola secundária construída pela Comissão do Convênio Escolar, responsável pela implantação de parques infantis, bibliotecas e teatros populares subsidiados pelos governos estadual e municipal. Na obra em questão, as salas de aula conformam blocos paralelos, articulados por circulação periférica desde onde se acessam núcleo administrativo, biblioteca, salas de apoio complementar e auditório. O piso térreo abriga zeladoria, centro médico, grêmio estudantil, piscina e vestiários, valendo-se da suspensão do corpo principal, em pilotis, para ampliar as áreas de convivência e prática esportiva.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 197, jan. 1954

AD Arquitetura e decoração [3]: dez 1953/jan 1954

Habitat [13]: 19-21, dez. 1953

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 138-9; 247]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 65

características do projeto um ginásio [escola secundária] com 18 salas de aula, administração, grêmio estudantil, piscina e auditório. nas salas, estão incluídos laboratórios, salas de línguas, geografia, desenho, etc. estrutura independente – recreio coberto em pilotis. salas para médico, dentista e enfermaria. acessos por rampa, iluminação e ventilação as mais adequadas para a função “escola”. cobertura de fibrocimento, lajes nervuradas de caixão perdido.

legenda do projeto não localizada

síntese descritiva

Projeto vencedor de concurso público organizado pelo Ministério da Marinha. O programa é composto de centro de instrução, administração, auditório, alojamentos, posto de saúde, centro comercial e serviços de apoio implantados em núcleos setoriais independentes, priorizando a ocupação das partes planas do terreno. A articulação dos blocos é feita por praça cívica central, configurando um eixo monumental que valoriza a plasticidade da sede administrativa e do auditório, cuja volumetria em sucessão de abóbadas conjugadas evoca a capela de São Francisco de Assis, na Pampulha [obra 75].

periódicos 1951-1960

Arquitetura e engenharia [16]: 27-33, mar./abr. 1951

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 157

características do projeto em branco

legenda do projeto projeto laureado num concurso nacional instituído pelo ministério da marinha em 1950. Programa: projetar um centro de instrução para o corpo de fuzileiros navais, constando das seguintes edificações: edifício para ensino, administração, auditório, serviço de intendência, serviço de saúde, depósito de armamentos, depósito de munições, garagem e oficinas, alojamentos para 600 soldados e cabos, alojamento para 120 sargentos e suboficiais, alojamentos para 120 oficiais, guardas marinha e aspirantes. Foi exigido, ainda, junto ao edifício de ensino uma cobertura para aulas práticas de disfarce. Situação: no terreno de propriedade do ministério da marinha, localizado na Ilha do Governador, no local denominado Saco do Fundão. Solução: procurou-se desenvolver o projeto no terreno plano, entre as elevações existentes no mesmo, evitando-se ao máximo grandes movimentos de terra. A praça de manobras foi situada de maneira a ter um fácil acesso com relação às duas entradas existentes. O auditório foi colocado no fundo da praça, com efeito plástico e ao mesmo tempo funcional com relação ao acesso dos edifícios no conjunto. Os alojamentos foram distribuídos ao longo da praia existente, aproveitando-se ao mesmo tempo a boa orientação com relação ao sol e aos ventos. O edifício de ensino e o da administração formam um conjunto ao lado do auditório e em conexão com este e com os alojamentos. Todas as salas de aulas foram voltadas para a melhor orientação. O edifício de serviço de intendência foi situado de tal maneira que a entrada de suprimentos de toda ordem não viesse perturbar a circulação dentro do centro. O depósito de armamentos foi colocado estrategicamente em relação aos alojamentos e ao centro administrativo. Os edifícios do serviço de saúde, depósito de munições, garagem e oficinas ficam mais isolados por motivos óbvios. Esquemas construtivos: 1] edifício de ensino: estrutura de concreto armado independente, alvenaria, cobertura em laje de concreto e fibrocimento, quebra-sóis de concreto, azulejos decorativos, pastilhas. 2] administração: concreto armado [abóbadas], alvenaria, cobertura em laje de concreto. 3] auditório: estrutura de concreto armado [abóbada de seção parabólica] revestida de cobre, cerâmica celular no arco frontal, revestimento interno de madeira, ar condicionado. 4] alojamentos: estrutura de concreto armado independente, alvenaria, teto de laje de concreto, azulejos decorativos. 5] intendência: concreto armado [abóbadas] na parte posterior e laje inclinada na parte anterior, azulejos decorativos, plataformas para descarga de caminhões. 6] serviço de saúde: estrutura de concreto armado independente, rampa para o 2º pavimento, combogôs. 7] depósito de armamentos, garagem e oficinas: estrutura de concreto armado [abóbadas] com vãos de modo a permitir manobra de viaturas. 8] depósito de munições: alvenaria, telhado em tesouras de madeira. 9] cobertura para aulas para aulas práticas e disfarces: cúpula de concreto armado e piso em anfiteatro

**CENTRO DE INSTRUÇÃO DO
CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS**

Rua Magno Martins, s/n
Ilha do Governador /
Rio de Janeiro DF

autores do projeto OSCAR VALDETARO
e ROBERTO NADALUTTI

data da construção iniciada em 1951

construção Companhia Moraes
Rego S/A Engenharia

área do lote dado não disponível

área construída 25.000 m²

número de pavimentos variável,
de acordo com o bloco

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

168 **RECUSADA**

**RESIDÊNCIA JOSÉ PIRES
DE OLIVEIRA DIAS**

Praia do Sol

Interlagos / Santo Amaro SP

[atual município de São Paulo]

autor do projeto

ARNALDO FURQUIM PAOLIELLO

data da construção 1951

[segundo a ficha de inscrição na I EIA]

construção Construtora Paoliello Ltda.

área do lote dado não disponível

área construída 670 m²

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Obra anteriormente apresentada na I EIA [ficha 6]. Residência implantada nas imediações da Represa do Guarapiranga. O programa se desenvolve em planta cruciforme cuja área central corresponde ao núcleo de convívio social. O setor íntimo é organizado em alas independentes, garantindo privacidade ao proprietário e convidados. A adoção de materiais sem revestimento – madeira, pedras e tijolos – confere certa rusticidade ao conjunto, além de valorizar os jogos de superfícies e volumes. Ressalte-se o cuidadoso estudo de ventilação e cobertas, satisfazendo as necessidades de conforto térmico.

periódicos 1951-1960

Acrópole [166]: 358-9, fev. 1952

Habitat [22]: 27-9, mai./jun. 1955

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 129

características do projeto em branco

RECUSADA

169

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

Obra exposta na I EIA [ficha 5] com diferente numeração de endereçamento. O programa se desenvolve em planos articulados por vestíbulo central, reduzindo custos de terraplenagem e resguardando a intimidade dos dormitórios. A cobertura de água única valoriza os diferentes setores da habitação e imprime um caráter monumental ao conjunto. Nos fundos do lote são dispostos pavilhão de jogos e dependências de empregados, de modo a configurar um pátio de serviços. O cuidadoso tratamento das fachadas, por meio da combinação de materiais de diferentes cores e texturas, constitui aspecto de destaque.

periódicos 1951-1960

Acrópole [164]: 279-81, dez 1951

Acrópole [181]: 493-5, 1953

Architecture d'aujourd'hui [28]: XXV, set 1957

AD Arquitetura e decoração [5]: mai./jun. 1954

Arquitetura e engenharia [32]: 8-10, jul./set. 1954

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 29, 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 52-3; 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 129

características do projeto residência D.P trata-se de uma residência na qual procurou-se resolver o seguinte problema: o terreno apresentava-se 1,20 abaixo do nível necessário, e os clientes pretendiam uma casa térrea, mas gostariam que os dormitórios ocupassem um plano ligeiramente elevado para não serem devassados. Resolveu-se a questão com um projeto aproveitando o declive do terreno [foi aterrado somente a metade do terreno, trazendo uma boa economia] e localizando-se a área dos dormitórios num plano elevado de apenas 10 degraus sobre a parte normal de trabalho diário da casa, conseguindo-se ainda um grande salão verdadeiramente de estar para a família, num plano localizado 1,20 abaixo. A solução do telhado foi a ligação lógica dos pés direitos, dando apenas uma água de 28 metros. Resolveu-se o problema de águas pluviais com calhas intermediárias. O jogo de planos e materiais é talvez o ponto que mais se procurou, na parte estética da construção

RESIDÊNCIA DOMINGOS PIRES DE OLIVEIRA DIAS

Rua General Osório, 680

Alto da Boa Vista / Santo Amaro

SP [atual município de São Paulo]

autor do projeto

ARNALDO FURQUIM PAOLIELLO

data da construção 1952

[segundo a ficha de inscrição na I EIA]

paisagismo JARDINARTE

construção Construtora Paoliello Ltda.

área do lote 2400 m²

área construída 567 m²

número de pavimentos 2

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

170 **RECUSADA**

**RESIDÊNCIA RODOLFO
MESQUITA SAMPAIO**

Alto de Pinheiros / São Paulo SP

autor do projeto EDUARDO CORONA
e ROBERTO TIBAU [colaborador,
de acordo com a ficha de inscrição]

data da construção 1952

construção dado não disponível

área do lote 570 m² aproximadamente

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Residência térrea implantada em lote plano de esquina em zona residencial da capital paulista. O programa se desenvolve com base no agrupamento dos setores íntimo, social e de serviços em dois núcleos contíguos implantados perpendicularmente entre si. A volumetria do bloco, de projeção retangular, é visualmente conformada por pátio interno delimitado por passeio coberto protegido por elementos vazados e brises verticais, de modo a garantir resguardo para a varanda de convivência. A utilização de elementos de diferentes texturas e a adoção de cobertura invertida conferem dinamismo à composição.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]:196, jan. 1954

Arquitetura e engenharia [18]: 48-9, jul./set. 1951

Habitat [5]: 50-1, 1951

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 65

características do projeto residência para casal sem filhos. 2 quartos, sala de estar, sala de jantar, bar e lavabo, banheiro, cozinha, quarto de empregada e banheiro de empregada. Ambientes bem caracterizados, jardim social, refeições ao ar livre. Jardim de serviço. Estrutura de concreto. Cobertura de fibrocimento.

RECUSADA

171

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

Trata-se, com grande dose de certeza, da residência Raul Crespi, anteriormente exposta em sala especial na I EIA [obra 137]. Implantada em generoso lote à beira-mar, caracteriza-se pela setorização das partes da habitação em núcleos independentes, privilegiando aos setores social e íntimo as visuais direcionadas ao oceano. Tal opção não proporciona as melhores condições para a insolação dos dormitórios, alinhados entre si em bloco volumetricamente destacado da base da residência, mas permite ampliar a área de lazer na porção frontal do lote, por meio de terraço coberto sob os dormitórios.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 63-7, jan. 1954 [série arquiteto]

Arquitetura e engenharia [16]: 34-5, mar./abr. 1951

Habitat [28]: 40-8, mar. 1956 [individualidades]

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 24-5; 254]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 67

características do projeto casa para temporadas na praia destinada a um casal e seus convidados. No andar térreo, o hall, a sala de jogos, sala de estar, sala de jantar, terraço e pátio. No andar superior, cinco dormitórios, os banheiros. Escada para banhistas externa. Construção de concreto armado, telhas de eternit.

RESIDÊNCIA RAUL CRESPI

Enseada / Guarujá SP

autor do projeto

GREGORI WARCHAVCHIK

data da construção 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

andar superior

térreo

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

172

RECUSADA

**RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR DE
VERANEIO [CASA DE WEEKEND]**

Enseada / Guarujá SP

autor do projeto

GREGORI WARCHAVCHIK

data da construção 1949

paisagismo MINA KLabin WARCHAVCHIK

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Residência de pequenas proporções construída à beira-mar. A estratégia do projeto incide na distribuição do programa em blocos autônomos, implantados de modo a configurar pátios e acessos independentes. O tratamento paisagístico, assinado por Mina Klabin, emprega espécies recolhidas nas proximidades e articula as massas de vegetação no entorno de um areal sobre o qual são dispostos renques de pedras que criam um acesso de pedestres para a praia. O despojamento das soluções estão presentes na escolha de materiais e técnicas, prevalecendo a alvenaria de pedras e a cobertura de telhas cerâmicas.

periódicos 1951-1960

Habitat [2]: 17-8, jan./mar. 1951

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 67

características do projeto casa de week-end para um casal, construída na Praia da Enseada com o máximo de material local. Paredes de pedra maciça, telhado de telha colonial, forro de madeira. Sala de estar com portas basculantes de vidro inquebrável, piso de concreto. Pátio interno, um dormitório dividido por uma porta sanfona que o transforma em dois quartos. Cozinha de azulejos e cedro envernizado. Madeiramento exterior de cabreúva. Cabines e chuveiros para banhistas no prédio anexo. Jardim tropical em torno de uma praia particular, com motivos arquitetônicos.

RECUSADA

173

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

Residência implantada em lote com duas frentes. O programa se desenvolve com base na orientação solar e no desnível existente entre os acessos. Na face voltada para o norte estão situados os dormitórios; na face oposta, a sala de estar, escritório e garagem. O setor de serviços se abre para leste e os corredores de circulação para oeste, com aberturas protegidas por elementos vazados. A cobertura do bloco, em única água, reafirma o desnível existente. O paisagismo de Burle Marx, de certo acento geométrico, e o painel de Clóvis Graciano denotam o cuidadoso tratamento que caracteriza o conjunto.

periódicos 1951-1960

Acrópole [167/8]: 396-8, mar./abr. 1952

AD Arquitetura e decoração [2]: 4 págs. s/n. out./nov.1953

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 18

características do projeto em branco

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO

Praça Borborema, 30
Sumaré / São Paulo SP

autor do projeto

ÍCARO DE CASTRO MELLO

data da construção 1952

composição mural CLÓVIS GRACIANO

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

construção Construtora Paulistana Ltda.

área do lote 403 m²

área construída dado não disponível

número de pavimentos 3

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

174 **RECUSADA**

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

São Paulo SP

autor do projeto LUCJAN KORNGOLD

data do projeto 1952

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. De acordo com o Índice de Arquitetura Brasileira, existem chances do projeto recusado na II EIA ser a Residência no Jardim Paulista, publicada em *Acrópole* em 1953, ou a Residência no Jardim Europa, inserida em *Habitat* em 1955, ou ainda, com menos chances, a Residência na Chácara Flora, publicada em *Acrópole* e *Habitat* em 1959 e 1960, devido ao grande intervalo transcorrido entre a recusa e a inserção nos periódicos.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 55

características do projeto em branco

RECUSADA

175

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto de uso residencial elaborado por Carlos Gonzalez Lack e Luiz Contrucci integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto em branco

características do projeto em branco

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Pacaembu / São Paulo SP

autores do projeto LUIZ CONTRUCCI
e CARLOS GONZALEZ LACK

data do projeto 1952

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

176

RECUSADA

RESIDENCIA GERALDO BAPTISTA

Estrada do Mangalarga
Itaipava / Petrópolis RJ

autor do projeto

OLAVO REDIG DE CAMPOS

data da construção não indicada

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Em função de sua localização, a obra em questão é, com grande probabilidade, a residência de Geraldo Baptista, posteriormente exposta na IV EIA, em 1957 [ficha 202]. A implantação do bloco em planos recuados conserva a inclinação natural do terreno, garantindo orientação solar adequada e vista exuberante para os núcleos social e íntimo. A inclinação do telhado afirma a horizontalidade da composição, também reforçada pelas aberturas contínuas dos dormitórios e pela varanda contígua à sala de estar, delimitada visualmente pelo arrimo de pedras que se expande para além dos limites do edifício.

periódicos 1951-1960

Acrópole [208]: 137-9, fev. 1956

Habitat [25]: 56-7, dez. 1955

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 72-3; 252]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 45

características do projeto em branco

RECUSADA

177

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações de Lauro da Costa Lima publicadas nas revistas especializadas na década de 1950.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 66

características do projeto em branco

EDIFÍCIO INAJÁ

São Paulo SP

autor do projeto

LAURO DA COSTA LIMA

data da construção 1950-1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

178 RECUSADA

EDIFÍCIO INDAIÁ

São Vicente SP

autor do projeto

LAURO DA COSTA LIMA

data da construção 1950-1951

construção Lauro da Costa Lima

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 15

[térreo, 14 pavimentos-tipo e
pavimento de cobertura]

síntese descritiva

Trata-se de um dos primeiros arranha-céus da orla marítima de São Vicente, no litoral paulista. Possui treze pavimentos-tipo, com apartamento quitinete e unidades de dois dormitórios, e pavimento de cobertura com apartamento de três dormitórios. A intrincada organização das unidades residenciais produz volumetria de conformação irregular, com destaque para o tratamento cromático aplicado nas varandas dos apartamentos de frente. O pavimento térreo abriga apartamento da zeladoria e lavanderia coletiva semi-enterrada, e possui hall de acesso e canteiros de acentuado formalismo.

periódicos 1951-1960

Acrópole [193]: 6-9, out. 1954

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 66

características do projeto em branco

RECUSADA

179

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações de Olavo Redig de Campos publicadas nas revistas especializadas na década de 1950.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 45

características do projeto em branco

EDIFÍCIO DD [DOIS DE DEZEMBRO?]

Rua Dois de Dezembro

Flamengo / Rio de Janeiro DF

autor do projeto

OLAVO REDIG DE CAMPOS

data da construção em construção

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 6 EDIFÍCIO
PARA FINS COMERCIAIS

180

 RECUSADA

EDIFÍCIO A SÃO PAULO

Rua Miguel Calmon
Comércio / Salvador BA

autor do projeto

FLÁVIO AMILCAR RÉGIS

data da construção 1952-1953

[de acordo com a ficha de inscrição]

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 12

[térreo, sobreloja, 8 pavimentos-tipo e
2 pavimentos de cobertura recuados]

síntese descritiva

Sede regional de companhia securitária construída no centro de Salvador. O programa se desenvolve entre embasamento, ocupado por lojas; corpo principal, destinado aos escritórios da empresa, e coroamento, constituído por dois pavimentos recuados, sendo o último de uso recreativo para os funcionários. O cálculo de áreas e recuos, em seus limites máximos, atendem a legislação municipal. O mobiliário, também assinado pelo arquiteto, e a modulação dos espaços são propostos com base nas escalas do *modulor*, formulado por Le Corbusier e utilizado no Centro Cívico de Curitiba [fichas 159 a 163].

periódicos 1951-1960

Arquitetura e engenharia [35]: 8-11 abr./jun. 1955

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 252]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 46

características do projeto em branco

RECUSADA

181

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 6 EDIFÍCIO
PARA FINS COMERCIAIS

síntese descritiva

Projeto anteriormente apresentado na I EIA [obra 72]. Incorporado pela Companhia Brasileira de Investimentos e administrado pela Bolsa de Imóveis de São Paulo, o conjunto pode ser visto como marco referencial à edifícios em altura na capital. Maior estrutura em concreto armado do mundo à época de sua construção, o projeto também inova ao adotar planta livre. O tratamento das fachadas, por sua vez, obedece a um sistema tripartite encimado porático de caráter clássico que emoldura os últimos pavimentos, recuados por imposição da legislação municipal.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23: 35-7, ago. 1952]

livros e catálogos 1951-1960

Hitchcock [1955: 194]

Mindlin [1956: 12; 249]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 55 – a ficha de inscrição contém os dizeres: cancelado

características do projeto em branco

EDIFÍCIO CBI ESPLANADA

Praça Ramos de Azevedo, 206
e Rua Formosa, 367
Centro / São Paulo SP

autor do projeto LUCJAN KORNGOLD

data da construção 1951

[de acordo com a ficha de inscrição]

cálculo estrutural WALTER NEUMANN

construção Sociedade Comercial
e Construtora Ltda.

área do lote dado não disponível

área construída 50.000 m²

número de pavimentos 33

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

CATEGORIA 6 EDIFÍCIO
PARA FINS COMERCIAIS

182

RECUSADA

BANCO DA BAHIA

Rua Miguel Calmon, 31
Comércio / Salvador BA

autor do projeto

PAULO ANTUNES RIBEIRO

data da construção 1951

composição mural

CANDIDO PORTINARI

[não indicado na ficha de inscrição]

construção dado não disponível

área do lote 1.000 m²

área construída 5.000 m²

número de pavimentos 12

[subsolo, térreo, sobreloja, piso
diretoria, seis pavimentos-tipo,
terraço-jardim e casa de máquinas]

síntese descritiva

Edifício-sede do Banco da Bahia, implantado de acordo as diretrizes de ocupação estabelecidas pela municipalidade no bairro do Comércio, centro de negócios na ocasião. O programa abriga clube recreativo no topo do bloco, salas comerciais em seis pavimentos-tipo e agência bancária – além dos setores administrativos que compõem a sede da instituição – nos quatro pavimentos de base do edifício. As entradas para a agência bancária e para o clube e salas comerciais conformam um átrio semi-circular de acentuada monumentalidade, também perceptível nos detalhes de acabamento internos e externos.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [25]: 42-3, jan 1954

Arquitetura e engenharia [30]: 44-51, mar./abr. 1954

publicações 1951-1960

Mindlin [1956:246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 150

características do projeto em branco

RECUSADA

183

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

**CATEGORIA 7 EDIFÍCIO
PARA FINS INDUSTRIAIS**

síntese descritiva

O conjunto, destinado à venda e reparo de automóveis, situa-se em lote de estratégica localização na Avenida Brasil, visível desde longa distância nas duas direções da via. Para ressaltar o caráter comercial do empreendimento, opta-se pela organização de volume de grande efeito plástico, resultante da associação de arcos de diferentes alturas. Sob o traçado ritmado da estrutura, são dispostos os diferentes setores do núcleo de vendas, denunciados pelo ritmo da fenestração e dos vedos. Cabe ainda ressaltar que a solução estrutural garante flexibilidade na ocupação do pavimento térreo.

periódicos 1951-1960

Acrópole [219]: 83-5, jan. 1957

Architecture d'aujourd'hui [27]: 164-5, out. 1956

Arquitetura e engenharia [31]: 34-5, mai./jun. 1954

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 150

características do projeto em branco

OFICINAS GASTAL

Avenida Brasil, 2198

São Cristóvão / Rio de Janeiro DF

autor do projeto

PAULO ANTUNES RIBEIRO

data da construção 1951

construção Companhia Moraes

Rego S/A

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

PLANTA PAV. TÉRREO

CORTE

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 10 ESCOLAS

184 RECUSADA

**PARQUE INFANTIL [ESCOLA
ESTADUAL MISS BROWNE]**

Rua Padre Chico, 102
Vila Pompéia / São Paulo SP

autor do projeto EDUARDO CORONA

data da construção 1951

construção Comissão do Convênio
Escolar

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Núcleo de recreação pré-escolar construído pela Comissão do Convênio Escolar, responsável pela implantação de escolas, bibliotecas e teatros na capital paulista. A obra em questão é um anexo do Grupo Escolar Miss Browne, com ligação controlada por portarias independentes. O programa se desenvolve ao longo de passeio coberto onde são dispostos auditório, serviço médico, clube recreativo e pátio coberto, explorando-se as diferentes volumetrias dos blocos, com predominância de superfícies curvas, notadamente arcos pré-moldados de concreto e coberturas de águas únicas executadas em fibrocimento.

periódicos 1951-1960

Habitat [4]: 14-6, 1951

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 65

características do projeto parque infantil com creche, teatro, recreio coberto e serviço médico. Prédio de um só pavimento disposto de forma a conseguir o melhor aproveitamento do terreno, deixando-se grande área para jogos ao ar livre. Estrutura de concreto armado, cobertura de fibrocimento, arcos pré-moldados em concreto.

RECUSADA

185

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 12 PROBLEMAS VÁRIOS

síntese descritiva

Trata-se de unidade vinculada à Liga das Senhoras Católicas, anteriormente exposta na I EIA, em 1951 [obra 47]. O núcleo em questão proporciona educação formal e atividades paradidáticas para crianças de 3 a 6 anos, com assistência psicopedagógica, médica e odontológica. O programa setoriza em pavilhões de acentuada horizontalidade os diferentes núcleos do programa, articulando-os por meio de circulações avarandadas e pátios ajardinados. A implantação dos volumes no alinhamento das vias secundárias resguarda a intimidade do conjunto e reforça o caráter austero da composição.

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 15; 247; 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 41

características do projeto o programa foi criar um orfanato para 300 crianças de 3 a 7 anos de idade para a liga das senhoras católicas. No edifício principal foram instalados os dormitórios, os refeitórios e os serviços de cozinha e lavanderia e os alojamentos das freiras e das empregadas. No edifício menor a entrada principal, a diretoria, a enfermaria e a seção de triagem. Os dois edifícios são ligados com um sistema de passagens abertas em rampa. Em frente aos refeitórios e separados por pequenos jardins internos estão as aulas e os galpões para jogos. Em comunicação com a passagem coberta a capela. Todas as aulas, refeitórios, quartos etc são orientados ao norte. A estrutura é em concreto armado, os caixilhos de ferro pintado em cor amarela.

**ORFANATO DA LIGA DAS
SENHORAS CATÓLICAS**

Avenida Nazareth, 1180
Ipiranga / São Paulo SP

autores do projeto

GIANCARLO PALANTI e DANIELE CALABI

data da construção 1949-1953

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 4

**II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1953/1954**

CATEGORIA 12 PROBLEMAS VÁRIOS

186 NÃO EXPOSTA

**JARDIM DO AEROPORTO
SANTOS DUMONT**

[PRAÇA SALGADO FILHO]

Praça Salgado Filho s/n
Centro / Rio de Janeiro DF

autor do projeto paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data da construção 1952

[de acordo com a ficha de inscrição]

projeto arquitetônico

MARCELO ROBERTO e MILTON ROBERTO

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

área da intervenção dado não disponível

síntese descritiva

Trata-se de um dos primeiros jardins públicos de Burle Marx, concebido na mesma época em que o paisagista propõe o Ministério da Educação e Saúde e a Associação Brasileira de Imprensa, mas implantado apenas na década de 1950. O projeto caracteriza-se pela organização de canteiros de formatos sinuosos, compostos por maciços de vegetação de matizes saturadas, criando-se contrastes cromáticos reconhecíveis a longa distância. Outro aspecto relevante diz respeito à utilização da flora local, opção não recorrente quando da elaboração do projeto, e certamente capaz de mimetizar o ambiente natural.

periódicos 1951-1960

Acrópole [187]: 326-7, abr. 1954

Architecture d'aujourd'hui [25]: 33, jan./fev. 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 247]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 154 – a ficha de identidade do arquiteto contém os dizeres: não terminou, indicando a não exibição do projeto

características do projeto em branco

síntese descritiva

Edifício de alto padrão situado na encosta do Corcovado, com privilegiada vista para a Lagoa Rodrigo de Freitas. O programa é subdividido entre embasamento [subsolo e térreo em pilotis] e seis pavimentos-tipo com apartamentos de dois e três dormitórios. O tratamento das fachadas realça o contraste entre os ressaltos da malha estrutural e as treliças de madeira utilizadas nas varandas, evocando elementos tradicionais e modernos. O tratamento paisagístico e os painéis de azulejos, assinados por Burle Marx, constituem nota de contraste ao acentuado rigor geométrico que caracteriza o conjunto.

periódicos 1951-1960

Architectural review [120]: 168-71, set. 1956

Architecture d'aujourd'hui [23]: 36-7, nov. 1952

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 10-3, 1954

livros e catálogos 1951-1960

Hitchcock [1955: 84-7]

Mindlin [1956: 100-1; 251]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 168

características do projeto edifício de apartamentos com 8 pavimentos. Terreno situado em rua de declividade acentuada. Aproveitamento do desnível para subsolo. Acesso ao pavimento térreo por grande escada de granito protegida por marquise. No pavimento térreo, pilotis com partes ajardinadas, pequeno lago e “playground” formando um todo com o jardim descoberto. No pavimento térreo: revestimentos em mármore, mosaico e canjiquinha. paredes de tijolos de vidro. Muros de pedra e tijolos aparentes. Pavimentações em mármore e marmorite. Passeios em pedra portuguesa branca, preta e vermelha, formando desenhos. Jardim e painéis de ladrilho hidráulico e vidrotil, da autoria de Roberto Burle Marx. Quatro apartamentos por pavimento. Peças de serviço standardizadas. Nas varandas, para maior aconchego e nas bandeiras das janelas das salas, treliça de madeira. Peitoris das salas em régua de madeira, basculantes, permitindo abrir todo o vão. Nos quartos vãos duplos de vidro e veneziana, tendo na parte superior régua de madeira, basculante ou pivotantes, assegurando ótimas condições de ventilação e iluminação. Edifício cinza pérola. Paredes rebaixadas da fachada lateral pintadas de azul. Esquadrias brancas. Treliças amarelas. Reticulado das fachadas principal e posterior em mosaico azul. A fachada posterior dá para a reserva florestal da prefeitura. A escadaria lateral, passagem de águas pluviais, foi considerada no projeto e aproveitada para entrada de serviço

EDIFÍCIO ANTONIO CEPPAS

Rua Benjamin Batista, 180

Jardim Botânico / Rio de Janeiro DF

autor do projeto

JORGE MACHADO MOREIRA

data da construção 1952

construção Construtora Itatiaia Ltda.

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 8

[subsolo, térreo e 6 pavimentos-tipo]

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

PREMIADO NA CATEGORIA 9 HOSPITAIS

188

INSTITUTO DE PUERICULTURA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL

Av. Brigadeiro Trompowsky s/n
Cidade Universitária /
Rio de Janeiro DF

autor do projeto JORGE MACHADO

MOREIRA chefe de equipe

colaboração ALDARY HENRIQUES

TOLEDO arquiteto chefe adjunto

colaboração GIUSEPPINA PIRRO

arquiteto colaborador

[não indicado na ficha de inscrição]

desenvolvimento ARQUITETOS

DO ESCRITÓRIO TÉCNICO DA

UNIVERSIDADE DO BRASIL

data da construção 1953

construção Construtora Rebecchi Ltda /

Escritório Técnico da Universidade do Brasil

área do lote dado não disponível

área construída 16.000 m²

número de pavimentos 4

síntese descritiva

Primeira obra concluída na Cidade Universitária, o Instituto de Puericultura compõe-se de zonas funcionais – ambulatório, enfermarias, banco de leite e setor pupileira – organizadas em blocos semi-independentes, dispostos ortogonalmente entre si. O fluxograma concentra as áreas de atendimento no piso térreo e reserva maior isolamento aos demais setores. Os eixos de circulação separam os percursos de pacientes, médicos e funcionários, satisfazendo as exigências impostas para edifícios hospitalares. O tratamento paisagístico, assinado por Burle Marx, contrasta com o rigor geométrico do conjunto.

periódicos 1951-1960

Architectural review [116]: 242, out. 1954

Architecture d'aujourd'hui [25]: 72-5, mar. 1954; [31]: 40-5, jun. 1960

Arquitetura e engenharia [21]: 24-42, mar./mai. 1952

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 2-9, 1954

Habitat [15]: 2-28, mar./abr. 1954

livros e catálogos 1951-1960

Hitchcock [1955: 84-7]

Mindlin [1956: 148-53; 251; 252; 253]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 168

características do projeto em branco

legenda do projeto instituto de puericultura. Localizado na periferia da ilha universitária, permitindo fácil acesso para os doentes externos. Conjunto constituído por quatro blocos: ambulatório, hospital, pupileira – abrigo maternal e banco de leite. ambulatório: construído em dois pavimentos, atendendo, em média, 200 crianças por dia. No térreo, serviço de classificação e controle dos doentes externos; no pavimento superior, consultórios e serviços congêneres, comuns ao hospital. Circulação dos médicos periférica e independente para infectados e não infectados. Hospital: construído em três pavimentos. No térreo, serviços gerais e administração; no segundo, enfermarias; no terceiro, direção médica e solário para as crianças hospitalizadas. As enfermarias, em número de cinco, estão assim distribuídas: *observação* – 6 leitos; *2 a 7 anos* – 50 leitos; *lactentes* – 24 leitos; *prematurados* – 16 leitos; *isolamento* – 11 leitos. total – 107 leitos. Pupileira – abrigo maternal: construído em dois pavimentos; no térreo, serviços gerais e área coberta para recreio; no segundo, alojamentos de pupileira, abrigo maternal e abrigo das alunas. Os alojamentos, em número de cinco, comportam 60 leitos; no binômio do abrigo maternal, para recolhimento das lactentes, com as respectivas mães nutrízes, em número de 12, num total de 24 leitos. Banco de leite: na ligação do hospital e pupileira estão localizados banco de leite, serviços gerais e biotério

síntese descritiva

Conjunto paisagístico implantado na Fazenda Marambaia, situada nos contrafortes da Serra dos Órgãos. A estratégia do plano incide na conservação das características naturais do sítio, expandindo o setor de convívio do solar assinado por Wladimir Alves de Souza, de modo a valorizar as panorâmicas e os contrastes cromáticos das manchas de vegetação. Para tanto, uma aléia revestida em cascalho serpenteia a área de intervenção, acompanhando as curvas de nível. Uma segunda rota, conformada por blocos de pedras, aproxima os usuários do espelho d'água que reproduz as múltiplas cores e formas do céu.

periódicos 1951-1960

Acrópole [187]: 326-7, abr. 1954

Habitat [36]: 12-24, nov. 1956 [individualidades]

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 240-1; 247]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 154

características do projeto em branco

legenda do projeto não localizada

JARDIM DA RESIDÊNCIA

ODETTE MONTEIRO

Fazenda Marambaia
Correias / Petrópolis RJ

autor do projeto paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data da construção 1946-1947

[segundo a ficha de inscrição]

projeto arquitetônico

WLADIMIR ALVES DE SOUZA

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

área da intervenção 50.000 m²

II EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1953/1954

PREMIADO NA CATEGORIA 12
PROBLEMAS VÁRIOS

190

JARDIM DA RESIDÊNCIA WALTHER MOREIRA SALLES

Rua Marquês de São Vivente, 476
Gávea / Rio de Janeiro DF

autor do projeto paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data da construção 1948

[segundo a ficha de inscrição]

projeto arquitetônico

OLAVO REDIG DE CAMPOS

construção dado não disponível

área do lote 10.000 m²

área construída 2.000m²

síntese descritiva

Trata-se do projeto paisagístico da residência Moreira Salles, cuja concepção arquitetônica é exposta na I EIA [ficha 26]. A integração entre as soluções arquitetônicas e paisagísticas é feita a partir do estudo das rotas de circulação, configurando-se três núcleos de convívio independentes: entrada, pátio central e piscina. A ambiência de cada núcleo é determinada pela distribuição das massas de vegetação, valorizando a geometria da residência e as curvas das montanhas. A inserção de painéis de azulejos também contribui para a delimitação das áreas, reafirmando o caráter da realização.

periódicos 1951-1960

Habitat [6]: 56-63, 1952

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 47-9]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 154

características do projeto em branco

legenda do projeto não localizada

síntese descritiva

Apesar de implantada em região de veraneio, a residência em questão torna-se, por longo período, endereço fixo da paisagista Lota Macedo e da poetisa Elisabeth Bishop. Seu programa é organizado em volumes articulados por extensa galeria avarandada. Tal solução garante isolamento entre as zonas funcionais – ala íntima, sala de estar, dependências de hóspedes e demais setores de serviços – e também confere transparência aos eixos de circulação, desde os quais se visualiza a Serra dos Órgãos. A associação de técnicas industriais e vernaculares imprime à obra certa dose de experimentação.

periódicos 1951-1960

AD Arquitetura e decoração [9]: 2 págs. s/n., jan./fev. 1954
Architectural review[115]: 162-3, mar. 1954
Architecture d'aujourd'hui [24]: 99, out. 1953
Arquitetura e engenharia [29]: 2 págs. s/n., nov./dez. 1954
Brasil arquitetura contemporânea [4]: 14-6, 1954
Habitat [7]:11; 14-5, jan.-fev. 1955

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956:56-7; 246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 158

características do projeto em branco

legenda do projeto não localizada

RESIDÊNCIA MARIA CARLOTA DE MACEDO SOARES

Rua Djanira, 2132

Fazenda Samambaia / Petrópolis RJ

autor do projeto SERGIO BERNARDES

data da construção 1951

paisagismo MARIA CARLOTA
MACEDO SOARES

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1,
em vários níveis

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

192

RESIDENCIA PAULO DEMORO

Araruama RJ

autor do projeto

ALDARY HENRIQUES TOLEDO

data da construção 1955

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Não foram localizados nos arquivos pesquisados qualquer registro sobre a obra. É possível, porém, tratar-se da casa de week-end publicada na revista *Módulo*, muito embora o artigo não indique o local da implantação, nem tampouco o nome do proprietário. Em caso afirmativo, o programa se desenvolve com setorização funcional, com ambientes organizados em torno de um pátio central contíguo aos espaços de estar cobertos. Para garantir adequadas condições de iluminação e ventilação das peças, são utilizados elementos vazados e paredes divisórias a meia altura, com nítido despojamento nos acabamentos.

periódicos 1951-1960

Módulo [7]: 28-31, fev. 1957

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 135

características do projeto em branco

193

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

Residência de verão implantada na Serra de Friburgo, a poucos quilômetros da capital. O programa é organizado em volume único, construído por etapas e com acessos independentes para dormitórios e estúdio do arquiteto. O sistema construtivo adotado – pau a pique – constitui elemento de maior destaque da realização, não apenas por reduzir custos mas também por estabelecer um profícuo diálogo com importante pressuposto moderno: a estrutura independente nos planos da fachada da área social. O tratamento cromático, em branco, azul e amarelo, retoma elementos da arquitetura tradicional brasileira.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [23]: 68, ago. 1952

Arquitetura e engenharia [28]: 48-9, set./out. 1953

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 32-3; 248]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 21

características do projeto em branco

RESIDENCIA DE VERANEIO DO ARQUITETO

Estação Boca do Mato,
Estrada de Friburgo
Granja Serrana – Nova Friburgo RJ

autor do projeto

CARLOS FREDERICO FERREIRA

data da construção 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída 100 m²

número de pavimentos 1

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

194

RESIDÊNCIA JOSÉ FÉLIX LOUZA

Avenida Anhanguera [atual Avenida
Paranaíba esquina com a rua Nove]
Centro / Goiânia GO

autor do projeto DAVID LIBESKIND

data da construção 1956

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Residência unifamiliar implantada em lote de esquina, no centro da capital goiana. Em decorrência do grande fluxo de veículos em uma das vias, as aberturas se voltam para pátios internos ajardinados, organizados de modo a configurar zonas espaciais semi-independentes. Nas faces externas, são explorados efeitos de contraste entre diferentes materiais e texturas, utilizando-se alvenarias de tijolos em estado bruto ou revestida com painéis de azulejos, atenuando-se o caráter austero da composição. No mesmo sentido, são empregados elementos vazados no pátio central e no setor de convívio social.

periódicos 1951-1960

Acrópole [226]: 366-9, ago. 1957

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto em branco

características do projeto residência em Goiânia. Proprietário:
José Felix Louza

195

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

O programa compõe-se de residência unifamiliar e consultório médico implantados em terreno em active, de modo a garantir autonomia e privacidade às partes. O consultório ocupa a porção frontal do lote e possui acesso independente. Sua cobertura é usada como terraço-jardim integrado aos espaços externos da residência, prevalecendo a organização ortogonal dos canteiros e passeios. A distribuição dos ambientes residenciais configura zonas espaciais distintas, articuladas por hall de acesso social. A volumetria do bloco, mais uma vez, reforça o caráter austero que caracteriza toda a composição.

periódicos 1951-1960

Bem estar [1]: 25-33, fev./mar. 1958

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 99

características do projeto encontra-se a obra em fase final de acabamento, estando prevista o seu término final, inclusive decoração [móveis tenreiro], jardins, painel decorativo etc... até o dia 10 de fevereiro de 1957. Nestas condições, foram tiradas pelo próprio arquiteto as fotos provisórias a fim de proporcionar ao júri de seleção uma impressão da obra. Serão depois apresentadas fotografias coloridas ampliadas e tiradas por bom fotógrafo profissional. Cumpre salientar que esta residência possui o emprego de materiais ainda inéditos no Brasil, de grande riqueza de formas e cores, aplicados em painéis, pisos e outros fins, e que não aparecem nestas fotos. Também não temos ainda fotos de conjunto, por não possuir o arquiteto aparelhagem fotográfica adequada. Anexo temos o projeto com fachadas e cortes, para suprir esta falta fotográfica e possibilitar melhor compreensão do conjunto arquitetônico

RESIDÊNCIA

GUMERCINDO S. CAMARGO

Jundiaí SP

autores do projeto JOÃO CLODOMIRO DE ABREU e HELIO PASTA

data da construção 1957

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

196

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Estrada do Ermitage
Ermitage / Teresópolis RJ

autor do projeto

JORGE ALBERTO MEREB

data da construção iniciada em 1956

construção dado não disponível

área do lote 5040 m²

área construída 200 m²

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Residência de veraneio construída nas proximidades de Teresópolis. O programa se desenvolve com base na setorização das atividades, de modo a garantir adequada orientação solar aos dormitórios e as melhores visuais aos espaços de convívio social. A implantação do bloco na porção mais plana do lote garante privacidade e reduz sensivelmente a movimentação de terra. A utilização de materiais de diferentes cores e texturas, muitas vezes ao natural, confere certa rusticidade à composição. A ficha de inscrição menciona a remessa de plantas e fotografias não localizadas nos arquivos consultados.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 77

características do projeto em branco

legenda do projeto Local: Curva do “O” Estrada de Ermitage, Teresópolis, estado do Rio de Janeiro. Clima: frio e úmido. Altitude 900 metros. Terreno: Irregular, sem panorama lateral, isolado da estrada principal por córrego, acidentado, com 35 metros de frente, dando para um bosque de eucaliptos, e 144 metros de profundidade, apresentando uma parte quase plana, de 40 metros de extensão, com diferença de nível com relação a estrada de, aproximadamente, 1,20 m e daí em alicive bastante acentuado e densamente arborizado, chegando a atingir a cota máxima de 70 metros. Programa: 200 metros de construção, aproximadamente, com: abrigo para automóvel, piscina, hall de entrada, sala de estar, sala de jantar, 3 quartos, com possibilidade de acréscimo, 2 banheiros sociais, 1 toalete, armários embutidos, quarto de empregada, banheiro de empregada, área de serviço. Partido adotado: aproveitar a diferença de nível existente no início do terreno elevando a casa, a fim de se obter vista mais ampla sobre o bosque de eucaliptos, preservá-la do devassamento por parte dos transeuntes e atenuar a sensação de esmagamento causada pelo morro, aproveitando-se a parte ao nível da estrada para o abrigo de automóvel. Solução funcional: todas as diferentes peças isoladas, com independência de circulação, agrupadas de acordo com a sua função – social, íntima e de serviço. Quartos e dependências de serviço orientados para o norte, com maior insolação. Pátio interno permitindo maior insolação da sala de estar. Solução plástica: bloco geométrico regular, no centro do terreno, com uma parte engastada no mesmo e outra livre, tratado com a finalidade de evidenciar a sensação de vazamento no sentido da profundidade do terreno e de vedamento nas partes laterais. Materiais aparentes, de texturas diferentes, com contrastes de planos e cores. Solução paisagística: integração do ambiente interno com o externo, através do pátio e da piscina. Continuidade do terreno no sentido da profundidade. Vista para o bosque de eucaliptos, na frente e para o morro arborizado, nos fundos. Solução construtiva: parte apoiada no terreno com laje de piso em camada impermeabilizadora apoiada em baldrame de concreto ciclópico. Parte livre do terreno apoiada sobre duplos “T” de aço. Laje de forro rebaixada com colchão de ar, apoiada nas paredes. Muros de arrimo em pedras de alvenaria seca. Materiais: todos os armários e portas em lambris de madeira encerada na cor natural. Esquadrias da sala de estar de portas de correr em metal. Iluminação e ventilação dos banheiros por meio de janelas altas basculantes em vidro fosco branco. Iluminação e ventilação das dependências de serviço por meio de brises verticais em vidro branco fosco. Esquadrias dos quartos de janela de correr, em duas folhas, de veneziana e vidro. Cobertura em alumínio corrugado pintado a zarcão. Paredes externas dos banheiros e quartos em alvenaria de tijolo aparente. Lareira em tijolo refratário, branca, engastada em parede azul, solta do chão. Piso do “hall” de entrada, sala de estar, sala de jantar e banheiros sociais em cerâmica São Caetano preta. Paredes laterais e quadros das fachadas, brancos. Piscina em vidrotel azul. Anexos: 4 cópias fotostáticas do projeto [não localizadas] 7 fotografias [idem].

197

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

Residência construída na estância climática de Petrópolis, situada a poucos quilômetros do Rio de Janeiro. O programa se desenvolve em corpo único, implantado perpendicularmente em relação ao alinhamento frontal, permitindo voltar para o norte as salas de estar e jantar, os amplos jardins e os dormitórios dos familiares e criados, com pátios independentes. A zona de serviços possui reduzida área em comparação aos demais setores domésticos. A exemplo da residência em São Conrado, também exposta na IV EIA [ficha 199], o tratamento das aberturas constitui o principal elemento da composição.

periódicos 1951-1960

Acrópole [240]: 546-7, out. 1958

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 55

características do projeto Petrópolis: programa extenso, duas salas, quarto quartos, escritório, copa-cozinha, lavanderia, dois quartos de criada, banheiros [quatro]. Devido à orientação e conformação do lote sala e quartos viram-se para o jardim dos fundos tendo sol matinal e intimidade. Serviço localizado na frente, economizando área de circulação. Cobertura de fibrocimento, tetos de friso, colchão de ar renovado com 30 cm espessura. Estrutura de madeira pintada em carmim escuro [óxido de ferro], esquadrias móveis, caixilhos, régua: azul cerúleo

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Rua Irineu Correia

Petrópolis RJ

autor do projeto

MARCELLO ACCIOLY FRAGELLI

data da construção 1954-1955

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

198

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Rua C, s/n

São Conrado / Rio de Janeiro DF

autor do projeto

MARCELLO ACCIOLY FRAGELLI

data da construção

1956 conclusão 1957

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Residência edificada no bairro de São Conrado, zona sul carioca. O programa se organiza em bloco único, implantado perpendicularmente em relação a uma das divisas laterais. A distribuição das peças privilegia o alinhamento frontal, para onde voltam-se os dormitórios e o núcleo social. A exemplo da obra anteriormente analisada, a zona de serviços possui área compacta. O tratamento da estrutura do telhado e das aberturas, em madeira natural ou pintada de azul celeste, em contraste com o branco das alvenarias internas e externas, constitui novamente o elemento mais marcante da composição.

periódicos 1951-1960

Acrópole [236]: 400-1, jun. 1958

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 55

características do projeto São Conrado: lote pequeno, programa regular, três quartos, duas salas. Cobertura de feltro asfáltico e alumínio sobre isolante térmico. Frisos de madeira e barrote. Caimento 4%. duas águas, entre as quais janelas dos banheiros. Esquadrias de madeira, partes estruturais em verniz, outras de azul cerúleo. Revestimento externo branco, tijolos envernizados. Pisos: frisos e cerâmica preta. todas as peças principais da casa para a frente: defesa o peitoril de 1 metro, com jardineira, a parede de 2 metros, o tipo de esquadria. Pisos em arenito polido, frisos e ladrilhos

199

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

O programa, destinado a dois irmãos, um celibatário e outra casada, é desenvolvido de modo a conformar duas residências parcialmente sobrepostas, com acessos independentes para duas vias opostas, desniveladas em 12 metros. Para tanto, são criados cinco patamares sobre os quais são distribuídos os núcleos funcionais, garantindo acessos independentes e relativa privacidade para cada residência. O tratamento da composição procura diluir o bloco na paisagem, adotando preferencialmente matérias primas *in natura* ou resultantes de transformações primárias, a exemplo das telhas e tijolos cerâmicos.

periódicos 1951-1960

Habitat [48]: 28-35, mai./jun. 1958

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 86

características do projeto em branco

RESIDENCIA ENZO SEGRI

Rua Traipu, 781

Perdizes / São Paulo SP

autores do projeto MIGUEL FORTE
e GALIANO CIAMPAGLIA

data da construção 1952

[segundo a ficha de inscrição]

cálculo estrutural

ARNOLD PESTALOZZI

construção administração
dos arquitetos

área do lote 581 m²

área construída 483,86 m²

número de pavimentos 5

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

200

RESIDÊNCIA LUIZ FORTE

Rua Alagoas, 1103
Higienópolis / São Paulo SP

autores do projeto MIGUEL FORTE
e GALIANO CIAMPAGLIA

data do projeto 1953

[segundo a ficha de inscrição]

cálculo estrutural

OSWALDO DE MOURA ABREU,
WALDEMAR TIETZ e NELSON CAMARGO

construção administração direta

área do lote 812 m²

área construída 536,85 m²

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência do irmão do arquiteto, implantada em terreno de acentuado desnível situado nas proximidades do Estádio do Pacaembu. O programa se desenvolve de maneira pouco comum, alocando no piso superior, além das partes noturnas da habitação, sala de jantar, cozinha e setor de serviços conectado a pátio descoberto. No piso térreo, escritório e sala de estar espraia-se para o exterior por meio de terraços e pérgulas. Destaca-se, no tratamento das fachadas, a animação das superfícies obtida pela combinação de materiais diversos – madeira, pedras, litocerâmica, tijolos e telhas cerâmicas.

periódicos 1951-1960

Habitat [48]: 28-35, mai./jun. 1958

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 80-1; 247; 249]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 86

características do projeto em branco

201

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

Residência implantada em lote plano, situado em bairro exclusivamente residencial. O programa se desenvolve em volume prismático de base retangular, com distribuição dos ambientes determinada pela orientação solar e pelo jardim que acompanha lateralmente o bloco. O pavimento térreo está assentado sobre laje em concreto destacada do terreno, evidenciando, por meio de ressaltos na fachada, a modulação estrutural. A utilização de vedos executados em painéis de madeira reforça o caráter modular da composição e ao mesmo tempo procura integrar o edifício à paisagem.

periódicos 1951-1960

Habitat [48]: 28-35, mai./jun. 1958

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 86

características do projeto em branco

RESIDÊNCIA DA RUA ÁUSTRIA

Rua Áustria, 740

Jardim Europa / São Paulo SP

autores do projeto MIGUEL FORTE
e GALIANO CIAMPAGLIA

data da construção 1953

[segundo a ficha de inscrição]

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

202

RESIDENCIA GERALDO BAPTISTA

Estrada do Mangalarga
Itaipava / Petrópolis RJ

autor do projeto

OLAVO REDIG DE CAMPOS

data da construção 1954

[segundo a ficha de inscrição]

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Residência de campo de alto padrão recusada na II EIA [ficha 176]. A implantação do bloco em planos recuados conserva a inclinação natural do terreno, garantindo orientação solar adequada e vista exuberante para os núcleos social e íntimo. A inclinação do telhado, direcionado à fachada principal, articula os dois setores da residência. Além disso, afirma a horizontalidade da composição, também reforçada pelas aberturas contínuas dos dormitórios e pela varanda contígua à sala de estar, delimitada visualmente pelo arrimo de pedras que se expande para além dos limites do bloco.

periódicos 1951-1960

Acrópole [208]: 137-9, fev. 1956

Habitat [25]: 56-7, dez. 1955

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 72-3; 252]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto em branco

características do projeto em branco

203

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

O programa desta residência, situada em bairro exclusivamente habitacional, é organizado com separação de zonas noturnas e diurnas, abrigadas em corpo único, implantado transversalmente no lote. A composição estabelece ritmos diferenciados para a ocupação da porção frontal e posterior do bloco, voltando-se os usos de serviços para a rua e as áreas íntimas e sociais para os fundos do lote. O tratamento das fachadas denota semelhante distinção, com predominância de vedos na fachada pública e vazios na fachada posterior, demarcados por esqueleto estrutural que acentua a horizontalidade do volume.

periódicos 1951-1960

Acrópole [233]: 176-180, mar. 1958

Acrópole [233]: 197, mar. 1958

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 44

características do projeto residência em terreno exíguo, com serviços e garagem na frente do terreno

RESIDÊNCIA BENJAMIN FLEIDER

Rua Suécia, 452

Jardim Europa / São Paulo SP

autor do projeto

OSWALDO ARTHUR BRATKE

data da construção 1956

[segundo a ficha de inscrição]

construção engenheiro civil

I. Serebranik

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

Térreo

Superior

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

204

RESIDÊNCIA OSCAR AMERICANO

Avenida Morumbi, 4077

Paineiras do Morumbi / São Paulo SP

autor do projeto

OSWALDO ARTHUR BRATKE

data da construção 1954/1955

paisagismo OTÁVIO AUGUSTO

TEIXEIRA MENDES

construção Companhia Brasileira
de Pavimentação e Obras

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Obra pertencente ao incorporador do loteamento Paineiras do Morumbi. A exemplo da casa Bratke [ficha 117], a implantação da residência Oscar Americano da Costa conserva a conformação topográfica do terreno. O programa se distribui em dois pavimentos articulados por pátio central, criando passeios de grande interesse visual. Os diferentes setores da residência são dispostos em zonas independentes, garantindo-lhes privacidade e isolamento. O paisagismo, de Otávio Augusto Teixeira Mendes, e o mosaico de pedras portuguesas, de Lívio Abramo, integram-se de modo a conferir sofisticação ao conjunto.

periódicos 1951-1960

Acrópole [226]: 358-62; ago. 1957

AD Arquitetura e decoração [12]: jul. /ago. 1955

AD Arquitetura e decoração [22]: mar./abr. 1957

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 44

características do projeto residência em terreno de proporções grandes.

Zona suburbana. Pavilhão de jogos e piscina. Vista ampla em todos os sentidos

Superior

Inferior

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para identificar o projeto entre as realizações de Aflalo e Croce publicadas na década de 1950. Entre os parâmetros de projeto mencionados na ficha de inscrição localizada nos arquivos da Fundação Bial, destacam-se a implantação do bloco, a setorização das funções e a escolha de materiais e técnicas, privilegiando-se o contraste de materiais de diferentes valores cromáticos e texturas.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 85

características do projeto construída em lote de esquina, plano, desfavorecido pela paisagem circundante, procurou-se nesta residência, a criação de um ambiente próprio, orientando-se a parte social e os dormitórios para um grande jardim privado, constituído pelos fundos do lote. Esta solução foi facilitada pelo fato desta ser a melhor face [ne]. O princípio estrutural adotado baseia-se numa série de pórticos consecutivos de concreto armado que sustentam a cobertura e um forro de taboas em ambos os pavimentos. Especial atenção foi dedicada a circulação interna no tocante a separação entre as partes: habitação, recepção e serviço. A “cor”, nesta residência, restringiu-se a dos materiais: pedra, madeira, tijolo a vista e alvenarias revestidas. Os caixilhos de ferro são pretos e os armários e portas internas de madeiras naturais

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Avenida Professor Fonseca Rodrigues
esquina Praça Pero Vaz de Caminha
Alto de Pinheiros / São Paulo SP

autor do projeto PLÍNIO CROCE

e ROBERTO CLAUDIO AFLALO

data da construção 1955

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1957**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

206

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

São Paulo SP

autor do projeto

RODOLPHO ORTENBLAD FILHO

data da construção 1954

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, peças gráficas ou registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação consultados. É possível ser o projeto recusado na IV EIA a residência do arquiteto, publicada nas revistas *AD Arquitetura e decoração*, em 1956, e *Acrópole*, em duas edições, em 1953 e 1954. Mas a obra exposta pode ser, com base nos periódicos indexados no *Índice de Arquitetura Brasileira*, uma das sete residências publicadas em *Acrópole* entre 1955 e 1960, construídas no Itaim, Jardim América, Jardim Paulista e Jardim Paulistano.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto em branco

características do projeto em branco

207

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra implantada na região noroeste do Estado de São Paulo, nas proximidades de São José do Rio Preto. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações de Rodolpho Ortenblad Filho publicadas nas revistas especializadas na década de 1950.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 80

características do projeto em branco

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR DE VERANEIO

Uchoa SP

autor do projeto

RODOLPHO ORTENBLAD FILHO

data da construção 1957

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

**IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1957**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

208

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Lins SP

autor do projeto RUBENS CORSI

data da construção 1955

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados registros sobre a obra nos centros de documentação consultados. Nenhum projeto de habitação individual elaborado por Rubens Corsi integra o *Índice de Arquitetura Brasileira* e o *Art Index* no recorte temporal selecionado [1951-1960].

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 57

características do projeto em branco

síntese descritiva

Conjunto implantado em importante logradouro de São Paulo. O programa se distribui em blocos independentes que dispõem de área de lazer e estacionamento comuns. Os pavimentos-tipo possuem cinco tipologias habitacionais de dois e três dormitórios, com sala e dormitórios voltados para as ruas lindeiras e dependências de serviços voltadas para o miolo da quadra. A alternância dos fechamentos nas cores rosa, branco e turquesa, e a disposição em quincunce das varandas imprimem a nota de maior impacto do conjunto. Notar, na concepção original, a existência de marquise de acesso na Avenida Paulista.

periódicos 1951-1960

Acrópole [184]: 172-3, jan. 1954

Habitat [7]: 18-20, 1952

Habitat [30]: 62-4, mai. 1956

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 54

características do projeto prédio de apartamentos com 5 apartamentos por andar, com entradas independentes formando um único bloco arquitetônico, composto de um subsolo para garagem, 18 pavimentos tipo, um terraço social e internamente um playground para crianças. Toda a parte de serviço é protegida com elementos vazados e o revestimento externo é de pastilhas coloridas

EDIFÍCIO TRÊS MARIAS

Avenida Paulista esquina
com Rua Haddock Lobo
Cerqueira César / São Paulo SP

autor do projeto

ABELARDO RIEDY DE SOUZA

data da construção 1955

paisagismo

MIRANDA MARTINELLI MAGNOLI

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 22

[2 subsolos, térreo, 18 pavimentos
tipo e terraço jardim]

Planta do pavimento tipo.

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

210

CONJUNTO NACIONAL

Avenida Paulista, 2073

Jardim Paulista / São Paulo SP

autor do projeto DAVID LIBESKIND

data da construção 1956

[segundo a ficha de inscrição]

construção Construtora

Warchavchik Neumann Ltda.

área do lote 14.000 m²

área construída 130.000 m²

número de pavimentos 30

[2 subsolos, térreo, 2 sobrelojas, terraço-jardim, 24 pavimentos-tipo]

síntese descritiva

Projeto vencedor de concurso privado, prevendo abrigar centro comercial e residencial em sua concepção original. A proposta de Libeskind setoriza o programa em dois prismas regulares. O primeiro, de caráter horizontal, destina-se ao centro comercial, sendo constituído de pavimentos interligados por rampas e terraço-jardim dotado de salão de festas. O segundo volume é uma lâmina configurada pelo alinhamento de blocos residenciais, dos quais apenas um conserva sua função original, sendo os demais destinados a escritórios, sem descaracterizar a volumetria e a expressão arquitetônica do conjunto.

periódicos 1951-1960

Acrópole [222]: 208-13, abr. 1957

AD Arquitetura e decoração [13]: set./out. 1955

Architecture d'aujourd'hui [28]: 71, set. 1957

Architecture d'aujourd'hui [30]: 92-3, set. 1959

Brasil arquitetura contemporânea [12]: 17-22, 1957

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 19; 250]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto s/n

características do projeto área do terreno: 14.000 m². Área de construção 130.000 m². O Conjunto Nacional é composto de 2 blocos inteiramente independentes – um vertical, destinado aos apartamentos, e outro horizontal, destinado ao centro comercial, ocupando toda a quadra. Os apartamentos têm entradas independentes através de um jardim de 30 metros de largura localizado no alinhamento da Alameda Santos. O elemento de separação entre os blocos residencial e comercial é o terraço jardim de 12.000 m², abrangendo toda cobertura do centro comercial. Este jardim é dividido em 2 setores, um para os apartamentos, onde se localiza o “playground” e o outro para o centro comercial, onde se situa o bloco destinado ao salão de festas, de chá, restaurante etc., cujo acesso é feito através de um conjunto de rampas, escadas rolantes, elevadores, protegido por uma cúpula envidraçada. Este conjunto de acesso serve aos 3 pavimentos de lojas do centro comercial, ao cinema de 2.000 lugares, ao supermercado, à lavanderia e aos subsolos de estacionamento, que ocupam toda a área do terreno e se destinam aos clientes das lojas, do salão de chá, cinema etc., e aos moradores do bloco de apartamentos [garagens privadas]

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 2 HABITAÇÃO COLETIVA

212

EDIFÍCIO RESIDENCIAL

Rua Fernão Cardim, 317
Jardim Paulista / São Paulo SP

autor do projeto

TELESFORO GIORGIO CRISTOFANI

data da construção 1953 projeto
1954/1955 construção

construção Salfati & Buchignani Ltda. **área
do lote** 1.000 m²

área construída 4.000 m²

número de pavimentos 11

[subsolo, térreo e 9 pavimentos-tipo]

síntese descritiva

Projeto laureado na I Exposição de Jovens Arquitetos do Núcleo de Estudos e Desenvolvimento da Arquitetura Brasileira – NEDAB. O programa se desenvolve em bloco de volumetria regular, implantado diretamente no solo. Os pavimentos-tipo e o andar térreo abrigam duas unidades de três dormitórios, organizadas de acordo com o esquema recorrente em edifícios de apartamentos. O tratamento das fachadas confere maior elaboração ao alinhamento frontal, valendo-se de ressaltos em cimento branco, que contrastam com as superfícies de fundo, pintadas em vermelho e com as persianas verdes dos dormitórios.

periódicos 1951-1960

Acrópole [226]: 378-9, ago. 1957

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 76

características do projeto habitação coletiva. Edifício de apartamentos em zona residencial, isolado. Finalidade condomínio. Vida diurna e noturna. Lado norte com vista melhor

Planta do pavimento-tipo.

213

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 3 EDIFÍCIO PARA FINS COMERCIAIS

síntese descritiva

Edifício de uso múltiplo implantado em lote de duas frentes. O programa se desenvolve em prisma de volumetria regular e abriga lojas no embasamento e salas de escritórios em oito pavimentos, ocupando toda a extensão do terreno. A face voltada para a Rua Dom Geraldo é pautada pela modulação das aberturas e vedos, sendo estes recobertos com elementos cerâmicos desenhados por Anísio Medeiros. A face voltada para a Ladeira de São Bento utiliza a mesma modulação, recuando as aberturas para atenuar a incidência dos raios solares, sem utilizar nos vedos os elementos assinados por Medeiros.

periódicos 1951-1960

Habitat [54]: 17-9, mai./jun. 1959

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 117

características do projeto Edifício Diogo de Brito. Rua Dom Geraldo, 46 Praça Mauá D.F. Edifício de 10 pavimentos – lojas no térreo e salas para aluguel nos demais andares. Toda a fachada em mosaico, esquadria de alumínio. A marquise foi executada em concreto protendido

EDIFÍCIO DIOGO DE BRITO

Rua Dom Geraldo, 46
Praça Mauá / Rio de Janeiro DF

autor do projeto FRANCISCO BOLONHA

data da construção 1952-1955

composição mural ANÍSIO MEDEIROS

cálculo estrutural SYDNEY GOMES

DOS SANTOS e SYLVIO COELHO ROCHA

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 10

[térreo, sobreloja e 8 pavimentos-tipo]

Planta do pavimento-tipo.

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 3 EDIFÍCIO PARA
FINS COMERCIAIS

214

EDIFÍCIO MARQUÊS DE HERVAL

Avenida Rio Branco, 185
Centro – Rio de Janeiro DF

autor do projeto MARCELO ROBERTO e
MAURÍCIO ROBERTO

data da construção 1956

[segundo a ficha de inscrição]

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 23

[2 subsolos, térreo e 20 pavimentos]

planta do pavimento tipo

síntese descritiva

Conjunto situado em importante entroncamento viário, composto de lojas comerciais, salas de escritórios e apartamentos dúplex, distribuídos respectivamente entre embasamento, corpo principal e coroamento. A implantação do bloco sobre o alinhamento das vias satisfaz a legislação municipal, conformando massas compactas dotada de passeios cobertos no piso térreo. A nota de maior significação da obra é dada pela ondulação da fachada e pelo inusitado desenho dos peitoris e brises metálicos, que lhe valeram a alcunha de *tem nego bebo aí*, em alusão a um bordão radiofônico da época.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [27]:152-5, out. 1956

Arquitetura e engenharia [42]: 21-4, nov./dez. 1956

Brasil arquitetura contemporânea [8]: 38-44, 1956

Habitat [31]: 49-66, jun. 1956 [individualidades]

Zodiac [6]: 108-117, 1960

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 76

características do projeto edifício à avenida rio branco. construção terminada em 1956. Prédio de apartamentos, escritórios e lojas [térreo e subsolo]. A combinação dos dois movimentos da fachada – um, horizontal, para aproveitar o balanceamento permitido pelos códigos municipais, e outro, vertical, para possibilitar a vista, de cada janela, da Avenida Rio Branco, apesar da aparente obstrução do quebra-sol – causa a sensação de que o edifício se move. Essa sensação, buscada pelos arquitetos, foi plenamente comprovada pelo apelido popular do prédio: “tem nego bebo aí...”. A entrada foi situada no subsolo, onde se chega através de uma rampa suavíssima, que se desenvolve como um prolongamento da calçada. Essa colocação da entrada permitiu que todo o pavimento térreo fosse utilizado para lojas. O sistema de quebra-sol em alumínio, orientável, impede a penetração do sol poente. Prédio de concreto armado, com 21 pavimentos e 2 subsolos

síntese descritiva

Loja de departamentos situada na principal praça de Parnaíba, próxima ao litoral piauiense. O programa se desenvolve em amplo salão de planta quadrada com pé direito duplo, com depósitos, expedição e demais setores de apoio alocados nas periferias deste. O tratamento das fachadas ressalta o geometrismo do bloco, em contraposição à expressão arquitetônica do lote vizinho, ocupado por construção barroca. Também cumpre destacar a adoção de brises verticais como alternativa capaz de atenuar as condições climáticas da região. As vitrinas, suspensas do solo, também colaboram para a mesma questão.

periódicos 1951-1960

Habitat [46]: 32-3, jan./fev. 1958

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 59

características do projeto em branco

LOJAS ROSEMARY

Praça Nossa Senhora da Graça
Centro – Parnaíba PI

autor do projeto WIT OLAF PROCHNIK

data da construção 1954-1956

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

**IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1957**

CATEGORIA 4 EDIFÍCIO PARA
FINS INDUSTRIAIS

216

FÁBRICA DE LEITE EM PÓ COMA

Rodovia BR 491

Varginha MG

autor do projeto JORGE WILHEIM

colaboração ROSA KLIASS

data da construção 1956-1957

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

síntese descritiva

Centro industrial pertencente à COMA – Companhia Mineira de Alimentação.

O programa se desenvolve em volumes de rígida conformação geométrica, implantados ao longo de via paralela ao Rio Verde, de modo a não interferir na topografia preexistente. O bloco fabril é organizado em dois setores: no primeiro, denominado úmido, o leite é refrigerado e condensado; no segundo, denominado seco, o material é fracionado e embalado em latas ou caixas de papel. Para atender as rígidas exigências sanitárias, o complexo é dotado de laboratório, instalações frigoríficas e centro de tratamento de água.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [31]: XXIII, jun. 1960

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 51

características do projeto COMA – Companhia Mineira de Alimentação.

Fábrica de leite em pó. indústria toda mecanizada com poucos empregados e organograma rígido. exigência de máxima higiene. Estrutura de concreto, cobertura com grama sobre laje, revestimentos externos em litocerâmica, pedras locais e caiação. internamente azulejos, cerâmica preta, tintas plásticas, granilite. esquadrias de ferro e madeira. portas especiais de aço e “fórmica” preta. O projeto contém 3 edifícios principais: escritórios, fábrica, vestiários e restaurante; atrás deste conjunto há casas para os operários e tanques. Construção pronta em abril 1957. Colaborou a arquiteta Rosa Kliass

síntese descritiva

Centro industrial de grande complexidade desenvolvido em parceria com técnicos norte-americanos. Seu programa é organizado torno de núcleos dedicados à fabricação de penicilina, produtos químicos e embalagens metálicas. O plano é ainda complementado por reservatório de óleo, usina de tratamento de água e esgotos, central elétrica e centro de pesquisas com animais, dispostos ao longo de eixo central. A nota de contraste à expressão dos volumes, de acentuada horizontalidade, é feita com a torre de resfriamento de água, que adquire, por sua volumetria e implantação, significação monumental.

periódicos 1951-1960

Habitat [21]: 15-21, mar./abr. 1955

Architecture d'aujourd'hui [26]: 81-3, nov. 1955

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 222; 249]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 66

características do projeto em branco

LABORATÓRIOS FARMACÊUTICOS FONTOURA WYETH

Via Anchieta, km 14

São Bernardo do Campo SP

autor do projeto LUCJAN KORNGOLD

data da construção 1953-1955

cálculo estrutural MÁRIO FRANÇA

construção França, Ferraz Ltda.

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não disponível

planta a diferentes níveis

corte

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

218

CONJUNTO AQUÁTICO DA SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS

Rua Turiassu, 1840
Água Branca / São Paulo SP

autor do projeto

CARLOS FREDERICO FERREIRA

data da construção 1955-1956

ainda em execução

construção Construtora Soutello Ltda.

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Projeto vencedor de concurso instituído por tradicional agremiação paulistana, exposto na I EIA [obra 45]. O programa, composto de piscinas recreativas e de treinos, tanque para saltos, restaurante, vestiário, centro médico, playground e solário, estabelece separação de circulações para o estádio de futebol e para o conjunto aquático. A implantação dos volumes é organizada pelo alinhamento das arquibancadas, sendo visualmente articulada pela plataforma de saltos. Em etapa posterior, não executada, é prevista a construção de cobertura retrátil, em lona ou alumínio, apoiada em arcos-guia.

periódicos 1951-1960

Acrópole [174]: 200-5, out. 1952

Architecture d'aujourd'hui [23]: 110-1, ago. 1952

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 15; 248]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 21

características do projeto em branco

síntese descritiva

Edifício construído sob os auspícios da Comissão do Convênio Escolar, responsável pela implantação de centros de ensino na capital. O Planetário de São Paulo é um cinema de características especiais, dotado de lentes e refletores capazes de reproduzir uma imagem artificial do firmamento sobre uma cúpula de 20 metros de diâmetro. O edifício abriga 374 espectadores e seu programa congrega biblioteca, sala de exposições, administração e demais serviços de apoio. Por imposição da prefeitura, a cobertura externa é executada em alumínio, e não em concreto, como desejavam os autores do projeto.

periódicos 1951-1960

Acrópole [225]: 313-8, jul. 1957

Engenharia municipal [14]: 30-1, jul./set.. 1959

Habitat [21]: 8-9, mar./abr. 1955

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 247]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto em branco

características do projeto em branco

PLANETÁRIO DE SÃO PAULO

Avenida Pedro Álvares Cabral, S/N
Parque Ibirapuera / São Paulo SP

autor do projeto

EDUARDO CORONA, ROBERTO TIBAU
e ANTONIO CARLOS PITOMBO

data da construção 1955-1956

cálculo estrutural JOSÉ CARLOS
DE FIGUEIREDO FERRAZ

construção Construtora Politécnica Ltda.

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

220

EDIFÍCIO PARA SEDE DE CLUBE

Av. Barão do Rio Branco, 2189
Centro / Juiz de Fora MG

autor do projeto FRANCISCO BOLONHA

data da construção 1951-1957

composições murais

CANDIDO PORTINARI e PAULO WERNECK

cálculo estrutural

ANTONIO ALVES DE NORONHA

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 20 [subsolo,
térreo, sobreloja, 11 pavimentos-tipo
e 6 pavimentos do clube recreativo]

Fachada para a av. Rio Branco.

síntese descritiva

Edifício multifuncional implantado em importante entroncamento viário do município.

Compõe-se de lojas comerciais, salas de escritórios e associação recreativa, distribuídos na base, no corpo e no coroamento do bloco. A concepção arquitetônica é resultante da aplicação de princípios racionalistas – planta livre, fachadas independentes da estrutura, janelas contínuas e terraço jardim – combinados a elementos formalistas, presentes na sinuosidade dos vazios internos e no tratamento das fachadas, sendo utilizados painéis de azulejos de forte significação ao contexto urbano.

periódicos 1951-1960

Habitat [54]: 2-7, mai./jun. 1959

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 117

características do projeto edifício para o Clube de Juiz de Fora – Avenida Rio Branco – Juiz de Fora – Minas Gerais. Edifício de esquina com 17 pavimentos sendo lojas no térreo; do 1º até o 11º pavimento salas ou conjunto de salas para aluguel. Do 12º até o 17º pavimento são destinados ao clube social. Esses andares se destinam a saber: 12º pavimento – diretoria, living, cabeleireiro e secretaria. 13º pavimento – salas de jogo, carteadado, bilhar, cabeleireiro e bar. 14º pavimento – salão nobre, de baile, chapelaria, estar. 15º pavimento – sobreloja do salão nobre – boite – copa cozinha. 16º pavimento – bar, jardim, estar. 17º pavimento – cobertura, cada de máquinas. Uma das fachadas é de mosaico segundo um desenho de Candido Portinari

síntese descritiva

A obra exposta, segundo a ficha de inscrição, é a Unidade de Aulas E1. O edifício laminar integra o plano urbanístico do campus de São Carlos da USP, elaborado pela equipe com base no zoneamento das atividades nos setores de administração / ensino e habitação / recreação. O bloco E1 abriga na concepção original aulas teóricas e de exercícios, seminários e bibliotecas departamentais distribuídos em três pavimentos sobre pilotis, estruturados por pilares centrais que sustentam, cada um, lajes de 125 m² em balanços, garantindo flexibilidade de uso por meio de painéis-divisórios removíveis.

periódicos 1951-1960

Acrópole [249]: 324-9, jul 1959
Acrópole [249]: s/n, jul 1959 [caixilhos]
Acrópole [249]: s/n, jul 1959 [cobertura]
Acrópole [249]: s/n, jul 1959 [participações padronizadas]
Habitat [33]: 44-9, ago 1956

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 112

características do projeto em branco

ESCOLA DE ENGENHARIA

DE SÃO CARLOS [EESC/USP]

Avenida Doutor Carlos Botelho, 1465
 Vila Pureza / São Carlos SP

autor do projeto HELIO DUARTE

equipe ARIAKI KATO, ERNEST ROBERT DE CARVALHO MANGE e LÉO QUANJI NISHIKAWA

data da construção início 1954

cálculo estrutural EDUARDO PESSOA

cálculo das instalações HOMERO LOPES

construção Escritório Técnico

Capote Valente Ltda.

área do lote 157.200 m² [área do campus]

área construída dado não disponível

número de pavimentos 4

[Unidade de Aulas E1]

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

222

ESCOLA PROFISSIONAL SENAI ANCHIETA

Rua Gandavo, 550
Vila Mariana / São Paulo SP

autor do projeto HELIO DUARTE

equipe ERNEST ROBERT DE CARVALHO
MANGE, LÉO QUANJI NISHIKAWA
E ARIAKI KATO

data da construção início 1953
término 1956

escultura GAETANO FRACAROLLI

cálculo de concreto L. PORTO ALVES

construção Serviço de Obras do Senai
– Departamento Regional de São Paulo.
Engenheiro L. A. Falcão Bauer

área do lote 6.500 m²

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Escola profissionalizante com capacidade para 260 alunos. O programa se desenvolve em três setores – oficina, salas de aula e pavilhão social – articulados por passarelas desde onde se contempla todo o conjunto, satisfazendo o desejo de tornar visíveis – interna e externamente – as atividades ali desenvolvidas, valendo-se da integração do pátio interno de convivência, em pilotis, com as salas de aula e oficinas. O conjunto conta ainda com serviços médicos, biblioteca, salão de festas, quadra poliesportiva e piscina, oferecendo aos aprendizes completa infra-estrutura subsidiada pela indústria.

periódicos 1951-1960

Acrópole [197]: 220-2, mar 1955

Bem estar [5/6]: 13, 1960

Habitat [12]: 18, 1953

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 142-3; 248]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 112

características do projeto em branco

síntese descritiva

Projeto concebido para alojar aprendizes industriais provenientes da região de Campinas. O programa é constituído de dormitório subdividido em pequenos ambientes, administração, biblioteca, enfermaria, cozinha, auditório e demais serviços de apoio, dispostos de modo a configurar zonas funcionais. A implantação dos volumes obedece à setorização das atividades, sendo empregados elementos pré-fabricados para a composição das fachadas. A adoção de pilotis na área próxima ao centro recreativo confere maior leveza ao conjunto, caracterizado pela austeridade de seus elementos.

periódicos 1951-1960

Acrópole [197]: 217-8, mar. 1955

Bem estar [5/6]:14, mai./jun. 1960

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 248]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 112

características do projeto em branco

INTERNATO DO SENAI CAMPINAS

Rua da Saudade, 560 [atual Rua
Pastor Cícero Canuto de Lima, 71]
São Bernardo / Campinas SP

autor do projeto HELIO DUARTE

equipe ERNEST ROBERT DE CARVALHO
MANGE, LÉO QUANJI NISHIKAWA
e ARIAKI KATO

data da construção início 1953

término 1956

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado não
disponível

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

224

GINÁSIO DE BAURU

Rua Benedito Eleutério, quadra 3
Vila Falcão / Bauru SP

autor do projeto

ÍCARO DE CASTRO MELLO

data da construção 1956-1957

projeto estrutural ARTHUR LUIS PITTA

construção engenheiro civil

Jonathas Castellar

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Construído para sediar os Jogos Abertos do Interior, o Ginásio de Bauru integra o centro recreativo dos funcionários da antiga Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Sua volumetria se desenvolve em planta circular com cúpula de 52 metros de diâmetro e 20 metros de altura, estruturada em arcos de madeira apoiados em 22 pórticos radiocêntricos de concreto. A cobertura, em telhas de fibrocimento, dispõe de lanternim para satisfazer exigências luminotécnicas e de conforto térmico. Sob as arquibancadas, com capacidade para 4.000 espectadores, estão dispostos vestiários e demais serviços de apoio.

periódicos 1951-1960

Acrópole [177]: 321-3, 1953

Acrópole [223]: 239-41, mai. 1957

Architecture d'aujourd'hui [29]: 38, fev. 1958

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 49

características do projeto gymnasium de esportes – Bauru. Capacidade 6.000 espectadores sentados ou 9.000 com parte de pé. Estrutura de concreto para as arquibancadas e de madeira para o telhado. Cobertura de alumínio. A quadra de forma elíptica para bola ao cesto, volley, hockey etc. Numa das cabeceiras da quadra um palco e na outra cabine de cinema. A forma externa é redonda e os degraus das arquibancadas acompanham a queda e se acomodam ao perímetro interno. Obra ainda em acabamento.

225

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

síntese descritiva

Concebido para integrar o IV Centenário de São Paulo, o complexo poliesportivo compõe-se de Ginásio, Departamento de Esportes, Auditório e Edifício das Federações, dos quais apenas o Ginásio é construído. Com capacidade para 20.000 espectadores sentados, possui arquibancadas em dois níveis, sob as quais são alocadas salas de ginástica, lanchonete, setor de imprensa, salão nobre, ambulatório médico e demais serviços de apoio. A cobertura, em estrutura metálica, é dotada de lanternim e alcança uma altura de 38 metros em relação ao piso de madeirite desmontável da quadra poliesportiva.

periódicos 1951-1960

Acrópole [221]: 158-61, mar. 1957

Architectural review[116]: 241, 243 out. 1954

Architecture d'aujourd'hui [29]: 26-7, fev. 1958

Arquitetura e engenharia [24]: 22-31, jan./fev. 1953

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 247]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 49

características do projeto gymnasium de esportes do ibirapuera: capacidade 20.000 espectadores sentados ou 30.000 com parte em pé. Diâmetro da base da cúpula 105 metros, altura do piso da quadra ao lanternim 38 metros. A quadra ou arena circular com 40 metros de diâmetro para prática de bola ao cesto, volley, luta, box, hockey etc. Sob as arquibancadas, vestiários, sanitários, depósitos, secretarias, bares, gabinete médico, salão nobre etc. 24 cabines de rádio e locais para televisão e imprensa. arquibancadas com 34 degraus. Estrutura de concreto para as arquibancadas e metálica para o telhado. Cobertura de alumínio. obra ainda em acabamento

GINÁSIO DO IBIRAPUERA

Rua Manuel da Nóbrega, 1361

Ibirapuera / São Paulo SP

autor do projeto

ÍCARO DE CASTRO MELLO

data da construção 1957/1957

projeto estrutural ARTHUR LUIS PITTA

construção Cavalcanti Junqueira S.A.

fundações Engenharia de Fundações S.A.

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 3

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

226

PISCINA DO ESPORTE CLUBE SÍRIO

Avenida Indianópolis, 3500
Indianópolis / São Paulo SP

autor do projeto

ÍCARO DE CASTRO MELLO

data da construção 1954

[segundo a ficha de inscrição]

construção engenheiro civil

Eduardo Salem

área do lote dado não disponível

área construída 700 m²

número de pavimentos não se aplica

síntese descritiva

Obra complementar às instalações do Esporte Clube Sírio [obra 60], cujo plano, assinado pelo arquiteto, é escolhido em concurso público realizado em 1950. O projeto da piscina estabelece integração formal com a sede social, caracterizada pela intersecção de volumes. No caso da piscina, a opção se faz por um extenso corpo de forma irregular que reúne áreas dedicadas à recreação e treinamento, composto de oito raias e tanque para saltos ornamentais. Complementam o conjunto um tobogã, uma torre para saltos e um lavapés de formato amebóide que contorna toda a área de descanso dos banhistas.

periódicos 1951-1960

Acrópole [220]: 124-5, fev. 1957

Architecture d'aujourd'hui [29]: 62-3, fev. 1958

publicações 1951-1960

Mindlin [1956: 15; 247]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 49

características do projeto piscina do Esporte Clube Sírio. A piscina faz parte do conjunto esportivo do clube, é de formato irregular, porém na parte destinada a competição tem as extremidades paralelas distantes 25 metros, o que a faz piscina oficial para competições. Há uma parte destinada a aprendizes e outra para os saltadores onde estão os trampolins e a torre de saltos. Foi previsto um watershoot na parte rasa. A parte destinada às bombas e filtros fica num dos lados da piscina sob o passeio que a envolve. Os vestiários ficam num edifício próximo em 2 pavimentos ainda em construção, com instalações completas para ambos os sexos e crianças. Anexo 5 plantas [não localizadas].

síntese descritiva

Creche incorporada pela prefeitura local. A organização do programa é feita pela associação de alas perpendiculares nos quais os diferentes setores são agrupados em zonas espaciais distintas, com nítida demarcação modular e concentração das prumadas hidráulicas. A circulação vertical é feita por rampas que configuram um volume envidraçado contíguo ao corpo principal, conferindo importância à visualização dos espaços internos e externos do bloco. Destaca-se, no terraço jardim, uma área de recreação descoberta protegida por alvenaria de contornos sinuosos, denotando busca de efeitos plásticos.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 102

características do projeto em branco

CASA DA CRIANÇA

Praça 1º de Maio, 110

Centro / Londrina PR

autor do projeto JOÃO BAPTISTA
VILANOVA ARTIGAS

colaboração CARLOS CASCALDI
[não indicado na ficha de inscrição]

data da construção 1951

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 5

CORTE LONGITUDINAL

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 5 EDIFÍCIO PÚBLICO

228

ABRIGO PARA OBRAS DE ARTE

Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo
São Miguel das Missões RS

autores do projeto MAURÍCIO DIAS
e NOEL MARINHO

data da construção 1954

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

síntese descritiva

Trata-se de acréscimo ao Museu das Missões, situado no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, tombado pela União em 1937. Seu projeto original, assinado por Lucio Costa, vincula-se à criação de museus temáticos pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Na proposta desenvolvida por Silva e Marinho, opta-se pelo aproveitamento das ruínas da Igreja de São Miguel, de modo a delimitar um salão enviaçado no local ocupado por duas capelas laterais. Tal estratégia projetual configura um volume a um só tempo integrado e autônomo em relação ao edifício que lhe dá suporte.

periódicos 1951-1960

Módulo [14]: 36-7, ago. 1959

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 67

características do projeto o Museu das Missões, situado em São Miguel, Rio Grande do Sul, outrora progressista redução jesuítica, é hoje pequeno lugarejo com meia dúzia de habitações, distante uma hora da cidade mais próxima, foi projetado por Lucio Costa em 1937 e construído em 1940. Devido ao constante aumento de seu acervo pela descoberta e recuperação de novas peças e pela carência de reforma após quase 15 anos de funcionamento, fomos encarregados de estudar seu acréscimo e nova disposição interna. Para esse acréscimo tínhamos 3 soluções: 1ª - aumento da unidade primitiva; 2ª - construção de outra unidade idêntica à atual, ao lado; 3ª - aproveitamento das ruínas, cobrindo-as em parte. optamos pela última. A 1ª prejudicaria as proporções do conjunto existente e a 2ª descentralizaria demasiado a atenção dos visitantes para novas construções. Localizamos na 2ª e 3ª capela as novas dependências. O aspecto das novas dependências seria o de "simples abrigo", devendo se incorporar as ruínas sem com elas se confundir ou prejudicar suas características. Assim temos a solução: telhado com pequeno caimento, em sentido contrário ao tradicional. O pequeno caimento limitou, ainda, sua visibilidade do interior da nave central à somente sua espessura; seu caimento para o interior das ruínas e seu pé direito, mais reduzido, nos facilitou o fechamento dos vãos e possibilitou um espaço aberto mais proporcional à amostra [sic] das imagens. Para o agenciamento, mantivemos o aspecto didático mais ao alcance da maioria dos visitantes. Concentramos as legendas explicativas e fotografias, obrigando os visitantes a circularem entre as esculturas antes e depois de atraída sua atenção pelos painéis, evitando que os mesmos saltassem de uma para outra sem dar grande atenção às imagens.

síntese descritiva

Trata-se de pavilhão implantado na residência de campo de Alfredo Baumann, cuja localização é divergente se forem consideradas a publicação de Mindlin e as revistas *Acrópole* e *Habitat*. O programa compõe-se de pavilhão recreativo, piscina e espelho d'água articulados por deck de granito e alvenaria revestida com seixos rolados. A área envidraçada do pavilhão possui piso de madeira, lareira de granito e laje de cobertura plana apoiada na alvenaria e em esbeltas colunas de seção tubular. O paisagismo do conjunto é assinado por Burle Marx, de quem Prochnik fora colaborador.

periódicos 1951-1960

Acrópole [226]: 380-1, ago. 1957.

Habitat [45]: 48-50, nov./dez. 1957

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 179; 252]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 59

características do projeto em branco

PAVILHÃO PARA PISCINA

Vale da Boa Esperança

Teresópolis RJ

autor do projeto AWIT OLAF PROCHNIK

paisagismo ROBERTO BURLE MARX

data da construção 1954

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

**IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1957**

CATEGORIA 6 PROBLEMAS VÁRIOS

230

**PLANIFICAÇÃO DA
CIDADE DE OURINHOS**

Ourinhos SP

autores do projeto ANTONIO BEZERRA
BALTAR, CLEMENTINA AMBROSIS
e DOMINGOS AZEVEDO NETO

data da construção 1957

construção dado não disponível

área da gleba dado não disponível

número de pavimentos não se aplica

síntese descritiva

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 107

características do projeto esclarecimentos no texto [não localizado]

síntese descritiva

Trata-se de pavilhão residencial e escritório do administrador da Fazenda Samambaia, posteriormente transformado em posto de venda do condomínio residencial Fazenda Samambaia. Tendo como premissa a combinação de diferentes usos, o projeto setoriza os ambientes em um único bloco sustentado por cinco paredes estruturais em pedra. Sobre esses paredões apóia-se a cobertura de uma única água. A associação entre materiais de diferentes texturas e opacidades cria um volume de inusitada plasticidade, tornando-o referencial de destaque na paisagem envoltória, às margens do Rio Piabanha.

periódicos 1951-1960

Habitat [22]: 16-7, mai./jun. 1955

Habitat [31]: 49-66, jun. 1956 [individualidades]

Módulo [1]: 36-8, mar. 1955

publicações 1951-1960

Mindlin [1956:252]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto

características do projeto Pavilhão Lowndes. Construído em 1954. Destinado a escritório e moradia do administrador da Fazenda Samambaia, em Petrópolis, estado do Rio de Janeiro. O terreno, absurdamente inclinado, não sofreu nenhum movimento de terra. Com material e mão de obra locais foram levantados rápida e economicamente os apoios – autenticamente rústicos. Pisos, tetos e paredes encaixam-se entre si e se engastam nos paredões sólidos, ficando suspensos no ar, o que aumenta a sensação de que flutuam, criada, de início, pelo contraste de suas naturezas. Os pisos das peças têm com o solo apenas os pontos de contato indispensáveis. O pavilhão foi construído em três meses

PAVILHÃO LOWNDES

Fazenda Samambaia

Itaipava – Petrópolis RJ

autores do projeto MARCELO ROBERTO e MAURÍCIO ROBERTO

data da construção 1954

[segundo a ficha de inscrição]

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 1

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 6 PROBLEMAS VÁRIOS

232

MONUMENTO A JOSÉ INÁCIO PEIXOTO

Praça José Inácio Peixoto
Centro / Cataguases MG

autor do projeto FRANCISCO BOLONHA

data da construção 1955-1957

composição mural CANDIDO PORTINARI
e AMÉRICO BRAGA [execução]

escultura BRUNO GIORGI

cálculo estrutural engenheiro

SIDNEY GOMES DOS SANTOS

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos não se aplica

síntese descritiva

Monumento encomendado pelos operários da Companhia Industrial de Cataguases em homenagem ao seu patrono, José Inácio Peixoto. Implantado em importante logradouro municipal, estabelece notável fusão de elementos arquitetônicos e artísticos. Constitui-se de planos verticais e horizontais que configuram, dentro de vocabulário racionalista, tribuna e obelisco. O raciocínio do projeto arquitetônico preocupa-se em destacar o grupo escultórico de Bruno Giorgi – *A família* – e o painel de azulejos de Portinari – *As fiandeiras* –, pautados pela estilização das figuras e por forte raciocínio geométrico.

periódicos 1951-1960

Habitat [52]: 4-5, jan./fev. 1959

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 117

características do projeto monumento a José Peixoto – Cataguases – Minas Gerais. Monumento à memória de J.P. mandado construir pelos operários de uma fábrica. Todo revestido de mármore e granito com escultura de Bruno Giorgi e mural de Candido Portinari – Américo Braga.

síntese descritiva

Terminal rodoviário intermunicipal incorporado pela prefeitura local. A organização do programa é feita em pela associação de blocos de volumetrias distintas. O setor de atendimento se desenvolve em pavimentos escalonados por rampas, conformando-se um prisma trapezoidal de cobertura inclinada. As plataformas de embarque e desembarque são abrigadas por sucessão de arcos contíguos à cobertura do setor de atendimento, com notável efeito plástico. A visualização do edifício é facilitada por praça já prevista na fase de concepção, realçando a significação urbana do conjunto.

periódicos 1951-1960

AD Arquitetura e decoração [27]: 2 págs. s/n., fev./mar. 1958

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956:228-9; 246]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 102

características do projeto em branco

ESTAÇÃO RODOVIÁRIA

Rua Sergipe, 640

Centro / Londrina PR

autor do projeto JOÃO BATISTA

VILANOVA ARTIGAS

colaboração CARLOS CASCALDI

[não indicado na ficha de inscrição]

data da construção 1950

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída 1.044,70 m²

número de pavimentos 3 / mezanino

**IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1957**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

234

**ACEITA MAS RETIRADA
PELO AUTOR DO PROJETO**

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Rua "F"

Morumbi / São Paulo SP

autor do projeto

ABELARDO RIEDY DE SOUZA

colaboração MIRANDA MARTINELLI

data da construção em construção

[de acordo com a ficha de inscrição]

paisagismo MIRANDA MARTINELLI

composição mural RENINA KATZ PEDREIRA

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 3

síntese descritiva

Residência construída no bairro do Morumbi, em São Paulo. O programa, por imposição da topografia do lote, desenvolve-se em três pavimentos, abrigando no piso inferior os serviços e distribuindo os demais setores nos pavimentos superiores, sendo os dormitórios agrupados em duplas em diferentes níveis. A articulação dos ambientes sociais é feita pelas linhas de circulação, posicionadas de modo a expandir as peças em direção ao pátio externo, para onde também se voltam as aberturas dos dormitórios. A participação de Miranda Martinelli, Rosa Kliass e Renina Katz constitui nota digna de destaque.

periódicos 1951-1960

Habitat [54]: 23-7 mai./jun. 1959

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 54 – contém os dizeres:

projeto retirado pelo arquiteto por não estar pronta a casa

características do projeto residência construída em terreno em auge pronunciado. Na parte em nível com a rua foi resolvida toda a parte de garagem e residencial para empregados. Na parte em nível com o terreno está localizada a parte social e uma parte dos dormitórios e finalmente em cima o restante dos quartos. A parte em nível com a rua é toda revestida de seixos rolados e o piso de arenito. Jardins e colaboração – Miranda Martinelli. Decoração – Miranda Martinelli e Rosa Alembik. Paineis – Renina Katz Pedreira.

RECUSADA

235

**IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1957**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações de Lucjan Korngold publicadas nas revistas especializadas na década de 1950.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 66

características do projeto em branco

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

Rio de Janeiro DF

autor do projeto LUCJAN KORNGOLD

data da construção 1955

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado

não disponível

**IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1957**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

236 **RECUSADA**

**RESIDÊNCIA JOAQUIM
JUNQUEIRA DO VAL**

Rua Portugal / São Paulo SP

autor do projeto

OSWALDO ARTHUR BRATKE

data da construção 1955

construção Construtora Jaraguá S/A

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

A exemplo da residência Fleider [ficha 203], o programa se desenvolve com separação de zonas noturnas e diurnas, mas ao contrário do projeto exposto na IV EIA, recorre à edícula de fundos e a um pátio descoberto, em uma das laterais do lote, para abrigar setores de serviços. A articulação entre os diferentes núcleos funcionais é feita por hall contíguo à entrada social, preservando-se a privacidade dos ambientes. A volumetria da composição acentua a ortogonalidade dos elementos da fachada, com destaque para o desenho da porta da garagem e para o ritmo dos elementos vazados de concreto.

periódicos 1951-1960

Acrópole [212]: 299-303, jun. 1956

AD Arquitetura e decoração [23]: 2 págs. s/n., mai./jun. 1957

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 44

características do projeto residência em terreno urbano sendo dada maior atenção à parte posterior do jardim

Pavimento térreo

Pavimento superior

RECUSADA

237

**IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1957**

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

síntese descritiva

Não foram localizados croquis, representações gráficas e registros fotográficos sobre a obra nos centros de documentação e periódicos consultados. Os dados da ficha de inscrição não são suficientes para se discorrer sobre a expressão arquitetônica do projeto, nem tampouco para identificá-lo entre as realizações de Rodolpho Ortenblad Filho publicadas nas revistas especializadas na década de 1950.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 80

características do projeto em branco

RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR

São Paulo SP

autor do projeto

RODOLPHO ORTENBLAD FILHO

data da construção 1954

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos dado

não disponível

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 1 HABITAÇÃO INDIVIDUAL

238

RECUSADA

RESIDENCIA DO ARQUITETO

Rua Itapirapoan, 259

Jardim Paulistano / São Paulo SP

autor do projeto

TELESFORO GIORGIO CRISTOFANI

data da construção

projeto 1955 construção 1956

construção administração diretal

área do lote 210 m²

área construída dado não disponível

número de pavimentos 2

síntese descritiva

Sobrado residencial implantado em lote estreito e profundo no Jardim Paulistano. A organização do programa acompanha a tipologia recorrente em construções de padrão similar, com articulação dos ambientes determinada pelo posicionamento da escada no centro da composição. A ocupação do fundo do lote por edícula evoca a aplicação de esquemas consagrados, ainda que socialmente condenáveis. As soluções mais notáveis do projeto decorrem do cuidadoso tratamento das fachadas, também visível nos acabamentos internos e no mobiliário assinado pelo arquiteto, pautados por forte rigor geométrico.

periódicos 1951-1960

Acrópole [229]: 14-7, nov. 1957

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 76

características do projeto residência do arquiteto. Terreno 7 x 30 m. Linha norte sul paralela a fachada da rua. Programa: alto – dormitório casal, dormitório filho e atelier. Baixo – living e refeições. Serviços – bwc, wc, dependência de empregada e lavanderia. Preocupação: obter pátios para jardins e de serviço de acordo com a orientação e ligados com os interiores concorrentes. Casa econômica em virtude terreno pequeno e estrutura simétrica dando liberdade para subdivisões na plana alta. Pés direitos baixos 2,50; 2,20; 2,30.

síntese descritiva

Angélica é parte integrante de plano encomendado pela Companhia Colonizadora Douradense para desmembrar uma gleba de 13.600 hectares em lotes de 24 ha. destinados ao plantio de café e algodão. O núcleo urbano, em sua concepção original, visa abrigar não apenas os proprietários rurais da Gleba Angélica, como também os de outras colônias da região, com população estimada de 15 mil habitantes. O projeto se desenvolve com separação de funções em feixes paralelos, com aplicação dos conceitos funcionalistas propostos pela *Ville Radieuse* [1922] e pela *Carta de Atenas* [1933]. O core central é configurado pela articulação do centro cívico com os núcleos comercial e recreativo, formado por campo de futebol e terreiro de circo. A oeste da zona central é delimitada uma zona industrial avizinhada por rodovia e linha férrea, cuja implantação é sugerida no plano. A leste, são criadas unidades de vizinhança dotadas de centros comerciais de caráter local e, nos miolos das quadras, de áreas destinadas à construção de edifícios escolares, religiosos e desportivos. Ressalte-se que a organização do setor residencial apresenta soluções pioneiras, antecedendo cronologicamente o Plano Piloto de Brasília.

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 51 – a ficha de inscrição contém os dizeres “a estudar”

características do projeto Angélica – plano diretor duma cidade cafeeira. Colonização particular em fase de derrubada e abertura de ruas da parte urbana. O plano estuda as possibilidades do desenvolvimento, tendências e características. Caso o júri de seleção deseje, está a disposição o texto do plano diretor. Colaborou a arquiteta Rosa Kliass.

**PROPOSTA URBANA
PARA ANGÉLICA**

Gleba Angélica
Dourados / Mato Grosso MT

autor do projeto JORGE WILHEIM

data da construção 1956

incorporação Companhia
Colonizadora Douradense

área da gleba 13.600 ha

área urbanizada 2000 ha

número de pavimentos não se aplica

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

CATEGORIA 6 PROBLEMAS VÁRIOS

240

RECUSADA

PRAÇA EM PADRE MIGUEL

Praça Padre Miguel

Realengo – Rio de Janeiro DF

autor do projeto WIT OLAF PROCHNIK

data da construção 1956

construção dado não disponível

área do lote 8.500 m²

área construída dado não disponível

número de pavimentos não se aplica

síntese descritiva

Projeto de remodelação arquitetônica e paisagística de praça situada em região suburbana, a cerca de 40 km do centro da Capital Federal. O programa é composto de espaço de recreação infantil e área cívica. Ambos os núcleos conformam zonas claramente definidas, com predominância focal da área de eventos populares, constituída por pavilhão aberto, praça seca e três espelhos d'água dotados de jatos d'água verticais. O tratamento dos volumes enfatiza rigor compositivo de cunho geométrico, também presente no desenho dos canteiros, mobiliário e modulação do plantio das árvores de maior porte.

periódicos 1951-1960

Acrópole [230]: 54-5, dez. 1957

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto 59

características do projeto em branco

síntese descritiva

Edifício pertencente à segunda versão da Superquadra Paulistânia, cujo plano original é elaborado por Abelardo de Souza [obra 137]. Na proposta de Croce, Aflalo e Candia são previstas três lâminas residenciais, das quais apenas se constrói o Edifício João Ramalho. A estratégia do projeto incide na modulação estrutural que condiciona a planta das unidades e a composição da fachada, valendo-se de espaçamento regular entre pilares. O tratamento paisagístico, assinado por Waldemar Cordeiro, reforça o partido arquitetônico do conjunto ao demarcar ortogonalmente o desenho dos canteiros e passeios.

periódicos 1951-1960

Acrópole [242]: 55-7; 72-3, dez. 1958

Acrópole [242]: 87, dez. 1958

Architecture d'aujourd'hui [31]: LXV, dez. 1960

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto em branco

características do projeto em branco

EDIFÍCIO JOÃO RAMALHO

Rua Ministro Godói, 860

Perdizes – São Paulo SP

autores do projeto SALVADOR CANDIA,
PLÍNIO CROCE e ROBERTO AFLALO

data da construção 1954

[segundo a ficha de inscrição]

paisagismo WALDEMAR CORDEIRO

incorporação Banco Hipotecário

Lar Brasileiro

construção Escritório Técnico

Augusto Pedalini

área do lote 1.800 m²

área construída 9.500 m²

número de pavimentos 18

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

PREMIADO NA CATEGORIA 5
EDIFÍCIO PÚBLICO

242

FACULDADE NACIONAL DE ARQUITETURA

Av. Brigadeiro Trompowsky s/n
Cidade Universitária –
Rio de Janeiro DF

autor do projeto

JORGE MACHADO MOREIRA

desenvolvimento ESCRITÓRIO TÉCNICO
DA UNIVERSIDADE DO BRASIL

data da construção dado não disponível

paisagismo e composições murais
ROBERTO BURLE MARX

construção dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

número de pavimentos 8

síntese descritiva

Conjunto destinado a abrigar a Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. O programa se desenvolve com base na setorização funcional, com linhas de circulação independentes. O embasamento abriga administração, biblioteca e aulas práticas especiais. O setor de ensino ocupa seis pavimentos-tipo. A volumetria associa prismas regulares suspensos em pilotis e evoca conceitos do racionalismo corbuseriano. O paisagismo e os painéis de Burle Marx pautam-se por acentuada ortogonalidade compositiva, contrastando com o seu repertório projetual mais conhecido.

periódicos 1951-1960

Architectural review [116]: 242, out. 1954

Architecture d'aujourd'hui [25]: 72-5, mar. 1954

Architecture d'aujourd'hui [25]: [31]: 40-5, jun. 1960

Arquitetura e engenharia [21]: 24-42, mar./mai. 1952

Brasil arquitetura contemporânea [4]: 2-9, 1954

Habitat [15]: 2-28, mar./abr. 1954

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 258-9]

informações adicionais [de acordo com a ficha de inscrição]

ficha do projeto localizada

número de identificação do arquiteto em branco

características do projeto em branco

síntese descritiva

Projeto vencedor de concurso instituído em 1956 pelo presidente Juscelino Kubitschek, visando transferir a capital federal para o planalto central. O plano se desenvolve com base na setorização de diferentes núcleos funcionais, estruturados por meio de dois eixos perpendiculares. O primeiro, denominado Eixo Monumental, dispõe o conjunto cívico e político em alinhamento perpendicular em relação a um lago artificial, em cujas margens se constrói a residência do Presidente da República. O segundo eixo, denominado Rodoviário-Residencial, articula unidades de vizinhança conformadas pela associação de quatro quadras residenciais densamente arborizadas, entre as quais se implanta um pequeno centro comercial e de serviços. O encontro entre os dois eixos é ocupado por um terminal rodoviário e pelo setor de comércio e de serviços, de âmbito metropolitano. Em decorrência da aplicação de determinados princípios urbanísticos, entre as quais a não privatização do solo e a aproximação de classes sociais distintas, o Plano Piloto de Brasília simboliza uma nova era no desenvolvimento social, político e cultural do Brasil, ainda que nem todas as suas premissas tenham sido transformadas em realidade.

PLANO PILOTO DE BRASÍLIA**autor do projeto** LUCIO COSTA**data do projeto** 1957**construção** NOVACAP**área da gleba** 5.802 km² [Distrito Federal] **CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA**

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

SALA ESPECIAL BRASÍLIA

243

CONTINUAÇÃO

periódicos 1951-1960

Acrópole [256/7]: 9-21, fev./mar. 1960
Acrópole [256/7]: 23-53, fev./mar. 1960
Acrópole [256/7]: 55-63, fev./mar. 1960
Acrópole [256/7]: 76-7, fev./mar. 1960
Acrópole [256/7]: 109-13, fev./mar. 1960
Acrópole [256/7]: 118-9, fev./mar. 1960
Acrópole [256/7]: 120-3, fev./mar. 1960
Acrópole [256/7]: 124-8, fev./mar. 1960
Acrópole [256/7]: 129-32, fev./mar. 1960
AD Arquitetura e decoração [26]: nov./dez. 1957
Architectural forum [109]: 13, ago. 1958
Architectural forum [110]: 96-103, abr. 1959
Architectural forum [113]: 126-33, nov. 1960
Architectural record [124]: 34 +, jul. 1958
Architectural record [125]: 14-5, jan. 1959
Architectural review [122]: 394-402, dez. 1957
Architectural review [125]: 94-104, fev. 1959
Architecture d'aujourd'hui [29]: 48-71, out. 1958
Architecture d'aujourd'hui [31]: 4-7, jun. 1960
Architecture d'aujourd'hui [31]: 50-1, set. 1960
Architettura [5]: 608-19, jan. 1960
Arquitetura e engenharia [42]: 26-28, nov./ dez. 1956
Arquitetura e engenharia [42]: 29-30, nov./ dez. 1956
Arquitetura e engenharia [44]: 3, mar./ abr. 1957
Arquitetura e engenharia [44]: 43, mar./ abr. 1957
Arquitetura e engenharia [44]: 8-12, mar./ abr. 1957
Arquitetura e engenharia [50]: 2-4, jul./ ago. 1958
Arquitetura e engenharia [54]: 2-3, jun./ ago. 1959
Arquitetura e engenharia [55]: 6-8, set./ out. 1959
Arquitetura e engenharia [55]: 14-5, set./ out. 1959
Art in America [47]: 114-5, winter 1959
Arts & architecture [76]: 15-21, abr. 1959
Arts & architecture [76]: 21-23 +, nov. 1959
Bem estar [1]: 23-4, fev./mar. 1958
Brasil arquitetura contemporânea [9]: 3-21, 1957
Brasil arquitetura contemporânea [9]: 61, 1957
Brasil arquitetura contemporânea [9]: 64-7, 1957
Brasil arquitetura contemporânea [10]: 32-5, 1957
Carnegie Magazine [33]: 45-8, fev. 1959
Casabella [243]: 57, set. 1960

Engenharia municipal [5]: 19-21, 1957
Engenharia municipal [6]: 34-5, 1957
Engenharia municipal [16]: 15-6, jan./mar. 1960
Engenharia municipal [17]: 29-30, abr./jun. 1960
Habitat [29]: 73-4, abr. 1956
Habitat [37]: 52, dez. 1956
Habitat [40]: 1, mar./abr. 1957
Habitat [40]: 2, mar./abr. 1957
Habitat [40]: 69-70, mar./abr. 1957
Habitat [58]: 3-7, jan./fev. 1960
Habitat [59]: 51-2, mar./abr. 1960
KunstWerk [13]: 38-9, nov. 1959
Módulo [6]: 10-1, dez. 1956
Módulo [6]: 12-23, dez. 1956
Módulo [7]: 18-9, fev. 1957
Módulo [8]: 13-28, jun. 1957
Módulo [8]: 33-48, jul. 1957
Módulo [8]: 3-8, jul. 1957
Módulo [8]: 9-12, jul. 1957
Módulo [9]: 14-20, fev. 1958
Módulo [12]: 16-6, jan./fev. 1959
Módulo [13]: 8-9, mar. 1959
Módulo [14]: 3-6, ago. 1959
Módulo [14]: 8-11, abr. 1959
Módulo [16]: 2-3, dez. 1959
Módulo [16]: 29-31, dez. 1959
Módulo [17]: 2-3, abr. 1960
Módulo [17]: 26-7, abr. 1960
Módulo [18]: 2-9, jun. 1960
Módulo [18]: 11-27, jun. 1960
Módulo [18]: 28-43, jun. 1960
Módulo [18]: 44-6, jun. 1960
Módulo [18]: 53-72, jun. 1960
Oeil [59]: 76-83, nov. 1959
Progressive architecture [40]: 88-9, out. 1959
Royal British Architects Journal S [3] V [67]: 154-9, mar. 1960
Werk [46]: 259-62, jul. 1959
Zodiac [6]: 128-39, 1960

livros e catálogos 1951-1960

Benevolo [1960]

síntese descritiva

Projeto da mais alta significação para a concepção do setor administrativo da Capital Federal. Sua implantação organiza a distribuição de todos os volumes que compõem o Eixo Monumental. O programa abriga no corpo de base o Senado Federal e a Câmara dos Deputados, semi-enterrados para quem os observa desde a Praça dos Três Poderes, e os escritórios administrativos em lâminas paralelas que conferem verticalidade à composição. O caráter simbólico do conjunto é ressaltado pela inserção de cúpulas em posições alternadas, cujas formas contrastam com a ortogonalidade dos demais volumes da composição.

periódicos 1951-1960

Acrópole [256/7]: 76-7, fev./mar. 1960

Acrópole [256/7]: 78-84, fev./mar. 1960

Architecture d'aujourd'hui [29]: 78-9, fev. 1958

Architecture d'aujourd'hui [31]: 10-3, jun. 1960

Interiors [118]: 92-7, jun. 1959

Módulo [9]: 14-20, fev. 1958

Progressive architecture [38]: 95, out. 1957

livros e catálogos 1951-1960

Benevolo [1960]

CONGRESSO NACIONAL

autor do projeto OSCAR NIEMEYER

data do projeto 1957-60

construção NOVACAP

área do lote não se aplica

área construída 135.000 m²

número de pavimentos 30

[subsolo, 28 pavimentos-tipo e cobertura – torre Câmara dos Deputados]

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

SALA ESPECIAL BRASÍLIA

245

PALACE HOTEL

autor do projeto OSCAR NIEMEYER

data do projeto 1957-8

construção NOVACAP

área do lote não se aplica

área construída 3.000 m²

número de pavimentos 5

[subsolo, térreo e 3 pavimentos-tipo]

síntese descritiva

Implantado nas proximidades do Palácio da Alvorada, o Brasília Palace Hotel figura entre as obras pioneiras da construção da nova capital. O programa é distribuído em zonas funcionais articuladas por edifício laminar suspenso em pilotis que abriga as áreas sociais [recepção, bar, boite, restaurante etc] e privativas dos hóspedes, de modo a proporcionar satisfatórias condições de insolação a todos os apartamentos. Uma marquise térrea e um bloco de serviços semi-enterrado complementam a composição, cuja tônica é marcada pela expressão arquitetônica do volume prismático do corpo principal.

periódicos 1951-1960

Acrópole [256/7]: 105-8, fev./mar. 1960

Architecture d'aujourd'hui [31]: 29, jun. 1960

Interiors [118]: 92-7, jun. 1959

Módulo [12]: 28-31, jan./fev. 1959

Progressive architecture [40]: 75-7, fev. 1959

livros e catálogos 1951-1960

Benevolo [1960]

síntese descritiva

Trata-se da primeira obra monumental construída na nova capital, concluída em 1958. Implantada às margens do Lago Paranoá, destina-se a abrigar a residência do Presidente da República. O programa se desenvolve em dois corpos perpendiculares, com setorização funcional determinada pelas linhas de circulação que separam os percursos de funcionários, visitantes e familiares do Presidente. A expressão arquitetônica do projeto estabelece paralelos com princípios compositivos da arquitetura clássica, sobretudo volumétricos, mas diferencia-se desta ao adicionar leveza e transparência.

periódicos 1951-1960

Acrópole [256/7]: 65-75, fev./mar. 1960

Architecture d'aujourd'hui [31]: 14-5, jun. 1960

Interiors [118]: 92-7, jun. 1959

Módulo [7]: 21-7, fev. 1957

Progressive architecture [40]: 75-7, fev. 1959

livros e catálogos 1951-1960

Benevolo [1960]

PALÁCIO DA ALVORADA

autor do projeto OSCAR NIEMEYER

data do projeto 1956 [1ª versão]

1957-8 [2ª versão]

construção NOVACAP

área do lote 7.000 m²

área construída 800 m²

número de pavimentos 3

IV EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1957

SALA ESPECIAL BRASÍLIA

247

PALÁCIO DE DESPACHOS [PALÁCIO DO PLANALTO]

autor do projeto OSCAR NIEMEYER

data do projeto 1957 [1ª versão]

1958-60 [2ª versão]

construção NOVACAP

área do lote não se aplica

área construída 36.000 m²

número de pavimentos 4

síntese descritiva

Trata-se da sede do poder executivo, implantado na principal praça cívica da capital – a Praça dos Três Poderes. O projeto retoma o esquema clássico dos palácios de pórticos, notabilizando-se pelo inusitado desenho de seus elementos de sustentação. Para ressaltar o caráter monumental da composição, Niemeyer expande a laje de cobertura nas quatro faces que delimitam a cela de modo a criar zonas de luz e sombra reconhecíveis desde longa distância. O emprego de um espelho d'água no entorno do bloco acentua o caráter simbólico da composição, atenuando a aridez do planalto central.

periódicos 1951-1960

Acrópole [256/7]: 85-91, fev./mar. 1960

Interiors [118]: 92-7, jun. 1959

Módulo [10]: 7-12, ago. 1958

Progressive architecture [38]: 136-8, abr. 1957

livros e catálogos 1951-1960

Benevolo [1960]

síntese descritiva

Trata-se de intervenção desenvolvida para a Faculdade Nacional de Arquitetura, articulada a painel artístico executado em concreto aparente e implantado na fachada principal do bloco. O projeto paisagístico surpreende ao demarcar ortogonalmente os canteiros, as áreas pavimentadas e o plantio de espécies de maior porte, com destaque para os escultóricos apricots de macaco. A presença de espelhos d'água nos pátios internos contribui para amenizar as condições climáticas locais, muito além de favorecer a utilização das áreas como local de descanso e encontro dos estudantes.

periódicos 1951-1960

Architecture d'aujourd'hui [27]: 158-9, out. 1956

Habitat [28]: 34-5, mar. 1956

Habitat [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]

FACULDADE NACIONAL DE ARQUITETURA

autor do paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data do projeto 1957

projeto arquitetônico

JORGE MACHADO MOREIRA

área construída dado não disponível

área da intervenção dado não disponível

V EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1959

SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX

249

MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

autor do paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data do projeto 1954

projeto arquitetônico

AFFONSO EDUARDO REIDY

área construída dado não disponível

área da intervenção dado não disponível

síntese descritiva

Paisagismo da sede do MAM/RJ no Aterro do Flamengo, cuja elaboração antecede o Parque Eduardo Gomes. O projeto exposto na V EIA caracteriza-se pela integração com a expressão arquitetônica do conjunto edificado, pautada por forte ortogonalidade. Espelhos d'água e grandes extensões pavimentadas configuram perspectivas que acentuam a monumentalidade dos volumes. Entre as espécies de vegetação, predominam as forrações de diferentes colorações, formando desenhos de ondas também reproduzidos em mosaicos de pedras portuguesas, cuja apreciação ganha presença desde os terraços dos pisos superiores.

periódicos 1951-1960

Habitat [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]

250

V EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1959

SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX

síntese descritiva

Trata-se de projeto paisagístico para residência de veraneio implantada em lote de grandes dimensões nas proximidades de Teresópolis. A presença de um córrego no interior da propriedade organiza a distribuição dos espaços recreativos, muito além de possibilitar a criação de um lago artificial na cota mais baixa do jardim. A organização de canteiros de formas amórficas, a transposição de espécies rupícolas e a presença de afloramentos de granito e gnaisse, comuns no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, constituem elementos de forte impacto na composição.

periódicos 1951-1960

Habitat [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]

RESIDÊNCIA

ALBERTO KRONSFOTH

Teresópolis RJ

autor do paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data do projeto 1955

projeto arquitetônico dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

área da intervenção dado não disponível

V EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1959

SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX

251

RESIDÊNCIA ALFREDO BAUMAN

Vale da Boa Esperança
Teresópolis RJ

autor do paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data do projeto 1953

projeto arquitetônico

WIT OLAF PROCHNIK

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

área da intervenção dado não disponível

síntese descritiva

Projeto paisagístico da residência de campo de Alfredo Baumann, cujo Pavilhão de Piscina, assinado por Wit Olaf Prochnik, é exposto na IV EIA [ficha 229]. O programa recreativo compõe-se de pavilhão para festas, piscina e espelho d'água articulados por deck de granito. O uso de extensas áreas gramadas contígua ao lago artificial ressalta os valores cromáticos e as texturas dos maciços de formas amórficas. Além disso, destacam as qualidades das espécies de maior porte que pontuam a composição e direcionam o olhar dos frequentadores.

periódicos 1951-1960

Habitat [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]

livros e catálogos 1951-1960

Mindlin [1956: 179]

síntese descritiva

A colaboração de Roberto Burle Marx para a residência em questão compreende o projeto paisagístico e a concepção de painéis artísticos, recobrimo paredes de grande extensão. Em ambas tarefas, o raciocínio projetual estabelece profícua interlocução com a caracterização dos espaços arquitetônicos, pautando-se por forte geometrismo e ortogonalidade. A ocupação total do lote ao nível da rua desloca o núcleo recreativo para o topo do bloco, retomando-se a idéia do terraço-jardim proposto por Le Corbusier. Sob a pérgola da cobertura, são criados recortes na empena que emolduram a Praia do Leblon.

periódicos 1951-1960

Habitat [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]

RESIDÊNCIA ANTONIO CEPPAS

Rua Jerônimo Monteiro, 86

Leblon / Rio de Janeiro DF

autor do paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data do projeto 1958

projeto arquitetônico

JORGE MACHADO MOREIRA

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

área da intervenção dado não disponível

**V EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1959**

SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX

253

RESIDÊNCIA

ANTONIO MORAES DA FONSECA

Petrópolis RJ

autor do paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data do projeto 1956

projeto arquitetônico dado não disponível

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

área da intervenção dado

não disponível

síntese descritiva

Não foram localizados nos arquivos consultados e no *Índice de Arquitetura Brasileira* e no *Art Index* internacional, material explicativo ou iconográfico referente à obra em questão, exposta na Sala Especial Roberto Burle Marx, em 1959.

periódicos 1951-1960

Habitat [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]

254

V EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA 1959

SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX

síntese descritiva

Trata-se de proposição paisagística para residência implantada em zona de expansão urbana da capital paulista, projetada por Oscar Niemeyer. A estratégia do projeto consiste em reproduzir, por meio de diferentes espécies de forração, desenhos abstratos também presentes em painéis de concreto aparente em alto relevo, em raciocínio compositivo também presente no projeto do MAM/RJ [obra 248]. Na obra em questão, a conformação de platôs contrasta com o cromatismo predominante das matas nativas remanescentes, criando contrastes de notável efeito plástico.

periódicos 1951-1960

Habitat [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]

RESIDÊNCIA

FRANCISCO PIGNATARI

São Paulo SP

autor do paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data do projeto 1956

projeto arquitetônico OSCAR NIEMEYER

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

área da intervenção dado não disponível

**V EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DE ARQUITETURA 1959**

SALA ESPECIAL ROBERTO BURLE MARX

255

**RESIDÊNCIA SÉRGIO
CORREIA DA COSTA**

Laranjeiras / Rio de Janeiro D

autor do paisagístico

ROBERTO BURLE MARX

data do projeto 1955

projeto arquitetônico

JORGE MACHADO MOREIRA

área do lote dado não disponível

área construída dado não disponível

área da intervenção dado não disponível

síntese descritiva

Projeto residencial construído em lote estreito e profundo, no bairro carioca das Laranjeiras. Os espaços de lazer são distribuídos em varandas e quintais implantados em cotas topográficas que acompanham os planos das salas de estar. Nos jardins, predominam espécies rasteiras de múltiplas texturas, valorizadas com o emprego de diferentes materiais para os passeios – seixos rolados, pedras brutas e aparelhadas. O acentuado geometrismo dos canteiros e das composições murais valoriza a forma cúbica edificada e contrasta com a exuberância da paisagem envoltória, emoldurada pelo Pão de Açúcar.

periódicos 1951-1960

Habitat [56]: 18-20, set./out. 1959 [RBM Sala Especial]

considerações finais

Pelos salões das bienais são expostas, premiadas ou recusadas proposições de diversas vertentes da arquitetura brasileira. Sob o calor dos refletores, são sedimentados acordos entre parceiros nem sempre afinados em termos ideológicos. Postas de lado suas divergências, os promotores das mostras visam ampliar o alcance dos objetos artísticos, alicerçando a construção de uma imagem renovada para a nação, vinculada aos anseios de transformação postulados pela modernidade. Nesse contexto, as bienais paulistanas tornam-se emblemas de um novo tempo de conquistas. Sua garantia de êxito, especialmente no plano internacional, fomenta incondicional apoio do meio empresarial e do poder político, em âmbito municipal, estadual e federal.

Nas décadas que antecedem a proposição da I Bienal do MAM/SP em 1951, o panorama é bem diverso. O meio artístico paulistano enfrenta dificuldades de toda monta para inscrever a modernidade na agenda cultural da cidade, prevalecendo, até o fim dos anos 1920, atividades empreendidas por estreitos setores da alta burguesia. No Rio de Janeiro, sede da administração federal, observam-se melhores condições para o estabelecimento de iniciativas identificadas com os novos valores, especialmente após o ingresso de intelectuais progressistas na administração de Getúlio Vargas. Mas não se pode dizer que o moderno constitua a representação (no sentido proposto por Roger Chartier) do estado varguista, como se permite supor, mas tão-somente de uma parcela agrupada em torno de alguns membros do primeiro escalão, como Gustavo Capanema e Rodrigo Mello Franco de Andrade.

No panorama paulista, é representativa desse embate de forças a organização das cinco primeiras edições do Salão Paulista de Belas Artes, entre 1934 e 1938, e a concessão de bolsas de estudo para jovens artistas, conhecidas como Pensionato Artístico do Estado, vigentes entre 1912 e 1931. No âmbito municipal, a modernidade ganha impulso com a criação do Departamento de Cultura na gestão do prefeito Fábio Prado, entre 1934 e 1938. Capitanado por Mário de Andrade, o departamento notabiliza-se

pela promoção de concertos, concursos e investigações de campo, a exemplo da Missão de Pesquisas Folclóricas, realizada em 1938, como também pela organização de exposições de arte na recém-implantada Biblioteca Pública Municipal, prenunciando aspectos gerenciais e metodológicos dos museus de arte surgidos no fim da década de 1940.

Nos anos 1930, também é decisiva a promoção de atividades culturais em clubes de artistas e sindicatos laborais, na medida em que denotam esforço e, em muitos casos, desprendimento para difundir a arte moderna para amplos segmentos. A ação desses grupos fomenta a realização de mostras independentes de grande importância para o meio artístico brasileiro, sendo particularmente relevantes para esta tese a Exposição da Casa Modernista (1930), o Salão Tropical (1933) e as três edições do Salão de Maio (1937-1939), porquanto sinalizam a consolidação de lideranças, notadamente de Alcides Rocha Miranda, Lúcio Costa, Marcelo e Milton Roberto, no ambiente carioca, e de Flávio de Carvalho e Gregori Warchavchik, no panorama paulista.

O despontar da Segunda Grande Guerra (1939-1945) sinaliza transformações significativas no viver brasileiro. O surto de industrialização motivado pela substituição das importações e as crescentes oportunidades de atuação para técnicos e profissionais especializados impulsionam o ensino, a pesquisa e a proposição de atividades culturais voltadas para todas as camadas sociais. As atuações dos nascentes Masp, MAM/SP e MAM/RJ pleiteiam lograr esse alcance, ao menos em seus estatutos regulamentares. Para além das promessas e dos calorosos discursos, Assis Chateaubriand, Francisco Matarazzo Sobrinho e Paulo Bittencourt, fundadores dos museus mencionados, almejam consolidar um lugar de prestígio na sociedade e, ao mesmo tempo, conquistar influência em diversos segmentos.

As disputas de poder entre os mecenas também podem ser vistas como relevante fator para impulsionar a formação de acervos de indiscutível qualidade, bem como motivar a organização de eventos grandiosos, garantindo aos seus organizadores retorno na escala desejada. A proposição das bienais paulistanas merece ser vista sob tal enfoque, desempatando o duelo entre Chateaubriand e Matarazzo Sobrinho, em benefício deste. Postas de lado as disputas entre os mecenas, o êxito da iniciativa depende da interlocução de Ciccillo com expoentes de assegurada desenvoltura no meio artístico. A competência na articulação das estratégias garante a consagração das bienais no panorama artístico internacional, sedimentando vínculos com diversos nomes de reputação consolidada, entre arquitetos, artistas, editores e críticos.

De um lado, a tese examina a interlocução entre os dirigentes do MAM/SP e a diretoria do IAB, exaltando a participação de Eduardo Kneese de Mello, Jacob Ruchti, Luis Saia e Miguel Forte para a elaboração dos regulamentos e dos projetos arquitetônicos das primeiras bienais, inexplicavelmente pouco abordados pelos estudiosos do moderno brasileiro. Por outro ângulo, a pesquisa exhibe rupturas de parcela significativa do meio arquitetônico, motivadas por divergências ideológicas ou conceituais, apontadas por João Baptista Vilanova Artigas e por Lina Bo Bardi, cuja presença nos debates ecoa os confrontos de Assis Chateaubriand com Ciccillo.

Artigas, outrora membro atuante do MAM/SP e responsável pela reforma espacial da primeira sede do museu, na Rua Sete de Abril, afasta-se da entidade e dela torna-se ferrenho opositor. Em artigos publicados na revista *Fundamentos*, associa as bienais às práticas imperialistas norte-americanas, exaltando o caráter antibrasileiro e antipatriótico das mostras, sem entretanto vinculá-las à difusão da arte abstrata, seara a encorajar embates – às vezes corporais – capazes de incrementar as vendas dos noticiários de circulação diária.

Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi, recém-chegados a São Paulo, mas nem por isso desintegrados ao ambiente cultural brasileiro, empreendem severas críticas aos critérios dos certames, por eles considerados uma cópia grosseira da Bienal de Veneza. Nos bastidores, em contrapartida, Pietro colabora para a organização das bienais paulistanas, não se furtando a carregar em sua bagagem pessoal obras inscritas na exposição, fato que se contrapõe ao tom dos discursos freqüentemente reportados nas abordagens mais conhecidas sobre as querelas nas publicações.

Flávio de Carvalho e Gregori Warchavchik, protagonistas da afirmação da modernidade em São Paulo, por meio de combativa atuação no Clube de Artistas Modernos e na Sociedade Pró-Arte Moderna, não desempenham um papel equivalente na organização das bienais paulistanas. Para todos os efeitos, porém, a obra projetual de ambos é apresentada com honrarias na primeira bienal. Mas, para além das aparências, Carvalho submete-se ao processo de seleção antes de ser escolhido para compor uma das salas especiais da I EIA, sob a alcunha de “pioneiro”. Na mostra seguinte, dois projetos de Warchavchik são recusados pelo Júri de Seleção, sinalizando descaso ou incompreensão para com a obra recente do arquiteto russo. Flávio de Carvalho, sensível a esse estado de ânimos, institui na segunda bienal o Prêmio Flávio de Carvalho, destinado a jovens artistas. E não mais comparece na seção de arquitetura.

Em contrapartida, o grupo responsável pela afirmação da arquitetura moderna no Rio de Janeiro – a denominada Geração Heróica – ocupa um lugar mais privilegiado nas bienais paulistanas, não apenas como personagens pretéritos, mas como formuladores de novas propostas. A consagração desse grupo não se faz por homenagens protocolares, mas por meio da atribuição de láureas e distinções em todas as edições das bienais do recorte analisado. As ressalvas ficam por conta da participação tímida de Alcides Rocha Miranda, José de Souza Reis e dos irmãos Roberto, cuja discrição contrasta com a glorificação de Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, autores do não menos emblemático Ministério da Educação e Saúde.

O estabelecimento de diretrizes para a exibição dos trabalhos sedimenta outro importante segmento da pesquisa, porquanto aponta para a recepção (no sentido proposto por Hans Robert Jauss) da arquitetura para diferentes públicos. A ênfase concedida aos desenhos técnicos e pranchas de reduzidas dimensões constitui obstáculo para a assimilação de conceitos, especialmente para o visitante que desconhece os códigos elementares de representação técnica. Apesar dos clamores

dos participantes e dos críticos para a inclusão de outros suportes, como documentários cinematográficos e protótipos em escala natural, os organizadores mantêm praticamente inalterados os critérios de apresentação dos trabalhos, fazendo crer que priorizam o diálogo com o meio profissional e não com o público leigo, sinalizando contradições obliteradas nos discursos e nos estatutos.

A Bienal de Veneza é referência explicitada nos catálogos das bienais paulistas, não apenas em consideração ao intercâmbio de idéias, mas principalmente pela atenta análise de seus regulamentos, base para a instituição das categorias de premiação e modelo para a montagem das bienais paulistas. Ao contrário do que pode sinalizar o senso comum, esta pesquisa parece apontar, de forma pioneira, a antecedência brasileira na proposição de uma mostra independente e exclusivamente dedicada à arquitetura. As Exposições Internacionais de Arquitetura, surgidas em 1951, antecedem em quase três décadas a seção da especialidade nas congêneres venezianas, instituídas em 1980.

O Museu de Arte Moderna de Nova York é também importante baliza para a organização das bienais paulistas, não apenas em consideração à repercussão da mostra e do catálogo *Brazil Builds* no meio arquitetônico brasileiro. Os contatos entre as instituições podem ser vistos como parte da política de aproximação do governo norte-americano com seus vizinhos latino-americanos. Nelson Rockefeller, interlocutor do MoMA, negocia a doação de obras para o acervo das nascentes instituições brasileiras. Carleton Sprague Smith, adido cultural norte-americano em São Paulo, estabelece profícua interlocução com Sergio Milliet e com diversos outros fundadores do MAM/SP, colaborando para imprimir o caráter multidisciplinar da instituição.

Os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna são importantes referências à proposição das mostras de arquitetura nas bienais paulistas, porquanto consistem no principal fórum de discussão sobre o movimento moderno em âmbito internacional. A interlocução entre a diretoria dos Ciam e os organizadores das EIA sedimenta graus de hierarquia entre os participantes das mostras paulistas, colocando em evidência os autores do Ministério da Educação e Saúde e impondo menor destaque para outros expoentes igualmente merecedores da atenção do público e da crítica. Gregori Warchavchik talvez seja o arquiteto mais injustiçado nesse particular, levando-se em consideração o papel desempenhado como primeiro representante Ciam da América do Sul.

Há que se considerar, na interlocução estabelecida entre as bienais e os Ciam, a contribuição de Siegfried Giedion para sedimentar o moderno brasileiro em sua publicação *A decade of new architecture* (1951), editada com o propósito de inventariar a produção internacional durante o período de paralisação das atividades do Ciam, em decorrência da Segunda Grande Guerra. A arquitetura brasileira comparece com relativo destaque na publicação, apesar de estar circunscrita aos profissionais do Rio de Janeiro e de São Paulo. A dupla Adhemar Marinho e Álvaro Vital Brazil, Atílio Correa Lima e os irmãos Roberto inscrevem-se entre os arquitetos atuantes na capital federal. Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira, Lúcio Costa

e Oscar Niemeyer, também radicados no Rio de Janeiro, são os destaques da publicação, que dedica página dupla para o Ministério da Educação e Saúde. Cada integrante da equipe do MES é citado, no manual de Giedion, com ao menos mais um projeto. Gregori Warchavchik, Henrique Mindlin e Rino Levi são os únicos arquitetos paulistas incluídos no livro, apesar de Mindlin atuar no Rio de Janeiro. A produção de Rino Levi encoraja a inserção de três obras, regalia concedida apenas a Oscar Niemeyer, entre os arquitetos brasileiros.

Talvez por coincidência, a participação de Giedion, associada às de Junzo Sakakura e Mario Pani, no Júri de Premiação da I EIA enaltece a atuação de expoentes já conhecidos internacionalmente, sendo a maior parte desses profissionais carioca e identificada, com maior ou menor aproximação, com o repertório corbuseriano. As premiações do Conjunto Residencial do Pedregulho, do Edifício Caramuru, da Fábrica Duchen, do Parque Guinle e do Pavilhão Refeitório parecem estar balizadas em tais premissas. Mas seria incorreto não apontar outras referências, especialmente ao se observar as soluções dos também premiados Edifício Clemente de Faria, Ginásio de Sorocaba, Maternidade Universitária e Residência Oswaldo Bratke, projetos de indiscutível interlocução com outras vertentes arquitetônicas, como o racionalismo alemão, italiano e norte-americano.

Nas demais mostras do recorte analisado, a participação estrangeira no Júri de Premiação parece ser decisiva para a escolha das láureas, porquanto reitera as opiniões já lançadas pela crítica especializada. Além disso, a escolha dos prêmios estabelece paralelos entre o raciocínio projetual dos membros julgadores e os expositores. Na II EIA, não surpreende constatar a sintonia entre o racionalismo de Ernesto Nathan Rogers e Jose Luis Sert com as premissas projetuais de Donald Bartheleme, Paul Marvin Rudolph e Philip Johnson. Entre os destaques nacionais da mesma mostra, a “simplicidade” das soluções formais e o rigor construtivo da Residência Maria Carlota Soares justificam a concessão do prêmio da categoria Jovem Arquiteto para Sérgio Bernardes. Os mesmos predicados são usados para explicar a concessão de duas láureas a Jorge Moreira, vencedor da categoria hospitalar, com o Instituto de Puericultura, e Menção Honrosa da categoria residencial, com o Edifício Antônio Ceppas.

A diretriz racionalista volta a centralizar as atenções dos membros julgadores da III EIA, restrita à competição de estudantes. Na oportunidade, Jorge Moreira, presidente do Júri de Premiação, incorpora em sua palestra de encerramento os mesmos argumentos lançados pela ata da mostra precedente, advertindo os estudantes para os desvios do formalismo que ameaçam tornar a arquitetura brasileira um exercício destituído de comprometimento social. Para não recuperar as querelas proferidas por Max Bill, ainda não assimiladas pelo meio local, Moreira não aponta textualmente nenhuma obra de qualquer arquiteto brasileiro, nem alude às críticas pouco elogiosas da revista inglesa *Architectural review* editada em outubro de 1954 e dedicada ao Brasil.

A consagração de Jorge Moreira, ao menos nas bienais dos anos 1950, ganha reforço com a premiação da Faculdade Nacional de Arquitetura na IV EIA. Na mesma ocasião, apenas o Edifício João Ramalho conquis-

ta igual distinção, entre os projetos brasileiros submetidos ao crivo da comissão julgadora. Ressalte-se, mais uma vez, a consonância entre as expressões arquitetônicas dos projetos e o perfil dos membros do júri (Kenzo Tange, Marcel Breuer e Philip Johnson), que não vê contradição em valorizar na Ata Oficial de Premiação a padronização e a repetição de elementos construtivos para justificar as lãureas concedidas.

Vista em confronto, a participação de Alvar Aalto, Ernesto Nathan Rogers, Josep Luis Sert, Junzo Sakakura, Kenzo Tange, Marcel Breuer, Mario Pani, Philip Johnson, Siegfried Giedion e Walter Gropius – este último apenas no concurso estudantil paralelo à II EIA – em 1953 estabelece um *parti pris* não desmentido nos periódicos cotidianos nem ocultado nas Atas Oficiais. Denotam apreciação mais aguçada do repertório corbuseriano na primeira bienal e forte vinculação com o racionalismo alemão nas demais mostras do recorte, evocando a própria consagração de Le Corbusier e de Walter Gropius como vencedores dos prêmios máximos instituídos na primeira e na segunda bienais. Observe-se que a presença de Aalto no júri da II EIA não representa garantia de valorização dos projetos de plasticidade mais acentuada, entre os quais se inscrevem os de Oscar Niemeyer, que se mostra descontente com a não-premiação da Casa das Canoas em benefício da Residência Hodgson, de Philip Johnson.

Na quinta edição da EIA, última do recorte temporal analisado, não acontecem os concursos estudantis nem a competição de arquitetos. Na oportunidade, são organizadas seis salas especiais, dedicadas a uma hipotética reconstituição do movimento moderno, desde 1859, data de inauguração da Red House, de Philip Webb, até 1959, data de realização da V Bienal do MAM/SP. Quatro salas exibem a produção de arquitetos e artistas do movimento *art nouveau*, de diferentes vertentes: Antonio Gaudí representa a Espanha; Henri van de Velde e Victor Horta, a Bélgica. A delegação norte-americana apresenta a obra de Mies van der Rohe. A participação brasileira destaca a produção de Roberto Burle Marx, após a desistência (não esclarecida) de Lúcio Costa.

A indicação do paisagista para representar o Brasil na V EIA não poderia ser mais apropriada. Roberto Burle Marx é um dos poucos nomes, se não o único, cujas soluções projetuais são consagradas em todas as latitudes. Para além de sua reputação, sua obra congrega um raciocínio de síntese que poucas trajetórias são capazes de exhibir. Se a construção de Brasília é objeto de indagações pelos integrantes do Congresso Internacional dos Críticos de Arte, ocorrido em paralelo à V Bienal, a obra de Burle Marx parece alcançar uma avaliação positiva de unanimidade, até mesmo para aqueles que depreciam o conjunto mais celebrado da arquitetura brasileira internacionalmente.

Cumprе salientar, nesse particular, que o Plano Piloto de Brasília é tema de sala especial na bienal precedente, ocasião na qual são expostos esboços de Lúcio Costa e os primeiros estudos de Oscar Niemeyer para os edifícios do Congresso Nacional, do Palace Hotel, do Palácio da Alvorada e do Palácio de Despachos, posteriormente denominado Palácio do Planalto. A repercussão das obras nos periódicos que compõem o *Índice de arquitetura brasileira* e o *Art index* internacional atesta

que a ausência de Lúcio Costa na V EIA não desencoraja a atenção dos críticos para uma obra que traduz, de forma inequívoca, as promessas de transformação postuladas pela arquitetura moderna, às vésperas da inauguração da nova capital.

Em contraposição à celebração de Brasília, a exibição de conjuntos de menor escala, assinados por expoentes menos conhecidos do grande público, configura um cabedal de conhecimentos cuja investigação se impõe como a principal contribuição desta tese. O exame dos 255 projetos selecionados ou recusados nas cinco primeiras bienais procura confrontar as soluções de projeto para recuperar parte do processo de construção de uma nova identidade para o país, nos pequenos e grandes centros urbanos.

A pesquisa nas fontes primárias revela aspectos não imaginados quando do início dos trabalhos. O primeiro deles diz respeito ao levantamento de informações sobre algumas obras assinadas por arquitetos de reputação consolidada, indicando inexistência ou falta de processamento do material pertencente aos centros de pesquisa e documentação. A não-localização de dados sobre o projeto da Fábrica de Transmissores de Rádio, de Eduardo Corona, exemplifica com propriedade o estágio de desinformação a que são submetidos os pesquisadores. A falta de interlocução entre as instituições e os arquivos públicos municipais é outra triste constatação, motivando o desencontro de informações e o desperdício de tempo dos estudiosos e demais interessados em recuperar parcela significativa da memória brasileira.

A investigação do conjunto de obras inscritas nas três edições da competição de arquitetos, na I, II e IV EIA, revela maciça presença de arquitetos formados e atuantes no Rio de Janeiro e em São Paulo, compreensível pela influência política exercida pela capital federal e pela ascensão econômica e cultural da Paulicéia, durante um período determinante para o rearranjo de forças do país. Em contrapartida, a reduzida adesão de profissionais de outras capitais brasileiras chama atenção, pelo aparente isolamento do meio arquitetônico de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador, apenas para citar cidades possuidoras de centros de ensino e diretórios regionais do IAB em funcionamento na década de 1950.

Mas, ainda assim, devem ser ressaltadas ou redescobertas as contribuições da dupla Antonio Rebouças e Leo Smarcevscki em Salvador, as de Edgar Guimarães do Valle em Porto Alegre, as de Mario Russo no Recife e as de Renato Righetto em Campinas, merecedoras de melhores oportunidades para o entendimento das particularidades da arquitetura moderna em solo brasileiro. Constata-se, em relação aos exemplos citados, pouca visibilidade de suas obras nos editoriais da década de 1950, aqui interpretada como desconhecimento ou indiferença dos críticos para com as expressões arquitetônicas praticadas para além das fronteiras do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Mesmo entre os arquitetos atuantes nos centros hegemônicos, são notadas diferenças de tratamento que merecem considerações adicionais. Observa-se maior atenção dos críticos para realizações assinadas

por expoentes já conhecidos internacionalmente, prevalecendo, nesse particular, os arquitetos da primeira geração carioca, articulados em torno de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Em contrapartida, constata-se a pálida repercussão das obras assinadas pelos arquitetos emigrados, possivelmente motivada pela estratificação de círculos corporativos e pouco abertos à interlocução com seus pares. As contribuições de Daniele Calabi, Giancarlo Piretti e Lucjan Korngold mereceram ser reavaliadas, não apenas ante a participação desses profissionais nas bienais paulistas, mas principalmente, pela oportunidade de entendimento dos bastidores do meio cultural brasileiro. Ressalte-se também a necessidade de serem produzidos novos enfoques sobre a obra de Gregori Warchavchik, tendo como base de análise sua produção nas décadas de 1940 e 1950, para além da Casa Modernista.

Entre os arquitetos brasileiros radicados no Sudeste, causa espanto reconhecer a desatenção da crítica em relação aos projetos implantados em pequenas e médias cidades do interior, cuja concretização difunde conceitos e modos de sociabilidade renovados. Inscrevem-se nessa chave de análise as proposições da equipe de Jorge Ferreira, Renato Mesquita dos Santos, Renato Soeiro e Thomaz Estrella para a implantação de uma loja de departamentos em Parnaíba e de escolas técnicas em Campos dos Goytacazes e em Teresina.

Em igual sentido podem ser vistas as contribuições de David Libeskind para a difusão de novos conceitos habitacionais em Goiânia; as de Francisco Bolonha para consolidar a modernidade em Cataguases e Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira; e as de Paulo Antunes Ribeiro para a construção de conjuntos hoteleiros em Manaus e Salvador, este último com a participação de Diógenes Rebouças, igualmente merecedor de novos enfoques. Não menos importantes são os préstimos de Alcides Rocha Miranda e José de Souza Reis para a implantação de um centro de pesquisas teatrais em Salvador, e o papel desempenhado pela equipe de Helio Duarte na proposição de conjuntos escolares no interior paulista, a exemplo do Campus São Carlos da Universidade de São Paulo.

A implantação do Centro Cívico de Curitiba assinala as transformações no viver das capitais e a consagração da modernidade como símbolo de arrojo e atualidade, em processo também observado na construção de obras públicas em Londrina, assinadas por João Baptista Vilanova Artigas. A proposição de uma indústria assinada por Jorge Wilhelm e Rosa Kliass em Varginha também pode ser vista como parte do processo de difusão da modernidade em pequenos núcleos urbanos. O empreendimento de Angélica, no interior mato-grossense, mostra-se seminal para o reexame dos processos de consolidação dos preceitos urbanísticos dos Ciam entre os arquitetos brasileiros, antes do concurso de Brasília.

A investigação das obras recusadas nas primeiras bienais incorpora elementos igualmente relevantes, sinalizando o profundo desconhecimento da atividade projetual de diversos expoentes interessados em conquistar melhores oportunidades para divulgar sua produção arquitetônica e urbanística, integrando-se aos debates do período. A não-localização de registros documentais sobre determinadas obras e, em alguns casos, sobre a

procedência de alguns arquitetos constitui elemento da maior importância para o mapeamento da produção brasileira dos anos 1950, ainda pouco explorada com a merecida importância pelos estudiosos.

O reexame das produções de Américo Campello, Arthur Arcuri, Jorge dos Santos Pereira e Ruben Cassal Pilla poderá alimentar novas abordagens acerca do ambiente arquitetônico alagoano, baiano, catarinense, gaúcho, mineiro e pernambucano, localidades em que suas contribuições se encontram presentes no cotidiano das comunidades, mas ausentes da historiografia.

Os estudiosos do moderno brasileiro muito têm feito para recuperar a memória desses e de tantos outros expoentes obliterados pela historiografia consolidada, por meio da atuação nas universidades e nos centros de documentação e pesquisa. Sem o necessário empenho e a apaixonada dedicação dos pesquisadores na localização e identificação de dados primários, poucas contribuições poderão ser lançadas nos estudos futuros. Cumpre a todos os interessados na arquitetura moderna brasileira empenhar-se nessa tarefa, recuperando parte dos sonhos de transformação almejados pela modernidade.

referências bibliográficas

referências conceituais

Dicionários

- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de arquitetura*. São Paulo: ProEditores, 2000.
- CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos. *Dicionário de arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
- GAMA, Ruy. *Glossário*. São Paulo: FAUUSP, 1982.
- LAMPUGNANI, V. M. (ed). *Enciclopedia de la arquitectura del siglo XX*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989.
- LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário crítico de pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- MARCONDES, Luiz Fernando. *Dicionário de termos artísticos*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1998.
- PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1969.

primeiro capítulo a afirmação cultural da metrópole

Livros e teses

- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997 3ª ed.
- ACAYABA, Marlene Milan. *Branco e Preto: uma história de design brasileiro nos anos 50*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.
- ALMEIDA, Fernando Azevedo de. *O franciscano Ciccillo*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- AMARAL, Aracy A. *Arte para quê? a preocupação social na arte brasileira 1930-1970*. São Paulo: Nobel, 1987 2ª ed.
- _____. *Artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Martins Fontes, 1979 4ª ed.
- _____. *MAC: uma seleção do acervo na Cidade Universitária*. São Paulo: MAC/USP, 1983.
- _____. *Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo: perfil de um acervo*. São Paulo: Technit, 1988.
- AMARAL, Aracy Abreu (org.). *Projeto construtivo na arte: 1950-1962*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna; São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1977.
- AMARANTE, Leonor. *As Bienais de São Paulo 1951-1987*. São Paulo: Projeto, 1989.
- ANELLI, Renato. *Arquitetura e cidade na obra de Rino Levi*. São Paulo: FAU/USP, 1995 [Tese de doutorado].
- ARANTES, Otília B. F. *Mário Pedrosa: itinerário crítico*. São Paulo: Página Aberta, 1991.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo meio século*. São Paulo: FFLCH/USP, 2000 [Tese de doutorado]
- ARTIGAS, João Baptista Vilanova. *Caminhos da arquitetura*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- BARDI, Pietro Maria. *História do Masp*. São Paulo: Instituto Quadrante, 1992.
- _____. *Sodalício com Assis Chateaubriand*. São Paulo: Masp, 1982.
- BARROS, Regina Teixeira de. *Revisão de uma história: a criação do Masp 1946-1949*. São Paulo: ECA/USP, 2002 [Dissertação de mestrado]
- BAYEUX, Glória Maria. *Debate na arquitetura moderna nos anos 50*. São Paulo: FAU/USP, 1991. [Dissertação de mestrado]
- BIVAR, Antonio. *Yolanda*. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.
- BONDUKI, Nabil. *Afonso Eduardo Reidy*. Lisboa: Editorial Blau: São Paulo: Instituto Lina Bo e P M Bardi, 1999.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1997 3ª ed
- CANAS, Adriano Tomita. *Arquitetura para museus*. São Paulo: FAUUSP, 2004 [Dissertação de mestrado].
- CARLINI, Álvaro. *Cachimbo e maracá: o catimbó da Missão (1938)*. São Paulo: CCSP, 1993.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CHIARELLI, Tadeu (org.). *O Museu de Arte Moderna de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1998
- CAVALCANTI, Lauro. *Preocupações do belo*. Rio de Janeiro: Taurus, 1995
- _____. *Quando o Brasil era moderno*. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 2000.

COSTA, Lucio. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

DAHER, Luiz Carlos. *Arquitetura e expressionismo*. São Paulo: Projeto, 1982.

_____. *Flávio de Carvalho e a volúpia da forma*. São Paulo: MWM, 1984.

DE LOS RIOS, Adolfo Morales. A luta pela autonomia. In: *Sobre a história do ensino de arquitetura no Brasil*. São Paulo: Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura, 1977.

DECKKER, Zilah Quezado. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. London: Spon Press, 2001.

FARIAS, Agnaldo Aricê Caldas. *A arquitetura eclipsada: notas sobre história e arquitetura a propósito da obra de Gregori Warchavchik*, introdutor da arquitetura moderna no Brasil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1990.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001.

FERRAZ, Geraldo. *Warchavchik e a introdução da nova arquitetura no Brasil: 1925-1940*. São Paulo: Masp, 1965.

FERRAZ, Marcelo Carvalho (org.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1996 2ª ed.

GONÇALVES, Lisbeth Reboló. *Sérgio Milliet, crítico de arte*. São Paulo: Edusp: Editora Perspectiva, 1992.

GOODWIN, Philip L. *Brazil Builds, architecture new and old 1652-1942*. New York: MoMA, 1943.

HERBST, Helio. *Promessas e conquistas: arquitetura e modernidade nas bienais*. São Paulo: FAU/USP, 2002. [Dissertação de mestrado].

LEFEBVRE, Henri. *Introdução à modernidade: prelúdios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos: Edusp, 1979.

LEON, Ethel. *IAC Instituto de Arte Contemporânea: Escola de Desenho Industrial do Masp (1951-1953); primeiros estudos*. São Paulo: FAU/USP, 2006 [Dissertação de Mestrado].

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. *Operários da Modernidade*. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1995.

MAM: Museu de Arte Moderna. São Paulo: DBA, 1995.

MARTINS, Carlos Aberto Ferreira. *Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil; a obra de Lucio Costa*. São Paulo: FFLCH/USP, 1987 [Dissertação de Mestrado].

MEYER, Regina Maria Proserpi. *Metrópole e urbanismo: São Paulo anos 50*. São Paulo: FAU/USP, 1991 [Tese de doutorado].

MINDLIN, Henrique. *Modern architecture in Brazil*. Amsterdam: Rio de Janeiro: Colibris, 1956.

MORAIS, Frederico. *Cronologia das artes plásticas no Rio de Janeiro, 1816-1994*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

MOTTA, Renata Vieira da. *O Masp em exposição: mostras periódicas na 7 de abril*. São Paulo: FAU/USP, 2003 [Dissertação de mestrado].

NASCIMENTO, Ana Paula. *MAM: museu para a metrópole*. São Paulo: FAU/USP, 2003 [Dissertação de mestrado].

NEUTRA, Richard Joseph. *Architecture of social concern in regions of mild climate*. São Paulo: Gert Todtmann Editor, 1948.

_____. *Residências*. São Paulo: Gert Todtmann Editor, 1950.

PEDROSA, Mário. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

_____. *Mundo, homem, arte em crise*. São Paulo: Perspectiva, 1986 2ª ed.

PINHEIRO, Cláudia (coord.). *IAB 80 anos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Studio Alfa, 2001.

PIQUET, Rosélia (org.). *Rio de Janeiro: perfis de uma metrópole em mutação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *A Democracia Ilustrada (o Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934)*. São Paulo: Ática, 1986.

SALVI, Ana Elena. *Cidadelas da civilização: políticas norte-americanas no processo de urbanização brasileira com ênfase na metropolização paulistana dos anos 1950 a 1969*. São Paulo: FAU/USP, 2005 [Tese de doutorado].

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (coord.). *São Paulo 1934 1938: os anos da administração Fábio Prado*. São Paulo: FAU/USP, 1999.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos [et al.]. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Tessela: Projeto, 1987.

SARAIVA, Roberta (org.). *Calder e o Brasil*. São Paulo: Cosac Naify: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006.

SCHINCARIOL, Zuleica. *Através do espaço do acervo: o Masp na 7 de abril*. São Paulo: FAU/USP, 2000 [Dissertação de mestrado].

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Pindorama revisitada*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

XAVIER, Alberto (org.). *Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

XAVIER, Alberto; BRITTO, Alfredo; NOBRE, Ana Luiza. *Arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. São Paulo: Pini: Fundação Vilanova Artigas; Rio de Janeiro: Rioarte, 1991.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: Pini, 1983.

ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983, 2 v.

Periódicos

- ACERVO do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. *Habitat* (36): 54-5, São Paulo, nov. 1956.
- ANDRADE, Mário de. Brazil Builds. *Arte em revista* (4): 25-6, São Paulo, ago. 1980.
- ARTIGAS, João Baptista Vilanova. Le Corbusier e o imperialismo. *Fundamentos* (18) São Paulo, 27 mai. 1951.
- BARDI, Lina Bo. A função social dos museus. *Habitat* (1): 17, São Paulo, out./dez. 1950.
- BILL, Max. Beleza provinda da função e beleza como função. *Habitat* (2): 65, São Paulo, jan./mar. 1951.
- CARTA de Mário de Andrade a Paulo Duarte, 1937. *Revista do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional* (30): 141, Rio de Janeiro, 2002.
- COSTA, Lúcio. Razões da nova arquitetura. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 jul. 1995.
- EXTRATO do decreto de fundação da USP. *Estudos avançados* (vol.8 n. 22), São Paulo, set./dez. 1994.
- FERNANDES, José Eduardo. Museu de Arte Moderna de São Paulo. *Fundamentos* (9/10): 194-7, São Paulo, mar./abr. 1949.
- LANÇADA ontem a primeira Bienal do Museu de Arte Moderna. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 1º dez. 1950.
- LE CORBUSIER. *A arquitetura e as belas artes*. Rio de Janeiro: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (19): 1984.
- MELLO, Eduardo Kneese de. 50º aniversário do IAB. *Acrópole* (386): 37, São Paulo, 1971.
- _____. O arquiteto no Brasil. *Acrópole* (152-3): 289-292, São Paulo, abr. 1950.
- NEW YORK World Fair. *Architectural Fórum* (70), New York, jun. 1939.
- NOVO mundo de espaço: exposição de Le Corbusier no Museu de Arte Moderna de *Habitat* (1): 37-41, São Paulo, out./dez. 1950.
- RIBEIRO, Carlos Fléxa. O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. *Brasil arquitetura contemporânea* (4): 57, Rio de Janeiro, fev./abr. 1954.
- ROCKFELLER, Nelson. Cidades da civilização. *Habitat* (1): 19, São Paulo, out./dez. 1950.
- SANCHES, Aline Coelho. O Studio de Arte Palma e a fábrica de móveis Pau Brasil: povo, clima, materiais nacionais e o desenho de mobiliário moderno no Brasil. *Risco* (1): 23-44, São Carlos, 2003.
- SISSON, Rachel. Escolas Públicas do Primeiro Grau. Inventário, Tipologia e História. Rio de Janeiro 1870/1945. *Arquitetura revista* (8): 63-78, Rio de Janeiro, 1990.

segundo capítulo

arquitetura nas bienais de arte

Livros e catálogos

- ALLOWAY, Lawrence. *The Venice Biennale, 1895-1968: from salon to goldfish bowl*. New York: Greenwich, Conn.: New York Graphic Society, 1968.
- ANDRADE, Rudá. *Cronologia da cultura cinematográfica no Brasil*. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, 1962.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho. *Team X: arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- BONDUKI, Nabil Georges. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e divisão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.
- COSTA, Helouise e SILVA, Renato Rodrigues da. *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FARIAS, Agnaldo (coord.). *Bienal 50 anos 1951-2001*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2001.
- GARDINER, Stephen. *Le Corbusier*. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1977.
- GIEDION, Siegfried. *Ciam: a decade of new architecture*. Zurich: Girsberger, 1954 2ª ed.
- HERBST, Helio. *O pavilhão do Trianon da I Bienal do MAM/SP*. São Paulo: FAU/USP, 1996. [Monografia de aperfeiçoamento da atividade de pesquisa].
- HITCHCOCK, Henry Russell; JOHNSON, Philip. *The International Style: architecture since 1922*. New York: London: W. W. Norton & Company, 1995 3ª ed.
- HITCHCOCK, Henry Russel. *Latin american architecture since 1945*. New York: MoMA, 1955.
- HUNTER, Sam. *The museum of Modern Art, New York: the history and the collection*. New York: Harry Abrams Inc; MoMA, 1993 8th printing.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- LE CORBUSIER. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec: EDUSP, 1993.
- LINS, Paulo de Tarso Amendola. *Arquitetura e as primeiras bienais 1951 e 1953*. São Carlos: EESC/USP, 2000 [Dissertação de mestrado]
- MARIANO, Cássia Regina. *Preservação e paisagismo em São Paulo: Otávio Augusto Teixeira Mendes*. São Paulo: Annablume: FAPESP: Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 2005.
- MIGUEZ, Stella Regina. *Arquitetura em exposição: uma prática interdisciplinar; caracterização das bienais de arquitetura de São Paulo*. São Paulo: FAU/USP, 2004 [Tese de doutorado]
- MUMFORD, Eric Paul. *The Ciam discourse on urbanism, 1928-1960*. Cambridge: MIT Press, 2000.

MUSEU DE ARTE MODERNA. *Catálogo da I Bienal do Museu de Arte Moderna*. São Paulo: MAM, 1951.
 _____. *Catálogo da II Bienal do Museu de Arte Moderna*. São Paulo: MAM, 1953.
 _____. *Catálogo da III Bienal do Museu de Arte Moderna*. São Paulo: MAM, 1955.
 _____. *Catálogo da IV Bienal do Museu de Arte Moderna*. São Paulo: MAM, 1957.
 _____. *Catálogo da V Bienal do Museu de Arte Moderna*. São Paulo: MAM, 1959.
 NIEMEYER, Oscar [et al.] *Ante projeto da Exposição do IV Centenário*. de São Paulo. São Paulo: Ediam, 1952.
 PAGLIA, Dante. *Arquitetura na Bienal de São Paulo*. São Paulo: EDIAM, 1952.
 POINTON, Márcia (ed) *Art apart: art institutions and ideology across England and North America*. New York: Manchester United Press, 1994.
 RAHME, Anna Maria Abrão Khoury. *Inovar e conservar: a ambigüidade no Monumento Constitucionalista*. São Paulo: FAU/USP, 2005 [Tese de Doutorado].
 SONTAG, Susan. *Ensaaios sobre fotografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.
 TYRWHITT, Jaqueline. *Congresos Internacionales de Arquitectura Moderna: el corazón de la ciudad*. Barcelona: Editorial Científico Medica, 1955.

Periódicos

ALENCASTRO. Carta aberta. *Habitat* (4): 79, São Paulo, 1951.
 APOIO da prefeitura à Bienal do Museu de Arte Moderna: o certame deverá instalar-se em fins de 1951. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 26 de nov. 1950.
 ARQUITETOS em viagem à Europa. *Folha da manhã*, São Paulo, 28 jun. 1951.
 BARDI, Lina Bo. Ibirapuera. *Habitat* (11): 3, São Paulo, jun. 1953.
 BARDI, Pietro Maria. Arquitetura brasileira. *Habitat* (48): 13, São Paulo, mai./jun. 1958.
 _____. Como é e como deveria ser a bienal. *Habitat* (22): 40, São Paulo, mai./jun. 1955.
 BECK, Francisco. Exposição Internacional de Arquitetura na I Bienal de São Paulo. *Acrópole*:(159): 91, São Paulo, jul. 1951.
 CARDOZO, Joaquim. O conjunto arquitetônico do Ibirapuera. *Habitat* (16): 20-21, São Paulo, abr./mai./jun. 1954.
 CORONA, Eduardo. O Júri de arquitetura da bienal e as soluções criadoras. *AD Arquitetura e Decoração* (3): s/n, São Paulo, dez. 1953/jan. 1954.
 CRITÉRIO adotado para a Exposição Internacional de Arquitetura. *Diário da Noite*, São Paulo, 28 jun. 1951.
 EM outubro vindouro, nesta capital, a Exposição Internacional de Arquitetura. *Folha da manhã*, São Paulo, 17 mai. 1951.
 EXPOSIÇÃO Internacional de Arquitetura. *Folha da manhã*, São Paulo, 28 jun. 1951.
 HUET, Bernard. A cidade como espaço habitável – alternativas à Carta de Atenas. *Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, dez. 1986/jan. 1987.
 LANÇADA ontem a primeira bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 1º dez. 1950.
 MACHADO, Lourival Gomes. Acredito nas Bienais. *Habitat* (23): 11, São Paulo, ago. 1955.
 MUSEU DE ARTE MODERNA. Exposição Internacional de Arquitetura. Boletim n.2. *Acrópole* (157): 6, São Paulo, mai. 1951.
 _____. II Bienal de São Paulo. *Acrópole* (179): 395, São Paulo, ago. 1953.
 _____. II Bienal de São Paulo. *Acrópole* (182): s/n, São Paulo, nov. 1953.
 PIGNATARI, Décio. IV Bienal de São Paulo. *AD Arquitetura e Decoração* (25): s/n, São Paulo, set./out. 1957.
 PROTESTAM os artistas plásticos contra a cessão do Trianon à I Bienal de Arte. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 9 nov. 1951.
 REPRESENTANTES da Europa e Ásia na Exposição Internacional de Arquitetura. *Folha da manhã*, São Paulo, 11 set. 1951.

terceiro capítulo

arquitetura brasileira nas bienais paulistanas

Livros e catálogos

AMARAL, Aracy A. *Textos do Trópico de Capricórnio*. São Paulo: Editora 34, 2006.
 ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. BOTEY, Josep Maria. *Oscar Niemeyer*. Barcelona: Gustavo Gili, 1996.
 BRASIL, Luciana Tombi. *A obra de David Libeskind: ensaio sobre as residências unifamiliares*. São Paulo: FAUUSP, 2004 [Dissertação de mestrado].
 BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro*. São Paulo: Cosac Naify, 1999.
 CAMPOS, Maria Cristina André. *Memória urbana: mural moderno em São Paulo*. São Paulo: FAU / USP, 2001. [Dissertação de mestrado]

CANEZ, Anna Paula. *Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: UE: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 1998.

CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). *Arquitetura da modernidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG / IAB, 1999.

COELHO, Lélia Frota. *Alcides Rocha Miranda: caminho de um arquiteto*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993

CONDURU, Roberto. *Vital Brazil*. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS. *Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos*. São Paulo: IAB/SP, 1954.

COSTA, Helouise. *Waldemar Cordeiro: a ruptura como metáfora*. São Paulo: Cosac Naify: Centro Universitário Maria Antônia da USP, 2002.

CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

GORDILHO, Walter Velloso. *Considerações em torno do ensino de arquitetura em Salvador*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1954.

GROSSO, José Armando. *Arnaldo Furquim Paoliello*. São Paulo: FAUUSP, 1975.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. *Delfim Amorim, arquiteto 1917-1972*. Recife: IAB/PE, s.d.

ISTITUTO UNIVERSITARIO DI ARCHITETTURA DI VENEZIA. *Daniele Calabi architetture e progetti 1932-1964*. Veneza: Marsilio, 1992.

LEMOES, Carlos. *Viagem pela carne*. São Paulo: Edusp, 2005.

LIMA, Daniele Abreu e. *Arquitetura moderna nos trópicos: exemplos em Pernambuco*. São Paulo: FAUUSP, 2002 [Dissertação de mestrado].

MOTTA, Flávio. *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem*. São Paulo: Nobel, 1983.

NASCIMENTO, Valdinei Lopes do. *Salvador na rota da modernidade: 1942-1965 Diógenes Rebouças. Arquiteto*. Salvador: UFBA, 1998.

PAGLIA, Dante. *Arquitetura na Bienal de São Paulo*. São Paulo: EDIAM, 1952.

REGINO, Aline Nassaralla [et al.]. *Arquitetura atribuição do arquiteto: homenagem ao centenário do arquiteto Eduardo Augusto Kneese de Mello*. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994-7.

ROCHA, Ângela Maria. *Produção do espaço em São Paulo*: Giancarlo Palanti. São Paulo: FAU/USP, 1991 [Dissertação de mestrado].

SANCHES, Aline Coelho. *A obra e a trajetória do arquiteto Giancarlo Palanti: Itália e Brasil*. São Carlos: EESC/USP, 2005.

SANOVICZ, Abrahão Velu. *Sistematização crítica da obra de arquitetura*. São Paulo: FAU/USP, 1997.

SANTANA, Rodrigo. *Arquitetura moderna em Juiz de Fora: a contribuição de Artur Arcuri*. Juiz de Fora: Funalfa, 2002.

SEGAWA, Hugo. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: ProEditores, 1997.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Roberto Burle Marx*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

VIEGAS, Fernando Felipe. *Conjunto Nacional: a construção do espigão central*. São Paulo: FAU/USP, 2003 [Dissertação de mestrado].

WEIMER, Günter. *Arquitetura modernista em Porto Alegre entre 1930 e 1945*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

XAVIER, Alberto. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS: São Paulo: Pini, 1987.

Periódicos

AÇAMBARCAM os ianques os troféus da Exposição. *Notícias de Hoje*, São Paulo, 20 jan. 1954.

AQUINO, Flávio de. Max Bill critica a nossa moderna arquitetura. *Manchete*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1953.

ARQUITETOS de renome mundial participarão da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. *Folha da manhã*, São Paulo, 23 set. 1951.

ATELIÊ junto à residência no Morumbi. *Brasil arquitetura contemporânea* (5): 14-15, Rio de Janeiro, 1955.

BARATA, Mário. A arquitetura como plástica e a importância atual da síntese das artes. *Brasil arquitetura contemporânea* (7): 11-12, Rio de Janeiro, 1956.

_____. A arquitetura na bienal. *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1953.

BENVENGO, Luciana. Paisagem renovada. *AU Arquitetura & urbanismo* (89), São Paulo, abr./mai. 2000.

BILL, Max. Beleza provinda da função e beleza como função. *Habitat* (2): 61-65, São Paulo, jan./fev./mar. 1951.

_____. O arquiteto, a arquitetura, a sociedade. *Habitat* (14): 26-7, São Paulo, jan./fev. 1954.

CLARK, Lygia. Uma experiência de integração. *Brasil arquitetura contemporânea* (8): 45, Rio de Janeiro, 1956.

CONGRESSO Internacional Extraordinário de Críticos de Arte. *Habitat* (57): 2-19, São Paulo, nov./dez. 1959.

CORDEIRO, Waldemar. A culpa é do abstracionismo. *Folha da manhã*, São Paulo, 2 dez. 1951.

CORONA, Eduardo. O testamento tripartido de Max Bill. *AD Arquitetura e Decoração* (4): s/n, São Paulo, mar./abr. 1954.

COSTA, Lúcio. A crise da arte contemporânea. *Brasil arquitetura contemporânea* (1): 2-3, Rio de Janeiro, ago./set. 1953.

_____. Architecture, art plastique. *Architecture d'aujourd'hui* (42-43): 4-5, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

_____. Oportunidade perdida. *Arquitetura e engenharia* (24/8): 20, Belo Horizonte, 1953.

CRÍTICOS de arte do mundo inteiro vão sugerir em São Paulo as bases para a construção da cidade ideal. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 26 mai. 1959.

EDIFÍCIO Antonio Ceppas. *Brasil arquitetura contemporânea* (4): 10-13, Rio de Janeiro, 1954.

FERRAZ, Geraldo. Arquitetura na IV Bienal: arquitetura mundial 1957. *Habitat* (44): 2, São Paulo, set. 1957.

_____. Bienal Ano X. *Habitat* (56) - edição especial V Bienal de São Paulo: 1-20, São Paulo, set/out. 1959.

_____. Concurso Internacional para Escolas de Arquitetura. *Habitat* (23): 40, São Paulo, ago. 1955.

_____. Roberto Burle Marx: sala especial. *Habitat* (56): 18-20, São Paulo, set./out. 1959.

GALVÃO, Patrícia. Jorge Amado põe Castro Alves cantando a URSS e a I Bienal se transforma numa “impostura”. *Fanfulla*, São Paulo, 14 set. 1951.

GIEDION, Siegfried. Le Brésil et l'architecture contemporaine. *Architecture d'aujourd'hui* (42-43): 3, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

HOMENAGEM a Roberto Burle Marx. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 out. 1959.

IMMEUBLE Antonio Ceppas, Rio de Janeiro. *Architecture d'aujourd'hui*: (45): 36-37, Boulogne-sur-Seine, 1953.

INSTITUTO Puericultura da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro. *Brasil arquitetura contemporânea* (4): 2-9, Rio de Janeiro, 1954.

MAISON d'un architect aux environs de São Paulo. *Architecture d'aujourd'hui* (49): 50-51, Boulogne-sur-Seine, out. 1953.

MAX Bill afastado do júri da bienal. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 set. 1953.

MAX Bill e a arquitetura contemporânea. *Arquitetura e engenharia* (24/8): 18, Belo Horizonte, 1953.

MILLIET, Sérgio. Introdução à II Bienal. *Brasil arquitetura contemporânea* (2-3): 2, Rio de Janeiro, nov./dez. 1953/jan. 1954.

_____. Os laureados na III Bienal. *Habitat* (23): 34, São Paulo, ago. 1955.

NEVES, Arthur. A Bienal – manobra imperialista. *Notícias de Hoje*, São Paulo, 2 set. 1951.

NIEMEYER, Oscar. Ce Qui Manque A Notre Architecture. *Architecture d'aujourd'hui* (4): 12, Boulogne-sur-Seine, set. 1947.

O imperialismo paga os prêmios da Bienal. *Notícias de Hoje*, São Paulo, 9 set. 1951.

OUTRA residência no Morumbi. *Habitat* (10): 41-44, São Paulo, 1953.

PALAVRAS do arquiteto Jorge Machado Moreira na cerimônia de distribuição dos prêmios e do encerramento da III Exposição Internacional de Arquitetura da Bienal de São Paulo. *Brasil arquitetura contemporânea* (6): 62, Rio de Janeiro, 1955.

PAVILHÃO-ESTÚDIO. *Acrópole* (195): 130-132, São Paulo, dez. 1954.

PEDREIRA, Fernando. A Bienal: impostura cosmopolita. *Fundamentos* (21): 14-5, São Paulo, ago. 1951.

PEDROSA, Mário. A primeira bienal – I. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 out. 1951.

PRÊMIOS da Exposição Internacional de Arquitetura. *Acrópole* (162): 193-200, São Paulo, out. 1951.

PRÊMIOS da II Exposição de Arquitetura. *Acrópole* (185): 222-5, São Paulo, fev. 1954.

_____. *Acrópole* (186): 275-8, São Paulo, mar. 1954.

_____. *Acrópole* (187): 326-8, São Paulo, abr. 1954.

_____. *Acrópole* (188): 383-4, São Paulo, mai. 1954.

REGISTRADAS as inscrições de trinta e quatro países. *Folha da manhã*, São Paulo, 3 jul. 1953.

RESIDÊNCIA do arquiteto. *Arquitetura e engenharia* (34): 14-17, Belo Horizonte, jan./mar. 1955.

RESIDÊNCIA do arquiteto. *Módulo* (1): 34-35, Rio de Janeiro, out. 1955.

RESIDÊNCIA no Morumbi. *AD Arquitetura e Decoração* (5): 16-19, São Paulo, mai./jun. 1954.

SOUZA, Abelardo de. Debate sobre arquitetura. *Habitat* (20): 63, São Paulo, jan. 1955.

_____. IV Congresso Brasileiro de Arquitetos. *Habitat* (14): 23, São Paulo, jan./fev. 1954.

TELLES, Lygia Fagundes. I Bienal do Museu de Arte Moderna. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1951.

TRABALHOS de arquitetos brasileiros serão expostos em Paris e Londres. *Folha da manhã*, São Paulo, 23 out. 1951.

quarto capítulo

dez projetos de cinco bienais

Livros, teses e periódicos

ANELLI, Renato. *Arquitetura e cidade na obra de Rino Levi*. São Paulo: FAU/USP, 1995 [Tese de Doutorado].

ARANHA, Maria Beatriz de Camargo. *Rino Levi: arquitetura como ofício*. São Paulo: FAU/USP, 2003 [Dissertação de mestrado].

BAKER, Geoffrey. *Le Corbusier: uma análise da forma*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1998 3ª ed.

BONDUKI, Nabil Georges. *Afonso Eduardo Reidy: arquitetos brasileiros*. Lisboa: Editorial Blau: São Paulo: Instituto Lina Bo e P M Bardi, 1999.

- _____. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e divisão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.
- CABRAL, Renata Campello. *Mario Russo: um arquiteto racionalista italiano em Recife*. São Carlos: EESC/USP, 2003 [Dissertação de mestrado].
- CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. *Arquitetura em revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. São Paulo: FAU/USP, 2005 [Tese de Doutorado].
- COSTA, Lucio. *Arquitetura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço da Documentação, 1952.
- COSTA, Lucio. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.
- DORFLES, Gillo. *La arquitectura moderna*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1957.
- DUARTE, Hélio de Queiroz; MANGE, Ernest Robert de Carvalho. *Contribuição ao ensino da arquitetura*. São Paulo: FAU/USP, 1954.
- DUDEQUE, Iran. *Espírais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 2001.
- GIEDION, Siegfried. *Ciám: a decade of new architecture*. Zurich: Girsberger, 1951.
- GNOATO, Luís Salvador Petrucci. *Introdução ao ideário modernista na arquitetura de Curitiba (1930-1965)*. São Paulo: FAU/USP, 1997 [Dissertação de mestrado].
- FRANCK, Klaus. *Affonso Eduardo Reidy: Bauten und Projekte*. Stuttgart: G. Hatje, 1960.
- GALVÃO, Tania Nunes. *Sérgio Rodrigues: arquiteto e desenhista de móvel*. São Paulo: FAU/USP, 2001 [Dissertação de mestrado].
- GAZANEO, Jorge. *Lucio Costa*. Buenos Aires: Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas, 1959.
- HITCHCOCK, Henry Russel. *Latin american architecture since 1945*. New York: MoMA, 1955.
- KLIASS, Rosa Grená. *Evolução dos parques urbanos na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAU/USP, 1989 [Dissertação de mestrado].
- KRUFT, Hanno-Walter. *Historia de la teoria de la arquitectura*. Madri: Alianza Forma, 1990.
- MACHADO, Lúcio Gomes. *Rino Levi e a renovação da arquitetura brasileira*. São Paulo: FAU/USP, 1992 [Tese de doutorado].
- MARTINS, Carlos Aberto Ferreira. *Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil; a obra de Lucio Costa*. São Paulo: FFLCH/USP, 1987 [Dissertação de Mestrado].
- MINDLIN, Henrique. *Modern architecture in Brazil*. Amsterdam: Rio de Janeiro: Colibris, 1956.
- MIRANDA, Clara Luiza. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. São Carlos: EESC/USP, 1998 [Dissertação de mestrado].
- MONTANER, Josep Maria. *Arquitectura y crítica*. Barcelona: Gustavo Gili, 2000 2ª ed.
- NASLAVSKY, Guilah. *Arquitetura moderna em Pernambuco, 1951-1972: as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim*. São Paulo, FAU/USP, 2004. [Tese de doutorado].
- _____. *Modernidade arquitetônica no Recife: arte, técnica e arquitetura de 1920 a 1940*. São Paulo: FAU/USP, 1998 [Dissertação de mestrado].
- OLIVEIRA, Fabiano Lemes de. *Projetos para o parque do Ibirapuera: de Manequinho Lopes a Niemeyer (1926-1954)*. São Carlos, 2003 [Dissertação de mestrado].
- PAGLIA, Dante. *Arquitetura na Bienal de São Paulo*. São Paulo: EDIAM, 1952.
- PAPADAKI, Stamo. *The work of Oscar Niemeyer*. New York: Reinhold, 1950.
- PATETTA, Luciano. *Historia de la arquitectura: antología crítica*. Madrid: Hermann Blume, 1984.
- PÉREZ GÓMES, Alberto. *La génesis y superación del funcionalismo em arquitectura*. México: Editorial Limusa, 1980.
- RAHME, Anna Maria Abrão Khoury. *Inovar e conservar: a ambigüidade no Monumento Constitucionalista*. São Paulo: FAU/USP, 2005 [Tese de Doutorado].
- RUSSO, Mario. *Tradução arquitetônica da célula habitativa: sua evolução e previsões lógicas*. São Paulo: FAU/USP, 1956 [Tese de cátedra].
- TAFURI, Manfredo. *Teorias e História da Arquitetura*. Lisboa: Ed. Presença; Martins Fontes, 1979.
- VENTURA, Lionello. *Historia de la crítica de arte*. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.
- WILHEIM, Jorge. *A obra pública de Jorge Wilhelm: 50 anos de contribuição às cidades e à vida urbana*. São Paulo, DBA, 2003.
- WISNIK, Guilherme. *Lucio Costa*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.
- XAVIER, Alberto (org.). *Lucio Costa: sobre arquitetura*. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962.
- ZEIN, Ruth Verde. *O lugar da crítica: ensaios oportunos de arquitetura*. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

Periódicos

A indicação bibliográfica dos artigos de periódicos referentes aos 255 projetos expostos nas cinco primeiras Exposições Internacionais de Arquitetura encontra-se incluída nas fichas analíticas das obras.

outras referências

Arquivos consultados

Arquivo Histórico Municipal Washington Luís da Prefeitura de São Paulo
Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo
Arquivo Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
Arquivo Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro
Arquivo Prefeitura Municipal de Salvador
Arquivo Público do Estado
FAU/UFRJ
FAU/USP – Seção de Projetos
Folha de São Paulo
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro
IEB/USP
MAC/USP
MAM/SP
O Estado de S. Paulo

Depoimentos

Carlos Alberto Cerqueira Lemos, 2006
Guimar Morello, 1998
Haruyoshi Ono, 2006
Ivan Smarcevscky, 2006
Jorge Ferreira, 2000
Júlio Roberto Katisnky, 1996
Lúcio Gomes Machado, 2007
Sérgio Rodrigues, 2006

Sítios da internet

Bienal de Veneza <www.labiennale.org>
CPDOC/FGV <www.cpdoc.fgv.br>
FAU/USP <www.usp.br/fau>
Fundação Bienal de São Paulo <www.bienalsaopaulo.globo.com>
Instituto de Arquitetos do Brasil <www.iab.org.br>
MoMA <www.moma.org>
Vitruvius <www.vitruvius.com.br>

fontes das imagens

capítulo 1

abertura Fonte: Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo.

1 Fonte: *Última Hora*, Rio de Janeiro, 21 out 1951. Fonte: Hemeroteca do Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo.

2 Fonte: *Hoje*, São Paulo, 21 out 1951. Fonte: Hemeroteca do Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo.

3 Foto Rollie McKenna. Fonte: MINDLIN, Henrique. *Arquitetura moderna no Brasil*, Rio de Janeiro, Aeroplano, 1999, p. 11

4 Fonte: MODERNIDADE: art brésilien du XXe. Siècle. Paris: Association Française d'Action Artistique, 1987 p. 101.

5, 6 Fonte: FERRAZ, Geraldo. *Warchavchik e a introdução da arquitetura nova no Brasil*. São Paulo: Masp, 1965 p. 87 [foto 5] e p. 95 [foto 6].

7, 11, 12 Fonte: COSTA, Lucio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995 p. 71 [foto 7], p. 74 [foto 11] e p. 75 [foto 12].

8 Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia da arquitetura moderna do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000 p. 37.

9 Foto Studio Rembrandt, s.d. Fonte: BONDUKI, Nabil Georges (org.). *Afonso Eduardo Reidy*. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi; Lisboa: Editorial Blau: 2000 p. 37.

10 Foto Leonardo Crescenti Neto. Fonte: BIENAL Internacional de São Paulo (17: 1983). *Flávio de Carvalho*. São Paulo, Maria Otília Bocchini, 1983, p. 46.

13 Fonte: TOUCEDA, Adriana Marta Irigoyen de. *Frank Lloyd Wright e o Brasil*. São Paulo: FAUUSP, 2000 p. 42 [Dissertação de mestrado].

14 Fonte: COELHO, Lélia Fota. *Alcides Rocha Miranda: caminho de um arquiteto*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p. 23.

15 Foto Estúdio Sacha, s.d. Fonte: SCHWARTZ, Jorge. *Da antropofagia à Brasília: Brasil 1920-1959*. São Paulo: Faap, 2002 p. 387.

16 Reprodução Celso Brando, Alberto Taveira e Marco Antonio Belandi. Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia da arquitetura art déco do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000 3ª ed. p. 102.

17 Fonte: SALÃO Paulista de Belas Artes, 2, São Paulo, Catálogo do 2º Salão Paulista de Belas Artes, 1935, não paginado.

18 Fonte: SALÃO Paulista de Belas Artes, 3, São Paulo, Catálogo do 3º Salão Paulista de Belas Artes, 1936, não paginado.

19 Fonte: SALÃO Paulista de Belas Artes, 5, São Paulo, Catálogo do 5º Salão Paulista de Belas Artes, 1938, não paginado.

20 Foto Luis Saia. Arquivo Mário de Andrade IEB/USP. Fonte: TRAVASSOS, Elizabeth. Mário e o folclore. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* [30]: 104, Brasília, Iphan, 2002.

21 Reprodução César Barreto e Paulo dos Santos Batista. Fonte: BONDUKI, Nabil Georges (org.). *Afonso Eduardo Reidy*. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi; Lisboa: Editorial Blau: 2000 p. 51.

22 Fonte: SIEGFRIED Giedion. *A decade of contemporary architecture*. Zurich: Girsberger, 1954 2ª ed. p. 137.

23 Foto Vera Voto. Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia da arquitetura eclética do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000 3ª ed. p. 48.

24 Foto Nelson Kon. Fonte: WISNIK, Guilherme. *Lucio Costa*. São Paulo: Cosac Naify, 2001, p. 56.

25 Fonte: *Architectural forum* (70 n.6): 448-449, Nova York, jun. 1939.

26 Fonte: <http://carmen.miranda.nom.br/gal_aurora.htm> acesso em 6 maio de 2007.

27, 28, 29, 31 Foto G E Kidder Smith, 1942c. Fonte: SCHWARTZ, Jorge. *Da antropofagia à Brasília: Brasil 1920-1959*. São Paulo: Faap, 2002 p. 413 [foto 27], p. 394 [foto 28], p. 391 [foto 29] e p. 411 [foto 31]

30, 32, 33 Fotos G. E. Kidder Smith. Fonte: GOODWIN, Philip. *Brazil builds: architecture new and old 1652-1942*. New York: MoMA, 1943 p. 135 [foto 30], p. 145 [foto 32] e p. 175 [foto 33]

34 Fonte: OSÓRIO, Luiz Camillo. *Flávio de Carvalho*, São Paulo: Cosac Naify, 2000, p. 31.

35, 36, 37, 38, 39, 40 Fonte: RASM *Revista Anual do Salão de Maio*, São Paulo, Metal Leve, 1984 (edição fac-similar do nº 1, 1939), não paginado.

41, 42, 43 Fonte: DAHER, Luiz Carlos. *Flávio de Carvalho: arquitetura e expressionismo*. São Paulo: Projeto, 1982, p. 74 [fotos 41 e 42] e p. 62 [imagem 43]

44 Foto Peter Scheier. Fonte: XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: Pini, 1983 p. 7.

45 Fonte: SCHWARTZ, Jorge. *Da antropofagia à Brasília: Brasil 1920-1959*. São Paulo: Faap, 2002 p. 388.

46 *Acrópole* (19): 44, São Paulo, nov. 1939.

47 Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq019/019_03_01.jpg> acesso em 6 mai 2007.

48 Fonte: *Brasil Constrói*. Rio de Janeiro: Ministério de Viação e Obras Públicas, n.3, jul. 1949. Disponível em <http://www.flavio.rioglobolog.com.br/archive_2006_08_06_4.html> acesso em 8 mai 2007.

49 Foto Hildegard Rosenthal, 1940c. Fonte: SCHWARTZ, Jorge. *Da antropofagia à Brasília: Brasil 1920-1959*. São Paulo: Faap, 2002 p. 241.

50, 58, 51, 64, 71 Fotos do autor.

52, 72 Fonte: BARDI, Pietro Maria. *História do Masp*. São Paulo: Instituto Quadrante, 1992 p. 52 [foto 52] e p. 121 [foto 72].

53, 54, 55 Fonte: SCHINCARIOL, Zuleica. *Através do espaço do acervo: o Masp na 7 de abril*. São Paulo: FAU/USP, 2000 p. 53 [imagem 53], p. 78-79 [imagem 54] e p. 151 [foto 55].

56, 74 Fonte: FERRAZ, Marcelo Carvalho. *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, p. 111 [foto 56], p. 64 [foto 74].

59, 61, 63 Fonte: Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo.

60 Fonte: Biblioteca da FAU/USP.

62 Fonte: MAM: *Museu de Arte Moderna de São Paulo*. São Paulo: DBA, 1995 p. 25.

65 Foto Arquivo MAM/RJ. Fonte: LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: Edusp, 1999 p. 147.

57, 66, 67, 68 Fonte: BONDUKI, Nabil Georges (org.). *Afonso Eduardo Reidy*. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi; Lisboa: Editorial Blau: 2000, p. 155 [foto 57], p. 168 [fotos 66 e 67], p. 169 [imagem 68].

69, 70 Fonte: Arquivo MAM/RJ.

73 Fonte: BARDI, Pietro Maria. *Lembrança de Le Corbusier: Atenas, Itália, Brasil*. São Paulo: Nobel, 1983 p. 109.

75 Foto Diários Associados. Fonte: BARDI, Pietro Maria. *Lembrança de Le Corbusier: Atenas, Itália, Brasil*. São Paulo: Nobel, 1983 p. 97.

76 Fonte: BILL, Max. Beleza provinda da função, beleza como função. *Habitat* (2): 64, São Paulo, jan.-mar. 1951.

77 Foto Peter Scheier. Fonte: PFEIFFER, Wolfgang. Die Tätigkeit der Museen von São Paulo. *Werk* (s/n): 271, ago. 1953.

78 Fonte: AQUINO, Flávio de. Max Bill critica a nossa arquitetura moderna. *Manchete*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1953, não paginado.

capítulo 2

abertura Foto Peter Scheier. Fonte: *Guia das artes internacional* (14): 57, São Paulo, 1989.

1, 4 Fonte: *La Biennale di Venezia* (1): 9, Veneza, jul. 1950 [foto1] e p. 7 [foto 4]

2 Foto: Manfred Brückels. Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e5/AltMuseum_1a.jpg> acesso em 17 jul. 2007.

3 Fonte: <http://commons.wikimedia.org/Image:British_Museum.jpg> acesso em 17 jul. 2007.

5 Fonte: <<http://www.labiennale.org/it/arte/storia/900/it/1261.html>> acesso 10 mai 2007.

6 Fonte: *La Biennale di Venezia* (19-20): 7, Veneza, abr./jun. 1954.

7 Fonte: DAL CO, Francesco; MAZZARIOL, Giuseppe. *Carlo Scarpa*: opera completa. Milano: Electa, 1984 p. 115.

8 Foto Abílio Guerra. Fonte: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq077/arq077_00.asp&h=225&w=300&sz=24&hl=pt-BR&start=4&tbnid=TQHTUCB6IkJIM:&tbnh=87&tbnw=116&prev=/images%3Fq%3Dvенеza%2Bcarlo%2Bscarpa%26gbv%3D2%26snum%3D10%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DG> acesso em 10 de mai 2007.

9 Fonte: *La Biennale di Venezia* (30):47, Veneza, jan./mar. 1958.

10 Fonte: BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1997 3ª ed. p. 259.

11, 12, 14, 18 Fonte: HUNTER, Sam. *The museum of Modern Art, New York: the history and the collection*. New York: Harry Abrams Inc; MoMA, 1993 8ª ed p. 13 [foto 11], p. 15 [foto12], p. 21 [foto 14] e p. 25 [foto 18].

13 Fonte: GROPIUS, Walter. *The new architecture and the Bauhaus*. London: Faber and Faber, 1955 p. 45.

15, 16 Fonte: *Architectural forum* (v. 71): 121, Nova York, ago. 1939 e p. 116 [foto 16]

17, 19, 42, 43, 58 Foto do autor.

20 Foto CIAM-Archiv, Institut für Geschichte und Theorie der Architektur der Eidgenössischen Technischen Hochschule, Zurich. Fonte: TAYLOR, Brian Brace. *Pierre Chareau*. Designer and architect. Köln: Taschen, 1992 p. 11.

21 Fonte: JEANNERET-GRIS, Charles Edouard. *La ville radieuse*. Paris : Vincent, Fréal & Cie., 1964 p. 171.

22 Fonte: AYMONINO, Carlo. *La vivienda racional*: ponencias de los congresos CIAM 1929-1930. Gustavo Gili, 1973 p. 214.

23 Fonte: BARDI, Pietro Maria. *Lembrança de Le Corbusier*: Atenas, Itália, Brasil. São Paulo: Nobel, 1984 p. 36.

24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40 Fonte: GIEDION, Siegfried. *A Decade of new architecture*. Zurich: Editions Girsberger, 1951 p. 220 (imagem 24), p. 134 (imagem 25), p. 136 (imagem 26), p. 103 (imagem 27), p. Xx (imagem 28), p. 92 (imagem 29), p. 111 (imagem 30), p. 192 (imagem 31), p. 162 (imagem 32), p. 105 (imagem 33), p. 110 (imagem 34), p. 143 (imagem 35), p. 151 (imagem 36), p. 153 (imagem 37), p. 122 (imagem 38), p. 137 (imagem 39), p. 192 (imagem 40).

41 Fonte: BARDI, Pietro Maria. *História do Masp*. São Paulo: Instituto Quadrante, 1992 p. 73.

44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 59 Fonte: Arquivo Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo.

50 Fonte: *Habitat* (6): 91, São Paulo, 1951.

52 Fonte: BONDUKI, Nabil Georges (org.). *Afonso Eduardo Reidy*. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi; Lisboa: Editorial Blau: 2000 p. 155.

53 Fonte: *Módulo* (1): 19, Rio de Janeiro, mar. 1955.

54 Fonte: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.datadesign.co.za/Images/QB_sao_paulo_ibirapuera_park_col033102_240cm.jpg&imgrefurl=http://www.datadesign.co.za/Satellite2.htm&h=677&w=791&sz=189&hl=pt-BR&start=20&tbnid=rZReH9upkMlgM:&tbnh=122&tbnw=143&prev=/images%3Fq%3DIBIRAPUERA%26gbv%3D2%26snum%3D10%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DG> acesso em 16 mai 2007.

55 Fonte: SCHWARTZ, Jorge. *Da Antropofagia à Brasília*. São Paulo: 2002 p. 425.

56 Fonte: *Módulo* (1): 23, Rio de Janeiro, mar. 1955 [foto 56] e p. 26 [foto 57]

60 Fonte: *Habitat* (11): 3, São Paulo, jun. 1953.

61 Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999, p. 167.

62 Fonte: PAGLIA, Dante. *Arquitetura na Bial de São Paulo*. São Paulo: EDIAM, 1952 não paginado.

capítulo 3

abertura, 76, 105 Fonte: AMARANTE, Leonor. *As bienais de São Paulo - 1951 a 1987*. São Paulo: Projeto, 1989, p. 35 [abertura], p. 59 [foto 76] e p. 70 [foto 105]

1, 5, 7, 9, 10, 21, 22, 23, 24, 29, 30, 31, 52, 77, 78 Fonte: PAGLIA, Dante. *Arquitetura na Bial de São Paulo*. São Paulo: Ediam, 1952 não paginado.

2, 3, 118 Fonte: Arquivo Wanda Svevo da Fundação Bial de São Paulo.

4 Fonte: REGINO, Aline Nassarala [et al.]. *Arquitetura atribuição do arquiteto: homenagem ao centenário de Eduardo Kneese de Mello (1906-1994)*. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005 p. 89.

6 Fonte: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://photoblog.parella.com/images/20051125234058_157_normal_pani.jpg&imgrefurl=http://photoblog.parella.com/%3Fp%3D127&h=547&w=720&sz=178&hl=pt-BR&start=0&tbnid=CKdBnpGJrmt12M:&tbnh=106&tbnw=140&prev=/images%3Fq%3Dmario%2Bpani%2Bmaestros%26gbv%3D2%26snum%3D10%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DG> acesso em 27 mai. 2007.

8, 16, 17, 18, 26, 27, 38, 56, 58, 60, 61, 62, 73, 75, 83, 87, 90, 91, 92, 93, 95, 100, 104 Fotos do autor.

11 12 Fonte: DAHER, Luiz Carlos. *Flávio de Carvalho*: arquitetura e expressionismo. São Paulo: Projeto, 1982, p. 20 [foto 11] e p. 74 [foto 12]

13 Fonte: WARCHAVCHIKI, arquiteto. *Acropole* (184): 167, São Paulo, p. 167.

14, 15, 32, 35, 101 Fonte: MINDLIN, Henrique. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p. 51 [foto 14], p. 11 [foto 15], p. 234 [foto 32], p. 157 [foto 35] e p. 244 [foto 101].

19 Foto Karl Stas. Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Le_Corbusier_Unit%C3%A9_d%27habitation_fa%C3%A7ade.JPG> acesso em 27 mai. 2007.

20 Fonte: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.galinsky.com/buildings/ronchamp/ronchamp1.jpg &imgrefurl=http://www.galinsky.com/buildings/ronchamp/index.htm&h=299&w=430&sz=57&hl=pt-BR&start=0&um=1&tbnid=iiFkZtEt4_UeM:&tbnh=88&tbnw=126&prev=/images%3Fq%3Dle%2Bcorbusier%2Bronchamp%26snum%3D10%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN> acesso em 27 mai 2007.

25 Fonte: VILLA a Petropolis. *Architecture d'Aujourd'Hui* (23): 15, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

28 Fonte: MATERNIDADE Universitária de São Paulo. *Arquitetura e Engenharia* (20): 27, Belo Horizonte, jan.-fev. 1952.

33 Fonte: COELHO, Lélia Frota. *Alcides Rocha Miranda*: caminho de um arquiteto. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p. 125.

34 Fonte: BRÉSIL, Hotel a Bahia. *Architecture d'aujourd'hui* (25): 32, Boulogne-sur-Seine, jan. 1954.

36 Fonte: FABRIQUE à Sao Paulo (CLBC). *Architecture d'Aujourd'Hui* (23): 32, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

37 Fonte: RESIDÊNCIA do arquiteto – São Paulo. *Brasil arquitetura contemporânea* (4): 29, Rio de Janeiro, 1954.

39 Fonte: ISTITUTO UNIVERSITARIO DI ARCHITETTURA DI VENEZIA. *Daniele Calabi architettura e progetti 1932-1964*. Veneza: Marsilio, 1992, p. 61

40 Fonte: *Acropole* (213): capa, jul. 1956.

41 Fonte: ZANINI, Walter (org.). *Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*. Catálogo geral das obras. São Paulo: MAC/USP, 1973, p. 437.

42, 44 Fonte: ARAÚJO, Olívio Tavares de. *Pintura brasileira do século XX: trajetórias relevantes*. Rio de Janeiro: Editora 4 Estações, 1998, p. 51 [foto 42] e p. 49 [foto 44].

43 Fonte: BARBOSA, Ana Mae. *As bienais no acervo do MAC*. São Paulo: MAC/USP, 1987, p. 38.

45 Fonte: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_cp_arquivos/cp_1948_1missa.jpg> acesso em 27 mai. 2007.

46 Fonte: ARQUITETURA no parque Ibirapuera. *Habitat* (16): 26, São Paulo, mai./jun. 1954

47 Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq051/projeto1/desenho6.htm> acesso em 27 mai. 2007.

48 Fonte: STRICKLAND, Carol. *Arte comentada*: da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001 6ª ed., p. 137.

49 Fonte: <http://de.wikipedia.org/wiki/Bild:Alfeld_Fagus-Werke_1-2005.jpg> acesso em 26 jun. 2007.

50 Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Bauhaus-Dessau_Wohnheim_Balkone.jpg> acesso em 26 jun. 2007.

51 79 Fonte: GIEDION, Siegfried. *A Decade of new architecture*. Zurich: Editions Girsberger, 1951 p. 253 [foto 51] e p. 267 [foto 79].

53 Foto Jack Boucher. Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Mies_van_der_Rohe_photo_Farnsworth_House_Piano_USA_9.jpg54> acesso em 26 jun. 2007.

54 Fonte: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.bc.edu/bc_org/avp/cas/fnart/fa267/flw/jwax2.jpg&imgrefurl=http://www.bc.edu/bc_org/avp/cas/fnart/fa267/FLW_JWax.html&h=406&w=577&sz=46&hl=pt-BR&start=0&um=1&tbnid=5eZz97dnbE500M:&tbnh=94&tbnw=134&prev=/images%3Fq%3Dfrank%2Billoyd%2Bwright%2Bbracine%2Bwax%26snum%3D10%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DG> acesso em 26 jun. 2007.

55 Fonte: *Módulo* (1): 27, Rio de Janeiro, mar. 1955.

57 Fonte: MINISTÉRIO da Marinha. Centro de instruções do corpo de fuzileiros navais. *Arquitetura e engenharia* (16): 27, Belo Horizonte, mar./abr. 1951.

59, 117 Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999, p. 135 [imagem 59] e p. 58 [foto 117 – Juvêncio Souza].

63 64 65 Fonte: PRÊMIOS da II Exposição Internacional de Arquitetura. *Acrópole* (185): 223, São Paulo, fev. 1954, p. 225 [foto 64] e p. 222 [foto 65].

66 Fonte: PRÊMIOS da II Exposição Internacional de Arquitetura. *Acrópole* (187): 328, São Paulo, abr. 1954.

67 68, 69, 70, 71 PRÊMIOS da II Exposição Internacional de Arquitetura. *Acrópole* (186), São Paulo, mar. 1954, p. 276 [fotos 68 e 70], p. 278 [fotos 67 e 69] e p. 275 [foto 71].

72 Fonte: CENTRE Civique à Curitiba. *Architecture d'Aujourd'Hui* (23): 48, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

74 Fonte: BARDI, Pietro Maria. *Lembrança de Le Corbusier*: Atenas, Itália, Brasil. São Paulo: Nobel, 1984 p. 83.

80, 81 Fonte: FERRAZ, Geraldo. Arquitetura e urbanismo na III Bienal de São Paulo. *Habitat* (23), São Paulo, ago. 1955 e p. 5 [foto 80] e p. 9 [foto 81].

82 Fonte: NÚCLEO residencial para a refinaria Presidente Bernardes. *Bem estar* (1): 6, São Paulo,

85, 113 Fonte: ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 273 [desenho 85] e p. 400 [foto 113].

86 Fonte: COSTA, Lucio. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Companhia das Artes, 1995, p. 278.

88 Fonte: HABITATION a São Conrado pres de Rio. *Architecture d'Aujourd'Hui* (31): XV, Boulogne-sur-Seine, jun. 1960.

89 Fonte: FABRIQUE de lait en poudre a Varzinha (sic). *Architecture d'Aujourd'Hui* (31): XXIII, Boulogne-sur-Seine, jun. 1960.

94 Fonte: FERRAZ, Geraldo. Arquitetura na IV Bienal – arquitetura mundial 1957. *Habitat* (44): 7, São Paulo, set./dez. 1957.

96 Fonte: CIDADE Universitaria de Caracas: the construction of modern utopia. Caracas: Ciudad Universitaria de Caracas, Patrimônio, 1999, não paginado.

97 98 Fonte: SEGAWA, Hugo. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: ProEditores, p. 136 [foto 97 – José Moscardi] e p. 127 [foto 98 – Peter Scheier].

99 Fonte: BRASIL, Luciana Tombi. *A obra de David Libeskind*: ensaio sobre as residências unifamiliares. São Paulo: FAU/USP, 2004, p. 162 [Dissertação de mestrado].

102 Fonte: CAVALCANTI, Lauro. *Quando o Brasil era moderno*: guia de arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 238.

103 Fonte: KAMITA, João Masao. *Vilanova Artigas*. São Paulo: Cosac Naify, 2000, p. 68.

106 Foto Miroslav Javurek. RISÉRIO, Antonio. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995, p. 172.

107 Fonte: FERRAZ, Marcelo Carvalho. *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1996 2ª ed., p. 135.

108 Foto Maria Marta Teixeira.

109 Fonte: DELEVOY, Robert L. *Victor Horta*. Bruxelles: Elsevier, 1958, não paginado.

110 Fonte: FERRAZ, Geraldo. Arquitetura e urbanismo na III Bienal de São Paulo. *Habitat* (56): 10, São Paulo, set./out. 1959.

111 Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Eetservies_Van_de_Velde_SIMG0674.jpg> acesso em 23 mai. 2007.

112 Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq056/arq056_03.asp> acesso em 23 mai. 2007.

114 Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:860-880_Lake_Shore_Drive.jpg> acesso em 23 mai. 2007.

115, 116 Fonte: SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Roberto Burle Marx*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

capítulo 4

abertura, 39, 40, 41 Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999, p. 166 [abertura], p. 148 [foto 39], p. 152 [imagem 40] e p. 154 [foto 154].

1, 3, 7, 8, 9, 53 Fonte: MINDLIN, Henrique. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p. 143 [imagem 1], p. 145 [imagem 3], p. 156 [imagens 7 e 8], p. 157 [foto 9], p. 269 [foto 53]

2, 18, 19 Fonte: PAGLIA, Dante. *Arquitetura na Bienal de São Paulo*. São Paulo: Ediam, 1952, não paginado.

4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 25, 26, 27, 33, 42, 43, 44, 45, 54, 55 Fotos do autor.

14, 15, 16, 20, 21 Fonte: MATERNIDADE Universitária de São Paulo. *Arquitetura e Engenharia* (20), Belo Horizonte, jan./fev. 1952, p. 34 [imagens 14 e 15], p. 27 [fotos 16 e 20] e p. 28 [foto 21].

17 Fonte: NEUFERT, Ernest. *A arte de projetar em arquitetura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2000 14ª ed., p. 387.

22 Fonte: CABRAL, Renata Campello. Documento Mário Russo: por uma visão integral de arquitetura. *Arquitetura e urbanismo* (96): 95, São Paulo, jun./jul. 2001.

Fonte: Arquivo Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo.

23 Fonte: *Acrópole* (213): 349, São Paulo, jul. 1956.

24 Fonte: CABRAL, Renata Campello. *Mário Russo*: um arquiteto racionalista pernambucano em Recife. São Carlos; EESC/USP, 2003.

28 Fonte: *Módulo* (1): 19, Rio de Janeiro, mar. 1955.

29 Fonte: XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: Pini, 1983, p. 24.

30 Fonte: ARQUITETURA no parque Ibirapuera. *Habitat* (16): 26, São Paulo, mai./jun. 1954.

31 Fonte: *Módulo* (1): 23, Rio de Janeiro, mar. 1955.

32 Fonte: SCHWARTZ, Jorge. *Da Antropofagia à Brasília*. São Paulo: 2002 p. 425.

34, 35 Fonte: CENTRE Civique à Curitiba. *Architecture d'Aujourd'Hui* (23): 48, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

36 Fonte: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/59/Palacio_Iguassu_1.jpg/300px-Palacio_Iguassu_1.jpg&imgrefurl=http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%25C3%25A1cio_Igua%25C3%25A7u&h=199&w=300&sz=16&hl=pt-BR&start=0&um=1&tbnid=FQEAUUCj2stM:&tbnh=77&tbnw=116&prev=/images%3Fq%3Dpalacio%2Biguacu%26svnum%3D10%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN> acesso em 1 jun. 2007.

37 Fonte: <<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://img527.imageshack.us/img527/2188/centrocivico133ua.jpg&imgrefurl=http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p%3Ft%3D322079&h=450&w=600&sz=290&hl=pt-BR&start=0&tbnid=0oojIM8EVXdo2M:&tbnh=101&tbnw=135&prev=/images%3Fq%3Dtribunal%2Bdo%2Bjuri%2Bcuritiba%26gbv%3D2%26svnum%3D10%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DG>> acesso em 1 jun. 2007.

38 Fonte: <http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/curitiba/bairros/mostra_figura.asp?figura=Bairro+Centro+Civico%5FPal%E1cio+Igua%E7u+e+ao+fundo+Secretarias+Estaduais%2EJPG&d+escricao=Bairro+Centro+C%EDvico%2CPal%E1cio+Igua%E7u> acesso em 1 jun. 2007

46, 47 Fonte: ESCOLA de Engenharia de São Carlos. *Habitat* (33), São Paulo, abr. 1956, p. 46 [imagens 46 e 47].

48, 49, 50 Fotos Marco Aurélio Fiocchi.

51 Fonte: COSTA, Lucio. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Companhia das Artes, 1995, p. 278.

52 Fonte: BOTHEY, Josep Maria. *Oscar Niemeyer*. Barcelona: Gustavo Gili, 1996, p. 174.

56, 57 Fotos Maria Marta Teixeira.

58, 59, 60, 61 Fonte: WILHEIM, Jorge. *A obra pública de Jorge Wilhelm*: 50 anos de contribuição às cidades e à vida urbana. São Paulo, DBA, 2003, p. 34 [imagens 58 e 59 e foto 61] e p. 35 [imagem 60].

análise das obras

abertura, 187a, 188a, 188b, 242a, 242b, 252a, 252b Fonte: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999, p. 61 [abertura], p. 78 [imagem 187a], p. 133 [foto 188a], p. 141 [foto 188b], p. 152 [imagem 242a], p. 154 [foto 242b], p. 61 [fotos 252a e 252b]

1 Fonte: FERRAZ, Geraldo. Abelardo Riedy de Souza. *Habitat* (39): 21, São Paulo, fev. 1957.

2 Fonte: *Casa e Jardim* (1), São Paulo, 1953.

3a, 3b Fonte: *Habitat* (8): 16-7, São Paulo, 1952.

4a, 4b, 140a, 140b Fonte: *Brasil arquitetura contemporânea* (4): 29, Rio de Janeiro, 1954.

5a, 11a, 13a, 13b, 17a, 19a, 19b, 26a, 26b, 28b, 31b, 46b, 52b, 52b, 54a, 54b, 54c, 61a, 61c, 72b, 73a, 74a, 75a, 75b, 75c, 94b, 116a, 116b, 121a, 121c, 124a, 136b, 143c, 143d, 145b, 149a, 149c, 150b, 152c, 153, 154b, 154c, 164a, 169b, 181b, 187c, 189a, 189c 190a, 190c, 191b, 204, 209a, 210a, 211b, 212a, 219a, 219b, 220b, 232a, 232b, 232c, 241b, 241c, 244a, 246b, 248aa, Fotos do autor.

5b, 11b, 11c, 12b, 12c, 17b, 29a, 29b, 32a, 32b, 46a, 59a, 59b, 61b, 71a, 71b, 78a, 115b, 122a, 126a, 126b, 136a, 137a, 137b, 138a, 138b, 138c, 143a, 143b, 144a, 144b, 144c, 146a, 146b, 146c, 150a, 152a, 152b, 154a, 155, 166a, 166b, 169a, 171a, 171b, 176a, 176b, 191a, 193a, 193b, 193c, 202a, 202b, 217a, 217b, 217c, 222a, 222b, 229a, 229b, 229c, 246a Fonte: MINDLIN, Henrique. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p. 74 [imagem 5b], p. 154 [imagens 11b e 11c], p. 62 [imagem 12b], p. 63 [foto 12c], p. 121 [imagem 17b], p. 68 [imagem 29a e foto 28b], p. 93 [foto 32a], p. 92 [imagem 32b], p. 156 [imagem 46a], p. XXV [imagens 59a e 59b], p. 198 [imagem 61b], p. 129 [imagens 71a e 71b], p. 133 [imagem 78a], p. 60 [imagem 115b], p. 235 [imagem 122a], p. 246 [imagens 126a e 126b], p. 108 [imagem 136a], p. 47 [foto 137a e imagem 137b], p. 51 [imagem 138a e imagens 138b e 138c], p. 88 [imagens 143a e 143b], p. 98 [foto 144a e imagem 144b], p. 99 [foto 144c], p. 66 [imagens 146a e 146b], p. 67 [foto 146c], p. 108 [imagem 150a], p. 125 [imagens 152a e 152b], p. 198 [imagem 154a], p. 40 [foto 155], p. 160 [imagem 166a], p. 161 [foto 166b], p. 74 [imagem 169a], p. 47 [foto 171a e imagem 171b], p. 95 [imagens 176a, 202a e fotos 176b, 202b], p. 78 [imagem 191a], p. 54 [imagem 193a e foto 193b], p. 55 [foto 193c], p. 244 [fotos 217a e 217c e imagem 217b], p. 164 [imagem 222a], p. 165 [foto 222b], p. 201 [imagem 229a e fotos 229b e 229c], p. 269 [foto 246a].

6a, 6b, 168a, 168b Fonte: Acrópole (166), São Paulo, p. 359 [imagens 6a e 168a] e p. 358 [imagens 6b e 168b].

7a, 7b Fonte: MAISON d'un médecin à São Paulo. *Architecture d'Aujourd'hui* (23): 75, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

9a Fonte: FRANCISCO Beck arquiteto. *Acrópole* (184): 175, São Paulo, jan. 1954.

9b Fonte: *Werk* (40): 121 ago. 1953

10a, 10b, 139a Fonte: Biblioteca FAU/USP.

12a, 53a, 76a, 76b, 77b, 126c, 130a, 131a, 135a, 135b, 231b Fonte: CAVALCANTI, Lauro. *Quando o Brasil era moderno*: guia de arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 100 [foto 12a], p. 419 [imagem 53a], p. 261 [imagem 76a], p. 259 [foto 76b], p. 319 [imagem 77b], p. 69 [foto 126c], p. 113 [imagem 130a], p. 115 [imagem 131a], p. 119 [imagens 135a e 135b], p. 239 [foto 231b]

14a, 14b, 14c Fonte: *Habitat* (5), São Paulo, 1951, p. 48 [imagem 14a], p. 49 [imagens 14b e 14c].

15a Fonte: HELIO Duarte e Carvalho Mange. *Acrópole* (184): 195, São Paulo, jan. 1954.

15b, 15c Fonte: *Habitat* (6): 68, São Paulo, 1952.

18a, 18b Fonte: *Arquitetura e engenharia* (15): 54, Belo Horizonte, jan./fev. 1951.

21a, 21b Fonte: MAISON de week-end à Tijuca. *Architecture d'aujourd'hui* (23): 74, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

26c, 190b Fonte: *Habitat* (6): 56-63, São Paulo, 1952.

27 a, 27b Foto Landau. Fonte: EDIFICE d'habitation Maua à Petropolis. *Architecture d'aujourd'hui* (23): 116, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

28a, 28c, 199a, 199b, 199c, 200a, 200b Fonte: ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo, 1947-1975*. São Paulo: Projeto, 1986, p. 69 [foto 28a] e p. 63 [foto 28b], p. 56 [imagem 199a], p. 62 [fotos 199b e 199c], p. 76 [imagem e foto 200a e 200b]

30a, 30b, 30c Fotos Sérgio Righetto

31a Fonte: WOHNBLOCK Prudencia in São Paulo. *Werk* (40): 248, ago. 1953.

33a, 33b, 33c Fonte: *Architectural forum* (87): p. 95, New York, nov. 1947.

34a, 34b Fonte: *Arquitetura e engenharia* (19), Belo Horizonte, out./dez. 1951, p. 57 [imagem 34a] e p. 56 [imagem 34b]

35a, 35b Fonte: FABRIQUE à Sao Paulo (CLBC). *Architecture d'aujourd'hui* (23): 32, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

37a, 37b, 117a, 117b, 203a, 203b, 204b Fonte: SEGAWA, Hugo. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: ProEditores, p. 87 [fotos 37a e 37b], p. 113 [foto 117a] e p. 108 [imagem 117b], p. 138 [imagem 203a], p. 141 [foto 203b – José Moscardi], p. 136 [foto 203c – José Moscardi], p. 123 [imagem 204b]

38a Fonte: PROJETO de piscina de Abelardo de Souza. *Habitat* (2): 12, São Paulo, 1950.

38b Fonte: FRANCISCO Beck arquiteto. *Acrópole* (184): 172, São Paulo, jan. 1954.

39a, 39b, 71c, 71d. Foto Nelson Kon. Fonte: WISNIK, Guilherme. *Lucio Costa*. São Paulo: Cosac Naify, 2001, p. 58 [imagem 39a] e p. 52 [foto 39b], p. 83 [imagens 71c e 71d].

40a, 40b, 40c Fonte: COELHO, Lélia Frota. *Alcides Rocha Miranda*: caminho de um arquiteto. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993, p. 127 [imagens 40a e 40c] e p. 125 [foto 40b].

42a, 42b, 42c Fonte: *Arquitetura e engenharia* (19), Belo Horizonte, mai./jun. 1953, p. 32 [foto 42a], p. 34 [imagem 42b] e p. 33 [imagem 42c].

43a, 43b, 43c Fonte: *Arquitetura e engenharia* (35), Belo Horizonte, abr./jun. 1955, p. 2 [foto 43a], p. 6 [foto 43b] e p. 4 [imagem 43c]

45a, 45b, 218a, 218b Fonte: PISCINE olympique à São Paulo. *Architecture d'aujourd'hui* (23): 110, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

47a, 47b, 185a, 185b Fonte: ISTITUTO UNIVERSITARIO DI ARCHITETTURA DI VENEZIA. *Daniele Calabi architetture e progetti 1932-1964*. Veneza: Marsilio, 1992, p. 61

50a, 50b Fonte: Acrópole (224): 291, São Paulo, jun. 1957.

51a, 51b Fonte: Acrópole (145), São Paulo, mai 49, p. 17 [foto 51a] e p. 18 [foto 51b].

53b, 53c Fonte: HÔPITAL de Cataguases. *Architecture d'aujourd'hui* (23): 86, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

56a, 56b, 56c Fotos Zanella & Moscardi. Fonte: Acrópole (152-153), São Paulo, dez. 1950/jan. 1951, p. 220 [fotos 56a e 56 b], p. 219 [foto 56c].

57a Fonte: Acrópole (175): 267, São Paulo, ago./set. 1953.

57b Fonte: Acrópole (161): 167, São Paulo, set. 1951.

60a Fonte: *Arquitetura e engenharia* (16), Belo Horizonte, mar./abr. 1951, p. 45.

60b Fonte: ÍCARO de Castro Mello arquiteto. *Acrópole* (184): 189, São Paulo, jan. 1954.

62 Fonte: ACAYABA, Marlene Milan. *Branco e preto*: uma história brasileira de design. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, p.

66a, 63b, 63c Fotos Landau. Fonte: INTERNAT du Collège Pedro II à Rio de Janeiro. *Architecture d'aujourd'hui* (23): 103, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

67a Fonte: *Arquitetura e engenharia* (22): 52-6, Belo Horizonte, jun./ago. 1952.

67b Fonte: ECOLE professionnelle à Teresina. *Architecture d'aujourd'hui* (23): 105, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

70a, 70b Fonte: *Módulo* (2): 12, Rio de Janeiro, ago. 1955.

72a, 134a Fonte: XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: Pini, 1983, p. 14 [imagem 72a], p. 3 [imagem 134a].

73b Fonte: CABRAL, Renata Campello. Documento Mario Russo: por uma visão integral de arquitetura. *Arquitetura e urbanismo* (96): 95, São Paulo, jun./jul. 2001.

74b Fonte: CABRAL, Renata Campello. *Mario Russo*: um arquiteto racionalista pernambucano em Recife. São Carlos; EESC/USP, 2003.

78b Fonte: *Arquitetura e engenharia* (17): 40-1, Belo Horizonte, mai./jun. 1951.

79a Fonte: Acrópole (158): 70, São Paulo, jun. 1951.

79b, 79c Fonte: *Arquitetura e engenharia* (17): 35, Belo Horizonte, mai./jun. 1951.

81a, 81b Fonte: Acrópole (213): 349, São Paulo, jul. 1956.

82 Fonte: JUNQUEIRA, Mônica. *Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: FAU/USP, 2000 [Tese de doutorado], p. 126.

85 Fonte: DUDEQUE, Irã Taborda. *Espiraís de madeira*: uma história da arquitetura de Curitiba. São Paulo: Estudio Nobel: Fapesp, 2001, p. 181.

86a, 86b Fonte: Acrópole (233), São Paulo, mar. 1958, p. 191 [imagem 86aa] e p. 190 [foto 86b].

94a Fonte: arquivo Maria Cecília França Lourenço

94c Fonte: *Habitat* (9): 49, São Paulo, 1952.

98 Fonte: Acrópole (210): 221, São Paulo, abr. 1956.

107a, 107b, 107c Fonte: *Arquitetura e engenharia* (19), Belo Horizonte, out./dez. 1951, p. 49 [foto 107a], p. 50 [imagen 107b] e p. 52 [imagen 107c].

115a, 115c, 118a, 119a, 120a, 120b, 121b, 123a, 124b, 126d, 130b, 131b, 132b, 133b Fonte: PAGLIA, Dante. *Arquitetura na Bienal de São Paulo*. São Paulo: Ediam, 1952, não paginado.

116c, 243a Fonte: COSTA, Lucio. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Companhia das Artes, 1995, p. 213 [imagem 116c], p. 278 [imagem 243a]

118b Fonte: USINES Peixe et Duchene. *Architecture d'aujourd'hui* (23): 28, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

118c, 125b, 244b Fonte: BOTÉY, Josep Maria. *Oscar Niemeyer*. Barcelona: Gustavo Gili, 1996, p. 59 [imagem 118c], p. 159 [imagem 125b] e p. 174 [imagem 244b].

119b Fonte: CONDURU, Roberto. *Vital Brazil*. São Paulo: Cosac Naify, 2000, p. 82.

122b Fonte: CARAMURU building. *Architectural review* (694): 246, London, out. 1954.

123b Fonte: MATERINIDADE Universitária de São Paulo. *Arquitetura e Engenharia* (20): 27, Belo Horizonte, jan./fev. 1952.

125a Foto G E Kidder Smith. Fonte: SCHWARTZ, Jorge. *Da Antropofagia à Brasília*. São Paulo: Faap, 2002 p. 405.

127a, 127b. Fonte: EXPOSIÇÃO Flávio de Carvalho - 17ª Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Maria Otília Bocchini, 1983, p. 49.

128a 128b 129 Fonte: DAHER, Luiz Carlos. *Flávio de Carvalho*: arquitetura e expressionismo. São Paulo: Projeto, 1982, p. 74 [foto 129] e p. 68 [imagem 128a e foto 128b].

128c Fonte: OSÓRIO, Luiz Camillo. *Flávio de Carvalho*, São Paulo: Cosac Naify, 2000, p. 31.

132a, 133a, 134b Fonte: FERRAZ, Geraldo. *Warchavchik e a introdução da nova arquitetura no Brasil*: 1925-1940. São Paulo: Masp, 1965, p. 76 [imagem 132a], p. 70 [imagem 133a] p [foto 134b],

135c Foto Sacha. Fonte: SCHWARTZ, Jorge. *Da Antropofagia à Brasília*. São Paulo: Faap, 2002.

139b Fonte: *Acrópole* (184): 166, São Paulo, jan. 1954.

141a, 141b Foto Boer. Fonte: *Acrópole* (187), abr. 1954, p. 308 [imagem 141a] e p. 309 [foto 141b].

145a Fonte: *Acrópole* (196): 174, São Paulo, jan. 1955.

147a, 147b Fonte: *Brasil arquitetura contemporânea* (4): 17, Rio de Janeiro, 1954.

148 Fonte: ABELARDO de Souza arquiteto. *Acrópole* (184): 174, jan. 1954.

149b Fonte: *Brasil arquitetura contemporânea* (4): 28, Rio de Janeiro, 1954.

151a, 151b, 151c Foto Albuquerque. Fonte: *Acrópole* (196), São Paulo, abr. 1954, p. 306 [foto 151a], p. 305 [imagem 151b] e p. 307 [foto 151c].

159a Fonte: <http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/curitiba/bairros/mostra_figura.asp?figura=Bairro+Centro+Cívico%5FPal%E1cio+Igua%E7u+e+ao+fundo+Secretarias+Estaduais%2EJPG&descricao=Bairro+Centro+C%EDvico%2CPal%E1cio+Igua%E7u> acesso em 1 jun. 2007

159b, 159c Fonte: CENTRE CIVIQUE à Curitiba. *Architecture d'Aujourd'Hui* (23): 48, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

160 Fonte: <http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/59/Palacio_Iguassu_1.jpg/300px-Palacio_Iguassu_1.jpg&imgrefurl=http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%25C3%25A1cio_Igua%25C3%25A7u&h=199&w=300&sz=16&hl=pt-BR&start=0&um=1&bnid=FIQEALUOCj2stM:&tbnh=77&tbnw=116&prev=/images%3Fq%3Dpalaci%2Bguacu%26vnum%3D10%26um%3D%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN> acesso em 1 jun. 2007.

164b Fonte: EXPOSITION du 4e Centenaire de São Paulo. *Architecture d'Aujourd'Hui* (23): 131, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

165a, 165b, 183a, 214aa XAVIER, Alberto; BRITTO, Alfredo; NOBRE, Ana Luiza. *Arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. São Paulo: Pini: Fundação Vilanova Artigas; Rio de Janeiro: Rioarte, 1991, p. 95 [imagens 165a e 165b], p. 86 [imagem 183a], p. [imagem 214a].

167 Fonte: *Arquitetura e engenharia* (16): 27, Belo Horizonte, mar./abr. 1951.

170a Fonte: *Habitat* (5): 51, São Paulo, 1951.

170b Fonte: *Arquitetura e engenharia* (18): 48, Belo Horizonte, jul./set. 1951.

170c Fonte: EDUARDO Corona arquiteto. *Acrópole* (184): 174, São Paulo, jan. 1954.

172a, 172b Fonte: *Habitat* (2), São Paulo, 1951, p. 18 [foto 172a], p. 17 [imagem 172b].

173a, 173b Fonte: *AD Arquitetura e decoração* [2], São Paulo, out./nov. 1953, não paginado.

178a, 178b, 178c Fonte: *Acrópole* (193): 6-9, São Paulo, out. 1954.

180a, 180b Fonte: *Arquitetura e engenharia* (35), Belo Horizonte, abr./jun. 1955, p. 8 [foto 180a], p. 9 [foto 180b].

181a, 181c Fonte: IMMEUBLE CBI Esplanada à São Paulo. *Architecture d'Aujourd'Hui* (23): 36, Boulogne-sur-Seine, ago. 1952.

182a, 182b, 182c Fonte: *Arquitetura e engenharia* (30), Belo Horizonte, mar./abr. 1954, p. 43 [imagem 182a], p. 42 [imagem 182b] e p. 44 [foto 182c].

183b Foto Aertsen Michel. Fonte: *Architecture d'Aujourd'Hui* (27): 165, Boulogne-sur-Seine, out. 1956.

184a, 184b, 184c Fonte: *Habitat* (4), São Paulo, 1951, p. 14 [imagem 184a], p. 16 [imagens 184b e 184c].

186a, 249a, 249b, 250a, 250b Fonte: SIQUEIRA, Vera Beatriz. *Roberto Burle Marx*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

186b, 251 Fonte: TABACOW, José (org.). *Arte e paisagem*. São Paulo: Studio Nobel, 2004, p. 112 [foto 186b], p. 84 [foto 251 – Marcel Gautherot].

187b, 254a Fotos Marcel Gautherot. Fonte: Motta, Flávio L. *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem*. São Paulo: Nobel, 1983, p. 93 [foto 187b], p. 109 [foto 254a].

188c Fonte: *Brasil arquitetura contemporânea* (4): 2-9, Rio de Janeiro, 1954.

189b Fonte: DOURADO, Guilherme Mazza. *Visões da paisagem: um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil*. São Paulo: Abap, 1997, p. 102.

192a, 192b, 192c. Fonte: *Módulo* (7): 28-31 Rio de Janeiro, fev. 1957.

194a, 194c Fonte: *AD Arquitetura e decoração* [5], São Paulo, mai./jun. 1954, não paginado.

194b Fonte: BRASIL, Luciana Tombi. *A obra de David Libeskind*: ensaio sobre as residências unifamiliares. São Paulo: FAU/USP, 2004, p. 162 [Dissertação de mestrado].

195a, 195b Fonte: Bem estar (1), São Paulo, fev./mar. 1958, p. 27 [imagem 195a] e p. 28 [foto 195b].

197a, 197b, 197c, 197d Fonte: *Acrópole* (240), São Paulo, out. 1958, p. 547 [imagem 197a], p. 546 [fotos 197b e 197d], p. 547 [foto 197c].

198a Fonte: *Acrópole* (236): 401, São Paulo, jun. 1958.

198b Fonte: HABITATION a São Conrado pres de Rio. *Architecture d'Aujourd'Hui* (31): XV, Boulogne-sur-Seine, jun. 1960.

201a, 201b, 201c Fonte: *Habitat* (48): 35 São Paulo, mai./jun.1958.

209b Fonte: *Habitat* (30): 64, São Paulo, mai. 1956.

210b Fonte: *AD Arquitetura e decoração* [13], São Paulo, set./out. 1955, não paginado.

210c Foto Boer. Fonte: *Architecture d'Aujourd'Hui* (30): 93, Boulogne-sur-Seine, set. 1959.

211a Fonte: *Acrópole* (246): 214, São Paulo, abr. 1959.

212b Fonte: *Acrópole* (226): 379, São Paulo, ago. 1957.

213a, 213b, 213c Fonte: *Habitat* (54), São Paulo, mai./jun. 1959, p. 18 [imagem 213a], p. 17 [foto 213b] e p. 19 [foto 213c].

214a Fonte: Fonte: *Brasil arquitetura contemporânea* (8): 38-44, Rio de Janeiro, 1956.

215a, 215b Fonte: *Arquitetura* (45): 20, Rio de Janeiro, mar. 1966.

216a, 216b Fonte: FABRIQUE de lait en poudre a Varzinha (sic). *Architecture d'Aujourd'Hui* (31): XXIII, Boulogne-sur-Seine, jun. 1960.

220a Fonte: *Habitat* (54): 3, São Paulo, mai./jun. 1959.

221a Foto Marco Aurélio Fiocchi.

221b Fonte: ESCOLA de Engenharia de São Carlos. *Habitat* (33): 46, São Paulo, abr. 1956.

222c Fonte: *Acrópole* (197): 222, São Paulo, mar. 1955.

223a Fonte: *Acrópole* (197): 220, São Paulo, mar. 1955.

223b Fonte: *Acrópole* (197): 219, São Paulo, mar. 1955.

224a, 224b Fonte: *Architecture d'Aujourd'Hui* (29): 38, Boulogne-sur-Seine, fev. 1958.

224c, 224d Fonte: *Acrópole* (223), São Paulo, mai. 1957, p. 240 [foto 224c] e p. 224d [foto 224d].

225a, 225b, 226a Fonte: MELLO, Joana. *Ícaro de Castro Mello*: principais projetos. São Paulo: J. J. Carol, 2005, p. 18 [foto 225a] e p. 21 [imagem 225b], p. 51 [foto 226a].

226b Foto José Moscardi. Fonte: *Architecture d'Aujourd'Hui* (29): 63, Boulogne-sur-Seine, fev. 1958.

226c Foto José Moscardi. Fonte: *Acrópole* (220): 124, São Paulo, fev. 1957.

227a, 227b, 227c, 233a, 233b, 233c Fonte: KAMITA, João Masao. *Vilanova Artigas*. São Paulo: Cosac Naify, 2000, p. 65 [imagem 227a], p. 63 [foto 227b] e p. 64 [foto 227c], p. 69 [imagem 233a], p. 68 [foto 233b], p. 66 [foto 233c]

228a, 228b Fonte: *Módulo* (14): 37, Rio de Janeiro, ago. 1959.

231a, 231c Fonte: *Módulo* (1), Rio de Janeiro, mar. 1955, p. 36 [imagem 231a] e p. 38 [imagem 231c].

234a, 234b, 234c Fonte: *Habitat* (54): 23-7, São Paulo, mai./jun. 1959.

236a, 236b, 236c Fonte: *Acrópole* (212), São Paulo, mai./jun. 1957, p. 300 [foto 236a e imagem 236b] e p. 301 [foto 236c].

238a, 238b, 238c Fotos José Moscardi. Fonte: *Acrópole* (229), São Paulo, nov. 1957, p. 15 [imagem 238a e foto 238c] e p. 14 [foto 236b].

239 Fonte: WILHEIM, Jorge. *A obra pública de Jorge Wilhelm*: 50 anos de contribuição às cidades e à vida urbana. São Paulo, DBA, 2003, p. 35.

240a, 240b Fonte: *Acrópole* (230): 54-5, São Paulo, dez. 1957.

241a Fonte: *Acrópole* (242): 56, São Paulo, dez. 1958.

243b, 247a, 247b Fotos Maria Marta Teixeira.

revisão de textos

Kiel Pimenta – kpimenta@uol.com.br

projeto gráfico, tratamento de imagens e paginação

Maria Marta Teixeira – mariamartat@gmail.com

meu muito obrigado, Kiel e Marta!

ESTA TESE FOI COMPOSTA NA FAMÍLIA TIPOGRÁFICA ITC FRANKLIN GOTHIC
E PAGINADA EM ADOBE INDESIGN CS2.
AS IMAGENS FORAM TRATADAS EM ADOBE PHOTOSHOP CS2.

SÃO PAULO, JULHO DE 2007